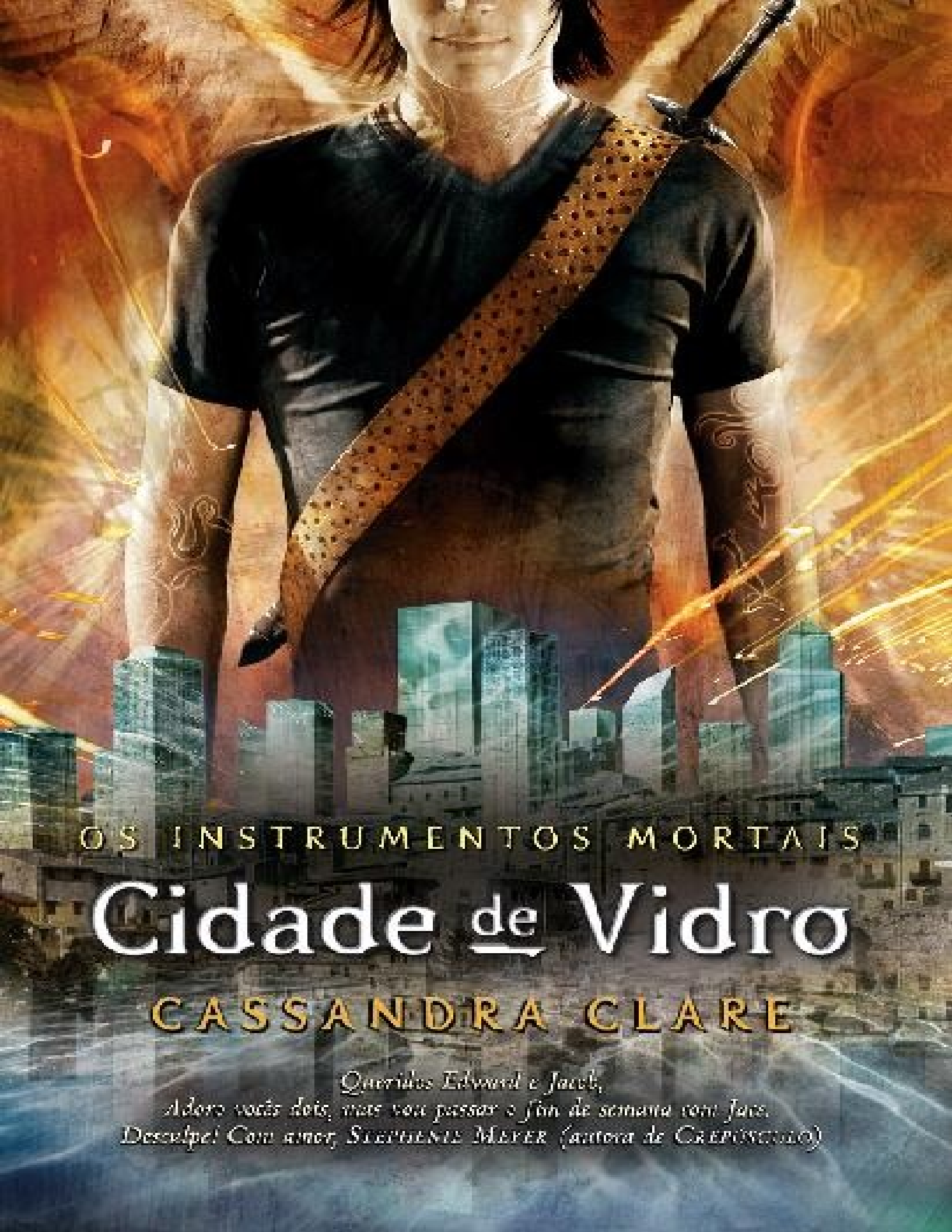
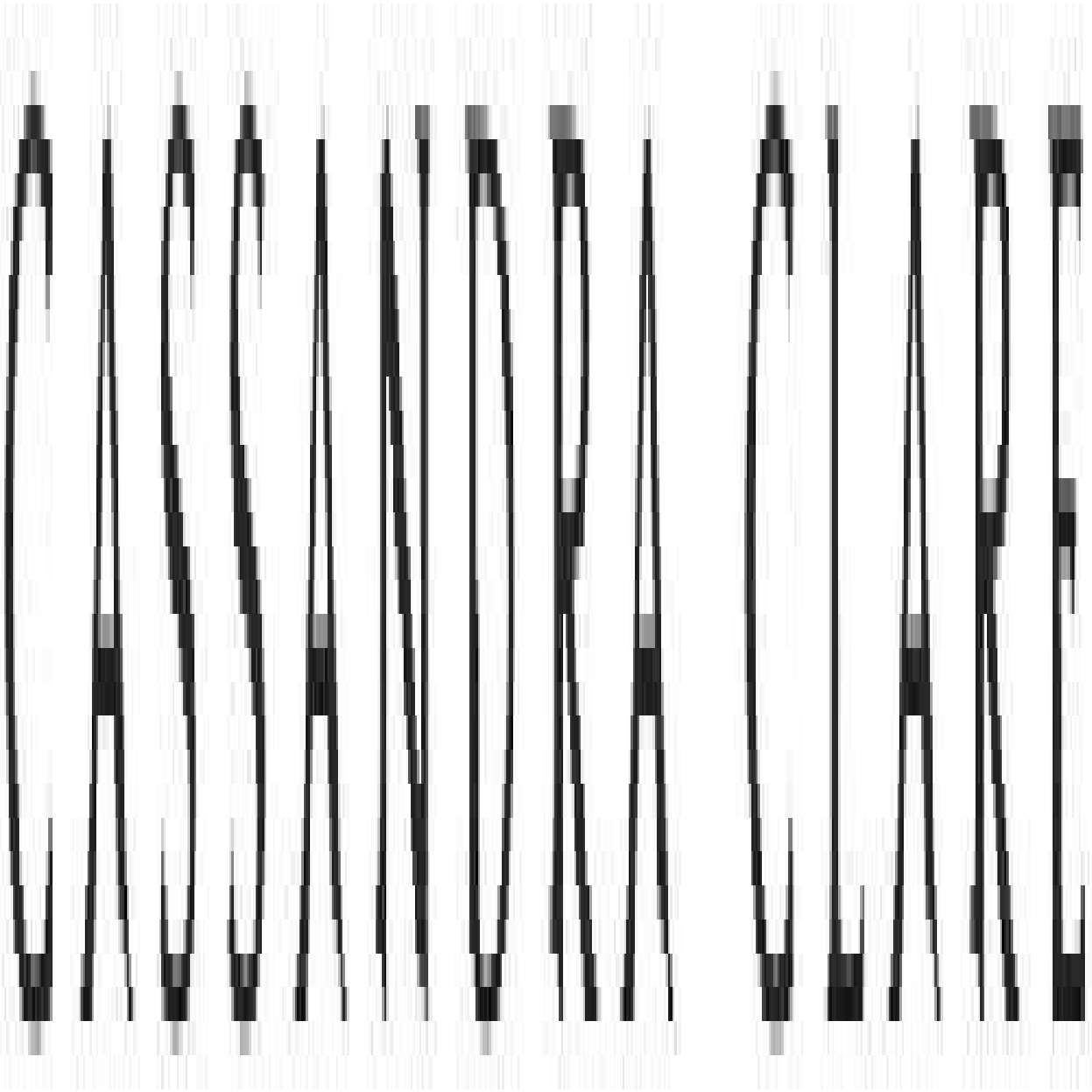

OS INSTRUMENTOS MORTAIS
Cidade de Vidro
CASSANDRA CLARE
Queridos Edward e Jacob,
Adoro vocês dois, mas vou passar o fim de semana com Jace.
Desculpe! Com amor, STEPHENIE MEYER (autora de CRÉPUSCULO)

Série Os instrumentos mortais

Volume 1 – Cidade dos ossos
Volume 2 – Cidade das cinzas
Volume 3 – Cidade de vidro



OS INSTRUMENTOS MORTAIS

Cidade de Vidro

Tradução de
Rita Sussekind

GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2011

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C541c

Clare, Cassandra

Cidade de vidro [recurso eletrônico] / Cassandra Clare; tradução Rita Sussekind. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.
recurso digital (Os instrumentos mortais ; 3)

Tradução de: City of glass: The mortal instruments
Sequência de: Cidade das cinzas: Os instrumentos mortais
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 9788501100955 (recurso eletrônico)

1. Sobrenatural - Ficção. 2. Magia - Ficção. 3. Vampiros - Ficção. 4. Ficção americana. 5. Livros eletrônicos. I. Sussekind, Rita. II. Título. III. Série.
13-05185

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:
City of glass: The mortal instruments

Copyright © 2009 by Cassandra Clare, LLC
Ilustração da capa © 2009 by Cliff Nielsen
Design original da capa © Russel Gordon

Os direitos desta tradução foram negociados mediante acordo com Barry Goldblatt Literary LLC
e Sandra Bruna Agencia Literaria S. L.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais do autor foram assegurados.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu’s System
Adaptação da capa original: Renata Vidal

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 9788501100955

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.
Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para minha mãe.
“Conto apenas as horas que brilham.”

Agradecimentos

Ao olhar para trás depois de ter escrito um livro, é impossível não perceber a dimensão do esforço coletivo envolvido e o quão rapidamente tudo teria ido por água abaixo como o *Titanic* se você não tivesse a ajuda de seus amigos. Tendo isso em mente: obrigada ao NB Team e aos Massachusetts All-Stars; obrigada a Elka, Emily e Clio pelas horas me ajudando com o roteiro, e a Holly Black por ter passado horas pacientemente lendo as mesmas cenas inúmeras vezes. A Libba Bray por garantir as rosquinhas e um sofá onde escrever, a Robin Wasserman por me distrair com episódios de *Gossip Girl*, a Maureen Johnson por me encarar de um jeito assustador enquanto eu tentava trabalhar, e a Justine Larbalestier e Scott Westerfeld por me obrigar a levantar do sofá e procurar um lugar para escrever. Agradeço também a Ioana por me ajudar com o meu (inexistente) romeno. Obrigada, como sempre, a meu agente, Barry Goldblatt, à minha editora, Karen Wojtyla; às equipes da Simon & Schuster e Walker Books por assumirem os bastidores da série, e a Sarah Payne por sugerir alterações mesmo muito depois do fim do prazo. E, é claro, à minha família: minha mãe, meu pai, Jim e Kate, o clã dos Eson e, é claro, Josh, que ainda acha que Simon foi inspirado nele (e talvez esteja certo).

Longo é o caminho
E árduo, que do Inferno leva à Luz.

— John Milton, *Paraíso Perdido*

Parte 1

Faíscas Voam Para Cima

O homem nasce para a tribulação
como as faíscas voam para cima.

— Jó 5:7

1

O Portal

O frio da semana anterior havia chegado ao fim; o sol brilhava intensamente enquanto Clary corria pelo quintal empoeirado da frente da casa de Luke, com o capuz do casaco levantado para impedir que o cabelo voasse no rosto. O clima podia ter esquentado, mas o vento do East River ainda podia ser brutal. Soprava com um leve aroma químico, misturado ao cheiro do asfalto do Brooklyn, gasolina e açúcar queimado da fábrica abandonada no fim da rua.

Simon estava esperando por ela na varanda da frente, sentado em uma poltrona quebrada. Estava com o Nintendo DS equilibrado nos joelhos cobertos pelo jeans e o cutucava diligentemente com a caneta.

— Ponto — disse ele enquanto Clary subia os degraus. — Estou detonando no Mario Kart.

Clary tirou o capuz, balançando a cabeça para tirar o cabelo de cima dos olhos e em seguida remexeu nos bolsos procurando as chaves.

— Onde você estava? Passei a manhã inteira tentando te ligar.

Simon se levantou, guardando o retângulo iluminado na bolsa estilo carteiro.

— Estava na casa do Eric. Ensaio da banda.

Clary parou de forçar a chave na tranca — sempre emperrava — por tempo suficiente para olhar para ele.

— Ensaio da *banda*? Quer dizer que ainda está...

— Na banda? Por que não estaria? — Ele esticou os braços em volta dela. — Aqui, deixa que eu faço.

Clary ficou parada enquanto Simon girava a chave com conhecimento de causa, usando a quantidade certa de pressão e fazendo a tranca teimosa se abrir. A mão dele encostou na dela; a pele estava fria, da temperatura do ar lá fora. Ela estremeceu um pouco. Tinham acabado de desistir de tentar um relacionamento romântico na semana passada, e ela ainda se sentia confusa cada vez que o via.

— Obrigada. — Ela pegou a chave de volta sem olhar para ele.

Estava quente na sala. Clary pendurou a jaqueta no gancho do hall de entrada e foi para o quarto de hóspedes, com Simon atrás. Ela franziu a testa. Sua mala estava aberta como uma concha de marisco na cama, as roupas e cadernos de desenho espalhados por todos os lados.

— Pensei que você só fosse passar alguns dias em Idris — disse Simon, assimilando a bagunça com um singelo olhar de desalento.

— E vou, mas não sei o que levar. Quase não tenho vestidos e saias, mas e se eu não puder usar calça lá?

— Por que não poderia usar calça lá? É outro país, não outro século.

— Mas os Caçadores de Sombras são tão antiquados, e Isabelle sempre usa vestidos... — Clary parou de falar e suspirou. — Não é nada. Só estou projetando a ansiedade com relação à minha mãe no guarda-roupa. Vamos falar

de outra coisa. Como foi o ensaio? A banda ainda não tem nome?

— Foi legal. — Simon pulou sobre a mesa, ficando com as pernas penduradas de um lado. — Estamos considerando um novo lema. Uma coisa irônica, como "Vimos um milhão de rostos e encantamos mais ou menos oitenta por cento deles".

— Você contou para o Eric e para o resto deles que...

— Que sou um vampiro? Não. Não é o tipo de coisa que você comenta numa conversa casual.

— Talvez não, mas eles são seus *amigos*. Deveriam saber. E, além disso, só vão achar que isso deixa você ainda mais próximo de um deus do rock, como aquele vampiro, Lester.

— Lestat — disse Simon. — Você quer dizer o vampiro Lestat. E ele é fictício, um personagem. Além do mais, não estou vendo você correr para contar para os seus amigos que é uma Caçadora de Sombras.

— Que amigos? Você é meu amigo. — Ela se jogou sobre a cama e olhou para Simon. — E eu te contei, não contei?

— Porque não teve escolha. — Simon inclinou a cabeça para o lado, examinando-a; a luz do abajur refletia nos olhos dele, deixando-os prateados. — Vou sentir saudades quando você estiver viajando.

— Vou sentir saudades também — disse Clary, apesar de sentir a pele pinicando freneticamente com o nervoso da antecipação que dificultava qualquer tentativa de se concentrar. *Eu vou para Idris!*, sua mente cantarolava. *Vou ver o país dos Caçadores de Sombras, a Cidade de Vidro. Vou salvar minha mãe.*

E estarei com Jace.

Os olhos de Simon brilharam como se ele pudesse ler os pensamentos de Clary, mas a voz saiu suave.

— Conte outra vez, por que mesmo *você* tem que ir para Idris? Por que Madeleine e Luke não podem cuidar disso sem você?

— Minha mãe foi enfeitiçada por um feiticeiro, Ragnor Fell. Madeleine disse que precisamos encontrá-lo se quisermos descobrir como reverter. Mas ele não conhece Madeleine. Conhecia a minha mãe, e Madeleine acha que ele vai confiar em mim porque pareço muito com ela. E Luke não pode ir comigo. Ele poderia ir para Idris, mas aparentemente não pode entrar em Alicante sem permissão da Clave, e eles não vão permitir. E não diga nada disso a ele, *por favor*. Ele não está nem um pouco feliz em não ir comigo. Se já não conhecesse Madeleine, acho que nem me deixaria ir.

— Mas os Lightwood vão estar lá também. E Jace. Vão te ajudar. Quero dizer, Jace disse que ajudaria, não disse? Ele não se importa que você vá?

— Claro, ele vai me ajudar — disse Clary. — E claro que não se importa. Por

ele, está tudo bem.

Mas isso, ela sabia, era mentira.

Clary tinha ido direto para o Instituto depois de falar com Madeleine no hospital. Jace tinha sido a primeira pessoa para quem tinha contado o segredo da mãe, antes mesmo de Luke. E ele ficara parado, olhando para ela, parecendo cada vez mais pálido enquanto ela falava, não como se ela estivesse contando a ele que podia salvar a mãe, e sim drenando o sangue dele com uma lentidão cruel.

— Você não vai — disse ele, assim que ela concluiu. — Nem que eu precise amarrá-la e sentar em cima de você até este impulso insano passar, você não vai para Idris.

Clary sentiu como se tivesse levado um tapa. Tinha achado que ele ficaria

feliz. Ela havia corrido direto do hospital até o Instituto para contar a Jace, e ali estava ele, na entrada, encarando-a com um olhar sombrio.

— Mas vocês vão.

— Sim, nós vamos. *Temos* que ir. A Clave convocou todos os integrantes ativos que puderem ir a Idris para uma reunião completa do conselho. Vão votar sobre o que fazer com relação a Valentim, e como fomos as últimas pessoas a vê-lo...

Clary mudou de assunto:

— Então, se você vai, por que não posso ir junto?

A forma direta como perguntou pareceu deixá-lo ainda mais irritado.

— Porque não é seguro para você lá.

— Ah, e aqui é muito seguro! Quase fui morta uma dúzia de vezes no mês passado, e tudo aconteceu aqui em Nova York.

— Isso porque Valentim estava concentrado nos dois Instrumentos Mortais que estavam aqui — disse Jace entredentes. — Ele vai transferir o foco para Idris agora, todos nós sabemos...

— Não podemos ter certeza de nada desse tipo — disse Maryse Lightwood. Ela estava na sombra do corredor, fora do campo de visão dos dois; nesse momento, foi para frente, para as luzes da entrada. Elas iluminavam as linhas de exaustão que pareciam puxar seu rosto para baixo. Seu marido, Robert Lightwood, tinha sido ferido por veneno de demônio durante a batalha da semana anterior, e desde então precisava de cuidados constantes; Clary só podia imaginar o quão exaurida ela estava. — E a Clave quer conhecer Clarissa. Você sabe disso, Jace.

— A Clave que se dane.

— Jace — disse Maryse, parecendo mesmo uma mãe, para variar. — Linguajar.

— A Clave quer um monte de coisas — corrigiu-se Jace. — Não necessariamente precisa ter tudo.

Maryse lançou-lhe um olhar, como se soubesse exatamente do que ele estava falando e não gostasse.

— A Clave muitas vezes tem razão, Jace. Não é nenhum absurdo quererem conversar com Clary, depois do que ela passou. O que ela poderia contar a eles...

— Eu digo qualquer coisa que queiram saber — disse Jace.

Maryse suspirou e voltou os olhos azuis para Clary.

— Então você quer ir para Idris, presumo?

— Só por alguns dias. Não vou causar problema algum — disse Clary, tentando ignorar a expressão intensa de Jace e olhar para Maryse. — Juro.

— A questão não é se você vai causar problemas; a questão é se vai querer se

reunir com a Clave enquanto estiver lá. Eles querem falar com você. Se recusar, duvido que nos deem autorização para levá-la conosco.

— Não... — começou Jace.

— Eu vou encontrar a Clave — interrompeu Clary, apesar de o pensamento enviar uma pontada fria por sua espinha. A única emissária da Clave que havia conhecido até então fora a Inquisidora, e não tinha sido exatamente agradável.

Maryse esfregou as têmporas com as pontas dos dedos.

— Então está decidido. — Mas ela não soava decidida; soava tensa e frágil, como uma corda de violino excessivamente retesada. — Jace, leve Clary até a porta e me encontre na biblioteca. Preciso falar com você.

Ela desapareceu novamente nas sombras sem uma única palavra de adeus. Clary ficou olhando, com a sensação de que tinha acabado de ser coberta com água gelada. Alec e Isabelle pareciam gostar muito de sua mãe, e ela tinha certeza de que Maryse não era má pessoa, de verdade, mas também não era exatamente *calorosa*.

A boca de Jace era uma linha rígida.

— Agora olha o que você fez.

— Preciso ir para Idris, mesmo que você não entenda por quê — disse Clary. — Preciso fazer isso pela minha mãe.

— Maryse confia demais na Clave — disse Jace. — Ela precisa acreditar que eles são perfeitos, e não posso dizer a ela que não são, porque... — ele parou abruptamente.

— Porque isso é algo que Valentim diria.

Clary esperava uma explosão, mas "Ninguém é perfeito" foi tudo que Jace disse. Ele se esticou e agrediu o botão do elevador com o indicador.

— Nem mesmo a Clave.

Clary cruzou os braços sobre o peito.

— É realmente por isso que você não quer que eu vá? Porque não é seguro?

Um brilho de surpresa cruzou o rosto dele.

— O que quer dizer? Por que mais eu não ia querer que você fosse?

Ela engoliu em seco.

— Porque... — *porque você disse que não quer mais ter sentimentos por mim e, veja bem, isso é muito constrangedor, mas eu ainda os tenho por você. E aposto que você sabe*.

— Porque não quero minha irmãzinha me seguindo aonde quer que eu vá? — Havia uma nota aguda em sua voz. Metade deboche, metade outra coisa.

O elevador chegou com um ruído. Puxando o portão de lado, Clary entrou e se virou para encarar Jace.

— Não quero ir só porque você vai estar lá. Eu vou para ajudar a minha mãe.

A *nossa* mãe. Tenho que ajudá-la. Não entende? Se eu não fizer isso, ela pode nunca acordar. Você podia pelo menos fingir se importar um pouquinho.

Jace pôs as mãos nos ombros dela, as pontas dos dedos tocando a pele nua na borda do colarinho, provocando arrepios involuntários e sem propósito por seus nervos. Havia olheiras sob os olhos dele, Clary percebeu sem querer, e vazios escuros sob as maçãs do rosto. O casaco preto que ele vestia só destacava mais as feridas marcadas na pele do rosto, e os cílios escuros também; ele era um estudo de contrastes, algo para ser pintado em sombras de preto, branco e cinza, com toques dourados aqui e ali, como os olhos, para destacar um pouco de cor.

— Deixe-me fazer isso. — Sua voz era suave, urgente. — Posso ajudá-la por você. Diga-me para onde ir, a quem perguntar. Eu trago o que precisar.

— Madeleine disse ao feiticeiro que eu iria. Ele estará esperando a filha de Jocelyn, não o filho de Jocelyn.

As mãos de Jace apertaram seus ombros com mais força.

— Então diga a ela que houve uma mudança de planos. Eu vou, não você. *Não você*.

— Jace...

— Faço o que for — disse ele. — O que você quiser, se prometer ficar aqui.

— Não posso.

Ele a soltou bruscamente, como se ela o tivesse empurrado.

— *Por que não*?

— Porque... — disse — ela é minha mãe, Jace.

— E minha. — A voz dele era fria. — Aliás, por que Madeleine não falou com nós dois sobre isso? Por que só com você?

— Você sabe por quê.

— Porque — começou ele, e desta vez soou ainda mais frio — para ela, você é a filha de Jocelyn. Mas eu sempre serei o filho de Valentim.

Ele fechou o portão entre eles. Por um instante, ela encarou Jace através da grade — que dividia o rosto dele em uma série de losangos, contornados em metal. Um único olho dourado a encarou através de um losango, uma ira furiosa cintilando em suas profundezas.

— Jace... — começou ela.

Mas, com um puxão e um estalo, o elevador já estava se movendo, levando-a para baixo, para o silêncio sombrio da catedral.

— Terra para Clary. — Simon acenou para ela. — Está acordada?

— Estou, desculpe. — Ela se sentou, balançando a cabeça para espantar as distrações. Aquela tinha sido a última vez em que vira Jace. Ele não tinha atendido ao telefone quando Clary tentou ligar depois, então ela fez todos os planos de viagem para Idris com os Lightwood, utilizando Alec como interlocutor relutante e desconfortável. Pobre Alec, preso entre Jace e a mãe, sempre tentando fazer a coisa certa. — Você falou alguma coisa?

— Só que acho que Luke voltou — disse Simon, e saltou da mesa quando a porta do quarto abriu. — É, voltou.

— Oi, Simon. — Luke soava calmo, talvez um pouco cansado. Estava com uma jaqueta jeans surrada, uma camisa de flanela e velhas botas de cadarço que pareciam ter vivido seus melhores dias há mais ou menos dez anos. Estava com os óculos puxados sobre os cabelos castanhos, que agora pareciam marcados com mais fios cinzentos do que Clary se lembrava. Tinha um pacote quadrado embaixo do braço, amarrado com um laço verde. Ele o entregou a Clary. — Trouxe uma coisa para a sua viagem.

— Não precisava! — protestou ela. — Você já fez tanta coisa... — acrescentou, pensando nas roupas que ele lhe comprara depois que tudo tinha sido destruído. Tinha dado a Clary um telefone novo e materiais de arte, sem que ela sequer pedisse. Quase tudo que tinha agora era presente de Luke. *E você nem sequer aprova o fato de que estou indo*. O último pensamento permaneceu entre eles, não pronunciado.

— Eu sei. Mas vi, e pensei em você. — Ele entregou a caixa.

O objeto dentro dela estava enrolado em camadas de lenço de papel. Clary o rasgou, tocando algo macio como pelo de gato com a mão. Ela engasgou um pouco. Era um casaco verde-garrafa, antiquado, com costura de seda dourada, botões de bronze e um capuz grande. Ela o colocou no colo, passando as mãos de forma afável no tecido macio.

— Parece algo que Isabelle vestiria — exclamou. — Como uma capa de viagem de Caçadores de Sombras.

— Exatamente. Agora estará mais como um deles — disse Luke. — Quando estiver em Idris.

Ela olhou para ele.

— Você quer que eu pareça um deles?

— Clary, você é um deles. — O sorriso dele estava colorido com tristeza. — Além disso, você sabe como tratam pessoas de fora. O que puder fazer para se misturar...

Simon emitiu um barulho estranho, e Clary olhou com culpa para ele — quase se esquecera de que ele estava lá, olhando com interesse para o relógio.

— Tenho que ir.

— Mas você acabou de chegar! — protestou Clary. — Achei que pudéssemos ficar aqui à toa, ver um filme, ou qualquer coisa...

— *Você* precisa arrumar a mala. — Simon sorriu, brilhante como um raio de sol depois da chuva. Ela quase podia acreditar que não havia nada o incomodando. — Eu apareço mais tarde para me despedir de você.

— Ah, qual é — protestou Clary. — Fique...

— Não posso. — Seu tom era conclusivo. — Vou me encontrar com a Maia.

— Ah. Ótimo — disse Clary. Maia, disse a si mesma, era gentil. Era inteligente. Era bonita. Era também uma licantrope. Uma licantrope com uma paixonite por Simon. Mas talvez tivesse que ser assim. Talvez a nova amiga *devesse* ser alguém do Submundo. Afinal de contas, ele próprio era do Submundo agora. Tecnicamente, nem deveria andar por aí com Caçadores de Sombras como Clary. — Acho que é melhor ir, então.

— Acho que sim. — Os olhos escuros de Simon eram enigmáticos. Isso era novo; ela sempre conseguira ler Simon antes. Imaginou se seria um efeito colateral do vampirismo ou outra coisa completamente diferente. — Tchau — disse ele, e se inclinou como se fosse beijá-la na bochecha, colocando o cabelo dela para trás com uma das mãos. Então parou e recuou, a expressão confusa. Ela franziu o rosto como se estivesse surpresa, mas ele já tinha ido, passando por Luke na entrada. Ela ouviu a porta bater ao longe.

— Ele está tão *estranho* — exclamou, abraçando o casaco de veludo contra si própria para se sentir segura. — Você acha que é por causa do vampirismo?

— Provavelmente não. — Luke parecia achar ligeiramente divertido. — Tornar-se do Submundo não altera a forma como se sente sobre as coisas. Ou as pessoas. Dê um tempo a ele. Você *terminou* com ele.

— Não terminei nada. Ele que terminou comigo.

— Porque você não estava apaixonada por ele. É uma situação desagradável, e acho que ele está se saindo muito bem. Muitos garotos adolescentes ficariam de mau humor, ou perambulando pela sua janela com um toca-fitas.

— Ninguém mais usa toca-fitas. Isso é coisa dos anos oitenta. — Clary saltou da cama, vestindo o casaco. Ela o abotoou até o pescoço, curtindo o toque macio do veludo. — Só quero que Simon volte ao normal. — Ela olhou para si mesma no espelho e se surpreendeu positivamente: o verde fazia com que seus cabelos ruivos se destacassem, acentuando seus olhos. Ela olhou para Luke. — Que tal?

Ele estava apoiado na porta com as mãos nos bolsos; uma sombra cruzou seu rosto enquanto ele olhava para ela.

— Sua mãe tinha um casaco igual quando era da sua idade. — Foi tudo o que disse.

Clary agarrou as pontas das mangas do casaco, enfiando os dedos em uma pilha macia de tecido. A menção da mãe, misturada à tristeza na expressão de Luke, a deixava com vontade de chorar.

— Vamos vê-la mais tarde, não vamos? — perguntou ela. — Quero me despedir antes de ir, e dizer para ela... queria dizer o que estou fazendo. E que ela vai ficar bem.

Luke assentiu.

— Vamos visitá-la no hospital mais tarde. E, Clary?

— O quê? — Ela quase não queria olhar para ele, mas, para seu alívio, quando o fez, a tristeza não estava mais lá.

Ele sorriu.

— Ser normal não é isso tudo, não.

Simon olhou para o papel na mão e depois para a catedral, os olhos semicerrados contra a claridade do sol da tarde. O Instituto se erguia contra o céu azul, uma placa de granito emoldurada com arcos pontudos e cercada por uma parede alta de pedra. Rostos de gárgula lançavam olhares maliciosos das cornijas, como se o desafiassem a se aproximar da porta da frente. Não se parecia em nada com o que tinha visto na primeira vez, disfarçada como uma ruína, mas feitiços de disfarce não funcionavam em seres do Submundo.

Você não pertence a este lugar. As palavras eram duras, penetrantes como ácido; Simon não tinha certeza se era a gárgula falando ou se a voz vinha da própria mente. *Isto é uma igreja, e você é amaldiçoado*.

— Cala a boca — murmurou. — Além disso, não ligo para igrejas. Sou judeu.

Havia um portão com filigranas em ferro na parede de pedra. Simon pôs a mão no trinco, quase esperando que a pele ardesse em dor, mas nada aconteceu. Aparentemente, o portão em si não era particularmente sagrado. Ele o empurrou e estava a meio caminho da trilha de pedrinhas até a porta da frente quando ouviu vozes — diversas e familiares — por perto.

Ou talvez não tão perto. Tinha quase se esquecido do quanto sua audição, assim como a visão, tinha aguçado desde que fora transformado. Parecia que as vozes estavam logo acima do ombro, mas ao seguir o pátio estreito pela lateral do Instituto, ele viu que as pessoas estavam bem distantes, no fim do terreno. A grama crescia selvagem, semicobrindo os caminhos de galho que conduziam ao que provavelmente tinha sido um conjunto bem-arrumado de arbustos de flores. Tinha até um banco de pedras, coberto com ervas daninhas; isto tinha sido uma igreja de verdade em outros tempos, antes de ter sido tomada pelos Caçadores de Sombras.

Ele viu Magnus primeiro, apoiado em uma parede de pedras cheia de musgo. Era difícil não notar Magnus — estava com uma camiseta branca e calças coloridas de couro. Destacava-se como uma orquídea, cercado pelo clã de Caçadores de Sombras vestidos de preto: Alec, pálido e nitidamente desconfortável; Isabelle, os longos cabelos negros presos em tranças amarradas com laços prateados, ao lado de um garotinho que só podia ser Max, o mais novo. Perto estava a mãe deles, parecendo uma versão mais alta e ossuda da filha, com os mesmos cabelos negros e compridos. Ao seu lado, uma mulher que Simon não conhecia. Inicialmente ele achou que fosse velha, visto que a cabeça era quase totalmente branca, mas em seguida a mulher se virou para falar com Maryse e ele percebeu que provavelmente não tinha mais de 34 ou 35 anos.

E havia também Jace, a alguma distância, como se não se encaixasse. Totalmente de preto, com roupas de Caçador de Sombras, como os outros. Quando Simon se vestia de preto, parecia estar a caminho de um enterro, mas

Jace simplesmente parecia durão e perigoso. E *ainda mais louro*. Simon sentiu os ombros enrijecerem e imaginou se alguma coisa — tempo ou capacidade de esquecimento — poderia diluir o ressentimento que sentia por Jace. Não *queria* sentir, mas lá estava, uma pedra pesando no coração que não batia.

Alguma coisa parecia estranha a respeito daquela reunião — então Jace virou na direção dele, como se sentisse que lá estava, e Simon viu, mesmo de longe, a cicatriz fina na garganta, logo acima do colarinho. O ressentimento em seu peito transformou-se em alguma outra coisa. Jace acenou com a cabeça em sua direção.

— Já volto — disse ele para Maryse, num tom de voz que Simon jamais teria usado com a própria mãe. Parecia um adulto falando com outro adulto.

Maryse indicou permissão com um aceno distraído.

— Não entendo por que está demorando tanto — dizia ela para Magnus. — Isso é normal?

— O que não é normal é o desconto que estou lhe dando. — Magnus bateu com o calcanhar do sapato na parede. — Normalmente cobraria o dobro.

— É só um Portal *temporário* para nos transportar para Idris. E depois espero que vá fechá-lo outra vez. Esse *é* o nosso acordo. — Ela virou para a mulher que estava ao seu lado. — E você ficará aqui como testemunha, Madeleine?

Madeleine. Então esta era a amiga de Jocelyn. Não teve tempo para encará-la — Jace já o estava segurando pelo braço, arrastando-o pela lateral da igreja, para longe do alcance da vista alheia. Havia ainda mais ervas daninhas aqui, o caminho salpicado com pedaços de arbustos. Jace empurrou Simon para trás de um carvalho grande e o soltou, olhando em volta como se quisesse se certificar de que não tinha sido seguido.

— Tudo bem, podemos conversar aqui.

Ali era mais quieto, certamente, o trânsito da York Avenue abafado pela grandiosidade do Instituto.

— Foi você quem me chamou aqui — destacou Simon. — Recebi seu recado preso à minha janela quando acordei hoje de manhã. Você não usa o telefone, como uma pessoa normal?

— Não se puder evitar, vampiro — disse Jace. Ele estava examinando Simon atentamente, como se estivesse lendo as páginas de um livro. Misturadas em sua expressão, duas emoções conflitantes: um leve deslumbramento e o que a Simon parecia decepção. — Então continua funcionando. Consegue andar sob a luz do sol. Nem a luz do meio-dia o queima.

— Sim — disse Simon. — Mas você sabia disso, você estava lá. — Ele não precisava elaborar sobre o significado de “lá”; podia ver no rosto do outro que ele se lembrava do rio, da traseira da caminhonete, do sol nascendo no horizonte,

de Clary gritando. Ele se lembrava tão bem quanto Simon.

— Achei que talvez tivesse passado o efeito — disse Jace, mas não parecia falar sério.

— Se eu sentir o impulso de entrar em combustão, aviso. — Simon nunca tinha tido muita paciência com Jace. — Olha, você me chamou até aqui só para me encarar como se eu fosse alguma coisa em uma placa de petri? Da próxima vez mando uma foto.

— E vou colocá-la em um porta-retratos na minha mesa de cabeceira — disse Jace, mas não parecia exatamente sarcástico. — Ouça, eu o chamei aqui por um motivo. Por mais que deteste admitir, vampiro, temos algo em comum.

— Cabelos incríveis? — sugeriu Simon, mas também não estava com disposição para o sarcasmo. Alguma coisa no olhar de Jace o estava deixando desconfortável.

— Clary — disse Jace.

Simon foi pego de surpresa.

— Clary?

— Clary — disse Jace outra vez. — Você sabe: baixa, ruiva, mal-humorada.

— Não vejo como ela possa ser alguma coisa que temos em comum — disse Simon, apesar de ver, na realidade. De toda forma, esta não era uma conversa que ele queria ter com Jace agora ou, aliás, nunca. Não havia alguma espécie de código masculino que excluía esse tipo de discussão, discussão sobre *sentimentos*?

Aparentemente não.

— Nós dois nos importamos com ela — declarou Jace, avaliando-o com o olhar. — Ela é importante para nós dois, não é?

— Você está me perguntando se eu me *importo* com ela? — A palavra parecia insuficiente para descrever o que sentia. Ele imaginou se Jace estaria tirando sarro da cara dele, o que parecia extraordinariamente cruel, mesmo para Jace. Será que o tinha trazido até aqui só para ridicularizá-lo pelo fato de não ter dado certo o romance entre ele e Clary? Apesar de Simon ainda ter esperança, pelo menos um pouco, de que as coisas poderiam mudar, de que Jace e Clary pudessem passar a sentir o que deveriam sentir um pelo outro, como irmãos *deveriam* se sentir em relação um ao outro...

Ele encontrou o olhar de Jace e sentiu aquela esperança murchar. O olhar no rosto do outro não era o de um irmão quando falava de uma irmã. Por outro lado, era óbvio que Jace não o tinha trazido aqui para tirar sarro dos seus sentimentos; a tristeza que Simon imaginava estar impressa no próprio rosto espelhava-se nos olhos de Jace.

— Não pense que gosto de fazer estas perguntas — disparou Jace. — Preciso

saber o que você faria por Clary. Você mentiria por ela?

— Mentir sobre o quê? O que está havendo? — Simon percebeu o que o havia incomodado na reunião de Caçadores de Sombras no jardim. — Espere aí — disse ele. — Vocês estão indo para Idris *agora*? Clary acha que vocês irão hoje à noite.

— Eu sei — disse Jace. — E preciso que você diga aos outros que Clary o mandou aqui para avisar que não viria. Diga a eles que ela não quer mais ir para Idris. — Havia uma aflição na voz dele. Algo que Simon mal reconhecia, ou talvez fosse simplesmente tão estranho vindo de Jace que ele não conseguia processar. Jace estava *suplicante*. — Vão acreditar em você. Eles sabem o quanto... o quanto vocês são próximos.

Simon balançou a cabeça.

— Não posso acreditar. Você age como se quisesse que eu fizesse algo para Clary, mas na verdade só quer que eu faça algo para *você* — disse Simon, começando a se virar. — Estou fora.

Jace o pegou pelo braço, girando-o novamente.

— Isso *é* pela Clary. Estou tentando protegê-la. Pensei que você tivesse um mínimo de interesse em me ajudar com isso.

Simon lançou um olhar mordaz para a mão de Jace, que o segurava pelo braço.

— Como posso protegê-la se você não me contar do que a estou protegendo?

Jace não o soltou.

— Não pode simplesmente confiar em mim que isso é importante?

— Você não está entendendo o quanto ela quer ir para Idris — disse Simon. — Se eu for impedir que isso aconteça, é bom que haja um excelente motivo por trás.

Jace expirou lentamente, de forma relutante — e soltou o braço de Simon.

— O que Clary fez com Valentim no navio — disse ele, com a voz baixa. — Com o símbolo na parede, o símbolo de Abertura... bem, você viu o que aconteceu.

— Ela destruiu o navio — disse Simon. — Salvou nossas vidas.

— Fale baixo. — Jace olhou ansiosamente ao redor.

— Você não está dizendo que mais ninguém sabe disso, está? — perguntou Simon, incrédulo.

— Eu sei. Você sabe. Luke e Magnus sabem. Ninguém mais.

— O que eles acham que aconteceu? Que o navio simplesmente se desintegrou sozinho?

— Eu disse que o Ritual de Conversão de Valentim deve ter dado errado.

— Você mentiu para a Clave? — Simon não sabia ao certo se deveria ficar

impressionado ou consternado.

— Sim, eu menti para a Clave. Isabelle e Alec sabem que Clary tem alguma habilidade de criar novos símbolos, então duvido que eu consiga esconder isso da Clave ou do novo Inquisidor. Mas se eles soubessem que ela pode fazer o que pode, que pode ampliar símbolos comuns para aumentar seu poder de destruição, vão querê-la como guerreira, como arma. E ela não é equipada para tal. Não foi criada para isso... — ele se interrompeu quando Simon balançou a cabeça. — O quê?

— Você é Nephilim — disse Simon lentamente. — Não deveria querer o melhor para a Clave? Se isso significa usar Clary...

— Você quer que eles fiquem com ela? Que a coloquem na linha de frente, lutando contra Valentim e contra qualquer que seja o exército que ele está criando?

— Não — disse Simon. — Não quero isso. Mas eu não sou um de vocês. Eu não tenho que me perguntar quem devo colocar na frente, Clary ou a minha família.

Jace ruborizou lentamente.

— Não é assim. Se eu achasse que ajudaria a Clave... Mas não vai. Ela só vai se machucar...

— Mesmo se você achasse que ajudaria a Clave — disse Simon —, você jamais deixaria que a tivessem.

— Por que você diz isso, vampiro?

— Porque ninguém pode tê-la além de você — disse Simon.

O rosto de Jace ficou sem cor.

— Então você não vai me ajudar — disse ele, incrédulo. — Você não vai *ajudá-la*.

Simon hesitou — e antes que pudesse responder, um barulho rompeu o silêncio entre eles. Um grito agudo e histérico, terrível em desespero, tornado pior pela forma repentina como se interrompeu, fez Jace girar.

— O que foi aquilo?

O grito solitário ganhou a companhia de outros gritos, e de um tinido áspero que arranhou os ouvidos de Simon.

— Aconteceu alguma coisa... os outros...

Mas Jace já não estava mais lá, correndo pelo caminho, desviando dos arbustos. Após um instante de hesitação, Simon foi atrás. Tinha se esquecido de como podia correr rápido agora — estava praticamente nos calcanhares de Jace quando dobraram a esquina da igreja e saíram no jardim.

Diante deles, o caos. Uma névoa branca cobria o jardim, e havia um cheiro pesado no ar — o odor penetrante de ozônio, e mais alguma coisa embaixo, doce

e desagradável. Figuras se moviam velozmente para a frente e para trás — Simon só as via em fragmentos, enquanto apareciam e desapareciam por espaços na fumaça. Ele avistou Isabelle, com o cabelo girando em cordas negras enquanto manejava o chicote. Projetou uma luz dourada e aforquilhada mortal pelas sombras. Ela estava combatendo o avanço de algo enorme e desajeitado — como um demônio, pensou Simon. Mas estavam em plena luz do dia; isso era impossível. Enquanto cambaleava para a frente, viu que a criatura tinha formato humanoide, mas corcunda e contorcido, *errado* de alguma forma. Tinha uma prancha espessa de madeira em uma mão e atacava Isabelle quase cegamente.

Não muito longe, através de um buraco na parede de pedras, Simon podia ver o trânsito na York Avenue transcorrendo de forma plácida. O céu acima do Instituto estava claro.

— Renegados — sussurrou Jace. Seu rosto brilhava enquanto sacava uma das lâminas serafim do cinto. — Dezenas deles. — Ele empurrou Simon para o lado, quase grosseiramente. — Fique aqui, entendeu? Fique aqui.

Simon ficou congelado por um instante enquanto Jace entrava na neblina. A luz da lâmina que trazia na mão iluminou a fumaça ao redor em prata; figuras escuras iam para frente e para trás na parte interna da neblina, e Simon sentiu como se estivesse olhando através de uma parede de vidro congelado, tentando desesperadamente enxergar o que acontecia do outro lado. Isabelle tinha desaparecido; ele viu Alec, com o braço sangrando, rasgar o peito de um guerreiro Renegado e o olhar cair no chão. Outro veio por trás, mas Jace estava lá, agora com uma lâmina em cada mão; ele saltou no ar e os derrubou com um movimento cruel de tesoura — a cabeça do Renegado saiu do pescoço, jorrando sangue negro. O estômago de Simon revirou — o sangue tinha um cheiro amargo, venenoso.

Ele podia ouvir os Caçadores de Sombras chamando uns aos outros na névoa, apesar de os Renegados estarem completamente silenciosos. De repente, a neblina clareou, e Simon viu Magnus, com os olhos arregalados, perto da parede do Instituto. Estava com as mãos erguidas, uma luz azul faiscava entre elas e, contra a parede onde estava, um quadrado negro parecia estar se abrindo na pedra. Não estava vazio, ou exatamente escuro, mas brilhava como um espelho com um torvelinho de fogo preso atrás do vidro.

— O Portal! — gritava ele. — Atravessem o Portal!

Diversas coisas aconteceram ao mesmo tempo. Maryse Lightwood apareceu da névoa, carregando o menino, Max, nos braços. Ela parou para dizer alguma coisa e olhou para trás, e em seguida foi em direção ao Portal e *através* dele, desaparecendo na parede. Alec a seguiu, arrastando Isabelle consigo, seu chicote sujo de sangue deixando marcas no chão. Enquanto ele a puxava pelo Portal,

algo surgiu da névoa atrás deles — um guerreiro Renegado, manejando uma faca de lâmina dupla.

Simon descongelou. Correndo para frente, gritou o nome de Isabelle — em seguida tropeçou e caiu, atingindo o chão com força o suficiente para ficar sem ar, se ele *tivesse* algum ar. Ele se sentou, virando para ver onde tinha tropeçado.

Era um corpo. O corpo de uma mulher com a garganta cortada, os olhos arregalados e azuis na morte. O sangue manchava seus cabelos sem cor. Madeleine.

— Simon, *corra*! — gritava Jace. Simon olhou e viu o outro menino correndo para fora da neblina, em direção a ele, com lâminas serafim ensanguentadas nas mãos. Em seguida, levantou os olhos. O guerreiro Renegado que tinha visto perseguindo Isabelle erguia-se sobre ele, o rosto cheio de cicatrizes contorcido em um sorriso torto. Simon girou para longe quando a faca de dupla lâmina veio em sua direção, mas mesmo com os reflexos melhorados, não foi rápido o bastante. Uma dor cortante o atingiu e tudo ficou preto.

2

As Torres Demoníacas de Alicante

Não havia magia suficiente, pensou Clary enquanto ela e Luke rondavam o quarteirão pela terceira vez, que fosse capaz de criar novas vagas de estacionamento em uma rua de Nova York. Não havia onde parar a caminhonete, e metade da rua tinha carros estacionados em fila dupla. Finalmente Luke estacionou perto de um hidrante e colocou a picape em ponto morto com um suspiro.

— Vá — disse ele. — Diga a eles que você está aqui. Eu levo sua mala.

Clary assentiu, mas hesitou antes de alcançar a maçaneta. O estômago dela estava rígido de ansiedade, e ela desejou, não pela primeira vez, que Luke estivesse indo com ela.

— Sempre achei que na primeira vez em que saísse do país, teria pelo menos um passaporte comigo.

Luke não sorriu.

— Sei que está nervosa — disse ele. — Mas vai ficar tudo bem. Os Lightwood vão tomar conta de você.

Eu só disse isso a você um milhão de vezes, pensou Clary. Ela afagou o ombro de Luke gentilmente antes de saltar da caminhonete.

— Até já.

Ela seguiu pelo caminho de pedrinhas, o som do trânsito enfraquecendo enquanto Clary se aproximava das portas da igreja. Levou diversos instantes para despir o Instituto da magia que o escondia desta vez. Parecia que outra camada de disfarce tinha sido acrescentada à velha catedral, como uma nova cobertura de tinta. Raspá-la com a mente era difícil, doloroso até. Finalmente conseguiu, e pôde enxergar a igreja como era. As portas altas de madeira brilhavam como se tivessem acabado de ser polidas.

Havia um cheiro estranho no ar, de ozônio e queimado. Com o rosto franzido, ela pôs a mão na maçaneta. *Sou Clary Morgenstern, Nephilim, e solicito entrada no Instituto...*

A porta se abriu. Clary deu um passo para dentro. Olhou em volta, piscando, tentando identificar o que havia de tão diferente no interior da catedral.

Percebeu enquanto a porta se fechava atrás dela, confinando-a em uma escuridão aliviada somente pelo fraco brilho da janela circular no alto. Nunca tinha estado na entrada do Instituto sem dezenas de chamas acesas em elaborados candelabros alinhados no corredor entre os bancos.

Ela pegou a pedra enfeitiçada do bolso e a segurou no alto. Luz emanava dela, enviando raios luminosos por entre seus dedos. Iluminou os cantos empoeirados do interior da catedral enquanto ela ia até o elevador perto do altar sem ornamentos e apertava impacientemente o botão.

Nada aconteceu. Após meio minuto, apertou o botão mais uma vez — e mais

uma vez. Encostou a orelha na porta do elevador, tentando ouvir alguma coisa. Nenhum ruído. O Instituto ficara escuro e silencioso, como uma boneca mecânica cuja bateria tivesse se esgotado.

Com os batimentos acelerados agora, Clary se apressou pelo corredor e abriu as portas pesadas. Ficou na frente dos degraus da igreja, olhando em volta freneticamente. O céu escurecia para uma cor de cobalto no alto, e o ar cheirava ainda mais a queimado. Será que tinha ocorrido um incêndio? Será que os Caçadores de Sombras haviam evacuado o prédio? Mas o local parecia intocado...

— Não foi um incêndio. — A voz era suave, aveludada e familiar. Uma figura alta se materializou das sombras, cabelos espetados formando uma desajeitada aura espinhosa. Trajava um terno preto de seda sobre uma camisa verde esmeralda brilhante e anéis exuberantes nos dedos esguios. Havia calçados elegantes envolvidos também, e uma bela quantidade de purpurina.

— Magnus? — sussurrou Clary.

— Sei em que estava pensando — respondeu Magnus. — Mas não houve incêndio nenhum. O cheiro é bruma infernal. É uma espécie de fumaça demoníaca enfeitiçada. Encobre os efeitos de certos tipos de magia.

— Bruma *demoníaca*? Então houve...

— Um ataque ao Instituto. Sim. Hoje, mais cedo. Renegados... provavelmente algumas dezenas deles.

— Jace — sussurrou Clary. — Os Lightwood...

— A bruma infernal bloqueou minha capacidade de combater os Renegados efetivamente. A deles também. Tive que enviá-los a Idris pelo Portal.

— Mas nenhum deles se machucou?

— Madeleine — disse Magnus. — Madeleine foi morta. Sinto muito, Clary.

Clary afundou nos degraus. Não conhecia muito bem a mulher, mas Madeleine tinha sido uma conexão tênue com a sua mãe — sua verdadeira mãe, a Caçadora de Sombras lutadora e valente que Clary nunca conheceu.

— Clary? — Luke estava atravessando o caminho pela escuridão que se aglomerava. Estava com a mala de Clary em uma das mãos. — O que está havendo?

Clary ficou sentada abraçando os joelhos enquanto Magnus explicava. Sob a dor por Madeleine, sentia um imenso alívio culpado. Jace estava bem. Os Lightwood estavam bem. Ela repetiu para si mesma, milhares de vezes, em silêncio. Jace estava bem.

— Os Renegados — disse Luke. — Foram todos mortos?

— Não todos. — Magnus balançou a cabeça. — Depois que enviei os Lightwood pelo Portal, os Renegados dispersaram; eles não pareceram

interessados em mim. Quando fechei o Portal, já não havia mais nenhum.

Clary levantou a cabeça.

— O Portal está fechado? Mas... você ainda pode me mandar para Idris, certo? — perguntou. — Quero dizer, posso atravessar o Portal e me encontrar com os Lightwood lá, não posso?

Luke e Magnus trocaram um olhar. Luke repousou a mala a seus pés.

— Magnus? — O tom da voz de Clary subiu, estridente até para seus próprios ouvidos. — Eu *tenho* que ir.

— O Portal está fechado, Clary...

— Então abra outro!

— Não é assim tão simples — disse o feiticeiro. — A Clave guarda qualquer entrada mágica para Alicante com muito cuidado. A capital é um lugar sagrado para eles. É o Vaticano deles, sua Cidade Proibida. Nenhum integrante do Submundo pode ir para lá sem permissão, e nenhum mundano.

— Mas eu sou Caçadora de Sombras!

— Nem tanto — disse Magnus. — Além disso, as torres impedem o acesso direto à cidade. Para abrir um Portal que passasse por Alicante, precisaria que eles estivessem parados do outro lado, esperando por você. Se eu tentasse enviá-la por minha conta e risco, seria uma transgressão direta à Lei, e não estou disposto a correr esse risco, docinho, independentemente do quanto goste de você.

Clary olhou do rosto tristonho de Magnus para o cauteloso de Luke.

— Mas eu *preciso* chegar a Idris — disse ela. — Tenho que ajudar minha mãe. Tem que haver outra maneira de chegar lá, alguma maneira que não envolva um Portal.

— O aeroporto mais próximo é a um país de distância — disse Luke. — Se pudéssemos atravessar a fronteira, e isso é um "se" enorme, teríamos uma viagem longa e perigosa pela terra depois, por todos os tipos de territórios do Submundo. Poderíamos levar dias para chegar lá.

Os olhos de Clary ardiam. *Não vou chorar*, ela disse a si mesma. *Não vou*.

— Clary. — A voz de Luke era gentil. — Entraremos em contato com os Lightwood. Vamos nos certificar de que eles tenham todas as informações que precisam para conseguirem o antídoto para Jocelyn. Podem entrar em contato com Fell...

Mas Clary estava de pé, balançando a cabeça.

— Tem que ser *eu* — disse ela. — Madeleine afirmou que Fell não falaria com mais ninguém.

— Fell? Ragnor Fell? — ecoou Magnus. — Posso tentar enviar um recado para ele. Informá-lo de que deve esperar por Jace.

Parte da preocupação deixou a cabeça de Luke.

— Clary, ouviu só? Com a ajuda de Magnus...

Mas Clary não queria ouvir sobre a ajuda de Magnus. Não queria ouvir mais nada. Ela havia pensado que iria salvar a mãe, e agora não haveria nada que pudesse fazer a não ser sentar ao lado do leito da mãe, segurar sua mão flácida, e esperar que outra pessoa, em outro lugar, conseguisse fazer o que ela não podia.

Ela cambaleou pelos degraus, empurrando Luke quando ele tentou alcançá-la.

— Eu só preciso ficar um pouco sozinha.

— Clary... — Ela ouviu Luke chamar, mas se afastou dele, avançando para a lateral da catedral. Ela se viu seguindo o caminho de pedras até o local onde ele aforquilhava, indo em direção ao pequeno jardim no lado leste do Instituto, em direção ao cheiro de carvão e cinzas, com um cheiro espesso e forte sob aquele. O cheiro de magia demoníaca. Ainda havia uma névoa no jardim, fragmentos dispersos como trilhas de nuvens presas aqui e ali, na beira de um canteiro de rosas, ou se escondendo sob uma pedra. Ela podia ver onde a terra tinha sido queimada mais cedo na luta. E havia uma mancha vermelha ali, perto de um dos bancos de pedra, para a qual ela não queria olhar por muito tempo.

Clary virou a cabeça. E parou. Ali, contra a parede da catedral, havia marcas inconfundíveis de magia de símbolos, brilhando em um azul quente que se apagava lentamente contra a pedra cinza. Formavam um contorno quadrilátero, como o contorno de luz ao redor de uma porta semiaberta...

O Portal.

Alguma coisa dentro dela pareceu acordar. Ela se lembrou de outros símbolos, brilhando perigosamente contra o casco liso e metálico de um navio. Lembrou-se do tremor do navio ao se romper, a água negra do East River entrando. *São apenas símbolos*, pensou. *Símbolos. Eu posso desenhá-los. Se minha mãe pode prender a essência do Cálice Mortal dentro de um pedaço de papel, eu posso fazer um Portal.*

Percebeu que estava sendo levada até a parede da catedral pelos próprios pés, e que suas mãos alcançavam a estela no bolso. Forçando a mão a não tremer, ela colocou a ponta da estela na pedra.

Fechou os olhos com força e, contra a escuridão atrás de suas pálpebras, começou a desenhar com a mente em linhas curvas de luz. Linhas que lhe falavam de passagens, sobre ser carregada num turbilhão de ar, sobre viagens a lugares distantes. As linhas se uniram em um símbolo tão gracioso quanto um pássaro voando. Ela não sabia se era um símbolo existente ou se o tinha inventado, mas existia agora como se sempre tivesse existido.

Portal.

Ela começou a desenhar, as marcas saltando da ponta da estela em linhas

pretas como carvão. A pedra chiou, preenchendo suas narinas com um cheiro ácido de queimado. Uma luz azul e quente formou-se contra as pálpebras de Clary. Ela sentiu calor no rosto, como se estivesse na frente de uma lareira. Com um arquejo, ela abaixou a mão, abrindo os olhos.

O símbolo que tinha desenhado era uma flor escura brotando na parede de pedra. Enquanto assistia, as linhas pareciam derreter e mudar, fluindo suavemente para baixo, desenrolando, se reformulando. Dentro de instantes a forma do símbolo havia mudado. Era agora o contorno de uma entrada brilhante, diversos centímetros mais alta que a própria Clary.

Ela não conseguia afastar os olhos da porta. Brilhava com a mesma luz escura que o Portal atrás da cortina na casa de Madame Dorothea. Ela estendeu a mão e...

A recolheu. Para utilizar um Portal, ela se lembrou com um aperto no peito, era preciso imaginar para onde se queria ir, aonde desejava que o Portal a levasse. Mas nunca tinha estado em Idris. Já tinha ouvido descrições, é claro. Um lugar de vales verdes, bosques escuros e água brilhante, de lagos e montanhas, e de Alicante, a cidade das torres de vidro. Podia imaginar como seria, mas imaginação não era o suficiente, não com esta magia. Se ao menos...

Ela arfou subitamente. Mas ela *tinha* visto Idris. Tinha visto em um sonho, e sabia, sem ter certeza de como, que tinha sido um sonho real. Afinal de contas, o que Jace havia dito a ela sobre Simon no sonho? Que ele não podia ficar, pois "este lugar é para os vivos"? E não muito tempo depois, Simon morrera...

Ela conduziu a memória de volta ao sonho. Tinha dançado em um salão em Alicante. As paredes eram douradas e brancas, com um teto claro como diamante. Havia um chafariz — uma bandeja prateada com uma estátua de sereia no centro — e luzes nas árvores do lado de fora da janela, e Clary vestia veludo verde, exatamente como o fazia agora.

Como se ainda estivesse no sonho, se esticou para alcançar o Portal. Uma luz brilhante se espalhou sob o toque de seus dedos, uma porta começava a se abrir em um lugar iluminado além. Clary se viu olhando para um turbilhão giratório dourado que começava a adquirir formas detectáveis — achou que pudesse enxergar os contornos de montanhas, um pedaço do céu...

— *Clary*! — Era Luke, correndo pela trilha, o rosto uma máscara de fúria e desalento. Atrás dele vinha Magnus, com os olhos de gato brilhando como metal à luz quente do Portal que banhava o jardim. — Clary, *pare*! As proteções são perigosas! Você vai acabar se matando!

Mas não tinha como parar agora. Além do Portal, a luz dourada aumentava. Ela pensou nas paredes douradas do Salão no sonho, a luz dourada refratando do vidro quebrado para todo lado. Luke estava enganado; ele não entendia o dom

dela, como aquilo funcionava — que importância tinham proteções quando era possível criar uma realidade apenas desenhando?

— Tenho que ir — gritou, avançando, as pontas dos dedos esticadas. — Luke, eu sinto muito...

Ela deu um passo para a frente... e, com um último salto veloz, Luke estava ao lado dela, segurando-a pelo pulso, exatamente quando o Portal parecia explodir ao redor deles. Como um tornado arrancando uma árvore pelas raízes, a força os ergueu do chão. Clary deu uma última olhada nos carros e prédios de Manhattan que giravam para longe dela, desaparecendo enquanto uma corrente de vento a dominava, lançando-a violentamente, com o pulso ainda no aperto firme de Luke, em um caos giratório dourado.

Simon acordou com batidas rítmicas de água. Sentou-se, com um terror súbito lhe congelando o peito — na última vez em que tinha acordado ao som de ondas, fora feito prisioneiro no navio de Valentim, e o ruído suave de líquido o transportou de volta àquela terrível ocasião com uma rapidez que parecia um balde de água fria no rosto.

Mas não — uma rápida olhada ao redor o informou de que estava num lugar totalmente diferente. Para começar, estava deitado sob cobertores macios, em uma cama confortável de madeira, num quarto limpinho cujas paredes eram pintadas de azul-claro. Cortinas escuras bloqueavam a janela, mas a luz que escapava pelas bordas era o bastante para que seus olhos de vampiro enxergassem com clareza. Havia um tapete colorido no chão e um armário com espelho em uma das paredes.

Havia também uma poltrona perto da lateral da cama. Simon se sentou, deixando as cobertas caírem, e percebeu duas coisas: primeiro, que ainda estava usando a calça jeans e a camiseta de quando fora ao Instituto encontrar Jace; segundo que a pessoa na cadeira estava cochilando, com a cabeça apoiada na mão e os longos cabelos negros caindo como um xale de franjas.

— Isabelle? — disse Simon.

A cabeça dela se levantou como um daqueles brinquedos de mola que pulam da caixa e ela abriu os olhos.

— Oooh! Você está acordado! — Ela endireitou a postura e ajeitou o cabelo. — Jace vai ficar tão aliviado. Tínhamos quase certeza de que você ia morrer.

— Morrer? — ecoou Simon. Sentia-se tonto e um pouco enjoado. — De quê? — Ele olhou ao redor do quarto, piscando. — Estou no Instituto? — perguntou, e percebeu assim que as palavras saíram de sua boca que, claro, aquilo era impossível. — Quero dizer... onde estamos?

Uma expressão inquieta passou pelo rosto de Isabelle.

— Bem... então você não se lembra do que aconteceu no jardim? — perguntou ela, mexendo nervosamente na bainha de crochê do estofamento. — Os Renegados nos atacaram. Havia muitos deles, e a bruma infernal tornou a luta contra eles difícil. Magnus abriu o Portal, e estávamos correndo para atravessá-lo quando o vi correndo na nossa direção. Você tropeçou na... na Madeleine. E tinha um Renegado bem atrás; você não deve ter visto, mas Jace viu. Ele tentou te pegar, mas era tarde demais. O Renegado enfiou uma faca em você. Sangrou... muito. Então Jace matou o Renegado, pegou você e o arrastou pelo Portal com ele — concluiu, falando tão depressa que as palavras se embaralharam e Simon teve que se esforçar para entender. — E todos nós já estávamos do outro lado e... Deixe-me dizer uma coisa: todo mundo ficou muito surpreso quando Jace apareceu com você sangrando em cima dele. O Cônsul não

ficou nem um pouco contente.

A boca de Simon estava seca.

— O Renegado *enfiou a faca em mim?* — Parecia impossível. Mas ele já tinha se curado uma vez, depois que Valentim cortou sua garganta. Mesmo assim, deveria ao menos *se lembrar*. Balançando a cabeça, olhou para o próprio corpo. — Onde?

— Eu mostro. — Para surpresa dele, um instante depois Isabelle estava sentada na cama ao seu lado, com as mãos frias no seu diafragma. A menina levantou a camisa dele, exibindo uma linha clara na barriga, com um fio vermelho e fino no meio. Mal era uma cicatriz. — Aqui — disse ela, passando os dedos por cima. — Está doendo?

— N-não. — Na primeira vez em que Simon vira Isabelle, a achara tão linda, tão cheia de vida, vitalidade e energia, que pensara ter finalmente encontrado uma garota que brilhava o suficiente para obscurecer a imagem de Clary que sempre pareceu impressa no interior de suas pálpebras. Foi na época em que ela o transformou em rato na festa no loft de Magnus Bane que ele percebeu que talvez Isabelle brilhasse demais para alguém normal como ele. — Não está doendo.

— Mas meus olhos estão — disse uma voz friamente sarcástica vinda da entrada. Jace. Tinha entrado tão silenciosamente que nem Simon escutara; fechando a porta atrás de si, sorriu enquanto Isabelle abaixava a camisa de Simon. — Molestando o vampiro enquanto ele está fraco demais para lutar, Iz? — perguntou. — Tenho certeza de que isso viola pelo menos um dos Acordos.

— Só estou mostrando onde ele foi esfaqueado — protestou Isabelle, mas voltou para a cadeira um pouco rápido demais. — O que está acontecendo lá embaixo? — perguntou. — As pessoas ainda estão surtando?

O sorriso deixou o rosto de Jace.

— Maryse foi para Gard com Patrick — disse ele. — A Clave está reunida e Malaquias achou que seria melhor se ela... explicasse... pessoalmente.

Malaquias. Patrick. Gard. Os nomes desconhecidos giraram na cabeça de Simon.

— Explicasse o quê?

Isabelle e Jace trocaram um olhar.

— Explicasse *você*. Aqui — disse Jace afinal. — Explicasse por que trouxemos um vampiro conosco para Alicante, o que, por sinal, é expressamente contra a Lei.

— Para Alicante? Estamos em Alicante? — Uma onda de pânico tomou Simon, rapidamente substituída por uma dor no tronco. Curvou-se, engasgando.

— Simon! — Isabelle esticou a mão, com os olhos escuros alarmados. —

Você está bem?

— Vá embora, Isabelle. — Simon, com as mãos cerradas em punhos sobre a barriga, olhou para Jace, com a voz suplicante. — Faça com que ela vá embora.

Isabelle se afastou, com uma expressão magoada.

— Tudo bem. Eu vou. Não precisa repetir. — Ela se levantou e saiu do quarto, fechando a porta atrás de si.

Jace voltou-se para Simon, seus olhos âmbar sem expressão.

— O que está havendo? Achei que você estivesse se curando.

Simon levantou a mão para afastar o outro. Um gosto metálico queimava-o no fundo da garganta.

— Não é Isabelle — disse. — Não estou machucado, só estou... com fome — disse, sentindo as bochechas queimarem. — Perdi sangue, então... preciso repor.

— Claro — disse Jace, em tom de quem tinha acabado de ser informado a respeito de um interessante, se não particularmente necessário, fato científico. A leve preocupação deixou sua expressão, substituída por algo que a Simon parecia um desprezo entretido. Isso liberou um impulso furioso dentro dele, que, se não estivesse tão debilitado pela dor, teria se lançado da cama para cima do outro em um ataque de fúria. Como estava, tudo o que podia fazer era arfar:

— Vá se danar, Wayland.

— Wayland, é? — O olhar entretido não deixou o rosto de Jace, mas as mãos foram até o pescoço e começaram a abrir o casaco.

— Não! — Simon se encolheu de volta para a cama. — Não importa quanta fome eu esteja sentindo. Não vou beber seu sangue outra vez.

A boca de Jace se retorceu.

— Como se eu fosse permitir. — Ele alcançou o bolso interior do casaco e pegou um frasco de vidro. Estava pela metade com um líquido vermelho-acastanhado. — Achei que pudesse precisar disso — disse ele. — Juntei o suco de alguns quilos de carne crua na cozinha. Foi o melhor que consegui.

Simon pegou o frasco de Jace, mas as mãos tremiam tanto que o outro teve que abri-lo para ele. O líquido era uma enganação — ralo e salgado demais para ser sangue de verdade, e com aquele gosto fraco e desagradável que, Simon sabia, significava que a carne já tinha alguns dias.

— Ugh — disse ele, após alguns goles. — Sangue morto.

Jace ergueu as sobrancelhas.

— E todo sangue não é morto?

— Quanto mais tempo faz que o animal cujo sangue bebo está morto, pior o gosto — explicou Simon. — Fresco é melhor.

— Mas você nunca tomou sangue fresco. Tomou?

Simon ergueu a sobrancelha em resposta.

— Bem, além do meu, é claro — disse Jace. — E tenho certeza que meu sangue é *fan-tás-ti-co*.

Simon repousou o frasco vazio no braço da cadeira ao lado da cama.

— Tem alguma coisa muito errada com você — disse ele. — Mentalmente, quero dizer. — Ainda estava com gosto de sangue estragado na boca, mas a dor tinha passado. Ele se sentiu melhor, mais forte, como se o sangue fosse um remédio que funcionava instantaneamente, uma droga da qual precisava para viver. Ficou imaginando se era assim que funcionava com viciados em heroína. — Então estou em Idris.

— Alicante, para ser específico — disse Jace. — A cidade capital. A *única* cidade, para falar a verdade. — Ele foi até a janela e abriu as cortinas. — Os Penhallow não acreditaram em nós — continuou. — Quando dissemos que o sol não o incomodaria. Colocaram estas cortinas. Mas você deveria olhar.

Levantando da cama, Simon se juntou a Jace na janela. E olhou fixamente.

Há alguns anos sua mãe o tinha levado e à irmã em uma viagem pela Toscana — uma semana de pratos de massa estranhos e pesados, pão sem sal, zonas rurais escuras, e a mãe acelerando por estradas estreitas e curvas, quase batendo com o Fiat nos prédios lindos e antigos que tinham ido ver. Lembrava-se de ter parado ao pé de uma montanha, em frente a uma cidade chamada San Gimignano, uma coleção de prédios cor de ferrugem marcados aqui e ali com torres altas cujos topos se erguiam como se tivessem por objetivo alcançar o céu. Se o que estava vendo agora o fazia se lembrar de qualquer coisa, era aquilo; mas era tão estranho, que era absolutamente diferente de tudo que já tivesse visto.

Olhava de uma janela superior no que deveria ser uma casa razoavelmente alta. Se olhasse para cima, podia ver cornijas de pedra e o céu além. Na frente, havia outra casa, mas não tão alta quanto esta, e entre elas corria um canal estreito e escuro, com pontes atravessando em alguns pontos — a fonte da água que havia escutado antes. A casa parecia construída na subida de uma colina — abaixo, casas de pedra cor de mel, agrupadas em ruas estreitas, dispunham-se até a beira de um círculo verde: bosques, cercados por colinas distantes, que daqui pareciam longas tiras verdes e marrons marcadas com pontos de cores outonais. Atrás das colinas erguiam-se montanhas cobertas de neve.

Mas não era nada disso que era estranho; o esquisito era que aqui e na cidade, colocadas aleatoriamente, ao que parecia, havia torres altas coroadas com espirais de um material branco-prateado que refletia a luz. Pareciam perfurar o céu como adagas brilhantes, e Simon percebeu onde já tinha visto aquele material: nas armas rígidas que pareciam de vidro, as que os Caçadores de Sombras carregavam e chamavam de lâminas serafim.

— Estas são as torres demoníacas — disse Jace, em resposta à pergunta não dita de Simon. — Elas controlam as barreiras que protegem a cidade. Graças a elas, nenhum demônio pode entrar em Alicante.

O ar que entrava pela janela era frio e limpo, o tipo de ar que jamais se respirava em Nova York: não tinha gosto de nada, nem de sujeira, nem de fumaça, nem de metal, nem de outras pessoas. Apenas ar. Simon inalou profunda e desnecessariamente antes de se virar e olhar para Jace; alguns hábitos humanos demoravam a desaparecer.

— Diga pra mim — disse ele — que me trazer aqui foi um acidente. Diga que isso não foi, de alguma forma, parte da sua vontade de impedir que Clary viesse com você.

Jace não olhou para ele, mas seu peito subiu e desceu uma vez, rapidamente, em uma espécie de suspiro reprimido.

— Isso mesmo — disse ele. — Criei uma porção de guerreiros Renegados, mandei que atacassem o Instituto e matassem Madeleine, e quase matassem o resto de nós, só para manter Clary em casa. E... pasmem! Meu plano diabólico está funcionando.

— Bem, está dando certo — disse Simon, baixinho. — Não está?

— Ouça, vampiro — disse Jace. — Manter Clary longe de Idris era o plano. Trazer você aqui não. Eu o trouxe pelo Portal porque se o deixasse para trás, sangrando e inconsciente, os Renegados teriam te matado.

— Você poderia ter ficado para trás comigo...

— Teriam matado nós dois. Não dava nem para saber quantos eram, não com a bruma infernal. Nem eu consigo combater uma centena de Renegados.

— E, no entanto — disse Simon —, aposto que para você dói admitir.

— Você é um babaca — disse Jace, sem alterar a voz —, mesmo para alguém do Submundo. Salvei sua vida, e transgredi a Lei para isso. E não foi a primeira vez, diga-se de passagem. Você poderia demonstrar um mínimo de gratidão.

— *Gratidão?* — Simon sentiu os dedos se fecharem dentro de suas palmas. — Se não tivesse me arrastado para o Instituto, eu não estaria aqui. Nunca concordei com isso.

— Concordou, sim — disse Jace —, quando disse que faria qualquer coisa por Clary. *Isto* é qualquer coisa.

Antes que Simon pudesse rebater com alguma resposta injuriada, ouviu-se uma batida à porta.

— Oi? — chamou Isabelle do outro lado. — Simon, seu momento diva já acabou? Preciso falar com Jace.

— Entre, Izzy. — Jace não tirou os olhos de Simon; havia uma fúria elétrica naquele olhar, e uma espécie de desafio que fazia Simon querer agredi-lo com

alguma coisa pesada. Como uma picape.

Isabelle entrou no quarto num torvelinho de cabelos negros e saias de camadas prateadas. A blusa marfim estilo espartilho deixava os braços e ombros, marcados com símbolos, à mostra. Simon supôs que aquilo fosse bom para ela, poder exibir as Marcas em um lugar onde ninguém as acharia estranhas, para variar.

— Alec está indo para o Gard — disse Isabelle sem rodeios para Jace. — Ele quer conversar com você sobre Simon antes de sair. Pode descer?

— Claro. — Jace foi até a porta; no meio do caminho, percebeu que Simon vinha atrás e virou, irritado. — Você fica aqui.

— Não — disse Simon. — Se vão falar sobre mim, quero estar presente.

Por um instante parecia que a frieza e calma de Jace estavam prestes a estourar; ele ruborizou e abriu a boca, os olhos em chamas. Tão rápido quanto veio, a raiva se foi, graças a uma óbvia força de vontade.

— Vamos descer, vampiro. Pode conhecer toda a família feliz.

Na primeira vez em que Clary passou por um Portal, teve a sensação de voar, de um leve tropeço. Dessa vez, foi como ser jogada no coração de um tornado. Ventos uivantes atacaram-na, arrancando sua mão da de Luke, e um grito de sua boca. Caiu girando pelo coração negro e dourado do turbilhão.

Algo plano, duro e prateado como a superfície de um espelho se ergueu à frente de Clary. Lançada na direção dele, ela gritou, jogando as mãos para o ar para proteger o rosto. Atingiu a superfície e a ultrapassou, para um mundo de frio brutal e intenso sufoco. Estava se afogando em uma escuridão azul e espessa, tentando respirar, mas não conseguia inalar ar para os pulmões, só mais frio congelante...

De repente, foi resgatada pelas costas do casaco e puxada para cima. Chutou o ar, lutando, mas estava fraca demais para se libertar do quer que a estivesse segurando. A coisa a puxou, e a escuridão azul se transformou em um azul-claro, depois dourado, conforme ela rompia a superfície da água — *era* água — e respirava fundo. Ou, pelo menos, foi o que tentou fazer. Em vez disso, engasgou-se e sufocou, pontos negros marcando sua visão. Estava sendo arrastada pela água, rapidamente, algas a atingiam e se prendiam a suas pernas e braços — debateu-se contra a garra que a prendia, e viu a imagem assustadora da coisa, não exatamente um lobo nem bem um humano, com orelhas pontudas como adagas e lábios contraídos exibindo dentes brancos pontiagudos. Tentou gritar, mas só o que saiu foi água.

No instante seguinte, estava fora dela, sendo lançada ao solo duro e compacto. Havia mãos em seus ombros, empurrando-a de rosto para baixo contra o chão. As mãos bateram em suas costas, repetidas vezes, até ela ter espasmos no peito e golfar um riacho amargo de água.

Ainda estava engasgando quando as mãos a viraram para cima. Estava olhando para Luke, uma sombra escura contra o céu azul marcado por nuvens brancas. A gentileza que estava acostumada a ver no rosto dele não estava lá. Não estava mais sob forma de lobo, mas parecia furioso. Ele obrigou Clary a sentar-se, sacudindo-a com força sem parar até ela engasgar e responder, fraca.

— Luke! Pare com isso! Você está me machucando...

As mãos dele largaram seus ombros. Ele a segurou pelo queixo com uma mão, forçando-a a levantar a cabeça, examinando seu rosto.

— A água — disse ele. — Você expeliu toda a água?

— Acho que sim — sussurrou. A voz veio fraca por causa da garganta inchada.

— Cadê sua estela? — quis saber. Em seguida, quando ela hesitou, a voz se tornou mais urgente: — Clary. Sua estela. Encontre-a.

Ela se afastou das garras dele e remexeu nos bolsos molhados, o coração

pesando à medida que os dedos não tocavam em nada além de tecido molhado. Olhou com o rosto entristecido para Luke.

— Devo ter derrubado no lago. — Fungou. — A... a estela da minha mãe...

— Meu Deus, Clary. — Luke se levantou, colocando as mãos distraidamente atrás da cabeça. Estava ensopado também, com água escorrendo da calça jeans e do pesado casaco de flanela. Os óculos que normalmente usava no meio do nariz não estavam lá. Olhou sombriamente para ela. — Você está bem — disse ele. Não foi exatamente uma pergunta. — Quero dizer, agora. Está se sentindo bem?

Assentiu.

— Luke, o que houve? Por que precisamos da minha estela?

Luke não disse nada. Estava olhando em volta, como se esperasse conseguir alguma ajuda dos arredores. Clary seguiu seu olhar. Estavam na margem de um grande lago. A água era azul-clara, e brilhava aqui e ali com o reflexo da luz do sol. Imaginou se seria a fonte de luz dourada que tinha visto pelo Portal semiaberto. Não havia nada de sinistro no lago agora que ela estava a seu lado e não dentro dele. Era cercado por colinas verdes pontuadas por árvores que estavam começando a adquirir matizes, castanho-avermelhadas e douradas. Além das colinas erguiam-se montanhas altas, com os picos cheios de neve.

Clary estremeceu.

— Luke, quando estávamos na água, você se tornou meio lobo? Pensei que tivesse visto...

— Meu eu lobo consegue nadar melhor do que meu eu humano — respondeu Luke, sucinto. — E é mais forte. Tive que arrastá-la pela água, e você não estava sendo de grande ajuda.

— Eu sei — disse ela. — Desculpe. Não era para você... não era para você ter vindo comigo.

— Se não tivesse vindo, você estaria morta agora — observou. — Magnus avisou, Clary. Não se pode utilizar um Portal para entrar na Cidade de Vidro se não houver ninguém esperando do outro lado.

— Ele disse que era contra a Lei. Não disse que se eu tentasse ia quicar de volta.

— Ele falou que existem barreiras ao redor da cidade que impedem a entrada por Portais. Não é culpa dele você ter resolvido brincar com uma magia que mal compreende. Só porque tem um poder, não significa que saiba utilizá-lo — rosnou.

— Desculpe — disse Clary, baixinho. — É só que... onde estamos agora?

— No Lago Lyn — disse Luke. — Acho que o Portal nos trouxe o mais próximo possível da cidade, e depois nos despejou. Estamos nos arredores de Alicante. — Ele olhou em volta, balançando a cabeça meio por espanto, meio

por cansaço. — Você conseguiu, Clary. Estamos em Idris.

— Idris? — disse Clary, e se levantou olhando tolamente para o lago. O lago cintilou para ela, azul e sossegado. — Mas... você disse que estávamos nos arredores de Alicante. Não estou vendo a cidade em lugar nenhum.

— Estamos a quilômetros de distância — disse Luke, apontando. — Está vendo aquelas montanhas ao longe? Temos que atravessá-las; a cidade fica do outro lado. Se tivéssemos um carro, poderíamos chegar lá em uma hora, mas vamos ter que andar, o que provavelmente tomará toda a tarde. — Ele cerrou os olhos para olhar o céu. — É melhor irmos.

Clary olhou espantada para si mesma. A perspectiva de uma caminhada de um dia inteiro em roupas ensopadas não a apetecia.

— Não tem mais nada que...

— Nada que possamos fazer? — disse Luke, e havia de repente em sua voz uma pitada mordaz de fúria. — Tem alguma sugestão, Clary, considerando que foi você que nos trouxe aqui? — Ele apontou para longe do lago. — Ali ficam as montanhas. Atravessáveis a pé somente no auge do verão. Congelaríamos até a morte nos picos. — Ele se virou, e apontou o dedo em outra direção. — Por lá existem quilômetros de bosques. Vão até a fronteira. São desabitados, pelo menos por seres humanos. Depois de Alicante, existem fazendas e casas de campo. Talvez pudéssemos sair de Idris, mas ainda teríamos que passar pela cidade. Uma cidade, diga-se de passagem, onde membros do Submundo como eu não são bem-vindos.

Clary olhou para ele com a boca aberta.

— Luke, eu não sabia...

— Claro que não sabia. Não sabe nada sobre Idris. Nem sequer se importa com Idris. Só estava chateada por ter ficado para trás, como uma criança, e deu um chilique. E agora estamos aqui. Perdidos, congelando, e... — Ele se interrompeu, com o rosto tenso. — Vamos. Vamos começar a andar.

Clary seguiu Luke pela borda do Lago Lyn em um silêncio triste. Enquanto caminhavam, o sol secou seus cabelos e pele, mas o casaco de veludo retinha água como uma esponja. Pendurava-se sobre ela como uma cortina de chumbo, e ela tropeçava em pedras e lama, tentando acompanhar os passos largos de Luke. Fez mais algumas tentativas de aproximação, mas Luke se manteve teimosamente em silêncio. Ela nunca tinha feito nada tão grave antes, a ponto de um pedido de desculpas não ser suficiente para suavizar a irritação de Luke. Dessa vez, parecia que era diferente.

Os penhascos se erguiam mais altos ao redor do lago enquanto progrediam, marcados com pontos de escuridão, como respingos de tinta preta. À medida em que Clary olhava mais de perto, percebia que se tratavam de cavernas na rocha.

Algumas pareciam bem profundas, curvando-se escuridão adentro. Imaginou morcegos e coisas rastejantes assustadoras escondidas na escuridão e estremeceu.

Finalmente, uma trilha estreita que cortava os penhascos os conduziu a uma estrada alinhada com pedras quebradas. O lago ia ficando para trás, azul-escuro sob a luz do sol da tarde. A estrada cortava uma planície de grama que se erguia em colinas ao longe. O coração de Clary afundou; não dava nem para ver a cidade.

Luke estava olhando na direção das colinas com um olhar de intenso desalento.

— Estamos mais longe do que eu pensava. Já faz tanto tempo...

— Talvez se encontrássemos uma estrada maior — sugeriu Clary —, pudéssemos pedir carona, arrumar quem nos levasse até a cidade ou...

— *Clary*. Não existem carros em Idris. — Ao ver a expressão de choque no rosto dela, Luke riu sem muito humor. — As barreiras estragam as máquinas. Quase nenhuma tecnologia funciona aqui, telefones celulares, computadores, coisas assim. A própria Alicante é iluminada, e energizada, por luz mágica.

— Ah — disse Clary, baixinho. — Bem... a mais ou menos que distância da cidade *estamos*?

— Bem distantes. — Sem olhar para ela, Luke passou as duas mãos pelos cabelos curtos. — Tem uma coisa que é melhor eu contar.

Clary ficou tensa. Tudo o que queria antes era que Luke falasse com ela; agora não queria mais.

— Tudo bem...

— Você notou — começou Luke — que não havia nenhum barco no Lago Lyn, nenhuma doca, nada que sugerisse que o lago seja utilizado de alguma forma pela população de Idris?

— Pensei que fosse por ser muito remoto.

— Não é tão remoto assim. Algumas horas a pé de Alicante. O fato é... o lago... — Luke se interrompeu e suspirou. — Você já notou o modelo do chão da biblioteca no Instituto em Nova York?

Clary piscou.

— Notei, mas não consegui entender o que era.

— Era um anjo emergindo de um lago, segurando um cálice e uma espada. É um tema recorrente nas decorações Nephilim. Reza a lenda que o anjo Raziel saiu do Lago Lyn na primeira vez em que apareceu para Jonathan Caçador de Sombras, o primeiro Nephilim, e lhe entregou os Instrumentos Mortais. Desde então o lago foi...

— Sacralizado? — sugeriu Clary.

— Amaldiçoado — disse Luke. — A água do lago é de alguma forma venenosa aos Caçadores de Sombras. Não machuca integrantes do Submundo. O Povo das Fadas chama de Espelho dos Sonhos; eles bebem da água, pois dizem que lhes dá visões verdadeiras. Mas, para um Caçador de Sombras, beber a água é muito perigoso. Provoca alucinações, febre... e pode levar uma pessoa à loucura.

Clary sentiu frio por todo o corpo.

— Por isso você tentou me fazer cuspir tudo.

Luke assentiu. E acrescentou:

— E por isso queria que encontrasse a estela. Com um símbolo de cura, poderíamos conter os efeitos da água. Sem isso, precisamos chegar a Alicante o mais rápido possível. Existem remédios, ervas que ajudam, e conheço alguém que quase certamente os tem.

— Os Lightwood?

— Não. — A voz de Luke era firme. — Outra pessoa. Alguém que conheço.

— Quem?

Ele balançou a cabeça.

— Vamos apenas rezar para que essa pessoa não tenha se mudado nos últimos 15 anos.

— Mas pensei que você tivesse dito que era ilegal para membros do Submundo entrar em Alicante sem permissão.

O sorriso em resposta foi um lembrete do Luke que a pegara quando caiu do trepa-trepa na infância, o Luke que sempre a protegeu.

— Algumas leis são feitas para serem quebradas.

*

A casa dos Penhallow lembrava Simon do Instituto — parecia pertencer a outra era, de alguma forma. Os corredores e escadarias eram estreitos, feitos de pedra e madeira escura, e as janelas eram altas e finas, exibindo paisagens da cidade. Havia uma atmosfera notavelmente asiática na decoração: uma tela de papel de arroz no primeiro andar e vasos chineses nos parapeitos. Havia também diversas serigrafias nas paredes, exibindo cenas do que provavelmente seria mitologia de Caçadores de Sombras, mas com uma característica oriental — caudilhos com lâminas serafim brilhantes eram retratados com frequência, junto com criaturas coloridas parecidas com dragões e demônios com olhos esbugalhados.

— A senhora Penhallow, Jia, era a responsável pelo Instituto de Pequim. Ela

divide seu tempo entre este lugar e a Cidade Proibida — disse Isabelle enquanto Simon parava para examinar uma figura. — E os Penhallow são uma família antiga. Abastada.

— Dá para perceber — murmurou Simon, olhando para os lustres, cheios de cristais pendurados, como lágrimas.

Jace, no degrau de trás deles, resmungou:

— Vamos andando. Não estamos aqui para fazer um tour histórico.

Simon pensou em uma resposta ofensiva, mas decidiu que não valia a pena. Desceu o restante das escadas em ritmo acelerado; desembocavam na base de uma grande sala. Era uma estranha mistura de velho com novo: uma janela de vidro com vista para o canal e música vindo de algum aparelho que Simon não podia ver. Mas não tinha televisão, nenhuma coleção de DVDs ou CDs, os tipos de sinais que Simon associava a salas de estar modernas. Em vez disso, havia diversos sofás com estofamento grosso agrupados ao redor de uma grande lareira, na qual chamas crepitavam.

Alec estava ao lado da lareira, com o uniforme escuro de Caçador de Sombras e usando um par de luvas. Levantou o olhar quando Simon entrou, e soltou o rosnado habitual, mas não disse nada.

Sentados no sofá havia dois adolescentes que Simon nunca tinha visto antes, um menino e uma menina. A menina parecia ter sangue asiático, com olhos delicados e em forma de amêndoas, cabelos escuros brilhantes puxados para trás, e uma expressão sapeca. O queixo delicado estreitava-se, terminando em uma ponta, como o de um gato. Não era exatamente bonita, mas impressionante.

O menino de cabelos negros ao seu lado era mais do que notável. Provavelmente da altura de Jace, mas parecia mais alto, mesmo sentado; era esbelto e musculoso, com um rosto pálido, elegante e inquieto, as maçãs do rosto e os olhos escuros sobressaíam. Havia algo estranhamente familiar nele, como se Simon já o tivesse visto.

A menina falou primeiro:

— Esse é o vampiro? — Olhou Simon de cima a baixo como se estivesse tomando suas medidas. — Nunca cheguei tão perto assim de um, pelo menos não de um que eu não estivesse planejando matar. — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Ele é bonitinho para alguém do Submundo.

— Você terá que perdoá-la; tem cara de anjo e modos de um demônio Moloch — disse o menino com um sorriso, levantando-se. Estendeu a mão para Simon. — Sou Sebastian. Sebastian Verlac. E esta é a minha prima, Aline Penhallow. Aline...

— Não aperto a mão de gente do Submundo — disse Aline, encolhendo-se contra as almofadas do sofá. — Eles não têm alma, você sabe. Os vampiros.

O sorriso de Sebastian desapareceu.

— Aline...

— É verdade. Por isso não se enxergam no espelho e nem podem se expor ao sol.

Muito deliberadamente, Simon deu um passo para trás, para o pedaço iluminado na frente da janela. Sentiu o sol quente nas costas, no cabelo. Sua sombra foi projetada, longa e escura, pelo chão, quase alcançando os pés de Jace.

Aline respirou fundo, mas não disse nada. Foi Sebastian que se pronunciou, olhando para Simon com olhos negros curiosos.

— Então é verdade. Os Lightwood nos contaram, mas não achei...

— Que estivéssemos dizendo a verdade? — disse Jace, falando pela primeira vez desde que tinham descido. — Não mentiríamos a respeito de uma coisa dessas. Simon é... único.

— Eu o beijei uma vez — disse Isabelle, para ninguém em particular.

Aline ergueu as sobrancelhas.

— Eles realmente deixam fazer de tudo em Nova York, não é mesmo? — disse ela, parecendo um pouco horrorizada, um pouco invejosa. — Na última vez em que a vi, Izzy, você sequer teria considerado...

— Na última vez em que nos vimos, Izzy tinha 8 anos — disse Alec. — As coisas mudam. Agora, minha mãe teve que sair correndo, então alguém tem que pegar as notas e registros dela e levar para Gard. Sou o único que tem 18 anos, então sou o único que *pode* ir enquanto a Clave está reunida.

— Nós sabemos — disse Isabelle, jogando-se no sofá. — Você já disse isso, tipo, cinco vezes.

Alec, com ar de importante, ignorou o comentário.

— Jace, você trouxe o vampiro aqui. Então fica responsável por ele. Não deixe que vá lá fora.

O vampiro, pensou Simon. Não era como se Alec não soubesse seu nome. Simon tinha salvado sua vida uma vez. Agora era “o vampiro”. Até para Alec, que era propenso a esporádicos chiliques inexplicáveis, isso era abominável. Talvez tivesse alguma coisa a ver com estarem em Idris. Talvez Alec sentisse uma necessidade maior de reafirmar o status de Caçador de Sombras aqui.

— Foi para dizer *isso* que me fez vir aqui embaixo? “Não deixe o vampiro sair”? Eu não teria deixado, de qualquer jeito — disse Jace, e sentou no sofá ao lado de Aline, que parecia satisfeita. — É melhor você se apressar para ir e voltar de Gard. Só Deus sabe que tipo de coisas depravadas podemos fazer sem suas orientações.

Alec olhou para Jace com uma superioridade calma.

— Tentem se comportar. Volto em meia hora. — Desapareceu por um arco que levava a um longo corredor; em algum lugar a distância, uma porta se fechou.

— Você não deveria provocá-lo — disse Isabelle, lançando um olhar severo a Jace. — Afinal, eles o deixaram mesmo como responsável.

Aline, Simon não pôde deixar de notar, estava sentada muito próxima a Jace, com os ombros tocando os dele, apesar de haver espaço o suficiente ao redor dos dois no sofá.

— Você alguma vez já pensou que, em alguma vida passada, Alec foi uma senhora com noventa gatos que vivia gritando com as crianças da vizinhança para saírem do seu quintal? Pois eu já — disse ele, e Aline riu. — Só porque ele é o único que pode ir a Gard...

— O que é Gard? — perguntou Simon, cansado de não ter ideia sobre nada do que todos estavam falando.

Jace olhou para ele. Estava com uma expressão fria, de poucos amigos; sua mão sobre a de Aline, que estava repousada na própria coxa.

— Sente-se — disse ele, apontando com a cabeça para a poltrona. — Ou você estava planejando ficar ali no canto, como um morcego?

Ótimo. Piadinhas de morcego. Simon se ajeitou desconfortavelmente na cadeira.

— Gard é o local oficial de reuniões da Clave — disse Sebastian, aparentemente com pena de Simon. — É onde a Lei é feita, e onde o Cônsul e o Inquisidor moram. Apenas Caçadores de Sombras adultos são permitidos no território quando a Clave está reunida.

— Reunida? — perguntou Simon, lembrando-se do que Jace tinha dito mais cedo lá em cima. — Quero dizer... não é por minha causa?

Sebastian riu.

— Não. Por causa de Valentim e dos Instrumentos Mortais. É por isso que estão todos aqui. Para discutir os próximos passos de Valentim.

Jace não disse nada, mas, ao som do nome de Valentim, seu rosto enrijeceu.

— Bem, ele vai tentar pegar o Espelho — disse Simon. — O terceiro dos Instrumentos Mortais, certo? Está aqui em Idris? Por isso todos vieram?

Fez-se um breve silêncio antes de Isabelle responder:

— A questão do Espelho é que ninguém sabe onde está. Aliás, ninguém sabe *o que* é.

— É um espelho — disse Simon. — Sabe, reflete, é de vidro. Só estou chutando.

— O que Isabelle quer dizer — começou Sebastian, gentilmente — é que ninguém sabe nada sobre o Espelho. Existem diversas menções a ele na história

dos Caçadores de Sombras, mas nada específico sobre onde se encontra, qual sua aparência ou, o mais importante, o que faz.

— Presumimos que Valentim o quer — disse Isabelle —, mas isso não ajuda muito, considerando que ninguém faz ideia de onde esteja. Os Irmãos do Silêncio talvez tivessem alguma noção, mas Valentim matou todos eles. Não haverá outros, pelo menos por um tempo.

— *Todos* eles? — perguntou Simon, surpreso. — Achei que ele só tivesse matado os de Nova York.

— A Cidade dos Ossos não fica realmente em Nova York — disse Isabelle. — É como... lembra da entrada da Corte Seelie, no Central Park? Só porque a entrada é ali não significa que a corte em si fique embaixo do parque. É a mesma coisa com a Cidade dos Ossos. Existem diversas entradas, mas a Cidade... — Isabelle se interrompeu quando Aline a silenciou com um rápido gesto. Simon olhou do rosto dela para o de Jace e para o de Sebastian. Todos tinham a mesma expressão reservada, como se tivessem acabado de perceber o que estavam fazendo: contando segredos Nephilim a um integrante do Submundo. Um vampiro. Não o inimigo, precisamente, mas certamente alguém em quem não se podia confiar.

Aline foi a primeira a quebrar o silêncio. Fixando os olhos bonitos e escuros em Simon, ela disse:

— Então, como é? Ser um vampiro?

— Aline! — Isabelle parecia estarrecida. — Não pode sair por aí perguntando aos outros como é ser um vampiro.

— Não sei por quê — disse Aline. — Ele não é vampiro há tanto tempo, é? Então deve se lembrar de como é ser uma pessoa. — Voltou-se novamente para Simon. — Sangue ainda tem gosto de sangue para você? Ou tem sabor diferente agora, como suco de laranja ou coisa do tipo? Pois acho que o gosto de sangue seria...

— Tem gosto de galinha — disse Simon, apenas para calá-la.

— Sério? — Aline parecia espantada.

— Ele está tirando sarro de você, Aline — disse Sebastian —, e com toda razão. Peço desculpas pela minha prima mais uma vez, Simon. Aqueles de nós que foram criados fora de Idris tendem a ser um pouco mais familiarizados com membros do Submundo.

— Mas você não foi criado em Idris? — perguntou Isabelle. — Pensei que seus pais...

— Isabelle — interrompeu Jace, mas já era tarde demais; a expressão de Sebastian havia escurecido.

— Meus pais estão mortos — disse ele. — Um ninho de demônios perto de

Calais... Tudo bem, já faz tempo — disse ele, afastando o protesto solidário de Isabelle com um gesto. — Minha tia, a irmã do pai de Aline, me criou no Instituto de Paris.

— Então você fala francês? — suspirou Isabelle. — Quem dera *eu* falasse outra língua. Mas Hodge nunca pensou que pudéssemos precisar aprender qualquer coisa além de grego arcaico e latim, e ninguém fala essas línguas.

— Também falo russo e italiano. E um pouco de romeno — disse Sebastian, com um sorriso modesto. — Posso ensinar algumas frases...

— Romeno? Impressionante — disse Jace. — Não são muitos que falam.

— Você fala? — perguntou Sebastian, interessado.

— Na verdade, não — disse Jace com um sorriso tão arrebatador que Simon sabia que ele estava mentindo. — Meu romeno é basicamente limitado a frases úteis como “estas cobras são venenosas?” e “mas você parece jovem demais para ser policial”.

Sebastian não sorriu. Havia alguma coisa em sua expressão, pensou Simon. Era discreto — tudo nele era calmo —, mas Simon tinha a sensação de que a discrição escondia alguma coisa que abalava a tranquilidade exterior.

— Gosto de viajar — disse ele, com os olhos em Jace. — Mas é bom estar de volta, não é?

Jace parou por um momento de brincar com os dedos de Aline.

— O que quer dizer?

— Que não existe lugar como Idris, por mais que nós, Nephilim, façamos de diversos lugares nossas casas. Não concorda?

— Por que você está me perguntando? — O olhar de Jace era gelado.

Sebastian deu de ombros.

— Bem, você morou aqui quando era pequeno, não morou? E fazia anos que não voltava. Ou entendi errado?

— Não entendeu errado — falou Isabelle, impacientemente. — Jace gosta de fingir que não estão todos falando dele, mesmo quando sabe que estão.

— Certamente estão. — Apesar de Jace estar olhando fixamente para ele, Sebastian parecia inabalado. Simon sentiu uma espécie de afeição um pouco relutante pelo Caçador de Sombras de cabelos escuros. Era difícil encontrar quem não reagisse às provocações de Jace. — Atualmente, é só disso que se fala em Idris. De você, dos Instrumentos Mortais, de seu pai, sua irmã...

— Clarissa deveria ter vindo com você, não? — disse Aline. — Estava ansiosa por conhecê-la. O que aconteceu?

Apesar de a expressão de Jace não ter mudado, ele tirou a mão da de Aline, cerrando o punho.

— Ela não quis sair de Nova York. A mãe dela está doente no hospital. — *Ele*

nunca diz a nossa mãe, pensou Simon. *É sempre a mãe dela*.

— É estranho — disse Isabelle. — Achei que ela *quisesse* vir.

— Ela queria — disse Simon. — Aliás...

Jace se levantou, tão depressa que Simon nem o viu se mover.

— Pensando bem, tenho um assunto para discutir com Simon. Em particular — apontou com a cabeça para as portas duplas na ponta da sala, seus olhos brilhando em um desafio. — Vamos, vampiro — disse ele num tom que deixou Simon com a nítida sensação de que uma recusa provavelmente resultaria em alguma espécie de violência. — Vamos conversar.

3

Amatis

Ao fim da tarde, Luke e Clary tinham deixado o lago para trás, e caminhavam sobre um gramado alto, amplo e aparentemente infinito. Aqui e ali, havia subidas mais leves em colinas cheias de pedras pretas no topo. Clary estava exausta de tanto subir e descer colinas, uma após a outra, os sapatos escorregando na grama úmida como se fosse mármore engordurado. Quando deixaram os campos para trás e chegaram a um estreito caminho de terra, estava com as mãos sangrando e sujas de grama.

Luke ia na frente dela, com passadas determinadas. Ocasionalmente apontava itens de interesse com uma voz sombria, como o guia turístico mais deprimido do mundo.

— Acabamos de cruzar o Plano Brocelind — disse ele enquanto escalavam uma subida, um conjunto de árvores se estendendo na direção oeste, onde o sol estava baixo. — Essa é a floresta. Antigamente, os bosques cobriam quase toda a terra baixa do país. Desmataram boa parte para abrir espaço para a cidade, e para se livrar de bandos de lobisomens e ninhos de vampiros que se agrupavam nela. A Floresta Brocelind sempre foi um esconderijo de integrantes do Submundo.

Continuaram silenciosamente enquanto o caminho serpenteava pela floresta por diversos quilômetros antes de fazer uma curva abrupta. As árvores pareciam se afastar conforme uma elevação se revelava à frente eles, e Clary piscou quando andaram em torno de uma colina alta — a não ser que seus olhos estivessem enganando-a, havia *casas* ali. Pequenas fileiras brancas de casas, organizadas como uma vila de anões.

— Chegamos! — exclamou Clary, e correu para a frente, parando apenas ao perceber que Luke não estava ao seu lado.

Virou-se e o viu no meio da estrada empoeirada, balançando a cabeça.

— Não — disse ele, indo em sua direção. — Não é a cidade.

— Então é uma vila? Você disse que não havia vilas por aqui...

— É um cemitério. É a Cidade dos Ossos de Alicante. Você achou que a Cidade dos Ossos fosse o único jazigo perpétuo que temos? — Ele parecia triste. — Esta aqui é a necrópole, o lugar onde enterramos os que morrem em Idris. Você vai ver. Temos que passar por aqui para chegar a Alicante.

Clary não ia a um cemitério desde a noite em que Simon tinha morrido, e a lembrança a fez estremecer conforme passava pelas fileiras estreitas que costuravam os mausoléus como laços brancos. Alguém cuidava do local: o mármore brilhava como se recentemente esfregado e a grama estava cuidadosamente cortada. Havia muitas flores brancas aqui e ali nos túmulos; primeiramente achou que fossem lírios, mas tinham um aroma apimentado, desconhecido, que a fez se perguntar se seriam específicas de Idris. Cada tumba parecia uma casinha; algumas até tinham portões de metal ou arame, e os nomes

das famílias de Caçadores de Sombras entalhados nas portas. CARTWRIGHT. MERRYWEATHER. HIGHTOWER. BLACKWELL. MIDWINTER... Ela parou em um: HERONDALE.

Voltou-se para Luke.

— Esse era o nome da Inquisidora.

— É o túmulo da família dela. Veja — apontou.

Ao lado da porta havia letras brancas entalhadas no mármore cinza. Eram nomes. MARCUS HERONDALE. STEPHEN HERONDALE. Ambos tinham morrido no mesmo ano. Por mais que Clary detestasse a Inquisidora, sentiu alguma coisa se contorcer dentro de si, um sentimento de pena que não conseguia conter. Perder o marido e o filho, em datas tão próximas... três palavras em latim estavam sob o nome de Stephen: AVE ATQUE VALE.

— O que significa isso? — perguntou, olhando para Luke.

— Significa "Saudações e adeus". É de um poema de Catulo. Em algum momento virou o que os Caçadores de Sombras dizem em funerais, ou quando alguém morre em batalha. Agora vamos, é melhor não pensar muito nessas coisas, Clary. — Luke pegou o ombro da menina e a levou gentilmente para longe do túmulo.

Talvez ele estivesse certo, pensou Clary. Talvez fosse melhor não pensar muito em morte ou em morrer agora. Tentou distrair o olhar enquanto passavam pela necrópole. Estavam quase ultrapassando os portões de ferro no final quando ela viu um mausoléu menor, surgindo como um cogumelo branco à sombra de um carvalho folhoso. O nome acima da porta se destacou para ela como se tivesse sido escrito com luzes.

FAIRCHILD.

— Clary... — Luke tentou segurá-la, mas ela já tinha ido. Com um suspiro, ele foi atrás, até a sombra da árvore onde ela estava hipnotizada, lendo os nomes dos avós e bisavós que nunca soube que tinha. ALOYSIUS FAIRCHILD. ADELE FAIRCHILD, NASCIDA NIGHTSHADE. GRANVILLE FAIRCHILD. E abaixo de todos: JOCELYN MORGENSTERN, NASCIDA FAIRCHILD.

Uma onda de frio se abateu sobre Clary. Ver o nome da mãe ali era como revisitar os pesadelos que às vezes tinha, nos quais estava no enterro da mãe e ninguém sabia dizer o que acontecera, ou como sua mãe havia morrido.

— Mas ela não está morta — disse ela, olhando para Luke. — Ela não está...

— A Clave não sabia disso — falou gentilmente.

Clary arfou. Não podia mais ouvir a voz de Luke ou vê-lo à sua frente. Diante dela erguia-se um sopé desigual, com túmulos saindo da terra como ossos quebrados. Uma lápide preta surgiu diante dela, com letras tortas esculpidas: CLARISSA MORGENSTERN, 1991 — 2007. Sob as palavras um desenho de criança

malfeito mostrava uma caveira com olhos enormes. Clary cambaleou para trás com um grito.

Luke a segurou pelos ombros.

— Clary, o que foi? O que há de errado?

Ela apontou.

— Ali... olha...

Mas não estava mais lá. A grama se estendia diante dela, verde e lisa, os mausoléus brancos e limpos, em fileiras organizadas.

Clary virou-se para olhar para Luke.

— Vi minha própria lápide — disse. — Dizia que eu ia morrer, agora, este ano. — Estremeceu.

Luke parecia austero.

— É a água do lago — disse ele. — Você está começando a ter alucinações. Vamos, não temos muito tempo.

Jace levou Simon para o andar de cima e por um corredor curto cheio de portas; parou apenas para abrir uma delas, com uma careta no rosto.

— Aqui — disse ele, meio empurrando Simon pela porta. Simon viu o que parecia uma biblioteca no lado de dentro: fileiras de estantes com livros, sofás longos e poltronas. — Devemos conseguir um pouco de privacidade...

Ele se interrompeu enquanto uma figura se erguia, tensa, de uma das poltronas. Era um menino com cabelos castanhos e óculos. Tinha um rosto pequeno, sério, e um livro em uma das mãos. Simon conhecia bem o bastante os hábitos de leitura de Clary para reconhecer, mesmo de longe, o volume de mangá.

Jace franziu a testa.

— Desculpe, Max. Precisamos desta sala. Conversa de adultos.

— Mas Izzy e Alec já me expulsaram da sala para poderem ter conversa de adulto — reclamou Max. — Para onde eu vou?

Jace deu de ombros.

— Para o seu quarto? — Ele apontou para a porta com o polegar. — Hora de fazer alguma coisa pelo país, garotinho. Suma.

Parecendo ofendido, Max passou pelos dois, com o livro abraçado no peito. Simon sentiu uma ponta de dó — era um saco ter idade o suficiente para querer saber o que estava acontecendo, mas jovem demais para ser sempre dispensado. O menino lhe lançou um olhar ao passar — parecia assustado e desconfiado. *Este é o vampiro*, seus olhos diziam.

— Vamos. — Jace puxou Simon para a sala, fechando e trancando a porta atrás de si. Com a porta fechada, o cômodo era tão mal iluminado que até Simon achou escuro. Cheirava a poeira. Jace atravessou o aposento e abriu as cortinas no lado oposto, revelando uma janela alta com vista para o canal do lado de fora. Água batia na lateral da casa, a apenas alguns metros abaixo deles, sob grades de pedra com marcações desgastadas de símbolos e estrelas.

Jace voltou-se para Simon com uma careta.

— Qual é o seu problema, vampiro?

— *Meu* problema? Foi você que praticamente me arrastou pelo cabelo para cá.

— Porque você estava prestes a revelar que Clary não tinha cancelado os planos de vir a Idris. Você sabe o que isso provocaria? Entrariam em contato com ela e dariam um jeito de ela vir. E eu já expliquei por que isso não pode acontecer.

Simon balançou a cabeça.

— Não te entendo — disse ele. — Às vezes você age como se a única coisa que importasse para você fosse Clary, depois age como...

Jace o encarou. O ar estava cheio de grãos de poeira; formavam uma cortina

brilhante entre os dois.

— Ajo como?

— Você estava flertando com Aline — disse Simon. — Não parecia que tudo o que importava para você era Clary.

— Isso não é da sua conta — disse Jace. — Além disso, Clary é minha irmã. Você *sabe* disso.

— Eu também estava na corte das fadas — respondeu Simon. — Lembro do que a Rainha Seelie disse: *O beijo que vai libertar a menina é o que ela mais deseja.*

— Aposto que se lembra disso. Marcado no seu cérebro, não é, vampiro?

Simon fez um ruído no fundo da garganta que sequer tinha percebido ser capaz de fazer.

— Ah, não. Não vou ter essa discussão com você. Não vamos lutar por Clary. Isso é ridículo.

— Então por que puxou o assunto?

— Porque... Se você quer que eu minta, não para Clary, mas para todos os seus amigos Caçadores de Sombras, se quer que eu finja que foi ela que decidiu não vir, e se quer que eu finja que não sei dos poderes dela ou do que ela realmente pode fazer, então *você* precisa fazer alguma coisa por mim.

— Tudo bem — disse Jace. — O que você quer?

Simon ficou em silêncio por um instante, olhando através de Jace para a fileira de casas à frente do canal brilhoso. Passando pelos telhados de ameias, podia ver o topo cintilante das torres demoníacas.

— Quero que você faça o que for necessário para convencer Clary de que não sente nada por ela. E não, não me diga que vocês são irmãos; disso eu já sei. Pare de ficar alimentando, quando sabe que isso não tem futuro. E não estou falando porque a quero para mim. Estou falando porque sou amigo dela e não quero vê-la magoada.

Jace olhou para as próprias mãos por um instante sem responder. Eram mãos esguias, os dedos e juntas marcados por calos antigos. O dorso tinha linhas brancas de velhas Marcas. Eram mãos de um soldado, não de um adolescente.

— Já fiz isso — disse ele. — Falei para ela que só estava interessado em ser irmão.

— Ah. — Simon esperava que Jace fosse combatê-lo nesta batalha, e não simplesmente desistir. Um Jace que simplesmente desistia era novo, e deixou Simon quase envergonhado por pedir. *Clary não me disse nada*, queria dizer, mas, pensando bem, por que teria dito? Aliás, ela parecia estranhamente quieta e retraída ultimamente sempre que surgia o nome de Jace. — Bem, então está resolvido, eu acho. E mais uma coisa.

— Ah, é? — perguntou Jace sem muito interesse. — E o que seria?

— O que foi que Valentim disse quando Clary desenhou aquele símbolo no navio? Soava como uma língua estrangeira. *Meme* alguma coisa...?

— *Mene mene tekel upharsin* — disse Jace com um sorriso fraco. — Não reconhece? É da Bíblia, vampiro. Velho Testamento. É o seu livro, não é?

— Só porque eu sou judeu, não significa que decorei o Antigo Testamento.

— É o prenúncio da tragédia. “Deus contou os dias do teu reino, e o trouxe a um fim; Pesado foste na balança, e foste achado em falta.” É um presságio de desgraça, significa o fim de um império.

— Mas o que isso tem a ver com Valentim?

— Não só com Valentim — disse Jace. — Com todos nós. A Clave e a Lei. O que Clary pode fazer muda tudo o que entendem como verdade. Nenhum ser humano pode criar novos símbolos, ou desenhar as coisas que Clary desenha. Só anjos têm este poder. E como Clary consegue... bem, parece um presságio. As coisas estão mudando. As Leis estão mudando. Os velhos caminhos podem nunca mais ser os certos outra vez. Exatamente como a rebelião dos anjos acabou com o mundo como era antes, dividiu o paraíso em dois e criou o inferno, isso poderia significar o fim dos Nephilim como hoje existem. Esta é a nossa guerra no paraíso, vampiro, e só um lado pode vencer. E meu pai pretende que seja o dele.

Apesar de o ar ainda estar frio, Clary estava morrendo de calor com suas roupas molhadas. Suor escorria de seu rosto, umedecendo o colarinho do casaco enquanto Luke, com a mão em seu braço, a apressava pela estrada sob o céu que escurecia rapidamente. Já enxergavam Alicante agora. A cidade ficava em um vale raso, dividida por um rio prateado que corria para um dos lados, parecia desaparecer, e então surgia novamente no outro. Uma confusão de prédios cor de mel com telhados vermelhos e um emaranhado de ruas curvilíneas escuras apoiava-se numa colina íngreme. Na coroa do monte erguia-se um edifício escuro de pedra, de pilares, alto, com uma torre brilhante em cada um dos pontos cardinais: quatro no total. Nos outros prédios havia as mesmas torres altas, de vidro, cada uma brilhando como um quartzo. Eram como agulhas de vidro perfurando o céu. A luz do sol que desbotava aos poucos formava arco-íris fracos em suas superfícies, como um fósforo soltando fagulhas. Era uma bela vista, e muito estranha.

Você nunca viu uma cidade até ter visto Alicante das torres de vidro.

— O que foi isso? — disse Luke, ouvindo-a. — O que você disse?

Clary não percebeu que tinha falado em voz alta. Envergonhada, repetiu as palavras, e Luke olhou para ela surpreso.

— Onde ouviu isso?

— Hodge — disse Clary. — Foi uma coisa que Hodge me disse.

Luke olhou para ela com mais atenção.

— Você está vermelha — disse ele. — Como está se sentindo?

O pescoço de Clary estava dolorido, o corpo inteiro ardendo, a boca seca.

— Estou bem — respondeu. — Vamos só chegar lá, tudo bem?

— Tudo bem. — Luke apontou para a ponta da cidade, onde os prédios terminavam, Clary pôde ver um corredor de arco, dois lados se curvando em um topo pontudo. Um Caçador de Sombras com uniforme preto vigiava sob a sombra do arco. — Aquele é o Portão do Norte, é por onde integrantes do Submundo podem entrar legalmente na cidade, desde que tenham a papelada necessária. Guardas ficam a postos dia e noite. Ou seja, se estivéssemos aqui em missão oficial ou tivéssemos permissão para vir aqui, entraríamos por ali.

— Mas não há muros ao redor da cidade — disse Clary. — Não me parece muito um portão.

— As barreiras são invisíveis, mas estão lá. As torres demoníacas as controlam. O fazem há mil anos. Você vai sentir quando atravessá-las. — Olhou mais uma vez para o rosto ruborizado dela, a preocupação dele aparente em rugas em torno dos olhos. — Pronta?

Clary fez que sim com a cabeça. Foram para longe do portão, pelo lado leste da cidade, onde os prédios eram mais agrupados. Com um gesto para que Clary

ficasse quieta, Luke a puxou para uma abertura estreita entre duas casas. Clary fechou os olhos enquanto se aproximavam, quase como se esperasse ser atingida no rosto por uma parede invisível assim que pusesse o pé nas ruas de Alicante. Não foi o que aconteceu. Sentiu uma pressão repentina, como se estivesse em um avião em queda. Seus ouvidos estalaram — e então a sensação desapareceu, e ela estava no beco entre as duas construções.

Exatamente como num beco em Nova York — como em qualquer beco no mundo, aparentemente —, o cheiro era de urina de gato.

Clary espiou pelo canto de um dos prédios. Uma rua mais larga se esticava pela colina, alinhada com pequenas lojas e casas.

— Não tem ninguém aqui — observou, com alguma surpresa.

À luz desbotada, Luke parecia pálido.

— Deve ter alguma reunião no Gard. É a única coisa capaz de tirar todo mundo da rua de uma vez só.

— Mas isso não é bom? Não tem ninguém para nos ver.

— É bom e ruim. As ruas ficam basicamente desertas, o que é ótimo. Mas qualquer um que apareça terá mais probabilidade de nos notar e se lembrar de nós.

— Pensei que você tivesse dito que estavam todos no Gard.

Luke sorriu de um jeito singelo.

— Não seja tão literal, Clary. Quis dizer quase toda a cidade. Crianças, adolescentes, qualquer um isento da reunião... esses não estarão lá.

Adolescentes. Clary pensou em Jace, e apesar de não querer, seu pulso acelerou como um cavalo dando a partida do portão em uma corrida.

Luke franziu o rosto, quase como se pudesse ler os pensamentos dela.

— A partir de agora, estou violando a Lei, estando em Alicante sem me declarar à Clave no portão. Se alguém me reconhecer, podemos nos encrencar seriamente. — Ele olhou para a estreita linha avermelhada de céu visível por entre os telhados. — Temos que sair da rua.

— Achei que estivéssemos indo para a casa da sua amiga.

— Estamos. E ela não é uma amiga, precisamente.

— Então quem...?

— Apenas me siga. — Luke desviou para uma passagem entre duas casas, tão estreita que Clary podia esticar os braços e tocar as paredes de ambas as construções com os dedos, enquanto passavam e chegavam a uma rua de pedras alinhada com lojas. Os prédios em si pareciam um cruzamento entre o gótico e um conto de fadas infantil. A frente das pedras era marcada com todos os tipos de criaturas de mitos e lendas. Cabeças de monstros eram um tema recorrente, junto com cavalos alados, algo que parecia uma casa sobre pernas de galinha,

sereias e, é claro, anjos. Gárgulas surgiam a cada esquina, com rostos contorcidos. E por todos os cantos havia símbolos: desenhados nas portas, escondidos no design de um entalhe abstrato, pendurados em correntes finas de metal como carrilhões de ventos que se moviam com a brisa. Símbolos de proteção, de boa sorte, até de bons negócios. Olhando para todos eles, Clary começou a se sentir um pouco tonta.

Caminharam em silêncio, mantendo-se protegidos pelas sombras. A rua de pedras estava deserta, portas de lojas fechadas e bloqueadas. Clary lançou olhares furtivos às janelas enquanto passavam. Era estranho ver uma exibição de caros chocolates artesanais em uma janela, e na seguinte, outra exposição, igualmente impressionante, de armas mortais — cutelos, bastões, cassetetes com pontas de pregos e uma coleção de lâminas serafim em diferentes tamanhos.

— Nenhuma arma de fogo — disse Clary. A própria voz parecia distante.

Luke piscou para ela.

— O quê?

— Caçadores de Sombras. Parece que nunca usam armas de fogo.

— Os símbolos impedem a ignição da pólvora. Ninguém sabe por quê. Mesmo assim, sabe-se que Nephilim usam espingardas em licantropes ocasionalmente. Não é preciso um símbolo para nos matar, apenas balas de prata. — Sua voz era sombria. De repente levantou a cabeça. Sob a luz fraca, era fácil imaginar suas orelhas esticando como as de um lobo. — Vozes — disse ele. — Devem ter encerrado no Gard.

Ele pegou o braço de Clary e a puxou de lado, para fora da rua principal. Emergiram em uma pequena praça com um poço no centro. Havia uma ponte de pedra arqueada sobre um canal estreito logo à frente deles. Sob a luz fraca, a água no canal parecia quase preta. Clary podia ouvir as vozes agora, vindo das ruas próximas. Estavam altas e pareciam irritadas. A tontura de Clary se intensificou — ela sentiu como se o chão estivesse se inclinando sob seus pés, ameaçando derrubá-la. Encostou-se à parede do beco, sem ar.

— Clary — disse Luke. — Clary, você está bem?

A voz soava espessa, estranha. Ela olhou para ele, e o ar morreu em sua garganta. As orelhas de Luke tinham crescido, estavam longas e pontudas, os dentes afiados, os olhos amarelos...

— Luke — sussurrou ela. — O que está acontecendo com você?

— Clary. — Ele esticou os braços para ela, as mãos estranhamente alongadas, as unhas afiadas e com cor de ferrugem. — Algum problema?

Ela gritou, afastando-se dele. Não sabia ao certo por que estava tão apavorada — já tinha visto Luke se transformar antes, e ele nunca a tinha machucado. Mas o pânico era algo vivo dentro dela, incontrolável. Luke pegou seus ombros, e ela

se contraiu para longe dele, para longe dos olhos amarelados, animalescos, mesmo quando pediu que se calasse, implorando para que ficasse quieta com sua voz humana e normal.

— Clary, por favor...

— Me solta! Me *solta*!

Mas ele não soltou.

— É a água, você está tendo alucinações, Clary, tente se acalmar. — Ele a puxou em direção à ponte, praticamente arrastando-a. Clary podia sentir as lágrimas escorrendo pelo próprio rosto, resfriando as bochechas ardentes. — Não é real. Tente aguentar, por favor — disse ele, ajudando Clary a subir na ponte. Ela podia sentir o cheiro da água abaixo, verde e rançosa. *Coisas* se moviam abaixo da superfície. Enquanto observava, um tentáculo preto emergiu da água, a ponta esponjosa cheia de dentes afiados como agulhas. Ela se contraiu para longe da água, sem conseguir gritar, soltando um lamento baixo pela garganta.

Luke a segurou quando seus joelhos cederam, pegando-a nos braços. Não a carregava desde que ela tinha 5 ou 6 anos.

— Clary — começou ele, mas o resto das palavras se embaralhou em um rugido sem sentido ao descerem da ponte. Passaram rapidamente por uma série de casas altas e esguias que quase lembravam Clary de fileiras de casas no Brooklyn. Ou talvez estivesse tendo alucinações com a própria vizinhança? O ar ao redor deles parecia se deformar enquanto prosseguiam, as luzes das casas brilhando em volta como tochas, o canal brilhando com um fulgor fosforescente. Os ossos de Clary pareciam estar se dissolvendo dentro do corpo.

— Aqui. — Luke parou na frente de uma casa alta no canal. Chutou a porta com força, gritando; era pintada com um vermelho vistoso, quase deslumbrante, com um único símbolo em dourado. O símbolo derreteu e escorreu enquanto Clary o encarava, tomando a forma de um crânio horrível e sorridente. *Não é real*, ela disse fervorosamente a si mesma, sufocando o grito com o punho, mordendo-o até sentir gosto de sangue na boca.

A dor clareou sua mente momentaneamente. A porta se abriu, revelando uma mulher em um vestido escuro, o rosto marcado com uma mistura de raiva e surpresa. Os cabelos eram longos, uma nuvem cinza-acastanhada de fios escapava das duas tranças; tinha olhos azuis familiares. Uma pedra enfeitiçada brilhava em sua mão.

— Quem é? — exigiu. — O que quer?

— Amatis. — Luke foi até a piscina de luz enfeitiçada, com Clary nos braços. — Sou eu.

A mulher ficou pálida e cambaleou, esticando a mão para se apoiar na porta.

— *Lucian*? — Luke tentou dar um passo para a frente, mas a mulher, Amatis, bloqueou a passagem. Estava balançando a cabeça com tanta força que as tranças chicoteavam para a frente e para trás. — Como pode vir aqui, Lucian? Como *ousa* vir aqui?

— Não tive escolha. — Luke segurou Clary com mais força. Ela conteve o choro. Todo o seu corpo parecia arder em febre, cada nervo cheio de dor.

— Então você precisa voltar — disse Amatis. — Se for embora imediatamente...

— Não estou aqui por minha causa. Estou aqui pela menina. Ela está morrendo. — Enquanto a mulher o encarava, ele acrescentou: — Amatis, por favor. Ela é a *filha de Jocelyn*.

Fez-se um longo silêncio, durante o qual Amatis virou uma estátua, imóvel na entrada. Parecia congelada, se de surpresa ou horror, Clary não sabia dizer. Clary cerrou o punho — a palma estava grudenta com sangue onde as unhas haviam penetrado —, mas nem a dor ajudava agora; o mundo estava se desfazendo em cores suaves, como um quebra-cabeça boiando na superfície da água. Mal ouviu a voz de Amatis quando ela recuou e disse:

— Muito bem, Lucian. Pode trazê-la para dentro.

Quando Simon e Jace voltaram para a sala, Aline já tinha servido comida na mesa baixa entre os sofás. Havia pão e queijo, fatias de bolo, maçãs, e até uma garrafa de vinho, na qual Max não tinha permissão de tocar. Ele estava sentado no canto com um prato de bolo, o livro aberto no colo. Simon teve pena. Ele próprio se sentia tão sozinho no meio do resto das pessoas do grupo que riam e conversavam quanto Max, provavelmente.

Viu Aline tocar o pulso de Jace com os dedos ao pegar um pedaço de maçã, e sentiu-se ficando tenso. *Mas é isso que você quer que ele faça*, disse a si mesmo, porém, de algum jeito não conseguia se livrar da sensação de que Clary estava sendo desrespeitada.

Jace encontrou seu olhar sobre a cabeça de Aline e sorriu. De alguma forma, mesmo não sendo um vampiro, conseguia ter um sorriso que parecia ser todo dentes pontudos. Simon desviou o olhar, voltando-o para a sala. Notou que a música que ouvira mais cedo não vinha de um aparelho de som, mas de uma engenhoca mecânica de aparência complicada.

Pensou em puxar conversa com Isabelle, mas ela estava falando com Sebastian, cujo rosto elegante e atento estava voltado para ela. Jace já tinha rido da paixonite de Simon por Isabelle uma vez, mas Sebastian, sem dúvida, conseguia lidar com ela. Caçadores de Sombras eram criados para serem capazes de lidar com qualquer coisa, não eram? Entretanto, o olhar no rosto de Jace quando disse que planejava ser somente irmão de Clary o deixara pensando...

— Acabou o vinho — declarou Isabelle, repousando a garrafa na mesa com um ruído. — Vou pegar mais. — Com uma piscadela para Sebastian, ela desapareceu na cozinha.

— Se não se importa que eu fale, você está um pouco quieto. — Era Sebastian, se inclinando sobre a parte de trás da cadeira de Simon com um sorriso arrasador. Para alguém de cabelos tão escuros, pensou Simon, a pele de Sebastian era muito clara, como se não saísse muito no sol. — Está tudo bem?

Simon deu de ombros.

— Não há muitas aberturas para mim na conversa. Parece ser sempre sobre política de Caçadores de Sombras ou pessoas que não conheço, ou ambas.

O sorriso desapareceu.

— Nós, Nephilim, sabemos ser um círculo fechado. É o jeito daqueles que são excluídos do resto do mundo.

— Não acha que vocês mesmos se fecham? Detestam humanos normais...

— “Detestar” é um pouco forte — disse Sebastian. — E você realmente acha que o mundo dos humanos quereria alguma coisa conosco? Tudo o que somos é um lembrete vivo de que sempre que encontram conforto dizendo que não existem vampiros *de verdade*, ou demônios de verdade, ou monstros embaixo da

cama, estão mentindo. — Ele voltou a cabeça para Jace, que, Simon percebeu, os estava encarando em silêncio havia vários minutos. — Não concorda?

Jace sorriu.

— *De ce crezi că vă ascultam conversatia?*

Sebastian encontrou seu olhar com uma expressão de interesse satisfeito.

— *M-ai urmărit de când ai ajuns aici* — respondeu. — *Nu-mi dau seama dacă nu mă placi ori dacă eşti atât de bănuitor cu toată lumea*. — Levantou-se. — Aprecio a prática do romeno, mas, se não se importa, vou ver por que Isabelle está demorando tanto na cozinha. — Ele desapareceu pela entrada, deixando Jace encarando-o por trás com uma expressão confusa.

— O que houve? Ele não fala romeno, afinal? — perguntou Simon.

— Não — disse Jace. Uma pequena linha franzida havia aparecido entre seus olhos. — Não, ele fala bem.

Mas antes que Simon pudesse perguntar o que queria dizer com aquilo, Alec entrou na sala. Estava com o rosto franzido, exatamente como quando saiu. Repousou o olhar em Simon por um instante, um olhar quase de confusão nos olhos azuis.

Jace olhou para cima.

— Já voltou?

— Não por muito tempo. — Alec esticou o braço para pegar uma maçã com a mão guardada em uma luva. — Só voltei para buscar... ele — disse, gesticulando para Simon com a maçã. — Querem vê-lo no Gard.

Aline pareceu surpresa.

— Sério? — perguntou, mas Jace já estava se levantando do sofá, soltando a mão dela.

— Querem vê-lo para quê? — disse, com uma calma perigosa. — Espero que tenha descoberto a razão antes de prometer entregá-lo.

— É claro que *perguntei* — irritou-se Alec. — Não sou burro.

— Ora, vamos — disse Isabelle. Ela havia reaparecido na entrada com Sebastian, que trazia uma garrafa. — Às vezes você é um pouco burro, você sabe. Só um *pouco* — repetiu ela, enquanto Alec lhe lançava um olhar assassino.

— Vão mandá-lo de volta a Nova York — disse. — Pelo Portal.

— Mas ele *acabou* de chegar! — protestou Isabelle, fazendo beicinho. — Não tem graça.

— Não é para ter graça, Izzy. A vinda de Simon foi um acidente, então a Clave acha que o melhor é que ele volte para casa.

— Ótimo — disse Simon. — Talvez eu até chegue antes que minha mãe perceba que saí. Qual é a diferença de fuso daqui para Manhattan?

— Você tem uma *mãe*? — Aline parecia impressionada.

Simon ignorou a última pergunta.

— Sério — disse ele, enquanto Alec e Jace trocavam olhares. — Tudo bem. Tudo o que quero é sair daqui.

— Você vai com ele? — perguntou Jace a Alec. — Para se certificar de que está tudo bem?

Estavam se entreolhando de um jeito familiar a Simon. Era como ele e Clary às vezes se olhavam, trocando códigos quando não queriam que os pais soubessem o que estavam planejando.

— O quê? — disse ele, olhando de um para o outro. — Qual é o problema?

Interromperam a troca de olhares; Alec desviou os olhos e Jace voltou-se para Simon com uma expressão suave e sorridente.

— Nada — disse. — Está tudo bem. Parabéns, vampiro, vai poder ir para casa.

4

Diurno

A noite havia caído sobre Alicante quando Simon e Alec deixaram a casa dos Penhallow e partiram colina acima, em direção a Gard. As ruas da cidade eram estreitas e tortuosas, subindo como pálidas faixas de pedra ao luar. O ar estava frio, apesar de Simon só senti-lo de forma distante.

Alec caminhou em silêncio, à frente de Simon, como se fingisse que estava sozinho. Em sua vida passada, Simon teria tido que quase correr, ofegante, para acompanhar; agora descobrira que podia alcançar Alec simplesmente acelerando o passo.

— Deve ser um saco — disse Simon afinal, enquanto Alec olhava para frente. — Ser obrigado a me acompanhar, quero dizer.

Alec deu de ombros.

— Tenho 18 anos. Sou um adulto, então preciso ser o responsável. Sou o único que pode entrar e sair do Gard enquanto a Clave está reunida. Além disso, o Cônsul me conhece.

— O que é um Cônsul?

— É como um oficial muito alto da Clave. Contabiliza os votos do Conselho, interpreta a Lei para a Clave, e aconselha a eles e ao Inquisidor. Se você controla um Instituto e encontra um problema que não sabe resolver, chama o Cônsul.

— Ele aconselha o Inquisidor? Mas eu pensei... A Inquisidora não está morta?

Alec riu.

— Isso é como dizer, “o presidente não está morto?”. Sim, a Inquisidora morreu; agora temos um novo. Inquisidor Aldertree.

Simon olhou para baixo da colina em direção à água escura dos canais agora distantes. Tinham deixado a cidade para trás e estavam passando por uma estrada estreita cercada de árvores sombrosas.

— Só sei de uma coisa: inquisições não funcionaram muito bem para o meu povo no passado. — Mas a expressão de Alec continuou vazia. Então Simon acrescentou: — Deixa para lá. Foi só uma piada de história mundana. Você não se interessaria.

— Você não é mundano — destacou Alec. — Por isso Aline e Sebastian estavam tão empolgados para vê-lo. Não que Sebastian deixe transparecer; ele sempre age como se já tivesse visto tudo.

Simon reagiu sem pensar.

— Ele e Isabelle estão... Tem alguma coisa rolando entre eles?

Isso fez Alec gargalhar.

— Isabelle e *Sebastian*? Nada. Sebastian é um cara legal, Isabelle só gosta de sair com meninos inadequados que nossos pais detestariam. Mundanos, integrantes do Submundo, trapaceiros mesquinhos...

— Obrigado — disse Simon. — Fico feliz em fazer parte do grupo dos

criminosos.

— Acho que ela faz pela atenção — disse Alec. — Ela também é a única menina da família, então precisa provar constantemente o quanto é durona. Ou, pelo menos, é isso que pensa.

— Ou talvez esteja tentando desviar a atenção de você — disse Simon, de maneira quase ausente. — Sabe, já que os seus pais não sabem que você é gay e tudo mais.

Alec parou no meio da estrada tão de repente que Simon quase colidiu contra ele.

— Não — disse ele —, mas aparentemente *todas* as outras pessoas sabem.

— Exceto Jace — disse Simon. — Ele não sabe, sabe?

Alec respirou fundo. Estava pálido, Simon notou, ou poderia ser apenas o luar, descolorindo tudo. Seus olhos pareciam negros na escuridão.

— Realmente não entendo como isso possa ser da sua conta. A não ser que esteja tentando me ameaçar.

— Tentando *ameaçar*? — Simon espantou-se. — Não estou...

— Então por quê? — disse Alec. E de repente havia uma vulnerabilidade afiada na voz do rapaz, que estarreceu Simon. — Por que puxar o assunto?

— Porque sim — disse Simon. — Você parece me odiar o tempo todo. Não tomo como algo pessoal, mesmo que tenha salvado a sua vida. Você parece odiar o mundo todo, mais ou menos. Além disso, não temos quase nada em comum. Mas o vejo olhando para Jace, e me vejo olhando para Clary, e penso, talvez tenhamos isso em comum. E talvez por isso você pudesse desgostar de mim um pouco menos.

— Então não vai contar para Jace? — disse Alec. — Quero dizer, você contou para Clary como se sentia e...

— E não foi uma boa ideia — disse Simon. — Agora passo o tempo todo pensando em como posso voltar ao que era antes depois de uma coisa dessas. Se podemos ser amigos outra vez ou se o que tínhamos se quebrou. Não por causa dela, mas por minha causa. Talvez se encontrasse outra pessoa...

— Outra pessoa — repetiu Alec. Tinha começado a andar outra vez, rapidamente, encarando a estrada à frente.

Simon se apressou para acompanhá-lo.

— Você entendeu. Por exemplo, acho que Magnus Bane gosta muito de você. E ele é bem legal. As festas dele são ótimas, pelo menos. Mesmo que eu tenha sido transformado em rato naquela vez.

— Obrigado pelo conselho. — A voz de Alec estava seca. — Mas não acho que ele goste tanto assim de mim. Mal falou comigo quando veio abrir o Portal no Instituto.

— Talvez você devesse ligar para ele — sugeriu Simon, tentando não pensar muito no quão estranho era o fato de estar aconselhando um caçador de demônios sobre a possibilidade de namorar um feiticeiro.

— Não posso — disse Alec. — Não há telefones em Idris. E não importa, de qualquer jeito. — Seu tom era abrupto. — Chegamos. Aqui é o Gard.

Uma parede alta se erguia na frente deles, com um enorme par de portões. Os portões eram marcados com padrões espiralados e angulares de símbolos e, apesar de Simon não conseguir lê-los como Clary o fazia, havia algo impressionante na complexidade e na sensação de poder que irradiava deles. Os portões eram guardados por estátuas de pedras de anjo, com rostos ameaçadores e belos. Cada um trazia uma espada esculpida na mão, e uma criatura — uma mistura de rato, morcego e lagarto, com dentes pontudos e assustadores — contorcia-se, à beira da morte, a seus pés. Simon ficou olhando para eles por um longo tempo. Demônios, concluiu — mas poderiam tranquilamente ser vampiros.

Alec abriu o portão e gesticulou para Simon passar. Uma vez lá dentro, piscou os olhos, confuso. Desde que se tornara vampiro, sua visão noturna havia aguçado para uma clareza tipo laser, mas as dúzias de tochas alinhadas na trilha até as portas do Gard eram feitas de luz mágica, e o brilho branco e forte parecia manchar os detalhes de tudo. Tinha uma vaga noção de Alec guiando-o para a frente por um caminho estreito de pedras que reluzia com a iluminação refletida, e então havia alguém na trilha à frente dele, bloqueando a passagem com um braço levantado.

— Então este é o vampiro? — A voz era gutural o bastante para se aproximar de um rosnado. Simon levantou o rosto, a luz queimando os olhos. Eles teriam lacrimejado se ainda fossem capazes de produzir lágrimas. Luz mágica, pensou. *Luz de anjo me queima. Acho que eu não deveria estar surpreso.*

O homem à sua frente era muito alto, com pele pálida sobre maçãs do rosto saltadas. Sob uma camada de cabelos negros, tinha a testa alta, nariz proeminente e aquilino. Sua expressão ao olhar para Simon era como alguém que entra no metrô e vê um rato grande correndo para a frente e para trás nos trilhos, quase torcendo para que o trem passe e o esmague.

— Este é Simon — disse Alec, um pouco incerto. — Simon, este é o Cônsul Malaquias Dieudonné. O Portal está pronto, senhor?

— Está — disse Malaquias. Seu tom de voz era sério, e carregava um sotaque distante. — Está tudo pronto. Vamos, garoto do Submundo — disse, chamando Simon. — Quanto mais cedo isso terminar, melhor.

Simon fez menção de ir até o homem mas Alec o parou com uma mão no braço.

— Só um instante — disse ele, dirigindo-se ao Cônsul. — Ele será mandado diretamente para Manhattan? E haverá alguém esperando por ele do outro lado?

— Sim — disse Malaquias. — O feiticeiro Magnus Bane. Como permitiu estupidamente que o vampiro viesse a Idris, se responsabilizou pela volta dele.

— Se Magnus não tivesse permitido que ele atravessasse o Portal, Simon teria morrido — disse Alec, de forma um pouco ríspida.

— Talvez — disse Malaquias. — Foi o que seus pais disseram, e a Clave optou por acreditar. Contra meu conselho, por sinal. Mesmo assim, não se traz levianamente um integrante do Submundo à Cidade de Vidro.

— Não teve nada de leviano. — A raiva invadiu o peito de Simon. — Estávamos sendo atacados...

Malaquias voltou o olhar para Simon.

— Você vai falar comigo quando eu falar com você, menino do Submundo, não o contrário.

O aperto de Alec no braço de Simon ficou mais firme. Havia um olhar em seu rosto — meio hesitante, meio desconfiado, como se duvidasse da própria sabedoria ao trazer Simon.

— Ora, Cônsul, *realmente*! — A voz que atravessava o jardim era aguda, um pouco ofegante, e Simon viu, com alguma surpresa, que pertencia a um homem, pequeno e redondo, correndo pela trilha em direção a eles. Trajava uma capa cinza larga sobre o uniforme de Caçador de Sombras, e a careca brilhava à luz mágica. — Não há por que alarmar nosso convidado.

— Convidado? — Malaquias parecia enfurecido.

O homenzinho parou diante de Alec e Simon e os contemplou.

— Estamos muito satisfeitos, felizes na verdade, por você ter decidido cooperar com nosso pedido para voltar a Nova York. Realmente facilita muito as coisas. — Piscou para Simon, que retribuiu o olhar, confuso. Não achava que já tivesse conhecido um Caçador de Sombras que parecesse feliz em vê-lo. Nem quando era mundano, e definitivamente não agora, que era um vampiro. — Ah, eu quase me esqueci! — O homem deu um tapa na própria testa em remorso. — Deveria ter me apresentado. Sou o Inquisidor, o *novo* Inquisidor. Inquisidor Aldertree é o meu nome.

Aldertree estendeu a mão para Simon e, em um movimento confuso, Simon a segurou.

— E você. Seu nome é Simon?

— É — disse Simon, puxando a mão assim que pôde. O aperto de Aldertree era desagradavelmente úmido e pegajoso. — Não precisa me agradecer por cooperar. Tudo que quero é voltar para casa.

— Tenho certeza de que sim, tenho certeza de que sim! — Apesar de o tom de

Aldertree ser jovial, algo passou por seu rosto enquanto falava, uma expressão que Simon não sabia nomear. Logo desapareceu, enquanto Aldertree sorria e gesticulava em direção a uma trilha estreita que se curvava ao lado do Gard. — Por aqui, Simon, por favor.

Simon foi para a frente, e Alec fez menção de segui-lo. O Inquisidor levantou a mão.

— Isso é tudo que precisamos de você, Alexander. Obrigado pela ajuda.

— Mas Simon... — começou Alec.

— Ficaremos bem — garantiu o Inquisidor. — Malaquias, por favor, leve Alexander até a saída. E dê a ele uma pedra enfeitiçada para ajudá-lo a voltar para casa, se não tiver trazido uma. A trilha pode ser traiçoeira à noite.

E com outro sorriso beatífico, partiu com Simon, deixando Alec olhando para os dois.

O mundo ardeu ao redor de Clary em um borrão quase tangível enquanto Luke a carregava sobre a entrada da casa e por um longo corredor, com Amatis se apressando à frente deles com a pedra de luz enfeitiçada. Pior do que só um pouco delirante, ela ficou com o olhar fixo enquanto o corredor se desdobrava diante dela, tornando-se cada vez mais longo, como num pesadelo.

O mundo virou de lado. De repente, ela estava deitada em uma superfície fria, e mãos colocavam um cobertor sobre ela. Olhos azuis a encaravam.

— Ela parece muito mal, Lucian — disse Amatis; sua voz era deformada e distorcida, como um disco velho. — O que aconteceu com ela?

— Bebeu meio Lago Lyn. — O som da voz de Luke desvaneceu, e por um instante a visão de Clary clareou: estava deitada no chão frio de azulejos da cozinha e, em algum lugar acima de sua cabeça, Luke estava remexendo em um armário. A cozinha tinha paredes amarelas descascadas. Num fogão antiquado de ferro preto contra uma delas, chamas saltavam, fazendo seus olhos doerem. — Anis, beladona, heléboro... — Luke se afastou do armário com um punhado de vasilhas de vidro. — Você pode ferver tudo isso junto, Amatis? Vou levá-la para perto do fogão. Ela está tremendo.

Clary tentou falar, explicar que não precisava ser aquecida, que estava queimando, mas os sons emitidos por sua boca não eram os que queria. Ela se ouviu choramingando enquanto Luke a levantava, então sentiu o calor descongelando seu lado esquerdo — não tinha nem percebido que estava com frio. Bateu os dentes com força e sentiu gosto de sangue na boca. O mundo começou a tremer ao seu redor como água sacudida em um vidro.

— O Lago dos Sonhos? — A voz de Amatis estava cheia de incredulidade. Clary não conseguia vê-la com clareza, mas ela parecia estar próxima ao fogão, com uma colher de pau na mão. — O que vocês estavam fazendo lá? Por acaso Jocelyn sabe onde...

E o mundo desapareceu, ou pelo menos o mundo real, a cozinha com as paredes amarelas e o fogo reconfortante no fogão. Em vez disso, Clary visualizou as águas do Lago Lyn, refletindo fogo como se fosse a superfície de um pedaço de vidro polido. Anjos andavam sobre o vidro — anjos com asas brancas que pendiam sangrentas e quebradas, e cada um deles tinha o rosto de Jace. Então havia outros anjos, com asas de sombras negras, e estes colocavam a mão no fogo e riam...

— Ela não para de chamar o irmão. — A voz de Amatis parecia oca, como se filtrada por uma altura impossível acima. — Ele está com os Lightwood, não está? Estão com os Penhallow na Princewater Street. Eu poderia...

— Não — disse Luke, de maneira cortante. — Não. É melhor que Jace não fique sabendo sobre isso.

Eu estava chamando Jace? Por que faria isso?, perguntou-se Clary, mas a dúvida durou pouco; a escuridão voltou e as alucinações se apoderaram dela outra vez. Dessa vez, sonhou com Alec e Isabelle; ambos pareciam ter acabado de passar por uma batalha feroz, os rostos marcados por fuligem e lágrimas. Em seguida desapareceram, e ela sonhou com um homem sem face, asas negras brotando das costas como um morcego. Sangue escorria de sua boca quando sorria. Rezando para que as visões desaparecessem, Clary fechou os olhos com força...

Demorou muito até que emergisse novamente para o som de vozes acima.

— Beba isso — disse Luke. — Clary, você tem que beber isso. — Em seguida, havia mãos nas suas costas e um pano ensopado derramando algo fluido na sua boca. Tinha um gosto amargo e horrível, e Clary se engasgou, mas as mãos que a seguravam eram firmes. Engoliu, por cima da dor na garganta inchada. — Isso — disse Luke. — Isso, assim deve melhorar.

Clary abriu os olhos lentamente. Ajoelhados a seu lado estavam Luke e Amatis, os olhos azuis praticamente idênticos, cheios de preocupação. Olhou para trás deles e não viu nada — nada de anjos ou demônios com asas de morcego, apenas paredes amarelas e um bule de chá cor-de-rosa claro equilibrado de forma precária em um parapeito.

— Eu vou morrer? — sussurrou.

Luke sorriu abatido.

— Não. Vai demorar um pouquinho para voltar à forma, mas... você vai sobreviver.

— Tudo bem. — Estava exausta demais para sentir muita coisa, até mesmo alívio. Parecia que todos os ossos do corpo tinham sido removidos, deixando para trás uma cobertura flácida de pele. Olhando para cima, tonta, através dos cílios, quase sem pensar, ela disse: — Seus olhos são os mesmos.

Luke piscou.

— Os mesmos que o quê?

— Que os dela — disse Clary, movendo o olhar sonolento para Amatis, que parecia perplexa. — O mesmo azul.

O fantasma de um sorriso passou pelo rosto de Luke.

— Bem, não é muito surpreendente, se considerarmos... — começou ele. — Clary, não tive a chance de apresentá-las adequadamente antes. Esta é Amatis Herondale. Minha irmã.

O Inquisidor se calou assim que Alec e o superintendente estavam fora do alcance auditivo. Simon o seguiu pela trilha pouco iluminada por luz mágica, tentando não franzir os olhos diante da luminosidade. Estava ciente do Gard ao seu redor como a lateral de um navio se erguendo no oceano; luzes brilhavam das janelas, manchando o céu com um fulgor prateado. Havia janelas mais baixas também, no nível do chão. Muitas tinham grades, e só havia escuridão dentro.

Por fim chegaram a uma porta de madeira em arco na lateral do prédio. Aldertree se moveu para abrir a tranca, e o estômago de Simon se contraiu. As pessoas, notara, desde que havia se transformado em vampiro, tinham odores que mudavam de acordo com o humor. O Inquisidor cheirava a algo amargo e forte como café, mas muito mais desagradável. Simon sentiu a dor aguda na mandíbula que significava que as presas de vampiro queriam descer, e se encolheu para longe do Inquisidor enquanto este passava pela porta.

O corredor adiante era longo e branco, quase como um túnel, como se tivesse sido esculpido a partir de pedra branca. O Inquisidor se apressou, sua pedra de luz mágica refletindo na parede. Para um homem de pernas tão curtas, ele se movia com grande rapidez, olhando de um lado para o outro conforme avançava, franzindo o nariz como se cheirasse o ar. Simon teve que se apressar para acompanhá-lo enquanto passavam por um enorme par de portas, abertas como asas. Na sala à frente, Simon podia ver um anfiteatro com fileiras de cadeiras, cada uma ocupada por um Caçador de Sombras vestido de preto. Vozes ecoavam da parede, muitas exaltadas em raiva, e Simon ouviu trechos de conversas ao passar, as palavras indistintas conforme os falantes se sobrepunham uns aos outros.

— Mas não temos provas do que Valentim quer. Ele não comunicou sua vontade a ninguém...

— Que diferença faz o que ele quer? É um renegado e um mentiroso; você realmente acha que alguma tentativa de apaziguá-lo nos beneficiaria, no fim das contas?

— Sabia que uma patrulha encontrou o corpo de um filhote de lobisomem nos arredores de Brocelind? Drenado de sangue. Parece que Valentim completou o ritual aqui em Idris.

— Com posse de dois dos Instrumentos Mortais, ele é mais poderoso do que qualquer Nephilim tem o direito de ser. Talvez não tenhamos escolha...

— Meu primo morreu naquele navio em Nova York! Não podemos de jeito nenhum permitir que Valentim escape ileso com o que já fez! Temos de nos vingar!

Simon hesitou, curioso para ouvir mais, mas o Inquisidor estava zumbindo em

volta dele como uma abelha gorda e irritadiça.

— Vamos, vamos — disse ele, balançando a pedra de luz mágica à frente. — Não temos tempo a perder. Tenho que voltar para a reunião antes que acabe.

Ainda relutante, Simon permitiu que o Inquisidor o empurrasse pelo corredor, com a palavra "vingar" ainda ressoando nos ouvidos. A lembrança daquela noite no navio era fria, desagradável. Quando chegaram à porta esculpida com um símbolo preto e nítido, o Inquisidor pegou uma chave e a destrancou, guiando Simon para dentro com um gesto de boas-vindas.

A sala estava vazia, decorada com uma tapeçaria solitária que exibia um anjo se erguendo de um lago, empunhando uma espada numa das mãos e um cálice na outra. O fato de que já tinha visto tanto o Cálice quanto a Espada pessoalmente distraiu Simon por um instante. Só quando ouviu o clique de uma tranca percebeu que o Inquisidor tinha fechado a porta atrás deles, confinando os dois lá dentro.

Simon olhou em volta. Não havia móveis na sala além de um banco e uma mesa baixa ao lado. Um sino prateado decorativo estava repousado sobre a mesa.

— O Portal... é aqui? — perguntou, incerto.

— Simon, Simon. — Aldertree esfregou as mãos, como se ansioso por uma festa ou algum outro evento agradável. — Você realmente está com pressa para ir embora? Esperava poder lhe fazer algumas perguntas antes...

— Tudo bem. — Simon deu de ombros desconfortavelmente. — Acho que pode perguntar o que quiser.

— Quanta solicitude de sua parte! Que maravilha! — alegrou-se Aldertree. — Então, há quanto tempo exatamente você é um vampiro?

— Há mais ou menos duas semanas.

— E como aconteceu? Sofreu um ataque na rua, ou talvez à noite, na cama? Sabe quem o transformou?

— Bem... não exatamente.

— Mas, meu rapaz! — exaltou-se Aldertree. — Como pode não saber uma coisa dessas? — O olhar repousado em Simon era aberto e curioso. Ele parecia tão inofensivo, pensou Simon. Como o avô de alguém, ou um tio velho e engraçado. Simon provavelmente imaginara o cheiro amargo.

— Não foi tão simples assim — disse Simon, e prosseguiu explicando sobre as duas idas ao Dumort, uma como um rato e a segunda em um impulso tão forte que parecia que uma pinça enorme o segurara e o levara aonde queria. — Então, como pode perceber — concluiu —, assim que entrei pela porta do hotel, fui atacado... não sei qual deles me transformou, ou se foram todos, de algum jeito.

— Céus, céus. Isso não é nada bom. Muito perturbador — disse o Inquisidor, com uma voz estridente.

— Também achei — concordou Simon.

— A Clave não vai ficar satisfeita.

— O quê? — Simon estava estarrecido. — E por que a Clave se importa com a maneira como me tornei um vampiro?

— Bem, se você tivesse sido atacado, era uma coisa — disse Aldertree, num tom de quem se desculpa. — Mas você simplesmente foi para lá e, bem, se entregou aos vampiros, entende? Parece até que você *queria* se tornar um.

— Eu não queria ser um vampiro! Não foi por isso que fui até o hotel!

— Claro, claro. — A voz de Aldertree era tranquilizadora. — Vamos mudar de assunto, sim? — Sem esperar por uma resposta, prosseguiu: — Como foi que os vampiros permitiram que você sobrevivesse, jovem Simon? Considerando que ultrapassou o território deles, o procedimento padrão seria terem se alimentado até você morrer. Depois queimariam seu corpo para impedir que renascesse.

Simon abriu a boca para responder, para contar ao Inquisidor como Raphael o levara ao Instituto e Clary, Jace e Isabelle o haviam levado ao cemitério e cuidado dele enquanto cavava a própria sepultura. Então hesitou. Não sabia muito bem como funcionava a Lei, mas duvidava que em alguma circunstância fosse procedimento-padrão dos Caçadores de Sombras tomar conta de vampiros enquanto ascendiam, ou oferecer sangue para sua primeira alimentação.

— Não sei — disse ele. — Não faço ideia de por que me transformaram em vez de me matar.

— Mas um deles deve tê-lo deixado beber seu sangue, ou você não seria... bem, o que é hoje. Você está dizendo que não sabe quem foi o seu vampiro criador?

Meu vampiro criador? Simon nunca tinha pensado desse jeito; tinha consumido o sangue de Raphael quase que por acidente. E era difícil pensar no menino vampiro como qualquer espécie de criador. Raphael parecia mais novo do que Simon.

— Temo que não.

— Oh, céus! — Suspirou o Inquisidor. — Que infelicidade.

— O que é uma infelicidade?

— Bem, que você esteja mentindo para mim, meu rapaz. — Aldertree balançou a cabeça. — E eu tinha esperado *tanto* que você fosse colaborar. Isso é terrível, simplesmente terrível. Nem sequer *considerou* me contar a verdade? Como um favor?

— *Estou* contando a verdade.

O Inquisidor murchou como uma flor não regada.

— Que pena. — Suspirou novamente. — Que pena. — Ele atravessou a sala e

bateu com força na porta, ainda balançando a cabeça.

— O que está havendo? — Confusão e alarme tingiam a voz de Simon. — E o Portal?

— O Portal? — Aldertree riu. — Você não achou que eu simplesmente fosse deixá-lo *ir*, achou?

Antes que Simon pudesse dizer alguma coisa em resposta, a porta se escancarou e Caçadores de Sombras vestidos de preto irromperam dentro da sala, agarrando-o. Lutou enquanto mãos fortes se fechavam em cada um de seus braços. Um capuz foi colocado sobre sua cabeça, cegando-o. Deu chutes na escuridão. Atingiu alguma coisa com o pé e ouviu um palavrão.

Foi lançado para trás violentamente; uma voz quente rosnou ao seu ouvido:

— Repita isso, vampiro, e jogarei água benta na sua garganta para o assistir vomitar sangue até a morte.

— Basta! — O tom de voz fino e preocupado do Inquisidor se alterou. — Não haverá mais ameaças! Só estou tentando ensinar uma lição ao nosso convidado. — Ele deve ter se movido para a frente, pois Simon sentiu o cheiro estranho e amargo outra vez, abafado pelo capuz. — Simon, Simon — disse Aldertree. — Foi um prazer conhecê-lo. Espero que uma noite na prisão do Gard tenha o efeito desejado e pela manhã você colabore um pouco mais. Ainda vejo um futuro brilhante para nós, assim que passarmos por este pequeno percalço. — Simon sentiu a mão dele em seu ombro. — Levem-no para baixo, Nephilim.

Simon gritou, os berros sufocados pelo capuz. Os Caçadores de Sombras o arrastaram para fora da sala, e depois pelo que parecia uma infinidade de corredores labirínticos, serpenteados e angulosos. Por fim chegaram a uma escadaria, que Simon foi forçado a descer, os pés escorregando nos degraus. Não tinha como dizer nada sobre onde estavam — exceto que havia um cheiro próximo, sombrio ao redor, como pedra molhada, e que o ar estava se tornando mais úmido e frio à medida que desciam.

Finalmente pararam. Fez-se um ruído de raspagem, como ferro se arrastando sobre pedra, e Simon foi lançado para a frente ao som de passos que recuavam, o eco de botas na pedra enfraquecendo enquanto Simon cambaleava para levantar. A sensação quente, claustrofóbica e sufocante em volta de seu rosto desapareceu, e ele reprimiu o impulso de respirar fundo — coisa de que não precisava. Sabia que era apenas um reflexo, mas seu peito doía como se realmente tivesse sido privado de ar.

Estava em uma sala quadrada de pedra, com apenas uma janela de grade sobre uma cama pequena e aparentemente dura. Através de uma porta baixa, Simon podia enxergar um banheirinho com uma pia e uma privada. A parede oeste da sala também tinha grades — barras grossas que pareciam de ferro, do chão até o

teto, cravadas profundamente no solo. Havia uma porta de barras de ferro na parede; era de dobradiças e sua maçaneta de bronze era marcada com um símbolo preto e denso. Aliás, todas as barras tinham símbolos esculpidos; mesmo nas barras da janela havia linhas compridas e finas.

Apesar de saber que a porta da cela devia estar trancada, Simon não conseguiu se conter; atravessou a prisão para testar a maçaneta. Uma dor cortante correu por sua mão. Ele gritou e puxou o braço para trás, olhando-o fixamente. Fios de fumaça se ergueram da palma queimada; um desenho complexo havia sido marcado em sua pele. Parecia a estrela de Davi dentro de um círculo, com símbolos delicados desenhados em cada espaço entre as linhas.

A dor parecia incandescente. Simon fechou a mão enquanto um soluço emergia até a boca.

— Mas *o que é* isso? — Sussurrou, sabendo que ninguém podia ouvi-lo.

— É o Selo de Salomão — respondeu uma voz. — Contém, dizem eles, um dos Verdadeiros Nomes de Deus. Repele demônios, e a sua espécie também, sendo um artigo da sua fé.

Simon deu um salto, quase se esquecendo da dor na mão.

— Quem está aí? Quem disse isso?

Fez-se uma pausa. Em seguida:

— Estou na cela ao lado, Diurno — disse a voz. Era masculina, adulta, ligeiramente rouca. — Os guardas passaram metade do dia aqui conversando sobre como mantê-lo preso. Então eu nem perderia tempo tentando abrir. É melhor economizar energia até descobrir o que a Clave quer de você.

— Não podem me manter aqui — protestou Simon. — Não pertenço a este mundo. Minha família vai perceber que sumi, meus professores...

— Já cuidaram disso. Existem feitiços simples o bastante, que até um bruxo iniciante poderia utilizar, que darão aos seus pais a ilusão de que existe um motivo perfeitamente legítimo para o seu desaparecimento. Um passeio escolar. Uma visita familiar. É perfeitamente factível. — Não havia qualquer ameaça na voz, ou qualquer tristeza; era direta. — Você realmente acha que nunca fizeram alguém do Submundo desaparecer?

— Quem é você? — A voz de Simon estava entrecortada. — Também faz parte do Submundo? É aqui que nos mantêm?

Dessa vez não houve resposta. Simon chamou novamente, mas o vizinho claramente havia decidido que tinha dito tudo o que queria. Nada respondeu aos gritos de Simon, apenas silêncio.

A dor na mão havia diminuído. Olhando para baixo, Simon viu que a pele não parecia mais queimada, mas a marca do Selo estava registrada em sua palma, como se tivesse sido feita com tinta. Olhou novamente para as barras da cela.

Percebeu agora que nem tudo eram símbolos: entalhadas entre eles havia Estrelas de Davi e frases da Torá em hebraico. Os entalhes pareciam recentes.

Os guardas passaram metade do dia aqui conversando sobre como mantê-lo preso, a voz dissera.

Mas não apenas porque ele era um vampiro, ironicamente; em parte, porque era judeu. Passaram metade do dia marcando o Selo de Salomão na maçaneta para que o queimasse ao tocar. Tinham levado todo este tempo para colocar os artigos de sua fé contra ele.

Por algum motivo, essa percepção despiu qualquer resquício de autocontrole de Simon. Ele sentou-se na cama e colocou a cabeça nas mãos.

A Princewater Street estava escura quando Alec voltou do Gard, as janelas das

casas fechadas e cobertas por cortinas, somente um ou outro poste de luz enfeitiçada formando piscinas de luminosidade branca nos paralelepípedos. A casa dos Penhallow era a mais iluminada do bairro — velas brilhavam nas janelas, e a porta da frente estava entreaberta, permitindo que um feixe de claridade amarela se projetasse na calçada.

Jace estava sentado no muro baixo de pedras que cercava o jardim da frente dos Penhallow, seus cabelos reluzentes sob a claridade do poste mais próximo. Ele levantou o olhar enquanto Alec se aproximava, e estremeceu um pouco. Estava vestindo apenas uma jaqueta fina, Alec percebeu, e tinha esfriado desde o pôr do sol. O cheiro de rosas desabrochadas tardiamente pairava no ar frio como um perfume suave.

Alec sentou-se no muro ao lado de Jace.

— Passou o tempo todo aqui fora me esperando?

— Quem disse que estou esperando por você?

— Tudo correu bem, se é com isso que está preocupado. Deixei Simon com o Inquisidor.

— Você o *deixou*? Não ficou para se certificar de que ele voltasse bem?

— Tudo correu bem — repetiu Alec. — O Inquisidor disse que o levaria pessoalmente para enviá-lo de volta a...

— O Inquisidor disse, o Inquisidor disse — interrompeu Jace. — A última Inquisidora que conhecemos ultrapassou em muito os limites do poder que tinha... Se não tivesse morrido, a Clave a teria destituído do cargo, talvez até a tivesse amaldiçoado. Quem garante que o novo Inquisidor não é maluco também?

— Ele parecia tranquilo — disse Alec. — Bacana, até. Foi perfeitamente educado com Simon. Ouça, Jace, é assim que a Clave atua. Não controlamos tudo que acontece. Mas você precisa confiar neles. Caso contrário, tudo se transforma em caos.

— Mas eles vacilaram bastante nos últimos tempos, você tem que reconhecer.

— Talvez — disse Alec —, mas se você começar a pensar que sabe mais do que a Clave e a Lei, o que faz de *você* melhor do que a Inquisidora? Ou Valentim?

Jace se contraiu. Parecia ter levado um tapa de Alec, ou pior.

Alec sentiu um aperto no estômago.

— Desculpe. — Estendeu a mão. — Não quis...

Um raio de luz amarela brilhante cortou o jardim repentinamente. Alec levantou o olhar e viu Isabelle na entrada, cercada de luz. Era apenas uma silhueta, mas pelas mãos nos quadris, podia perceber que estava irritada.

— O que vocês dois estão *fazendo* aí fora? — perguntou. — Todos estão se

perguntando onde vocês estão.

Alec voltou-se para o amigo.

— Jace...

Mas Jace, levantando-se, ignorou a mão esticada de Alec.

— Espero que tenha razão quanto à Clave. — Foi tudo que disse.

Alec assistiu enquanto Jace voltava para a casa. Sem convite, a voz de Simon lhe veio à mente. *Agora passo o tempo todo pensando em como posso voltar ao que era antes, depois de uma coisa dessas. Se podemos ser amigos outra vez ou se o que tínhamos se quebrou. Não por causa dela, mas por minha causa.*

A porta da frente se fechou, e Alec ficou sentado sozinho no jardim semi-iluminado. Fechou os olhos por um instante, a imagem de um rosto pairando por trás de suas pálpebras. Não o rosto de Jace, pela primeira vez. Os olhos que via eram verdes, pupilas retas. Olhos de gato.

Abrindo os olhos, pôs a mão na sacola e pegou uma caneta e um pedaço de papel, arrancado do caderno de espiral que usava como diário. Escreveu algumas palavras e depois, com a estela, traçou o símbolo do fogo na base da folha. Subiu mais depressa do que ele imaginava; soltou o papel enquanto queimava, flutuando pelo ar como um vaga-lume. Logo tudo o que sobrou foram algumas cinzas, voando como pó branco pelos canteiros de rosas.

5

Um Problema de Memória

A luz da tarde acordou Clary, um raio de luminosidade pálida que incidia diretamente sobre seu rosto, iluminando o interior das pálpebras em um cor-de-rosa vivo. Ela se mexeu, inquieta, e abriu os olhos cautelosamente.

A febre desaparecera, assim como a sensação de que os ossos estavam derretendo e se quebrando dentro do corpo. Ela se sentou e olhou em volta, curiosa. Estava no que só podia ser o quarto de hóspedes de Amatis — era pequeno, pintado de branco, a cama coberta com uma manta velha de lã. Cortinas de laço se abriam sobre as janelas redondas, permitindo a entrada de círculos de luz. Sentou-se lentamente, esperando ficar tonta. Nada aconteceu. Sentia-se perfeitamente saudável, e até descansada. Ao sair da cama, olhou para si mesma. Alguém a tinha posto em um pijama branco engomado, apesar de agora estar amassado e ficar grande nela; as mangas penduravam-se por cima dos dedos.

Foi até uma das janelas circulares e espiou o lado de fora. Casas empilhadas, feitas de velhas pedras douradas, erguiam-se na lateral da colina, e os telhados pareciam ter telhas de bronze. Este lado da casa não tinha vista para o canal, dava em um jardim lateral estreito, que estava ficando marrom e dourado com o outono. Uma grade subia no lado da casa; uma última rosa se pendurava nela, as pétalas envelhecidas e já amarronzadas.

A maçaneta mexeu, e Clary voltou apressadamente para a cama antes de Amatis entrar, trazendo uma bandeja. Ergueu as sobrancelhas ao perceber que Clary estava acordada, mas não disse nada.

— Onde está Luke? — perguntou Clary, puxando a coberta mais para cima.

Amatis colocou a bandeja sobre a mesa ao lado da cama. Havia uma caneca de alguma coisa quente sobre ela, e algumas fatias de pão com manteiga.

— Você deveria comer alguma coisa — disse ela. — Vai se sentir melhor.

— Estou bem — disse Clary. — Cadê o Luke?

Havia uma cadeira de costas altas perto da mesa; Amatis se sentou, cruzou as mãos no colo, e olhou calmamente para Clary. Sob a luz do dia, Clary podia ver melhor as linhas no rosto da mulher — parecia muitos anos mais velha do que a mãe de Clary, apesar de não ser possível terem idades muito distantes. Seus cabelos castanhos eram marcados por fios grisalhos, os olhos com contornos cor-de-rosa escuros, como se tivesse chorado.

— Ele não está aqui.

— Não está aqui no sentido de ter ido até a esquina para comprar Coca Diet e algumas rosquinhas, ou não está aqui no sentido...

— Foi embora hoje pela manhã, após ter passado a noite sentado com você. Quanto ao destino, não foi específico. — O tom de Amatis era seco, e se Clary não estivesse se sentindo tão infeliz, teria achado graça no fato de que aquilo

fazia com que se parecesse ainda mais com Luke. — Quando ele morava aqui, antes de sair de Idris, depois que foi... transformado... comandava uma alcateia que morava na Floresta Brocelind. Disse que ia até eles, mas não explicou por quê, nem por quanto tempo, disse somente que voltaria em alguns dias.

— Simplesmente... me deixou aqui? E devo ficar quieta esperando que volte?

— Bem, não poderia levá-la junto, poderia? — perguntou Amatis. — E não será fácil para você voltar para casa. Você infringiu a Lei vindo para cá do jeito que veio, e a Clave não vai fazer vista grossa ou ser generosa quanto a deixá-la ir.

— Não quero ir para casa. — Clary tentou se recompor. — Vim aqui para... para encontrar uma pessoa. Tenho uma coisa para fazer.

— Luke me contou — disse Amatis. — Deixe-me dar um conselho: só encontrará Ragnor Fell se ele quiser ser encontrado.

— Mas...

— Clarissa — Amatis olhou com curiosidade para ela —, estamos esperando um ataque de Valentim a qualquer momento. Quase todo Caçador de Sombras em Idris está aqui na cidade, dentro das barreiras. Ficar em Alicante é a opção mais segura para você.

Clary congelou. Racionalmente, as palavras de Amatis faziam sentido, mas não ajudavam muito no que se referia a aquietar a voz interior que não parava de gritar que não podia esperar. Precisava encontrar Ragnor Fell *agora*; tinha que salvar a mãe *agora*; tinha que ir *agora*. Conteve o pânico e tentou falar casualmente.

— Luke nunca me disse que tinha uma irmã.

— Não — disse Amatis. — Não teria dito mesmo. Não éramos... próximos.

— Luke disse que seu sobrenome era Herondale — disse Clary. — Mas este é o sobrenome da Inquisidora. Não é?

— Era — disse Amatis, e enrijeceu o rosto como se as palavras doessem. — Ela era minha sogra.

O que Luke tinha dito a Clary sobre a Inquisidora? Que tinha tido um filho, que havia se casado com uma mulher com “ligações familiares indesejáveis”.

— Você foi casada com Stephen Herondale?

Amatis pareceu surpresa.

— Você sabe o nome dele?

— Sei, Luke me contou, mas achei que a mulher dele tivesse morrido. Pensei que fosse por isso que a Inquisidora parecesse tão... — *horrível*, queria dizer, mas isso parecia cruel — amarga — concluiu afinal.

Amatis alcançou a caneca que havia trazido; tremeu um pouco a mão ao levantá-la.

— Sim, ela morreu. Se matou. Foi Céline, a segunda mulher de Stephen. Eu fui a primeira.

— E se divorciaram?

— Algo assim. — Amatis entregou a caneca a Clary. — Ouça, beba isto. Precisa colocar alguma coisa no estômago.

Distraída, Clary pegou a caneca e tomou um longo gole. O líquido era encorpado e salgado — não era chá, como tinha pensado, mas sopa.

— Certo — disse ela. — Então, o que aconteceu?

Amatis estava olhando para longe.

— Fazíamos parte do Ciclo, Stephen e eu, assim como todo mundo. Quando Luke... quando aquilo aconteceu a Luke, Valentim precisava de um novo tenente. Ele escolheu Stephen. E quando o escolheu, decidiu que talvez não fosse adequado a esposa do melhor amigo e conselheiro ser alguém cujo irmão era...

— Um lobisomem.

— Ele usou outra palavra — a voz de Amatis era amarga — e convenceu Stephen a anular nosso casamento e encontrar outra mulher, uma que Valentim tinha escolhido para ele. Céline era tão jovem, tão completamente obediente.

— Que horror!

Amatis balançou a cabeça com um riso fraco.

— Foi há muito tempo. Stephen foi gentil, acho... Me deu esta casa e se mudou para a mansão Herondale com os pais e Céline. Nunca mais o vi depois disso. Deixei o Ciclo, é claro. Não me aceitariam mais. A única que ainda me visitou foi Jocelyn. Ela até me contou que quando foi visitar Luke... — colocou o cabelo cinzento atrás da orelha — soube do que tinha acontecido com Stephen na Ascensão depois que tudo acabou. E Céline, eu a detestava, mas senti pena quando soube. Dizem que cortou os pulsos, sangue por todos os lados... — respirou fundo. — Vi Imogen depois no funeral de Stephen, quando puseram o corpo no mausoléu dos Herondale. Nem pareceu me reconhecer. Foi nomeada Inquisidora pouco depois. A Clave achou que mais ninguém caçaria com tanto afinco os antigos membros do Ciclo, e era verdade. Se pudesse ter lavado as lembranças de Stephen com o sangue deles, o teria feito.

Clary pensou nos olhos frios da Inquisidora, no olhar certeiro e duro, e tentou sentir pena.

— Acho que isso a deixou louca — disse ela. — Muito louca. Foi horrível comigo, mas principalmente com Jace. Era como se o quisesse morto.

— Faz sentido — disse Amatis. — Você se parece com a sua mãe, e foi criada por ela, mas seu irmão... — inclinou a cabeça para o lado — ele se parece tanto com Valentim quanto você com Jocelyn?

— Não — disse Clary. — Jace só parece com ele mesmo. — Um tremor

passou por ela ao pensar em Jace. — Ele está aqui em Alicante — disse ela, pensando alto. — Se eu pudesse vê-lo...

— Não — falou Amatis com aspereza. — Você não pode deixar a casa. Para ver ninguém. E definitivamente não para ver seu irmão.

— Não posso sair de casa? — Clary ficou horrorizada. — Quer dizer que estou confinada aqui? Como uma prisioneira?

— Só por um ou dois dias — comunicou Amatis —, e, além disso, você não está bem. Precisa se recuperar. A água do lago quase a matou.

— Mas Jace...

— É um dos Lightwood. Você não pode ir até lá. Assim que a virem, vão avisar a Clave que está aqui. E aí você não será a única a ter problemas com a Lei. Luke também vai.

Mas os Lightwood não vão me trair para a Clave. Não fariam isso...

As palavras morreram em sua boca. Jamais conseguiria conseguir convencer Amatis de que os Lightwood que havia conhecido há 15 anos não existiam mais, que Robert e Maryse não eram mais fanáticos cegamente leais. Ela podia ser irmã de Luke, mas para Clary continuava sendo uma estranha. Era quase uma estranha para Luke. Ele não a via fazia 16 anos — sequer chegou a mencionar sua existência. Clary se inclinou para trás sobre os travesseiros, fingindo exaustão.

— Tem razão — disse. — Não estou me sentindo bem. Acho melhor dormir.

— Boa ideia. — Amatis se inclinou e pegou a caneca vazia da mão de Clary. — Se quiser tomar um banho, o banheiro fica do outro lado do corredor. E tem um baú de roupas velhas ao pé da cama. Você parece ter o mesmo tamanho que eu quando era da sua idade, então pode ser que caibam. Ao contrário do pijama — acrescentou, e deu um sorriso fraco que Clary não retribuiu. Estava ocupada demais combatendo o ímpeto de bater com os punhos no colchão, de frustração.

Assim que a porta se fechou atrás de Amatis, Clary saiu da cama e foi para o banheiro, torcendo para que a água quente ajudasse a clarear a mente. Para seu alívio, apesar de todos os costumes antiquados dos Caçadores de Sombras, eles pareciam acreditar em sistemas de encanamento modernos, e em água quente e fria. Havia até um sabão cítrico com cheiro forte para ajudar a combater o cheiro remanescente do Lago Lyn em seus cabelos. Quando voltou, enrolada em duas toalhas, estava se sentindo muito melhor.

De volta ao quarto, remexeu no baú de Amatis. As roupas estavam cuidadosamente guardadas entre camadas de papel de seda. Havia o que pareciam roupas de escola — casacos de lã azul-marinho com uma insígnia que parecia com quatro Cs de costas uns para os outros costurada sobre um bolso no peito, saias xadrez e camisas sociais com punhos estreitos. Havia um vestido

branco entre as camadas de papel — um vestido de casamento, Clary pensou, colocando-o de lado com cuidado. Abaixo, mais um vestido, este de seda prateada, com alças finas ornadas em joias para sustentar o tecido. Clary não conseguia imaginar Amatis com ele, mas... *Este é o tipo de coisa que minha mãe poderia ter vestido quando saía para dançar com Valentim*, não conseguia deixar de pensar, e deixou o vestido deslizar de volta para o baú, sentindo a textura macia e suave.

Em seguida, viu o uniforme de Caçadora de Sombras, no fundo.

Clary pegou aquelas roupas e as espalhou, curiosa, sobre o colo. Na primeira vez em que viu Jace e os Lightwood, estavam com as roupas de luta: camisas justas e calças de material escuro e resistente. De perto podia ver que o material não esticava, mas era duro, um couro fino batido até se tornar flexível. Havia uma espécie de jaqueta de zíper e calças com cintos complicados. Cintos de Caçadores de Sombras eram coisas grandes, firmes, feitas para sustentar armas.

Ela deveria, é claro, colocar um dos casacos e talvez uma saia. Provavelmente era o que Amatis tinha em mente quando sugeriu. Mas alguma coisa no uniforme de combate a chamava; *sempre* tinha tido curiosidade, sempre imaginou como seria...

Alguns minutos mais tarde as toalhas estavam penduradas ao pé da cama e Clary estava se olhando no espelho com surpresa, sem achar nenhuma graça. O uniforme cabia — era apertado, mas não muito, e fazia com que parecesse que *tinha* curvas, o que era uma espécie de novidade. Não podia deixá-la com aparência formidável — duvidava que alguma coisa pudesse — mas pelo menos parecia mais alta e, contra o material escuro, seus cabelos pareciam extraordinariamente brilhantes. Aliás... *pareço a minha mãe*, Clary pensou com espanto.

E parecia. Jocelyn sempre teve um interior duro de aço sob a aparência de boneca. Clary sempre imaginara o que havia acontecido no passado da mãe para deixá-la como era — forte e inflexível, teimosa e destemida. *Seu irmão se parece tanto com Valentim quanto você com Jocelyn?* Amatis perguntara, e Clary queria responder que não se parecia com a mãe, que a mãe era linda e ela não. Mas a Jocelyn que Amatis conhecera era a menina que havia planejado acabar com Valentim, que forjara secretamente uma aliança entre Nephilim e integrantes do Submundo para dissolver o Ciclo e salvar os Acordos. *Aquela* Jocelyn jamais teria concordado em ficar quieta em casa esperando enquanto o mundo ruía.

Sem parar para pensar, Clary atravessou o quarto e trancou a porta. Foi até a janela e a abriu. A grade estava lá, na lateral da parede de pedra como... *como uma escada*, disse Clary a si mesma. *Exatamente como uma escada — e escadas*

são perfeitamente seguras.

Respirando fundo, subiu no parapeito.

Os guardas voltaram para buscar Simon na manhã seguinte, sacudindo-o para acordá-lo de um sono ruim e atormentado por sonhos estranhos. Dessa vez não o vendaram quando o conduziram de volta para cima, e ele deu uma rápida olhada na porta de barras da cela ao lado da dele. Se tinha esperanças de ver o dono da voz rouca que havia lhe falado na noite anterior, ficou desapontado. A única coisa visível através das grades era o que parecia uma pilha de panos velhos.

Os guardas apressaram Simon por uma série de corredores cinzentos, sacudindo-o rapidamente se olhasse demais em alguma direção. Finalmente chegaram a uma sala cheia de papel de parede. Havia retratos pendurados, de

diferentes homens e mulheres com uniformes de Caçadores de Sombras, as molduras decoradas com símbolos. Embaixo de um dos maiores retratos havia um sofá vermelho no qual o Inquisidor estava sentado, segurando o que parecia um cálice de prata na mão. Ofereceu-o a Simon.

— Sangue? — perguntou. — Deve estar com fome.

Apontou o cálice na direção de Simon, e a visão do líquido vermelho o atingiu, assim como o cheiro. Suas veias se esticavam em direção ao sangue, como cordas em controle de um mestre de marionetes. A sensação era desagradável, quase dolorosa.

— É... humano?

Aldertree riu.

— Meu jovem! Não seja ridículo. É sangue de cervo. Fresquinho.

Simon não disse nada. O lábio inferior ardeu onde as presas desceram, e ele sentiu o gosto do próprio sangue na boca. Ficou enjoado.

A face de Aldertree se enrugou como uma ameixa seca.

— Céus — voltou-se para os guardas —, deixem-no agora, cavalheiros — disse, e eles viraram para sair. Só o Cônsul parou na porta, olhando de volta para Simon com um olhar de evidente nojo.

— Não, obrigado — disse Simon com a boca seca. — Não quero o sangue.

— Suas presas dizem o contrário, jovem Simon — respondeu Aldertree, engenhoso. — Aqui. Tome. — Esticou o cálice, e o cheiro de sangue pareceu preencher a sala como o cheiro de rosas em um jardim.

Os incisivos de Simon desceram, completamente expostos agora, rasgando-lhe o lábio. A dor foi como um tapa; ele foi para a frente, quase sem vontade, e agarrou o cálice da mão do Inquisidor. Esvaziou-o em três goles. Em seguida, percebendo o que tinha acabado de fazer, pousou-o no braço do sofá. A mão estava tremendo. *Inquisidor, um*, pensou. *Eu, zero*.

— Imagino que sua noite na cela não tenha sido tão desagradável? Não são feitas para serem câmaras de tortura, rapaz, é mais um espaço para reflexão forçada. Acho que a reflexão é excelente para centrar a cabeça, não concorda? É essencial para se pensar com clareza. Espero que tenha conseguido pensar um pouco. Parece um menino pensativo. — O Inquisidor inclinou a cabeça para o lado. — Levei aquele cobertor para você com minhas próprias mãos, saiba. Não queria que ficasse com frio.

— Sou um vampiro — disse Simon. — Não sentimos frio.

— Ah. — O Inquisidor parecia decepcionado.

— Apreciei as Estrelas de Davi e o Selo de Salomão — acrescentou Simon secamente. — É sempre bom ver pessoas se interessando pela minha religião.

— Ah, sim, claro, claro! — Aldertree alegrou-se. — Ótimos, não são, os

entalhes? Incrivelmente charmosos, e, claro, infalíveis. Imagino que qualquer tentativa de tocar a porta da cela iria derreter completamente a sua mão! — Riu, claramente empolgado com o pensamento. — Enfim. Poderia dar um passo para trás, rapaz? Só um favor, meramente um favor, você entende.

Simon deu um passo para trás.

Nada aconteceu, mas os olhos do Inquisidor se arregalaram e a pele estufada em volta deles pareceu esticada e brilhante.

— Entendo — suspirou.

— Entende o quê?

— Veja onde está, jovem Simon. Olhe em volta.

Simon olhou — nada na sala havia mudado, e ele precisou de um instante para perceber do que Aldertree estava falando. Estava sobre um pedaço iluminado pelo sol que entrava por uma janela no alto.

Aldertree estava quase se contorcendo de excitação.

— Você está diretamente exposto ao sol e isso não está causando qualquer efeito. Quase não teria acreditado... quero dizer, me contaram, é claro, mas nunca vi nada parecido.

Simon não disse nada. Não parecia haver nada a ser dito.

— A pergunta para você, é claro — prosseguiu Aldertree —, é se sabe por que é assim.

— Talvez eu seja mais simpático que os outros vampiros. — Simon imediatamente lamentou ter falado. Os olhos de Aldertree se apertaram, e uma veia saltou em sua têmpora como uma minhoca gorda. Claramente não gostava de piadas que não fossem feitas por ele mesmo.

— Muito engraçado, muito engraçado — disse ele. — Deixe-me perguntar o seguinte: você é um Diurno desde que renasceu dos mortos?

— Não — começou Simon com cuidado. — Não. No começo, o sol me queimava. Mesmo um feixe de luz solar feria minha pele.

— Muito bem — Aldertree assentiu vigorosamente, como se quisesse dizer que era assim que as coisas deveriam ser. — Então quando foi que percebeu que podia se expor ao sol sem dor?

— Foi na manhã depois da grande batalha no navio de Valentim que...

— Durante a qual Valentim o capturou, certo? Ele o manteve prisioneiro no navio, com a intenção de usar seu sangue para completar o Ritual da Conversão Infernal.

— Acho que já está sabendo de tudo — disse Simon. — Não precisa de mim.

— Ah, não, de jeito nenhum! — gritou Aldertree, jogando as mãos para o alto. Tinha mãos muito pequenas, Simon notou, tão pequenas que pareciam um pouco deslocadas nas extremidades daqueles braços. — Você tem muito a contribuir,

meu caro! Por exemplo, não posso deixar de imaginar se aconteceu alguma coisa no navio, alguma coisa que o *mudou*. Consegue pensar em alguma coisa?

Bebi o sangue de Jace, pensou Simon, quase inclinado a repetir o pensamento em voz alta, só de implicância — em seguida, com um susto, percebeu: *bebi o sangue de Jace*. Será que isso o tinha transformado? Seria possível? E, possível ou não, será que poderia dizer ao Inquisidor o que Jace tinha feito? Proteger Clary era uma coisa; proteger Jace era outra. Não devia nada a Jace.

Exceto que não era verdade. Jace lhe oferecera o próprio sangue, salvara sua vida. Outro Caçador de Sombras teria feito isso por um vampiro? E mesmo que tivesse feito apenas pelo bem de Clary, fazia alguma diferença? Pensou em si mesmo dizendo, *poderia tê-lo matado*. E Jace: *teria deixado*. Não tinha como prever em que espécie de encrenca Jace estaria se a Clave soubesse que ele tinha salvado a vida de Simon, e como.

— Não me lembro de nada no navio — disse Simon. — Acho que Valentim me dopou, ou coisa do tipo.

O rosto de Aldertree despencou.

— É uma péssima notícia. Péssima. Sinto muito em ouvir isso.

— Sinto muito também — disse Simon, apesar de não ser verdade.

— Então não há nada de que se lembre? Nenhum detalhezinho que se sobressaia?

— Só me lembro de ter desmaiado quando Valentim me atacou, e depois acordei... na caminhonete de Luke, indo para casa. Não me lembro de mais nada.

— Céus, céus. — Aldertree vestiu a capa. — Vejo que os Lightwood parecem ter se afeiçoado a você, mas outros da Clave não são tão... compreensivos. Foi capturado por Valentim, sobreviveu ao confronto com um novo poder peculiar que não tinha antes, e agora chegou ao coração de Idris. Entende o que isso *parece*?

Se o coração de Simon ainda batesse, estaria acelerado.

— Você acha que sou um espião de Valentim.

Aldertree pareceu espantado.

— Rapaz, rapaz, confio em você, é claro. Confio implicitamente! Mas a Clave, ah, a Clave... temo que sejam muito desconfiados. Torcíamos muito para que fosse capaz de nos ajudar. Veja, e eu não deveria estar lhe contando isso, mas sinto que posso confiar em você: a Clave está seriamente encrencada.

— A Clave? — Simon espantou-se. — Mas o que isso tem a ver com...

— Veja — prosseguiu Aldertree —, a Clave está dividida, em guerra consigo mesma, pode-se dizer, em tempos de guerra. Erros foram cometidos, pela última Inquisidora e por outros, talvez até seja melhor não perder tempo com isso. Mas veja bem, a própria autoridade da Clave, do Cônsul e do Inquisidor, está sendo

questionada. Valentim sempre parece estar um passo à nossa frente, como se conhecesse nossos planos com antecedência. O Conselho não vai ouvir o que digo nem o que Malaquias disser, não depois do que aconteceu em Nova York.

— Pensei que tinha sido a Inquisidora que...

— E foi Malaquias quem a indicou. É claro que ele não fazia ideia de que ela iria enlouquecer daquele jeito...

— Mas — disse Simon, um pouco azedo —, tem a questão do que isso *parece*.

A veia saltou na testa de Aldertree outra vez.

— Esperto — disse ele. — E tem razão. Aparências importam, na política principalmente. Sempre se pode influenciar a multidão, desde que se tenha *uma boa história*. — O Inquisidor se inclinou para a frente, os olhos fixos em Simon. — Agora me deixe contar uma história para *você*. É assim. Os Lightwood já integraram o Ciclo. Em algum momento, se arrependeram e receberam o perdão sob a condição de se manterem longe de Idris; foram para Nova York e administraram o Instituto de lá. Os registros limpos os fizeram recuperar a confiança da Clave. Mas o tempo todo sabiam que Valentim estava vivo. O tempo todo foram servos leais *dele*. Pegaram seu filho...

— Mas eles não sabiam...

— *Quieto* — rosnou o Inquisidor, e Simon se calou. — Ajudaram-no a encontrar os Instrumentos Mortais e auxiliaram com o Ritual da Conversão Infernal. Quando a Inquisidora descobriu o que tramavam secretamente, providenciaram para que fosse morta durante a batalha do navio. E agora estão aqui, no coração da Clave, para espiarem nossos planos e os revelarem a Valentim na medida em que forem elaborados, para poderem nos derrotar e curvar todos os Nephilim a sua vontade. E o trouxeram consigo, você, um vampiro que suporta a luz do sol, para nos desvirtuar de seus verdadeiros planos: devolver a glória ao Ciclo e destruir a Lei. — O Inquisidor se inclinou para a frente, os olhos suínos brilhando. — O que acha da história, vampiro?

— Acho loucura — disse Simon. — E tem mais buracos do que a Kent Avenue no Brooklyn, que, por sinal, não sabe o que é uma obra de restauração há anos. Não sei o que espera conseguir com isso...

— *Espera*? — ecoou Aldertree. — Eu não *espero*, menino do Submundo. Eu sei. Sei que é meu dever sagrado salvar a Clave.

— Com uma mentira? — disse Simon.

— Com uma história — disse Aldertree. — Grandes políticos relatam contos para inspirar seus seguidores.

— Não há nada de inspirador em culpar os Lightwood por tudo...

— Alguns sacrifícios são necessários — disse Aldertree. Seu rosto brilhava

com a luz refletida no suor. — Uma vez que o Conselho tenha um inimigo comum e uma razão para voltar a confiar na Clave, vai se unir. O que é o custo de uma família em comparação a tudo isso? Aliás, duvido que alguma coisa séria aconteça aos filhos dos Lightwood. Bem, talvez o menino mais velho. Mas os outros...

— Não pode fazer isso — disse Simon. — Ninguém vai acreditar nessa história.

— As pessoas acreditam no que querem acreditar — disse Aldertree —, e a Clave quer um culpado. Posso oferecer isso a eles. Só preciso de você.

— De mim? O que isso tem a ver comigo?

— Confesse. — O rosto do Inquisidor estava vermelho de empolgação agora. — Confesse que é um servo dos Lightwood, que estão todos com Valentim. Confesse e terei clemência. Eu o devolverei aos seus. Juro que o farei. Mas preciso de uma confissão para fazer a Clave acreditar.

— Você quer que eu confesse uma mentira — disse Simon. Sabia que só estava repetindo o que o Inquisidor já tinha dito, mas sua mente estava a mil; não parecia conseguir se agarrar a nenhum pensamento. Os rostos dos Lightwood giravam pela cabeça: Alec ofegando no caminho para o Gard; os olhos negros de Isabelle nos seus; Max inclinado sobre um livro.

E Jace. Jace era um deles tanto quanto se tivesse o mesmo sangue. O Inquisidor não havia dito o nome, mas Simon sabia que Jace pagaria junto com o resto. E o que quer que sofresse, Clary sofreria. Como isso tinha acontecido, se perguntou, ele estar ligado a essas pessoas — a pessoas que pensavam nele como nada além de um integrante do Submundo, semi-humano na melhor das hipóteses?

Levantou os olhos para o Inquisidor. Os de Aldertree eram de um estranho preto carvão.

— Não — disse Simon. — Não, eu não vou confessar.

— O sangue que lhe dei — disse Aldertree — é todo o sangue que vai receber até me dar uma resposta diferente. — Não havia qualquer gentileza na voz, nem mesmo falsa. — Ficaria surpreso pela sede que pode sentir.

Simon não disse nada.

— Mais uma noite na cela, então — disse o Inquisidor, se levantando e alcançando a campainha para chamar os guardas. — É bem pacífico aqui, não é? Acho realmente que uma atmosfera pacífica pode ajudar com um pequeno problema de memória, não acha?

Apesar de Clary ter dito a si mesma que se lembrava do caminho que tinha percorrido com Luke na noite anterior, constatou que não era verdade. Ir para o centro da cidade parecia a melhor aposta para encontrar um caminho, mas quando encontrou a praça de pedra com o poço inativo, não se lembrava se deveria ir para a esquerda ou para a direita. Foi para a esquerda, o que a conduziu a um arranjo de ruas retorcidas, cada uma mais parecida com a próxima, e cada passo a deixava mais perdida do que antes.

Finalmente emergiu em uma rua mais ampla cheia de lojas. Pedestres passavam apressados em ambos os lados, nenhum deles lhe dispensando qualquer atenção. Alguns também estavam vestidos com uniforme de combate, mas não a maioria: fazia frio lá fora, e casacos longos e antiquados eram a ordem do dia. O vento estava forte, e com uma pontada Clary pensou no seu casaco verde de veludo, pendurado no quarto de hóspedes de Amatis.

Luke não estivera mentindo quando disse que tinham vindo Caçadores de todas as partes do mundo para a reunião. Clary passou por uma mulher indiana com um belo sári de ouro, um par de lâminas curvas penduradas em uma corrente na cintura. Um homem alto e de pele escura com um rosto asteca angular estava olhando a vitrine de uma loja cheia de armamentos; pulseiras feitas do mesmo material sólido e brilhante das torres subiam por seus pulsos. Um pouco mais à frente na rua, um homem com uma túnica branca de nômade consultava o que parecia um mapa de ruas. Vê-lo fez com que Clary criasse coragem para abordar uma mulher que passava com um casaco pesado e pedisse instruções para achar o caminho para a Princewater Street. Se havia uma época em que os habitantes da cidade não necessariamente desconfiariam de alguém que não sabia aonde estava indo era agora.

Seus instintos estavam corretos; sem qualquer traço de hesitação, a mulher passou as instruções apressadamente.

— Então no fim do Canal Oldcastle, atravesse a ponte de pedra e vai encontrar a Princewater — disse, sorrindo para Clary. — Vai visitar alguém em particular?

— Os Penhallow.

— Ah, é a casa azul de bordas douradas, com os fundos para o canal. É grande, não tem como errar.

Ela não estava totalmente errada. Era grande, mas Clary passou direto antes de perceber o erro e dar meia-volta para olhar novamente. Era mais índigo do que azul, pensou, mas nem todos percebiam as cores do mesmo jeito que ela. A maioria das pessoas não sabia a diferença entre amarelo limão e açafrão. Como se fossem sequer parecidos! E as bordas não eram douradas, eram bronze. Um belo bronze escuro, como se a casa estivesse ali há muitos anos, e provavelmente

estava. Tudo neste lugar era tão antigo...

Chega, Clary disse a si mesma. Sempre fazia isso quando estava nervosa, deixava a mente vagar nas direções mais estranhas. Esfregou as mãos nas laterais da calça; as palmas estavam suadas e úmidas. O material era áspero e seco contra a pele, como escamas de cobra.

Subiu os degraus e pegou a aldrava pesada. Tinha o formato de asas de anjos, e quando a deixou cair, ouviu o som ecoando como um sino gigantesco. Um instante depois a porta se abriu, e Isabelle Lightwood estava na entrada, com os olhos arregalados em choque.

— *Clary*?

Clary sorriu um sorriso fraco.

— Oi, Isabelle.

Isabelle se inclinou contra a porta, com a expressão melancólica, e disse:

— Ai, *droga*.

De volta à cela, Simon caiu na cama, ouvindo os passos dos guardas recuando enquanto marchavam para longe da porta. Outra noite. Outra noite na prisão enquanto o Inquisidor esperava que se "lembrasse". *Entende o que isso parece*. Em todos os seus maiores temores, nos piores pesadelos, jamais ocorreu a Simon que alguém pudesse pensar que ele era cúmplice de *Valentim*. Valentim detestava integrantes do Submundo, isso era notório. Valentim o esfaqueou, drenou seu sangue, e o abandonou para morrer. Apesar de que, verdade seja dita, o Inquisidor não sabia disso.

Algo se remexeu do outro lado da parede de cela.

— Tenho que admitir, fiquei imaginando se voltaria — disse a voz rouca da qual Simon se lembrava da noite anterior. — Imagino que não tenha dado ao Inquisidor o que ele queria?

— Acho que não — disse Simon, se aproximando da parede. Passou os dedos pelas pedras, procurando alguma rachadura, algo através do qual pudesse espiar, mas não havia nada. — Quem é você?

— Ele é um homem teimoso, o Aldertree — disse a voz, como se Simon não tivesse falado. — Vai continuar tentando.

Simon se apoiou na parede úmida.

— Então acho que vou passar um bom tempo aqui.

— Suponho que não queira me contar o que ele quer de você?

— Por que quer saber?

A risada que respondeu a Simon soava como metal arranhando pedra.

— Estou nesta cela há mais tempo do que você, Diurno. Como pode perceber, não há muito com que ocupar a mente. Qualquer distração ajuda.

Simon cruzou as mãos sobre a barriga. O sangue do cervo tinha enganado um pouco a fome, mas não fora o bastante. Seu corpo ainda doía de sede.

— Você não para de me chamar assim — disse ele. — *Diurno*.

— Ouvi os guardas falando sobre você. Um vampiro que consegue andar ao sol. Ninguém nunca viu nada parecido.

— E no entanto, há um termo para definir. Conveniente.

— É um termo do Submundo, não da Clave. Existem lendas sobre criaturas como você. Fico surpreso que não saiba.

— Não faz muito tempo que sou do Submundo — disse Simon. — E você parece saber muito a meu respeito.

— Os guardas gostam de fofocar — disse a voz. — E os Lightwood aparecendo pelo Portal com um vampiro moribundo sangrando é uma bela fofoca. Apesar de que, devo dizer, não estava esperando vê-lo por aqui, não até começarem a arrumar a cela para você. Fico surpreso que os Lightwood tenham deixado.

— Por que não deixariam? — disse Simon, amargo. — Não sou nada. Sou do Submundo.

— Talvez para o Cônsul — disse a voz. — Mas os Lightwood...

— O que têm eles?

Fez-se uma pausa curta.

— Os Caçadores de Sombras que vivem fora de Idris, principalmente os que controlam Institutos, tendem a ser mais tolerantes. A Clave local, por outro lado, é bem mais... conservadora.

— E você? — disse Simon. — É do Submundo?

— Do *Submundo*? — Simon não tinha certeza, mas havia uma ponta de raiva na voz do estranho, como se não tivesse gostado da pergunta. — Meu nome é Samuel. Samuel Blackburn. Sou Nephilim. Há anos integrava o Ciclo, com Valentim. Matei integrantes do Submundo na Ascensão. *Não sou* um deles.

— Ah. — Simon engoliu em seco. Estava com gosto de sal na boca. Os integrantes do Ciclo de Valentim tinham sido presos e castigados pela Clave, lembrava; exceto por aqueles como os Lightwood, que tinham conseguido fazer acordos, ou aceitado exílio em troca de perdão. — E está aqui embaixo desde então?

— Não. Depois da Ascensão, fugi de Idris antes de ser capturado. Passei anos afastado, *anos*, até que, como um tolo, pensando que tinha sido esquecido, voltei. Claro que me pegaram assim que retornei. A Clave tem formas de encontrar os inimigos. Fui arrastado até o Inquisidor e interrogado durante dias. Quando acabaram, me puseram aqui. — Samuel suspirou. — Em francês este tipo de prisão é chamado de *oubliette*. Significa “local de esquecimento”. É onde se joga lixo do qual não se quer lembrar, para que ele possa apodrecer sem incomodar com o fedor.

— Tudo bem. Sou do Submundo, então sou lixo. Mas você não. Você é Nephilim.

— Sou um Nephilim que apoiava Valentim. Isso faz de mim alguém nada melhor do que você. Pior, até. Sou um traidor.

— Mas há vários outros Caçadores de Sombras que faziam parte do Ciclo: os Lightwood, e os Penhallow...

— Todos se retrataram. Viraram as costas para Valentim. Eu não.

— Você não? Mas por que não?

— Porque tenho mais medo de Valentim do que da Clave — disse Samuel —, e se você fosse sensato, Diurno, também teria.

— Mas você deveria estar em Nova York! — exclamou Isabelle. — Jace disse que você tinha mudado de ideia sobre vir até aqui. Disse que você queria ficar com a sua mãe!

— Jace mentiu — respondeu Clary secamente. — *Ele* não queria que eu viesse, então mentiu para mim sobre quando vocês vinham, depois mentiu para vocês sobre eu ter mudado de ideia. Lembra quando me disse que ele nunca mentia? *Não é verdade*.

— Normalmente não mente nunca — disse Isabelle, que tinha ficado pálida. — Ouça, você veio aqui, quero dizer, isso tem alguma coisa a ver com Simon?

— Com *Simon*? Não. Ele está seguro em Nova York, graças a Deus. Apesar de que vai ficar bem irritado por não ter conseguido se despedir de mim. — A expressão confusa de Isabelle estava começando a irritar Clary. — Vamos Isabelle, me deixe entrar. Preciso falar com Jace.

— Então... você veio para cá sozinha? Conseguiu permissão da Clave? Por favor, me diga que tem permissão da Clave.

— Bem, não...

— Você transgrediu a *Lei*? — O tom de voz de Isabelle subiu, em seguida caiu. Ela continuou, quase em um sussurro: — Se Jace descobrir, vai ter um ataque. Clary, você *tem* que ir para casa.

— Não. Tenho que ficar aqui — disse Clary, ela mesma incerta quanto a origem da própria teimosia. — E preciso falar com Jace.

— Agora não é um bom momento. — Isabelle olhou em volta ansiosa, como se esperasse que houvesse alguém a quem pudesse pedir ajuda para remover Clary da área. — Por favor, volte para Nova York. Por favor?

— Pensei que você *gostasse* de mim, Izzy. — Clary resolveu apelar.

Isabelle mordeu o lábio. Estava com um vestido branco e o cabelo preso, e parecia mais nova do que normalmente. Atrás dela, Clary podia ver a entrada alta com quadros em tinta a óleo aparentemente antigos.

— Eu *gosto* de você. É que o Jace... meu Deus, o que é que você está vestindo? Onde arranjou uniforme de combate?

Clary olhou para si.

— É uma longa história.

— Não pode entrar aqui assim. Se Jace vir você...

— Ah, e daí se me vir? Isabelle, vim aqui por causa da minha mãe, *pela* minha mãe. Jace pode não me querer aqui, mas não pode me obrigar a ficar em casa. Tenho que estar aqui. Minha mãe esperava que eu fizesse isso por ela. Você faria o mesmo pela sua, não faria?

— Claro que faria — disse Isabelle. — Mas Clary, Jace tem as razões dele...

— Então eu adoraria ouvir quais são. — Clary se abaixou e passou por baixo

do braço de Isabelle.

— Clary! — gritou Isabelle, e correu atrás dela, mas Clary já estava na metade do corredor. Ela viu, com a parte da mente que não estava se concentrando em desviar de Isabelle, que a casa era construída como a de Amatis, alta e esguia, mas consideravelmente maior e mais bem-decorada. O corredor abria-se para uma sala com janelas altas com vista para um canal. Barcos brancos transitavam pela água, com as velas flutuando como dentes-de-leão em uma brisa. Um menino de cabelos escuros estava sentado em um sofá perto de uma das janelas, aparentemente lendo um livro.

— Sebastian! — chamou Isabelle. — Não deixe que ela suba!

O menino levantou os olhos, alarmado — e um instante depois estava à frente de Clary, bloqueando a passagem para as escadas. Clary parou — nunca tinha visto ninguém se mover com tanta rapidez antes, exceto Jace. O menino não estava nem ofegando; aliás, sorria para ela.

— Então esta é a famosa Clary. — O sorriso iluminava seu rosto, e Clary se sentiu ficando sem ar. Havia anos que desenhava uma história em quadrinhos, o conto do filho de um rei sob uma maldição cujo efeito era que todos que ele amasse morreriam. Havia transformado todos os seus sonhos naquele príncipe sombrio, romântico, misterioso, e ali estava ele, na frente dela: a mesma pele pálida, o mesmo cabelo escorrido e olhos tão escuros que as pupilas pareciam se misturar à íris. As mesmas maçãs do rosto altas, sombreadas por longos cílios. Sabia que nunca tinha visto este menino antes, e mesmo assim...

Ele parecia confuso.

— Não acho que... já nos conhecemos?

Sem palavras, Clary balançou a cabeça.

— Sebastian! — O cabelo de Isabelle havia soltado, estava espalhado sobre os ombros, e ela os olhava, furiosa. — Não seja legal com ela. Ela não pode estar aqui. Clary, vá para casa.

Com esforço, Clary conseguiu afastar o olhar de Sebastian, e encarou Isabelle.

— O quê, voltar para Nova York? E como vou chegar lá?

— Como você chegou *aqui*? — perguntou Sebastian. — Entrar escondida em Alicante é um feito e tanto.

— Vim por um Portal — disse Clary.

— Um Portal? — Isabelle parecia espantada. — Mas não há mais nenhum Portal em Nova York. Valentim destruiu os dois...

— Não lhe devo explicações — disse Clary. — Não até que você me dê algumas. Para começar, onde está Jace?

— Ele não está aqui — respondeu Isabelle, exatamente na mesma hora em que Sebastian falou “lá em cima”.

Isabelle virou-se para ele:

— Sebastian! Cale a *boca*.

Sebastian parecia perplexo.

— Mas ela é irmã dele. Ele não ia querer vê-la?

Isabelle abriu a boca e a fechou outra vez. Clary podia perceber que estava avaliando o problema: de um lado teria de explicar a relação complicada entre os dois para um Sebastian completamente absorto, do outro previa o problema de Jace ter uma surpresa desagradável. Finalmente jogou as mãos para o ar em um gesto de desespero.

— Tudo bem, Clary — disse ela, com uma quantidade incomum de raiva na voz. — Vá em frente e faça o que quiser, independentemente de quem possa machucar. É o que sempre faz mesmo, não é?

Ai. Clary lançou um olhar de reprovação a Isabelle antes de se voltar mais uma vez para Sebastian, que saiu silenciosamente do caminho. Passou por ele e subiu as escadas, vagamente ciente das vozes abaixo enquanto Isabelle gritava com o pobre Sebastian. Mas assim era Isabelle — se houvesse algum menino por perto e alguém precisasse ser culpado de alguma coisa, Isabelle o culparia.

A escadaria alargava e chegava a um andar com uma alcova que tinha vista para a cidade. Havia um menino sentado nela, lendo. Levantou o olhar enquanto Clary subia as escadas, e piscou, surpreso.

— Eu conheço você.

— Oi, Max. Clary, a irmã do Jace. Lembra?

Max se alegrou.

— Você me ensinou a ler *Naruto* — disse, esticando o livro para ela. — Olhe, comprei mais um mangá. Este se chama...

— Max, não posso conversar agora. Prometo que vejo seu livro mais tarde, mas você sabe onde está Jace?

O sorriso de Max se desfez.

— Ali — disse ele, e apontou para a última porta do corredor. — Eu queria entrar com ele, mas ele me disse que precisava fazer coisas de adulto. Todo mundo vive me dizendo isso.

— Sinto muito — disse Clary, mas não estava mais com a cabeça na conversa. Estava muito adiantada: o que diria a Jace quando o visse? O que ele diria para *ela*? Avançando pelo corredor em direção à porta, pensou, *seria melhor ser simpática, não irritada; gritar com ele só fará com que fique na defensiva. Ele tem de entender que meu lugar é aqui, assim como o dele. Não preciso ser protegida como uma peça de porcelana chinesa. Também sou forte...*

Abriu a porta. O cômodo parecia uma espécie de biblioteca, as paredes repletas de livros. Era iluminado, a luz penetrava por uma janela no alto. No

meio da sala estava Jace. Mas não sozinho — nem de longe. Havia uma menina de cabelos escuros com ele, uma garota que Clary nunca tinha visto, e os dois estavam entrelaçados em um abraço apaixonado.

6

Sangue Ruim

Clary foi banhada por uma tontura, como se o ar tivesse sido sugado da sala. Tentou recuar, mas tropeçou e atingiu a porta com o ombro. Ela fechou com um estrondo, e Jace e a garota se separaram.

Clary congelou. Os dois olhavam para ela. Percebeu que a menina tinha cabelos escuros e lisos até os ombros, e era muito bonita. Os botões de cima da blusa estavam abertos, exibindo uma alça do sutiã de renda. Clary sentiu que estava prestes a vomitar.

As mãos da garota foram para a blusa, abotoando-a rapidamente. Não parecia contente.

— Com licença — disse, franzindo o rosto. — Quem é você?

Clary não respondeu — estava olhando para Jace, que a encarava incrédulo. Estava completamente pálido, com círculos escuros em volta dos olhos. Olhava para Clary como se estivesse olhando para o cano de uma arma.

— Aline — a voz de Jace saiu sem calor ou cor —, esta é a minha irmã, Clary.

— Ah. *Ah*. — O rosto de Aline relaxou em um sorriso ligeiramente sem graça. — Desculpe! Que jeito de conhecê-la. Oi, sou Aline.

Foi em direção a Clary, ainda sorrindo, com a mão esticada. *Acho que não consigo tocar nela,* Clary pensou, horrorizada. Olhou para Jace, que pareceu ter lido a expressão em seus olhos; sem sorrir, pegou Aline pelos ombros, e disse alguma coisa ao ouvido da garota. Ela pareceu surpresa, deu de ombros, e foi até a porta sem dizer mais nada.

Com isso, Clary ficou a sós com Jace. Sozinha com alguém que ainda a olhava como se ela fosse seu pior pesadelo, em carne e osso.

— Jace — disse ela, e deu um passo na direção dele.

Ele recuou como se ela estivesse coberta por alguma coisa venenosa.

— O que, em nome do Anjo, Clary, você está fazendo aqui?

Apesar de tudo, a dureza do tom a machucou.

— Você podia ao menos fingir que ficou feliz em me ver. Pelo menos um pouco.

— Não estou feliz em vê-la — disse ele. Parte da cor havia voltado a seu rosto, mas as marcas escuras embaixo dos olhos ainda eram manchas cinzentas na pele. Clary esperou que dissesse mais alguma coisa, mas ele parecia satisfeito em apenas encará-la com um horror evidente. Ela percebeu com uma clareza distraída que ele vestia um casaco preto largo nos pulsos, como se tivesse perdido peso, e que as unhas das mãos estavam completamente roídas. — Nem um pouco.

— Esse não é você — disse ela. — Detesto quando age assim...

— Ah, detesta? Bem, então é melhor que eu pare, não? Quero dizer, você faz tudo que *eu* peço.

— Você não tinha o direito de fazer o que fez! — estourou, furiosa, de repente. — Mentir para mim daquele jeito. Você não tinha o direito...

— Eu tinha *todo direito*! — gritou. Não achava que ele já tivesse gritado com ela assim. — Tinha todo o direito, sua idiota, idiota. Sou seu irmão, e eu...

— E você o quê? É meu dono? Não é meu dono, irmão ou não.

A porta atrás de Clary se escancarou. Era Alec, muito bem-vestido com um longo casaco azul, cabelos negros despenteados. Calçava botas sujas de lama e trazia uma expressão incrédula no rosto geralmente calmo.

— O que, em todas as dimensões possíveis, está acontecendo aqui? — disse ele, olhando de Jace para Clary com espanto. — Estão tentando se matar?

— De jeito nenhum — disse Jace. Como em um passe de mágica, Clary viu que tudo havia desaparecido: a fúria e o pânico, e ele estava friamente calmo outra vez. — Clary já estava indo.

— Ótimo — disse Alec —, porque preciso falar com você, Jace.

— Ninguém nessa casa diz "oi, bom te ver" mais? — perguntou Clary, para ninguém em particular.

Era mais fácil culpar Alec do que Isabelle.

— *É* bom te ver, Clary — disse ele —, exceto, claro, pelo fato de que você não deveria estar aqui. Isabelle me disse que chegou sozinha de algum jeito, e estou impressionado...

— Será que você poderia *não* encorajá-la? — perguntou Jace.

— Mas eu preciso muito, muito falar com você sobre uma coisa. Pode nos dar uns minutinhos?

— Também preciso falar com ele — disse ela. — Sobre a nossa mãe...

— Não estou a fim de conversa — disse Jace —, com nenhum dos dois, aliás.

— Está sim — disse Alec. — Você quer conversar comigo sobre isso.

— Duvido — disse Jace. Tinha voltado o olhar novamente para Clary. — Não veio para cá sozinha, veio? — perguntou lentamente, como se percebesse que a situação era ainda pior do que imaginava. — Quem veio com você?

Não parecia haver razão para mentir.

— Luke — disse Clary. — Luke veio comigo.

Jace ficou branco.

— Mas Luke é um integrante do Submundo. Você sabe o que a Clave faz com integrantes do Submundo que vêm para a Cidade de Vidro sem registro, com quem cruza as barreiras sem permissão? Vir a Idris é uma coisa, mas entrar em Alicante? Sem falar para ninguém?

— Não — disse Clary, em um quase sussurro —, mas sei o que você vai dizer...

— Que se você e Luke não voltarem imediatamente para Nova York, vão

descobrir?

Por um instante, Jace ficou calado, sustentando o olhar de Clary. O desespero na expressão dele a chocou. Era ele que a estava ameaçando, e não o contrário, afinal.

— Jace — disse Alec, no silêncio, com uma pontada de pânico na voz. — Você não se perguntou onde estive o dia todo?

— Está usando um casaco novo — disse Jace, sem olhar para o amigo. — Imagino que tenha ido às compras. Mas por que está tão ansioso em me importunar com isso, não faço ideia.

— Não estava fazendo compras — disse Alec, furioso. — Fui...

A porta se abriu outra vez. Com um floreio de vestido branco, Isabelle entrou, fechando a porta atrás. Olhou para Clary e balançou a cabeça.

— Falei que ele ia ter um ataque — disse ela. — Não falei?

— Ah, o "eu bem que avisei" — disse Jace. — Sempre um golpe de classe.

Clary olhou horrorizada para ele.

— Como você pode *brincar*? — sussurrou. — Você acabou de ameaçar Luke. Luke, que gosta de você e confia em você. Por que ele é um *membro do Submundo*. Qual é o seu problema?

Isabelle pareceu horrorizada.

— Luke está aqui? Ah, Clary...

— Ele *não está* aqui — disse Clary. — Foi embora, hoje de manhã, e eu não quero ir para onde ele foi. — Mal podia tolerar olhar para Jace. — Tudo bem. Você ganhou. Não deveríamos ter vindo. Nunca deveria ter feito aquele Portal...

— *Feito* um Portal? — Isabelle parecia espantada. — Clary, só um feiticeiro pode fazer um Portal. E não existem muitos. O único Portal em Idris fica no Gard.

— E é sobre isso que preciso conversar com você — sibilou Alec para Jace, que estava, Clary constatou com surpresa, ainda pior do que antes; parecia prestes a desmaiar. — Sobre aquilo que fui fazer ontem, a coisa que tinha que entregar no Gard...

— Alec, pare. *Pare* — disse Jace, e o desespero duro em sua voz interrompeu o outro; Alec fechou a boca e ficou olhando para Jace, mordendo o lábio. Mas Jace não pareceu vê-lo; estava olhando para Clary, seu olhar duro como vidro. Finalmente falou: — Tem razão — disse com a voz engasgada. — Não devia ter vindo. Sei que disse que é porque não é seguro para você aqui, mas não é verdade. A verdade é que não a quero aqui porque é precipitada, descuidada, e vai estragar tudo. É o seu jeito. Você não é cuidadosa, Clary.

— Vou... estragar... tudo? — Clary não conseguia encher os pulmões com ar o suficiente para produzir nada além de um sussurro.

— Ah, *Jace* — disse Isabelle com tristeza, como se fosse *ele* que tivesse sido magoado. Ele não olhou para ela. Estava olhando fixamente para Clary.

— Sempre age sem pensar — disse Jace. — Você sabe disso, Clary. Jamais teríamos ido parar no Dumort se não fosse por você.

— E Simon estaria *morto*! Isso não conta para nada? Talvez eu tenha sido precipitada, mas...

Ele levantou a voz:

— *Talvez*?

— Mas não é como se todas as minhas decisões tenham sido ruins! Você disse, depois do que fiz no barco, você *disse* que eu tinha salvado a vida de todo mundo...

O que restava da cor no rosto de Jace desapareceu, então disse, com uma crueldade repentina e aterradora:

— Cala a boca, Clary, CALA A BOCA...

— No barco? — O olhar de Alec passeou entre os dois, espantado. — O que aconteceu no barco? Jace...

— Só disse aquilo para impedi-la de ficar choramingando! — gritou Jace ignorando Alec, ignorando tudo que não fosse Clary. Ela podia sentir a força da fúria repentina como uma onda ameaçando derrubá-la. — Você é um desastre para nós, Clary! Você é uma mundana e sempre será, nunca será Caçadora de Sombras. Não sabe pensar como nós, pensar no que é melhor para todo mundo, só pensa em você! Mas tem uma guerra acontecendo agora, ou haverá em breve, e não tenho tempo nem disposição para ficar correndo atrás de você, tentando me certificar de que não vá fazer com que um de nós acabe morrendo!

Ela simplesmente o encarou. Não conseguia pensar em nada para dizer; ele nunca tinha falado com ela assim. Jamais sequer o imaginara falando desse jeito. Por mais que já o tivesse irritado no passado, ele jamais havia falado com ela como se a odiasse.

— Vá para casa, Clary — disse. Parecia muito cansado, como se o esforço de falar como realmente se sentia o tivesse esgotado. — Vá para casa.

Todos os planos dela evaporaram — as esperanças semiformadas de correr atrás de Fell, salvar a mãe, até de encontrar Luke — nada importava, nenhuma palavra veio. Caminhou até a porta. Alec e Isabelle se afastaram para deixá-la passar. Nenhum dos dois olhou para ela; em vez disso desviaram o olhar, suas expressões pareciam chocadas e constrangidas. Clary sabia que provavelmente deveria se sentir humilhada, tanto quanto furiosa, mas não. Simplesmente se sentiu morta por dentro.

Virou ao chegar na porta e olhou para trás. Jace a encarava. A luz que entrava pela janela deixava o rosto dele à sombra; tudo o que podia ver eram os pontos

brilhantes de luz do sol que salpicavam seus cabelos claros, como cacos de vidro.

— Na primeira vez que você me disse que era filho de Valentim, não acreditei — disse ela. — Não apenas porque não queria que fosse verdade, mas porque você não era nada como ele. Mas você é. *Você é*.

Ela saiu da sala, fechando a porta.

— Vão me matar de fome — disse Simon.

Estava deitado no chão da cela, a pedra fria sob as costas. Mas daquele ângulo, podia ver o sol pela janela. Nos dias que se seguiram à transformação de Simon em vampiro, quando pensava que jamais voltaria a ver a luz do sol, se pegou pensando incessantemente nele e no céu. Sobre como a cor do céu

mudava durante o dia: sobre o céu claro da manhã, o azul quente do meio-dia, e o tom de cobalto da escuridão do crepúsculo. Deitava-se acordado na escuridão, uma procissão de azul marchando por seu cérebro. Agora, deitado de costas na cela sob o Gard, imaginava se a luz do sol e tantos azuis lhe haviam sido restituídos só para que pudesse passar o desagradável resto da vida neste pequeno espaço com apenas um corte do céu visível através da janela de grade na parede.

— Você ouviu o que eu disse? — Levantou a voz. — O Inquisidor vai me matar de fome. Nada de sangue.

Fez-se um barulho de movimentação. Um suspiro audível. Então Samuel falou:

— Ouvi. Só não sei o que quer que eu faça a respeito. — Fez uma pausa. — Sinto muito, Diurno, se for de alguma ajuda.

— Na verdade, não — disse Simon. — O Inquisidor quer que eu minta. Quer que eu diga a ele que os Lightwood estão compactuando com Valentim. Aí ele me mandaria para casa. — Rolou de bruços, as pedras arranhando sua pele. — Deixe para lá. Não sei por que estou contando isso tudo. Você provavelmente não faz ideia do que estou falando.

Samuel emitiu um ruído, algo entre uma risada e uma tossida.

— Na verdade, sei sim. Conheci os Lightwood. Fazíamos parte do Ciclo juntos. Os Lightwood, os Wayland, os Pangborn, os Herondale, os Penhallow. Todas as boas famílias de Alicante.

— E Hodge Starkweather — disse Simon, pensando no tutor dos Lightwood. — Ele também fazia, não?

— Fazia — disse Samuel. — Mas a família dele não era nada respeitada. Hodge se mostrou promissor outrora, mas temo que jamais tenha correspondido às expectativas. — Fez mais uma pausa. — Aldertree sempre detestou os Lightwood, é claro, desde que éramos crianças. Não era rico, inteligente ou bonito, e, bem, eles não eram muito gentis com ele. Acho que ele nunca superou.

— Rico? — disse Simon. — Pensei que todos os Caçadores de Sombras fossem pagos pela Clave. Como... sei lá, num regime comunista ou coisa do tipo.

— Teoricamente, todos os Caçadores de Sombras são justa e igualmente remunerados — disse Samuel. — Alguns, como aqueles com posições mais altas na Clave, ou aqueles com grande responsabilidade, os que comandam um Instituto, por exemplo, recebem um salário maior. E tem também aqueles que vivem fora de Idris e optam por ganhar dinheiro mundano; não é proibido, desde que paguem uma fração para a Clave. Mas... — Samuel hesitou — você viu a casa dos Penhallow, não viu? O que achou?

Simon tentou recuperar a lembrança.

— Muito chique.

— É uma das melhores casas de Alicante — disse Samuel. — E eles têm outra, uma mansão no campo. Quase todas as famílias ricas têm. Veja bem, para os Nephilim, existe outra maneira de adquirir riqueza. Eles chamam de "espólio". Qualquer coisa que pertencesse a um demônio ou a um integrante do Submundo morto por um Caçador de Sombras se torna propriedade deste. Então se um feiticeiro rico transgride a Lei e é morto por um Nephilim...

Simon estremeceu.

— Então matar integrantes do Submundo é um negócio lucrativo?

— Pode ser — disse Samuel, amargo —, se você não ficar escolhendo muito quem mata. Dá para entender por que há tanta oposição aos acordos. Atinge o bolso, ser obrigado a ter cuidado com o assassinato de membros do Submundo. Talvez tenha sido por isso que me juntei ao Ciclo. Minha família nunca foi rica, e ser menosprezado por não aceitar dinheiro de sangue... — interrompeu-se.

— Mas o Ciclo também matava pessoas do Submundo — disse Simon.

— Porque achavam que isso era um dever sagrado — disse Samuel. — Não por ganância. Apesar de agora não conseguir imaginar porque eu achava que importava. — Ele soava exausto. — Era Valentim. Ele tinha um jeito. Podia convencê-lo de qualquer coisa. Lembro de ter ficado ao lado dele, com as mãos cobertas de sangue, olhando para o corpo de uma mulher morta, e achando que o que estava fazendo só podia estar certo, pois fora isso que Valentim dissera.

— Uma mulher do Submundo?

Samuel arfava do outro lado da parede. Finalmente, falou:

— Você tem que entender, eu teria feito qualquer coisa que ele mandasse. Qualquer um de nós teria. Os Lightwood também. O Inquisidor sabe disso, e é isso que está tentando explorar. Mas você deve saber, existe a chance de que você ceda e ponha a culpa nos Lightwood e ele o mate assim mesmo, para calá-lo. Vai depender se a ideia de ser piedoso vai fazê-lo se sentir poderoso.

— Não importa — disse Simon. — Não vou fazer. Não vou trair os Lightwood.

— Sério? — Samuel não parecia convencido. — Existe alguma razão para isso? Você gosta tanto assim deles?

— Qualquer coisa que eu dissesse sobre eles seria mentira.

— Mas pode ser a mentira que ele quer ouvir. Você quer ir para casa, não quer?

Simon encarou a parede como se, de alguma forma, pudesse enxergar através dela e ver o homem do outro lado.

— É isso que você faria? Mentiria para ele?

Samuel tossiu — uma tosse enferrujada, como se não estivesse muito bem de

saúde. Mas, pensando bem, era frio e úmido ali embaixo, coisa que não incomodava Simon, mas provavelmente afetaria muito um ser humano normal.

— Eu não aceitaria conselhos morais de mim — disse ele. — Mas sim, provavelmente mentiria. Sempre pus minha própria pele em primeiro lugar.

— Tenho certeza de que isso não é verdade.

— Na verdade — disse Samuel —, é sim. Uma coisa que se aprende à medida em que se envelhece, Simon, é que quando as pessoas dizem alguma coisa negativa a respeito de si próprias, geralmente é verdade.

Mas eu não vou envelhecer, pensou Simon. Em voz alta disse:

— Essa é a primeira vez que me chama de Simon. Simon, não Diurno.

— Suponho que sim.

— Quanto aos Lightwood — disse Simon —, não é que eu goste tanto deles. Quero dizer, gosto de Isabelle, e gosto um pouco de Alec e Jace também. Mas tem uma garota... E Jace é irmão dela.

Quando Samuel respondeu, pela primeira vez parecia estar genuinamente atento:

— Sempre tem uma garota.

*

No instante em que a porta se fechou e Clary se foi, Jace se jogou contra a parede, como se as pernas tivessem sido arrancadas. Estava pálido, com uma mistura de horror, choque e o que se parecia quase com... alívio, como se uma catástrofe tivesse sido evitada por pouco.

— Jace — disse Alec, dando um passo em direção ao amigo. — Você realmente acha...

Jace falou com a voz baixa, interrompendo Alec:

— Saiam — disse ele. — Apenas saiam, os dois.

— Para você poder fazer o quê? — perguntou Isabelle. — Arruinar a própria vida um pouco mais? Que merda foi essa?

Jace balançou a cabeça.

— Mandei Clary para casa. Era o melhor para ela.

— Você fez muito mais do que mandá-la para casa. Você acabou com ela. Viu a cara dela?

— Valeu a pena — disse Jace. — Você não entenderia.

— Para ela, talvez — disse Isabelle. — Espero que valha a pena para você também.

Jace virou a cara.

— Apenas... me deixe sozinho, Isabelle. Por favor.

Isabelle lançou um olhar espantado para o irmão. Jace nunca dizia "por favor". Alec pôs a mão no ombro dela.

— Deixe para lá, Jace — disse, o mais gentil possível. — Tenho certeza de que ela vai ficar bem.

Jace levantou a cabeça e olhou para Alec sem realmente olhar para ele — parecia estar encarando o nada.

— Não, ela não vai — disse ele. — Mas eu sabia disso. Aliás, pode me dizer o que veio aqui dizer. Você parecia achar muito importante naquela hora.

Alec tirou a mão do ombro de Isabelle.

— Não queria falar na frente de Clary...

Os olhos de Jace finalmente focaram em Alec.

— Não queria me falar o que na frente dela?

Alec hesitou. Quase nunca via Jace tão irritado, e só podia imaginar que efeito mais notícias desagradáveis poderiam ter. Mas não havia como esconder. Ele tinha que saber.

— Ontem — começou ele, com a voz baixa —, quando levei Simon para o Gard, Malaquias me disse que Magnus Bane iria encontrá-lo do outro lado do Portal, em Nova York. Então mandei uma mensagem com fogo para Magnus. Ele me respondeu hoje de manhã. Não encontrou Simon em Nova York. Aliás, ele disse que não houve qualquer atividade de Portal em Nova York desde que Clary passou.

— Talvez Malaquias estivesse errado — sugeriu Isabelle, após ver o rosto pálido de Jace. — Talvez outra pessoa tenha encontrado Simon do outro lado. E Magnus pode estar enganado quanto às atividades de Portal...

Alec balançou a cabeça.

— Fui até o Gard hoje de manhã com a mamãe. Queria perguntar pessoalmente a Malaquias, mas quando o vi... não sei dizer por quê, mas me escondi. Não conseguia encará-lo. Em seguida, o ouvi conversando com um dos guardas. Dizendo a eles para levarem o vampiro de volta lá para cima, pois o Inquisidor queria falar com ele outra vez.

— Tem certeza de que estavam falando de Simon? — perguntou Isabelle, mas não havia dúvida em seu tom de voz. — Talvez...

— Estavam falando sobre como o garoto do Submundo tinha sido burro por acreditar que simplesmente o mandariam de volta a Nova York sem interrogatório. Um deles disse que não conseguia acreditar que alguém tivesse tido a audácia de tentar trazê-lo para Alicante. E Malaquias disse: "bem, o que você espera do filho de Valentim?".

— Oh — sussurrou Isabelle. — Ai, meu Deus. — Ela olhou para o outro lado da sala. — Jace...

As mãos de Jace estavam cerradas em punhos nas laterais do corpo. Os olhos pareciam afundados, como se estivessem sendo empurrados para dentro do crânio. Em outras circunstâncias Alec teria posto a mão no ombro dele, mas não agora; alguma coisa em Jace o fez se conter.

— Se não tivesse sido eu a trazê-lo — disse Jace com a voz baixa e comedida, como se estivesse recitando alguma coisa —, talvez tivessem-no deixado ir para casa. Talvez tivessem acreditado...

— Não — disse Alec. — Não, Jace, a culpa não é sua. Você salvou a vida dele.

— Salvei para a Clave poder torturá-lo — disse Jace. — Que grande favor. Quando Clary descobrir... — balançou a cabeça — vai achar que o trouxe aqui de propósito, que o entreguei para a Clave *sabendo* o que iriam fazer.

— Ela não vai pensar isso. Você não teria motivo nenhum para fazer uma coisa dessas.

— Talvez — disse Jace, lentamente —, mas depois do jeito como acabei de tratá-la...

— Ninguém nunca poderia pensar que você faria isso, Jace — disse Isabelle. — Ninguém que o conheça. Ninguém...

Mas Jace não esperou para descobrir o que mais ninguém pensaria. Em vez disso, virou as costas e foi até a janela com vista para o canal. Ficou ali por um instante, a luz que entrava da janela deixando as pontas de seus cabelos dourados. Em seguida se moveu tão depressa que Alec não teve tempo de reagir. Quando viu o que ia acontecer, já era tarde demais.

Houve um barulho — o som de algo espatifando — e uma rajada repentina de vidro quebrado como um banho de estrelas estilhaçadas. Jace olhou com um interesse clínico para a mão esquerda, as juntas em escarlate enquanto grossas gotas de sangue se formavam e pingavam no chão.

Isabelle olhou de Jace para o buraco no vidro; linhas irradiavam do centro vazio, uma teia de aranha de finas rachaduras prateadas.

— Ah, Jace — disse ela, com a voz mais suave que Alec já tinha ouvido. —

Como é que vamos explicar isso para os Penhallow?

De algum jeito, Clary conseguiu sair da casa. Não sabia ao certo como — tudo foi um borrão acelerado de escadas e corredores, em seguida estava correndo para a porta da frente, e de alguma forma chegara aos degraus da entrada da casa, tentando decidir se vomitaria ou não nos canteiros de rosas.

Estavam posicionados no lugar perfeito para isso, e seu estômago girava dolorosamente, mas o fato de que não tinha ingerido nada além de uma sopa estava começando a fazer efeito. Não achava que havia nada no estômago para vomitar. Em vez disso, desceu e caminhou cegamente até o portão — não se lembrava mais de que direção tinha vindo ou de como voltar para a casa de Amatis, mas não parecia mais tão importante. Não era como se estivesse ansiosa

para voltar e explicar para Luke que tinham que deixar Alicante ou Jace os entregaria para a Clave.

Talvez Jace estivesse certo. Talvez ela *fosse* precipitada e imprudente. Talvez nunca pensasse sobre os impactos de suas atitudes sobre as pessoas que amava. O rosto de Simon apareceu em sua frente, nítido como uma foto, em seguida o de Luke...

Parou e se apoiou em um poste de luz. O quadrado de vidro parecia o tipo de lampião nos postes *vintage* na frente das pedras de muralha no Park Slope. Por algum motivo, era reconfortante.

— Clary! — era a voz de um garoto e soava ansiosa. *Jace*, pensou Clary imediatamente. E virou-se.

Não era Jace. Sebastian, o garoto de cabelos negros da sala dos Penhallow, estava na sua frente, ofegando como se a tivesse perseguido correndo pela rua.

Ela sentiu uma explosão da mesma sensação de antes, quando o viu pela primeira vez — reconhecimento, misturado a alguma coisa que não sabia identificar. Não era gostar ou desgostar — era uma espécie de ímpeto, como se algo a atraísse para aquele desconhecido. Talvez fosse apenas a aparência. Ele era lindo, tão lindo quanto Jace, apesar de que o que Jace tinha de dourado, este tinha de palidez e sombras. Contudo, agora, sob a luz do poste, ela podia ver que a semelhança com seu príncipe imaginário não era tão precisa quanto pensara. Até os tons eram diferentes. Era alguma coisa no formato do rosto, a maneira como se portava, o mistério escuro dos olhos...

— Você está bem? — disse ele. Tinha a voz suave. — Saiu correndo da casa como... — Parou de falar ao olhar para ela. Ainda estava agarrada ao poste como se precisasse dele para se manter de pé. — O que aconteceu?

— Briguei com Jace — disse ela, tentando manter o tom de voz controlado. — Sabe como é.

— Na verdade, não. — O tom era de quem pede desculpas. — Não tenho irmãos.

— Sorte sua — disse ela, e ficou surpresa com a amargura na própria voz.

— Não está falando sério. — Ele deu um passo mais para perto dela, e ao fazê-lo, o poste de luz piscou, formando uma piscina de luz enfeitiçada branca sobre os dois. Sebastian olhou para a luz e sorriu. — É um sinal.

— Um sinal de quê?

— Um sinal de que deve me deixar levá-la para casa.

— Mas não faço ideia de como fazer isso — disse ela, quando percebeu que realmente não sabia. — Saí de fininho da casa para vir até aqui. Não me lembro do caminho que fiz.

— Bem, onde está hospedada?

Ela hesitou antes de responder.

— Não vou contar para ninguém — disse ele. — Juro pelo Anjo.

Clary o encarou. Era um juramento e tanto, para um Caçador de Sombras.

— Tudo bem — disse ela, antes que pudesse repensar a decisão. — Estou hospedada com Amatis Herondale.

— Ótimo. Sei exatamente onde ela mora. — Ofereceu-lhe o braço. — Vamos?

Ela conseguiu dar um sorriso.

— Você é um pouco insistente, sabia?

Ele deu de ombros.

— Tenho um fetiche por donzelas em apuros.

— Não seja machista.

— Nem um pouco. Meus serviços também estão disponíveis para cavalheiros em apuros. É um fetiche igualitário — disse ele e, com um floreio, ofereceu novamente o braço.

Dessa vez, ela aceitou.

Alec fechou a porta da pequena sala do porão atrás de si e virou para encarar Jace. Normalmente, tinha olhos da cor do Lago Lyn, azul-claro e imperturbável, mas a cor tendia a mudar com os humores. Naquele instante, estavam turvos como o East River durante uma tempestade. Sua expressão também estava tempestuosa.

— Sente-se — disse ele a Jace, apontando para a cadeira baixa perto da janela empenada. — Vou buscar as ataduras.

Jace se sentou. O quarto que dividia com Alec no alto da casa dos Penhallow era pequeno, com duas camas estreitas, uma em cada parede. As roupas ficavam penduradas em cabides de madeira na parede. Havia uma única janela, que permitia a entrada de uma luz fraca — estava escurecendo, e o céu do lado de fora do vidro era azul-escuro. Jace olhou enquanto Alec se ajoelhava para pegar a bolsa de lona embaixo da cama e abri-la. Remexeu ruidosamente o conteúdo antes de se levantar com uma caixa em mãos. Jace a reconheceu como a caixa de suprimentos médicos que usavam quando os símbolos não eram opção — antisséptico, ataduras, tesouras e gaze.

— Você não vai usar um símbolo de cura? — perguntou Jace, mais por curiosidade do que por qualquer outra coisa.

— Não. Você não pode simplesmente... — Alec parou de falar, jogando a caixa na cama com um xingamento mudo. Foi até a pequena pia na parede e lavou as mãos com tanta força que a água esguichou para os lados. Jace assistiu com uma curiosidade distante. Suas mãos começaram a queimar com uma dor indistinta e ardente.

Alec pegou a caixa, puxou uma cadeira para perto da de Jace, e se sentou.

— Me dê a mão.

Jace esticou a mão. Tinha que admitir que estava bem feia. Os nós dos dedos estavam feridos, lembravam estrelas vermelhas explodindo. Havia sangue seco espalhado pelos dedos, uma luva vermelho-acastanhada.

Alec fez uma careta.

— Você é um idiota.

— Obrigado — disse Jace. Observou pacientemente enquanto Alec se curvava sobre a mão com um par de pinças e gentilmente retirava um pedaço de vidro da pele dele. — Então, por que não?

— Por que não o quê?

— Por que não usar um símbolo de cura? Isso não é um ferimento demoníaco.

— Porque — Alec pegou uma garrafa azul de antisséptico — acho que fará bem, você sentir dor. Pode se curar como um mundano. Vagarosa e desagradavelmente. Talvez aprenda alguma coisa. — Ele jogou o líquido ardido nos cortes de Jace. — Apesar de eu duvidar muito.

— Posso fazer meu próprio símbolo de cura, você sabe.

Alec começou a enrolar uma tira de atadura na mão de Jace.

— Só se você quiser que eu diga aos Penhallow o que realmente aconteceu com a janela, em vez de deixar que pensem que foi um acidente. — Ele puxou a atadura com força, apertando-a, fazendo Jace franzir o rosto. — Sabe, se eu soubesse que você ia fazer isso consigo mesmo, não teria dito nada.

— Teria sim — Jace inclinou a cabeça para o lado. — Não sabia que meu ataque à janela o perturbaria tanto.

— É que... — Feito o curativo, Alec olhou para a mão de Jace, a que ainda estava segurando entre as próprias. Era um rolo de ataduras manchado de sangue onde os dedos de Alec tocaram. — Por que você faz essas coisas com você mesmo? Não só o que fez com a janela, mas a maneira como falou com Clary. Pelo que está se punindo? Não dá para controlar os sentimentos.

A voz de Jace era firme.

— Como estou me sentindo?

— Vejo como olha para ela... — Os olhos de Alec eram remotos, vendo algo além de Jace, algo que não estava ali. — E não pode ficar com ela. Talvez apenas não soubesse como era querer alguma coisa que não podia ter.

Jace olhou com firmeza para ele.

— O que existe entre você e Magnus Bane?

A cabeça de Alec fez um movimento brusco.

— Eu não... não existe nada...

— Não sou burro. Você correu para ele depois que falou com Malaquias, antes de falar comigo, ou Isabelle, ou qualquer um...

— Porque ele era o único que podia responder minha pergunta, por isso. Não existe nada entre nós dois... — disse Alec, e em seguida, percebendo o olhar no rosto de Jace, acrescentou com relutância — mais. — Não existe mais nada entre nós dois. Tá bom?

— Espero que não seja por minha causa — disse Jace.

Alec ficou branco e recuou, como se estivesse se preparando para desviar de um golpe.

— O que quer dizer?

— Eu sei como você acha que se sente por mim — disse Jace. — Mas não sente. Você só gosta de mim porque sou seguro. Não há risco. E assim, nunca precisa tentar um relacionamento de verdade, pois pode me usar como desculpa. — Jace sabia que estava sendo cruel, e mal se importava. Machucar pessoas que amava era quase tão bom quanto se machucar quando estava neste tipo de humor.

— Entendi — disse Alec, com uma voz dura. — Primeiro Clary, depois sua

mão, agora eu. Vá para o inferno, Jace.

— Não acredita em mim? — perguntou Jace. — Tudo bem. Vá em frente. Me beije agora.

Alec o encarou, horrorizado.

— Exatamente. Apesar da minha beleza desconcertante, você não gosta de mim desse jeito. E se está dando um gelo no Magnus, não é por minha causa. É porque tem medo demais de dizer para quem quer que seja quem você ama de verdade. O amor cria mentirosos — disse Jace. — A Rainha Seelie me disse. Então não me julgue por mentir sobre como me sinto. Você faz o mesmo — se levantou — e agora quero que faça novamente.

O rosto de Alec estava tenso de mágoa.

— Como assim?

— Minta por mim — disse Jace, tirando o casaco do cabide e o vestindo. — O sol está se pondo. Vão começar a voltar do Gard por agora. Quero que você diga a todos que não estou me sentindo bem, e por isso não vou descer. Diga a eles que fiquei tonto e tropecei, e foi assim que a janela quebrou.

Alec inclinou a cabeça para trás e olhou bem para Jace.

— Tudo bem — disse ele. — Se você me contar para onde vai.

— Até o Gard — disse Jace. — Vou tirar Simon da prisão.

A mãe de Clary sempre chamou a hora do dia entre o crepúsculo e a noite de “a hora azul”. Dizia que naquela hora a luz era mais forte e incomum, e que era a melhor hora para pintar. Clary nunca tinha entendido de verdade o que ela queria dizer, mas agora, atravessando Alicante no crepúsculo, compreendia.

A hora azul em Nova York não era realmente *azul*; era desbotada demais por luzes de rua e placas em neon. Jocelyn deveria estar pensando em Idris. Aqui, a luz caía em retalhos de violeta pura sobre o trabalho dourado de pedra da cidade, e as lâmpadas de luz enfeitiçada formavam piscinas circulares de luz branca tão brilhante que Clary esperava sentir calor quando passava por elas. Desejou que a mãe estivesse com ela. Jocelyn poderia ter lhe mostrado partes de Alicante que eram familiares a ela, que tinham lugar em suas lembranças.

Mas jamais contaria nenhuma dessas coisas. As mantivera em segredo de propósito. E agora pode ser que você nunca saiba. Uma dor afiada — parte raiva, parte arrependimento — atingiu o coração de Clary.

— Você está incrivelmente quieta — disse Sebastian. Estavam passando em uma ponte sobre o canal cujas laterais de pedra eram marcadas com símbolos.

— Só imaginando o tamanho da encrenca quando eu chegar. Fugi pela janela, mas Amatis provavelmente já notou a minha ausência.

Sebastian franziu o rosto.

— Por que saiu escondida? Ela não deixaria que fosse visitar seu irmão?

— Eu não deveria estar em Alicante — disse Clary. — Deveria estar em casa, assistindo a tudo de longe, em segurança.

— Ah. Isso explica muita coisa.

— Explica? — Clary o olhou de soslaio, curiosa. Dava para ver as sombras azuis ondulando sobre o cabelo escuro dele.

— Todo mundo pareceu empalidecer quando seu nome foi mencionado mais cedo. Supus que havia algum sangue ruim entre você e o seu irmão.

— Sangue ruim? Bem, é uma maneira de dizer.

— Não gosta muito dele?

— *Gostar* de Jace? — Nas últimas semanas tinha passado tanto tempo pensando se amava Jace Wayland, e como em nenhum momento parou para considerar se gostava dele ou não.

— Desculpe. Ele é sua família, não é questão de gostar dele ou não.

— Eu gosto dele — respondeu, surpreendendo a si mesma. — Gosto, é que... ele me deixa furiosa. Diz o que posso e o que não posso fazer...

— Não parece funcionar muito bem — observou Sebastian.

— Como assim?

— Você parece fazer o que quer, de qualquer jeito.

— Suponho que sim. — A observação a espantou, vinda de um quase

estranho. — Mas isso parece tê-lo irritado mais do que eu imaginava.

— Ele vai superar. — O tom de Sebastian parecia dar o assunto como encerrado.

Clary olhou curiosa para ele.

— *Você* gosta dele?

— Gosto dele. Mas não acho que ele goste muito de mim — Sebastian soava pesaroso. — Tudo que digo parece irritá-lo.

Dobraram a rua para uma praça com chão de pedra, rodeada por prédios altos e estreitos. No centro havia a estátua de bronze de um anjo — *o* anjo, o que tinha dado o próprio sangue para criar a raça dos Caçadores de Sombras. No extremo norte da praça havia uma grande estrutura de pedras brancas. Uma cachoeira com degraus largos de mármore que levavam a uma arcada de pilares, atrás da qual havia um par de enormes portas duplas. O efeito geral sob a luz noturna era incrível — e estranhamente familiar. Clary ficou imaginando se já teria visto um retrato deste local. Talvez a mãe já o tivesse pintado?

— Esta é a Praça do Anjo — disse Sebastian —, e aquele era o Salão do Anjo. Os Acordos foram assinados lá, visto que integrantes do Submundo não podem entrar no Gard; agora se chama Salão dos Acordos. É um lugar central de reuniões, onde ocorrem celebrações, casamentos, bailes, essas coisas. É o centro da cidade. Dizem que todos os caminhos levam ao Salão.

— Parece um pouco uma igreja, mas não tem igrejas aqui, tem?

— Não precisa — disse Sebastian. — As torres demoníacas nos mantêm a salvo. Não precisamos de mais nada. É por isso que gosto de vir aqui. Parece... pacífico.

Clary olhou surpresa para ele.

— Então você não mora aqui?

— Não. Moro em Paris. Só estou visitando a Aline, ela é minha prima. Minha mãe e o pai dela, meu tio Patrick, eram irmãos. Os pais de Aline controlaram o Instituto de Pequim por anos. Voltaram para Alicante há mais ou menos uma década.

— Eles eram... os Penhallow não faziam parte do Ciclo, faziam?

Um olhar espantado passou pelo rosto de Sebastian. Ficou em silêncio enquanto viravam e saíam da praça atrás, entrando em um labirinto de ruas escuras.

— Por que pergunta isso? — disse afinal.

— Bem... porque os Lightwood faziam.

Passaram sob um poste de luz. Clary olhou de soslaio para Sebastian. Com seu longo casaco escuro e camisa branca, sob a piscina de luz branca, parecia uma ilustração em preto e branco de um cavalheiro de um caderno de desenhos

vitorianos. Os cabelos negros se curvavam perto das têmporas de um jeito que a fazia se coçar para desenhá-lo com tinta e caneta.

— Você tem que entender — começou ele. — Boa parte dos jovens Caçadores de Sombras em Idris fazia parte do Ciclo, e muitos dos que não estavam em Idris também. O tio Patrick foi, no início, mas saiu quando começou a perceber o quão sério Valentim era. Os pais de Aline não participaram da Ascensão, meu tio foi para Pequim para se afastar de Valentim e conheceu a mãe dela no Instituto de lá. Quando os Lightwood e os outros membros do Ciclo foram julgados por traição contra a Clave, os Penhallow votaram por clemência. Foram mandados para Nova York, em vez de amaldiçoados. Então os Lightwood sempre foram gratos.

— E os seus pais? — disse Clary. — Fizeram parte?

— Não. Minha mãe era mais nova que Patrick, ele a mandou para Paris quando foi para Pequim. Ela conheceu meu pai lá.

— Sua mãe *era* mais nova que Patrick?

— Ela morreu — disse Sebastian. — Meu pai também. Minha tia Élodie me criou.

— Ah — disse Clary, sentindo-se estúpida. — Sinto muito.

— Não me lembro deles — disse Sebastian. — Não de verdade. Quando era mais novo, desejava ter um irmão ou uma irmã mais velha, alguém que pudesse me contar como era tê-los como pais — olhou pensativo para ela. — Posso perguntar uma coisa, Clary? Por que você veio para Idris quando sabia que seu irmão reagiria tão mal?

Antes que pudesse responder, saíram do beco estreito que vinham seguindo e entraram em um jardim escuro familiar, o poço inativo no centro brilhando ao luar.

— Praça da Cisterna — disse Sebastian, com um tom de claro desapontamento na voz. — Chegamos aqui mais rápido do que pensei.

Clary olhou para a ponte de pedras que se erguia sobre o canal próximo. Podia ver a casa de Amatis a distância. Todas as janelas estavam iluminadas.

— Daqui consigo chegar, obrigada — disse, suspirando.

— Você não quer que eu a leve...

— Não. Não se não quiser arrumar encrenca também.

— Você acha que *eu* me encrencaria? Por ser cavalheiro o suficiente para acompanhá-la até em casa?

— Ninguém pode saber que estou em Alicante — disse ela. — É para ser segredo. E sem querer ofender, mas... você é um estranho.

— Gostaria de não ser — disse ele. — Gostaria de conhecê-la melhor. — Estava olhando para ela com uma expressão entre divertida e tímida, como se

não tivesse certeza quanto a como o que tinha acabado de dizer seria recebido.

— Sebastian — disse ela, com uma sensação repentina de exaustão extrema. — Fico feliz que queira me conhecer. Mas não tenho energia para isso. Sinto muito.

— Não quis dizer...

Mas ela já estava se afastando dele, em direção à ponte. Na metade do caminho virou-se e olhou para trás. Ele parecia estranhamente desamparado ao luar, com os cabelos escuros caindo sobre o rosto.

— Ragnor Fell — disse ela.

Ele a encarou.

— O quê?

— Você me perguntou por que vim aqui mesmo sabendo que não deveria — disse Clary. — Minha mãe está doente. Muito doente. Talvez esteja morrendo. A única coisa que pode ajudá-la, a única *pessoa* que pode ajudá-la é um feiticeiro chamado Ragnor Fell. Só que não faço ideia de onde encontrá-lo.

— Clary...

Voltou-se para a casa.

— Boa-noite, Sebastian.

Foi mais difícil subir a grade do que tinha sido descê-la. Os sapatos de Clary escorregaram diversas vezes na parede úmida de pedra, e ela se sentiu aliviada quando finalmente subiu no parapeito e meio pulou, meio caiu no quarto.

A euforia durou pouco. Assim que as botas atingiram o chão, uma luz brilhante se acendeu, uma explosão suave que iluminou o quarto como a claridade da luz do dia.

Amatis estava sentada na ponta da cama, com as costas inteiramente eretas, uma pedra de luz enfeitiçada na mão. Ardia com uma luz forte que não ajudava em nada a suavizar as feições rígidas do rosto dela ou as linhas nos cantos de sua boca. Olhou em silêncio para Clary durante vários instantes. Finalmente falou:

— Com essas roupas, você fica igualzinha a Jocelyn.

Clary se levantou.

— Eu... Me desculpe — falou. — Por ter saído daquele jeito...

Amatis cerrou a mão em volta da pedra, sufocando o brilho. Clary piscou diante da fraca luz.

— Tire essa roupa — disse Amatis — e me encontre na cozinha. E nem pense em fugir novamente pela janela — acrescentou —, ou da próxima vez que voltar, encontrará a casa selada contra você.

Engolindo em seco, Clary assentiu.

Amatis se levantou e saiu sem mais nenhuma palavra. Rapidamente Clary tirou o uniforme e vestiu as próprias roupas, que estavam penduradas ao pé da cama, agora secas — os jeans estavam um pouco duros, mas foi bom colocar a camisa familiar. Sacudindo os cabelos emaranhados para trás, desceu as escadas.

Na última vez em que tinha visto o andar de baixo da casa de Amatis, estivera delirante e alucinada. Lembrava-se de longos corredores se estendendo ao infinito e de um relógio enorme cujo tiquetaquear soava como as batidas de um coração moribundo. Agora se via em uma sala pequena e aconchegante, com móveis lisos de madeira e um tapete no chão. O tamanho pequeno e as cores brilhantes a lembravam um pouco a própria sala, em sua casa no Brooklyn. Atravessou em silêncio e entrou na cozinha, onde um fogo ardia na grelha, o cômodo cheio de uma luz amarela calorosa. Amatis estava sentada à mesa. Estava com um xale azul nos ombros, que fazia seu cabelo parecer ainda mais cinza.

— Oi — Clary parou na entrada, inquieta. Não sabia dizer se Amatis estava furiosa ou não.

— Suponho que não precise perguntar aonde você foi — disse Amatis, sem tirar os olhos da mesa. — Foi ver o Jonathan, não é? Suponho que era o esperado. Talvez se tivesse tido meus próprios filhos, saberia dizer quando uma criança mente para mim. Mas esperava muito que, pelo menos desta vez, não

decepcionasse *completamente* o meu irmão.

— Decepcionar Luke?

— Sabe o que aconteceu quando ele foi mordido? — O olhar de Amatis estava fixo à frente. — Quando *meu irmão* foi mordido por um lobisomem... e claro que foi, já que Valentim vinha colocando a si mesmo e a seus seguidores em riscos estúpidos e desnecessários, era apenas uma questão de tempo... ele veio e me contou o que tinha acontecido e o quanto estava assustado com a possibilidade de ter contraído a doença licantrope. E eu disse... Eu disse...

— Amatis, não precisa me contar isso...

— Disse para sair da minha casa e não voltar até ter certeza de que não tinha. Me afastei dele, não pude evitar — sua voz tremeu. — Ele podia *ver* como eu estava enojada, estava escrito na minha cara. Disse que estava com medo de que se realmente... se realmente tivesse se tornado uma criatura lupina, que Valentim pediria que ele se matasse, e eu disse... Eu disse que *talvez fosse melhor*.

Clary arquejou; não pôde evitar.

Amatis levantou o olhar rapidamente. Remorso estava espalhado pelo seu rosto.

— Luke sempre foi basicamente tão *bom*, independentemente do que Valentim tentasse obrigá-lo a fazer... Às vezes eu pensava que ele e Jocelyn eram as únicas pessoas verdadeiramente boas que conhecia, e não podia suportar a ideia de vê-lo transformado em um monstro...

— Mas ele não é assim. Não é um monstro.

— Eu não *sabia*. Depois que ele realmente se transformou, depois que fugiu daqui, Jocelyn lutou e lutou para me convencer de que ele era a mesma pessoa por dentro, de que ainda era o meu irmão. Se não tivesse sido por ela, eu nunca teria concordado em vê-lo outra vez. Deixei que ficasse aqui quando veio antes da Ascensão, deixei que se escondesse na adega, mas dava para perceber que ele não confiava verdadeiramente em mim, não depois que virei as costas para ele. E acho que ainda não confia.

— Confiou o bastante para vir até você quando fiquei doente — disse Clary. — Confiou o bastante para me deixar aqui...

— Ele não tinha alternativa — disse Amatis. — E veja como me saí bem com você. Não consegui mantê-la em casa por um único dia.

Clary se contraiu. Isso era pior do que levar bronca.

— A culpa não é sua. Eu *menti* para você e saí escondida. Não havia nada que pudesse ter feito.

— Ah, Clary — disse Amatis. — Não percebe? *Sempre* há alguma coisa que se possa fazer. São só pessoas como eu que se convencem do contrário. Disse a mim mesma que não havia nada que pudesse fazer quanto a Luke. Disse que não

havia nada que pudesse fazer com relação a Stephen ter me deixado. E me recuso a sequer comparecer às reuniões da Clave porque digo a mim mesma que não há nada que possa fazer para influenciar as decisões, mesmo quando detesto as que tomam. Mas mesmo quando *escolho* fazer alguma coisa, bem, nem isso consigo fazer direito. — Seus olhos cintilavam, rígidos e brilhantes à luz do fogo. — Vá para a cama, Clary — concluiu. — E de agora em diante, pode ir e vir como quiser. Não vou fazer nada para impedi-la. Afinal, como você mesma disse, não há nada que eu *possa* fazer.

— Amatis...

— Não. — Amatis balançou a cabeça. — Vá para a cama. Por favor. — Sua voz tinha um tom decisivo; virou-se de costas, como se Clary já tivesse ido, e encarou a parede, sem piscar.

Clary girou e subiu as escadas correndo. No quarto de hóspedes fechou a porta e se jogou na cama. Achou que quisesse chorar, mas as lágrimas não vinham. *Jace me odeia,* pensou. *Amatis me odeia. Não me despedi de Simon. Minha mãe está morrendo. E Luke me abandonou. Estou sozinha. Nunca estive tão sozinha, e a culpa é toda minha*. Talvez fosse por isso que não conseguia chorar, percebeu, encarando o teto com os olhos secos. Pois de que adiantaria chorar quando não havia ninguém para confortá-la? E o pior, quando sequer podia confortar-se a si mesma?

7

Onde os Anjos Temem Pisar

De um sonho envolvendo sangue e luz do sol, Simon despertou repentinamente ao som de uma voz chamando seu nome.

— *Simon*. — A voz era um sussurro sibilado. — Simon, *acorde*.

Simon estava de pé — às vezes a rapidez com que conseguia se mover surpreendia até ele mesmo —, girando na escuridão da cela.

— Samuel? — sussurrou, olhando para as sombras. — Samuel, foi você?

— Vire-se, Simon. — Agora a voz, ligeiramente familiar, continha um quê de irritação. — E venha até a janela. — Simon soube imediatamente quem era e olhou através da janela de barras para ver Jace ajoelhado na grama do lado de fora, com uma pedra de luz enfeitiçada na mão. Estava olhando para Simon com uma carranca tensa. — O que foi, achou que estivesse tendo um pesadelo?

— Talvez ainda esteja. — Havia um zumbido nos ouvidos de Simon; se ele tivesse batimentos cardíacos, teria pensado que era o sangue correndo pelas veias, mas era outra coisa, algo menos corpóreo, mas que era ainda mais imediato do que sangue.

A pedra mágica formava um padrão estranho com retalhos de luz e sombra no rosto pálido de Jace.

— Então é aqui que colocaram você. Não achava que eles ainda usassem essas celas — olhou para os lados —, fui para a janela errada, primeiro. Dei um susto e tanto no seu colega do lado. Sujeito bonito, com a barba e os trapos. Lembra um pouco os mendigos de Nova York.

Então Simon percebeu do que se tratava o zumbido nos ouvidos. Fúria. Em algum lugar distante de sua mente, estava consciente de seus lábios recuados, as pontas das presas arranhando o lábio inferior.

— Que bom que você acha tudo isso engraçado.

— Então não está feliz em me ver? — disse Jace. — Devo dizer, estou surpreso. Sempre me disseram que minha presença iluminava qualquer cômodo. Era de se pensar que isso se potencializava em celas subterrâneas frias e úmidas.

— Você sabia o que iria acontecer, não sabia? “Vão mandá-lo de volta para Nova York”, você disse. Sem problemas. Mas nunca tiveram a menor intenção de fazer isso.

— Eu não sabia. — Jace o encontrou através das grades, seu olhar era claro e firme. — Sei que não vai acreditar em mim, mas achei que estivesse falando a verdade.

— Ou você está mentindo ou é burro...

— Então sou burro.

— ... ou ambos — concluiu Simon. — Estou inclinado a pensar que são ambos.

— Não tenho motivo nenhum para mentir para você. Não agora. — O olhar de

Jace permaneceu firme. — E pare de mostrar as presas para mim. Está me deixando nervoso.

— Ótimo — disse Simon. — Se quer saber a razão, é porque está com cheiro de sangue.

— É a minha colônia. Eau de Ferimento Recente. — Jace levantou a mão esquerda. Era uma luva de ataduras brancas, manchada nas juntas onde o sangue havia vazado.

Simon franziu a testa.

— Pensei que a sua espécie não se machucava. Não machucados que durassem.

— Soquei uma janela — disse Jace —, e Alec fez com que me curasse como um mundano para me dar uma lição. Pronto, falei a verdade. Ficou impressionado?

— Não — disse Simon. — Tenho problemas maiores do que você. O Inquisidor não para de me fazer perguntas que não posso responder. Não para de me acusar de ter recebido meus poderes de Diurno de Valentim. De estar *espionando* para ele.

Um lampejo de preocupação passou pelos olhos de Jace.

— Aldertree disse isso?

— Aldertree deu a entender que era o que a Clave toda pensava.

— Isso é ruim. Se decidirem que você é um espião, então os Acordos não se aplicam. Não se puderem se convencer de que você quebrou a Lei. — Jace olhou em volta rapidamente antes de voltar a encarar Simon — É melhor tirarmos você daqui.

— E depois? — Simon quase não conseguia acreditar no que estava dizendo. Queria tanto sair dali que quase sentia o gosto, mas não conseguia conter as palavras que tropeçavam de sua boca. — Onde planeja me esconder?

— Tem um Portal aqui no Gard. Se conseguirmos encontrá-lo, posso mandar você de volta...

— E todo mundo vai saber que me ajudou. Jace, não é só de mim que a Clave está atrás. Aliás, duvido que sequer se importem com um integrante do Submundo. Estão tentando provar alguma coisa sobre sua família, sobre os Lightwood. Estão tentando provar que têm algum tipo de conexão com Valentim. Que nunca deixaram realmente o Ciclo.

Mesmo na escuridão, era possível ver as bochechas de Jace se encherem de cor.

— Mas isso é ridículo. Lutaram contra Valentim, no navio, Robert quase morreu...

— O Inquisidor quer acreditar que eles sacrificaram outros Nephilim que

lutaram no navio para manter a ilusão de que estavam contra Valentim. Mas mesmo assim perderam a Espada Mortal, e é isso que importa para ele. Olhe, você tentou avisar a Clave, e eles não ligaram. Agora o Inquisidor está procurando algum culpado. Se puderem tachar sua família de traidora, então ninguém vai culpar a Clave pelo que aconteceu e ele vai poder fazer o que quiser, sem oposição.

Jace apoiou o rosto nas mãos, os dedos longos mexendo distraidamente no cabelo.

— Mas não posso simplesmente largá-lo aqui. Se Clary descobrir...

— Eu devia saber que era com isso que estava preocupado — Simon soltou uma risada áspera. — Então não diga a ela. Ela está em Nova York, de qualquer jeito, graças a... — interrompeu-se, incapaz de continuar. — Você tinha razão. — Foi o que acabou dizendo. — Fico feliz que ela não esteja aqui.

Jace levantou a cabeça das mãos.

— O quê?

— A Clave é louca. Quem sabe o que fariam com ela se soubessem o que ela é capaz de fazer... Você tinha razão — repetiu Simon, e quando Jace não respondeu, acrescentou —, e é bom saborear o que acabei de dizer. Provavelmente nunca mais vou repetir.

Jace o encarou com a expressão vazia, que trouxe a Simon a lembrança nada agradável de como Jace estava no navio, sangrando, morrendo no chão de metal. Finalmente, Jace falou:

— Então você está dizendo que planeja ficar aqui? Na prisão? Até quando?

— Até termos uma ideia melhor — disse Simon. — Mas tem um problema.

Jace ergueu as sobrancelhas.

— Qual?

— Sangue — disse Simon. — O Inquisidor está tentando me fazer passar fome até ceder e falar. Já estou me sentindo bem fraco. Até amanhã estarei... bem, não sei como estarei. Mas não quero sucumbir. E *não* vou tomar seu sangue outra vez, nem o de ninguém — acrescentou rapidamente, antes que Jace pudesse oferecer. — Sangue animal serve.

— Sangue eu posso arrumar — disse Jace. Depois hesitou. — Você... contou para o Inquisidor que eu deixei que bebesse meu sangue? Que o salvei?

Simon balançou a cabeça.

Os olhos de Jace brilharam, refletindo a luz.

— Por que não?

— Acho que não queria encrencá-lo ainda mais.

— Olhe, vampiro — disse Jace. — Proteja os Lightwood se puder. Mas não me proteja.

Simon levantou a cabeça.

— Por que não?

— Acho que... — disse Jace e, por um momento, enquanto olhou através das grades, Simon quase podia imaginar que estava do lado de fora, e Jace dentro da cela — porque eu não mereço.

Clary acordou com um som parecido com o de granizo batendo em telhado de metal. Sentou-se na cama, olhando em volta. O som veio novamente, uma batida aguda na janela. Tirando a coberta relutantemente, foi investigar.

Abrir a janela permitiu a entrada de um ar frio que atravessou seu pijama como uma faca. Estremeceu e se inclinou sobre o parapeito.

Alguém estava no jardim abaixo e, por um instante, o coração acelerado, tudo

o que viu foi a figura alta e esguia, com cabelos amarrotados masculinos. Então ele levantou o rosto e ela viu que os cabelos eram escuros, não claros, e percebeu que pela segunda vez, esperara por Jace, mas ganhara Sebastian no lugar.

Ele estava segurando um punhado de pedrinhas em uma mão. Sorriu ao vê-la colocar a cabeça para fora, e apontou para si, em seguida para a cerca de rosas. *Desça*.

Ela balançou a cabeça e apontou para a frente da casa. *Me encontre na porta da frente*. Fechando a janela, correu para o andar de baixo. Era o fim da manhã — a luz entrando pela janela era forte e dourada, mas as luzes estavam todas apagadas e a casa, quieta. *Amatis ainda deve estar dormindo*, pensou.

Clary foi para a porta da frente, destrancou-a e a abriu. Sebastian estava lá, no degrau, e mais uma vez ela teve aquela estranha sensação, um ímpeto de reconhecimento, apesar de mais fraco desta vez. Deu um sorriso fraco para ele.

— Você jogou pedras na minha janela — disse ela. — Pensei que só fizessem isso nos filmes.

Ele sorriu.

— Belo pijama. Acordei você?

— Talvez.

— Desculpe — disse ele, apesar de não parecer lamentar nem um pouco. — Mas isso não podia esperar. Aliás, talvez você devesse subir e trocar de roupa. Vamos passar o dia juntos.

— Uau. Confiante, não? — disse ela, mas garotos com a aparência de Sebastian provavelmente não tinham motivo nenhum para não serem confiantes. Ela balançou a cabeça. — Sinto muito, mas não posso. Não posso sair de casa. Hoje não.

Uma pequena ruga de preocupação apareceu entre os olhos dele.

— Você saiu de casa ontem.

— Eu sei, mas isso foi antes... — *Antes de Amatis me fazer sentir como uma pessoa de cinco centímetros de altura*. — Simplesmente não posso. E por favor, não tente me convencer, tudo bem?

— Tudo bem — disse ele. — Não vou discutir. Mas pelo menos deixe-me dizer o que vim dizer. Depois, prometo, se ainda quiser que eu vá embora, eu vou.

— O que é?

Ele levantou o rosto e ela ficou imaginando como era possível que olhos escuros pudessem brilhar exatamente como se fossem dourados.

— Sei onde pode encontrar Ragnor Fell.

Clary levou menos de dez minutos para subir, vestir as roupas, escrever um bilhete apressado para Amatis e voltar para encontrar com Sebastian, que esperava por ela na beira do canal. Ele sorriu enquanto ela corria para encontrá-lo, arfando, com o casaco verde pendurado sobre um braço.

— Estou aqui — disse, parando de repente. — Podemos ir agora?

Sebastian insistiu em ajudá-la com o casaco.

— Acho que ninguém nunca me ajudou com meu casaco antes — observou Clary, soltando o cabelo que tinha ficado preso sob o colarinho. — Bem, talvez garçons. Você já foi garçom?

— Não, mas fui criado por uma francesa — lembrou Sebastian. — O curso de treinamento é ainda mais rigoroso.

Clary sorriu, apesar do nervosismo. Sebastian era bom em fazê-la sorrir, percebeu com surpresa. Quase bom *demais*.

— Aonde vamos? — perguntou abruptamente. — A casa de Fell é perto daqui?

— Ele mora fora da cidade, na verdade — disse Sebastian, partindo em direção à ponte. Clary o acompanhou de perto.

— É uma caminhada longa?

— É uma caminhada muito longa. Vamos arrumar uma carona.

— Uma carona? Com quem? — E parou. — Sebastian, precisamos ter cuidado. Não podemos confiar em qualquer um em relação ao que estamos fazendo... que *eu* estou fazendo. É segredo.

Sebastian olhou para ela, os olhos escuros e pensativos.

— Juro pelo Anjo que o amigo que vai nos dar carona não vai dizer nada a ninguém a respeito do que estamos fazendo.

— Tem certeza?

— Tenho certeza *absoluta*.

Ragnor Fell, pensou Clary enquanto serpeavam pelas ruas movimentadas. *Vou encontrar Ragnor Fell*. Sentia um conflito de animação selvagem e receio — Madeleine o tinha feito parecer formidável. E se ele não tivesse paciência com ela, ou não tivesse tempo? E se ela não pudesse fazê-lo acreditar que era quem dizia ser? E se ele sequer se *lembrasse* da mãe dela?

Não a deixava menos nervosa o fato de que cada vez que passava por um homem louro ou uma menina com cabelos longos e escuros suas entranhas se contraíam ao pensar estar reconhecendo Jace ou Isabelle. Mas Isabelle provavelmente a ignoraria, pensou sombriamente, e Jace sem dúvida estava na casa dos Penhallow, aos beijos com a nova namorada.

— Está preocupada em ser seguida? — perguntou Sebastian ao virarem em uma rua lateral que levava para longe do centro da cidade, ao notar a maneira

como ficava olhando em volta.

— Não paro de achar que estou vendo pessoas que conheço — admitiu. — Jace, ou os Lightwood.

— Não acho que Jace tenha saído da casa dos Penhallow desde que chegaram aqui. Ele basicamente parece passar o tempo amuado no quarto. E ontem machucou muito a mão, também...

— Machucou a mão? Como? — Clary, se esquecendo de olhar por onde ia, tropeçou em uma pedra. A estrada de paralelepípedos sobre a qual vinham andando de alguma forma havia mudado para uma de cascalhos sem que notasse. — Ai.

— Chegamos — anunciou Sebastian, parando na frente de uma grade alta de madeira e arame. Não havia nenhuma casa em volta: tinham deixado para trás abruptamente o distrito residencial, e só havia aquela grade em um dos lados, e um declive íngreme que se alongava até desaparecer em meio a uma floresta no outro.

Havia uma porta na grade, mas estava trancada com cadeado. Do bolso, Sebastian tirou uma chave metálica pesada e abriu o portão.

— Já volto com a nossa carona. — E fechou o portão atrás de si. Clary tentou ver entre as tábuas. Através dos buracos podia enxergar o que parecia uma casa vermelha de tábuas. Mas aparentemente não havia porta ou janelas adequadas.

O portão se abriu e Sebastian reapareceu, sorrindo de orelha a orelha. Trazia uma rédea na mão: caminhando docilmente atrás, vinha um enorme cavalo cinza e branco com um fulgor como de uma estrela na testa.

— *Um cavalo*? Você tem um cavalo? — Clary o encarou impressionada. — Quem tem um cavalo?

Sebastian acariciou o cavalo gentilmente em um dos ombros.

— Muitas famílias de Caçadores de Sombras mantêm um cavalo nos estábulos aqui em Alicante. Caso não tenha notado, não há carros em Idris. Não funcionam muito bem, com todas essas barreiras. — Afagou o couro claro da sela do cavalo, marcada com um brasão de armas que mostrava uma serpente aquática se erguendo de um lago em uma série de espirais. Sob o desenho, estava escrito o nome *Verlac* em letras delicadas. — Suba.

Clary hesitou.

— Nunca andei a cavalo antes.

— Sou eu que vou conduzir Wayfarer — garantiu Sebastian. — Você só vai ficar sentada na minha frente.

O cavalo resmungou suavemente. Tinha dentes enormes, Clary percebeu desconfortável; cada um do tamanho de uma maquininha de Pez. Imaginou aqueles dentes se enterrando em sua perna e pensou em todas as meninas que

tinha conhecido na escola que queriam ganhar pôneis. Imaginou se seriam loucas.

Seja corajosa, disse a si mesma. *É o que sua mãe faria*.

Respirou fundo.

— Tudo bem. Vamos.

A decisão de Clary de ser corajosa durou o tempo que Sebastian levou para — após ajudá-la a subir — montar atrás dela e partir. Wayfarer saiu em disparada, cavalgando sobre uma estrada de cascalhos com uma força que a fazia sentir o impacto em sua espinha. Ela se agarrou ao pedaço de sela que sobrava a sua frente, as unhas enterrando o suficiente para deixarem marcas no couro.

A estrada em que estavam se estreitava à medida em que se dirigiam para fora

da cidade, e agora havia espessas fileiras de árvores a cada lado, paredes verdes que bloqueavam qualquer visão mais ampla. Sebastian puxou as rédeas e o cavalo interrompeu o galope frenético, o coração de Clary desacelerando junto com os cascos. Enquanto o pânico cedia, ela se tornou lentamente consciente de Sebastian atrás de si — ele segurava as rédeas em cada um dos lados, os braços formando uma espécie de jaula ao seu redor, que a impediam de achar que estava prestes a cair do cavalo. De repente, estava muito ciente dele, não apenas da força rija nos braços que a seguravam, mas de estar apoiada em seu peito e de que ele cheirava, por algum motivo, a pimentado-reino. Não de um jeito ruim — era picante e agradável, bem diferente do cheiro de Jace, de sabão e luz do sol. Não que a luz do sol tivesse um cheiro, na verdade, mas se fosse o caso...

Cerrou os dentes. Estava aqui com Sebastian, a caminho de encontrar com um poderoso feiticeiro, e divagava mentalmente sobre o cheiro de Jace. Se forçou a olhar em volta. O amontoado verde de árvores se diluía e agora ela podia ver uma amplidão de campo marmorizado de cada lado. Era lindo de uma maneira forte: um tapete verde quebrado aqui e ali por uma cicatriz de estrada de pedra cinza, ou uma pedra negra se erguendo da grama. Camadas de flores brancas delicadas, as mesmas que tinha visto na necrópole com Luke, marcavam as colinas como pontinhos de neve.

— Como descobriu onde está Ragnor Fell? — perguntou, enquanto Sebastian habilmente guiava o cavalo ao redor de um barranco na estrada.

— Minha tia Élodie. Ela tem uma bela rede de informantes. Sabe de tudo o que se passa em Idris, apesar de nunca vir aqui. Detesta sair do Instituto.

— E você? Vem muito a Idris?

— Na verdade, não. Na última vez que vim tinha mais ou menos 5 anos. E desde então não via meus tios, então estou feliz por estar aqui agora. Me dá a chance de recuperar o tempo perdido. Além disso, sinto falta de Idris quando não estou aqui. Nenhum local é como este. É algo na terra desse lugar. Você vai começar a sentir, e depois terá saudade quando não estiver aqui.

— Sei que Jace sentia falta — disse. — Mas pensei que fosse por ele ter morado aqui durante anos. Foi criado aqui.

— Na mansão Wayland — disse Sebastian. — Não muito longe de onde estamos indo, para falar a verdade.

— Você realmente parece saber tudo.

— Não *tudo* — disse Sebastian, com uma risada que Clary pôde sentir em suas costas. — É, Idris causa efeito em todo mundo, mesmo naqueles como Jace, que têm motivos para detestar o lugar.

— Por que diz isso?

— Bem, ele foi criado por Valentim, não foi? E isso deve ter sido bem

desagradável.

— Não sei. — Clary hesitou. — A verdade é que ele tem sentimentos confusos a esse respeito. Acho que Valentim foi um péssimo pai de uma maneira, mas de outra, os pequenos indícios de gentileza e amor que demonstrou foram todo o amor e gentileza que Jace conheceu. — Sentiu uma onda de tristeza ao falar. — Acho que ele pensava em Valentim com muito afeto, por muito tempo.

— Não posso acreditar que Valentim tenha demonstrado gentileza e amor algum dia. Valentim é um monstro.

— Bem, sim, mas Jace é filho dele. E era só um garotinho. Acho que Valentim o amava, à sua maneira...

— Não. — A voz de Sebastian era áspera. — Temo que isso seja impossível.

Clary piscou e quase virou para ver o rosto dele, mas depois pensou melhor. Todos os Caçadores de Sombras ficavam relativamente loucos quando o assunto era Valentim — ela pensou no Inquisidor e estremeceu por dentro; e mal podia culpá-los.

— Provavelmente tem razão.

— Estamos aqui — disse Sebastian abruptamente, tão abruptamente que Clary imaginou se o teria ofendido de alguma forma, e desceu do cavalo. Mas quando olhou para ela, estava sorrindo. — Fizemos um bom tempo — disse ele, amarrando as rédeas no galho mais baixo de uma árvore próxima. — Melhor do que pensei que faríamos.

Ele indicou com um gesto que ela deveria desmontar e, após um instante de hesitação, Clary desceu do cavalo para os braços dele. Agarrou-se a ele enquanto ele a pegava, as pernas bambas após a longa cavalgada.

— Desculpe — disse, timidamente. — Não tive a intenção de agarrá-lo.

— Eu não pediria desculpas *por isso*. — Sua respiração estava quente contra o pescoço dela, e Clary estremeceu. Ele manteve as mãos apenas por mais alguns instantes nas costas dela antes de soltá-la, com relutância.

Nada disso estava ajudando as pernas de Clary a parecerem mais firmes.

— Obrigada — disse ela, sabendo muito bem que estava enrubescendo, e desejando fervorosamente que sua pele clara não mostrasse a cor tão prontamente. — Então, é aqui? — olhou em volta. Estavam em um pequeno vale entre colinas baixas. Havia algumas árvores de aparência deformada ao redor da clareira. Os galhos retorcidos tinham uma beleza escultural contra o céu azul-acinzentado. Mas fora isso... — Não tem nada aqui — disse ela, com o rosto franzido.

— Clary. *Concentre-se*.

— Quer dizer... um feitiço de disfarce? Mas geralmente não preciso...

— Esses feitiços em Idris geralmente são mais fortes do que em outros lugares. Você pode ter que se empenhar mais do que o normal. — Ele pôs as mãos nos ombros dela e a virou gentilmente. — Olhe para a clareira.

Silenciosamente, Clary executou o truque mental que lhe permitia despir o feitiço daquilo que ele disfarçava. Imaginou-se esfregando terebintina em uma tela, descascando camadas de tinta para revelar a verdadeira imagem abaixo — e lá estava, uma pequena casa de pedra com um telhado íngreme, fumaça se retorcendo ao sair da chaminé em um rabisco elegante. Uma trilha de pedras serpenteava até a porta da frente. Enquanto olhava, a fumaça saindo da chaminé parou de se retorcer para cima e começou a tomar forma de um ponto de interrogação preto.

Sebastian riu.

— Acho que significa "quem está aí?"

Clary puxou o casaco mais para perto de si. O vento soprando sobre a grama não estava tão frio, mas seus ossos pareciam congelados assim mesmo.

— Parece coisa de conto de fadas.

— Você está com frio? — Sebastian pôs o braço em volta dela. Imediatamente, a fumaça começou a sair em forma de corações assimétricos. Clary soltou-se dele, sentindo-se ao mesmo tempo envergonhada e, de alguma forma, culpada, como se tivesse feito algo errado. Apressou-se até a entrada da casa, com Sebastian logo atrás. Estavam a meio caminho da trilha da entrada quando a porta se abriu.

Apesar de estar obcecada por encontrar Ragnor Fell desde que Madeleine lhe dissera o nome, Clary nunca tinha parado para imaginar como ele poderia ser. Um homem grande e barbudo, teria pensado, se tivesse considerado o assunto. Alguém parecido com um *viking*, com ombros grandes e largos.

Mas a pessoa que saiu pela porta da frente era alta e magra, com cabelos curtos e arrepiados. Vestia um colete verde de malha e um par de calças de pijama de seda. Olhou para Clary com interesse comedido, enquanto fumava um cachimbo surpreendentemente grande. Apesar de não se parecer em nada com um *viking*, pareceu instantânea e totalmente familiar.

Magnus Bane.

— Mas... — Clary olhou admirada para Sebastian, que parecia tão espantado quanto ela. Estava encarando Magnus com a boca ligeiramente aberta, um olhar vazio no rosto. Finalmente, gaguejou:

— Você é... Ragnor Fell? O feiticeiro?

Magnus tirou o cachimbo da boca.

— Bem, certamente não sou Ragnor Fell, o dançarino exótico.

— Eu... — Sebastian parecia sem palavras. Clary não sabia ao certo o que ele

estivera esperando, mas Magnus foi muito para digerir. — Estávamos torcendo para que pudesse nos ajudar. Sou Sebastian Verlac, e esta é Clarissa Morgenstern, a mãe dela é Jocelyn Fairchild...

— Não me importa quem é a mãe dela — disse Magnus. — Não é possível me ver sem hora marcada. Volte mais tarde. Março é uma boa época.

— Março? — Sebastian parecia horrorizado.

— Tem razão — disse Magnus. — Chove muito. Que tal junho?

Sebastian se recompôs.

— Acho que não está entendendo o quanto é importante...

— Sebastian, não se incomode — disse Clary, enojada. — Ele só está provocando. Não pode nos ajudar mesmo.

Sebastian só pareceu mais confuso.

— Mas não vejo por que ele não poderia...

— Tudo bem, já chega — disse Magnus, e estalou os dedos uma vez.

Sebastian congelou no lugar, com a boca ainda aberta e a mão parcialmente esticada.

— *Sebastian*! — Clary se esticou para tocá-lo, mas ele estava rijo como uma estátua. Apenas as leves subidas e descidas do peito mostravam que ainda estava *vivo*. — Sebastian? — disse ela novamente, mas sem motivo: de algum jeito, ela sabia que ele não podia vê-la ou ouvi-la. Voltou-se para Magnus. — Não posso acreditar que tenha feito isso. Qual é o seu problema? Será que o que quer que tenha nesse cachimbo dissolveu seu cérebro? Sebastian está do nosso lado.

— Eu não tenho lado, Clary, querida — disse Magnus com um aceno de cachimbo. — E realmente, a culpa é sua por eu ter precisado congelá-lo por um instante. Você estava prestes a dizer que não sou Ragnor Fell.

— Porque você *não* é Ragnor Fell.

Magnus soprou um fio de fumaça e, pensativo, olhou através dela.

— Vamos — disse ele. — Deixe-me mostrar uma coisa.

Ele segurou a porta da casa, indicando com um gesto que ela deveria entrar. Com um último olhar incrédulo para Sebastian, Clary o seguiu.

O interior da casa não estava iluminado. A fraca luz do dia entrando pelas janelas era o bastante para mostrar a Clary que estavam em uma sala ampla, cheia de sombras escuras. Havia um cheiro estranho no ar, como de lixo queimando. Ela engasgou brevemente enquanto Magnus levantava a mão e estalava os dedos mais uma vez. Uma luz azul brilhante brotou dos dedos dele.

Clary arquejou. A sala parecia um matadouro — móveis despedaçados, gavetas abertas e seus conteúdos espalhados. Páginas de livros rasgadas pairavam como cinzas pelo ar. Até o vidro da janela estava quebrado.

— Recebi uma mensagem de Fell ontem à noite — disse Magnus —, me

pedindo para encontrá-lo aqui. Apareci aqui, e encontrei o lugar assim. Tudo destruído, e o fedor de demônios por todos os lados.

— Demônios? Mas demônios não podem entrar em Idris...

— Não disse que entraram. Só estou relatando o que aconteceu — disse Magnus, sem inflexão. — O lugar cheira a algo de origem demoníaca. O corpo de Ragnor estava no chão. Não estava morto quando o deixaram, mas estava quando cheguei. — Se voltou para ela. — Quem sabia que você estava procurando por ele?

— Madeleine. — Sussurrou Clary. — Mas ela está morta. Sebastian, Jace e Simon. Os Lightwood...

— Ah — disse Magnus. — Se os Lightwood sabem, a Clave deve saber a essa altura, e Valentim tem espiões na Clave.

— Devia ter mantido em segredo em vez de perguntar a todos sobre ele — disse Clary, horrorizada. — A culpa é minha. Eu deveria ter alertado Fell...

— Permita-me destacar — disse Magnus — que você não conseguiria encontrar Fell, razão pela qual estava perguntando às pessoas sobre ele. Olhe, Madeleine... e também você... só pensaram em Fell como alguém que poderia ajudar sua mãe. Não alguém em quem Valentim poderia ter algum interesse. Mas há mais. Valentim não teve como acordar sua mãe, mas parece saber que o que ela fez para se colocar naquele estado tinha alguma ligação com algo que ele queria muito. Um livro de feitiços em particular.

— Como você sabe de tudo isso? — perguntou Clary.

— Porque Ragnor me contou.

— Mas...

Magnus a interrompeu com um gesto.

— Feiticeiros têm maneiras de se comunicar uns com os outros. Temos nossa própria língua. — Levantou a mão onde estava a chama azul. — *Logos*.

Letras de fogo, cada uma com pelo menos 15 centímetros de altura, apareceram nas paredes como se gravadas na pedra com líquido dourado. As letras corriam pelas paredes, soletrando palavras que Clary não conseguia ler. Ela se voltou para Magnus.

— O que diz?

— Ragnor fez isso quando soube que estava morrendo. Diria a qualquer feiticeiro que o procurasse, o que aconteceu. — Quando Magnus se virou, o brilho das letras ardentes acendia em ouro seus olhos de gato. — Ele foi atacado aqui pelos soldados de Valentim. Exigiram o *Livro Branco*. Além do Livro Gray, está entre os volumes mais famosos de trabalhos sobrenaturais jamais escritos. Tanto a receita da poção que Jocelyn tomou quanto a do antídoto para ela estão contidas nesse livro.

Clary ficou boquiaberta.

— Então estava aqui?

— Não. Pertencia a sua mãe. Tudo que Ragnor fez foi aconselhá-la quanto a onde escondê-lo de Valentim.

— Então está...

— Está na mansão da família Wayland. A casa dos Wayland era muito próxima de onde Jocelyn e Valentim moravam; eram seus vizinhos mais próximos. Ragnor sugeriu que sua mãe escondesse o livro na casa deles, onde Valentim jamais o procuraria. Na biblioteca, por sinal.

— Mas Valentim morou na mansão Wayland durante anos depois disso — protestou Clary. — Não teria encontrado?

— Estava escondido dentro de outro livro. Um que Valentim provavelmente jamais abriria. — Magnus deu um sorriso torto. — *Receitas simples para donas de casa*. Ninguém pode dizer que sua mãe não tinha senso de humor.

— Então você foi à mansão Wayland? Procurou o livro?

Magnus balançou a cabeça.

— Clary, existem barreiras de desvio na mansão. Não mantêm apenas a Clave afastada; mantêm todos afastados. *Principalmente* integrantes do Submundo. Talvez se eu tivesse tempo para trabalhar nelas, poderia decifrá-las, mas...

— Então ninguém consegue chegar à mansão? — O desespero tomou conta do seu peito. — É impossível?

— Não disse ninguém — disse Magnus. — Consigo pensar em pelo menos uma pessoa que quase certamente poderia entrar no casarão.

— Quer dizer Valentim?

— Quero dizer — disse Magnus — o filho de Valentim.

Clary balançou a cabeça.

— Jace não vai me ajudar, Magnus. Ele não me quer aqui. Aliás, duvido que sequer fale comigo.

Magnus olhou pensativo para ela.

— Acho — disse ele — que não existe muita coisa que Jace não faria por você, se você pedisse.

Clary abriu a boca, em seguida fechou-a novamente. Pensou na maneira como Magnus sempre parecera saber como Alec se sentia em relação a Jace, como Simon se sentia em relação a ela. Seus sentimentos por Jace deveriam estar escritos em sua testa agora mesmo, e Magnus era um especialista em leituras. Ela desviou o olhar.

— Digamos que eu *consiga* convencer Jace a ir até a mansão comigo e pegar o livro — disse ela. — E depois? Não sei como aplicar um feitiço, ou preparar um antídoto...

Magnus riu.

— Você achou que eu estava dando todas essas informações a troco de nada? Depois que puser as mãos no *Livro Branco,* quero que o traga diretamente para mim.

— O livro? *Você* quer?

— É um dos livros de feitiços mais poderosos do mundo. Claro que quero. Além disso, por direito, pertence aos filhos de Lilith, não aos de Raziel. É um livro de feiticeiros, e deveria estar nas mãos de um feiticeiro.

— Mas *eu* preciso dele, para curar minha mãe...

— Você precisa de uma página, e pode ficar com ela. O resto é meu. E em troca, quando me trouxer o livro, faço o antídoto e você o administra a Jocelyn. Não pode dizer que não é um acordo justo — disse, estendendo a mão. — Fechado?

Após um instante de hesitação, Clary apertou a mão dele.

— Espero não me arrepender disso.

— Certamente espero que não — disse Magnus, virando alegremente para a porta da frente. Nas paredes, as letras de fogo já estavam enfraquecendo. — Arrependimento é uma emoção tão inútil, não concorda?

O sol lá fora parecia especialmente claro, depois da escuridão da casa. Clary ficou piscando até sua vista recuperar o foco: as montanhas ao longe, Wayfarer contente comendo grama e Sebastian imóvel como uma estátua de jardim, a mão ainda estendida. Ela se voltou para Magnus.

— Você poderia descongelá-lo agora, por favor?

Magnus parecia se divertir.

— Fiquei surpreso ao receber a mensagem de Sebastian hoje de manhã — comentou. — Dizendo que estava fazendo um favor a ninguém menos do que você. Como foi que o conheceu?

— Ele é primo de uns amigos dos Lightwood, ou coisa do tipo. Ele é legal, prometo.

— Bom. Ele é lindo. — Magnus olhou sonhadoramente na direção de Sebastian. — Você deveria deixá-lo aqui. Eu poderia pendurar chapéus e coisas nele.

— Não. Não pode ficar com ele.

— Por que não? Você *gosta* dele? — Os olhos de Magnus brilharam. — Ele parece gostar de você. Eu o vi na direção da sua mão como um esquilo mergulhando atrás de um amendoim.

— Por que não falamos da *sua* vida afetiva? — rebateu Clary. — E você e Alec?

— Alec se recusa a reconhecer que temos um relacionamento, portanto me

recuso a reconhecer que ele existe. Ele me mandou uma mensagem de fogo outro dia. Endereçada ao “Feiticeiro Bane”, como se eu fosse um completo estranho. Continua apegado a Jace, eu acho, apesar de que *essa* relação não vai a lugar nenhum, nunca. Um problema que imagino que *você* desconheça...

— Ah, cale a boca — Clary olhou com desgosto para Magnus. — Ouça, se você não descongelar Sebastian, não vou poder sair daqui, e nunca vai conseguir o *Livro Branco*.

— Ah, tudo bem, tudo bem. Mas se eu puder fazer um pedido? Não conte a ele nada do que acabei de lhe dizer, amigo dos Lightwood ou não. — Magnus estalou os dedos de forma petulante.

O rosto de Sebastian voltou à vida, como um filme retornando após uma pausa.

— ... nos ajudar — disse ele. — Não é um simples probleminha. É questão de vida ou morte.

— Vocês Nephilim acham que todos os seus problemas são questões de vida ou morte — disse Magnus. — Agora saiam daqui. Já estou ficando entediado.

— Mas...

— Vão — disse Magnus, um tom perigoso na voz. Faíscas azuis brilhavam nas pontas dos seus longos dedos, e de repente um cheiro forte surgiu no ar, como de queimado. Os olhos de gato de Magnus brilharam. Apesar de saber que era uma encenação, Clary não pôde se conter, e se encolheu.

— Acho melhor irmos, Sebastian — disse ela.

Os olhos de Sebastian estavam apertados.

— Mas Clary...

— *Vamos.* — Insistiu, e, agarrando-o pelo braço, praticamente o arrastou em direção a Wayfarer. Relutante, ele a seguiu, resmungando para si mesmo. Com um suspiro de alívio, Clary olhou para trás. Magnus estava na porta da casa, os braços cruzados sobre o peito. Capturando o olhar da menina, sorriu e deu uma piscadela brilhante.

— Sinto muito, Clary. — Sebastian pôs uma das mãos no ombro de Clary e a outra em sua cintura para ajudá-la a subir nas costas largas de Wayfarer. Combateu a voz interior que a alertava a não subir novamente no cavalo (ou qualquer cavalo) e permitiu que ele a ajudasse. Passou uma perna por cima e se ajeitou na sela, dizendo a si mesma que estava se equilibrando em um grande sofá em movimento, e não em uma criatura viva que podia se virar e mordê-la a qualquer instante.

— Sente muito pelo quê? — perguntou, enquanto ele subia atrás. Era quase irritante a facilidade com que ele o fazia, como se estivesse dançando, mas também reconfortante de ver. Claramente sabia o que estava fazendo, pensou, enquanto ele a envolvia para pegar as rédeas. Pensou que era bom que um deles soubesse.

— Pelo Ragnor Fell. Não esperava que ele tivesse tanta má vontade em ajudar. Mas feiticeiros são caprichosos. Você já conheceu um antes, não conheceu?

— Conheci Magnus Bane. — Ela se virou momentaneamente para olhar além de Sebastian, para a casa que desaparecia a distância atrás deles. A fumaça saía da chaminé sob a forma de pequenas figuras dançantes. Vários Magnus dançantes? Daqui não tinha como saber. — Ele é o Alto Feiticeiro do Brooklyn.

— Se parece com Fell?

— Surpreendentemente semelhante. Quanto ao Fell, não tem problema. Sabia que existia a possibilidade de ele se recusar a ajudar.

— Mas lhe prometi ajuda. — Sebastian parecia genuinamente chateado. — Bem, pelo menos há outra coisa que posso mostrar, para o dia não ser uma completa perda de tempo.

— O que é? — Ela se virou novamente para vê-lo. O sol estava alto no céu atrás, acendendo as pontas de seus cabelos escuros com um contorno dourado.

Sebastian sorriu.

— Você vai ver.

Enquanto cavalgavam para cada vez mais longe de Alicante, paredes de folhagem verde se abriam dos lados, exibindo paisagens improvavelmente lindas: lagos azuis congelados, vales verdes, montanhas cinzentas, linhas prateadas de rios e riachos ladeados por bancos de flores. Clary imaginou como seria morar em um lugar como esse. Não podia conter uma sensação de nervosismo, quase sentindo-se exposta sem o conforto dos prédios altos que a fechavam.

Não que não houvesse nenhuma construção. De vez em quando, o telhado de um largo prédio de pedra surgia à vista sobre as árvores. Eram mansões, explicou Sebastian (gritando ao seu ouvido): as casas de campo de famílias ricas de Caçadores de Sombras. Lembravam Clary dos casarões ao longo do Hudson River, ao norte de Manhattan, onde nova-iorquinos ricos passavam seus verões havia centenas de anos.

A estrada sob eles havia passado de cascalhos a terra. Clary foi tirada do devaneio quando chegaram ao cume de uma colina e Sebastian parou Wayfarer.

— Aqui — disse ele.

Clary olhou fixamente. “Aqui” era uma massa de pedras queimadas, escurecidas, reconhecíveis apenas pelo contorno como algo que outrora fora uma casa: havia uma chaminé oca, ainda apontando para o céu, e um pedaço de muro com uma janela sem vidro no centro. Ervas daninhas cresciam pelas bases, verdes em meio ao preto.

— Não entendo — disse ela. — Por que estamos aqui?

— Não sabe? — perguntou Sebastian. — Foi aqui que sua mãe e seu pai moraram. Onde seu irmão nasceu. Essa era a mansão Fairchild.

Não pela primeira vez, Clary ouviu a voz de Hodge na cabeça. *Valentim acendeu uma fogueira enorme e se queimou junto com sua família, a esposa e o filho. A terra ficou preta. Ninguém nunca mais construiu nela. Dizem que a terra é amaldiçoada.* Sem outra palavra, ela desceu do cavalo. Ouviu Sebastian chamá-la, mas já estava meio correndo, meio deslizando pela colina. O solo havia aplainado onde outrora a casa estivera; as pedras escurecidas do que antigamente fora uma entrada encontravam-se secas e rachadas sob seus pés. Entre as ervas daninhas podia ver escadas que acabavam subitamente a alguns centímetros do chão.

— Clary... — Sebastian a seguiu pelas plantas, mas ela mal notou sua presença. Virando em um círculo lento, absorveu tudo. Árvores queimadas, semimortas. O que provavelmente um dia havia sido um gramado alto, subindo pela encosta de uma colina. Podia ver o telhado do que provavelmente fora outra mansão próxima ao longe, logo acima das copas das árvores. O sol refletia em pedaços quebrados das janelas, em uma das paredes que ainda estavam de pé.

Ela entrou nas ruínas, andando sobre a prateleira escurecida de um armário queimado, quase intacto, derrubado e com pedaços de louça à volta, misturados à terra negra.

Um dia isto havia sido uma casa de verdade, habitada por pessoas vivas, com ar nos pulmões. Sua mãe vivera e se casara aqui, tivera um bebê aqui. Em seguida Valentim viera e transformara tudo em poeira e cinzas, deixando Jocelyn acreditar que o filho estava morto, obrigando-a a esconder da filha a verdade sobre o mundo... Uma tristeza aguda invadiu Clary. Ela pôs a mão no rosto e quase se surpreendeu ao descobrir que estava úmido: estivera chorando sem perceber.

— Clary, desculpe. Pensei que fosse querer ver. — Era Sebastian pisando nos escombros para chegar a ela, as botas levantando nuvens de cinzas. Parecia preocupado.

Ela se voltou para ele.

— Ah, eu quero. Queria. Obrigada.

O vento havia se intensificado, jogando chumaços de cabelos negros no rosto dele. Em seguida, ele deu um sorriso pesaroso.

— Deve ser difícil pensar em tudo o que aconteceu neste lugar, em Valentim, na sua mãe... Ela foi incrivelmente corajosa.

— Eu sei — disse Clary. — Ela foi. Ela é.

Ele tocou gentilmente o rosto dela.

— Você também.

— Sebastian, você não sabe nada a meu respeito.

— Não é verdade. — E levantou a outra mão; agora estava segurando o rosto dela. O toque era gentil, quase experimental. — Ouvi tudo a seu respeito, Clary. Sobre como lutou contra seu pai pelo Cálice Mortal, sobre como foi até um hotel infestado de vampiros pelo seu amigo. Isabelle me contou histórias, e ouvi boatos também. E desde a primeira vez em que ouvi o seu nome, quis conhecê-la. Sabia que seria extraordinária.

Ela riu, trêmula.

— Espero que não esteja decepcionado demais.

— Não — sussurrou, escorregando os dedos para o queixo da menina. — De jeito nenhum. — Levantou o rosto dela até a altura do dele. Clary ficou surpresa demais para se mexer, mesmo quando ele se inclinou para perto e ela percebeu, atrasada, o que ele estava fazendo: no reflexo, ela fechou os olhos enquanto os lábios de Sebastian tocavam os dela, enviando-lhe arrepios pelo corpo. Um desejo repentino e voraz de ser beijada de um jeito que a fizesse esquecer de tudo cresceu dentro dela, então levantou os braços e envolveu o pescoço dele, em parte para se manter firme, em parte para puxá-lo para perto.

Os cabelos de Sebastian tocaram as pontas dos dedos dela, não sedosos como os de Jace, mas finos e suaves, e *ela não deveria estar pensando em Jace*. Reprimiu os pensamentos sobre ele enquanto os dedos de Sebastian passavam por seu rosto seguindo até a linha da mandíbula. Ele tinha um toque suave, apesar dos calos nas pontas dos dedos. Claro, Jace tinha os mesmos calos, decorrentes das lutas; provavelmente todos os Caçadores de Sombras tinham...

Conteve o pensamento de Jace, ou pelo menos tentou, mas não adiantou. Podia vê-lo mesmo com os olhos fechados — ver os ângulos destacados e o rosto liso que nunca conseguiria desenhar adequadamente, independentemente do quanto a imagem estivesse marcada na mente; via os ossos delicados de suas mãos, a pele cicatrizada nos ombros...

O desejo voraz que a dominara tão rapidamente recuou depressa, como um elástico esticado soltando. Ficou entorpecida, mesmo com os lábios de Sebastian pressionando os dela e as mãos subindo para sua nuca — ficou entorpecida e gelou ao perceber que estava cometendo um erro. Alguma coisa estava terrivelmente errada, mais até do que o desejo inútil por alguém que jamais poderia ter. Era alguma outra coisa: um sobressalto repentino de horror, como se estivesse dando um passo confiante para a frente e de repente caísse em um vazio negro.

Arquejou e se afastou de Sebastian com tanta força que quase tropeçou. Se ele não a estivesse segurando, ela teria caído.

— Clary. — Os olhos dele estavam fora de foco, as bochechas ruborizadas e vivas. — Clary, o que houve?

— Nada. — Sua voz soava fina aos próprios ouvidos. — Nada... é só que, eu não deveria... Não estou pronta...

— Fomos rápido demais? Podemos ir com mais calma... — Ele se esticou para tocá-la, mas antes que ela pudesse se controlar, encolheu-se. Ele pareceu magoado. — Não vou machucá-la, Clary.

— Eu sei.

— Aconteceu alguma coisa? — A mão dele subiu para ajeitar o cabelo de Clary; ela lutou contra o impulso de se afastar. — Jace...

— *Jace*? — Será que ele sabia que ela estava pensando em Jace, será que era perceptível? E ao mesmo tempo... — Jace é meu *irmão*. Por que você falaria nele assim? O que quer dizer?

— Só achei que... — Ele balançou a cabeça, dor e confusão se alternando em sua expressão. — Que talvez outra pessoa tenha te machucado.

A mão de Sebastian ainda estava na bochecha de Clary; ela levantou a sua, gentil mas firmemente, e a afastou, devolvendo-a ao próprio lugar.

— Não. Nada do tipo. Eu só... — hesitou. — Pareceu errado.

— *Errado*? — A mágoa em seu rosto desapareceu, substituída por incredulidade. — Clary, temos uma ligação. Você sabe disso. Desde o primeiro segundo em que a vi...

— Sebastian, *não*...

— Senti que você era alguém por quem esperei a vida inteira. Vi que você sentiu o mesmo. Não diga que não.

Mas não tinha sido aquilo que sentira. Sentiu como se tivesse dobrado a esquina em uma cidade estranha e de repente visto a própria casa se erguendo à sua frente. Um reconhecimento surpreendente e não totalmente agradável, quase uma pergunta: *como isso pode estar aqui?*

— Eu não — disse ela.

A raiva que se ergueu nos olhos dele — repentina, sombria, descontrolada — a pegou de surpresa. Ele agarrou os pulsos dela num aperto doloroso.

— Isso não é verdade.

Ela tentou recuar.

— Sebastian...

— *Não* é verdade. — A escuridão dos olhos parecia ter engolido as pupilas. Seu rosto era como uma máscara branca, dura e rígida.

— Sebastian — disse ela com o máximo de calma possível. — Você está me machucando.

Ele a soltou. Estava ofegante.

— Desculpe — disse ele. — Desculpe. Pensei que...

Bem, pensou errado, Clary queria dizer, mas conteve as palavras. Não queria ver aquele *olhar* no rosto dele outra vez.

— É melhor voltarmos. — Foi o que acabou dizendo. — Logo vai escurecer.

Ele assentiu, entorpecido, parecendo tão chocado pelo próprio ataque quanto ela. Virou-se e foi novamente em direção a Wayfarer, que comia grama sob a sombra larga de uma árvore. Clary hesitou por um instante, depois foi atrás dele — não parecia haver mais nada que *pudesse* fazer. Olhou para baixo furtivamente, para os próprios pulsos enquanto caminhava — estavam com marcas vermelhas onde ele tinha apertado, e o mais estranho, as pontas de seus dedos estavam manchadas de preto, como se de algum jeito as tivesse sujado de tinta.

Sebastian ficou em silêncio enquanto a ajudava a subir em Wayfarer.

— Sinto muito se sugeri alguma coisa a respeito de Jace — disse finalmente enquanto ela se ajeitava na sela. — Ele jamais faria nada para machucá-la. Sei que é por sua causa que ele tem visitado o vampiro prisioneiro no Gard...

Foi como se tudo no mundo tivesse parado subitamente. Clary podia ouvir a própria respiração chiando em seus ouvidos, viu as próprias mãos, congeladas

como as de uma estátua, paradas na sela.

— Vampiro prisioneiro? — sussurrou.

Sebastian virou o rosto surpreso para ela.

— É — disse ele. — Simon, aquele vampiro que trouxeram de Nova York. Pensei... quero dizer, tinha certeza de que você estava sabendo. Jace não contou?

8

Um dos Vivos

Simon acordou com a luz do sol refletindo em um objeto que tinha sido jogado por entre as grades da janela. Levantou-se, com o corpo dolorido de fome, e viu que se tratava de um frasco de metal, mais ou menos do tamanho de uma garrafa de merendeira. Um papel enrolado tinha sido amarrado na ponta. Pegando-o, Simon desenrolou o bilhete e leu:

Simon: isso é sangue de vaca, fresco do açougue. Espero que esteja bom. Jace me contou o que você falou, e quero que saiba que acho muito

corajoso. Aguente firme, daremos um jeito de tirá-lo daí. BJSSS Isabelle.

Simon sorriu para os BJSSS na parte de baixo da folha. Era bom saber que o afeto exagerado de Isabelle não tinha sofrido pelas circunstâncias. Ele abriu a tampa do frasco e já tinha engolido diversos goles antes da sensação aguda de formigamento entre as omoplatas fazê-lo virar.

Raphael estava de pé no centro da cela e parecia tranquilo. Estava com as mãos para trás, com os ombros firmes. Vestia uma camisa branca e um casaco escuro. Uma corrente de ouro brilhava em seu pescoço.

Simon quase engasgou com o sangue que estava bebendo. Engoliu, ainda

encarando.

— Você... você não pode estar aqui.

O sorriso de Raphael de algum jeito conseguiu transmitir a impressão de que estava com as presas à mostra, apesar de não estarem.

— Não entre em pânico, Diurno.

— Não estou em pânico. — Não era exatamente verdade. Simon sentiu como se tivesse engolido algo afiado. Não via Raphael desde a noite em que se arrastara, sangrando e ferido, para fora de uma cova precariamente cavada em Queens. Ainda se lembrava de Raphael jogando pacotes de sangue animal nele, e da maneira como os tinha rasgado com os dentes, como se ele próprio fosse um animal. Não era algo de que gostava de se lembrar. Teria ficado feliz em jamais ver o outro vampiro outra vez. — O sol ainda está brilhando. Como você está aqui?

— Não estou. — A voz de Raphael era aveludada. — Sou uma projeção. Veja. — Ele balançou a mão, passando-a pela parede de pedra ao lado. — Sou como fumaça. Não posso machucá-lo. E claro, nem você pode me machucar.

— Não quero machucá-lo — Simon colocou o frasco na cama. — *O que quero* é saber o que está fazendo aqui.

— Você saiu de Nova York tão de repente, Diurno. Você entende que deve informar o vampiro-chefe da sua área quando for deixar a cidade, não entende?

— Vampiro-chefe? Está falando de você? Pensei que o vampiro-chefe fosse outra pessoa...

— Camille ainda não voltou para nós — disse Raphael, sem qualquer emoção aparente. — Eu sou o líder durante a ausência dela. Saberia disso tudo se tivesse se dado o trabalho de se familiarizar com as leis da sua espécie.

— Minha saída de Nova York não foi planejada com antecedência. E sem ofensa, mas não penso em você como minha espécie.

— *Dios*. — Raphael abaixou os olhos, como se escondesse um divertimento. — Você é teimoso.

— Como pode dizer isso?

— Parece óbvio, não?

— Quero dizer... — A garganta de Simon fechou. — Essa palavra. Você consegue dizer, e eu não... — *Deus*.

Os olhos de Raphael voltaram-se para o alto; parecia entretido.

— Idade — disse. — E prática. E fé, ou falta dela, o que é de algumas maneiras, a mesma coisa. Você vai aprender com o tempo, novato.

— *Não me chame disso*.

— Mas é o que você é. É uma Criança da Noite. Não foi por isso que Valentim o capturou e tomou seu sangue? Por causa do que você é?

— Você parece muito bem-informado — disse Simon. — Talvez você devesse me contar.

Raphael apertou os olhos.

— Também ouvi um boato de que você tomou o sangue de um Caçador de Sombras, e que foi por isso que conseguiu seu dom, sua habilidade de andar à luz do sol. É verdade?

Os cabelos de Simon se arrepiaram.

— Isso é ridículo. Se sangue de Caçador de Sombras pudesse dar aos vampiros a capacidade de andar ao sol, todo mundo já saberia. Sangue de Nephilim seria disputadíssimo. E *jamais* haveria paz entre vampiros e Caçadores de Sombras depois disso. Então ainda bem que não é verdade.

Um sorriso fraco se formou nos lábios de Raphael.

— Verdade. Por falar em disputa, você entende, Diurno, que é um objeto de valor agora? Não existe um integrante do Submundo que não queira pôr as mãos em você.

— Isso o inclui?

— Claro que sim.

— E o que você faria se pusesse as mãos em mim?

Raphael deu de ombros.

— Talvez eu esteja sozinho na ideia de que andar ao sol não é tão bom quanto os outros vampiros pensam. Somos Crianças Noturnas por um motivo. É possível que eu o considere uma aberração tanto quanto a humanidade me considera.

— E considera?

— É possível. — A expressão de Raphael era neutra. — Acho que é um perigo para todos nós. Um perigo aos vampiros, por assim dizer. E não pode ficar nessa cela para sempre, Diurno. Eventualmente terá que sair e encarar o mundo novamente. Me encarar novamente. Mas posso dizer uma coisa. Juro que não vou machucá-lo, nem tentarei encontrá-lo, se você prometer se esconder depois que Aldertree o soltar. Se jurar ir tão longe que ninguém poderá encontrá-lo, e nunca mais procurar ninguém que tenha conhecido em sua vida mortal. Não posso ser mais justo que isso.

Mas Simon já estava balançando a cabeça.

— Não posso abandonar minha família. Ou Clary.

Raphael emitiu um ruído irritado.

— Não são mais parte de quem você é. Você é um vampiro agora.

— Mas não quero ser — disse Simon.

— Veja só você, reclamando — disse Raphael. — Nunca ficará doente, nunca morrerá, e será forte para sempre. Jamais vai envelhecer. Do que poderia

reclamar?

Eternamente jovem, pensou Simon. Parecia bom, mas será que alguém realmente queria ter 16 anos para sempre? Uma coisa seria ser congelado para sempre aos 25, mas 16? Ser desengonçado para sempre, nunca crescer, o rosto ou o corpo? Sem falar que, com esta aparência, jamais poderia entrar em um bar e pedir um drinque. Nunca. Até o fim dos tempos.

— E — acrescentou Raphael — sequer precisa abrir mão do sol.

Simon não tinha a menor vontade de discutir isso outra vez.

— Ouvi os outros falando de você no Dumort — disse ele. — Sei que põe uma cruz todo domingo e vai ver a família. Aposto que sequer sabem que você é um vampiro. Então não venha me dizer para deixar todos da minha vida para trás. Não o farei, e não vou mentir dizendo que vou.

Os olhos de Raphael brilharam.

— No que a minha família acredita não importa. É no que *eu* acredito. O que eu sei. Um vampiro de verdade sabe que está morto. Aceita a própria morte. Mas você, você acha que é um dos vivos. E é isso que o faz tão perigoso. Não consegue reconhecer que não está mais vivo.

O sol estava se pondo quando Clary fechou a porta da casa de Amatis atrás de si e passou a tranca. Na entrada sombria, apoiou-se na porta por um longo instante, os olhos quase fechados. A exaustão pesava em cada um de seus membros, e a dor nas pernas era intensa.

— Clary? — A voz insistente de Amatis cortou o silêncio. — É você?

Clary ficou onde estava, à deriva na escuridão calmante atrás dos olhos fechados. Queria tanto estar em casa que quase podia sentir o gosto metálico do ar das ruas do Brooklyn. Podia ver a mãe sentada na cadeira perto da janela, uma pálida e empoeirada luz amarela atravessando as janelas abertas do apartamento, iluminando a tela enquanto ela pintava. A saudade de casa era tão visceral que doía.

— Clary. — A voz veio mais de perto desta vez. Abriu os olhos. Amatis estava na frente dela, os cabelos grisalhos puxados para trás, as mãos nos quadris. — Seu irmão está aqui para vê-la. Está esperando na cozinha.

— *Jace* está aqui? — Clary lutou para manter a raiva e o espanto longe do rosto. Não havia razão para demonstrar na frente da irmã de Luke o quão irritada estava.

Amatis a encarava com curiosidade.

— Não deveria ter deixado ele entrar? Pensei que quisesse vê-lo.

— Não, tudo bem — disse Clary, mantendo o tom calmo, com alguma dificuldade. — Só estou cansada.

— Ahnn... — Amatis não parecia acreditar. — Bem, estarei lá em cima se precisar de mim. Preciso de um cochilo.

Clary não conseguia imaginar por que razão poderia precisar de Amatis, mas assentiu e seguiu pelo corredor até a cozinha, que estava inundada de uma luz forte. Sobre a mesa, havia uma vasilha com frutas — laranjas, maçãs e peras —, um pedaço grande de pão com queijo e manteiga, e um prato ao lado com o que parecia ser... biscoitos? Amatis tinha feito *biscoitos*?

Sentado à mesa estava Jace. Estava inclinado para a frente, apoiado nos cotovelos, os cabelos dourados bagunçados, a camisa ligeiramente aberta no pescoço. Podia ver a bandagem espessa de Marcas negras na clavícula dele. Segurava um biscoito na mão atada. Então Sebastian tinha razão; ele realmente se machucara. Não que ela se importasse.

— Ótimo — disse ele —, você voltou. Estava começando a achar que tinha caído em um canal.

Clary simplesmente o encarou, sem palavras. Ficou imaginando se ele conseguia ler a raiva em seus olhos. Estava esparramado na cadeira, com um braço casualmente jogado para trás. Se não fosse pela rápida pulsação na base da garganta, ela quase poderia ter acreditado no ar de despreocupação de Jace.

— Você parece exausta — acrescentou. — Onde passou o dia inteiro?

— Saí com Sebastian.

— *Sebastian*? — O olhar de completo espanto foi momentaneamente gratificante.

— Ele me acompanhou até aqui ontem à noite — disse Clary, e em sua mente martelavam as palavras *serei apenas o seu irmão de agora em diante, apenas seu irmão* com o ritmo de um coração doente. — E até agora ele foi a única pessoa nesta cidade a ser remotamente gentil comigo. Então, sim, saí com Sebastian.

— Entendo — disse Jace, colocando o biscoito de volta no prato, o rosto inexpressivo. — Clary, vim aqui para me desculpar. Não deveria ter falado com você daquele jeito.

— Não — disse Clary. — Não deveria.

— Vim também para perguntar se reconsideraria voltar para Nova York.

— Meu Deus — disse Clary. — Outra vez isso...

— Não é seguro para você aqui.

— Com o que está preocupado? — perguntou, sem inflexão na voz. — Que me joguem na prisão como fizeram com Simon?

A expressão de Jace não se alterou, mas ele balança para trás na cadeira, levantando os pés do chão, quase como se ela o tivesse empurrado.

— Simon...?

— Sebastian me contou o que aconteceu com ele — prosseguiu, com a mesma voz seca. — O que você fez. De como o trouxe para cá e o deixou ser preso. Você está *tentando* me fazer odiá-lo?

— E você confia no Sebastian? — perguntou Jace. — Mal o conhece, Clary.

Ela o encarou.

— Não é verdade?

Ele sustentou o olhar de Clary, mas o rosto de Jace estava imóvel, como o de Sebastian quando ela o empurrou.

— É verdade.

Ela pegou o prato da mesa e jogou nele. Ele desviou, a cadeira saiu girando e o prato atingiu a parede sobre a pia, se espatifando numa explosão de porcelana. Ele saltou da cadeira quando ela pegou mais um prato e jogou, mirando em qualquer lugar: este bateu na geladeira e atingiu o chão aos pés de Jace, onde se quebrou em dois pedaços.

— Como pôde? Simon confiou em você. Onde ele está agora? O que vão fazer com ele?

— Nada — disse Jace. — Ele está bem. Eu o vi ontem à noite...

— Antes ou depois que eu o vi? Antes ou depois de você fingir que estava

tudo bem e que você estava ótimo?

— Você viu *aquilo* como eu estar ótimo? — Jace arquejou, um som que era quase uma risada. — Devo ser um ator melhor do que eu imaginava. — Tinha um sorriso retorcido no rosto. Era um fósforo para o pavio de fúria de Clary: como ele *ousava* rir dela agora? Tentou pegar a vasilha de frutas, mas, de repente, não parecia o bastante. Chutou a cadeira para tirá-la do caminho e se jogou em cima dele, sabendo que seria a última coisa que Jace esperaria dela.

A força do ataque repentino o pegou desprevenido. Ela colidiu contra ele, fazendo-o cambalear para trás, e se chocar contra a bancada. Ela meio que caiu sobre ele, ouviu-o arfar, e puxou o braço para trás cegamente, sem sequer saber o que pretendia fazer...

Tinha se esquecido de como ele era rápido. Seu punho não atingiu o rosto dele, mas sua mão levantada; ele enrolou os dedos nos dela, forçando o braço de Clary de volta para baixo. De repente, ela ficou ciente da proximidade dos dois; estava inclinada sobre ele, pressionando-o contra a bancada com o débil peso do próprio corpo.

— Solte a minha mão.

— Você realmente vai me bater se eu soltar? — Sua voz era áspera e suave, seus olhos brilhavam.

— Não acha que merece?

Ela sentiu o peito dele subir e descer contra ela, num riso sem humor.

— Acha que eu planejei tudo? Realmente acha que eu faria isso?

— Bem, você não gosta do Simon, gosta? Talvez nunca tenha gostado.

Jace emitiu um ruído áspero de incredulidade e soltou a mão dela. Quando Clary recuou, ele levantou o braço direito, com a palma para cima. Ela levou um instante para perceber o que ele estava mostrando: a cicatriz no pulso.

— Isto aqui — disse ele, a voz tensa como um fio esticado — é o lugar onde cortei meu pulso para deixar seu amigo vampiro beber meu sangue. Quase morri por isso. E agora você acha o quê? Que simplesmente o abandonei sem pensar?

Ela encarou a cicatriz no pulso de Jace — uma das muitas que cobriam seu corpo, cicatrizes de todas as formas e tamanhos.

— Sebastian me disse que você trouxe Simon aqui, e que depois Alec o levou para o Gard. Deixou a Clave ficar com ele. Você deveria saber...

— O trouxe aqui *sem querer*. Pedi que ele fosse ao Instituto para conversar com ele. Sobre *você*, na verdade. Pensei que ele talvez pudesse convencê-la a desistir da ideia de vir para Idris. Se serve de consolo, ele nem quis considerar. Enquanto estávamos lá, fomos atacados por Renegados. *Tive* que arrastá-lo pelo Portal comigo. Era isso ou deixá-lo para morrer.

— Mas por que levá-lo para a Clave? Você devia saber...

— A razão pela qual o mandamos para lá se deveu ao fato de o único Portal de Idris se encontrar no Gard. Nos disseram que iriam mandá-lo de volta a Nova York.

— E você *acreditou*? Depois do que aconteceu com a Inquisidora?

— Clary, a Inquisidora era uma anomalia. Aquela pode ter sido a sua primeira experiência com a Clave, mas não foi a minha... A Clave somos *nós*. Os Nephilim. Vivemos de acordo com a Lei.

— Só que dessa vez não viveram.

— Não — disse Jace. — Não mesmo. — Ele soava muito cansado. — E a pior parte disso tudo — acrescentou — é me lembrar de Valentim discursando sobre a Clave, sobre como é corrupta, como precisa ser limpa. E, pelo Anjo, se não concordo com ele...

Clary ficou em silêncio, primeiro porque não conseguia pensar em nada para dizer, então, por espanto enquanto Jace se esticava — quase como se não estivesse pensando no que estava fazendo — e a puxava para perto. Para própria surpresa, ela deixou. Através do tecido branco da camisa, podia ver os contornos das Marcas, pretas e curvilíneas, esticando-se sobre a pele dele como chamas de fogo. Queria apoiar a cabeça nele, queria sentir os braços ao seu redor da mesma forma que queria ar enquanto estivera se afogando no Lago Lyn.

— Ele pode ter razão quanto às coisas precisarem ser consertadas — disse ela afinal. — Mas não tem razão quanto à maneira como isso deve acontecer. Você entende isso, não entende?

Ele semicerrou os olhos. Havia olheiras cinzentas sob eles, ela viu, vestígios de noites sem dormir.

— Não sei ao certo se consigo qualquer coisa. Você tem razão em estar brava, Clary. Eu não deveria ter confiado na Clave. Queria tanto acreditar que a Inquisidora era uma aberração, que estava agindo sem a autoridade deles, que ainda existia algum aspecto da condição de Caçador de Sombras em que eu pudesse confiar.

— Jace — sussurrou.

Ele abriu os olhos e a encarou. Estavam tão próximos, ela percebeu, que se tocavam da cabeça aos pés; até os joelhos se tocavam, e ela podia sentir o coração dele. *Afaste-se dele*, disse a si mesma, mas as pernas não obedeciam.

— O que foi? — disse ele, com a voz bem suave.

— Quero ver Simon — disse ela. — Você pode me levar até ele?

Tão subitamente quando a tinha segurado, ele a soltou.

— Não. Você não deveria nem estar em Idris. Não pode aparecer no Gard.

— Mas ele vai pensar que foi abandonado por todos. Vai achar que...

— Eu fui visitá-lo — disse Jace. — Ia soltá-lo. Ia arrancar as grades da janela

com minhas próprias mãos — falou, como se não fosse grande coisa. — Mas ele não deixou.

— Ele não *deixou*? Preferiu ficar preso?

— Disse que o Inquisidor estava atrás da minha família, atrás de mim. Aldertree quer nos culpar pelo que aconteceu em Nova York. Não pode agarrar um de nós e nos torturar por uma confissão; isso a Clave condenaria. Mas está tentando fazer com que Simon conte alguma história na qual todos estaríamos em conchavo com Valentim. Simon disse que se eu o soltasse, o Inquisidor saberia, e seria ainda pior para os Lightwood.

— Isso é muito nobre da parte dele e tudo mais, mas qual é o plano a longo prazo? Ficar preso para sempre?

Jace deu de ombros.

— Ainda não tínhamos decidido.

Clary expirou, irritada.

— *Garotos* — disse. — Tudo bem, ouça. O que você precisa é de um álibi. Vamos nos certificar de que você esteja em algum lugar onde todos possam ver, assim como os Lightwood, aí a gente pega o Magnus e faz com que ele tire Simon da prisão e o devolva a Nova York.

— Detesto dizer isso, Clary, mas nunca que o Magnus vai fazer uma coisa dessas. Independente do quanto ache Alec bonitinho, não vai se colocar contra a Clave em nosso favor.

— Pode ser que faça — disse Clary — pelo *Livro Branco*.

Jace piscou.

— O quê?

Clary contou rapidamente sobre a morte de Ragnor Fell, sobre Magnus na casa dele, e sobre o livro de feitiços. Jace ouviu com uma atenção espantada até que ela terminasse.

— Demônios? — disse ele. — Magnus disse que Fell foi morto por demônios?

Clary tentou se lembrar dos detalhes.

— Não, ele disse que o lugar fedia a algo de origem demoníaca. E que Fell foi morto por servos de Valentim. Foi tudo que disse.

— Algumas magias negras deixam uma aura que cheira como a de um demônio — disse Jace. — Se Magnus não foi específico, provavelmente foi porque não ficou muito satisfeito com o fato de que há um feiticeiro por aí praticando magia negra, violando a Lei. Mas está longe de ser a primeira vez que Valentim pegou um dos filhos de Lilith para isso. Lembra do menino feiticeiro que ele matou em Nova York?

— Valentim usou o sangue dele para o Ritual. Lembro — Clary estremeceu.

— Jace, Valentim quer o livro pelo mesmo motivo que eu? Para despertar minha mãe?

— Talvez. Ou, se for como Magnus acha, Valentim só quer o poder que pode conseguir dele. De qualquer jeito, é melhor pegarmos antes dele.

— Você acha que existe alguma chance de estar na mansão Wayland?

— Sei que está — disse ele, para surpresa dela. — Aquele livro de culinária? *Receitas para Donas de Casa* ou coisa do tipo? Já vi antes. Na biblioteca da mansão.

Clary ficou tonta. Quase não tinha se permitido acreditar que podia ser verdade.

— Jace, se você me levar à mansão e pegarmos o livro, eu vou para casa com Simon. Faça isso por mim e eu vou para Nova York, e não volto mais, juro.

— Magnus tinha razão, existem barreiras de desvio na mansão — disse, lentamente. — Levo você até lá, mas não é perto. Andando, pode ser que demore cinco horas.

Clary esticou o braço e pegou a estela do bolso. Segurou-a entre os dois, onde brilhou com uma luz suave, não muito diferente da emitida pelas torres de vidro.

— Quem falou em andar?

*

— Você recebe uns visitantes estranhos, Diurno — disse Samuel. — Primeiro Jonathan Morgenstern, e agora o vampiro-chefe de Nova York. Estou impressionado.

Jonathan Morgenstern? Simon levou um instante para perceber que era, claro, Jace. Estava sentado no chão, no centro da cela, mexendo com displicência no frasco que tinha nas mãos.

— E Isabelle Lightwood lhe trazendo sangue — disse Samuel. — É um serviço de entregas e tanto.

Simon levantou a cabeça.

— Como você sabe que foi Isabelle que trouxe? Eu não disse nada...

— A vi pela janela. Ela é a cara da mãe — disse Samuel —, pelo menos parece com como era anos atrás. — Fez-se uma pausa desconfortável. — Você sabe que o sangue é só um tapa-buraco — acrescentou. — Logo o Inquisidor vai começar a se perguntar se você já morreu de fome. Se o encontrar perfeitamente saudável, vai concluir que alguma coisa está errada e matá-lo assim mesmo.

Simon olhou para o teto. Os símbolos gravados na pedra se sobrepunham uns aos outros como areia na praia.

— Acho que terei que acreditar em Jace quando ele diz que vão encontrar um jeito de me tirar daqui — disse. E como Samuel não respondeu, acrescentou: — Vou pedir que o solte também, prometo. Não o deixarei aqui sozinho.

Samuel emitiu um ruído engasgado, como uma risada que não conseguiu sair da sua garganta.

— Ah, não acho que Jace Morgenstern vá querer *me* resgatar — disse ele. — Além disso, passar fome aqui embaixo é o menor dos seus problemas, Diurno. Logo Valentim vai atacar a cidade, e provavelmente todos seremos mortos.

Simon piscou os olhos.

— Como pode ter tanta certeza?

— Fui próximo dele em algum momento. Conhecia os planos. Os objetivos. Ele pretende destruir os bloqueios de Alicante e atacar a Clave no coração do poder dela.

— Mas pensei que não fosse possível para demônios ultrapassar os bloqueios. Pensei que fossem impenetráveis.

— É o que se diz. É preciso sangue de demônio para derrubar as barreiras, entende, e isso só pode ser feito de dentro de Alicante. Mas como nenhum demônio pode ultrapassá-las, bem, é um paradoxo perfeito, ou deveria ser. Mas Valentim alega ter encontrado uma maneira de burlar isso, um jeito de passar. E acredito nele. Vai encontrar uma maneira de derrubar as barreiras, entrar na cidade com o escritório de demônios e matar a todos nós.

A certeza na voz de Samuel fez Simon ter calafrios na espinha.

— Você parece terrivelmente conformado. Não deveria fazer alguma coisa? Alertar a Clave?

— Eu alertei. Quando me interrogaram. Disse a eles mais de uma vez que Valentim pretendia destruir as barreiras, mas me ignoraram. A Clave acha que os bloqueios se manterão eternamente, pois estão lá por mil anos. Mas Roma também, até os bárbaros chegarem. Tudo cai um dia — riu, um som amargo, raivoso. — Considere uma corrida para ver quem o mata primeiro, Diurno: Valentim, os outros integrantes do Submundo ou a Clave.

Em algum lugar entre *aqui* e *lá*, a mão de Clary foi arrancada da de Jace. Quando o furacão a cuspiu e ela atingiu o chão, o fez sozinha, com força, e rolou engasgando até parar.

Sentou-se lentamente e olhou em volta. Estava deitada no centro de um tapete persa, jogado no chão de uma grande sala de paredes de pedra. Havia móveis virados, transformados em pesados fantasmas. Havia cortinas de veludo sobre grandes janelas de vidro; o veludo era cinza e branco por causa da poeira, e grãos de sujeira dançavam ao luar.

— Clary? — Jace surgiu por trás de algo enorme, coberto de branco; talvez fosse um piano de cauda. — Você está bem?

— Estou — levantou-se, contraindo um pouco o rosto. Seu cotovelo doía. — Fora o fato de que Amatis provavelmente vai me matar quando voltarmos. Considerando que quebrei todos os pratos *e* abri um Portal na cozinha dela.

Ele estendeu a mão para ela.

— Se serve de alguma coisa — disse ele, tentando ajudá-la a se levantar —, fiquei muito impressionado.

— Obrigada — Clary olhou em volta. — Então foi aqui que você cresceu? Parece ter saído de um conto de fadas.

— Estava pensando mais em um filme de terror — disse Jace. — Meu Deus, faz anos que não vejo este lugar. Não costumava ser tão...

— Tão frio? — Clary tremeu um pouco. Abotoou o casaco, mas o frio na mansão era mais que físico: o lugar tinha uma *sensação* fria, como se jamais tivesse havido calor, luz ou riso ali dentro.

— Não — disse Jace. — Sempre foi frio. Eu ia dizer *empoeirado*. — Tirou a pedra enfeitiçada do bolso, e ela brilhou entre seus dedos. O fulgor branco atingiu seu rosto de baixo, formando sombras sob as maçãs do rosto, a cavidade das têmporas. — Este é o escritório, e precisamos da biblioteca. Vamos.

Ele a conduziu por um longo corredor repleto de espelhos, dezenas, que lhes mostravam seus reflexos. Clary não tinha percebido como estava desgrenhada: o casaco sujo de poeira, o cabelo bagunçado pelo vento. Tentou suavizá-lo discretamente e viu o sorriso de Jace no outro espelho. Por algum motivo, certamente por alguma magia de Caçador de Sombras que ela não tinha a menor esperança de entender, o cabelo *dele* estava perfeito.

O corredor era cheio de portas, algumas abertas; através das frestas, Clary podia espiar os outros cômodos, aparentemente tão empoeirados e inutilizados quanto o escritório. Michael Wayland não tinha parentes, dissera Valentim, então ela supôs que ninguém tivesse herdado o lugar após sua “morte” — tinha presumido que Valentim continuara vivendo aqui, mas claramente não parecia o caso. Tudo exalava tristeza e abandono. No Renwick, Valentim havia se referido

a este lugar como “casa”, havia mostrado a Jace no espelho do Portal, uma lembrança dos campos verdes e cascalho, mas isso, Clary pensou, também tinha sido mentira. Era claro que Valentim não morava aqui havia anos — talvez tivesse abandonado o lugar para deteriorar, ou só viesse ocasionalmente, para caminhar pelos corredores escuros como um fantasma.

Alcançaram a porta no fim do corredor e Jace a abriu com o ombro, chegando para trás para permitir que Clary entrasse no cômodo antes dele. Tinha imaginado a biblioteca do Instituto, e esta sala não era muito diferente: as mesmas paredes repletas de fileiras intermináveis de livros, as mesmas escadas de correr para que as prateleiras superiores fossem alcançadas. O teto era plano e com vigas, e não cônico, e não havia mesas. Cortinas verdes de veludo, os vincos cobertas de poeira branca, estavam penduradas à frente de janelas cujos vidros alternavam tons de verde e azul. Ao luar brilhavam como gelo colorido. Além do vidro, tudo era negro.

— Esta é a biblioteca? — perguntou a Jace em um sussurro, apesar de não saber ao certo por que estava sussurrando. Havia algo tão profundamente silencioso na casa enorme e vazia.

Ele estava olhando através dela, os olhos escuros com as lembranças.

— Eu costumava sentar naquela cadeira perto da janela e ler o que quer que meu pai tivesse me passado no dia. Línguas diferentes em dias diferentes, francês no sábado, inglês no domingo, mas agora não consigo me lembrar qual era o dia do latim, se era segunda ou terça...

Clary viu um flash de Jace como um menininho, com o livro equilibrado nos joelhos sentado à janela, olhando para — para onde? Havia jardins? Uma paisagem? Um muro alto de espinhos como ao redor do castelo da Bela Adormecida? Ela o viu enquanto lia, a luz que entrava pela janela formando quadrados azuis e verdes sobre os cabelos claros, e o rosto mais sério do que deveria ser o de qualquer menino de 10 anos.

— Não consigo me lembrar — disse novamente, olhando para a escuridão.

Ela tocou o ombro dele.

— Não importa, Jace.

— É, acho que não — disse e se sacudiu, como se acordasse de um sonho; em seguida atravessou a sala, a pedra iluminando o caminho. Ajoelhou-se para inspecionar uma fileira de livros e voltou a ficar de pé, com um deles na mão. — “*Receitas Simples para Donas de Casa*” — disse ele. — Aqui está.

Ela correu pela sala e o tomou dele. Era um livro simples, com a capa azul, empoeirado como tudo na casa. Ao abri-lo, voou poeira das páginas como um bando de mariposas.

Um quadrado grande e largo havia sido cortado no centro do livro. Encaixado

no buraco como uma joia em uma caixinha, havia um volume menor, mais ou menos do tamanho de um livro de bolso, com a capa branca de couro e o título impresso em latim, em letras douradas. Clary reconheceu as palavras “branco” e “livro”, mas, ao levantá-lo e abri-lo, as páginas estavam preenchidas com escrita fina e retorcida em uma língua que não conseguia entender.

— Grego — disse Jace, olhando sobre o ombro dela. — Arcaico.

— Você consegue ler?

— Não com facilidade — admitiu. — Faz anos. Mas Magnus vai conseguir, imagino. — Fechou o livro e o colocou no bolso verde do casaco dela antes de voltar para as prateleiras, tocando os livros com as pontas dos dedos.

— Quer levar algum com você? — perguntou ela gentilmente. — Se quiser...

Jace riu e abaixou a mão.

— Eu só podia ler o que ele mandava — disse. — Algumas prateleiras tinham livros nos quais sequer podia tocar. — Indicou uma fileira, mais alta, cheia de livros em capa marrom. — Li um deles uma vez, quando tinha mais ou menos 6 anos, só para ver do que se tratava. Descobri que era um diário de meu pai. Sobre mim. Notas sobre “*meu filho, Jonathan Christopher*”. Me bateu com um cinto quando descobriu que eu tinha lido. Na verdade, foi a primeira vez que soube que tinha um nome do meio.

Uma dor repentina de ódio ao pai atravessou Clary.

— Bem, Valentim não está aqui agora.

— Clary... — começou Jace, um tom de alerta na voz, mas ela já estava se esticando para alcançar um dos livros da prateleira proibida, derrubando-o no chão. Fez um barulho satisfatório ao cair. — Clary!

— Ora, vamos. — E fez novamente, derrubando outro livro, depois outro. Poeira voava das páginas conforme atingiam o chão. — Tente você.

Jace olhou para ela por um instante; em seguida, um semissorriso se formou no canto da boca. Esticando-se, ele varreu o braço pela prateleira, derrubando o restante dos livros no chão com um barulho forte. Ele riu — em seguida se interrompeu, levantando a cabeça, como um gato esticando as orelhas para escutar um som distante.

— Ouviu isso?

Ouvi o quê? Clary estava prestes a perguntar, e se conteve. *Havia* um som, cada vez mais alto agora — um sussurro agudo, como de moagem, como o som de uma máquina ganhando vida. O som parecia vir de dentro da parede. Ela deu um passo involuntário para trás enquanto as pedras à frente recuaram com um lamento agudo, enferrujado. Uma abertura se formou atrás das pedras — uma espécie de passagem, cortada grosseiramente da parede.

Além da entrada havia uma escadaria, que levava para a escuridão.

9

Este Sangue Culpado

— Eu nem me lembrava de que havia um porão aqui — disse Jace, olhando além de Clary para o buraco aberto na parede. Ele levantou a pedra, e o brilho ricocheteou no túnel que levava para baixo. As paredes eram pretas e escorregadias, feitas com uma pedra negra lisa que Clary não reconheceu. Os degraus brilhavam como se estivessem úmidos. Um cheiro estranho pairava na entrada: frio, mofado, com um ligeiro toque metálico que deixava seus nervos no limite.

— O que você acha que pode haver lá embaixo?

— Não sei. — Jace foi em direção às escadas; pôs o pé no degrau mais alto, testando-o, em seguida deu de ombros como se tivesse tomado uma decisão. Começou a descer, movendo-se cuidadosamente. Na metade do caminho, virou para trás e olhou para Clary. — Você vem? Pode me esperar aí em cima se quiser.

Ela olhou em volta pela biblioteca vazia, em seguida estremeceu e foi atrás dele.

As escadas desciam em espiral, os círculos cada vez mais apertados, como se abrissem caminho dentro de uma enorme concha. O cheiro se tornou mais forte conforme se aproximavam do fundo, e os degraus alargaram, transformando-se em uma grande sala quadrada cujas paredes de pedra estavam repletas de marcas de umidade, e outras manchas mais escuras. O chão estava todo rabiscado: uma mistura de pentagramas e símbolos, com pedras brancas espalhadas aqui e ali.

Jace deu um passo para frente e alguma coisa quebrou sob seus pés. Ele e Clary olharam para baixo na mesma hora.

— Ossos — sussurrou Clary. Não eram pedras brancas, mas ossos de todas as formas e tamanhos, espalhados pelo chão. — O que ele *fazia* aqui embaixo?

A pedra ardia na mão de Jace, projetando um brilho misterioso no cômodo.

— Experiências — disse Jace com um tom seco, tenso. — A Rainha Seelie disse...

— Que espécie de ossos são esses? — A voz de Clary se ergueu. — São ossos de animais?

— Não. — Jace chutou uma pilha deles com os pés, espalhando-os. — Nem todos.

Clary sentiu um aperto no peito.

— Acho que deveríamos voltar.

Em vez disso, Jace ergueu a pedra mágica na mão. Ela emitiu um brilho forte, que em seguida ficou ainda mais intenso, iluminando o ar com um fulgor branco. Até os cantos distantes da sala entraram em foco. Três deles estavam vazios. O quarto estava coberto por um tecido pendurado. Havia alguma coisa atrás do tecido, uma forma corcunda...

— Jace — sussurrou Clary. — *O que é* aquilo?

Ele não respondeu. Surgiu uma lâmina serafim em sua mão livre de repente; Clary não sabia quando a tinha sacado, mas brilhava à luz da pedra como uma lâmina de gelo.

— Jace, não — disse Clary, mas era tarde demais, ele avançou e retirou o pano com a ponta da lâmina, em seguia o puxou e jogou para baixo. Caiu em uma nuvem de poeira.

Jace cambaleou para trás, derrubando a pedra. Enquanto a luz caía, Clary enxergou rapidamente o rosto dele: era uma máscara branca de horror. Clary pegou a pedra antes que se apagasse, e a levantou no alto, desesperada para ver o que poderia ter chocado Jace — logo ele, que não se chocava com nada — tão terrivelmente.

A princípio tudo que viu foi a forma de um homem; um homem enrolado em um pano branco sujo, agachado no chão. Algemas envolviam seus pulsos e calcanhares, presas a correntes espessas de metal enfiadas no chão de pedra. *Como ele pode estar vivo?*, pensou Clary, horrorizada, e sentiu bile subir à garganta. A pedra mágica tremeu em sua mão, e luz dançou sobre o prisioneiro: ela viu braços e pernas emaciados, marcados por todos os lados com cicatrizes de incontáveis torturas. O crânio de um rosto virou na direção dela, buracos negros onde deveria haver olhos — em seguida um movimento brusco, e ela viu que o que pensara ser um pano branco, mas que na verdade eram *asas*, asas brancas saindo de trás das costas em dois crescentes de um branco puro, as únicas coisas puras naquela sala imunda.

Arquejou, um som seco.

— *Jace*. Você está vendo...

— Estou — disse Jace ao lado dela, com uma voz entrecortada como vidro quebrado.

— Você disse que não existiam anjos, que ninguém nunca tinha visto um...

Jace estava sussurrando alguma coisa para si mesmo, uma sucessão do que pareciam xingamentos desesperados. Cambaleou para frente, em direção à criatura encolhida no chão — e se recolheu, como se tivesse batido em uma parede invisível. Olhando para baixo, Clary viu que o anjo estava agachado dentro de um pentagrama feito de símbolos entalhados no chão; brilhavam com uma fraca luz fosforescente.

— Os símbolos — sussurrou. — Não podemos passar...

— Mas tem que haver alguma coisa... — disse Jace, com a voz quase sumindo — alguma coisa que possamos fazer.

O anjo levantou a cabeça. Clary viu com uma terrível, e de certa forma distante, pena que ele tinha cabelos dourados e ondulados como os de Jace, que

brilhavam à luz. Ainda havia chumaços pelas cavidades do crânio. Seus olhos eram abismos, a face marcada com cicatrizes, como uma linda pintura destruída por vândalos. Enquanto os encarava, sua boca abriu e um som se derramou da garganta — não eram palavras, mas uma música dourada penetrante, uma única nota musical, sustentada, sustentada e sustentada tão aguda e doce que o som era como dor...

Uma inundação de imagens se ergueu diante dos olhos de Clary. Ela ainda estava segurando a pedra, mas a luz não estava mais lá; ela não estava mais lá, não mais ali, mas em outro lugar, onde gravuras do passado fluíam diante dela em um sonho acordado — fragmentos, cores, sons.

Ela estava na adega, vazia e limpa, um único símbolo enorme marcado no chão de pedra. Havia um homem ao lado; segurava um livro aberto em uma mão e uma tocha branca ardente na outra. Quando levantou a cabeça, Clary viu que era Valentim: mais jovem, o rosto sem rugas e bonito, os olhos escuros límpidos e brilhantes. Enquanto entoava, o símbolo ardeu em fogo, e quando as chamas retrocederam, uma figura encolhida apareceu deitada entre cinzas: um anjo, com asas espalhadas e ensanguentado, como um pássaro derrubado do céu por um tiro...

A cena mudou. Valentim se encontrava perto de uma janela, ao seu lado uma mulher jovem com cabelos brilhantes. Um anel prateado familiar brilhava na mão dele enquanto a estendia para colocar os braços ao redor dela. Com uma pontada de dor, Clary reconheceu a mãe — mas ela era jovem, suas feições suaves e vulneráveis. Vestia uma camisola branca e estava obviamente grávida.

— Os Acordos — dizia Valentim, irritado — não foram apenas a pior ideia que a Clave já teve, mas a pior coisa que podia acontecer aos Nephilim. Que tenhamos que ser *ligados* aos integrantes do Submundo, amarrados a estas criaturas...

— Valentim — disse Jocelyn com um sorriso —, chega de política, *por favor*. — Ela esticou o braço e envolveu o pescoço de Valentim, com a expressão cheia de amor, assim como a dele, mas havia mais alguma coisa ali, algo que enviou calafrios pela espinha de Clary...

Valentim ajoelhava-se no centro de um círculo de árvores. Havia uma lua brilhante no alto, iluminando o pentagrama preto que havia sido marcado na terra da clareira. Os galhos de árvores formavam uma rede espessa acima; onde se estendiam sobre as bordas do pentagrama, as folhas se curvavam e ficavam pretas. No centro da estela de cinco pontas sentava-se uma mulher com cabelos longos e brilhantes; tinha forma esguia e adorável, o rosto escondido pela sombra, os braços nus e brancos. Sua mão esquerda estava esticada à sua frente, e quando ela abriu os dedos, Clary podia ver que havia um longo corte na palma,

derramando um lento riacho de sangue em um cálice prateado apoiado na ponta do pentagrama. O sangue parecia negro ao luar, ou talvez *fosse* negro.

— A criança nascida com este sangue — dizia ela, com uma voz suave e adorável — terá mais poder que os Demônios Maiores dos abismos entre os mundos. Será mais potente do que Asmodei, mais forte que os *shedim* das tempestades. Se treinada adequadamente, não haverá nada que não possa fazer. Mas, alerto — acrescentou —, queimará a própria humanidade, como o veneno queima a vida que há no sangue.

— Agradeço a você, Dama de Edom — disse Valentim e, enquanto esticava o braço para pegar o cálice de sangue, a mulher ergueu o rosto, e Clary viu que, apesar de linda, seus olhos eram buracos negros ocos dos quais se curvavam tentáculos negros, como antenas cutucando o ar. Clary conteve um berro...

A noite, a floresta... desapareceram. Jocelyn encarava alguém que Clary não conseguia enxergar. Não estava mais grávida, e os cabelos brilhantes dispersavam-se pelo rosto assustado e desesperado.

— Não posso ficar com ele, Ragnor — disse ela. — Nem por mais um dia. Li o diário dele. Você sabe o que fez com Jonathan? Não pensei que Valentim fosse capaz daquilo. — Seus ombros tremeram. — Ele utilizou sangue de demônio... Jonathan não é mais um bebê. Sequer é humano; é um monstro...

Ela desapareceu. Valentim caminhava impaciente pelo círculo de símbolos, com uma lâmina serafim brilhando em mãos.

— Por que você não *fala*? — murmurou. — Por que não *me dá o que quero*? — Atacou com a faca, e o anjo se contorcia enquanto um líquido dourado escorria do machucado como luz do sol derretida. — Se não me dá respostas — sibilou Valentim —, pode me dar seu sangue. Trará mais benefícios a mim e aos meus do que a você.

Agora estavam na biblioteca Wayland. Luz do sol brilhava através das janelas em forma de losango, inundando a sala em verde e azul. Vozes vinham de outro cômodo: os sons de risos e conversas, uma festa. Jocelyn estava ajoelhada próxima à prateleira de livros, olhando de um lado para o outro. Retirou um livro grosso do bolso e o colocou na prateleira...

E desapareceu. A cena mostrava um porão, o mesmo onde Clary sabia que estava agora. O mesmo pentagrama marcado no chão cicatrizado e, no centro da estrela, um anjo. Valentim estava por perto, mais uma vez com uma lâmina serafim ardendo na mão. Parecia anos mais velho agora, não mais um jovem rapaz.

— Ithuriel — disse ele. — Somos velhos amigos agora, não é? Poderia tê-lo deixado enterrado vivo sob aquelas ruínas, mas não, o trouxe aqui comigo. Todos estes anos o mantive por perto, esperando que um dia fosse me contar o

que eu queria... o que precisava saber. — Ele se aproximou, exibindo a lâmina, o brilho iluminando a barreira simbólica, fazendo-a brilhar. — Quando o invoquei, sonhei que me diria *por quê*. Por que Raziel nos criou, sua raça de Caçadores de Sombras, mas não nos deu os poderes que os integrantes do Submundo têm, a velocidade dos lobos, a imortalidade do Povo das Fadas, a magia dos feiticeiros, até a resistência dos vampiros. Nos deixou despidos diante dos anfitriões do inferno, exceto por estas marcas pintadas na nossa pele. Por que os poderes deles são maiores que os nossos? Por que não podemos compartilhar do que eles têm? Como isso pode ser *justo*?

Dentro da estrela que o aprisionava, o anjo permanecia sentado em silêncio como uma estátua de mármore, parado, as asas dobradas. Seus olhos não expressavam nada além de uma terrível tristeza silenciosa. A boca de Valentim se retorceu.

— Muito bem. Mantenha-se em silêncio. Terei minha chance — Valentim ergueu a lâmina. — Tenho o Cálice Mortal, Ithuriel, e logo terei a Espada, mas sem o Espelho não posso começar a invocar. O Espelho é tudo de que preciso. Diga-me onde está, Ithuriel, e o deixarei morrer.

A cena se quebrou em fragmentos e, enquanto sua visão desbotava, Clary viu imagens agora familiares, dos próprios pesadelos — anjos com asas brancas e pretas, lençóis de água espelhada, ouro e sangue — e Jace, dando as costas para ela, sempre de costas. Clary tentou tocá-lo e pela primeira vez a voz do anjo falou em sua mente em palavras que podia entender.

Estes não são os primeiros sonhos que já mostrei a você.

A imagem de um símbolo explodiu atrás de seus olhos, como fogos de artifício — não um símbolo que já tivesse visto antes; era tão forte, simples e direto quanto um nó. Desapareceu no tempo de uma respiração e, enquanto desaparecia, a cantoria do anjo cessou. Clary estava de volta ao próprio corpo, atordoada, na sala suja e fétida. O anjo estava em silêncio, congelado, as asas dobradas, uma efígie de luto.

Clary soltou o ar em um choramingo.

— *Ithuriel*. — Ela esticou as mãos para o anjo, sabendo que não poderia ultrapassar os símbolos, o coração doendo. Há anos o anjo estava ali, sentado em silêncio, sozinho no escuro, acorrentado e faminto, mas impedido de morrer...

Jace estava ao lado dela. Clary podia ver pela expressão ferida que ele tinha visto as mesmas coisas que ela. Olhou para a lâmina serafim na mão, depois novamente para o anjo. Seu rosto cego estava voltado para eles em uma súplica silenciosa.

Jace deu um passo para a frente, em seguida mais um. Estava com os olhos fixos no anjo, como se, pensou Clary, houvesse alguma comunicação silenciosa

entre eles, algum discurso que ela não podia ouvir. Os olhos de Jace brilhavam como discos de ouro, a luz refletida neles.

— *Ithuriel*. — Sussurrou.

A chama em sua mão brilhou como uma tocha. A luz cegava. O anjo levantou a cabeça, como se a luz fosse visível a seus olhos cegos. Ele esticou as mãos, as correntes que as prendiam pelos pulsos batendo como uma música áspera.

Jace virou-se para ela.

— Clary — disse ele. — Os símbolos.

Os símbolos. Por um instante ela o encarou, confusa, mas os olhos dele a instigavam a seguir em frente. Entregou a pedra mágica a Jace, pegou a estela do bolso e se ajoelhou perto dos símbolos marcados. Pareciam ter sido esculpidos na pedra com alguma coisa afiada.

Ela olhou para Jace. A expressão dele a espantou, o brilho em seus olhos — estavam cheios de fé nela, de confiança em suas habilidades. Com a ponta da estela ela traçou diversas linhas no chão, mudando os símbolos de prisão por outros de soltura, de confinamento para abertura. Brilhavam conforme ela os traçava, como se estivesse arrastando a ponta de um fósforo sobre enxofre.

Quando estava pronto, ela se levantou. Os símbolos brilhavam diante dela. Abruptamente, Jace se postou ao lado dela. A pedra mágica não estava lá, a única luz vinha da lâmina serafim que tinha dado o nome do anjo, ardendo na mão de Jace. Ele a esticou, e desta vez a mão passou pela barreira dos símbolos como se não houvesse nada ali.

O anjo levantou as mãos e tomou a lâmina dele. Fechou os olhos cegos, e por um instante Clary achou que o viu sorrir. Virou a lâmina na mão até a ponta afiada se alojar bem abaixo do esterno. Clary arquejou de leve e foi à frente, mas Jace agarrou o braço dela com o seu, forte como ferro, e a puxou para trás — exatamente quando o anjo aplicou com a lâmina o golpe final.

A cabeça do anjo foi para trás, as mãos soltando do cabo, preso exatamente onde estaria o coração — se anjos tivessem coração; Clary não sabia. Chamas explodiram do ferimento, se espalhando da lâmina. O corpo do anjo brilhava em chama branca, as correntes nos pulsos ardendo em escarlate, como ferro deixado por muito tempo no fogo. Clary pensou em pinturas medievais de santos consumidos por uma chama de êxtase sagrado — e as asas do anjo voavam largas e brancas antes de também pegarem fogo e queimarem, uma grande estrutura de fogo brilhante.

Clary não podia mais assistir. Virou-se e enterrou o rosto nos ombros de Jace. Ele pôs os braços em volta dela, seu aperto firme.

— Tudo bem — disse ele com os lábios grudados no cabelo dela —, está tudo bem. — Mas o ar estava cheio de fumaça e o chão parecia tremer sob seus pés.

Só quando Jace tropeçou que ela percebeu que não era choque: o chão *estava* se movendo. Soltou Jace e cambaleou; as pedras sob os pés estavam se movendo, e uma fina chuva de sujeira descia do teto. O anjo era um pilar de fumaça; os símbolos ao redor brilhavam, dolorosamente claros. Clary os encarou, decodificando o significado, em seguida lançou um olhar desesperado para Jace:

— A mansão... era ligada a Ithuriel. Se o anjo morre, a casa...

Ela não completou a frase. Ele já a tinha pego pela mão e estava correndo para as escadas, puxando-a atrás de si. As escadas se enrolando e se curvando; Clary caiu, batendo o joelho com força em um degrau, mas o aperto de Jace em seu braço não se soltou. Ela correu, ignorando a dor na perna, os pulmões cheios de uma sujeira asfixiante.

Chegaram ao alto da escada e irromperam na biblioteca. Atrás deles, Clary podia ouvir o ruído suave conforme o resto dos degraus sucumbia. Aqui não estava muito melhor; o cômodo estremecia, livros caindo das prateleiras. Uma estátua jazia onde tinha caído, em uma pilha de cacos. Jace soltou a mão de Clary, puxou uma cadeira e, antes que ela pudesse perguntar a ele o que pretendia fazer, jogou-a contra a janela de vidro.

A cadeira voou através de uma cachoeira de vidro quebrado. Jace virou-se e estendeu a mão para ela. Atrás dele, além da moldura quebrada que sobrara, ela podia ver uma extensão de grama marcada pelo luar e uma linha de árvores ao longe. Pareciam muito distantes. *Não posso saltar essa distância*, pensou ela, e estava prestes a balançar a cabeça para Jace quando viu seus olhos arregalarem, a boca formando um aviso. Um dos bustos pesados de mármore que se amontoavam nas prateleiras mais altas tinha se soltado e estava caindo na direção dela; ela desviou, e a estátua atingiu o chão a poucos centímetros de onde Clary estivera, deixando um buraco enorme no chão.

Um segundo depois os braços de Jace estavam em volta dela, e ele a estava levantando do chão. Isso a deixou surpresa demais para lutar enquanto ele a carregava até a janela quebrada e a lançava para fora sem qualquer cerimônia.

Ela atingiu um terreno elevado de grama sob a janela e desceu tropeçando pela inclinação íngreme, ganhando velocidade até parar em um montículo com força o bastante para deixá-la sem fôlego. Ela se sentou, sacudindo a grama do cabelo. Um segundo depois, Jace parou a seu lado; ao contrário dela, rolou imediatamente para uma posição agachada, olhando colina acima, na direção da mansão.

Clary virou-se para ver para onde ele estava olhando, mas ele já a tinha agarrado, empurrando-a para a depressão entre as duas colinas. Mais tarde, encontraria hematomas escuros nos braços onde ele a segurara; agora ela apenas arquejava em surpresa enquanto ele a derrubava e rolava para cima dela,

protegendo-a com o próprio corpo diante de um rugido que se erguia. Soava como se a terra estivesse se partindo, como um vulcão entrando em erupção. Uma explosão de poeira branca voou para o céu. Clary ouviu um ruído agudo por toda sua volta. Por um instante de espanto, pensou que tivesse começado a chover — em seguida percebeu que eram pedregulhos e vidros quebrados: os escombros da mansão despedaçada sendo derrubados ao redor como granizo mortal.

Jace a pressionou com mais força contra o chão, o corpo deitado sobre o dela, seus batimentos cardíacos quase tão altos nos ouvidos de Clary quanto o som das ruínas da mansão.

O rugido do colapso silenciou lentamente, como fumaça se dissipando no ar. Foi

substituído pelo gorjeio alto de pássaros espantados; Clary podia vê-los sobre o ombro de Jace, circulando com curiosidade contra o céu escuro.

— Jace — disse suavemente. — Acho que derrubei sua estela em algum lugar.

Ele se levantou um pouquinho, apoiando-se nos cotovelos, e olhou para ela. Mesmo na escuridão, Clary podia se ver refletida nos olhos de Jace; o rosto dele cheio de fuligem e sujeira, o colarinho da camisa rasgado.

— Tudo bem. Contanto que não esteja machucada.

— Estou bem. — Sem pensar, levantou a mão, passando os dedos levemente pelos cabelos dele. Sentiu que ele se retesou, os olhos escurecendo.

— Tinha grama no seu cabelo — disse ela. Estava com a boca seca; adrenalina pulsava pelas veias. Tudo o que tinha acabado de acontecer, o anjo, a mansão estilhaçando, parecia menos real do que o que via nos olhos de Jace.

— Você não devia me tocar — disse ele.

A mão dela congelou onde estava, na bochecha dele.

— Por que não?

— Você sabe por quê — disse ele, e desviou dela, rolando para as costas. — Você viu o que eu vi, não viu? O passado, o anjo. Nossos pais.

Era a primeira vez, ela pensou, que ele os chamava assim. *Nossos pais*. Ela virou para o lado, querendo se aproximar dele, mas sem saber ao certo se deveria. Ele estava olhando a esmo para o céu.

— Vi.

— Você sabe o que sou — as palavras eram um sussurro angustiado. — Sou parte demônio, Clary. Parte *demônio*. Você também entendeu isso, não? — Seus olhos a perfuravam como brocas. — Você viu o que Valentim estava tentando fazer. Ele usou sangue de demônio, usou em mim antes mesmo de eu nascer. Sou parte monstro. Parte tudo que sempre me esforcei tanto para combater, destruir.

Clary afastou a lembrança da voz de Valentim dizendo: *ela me deixou porque transformei seu primeiro filho em um monstro.*

— Mas feiticeiros são parte demônios. Como Magnus. Não faz deles pessoas más...

— Não parte Demônio Maior. Você ouviu o que a mulher demônio falou.

*Q*ueimará a própria humanidade, como o veneno queima a vida que há no sangue. A voz de Clary estremeceu quando disse:

— Não é verdade. Não pode ser. Não faz sentido...

— Mas faz. — Havia um desespero furioso na voz de Jace. Ela podia ver o brilho da corrente de prata no pescoço dele, acesa como uma chama branca pela luz das estrelas. — Explica *tudo*.

— Quer dizer que explica por que você é um Caçador de Sombras espetacular? Por que é leal e destemido, honesto, e tudo que demônios *não são*?

— Explica — disse ele, calmamente — por que sinto o que sinto por você.

— Como assim?

Clary ficou em silêncio por um longo instante, encarando-a através do pequeno espaço que os separava. Podia senti-lo, apesar de ele não a estar tocando, como se ainda estivesse deitado com o corpo contra o dela.

— Você é minha irmã — disse, afinal. — Minha irmã, meu sangue, minha família. Eu deveria querer protegê-la — soltou uma risada silenciosa, sem qualquer humor —, protegê-la de garotos que quisessem fazer com você exatamente o que *eu* quero fazer.

Clary ficou sem ar.

— Você disse que só queria ser meu irmão de agora em diante.

— Eu menti — disse ele. — Demônios mentem, Clary. Sabe, existem alguns danos que você pode sofrer quando é Caçador de Sombras, ferimentos internos por sangue de demônio. Você nem sabe o que há de errado, mas está sangrando até a morte lentamente. É assim que isso é, simplesmente o fato de ser seu irmão.

— Mas Aline...

— Eu tinha que *tentar*. E tentei. — A voz dele estava sem vida. — Mas Deus sabe, não quero ninguém além de você. Sequer *quero* querer alguém além de você — passou os dedos levemente pelo cabelo de Clary, tocando suas bochechas com as pontas dos dedos. — Agora pelo menos sei por quê.

A voz de Clary tinha afundado para um sussurro.

— Eu também não quero ninguém além de você.

Foi recompensada por ele ter ficado sem fôlego. Lentamente, Jace se apoiou sobre os cotovelos. Ele agora estava olhando para ela, e sua expressão havia mudado — tinha um olhar que Clary nunca tinha visto antes, uma luz sonolenta, quase mortal nos olhos. Jace deixou os dedos passarem da bochecha dela para os lábios, contornando o formato da boca de Clary com a ponta do dedo.

— Você provavelmente deveria — disse ele — me dizer para não fazer isso.

Ela não disse nada. Não queria pedir a ele para parar. Estava cansada de dizer não para Jace — de jamais se permitir sentir o que todo o seu coração *queria* sentir. Qualquer que fosse o custo.

Ele se abaixou, os lábios contra a bochecha dela, tocando-a levemente, calafrios fazendo todo o corpo de Clary tremer.

— Se quiser que eu pare, diga agora — sussurrou ele. Quando ela continuou sem dizer nada, ele passou a boca na cavidade de sua têmpora. — Ou agora — e contornou a linha da maçã do rosto. — Ou agora. — Seus lábios estavam contra os dela. — Ou...

Mas ela esticou o braço e o puxou para cima dela, e o resto das palavras se perdeu em sua boca. Ele a beijou gentilmente, cuidadosamente, mas não era

suavidade que Clary queria, não agora, não depois de todo esse tempo, e ela fechou os punhos na blusa dele, puxando-o com mais força. Ele gemeu suavemente, um ruído baixo na garganta, em seguida a envolveu com os braços, puxando-a para perto, e eles rolaram na grama, entrelaçados, ainda se beijando. Havia pedras contra as costas de Clary, e seu ombro doía onde tinha caído da janela, mas ela não se importava. Tudo o que existia era Jace; tudo que sentia, esperava, respirava, queria e via era Jace. Nada mais importava.

Apesar do casaco, ela podia sentir o calor dele irradiando através das roupas de ambos. Ela tirou o casaco dele, depois, de algum jeito, arrancou também a camisa. Seus dedos exploravam o corpo dele enquanto a boca de Jace explorava a dela: pele suave sobre músculos fortes, cicatrizes que pareciam fios finos. Ela tocou a cicatriz em forma de estrela no ombro de Jace — era lisa e plana, como se fizesse parte da pele, não sobressaltada como suas outras marcas. Supôs que fossem imperfeições, mas não era o que pareciam para ela; eram uma história, cortada no corpo: o mapa de uma vida de guerra interminável.

Ele se atrapalhou com os botões do casaco de Clary, suas mãos tremendo. Ela não se lembrava de já ter visto as mãos de Jace sem firmeza.

— Eu tiro — disse, e abriu o último botão; ao se levantar, algo frio e metálico atingiu sua clavícula, e Clary arquejou, surpresa.

— O que é? — Jace congelou. — Machuquei você?

— Não. Foi isso. — Tocou a corrente de prata no pescoço dele. Na ponta, havia um pequeno círculo de metal pendurado. Tinha batido nela quando se inclinara para a frente. Ela o estava encarando.

Aquele anel — o metal gasto com os desenhos de estrelas —, ela conhecia aquele anel.

O anel Morgenstern. Era o mesmo anel que brilhara na mão de Valentim no sonho que o anjo havia mostrado. Pertencera a Valentim, e ele o tinha dado a Jace, como sempre se passava adiante, de pai para filho.

— Desculpe — disse Jace. Ele passou o dedo na linha da bochecha de Clary, com uma intensidade sonhadora no olhar. — Esqueci que estava com essa porcaria.

Um frio repentino inundou as veias de Clary.

— Jace — disse, com a voz baixa. — Jace, não.

— Não o quê? Não use o anel?

— Não, não... não me toque. Pare um instante.

O rosto dele ficou imóvel. Dúvidas tomaram conta de seus olhos, afastando a expressão sonhadora, mas ele não disse nada, apenas tirou a mão.

— Jace — disse ela novamente. — Por quê? Por que agora?

Ele abriu a boca em surpresa. Ela podia ver uma linha escura onde ele havia

mordido o lábio inferior, ou talvez ela o tivesse mordido.

— Por que *o quê* agora?

— Você disse que não havia nada entre a gente. Que se nós... se nos deixássemos sentir o que queríamos, estaríamos machucando todos que amávamos.

— Eu disse. Estava mentindo. — Os olhos de Jace suavizaram. — Você acha que eu não quero...?

— Não — disse ela. — Não, eu não sou burra, sei que quer. Mas quando você disse que agora finalmente entende por que se sente assim por mim, o que quis dizer?

Não que ela não soubesse, pensou, mas tinha que perguntar, tinha que ouvi-lo dizer.

Jace pegou os pulsos dela e puxou as mãos de Clary para o próprio rosto, entrelaçando os dedos com os dela.

— Lembra o que eu disse na casa dos Penhallow? — perguntou. — Que você não pensa antes de agir, e por isso destrói tudo que toca?

— Não. Tinha me esquecido. Obrigada pela lembrança.

Ele mal pareceu notar o sarcasmo na voz.

— Não estava falando de você, Clary. Estava falando de mim. É assim que *eu* sou. — Virou o rosto gentilmente e os dedos dela deslizaram por sua bochecha. — Pelo menos agora sei por quê. Sei qual é o meu problema. E talvez... Talvez seja por isso que preciso tanto de você. Porque se Valentim me fez um monstro, suponho que tenha feito de você uma espécie de anjo. E Lúcifer amava Deus, não amava? Pelo menos é o que diz Milton.

Clary respirou fundo.

— *Não sou* um anjo. E você sequer sabe se foi para isso que Valentim usou o sangue de Ithuriel, talvez só o quisesse para si próprio.

— Ele disse que o sangue era "para mim e para os meus" — disse Jace, baixinho. — Explica por que você consegue fazer o que faz, Clary. A Rainha Seelie disse que nós dois éramos experimentos. Não só eu.

— Não sou um anjo, Jace — repetiu ela. — Não devolvo livros de biblioteca. Faço downloads ilegais de música na internet. Minto para a minha mãe. Sou *completamente normal*.

— Não para mim. — Ele olhou para ela. Seu rosto pairava frente a um fundo de estrelas. Não havia nada da arrogância de sempre na expressão; ela jamais o havia visto tão vulnerável, mas mesmo aquela vulnerabilidade estava misturada a um ódio a si próprio, profundo como um ferimento. — Clary, eu...

— Saia de cima de mim — disse Clary.

— *O quê*? — O desejo nos olhos de Jace quebrou em mil pedaços como cacos

do espelho do Portal em Renwick e, por um instante, sua expressão ficou vazia e atônita. Ela mal podia suportar olhar para ele e ainda assim dizer não. Vendo-o agora, mesmo que *não* estivesse apaixonada por ele, aquela parte que era filha da própria mãe, que amava todas as coisas belas pela beleza, ainda o quereria.

Mas, precisamente por ser filha de sua mãe, era impossível.

— Você ouviu — disse ela. — E deixe minhas mãos em paz. — Puxou-as de volta, cerrando-as em punhos para conter a tremedeira.

Ele não se moveu. Contraiu o lábio, e por um instante Clary viu aquela luz predatória nos olhos dele novamente, mas agora, misturada com raiva.

— Não imagino que queira me dizer *por quê*?

— Você acha que só me quer porque é malvado, não humano. Você só quer outro motivo pelo qual possa se odiar. Não vou permitir que me use para provar para si mesmo o quão sem valor é.

— Nunca disse isso. Nunca disse que a estava usando.

— Tudo bem — disse ela. — Diga agora que não é um monstro. Diga que não há nada de errado com você. E diga que me quereria mesmo que não tivesse sangue demoníaco. — *Porque eu não tenho sangue de demônio. E quero você mesmo assim*.

Seus olhares se encontraram, o dele cegamente furioso; por um instante, nenhum dos dois respirou, e em seguida ele saiu de cima dela, praguejando, e se levantou. Pegando a camisa de cima da grama, começou a vesti-la, ainda encarando. Deixou a camisa para fora da calça e se virou para procurar o casaco.

Clary se levantou, cambaleando um pouco. O vento cortante a deixou com os braços arrepiados. As pernas pareciam feitas de cera semiderretida. Abotoou o casaco com dedos dormentes, combatendo o impulso de chorar. Chorar não ajudaria em nada agora.

O ar continuava cheio de poeira e cinza, a grama ao redor cheia de escombros: pedaços estilhaçados de móveis; páginas de livros soprando ao vento de maneira pesarosa; farpas de madeira pintada de dourado; um pedaço de uma metade quase inteira de uma escada, misteriosamente intacto. Clary se virou para olhar para Jace; ele estava chutando pedaços de escombros com uma satisfação selvagem.

— Bem — disse ele —, estamos ferrados.

Não era o que ela esperava. Piscou os olhos.

— O quê?

— Lembra? Perdeu minha estela. Não tem a menor chance de você desenhar um Portal agora — pronunciou as palavras com um prazer amargo, como se a situação o satisfizesse de algum jeito obscuro. — Não temos outra forma de voltar. Vamos ter que andar.

Já não teria sido uma caminhada agradável em circunstâncias normais. Acostumada às luzes da cidade, Clary não podia acreditar no quanto era escuro à noite em Idris. As espessas sombras negras que margeavam a estrada em cada lado pareciam se arrastar com coisas praticamente invisíveis, e mesmo com a pedra mágica de Jace, ela só podia enxergar poucos metros à frente. Sentia falta de luzes de rua, do brilho ambiente de faróis, dos sons da cidade. Tudo o que podia ouvir agora eram o som uniforme das botas nos cascalhos e, às vezes, o próprio arquejo de surpresa ao tropeçar em alguma pedra.

Após algumas horas, os pés começaram a doer e estava com a boca seca como pergaminho. O ar tinha ficado muito frio, e ela se encolheu, tremendo, com as mãos nos bolsos. Mas mesmo tudo isso teria sido suportável se Jace estivesse falando com ela. Ele não tinha dito uma palavra desde que saíram da mansão, exceto para ditar direções de forma irritada, dizendo para onde ir em uma bifurcação ou mandando que desviasse de um buraco. Mesmo então, duvidava que ele se importasse se ela caísse *dentro* do buraco, exceto pelo fato de que o teria atrasado.

Afinal, o céu a leste começou a clarear. Clary, tropeçando e quase dormindo, levantou a cabeça em surpresa.

— Está cedo para amanhecer.

Jace olhou para ela com leve desprezo.

— Ali é Alicante. O sol não sobe por pelo menos mais três horas. Estas são as luzes da cidade.

Aliviada demais por estarem tão perto de casa para se importar com a forma como ele falara, Clary apressou o passo. Dobraram uma esquina e se encontraram caminhando por uma trilha ampla de terra à beira de uma colina. Ondulava-se pela curva do declive, desaparecendo em uma esquina ao longe. Apesar de a cidade ainda não ser visível, o ar tinha se tornado resplandecente, o céu marcado por um brilho avermelhado peculiar.

— Devemos estar quase chegando lá — disse Clary. — Tem algum atalho pela colina?

Jace estava com a testa franzida.

— Tem alguma coisa errada — disse ele abruptamente. Saiu em disparada, meio correndo pela estrada, levantando nuvens de poeira com as botas que brilhavam em ocre à estranha luz. Clary correu para acompanhar, ignorando os protestos dos pés cheios de bolhas. Atravessaram a curva seguinte e Jace parou subitamente, fazendo com que Clary batesse nele. Em outra situação, poderia ter sido cômico. Agora não.

A luz avermelhada estava mais forte agora, enviando um brilho escarlate ao céu noturno, iluminando a colina em que estavam como se fosse dia. Nuvens de

fumaça se curvavam do vale abaixo como as penas abertas de um pavão negro. Erguendo-se do vapor preto estavam as torres demoníacas de Alicante, suas formas cristalinas como flechas de fogo perfurando o céu esfumaçado. Através da fumaça espessa, Clary podia ver o vermelho saltitante das chamas, espalhadas pela cidade como um punhado de joias brilhantes sobre um tecido escuro.

Parecia inacreditável, mas lá estava: estavam em uma colina alta sobre Alicante, e abaixo deles, a cidade estava queimando.

Parte 2

Estrelas Brilham Sombriamente

ANTONIO: *Não ficarás mais? Tampouco deseja que eu vá convosco?*

SEBASTIAN: *Por vossa paciência, não. Minhas estrelas brilham sombriamente sobre mim; a malevolência do meu destino pode, talvez, destemperar o vosso; portanto, devo almejar que me deixeis suportar meus males sozinho. Seria uma má recompensa que tivesse que enfrentar algum em nome do vosso amor.*

— William Shakespeare, *Noite de Reis*.

10

Fogo e Espada

— Está tarde — disse Isabelle, puxando aflita a cortina de renda sobre a janela alta da sala de volta para o lugar. — Ele já deveria estar de volta.

— Seja razoável, Isabelle — disse Alec, naquele tom superior de irmão mais velho que parecia implicar que, enquanto ela, Isabelle, tinha uma inclinação para a histeria, ele, Alec, estava sempre perfeitamente calmo. Até a postura dele (estava sentado em uma das poltronas macias próximas à lareira dos Penhallow, como se não tivesse nenhuma preocupação na vida) parecia ter sido pensada para exibir o quão despreocupado estava. — Jace faz isso quando está chateado, sai e fica vagando por aí. Ele disse que ia dar uma saída. Vai voltar.

Isabelle suspirou. Quase desejava que os pais estivessem lá, mas ainda estavam no Gard. O que quer que a Clave estivesse discutindo, a reunião do Conselho estava demorando muito.

— Mas ele conhece Nova York. Não conhece Alicante...

— Provavelmente conhece melhor do que você. — Aline estava sentada no sofá, lendo um livro com capa de couro vermelho-escuro. Os cabelos negros estavam puxados para trás em uma trança embutida, os olhos passeando pelo volume equilibrado em seu colo. Isabelle, que nunca fora muito de ler, sempre invejava a capacidade alheia de se perder em um livro. Havia várias coisas pelas quais teria invejado Aline em outros tempos — ser pequena e delicadamente bonita, em primeiro lugar, não como uma amazona tão alta que ao usar salto acaba ficando muito maior do que todo garoto que conhecia. Mas claro que fazia pouco tempo que Isabelle descobrira que outras meninas não serviam só para serem invejadas, evitadas ou desgostadas. — Ele morou aqui até os 10 anos. Vocês só visitaram algumas vezes.

Isabelle levou a mão até o pescoço com o cenho franzido. O pingente pendurado na corrente acabara de pulsar sem sobreaviso — mas normalmente isso só acontecia na presença de demônios, e estavam em Alicante. Não havia como ter demônios por perto. Talvez o pingente não estivesse funcionando bem.

— Não acho que ele esteja dando voltas por aí. Acho que é bastante óbvio para onde foi — respondeu Isabelle.

Alec levantou os olhos.

— Você acha que ele foi ver Clary?

— Ela ainda está aqui? Pensei que tivesse que voltar para Nova York. — Aline deixou o livro fechar. — Onde a irmã do Jace está hospedada, afinal?

Isabelle deu de ombros.

— Pergunte a *ele* — disse ela, direcionando o olhar para Sebastian.

Sebastian estava estirado no sofá em frente a Aline. Também lia, a cabeça curvada sobre o livro. Levantou os olhos como se pudesse sentir o olhar de Isabelle.

— Estava falando de mim? — perguntou calmamente. Tudo em Sebastian era calmo, pensou Isabelle com uma pontada de irritação. Inicialmente, tinha ficado impressionada com a aparência dele... aquelas maçãs do rosto tão bem delineadas e aqueles olhos negros, insondáveis... mas a personalidade afável e complacente estava começando a incomodá-la. Não gostava de meninos que pareciam não se irritar com nada, nunca. No mundo de Isabelle, raiva era igual a paixão, que era igual a diversão.

— O que você está lendo? — perguntou, mais cortante do que pretendia. — É um dos gibis do Max?

— É. — Sebastian olhou para a cópia do *Santuário do Anjo* equilibrado no braço do sofá. — Gosto das figuras.

Isabelle suspirou. Alec lançou-lhe um olhar e depois disse:

— Sebastian, hoje mais cedo... Jace sabe onde você foi?

— Está falando sobre eu ter saído com Clary? — Sebastian parecia entretido. — Ouça, não é um segredo. Teria dito a Jace se o tivesse encontrado.

— Não entendo por que ele se importaria. — Aline deixou o livro de lado, a voz meio seca. — Não é como se Sebastian tivesse feito alguma coisa errada. E daí se ele quiser mostrar um pouco de Idris a Clarissa antes de ela voltar para casa? Jace deveria ficar satisfeito pela irmã não ficar sentada à toa e irritada.

— Ele às vezes é muito... protetor — disse Alec com alguma hesitação.

Aline franziu o rosto.

— Deveria parar com isso. Não pode ser bom para ela, ser tão superprotegida. O olhar no rosto dela quando nos viu, foi como se nunca tivesse visto ninguém se *beijando*. Quero dizer, vai ver nunca viu mesmo.

— Já viu, sim — disse Isabelle, pensando na maneira como Jace havia beijado Clary na Corte Seelie. Não era algo em que gostava de pensar; já não gostava de remoer as próprias mágoas, quanto mais as dos outros. — Não é isso.

— Então o que é? — Sebastian se recompôs, tirando uma mecha de cabelo dos olhos. Isabelle viu um relance de alguma coisa, uma linha vermelha na palma dele, como uma cicatriz. — É só que ele me odeia pessoalmente? Pois não sei o que foi que eu...

— Esse livro é meu. — Uma vozinha interrompeu o discurso de Sebastian. Era Max, na entrada da sala. Estava com pijama cinza e o cabelo castanho emaranhado, como se tivesse acabado de acordar. Estava olhando para o mangá perto de Sebastian.

— O quê, isso? — Sebastian mostra o exemplar de *Santuário do Anjo*. — Pode pegar, garoto.

Max atravessou a sala e pegou o livro de volta. Franziu o cenho para Sebastian.

— Não me chame de garoto.

Sebastian riu e se levantou.

— Vou pegar um café — disse, e foi para a cozinha. Na porta, parou e se virou. — Alguém quer alguma coisa?

Fez-se um coro de recusas. Dando de ombros, Sebastian desapareceu na cozinha, deixando a porta se fechar.

— Max — repreendeu Isabelle. — Não seja rude.

— Não gosto quando pegam minhas coisas. — Max apertou a revista contra o peito.

— Cresça, Max. Ele só pegou emprestado. — A voz de Isabelle saiu mais irritada do que gostaria; ainda estava preocupada com Jace, sabia disso, e estava descontando no irmão. — Você deveria estar na cama. Já é tarde.

— Ouvi barulhos na colina. Me acordaram. — Max piscou os olhos; sem os óculos, tudo era basicamente um borrão para ele. — Isabelle...

A nota de questionamento na voz de Max chamou a atenção dela. Isabelle virou de costas para a janela.

— O quê?

— As pessoas escalam as torres demoníacas? Tipo, tem algum motivo?

Aline levantou os olhos.

— Escalar as torres demoníacas? — Riu. — Não, ninguém nunca faz isso. É totalmente ilegal, para começar, e, além disso, por que alguém faria uma coisa dessas?

Aline, pensou Isabelle, não tinha muita imaginação. Ela própria conseguia pensar em muitas razões pelas quais alguém quereria escalar as torres demoníacas, ainda que apenas para cuspir chiclete em quem passasse embaixo.

Max estava com a testa franzida.

— Mas alguém subiu. Sei que vi...

— O que quer que você pense que viu, provavelmente sonhou — disse Isabelle.

O rosto de Max se contraiu. Identificando uma crise em potencial, Alec se levantou e esticou a mão.

— Vamos, Max — disse ele, afetuoso. — Vamos voltar para a cama.

— Deveríamos *todos* deitar — disse Aline, se levantando. Ela foi até a janela ao lado de Isabelle e fechou as cortinas com firmeza. — Já é quase meia-noite; quem sabe quando vão voltar do Conselho? Não há razão para ficarmos...

O pingente na garganta de Isabelle pulsou outra vez, com força — e então a janela na frente de Aline se espatifou de fora para dentro. Aline gritou quando mãos entraram pelo buraco — não mãos, na verdade, Isabelle viu com a clareza do choque, mas garras enormes com escamas, das quais corriam sangue e um

fluido enegrecido. Agarraram Aline e a puxaram pela janela quebrada antes que ela pudesse dar um segundo grito.

O chicote de Isabelle estava sobre a mesa perto da lareira. Ela se jogou para pegá-lo, desviando de Sebastian, que tinha vindo correndo da cozinha.

— Pegue armas — disparou ela, enquanto ele olhava espantado pela sala. — *Vá*! — berrou, e correu para a janela.

Perto da lareira, Alec estava segurando Max enquanto o menino se contorcia e gritava, tentando se soltar das garras do irmão. Alec o arrastou para a porta. *Ótimo,* pensou Isabelle. *Tire Max daqui*.

Ar frio entrava pela janela quebrada. Isabelle puxou a saia para cima e chutou o resto do vidro quebrado, agradecida pelas solas grossas das botas. Quando se livrou de todo o vidro, abaixou a cabeça e pulou pelo buraco na moldura, aterrissando com um baque no chão de pedra abaixo.

À primeira vista, a calçada parecia vazia. Não havia luzes públicas pelo canal; a iluminação principal vinha das janelas das casas próximas. Isabelle foi para a frente cuidadosamente, o chicote enrolado a seu lado. Tinha o chicote há tanto tempo — fora um presente de aniversário de 12 anos do pai — que parecia parte dela agora, como uma extensão do braço.

As sombras engrossavam à medida em que se afastava da casa e se aproximava da Oldcastle Bridge, que arqueava sobre o canal Princewater em um ângulo estranho em relação à calçada. As sombras na base se aglomeravam como moscas pretas — em seguida, enquanto Isabelle encarava, algo se mexeu nas sombras, alguma coisa branca e certeira.

Isabelle correu, se enfiando por dentro de uma cerca viva que delimitava o jardim de alguém e pulando para uma trilha de tijolos que passava por baixo da ponte. Seu chicote começara a emitir uma luz prateada e, sob sua fraca iluminação, ela podia ver Aline estirada na beira do canal. Um enorme demônio de escamas estava esticado sobre ela, pressionando-a para baixo com o peso de seu corpo espesso como de lagarto, o rosto enterrado no pescoço...

Mas não podia ser um demônio. Nunca tinha havido um demônio em Alicante. Jamais. Enquanto Isabelle encarava em choque, a coisa levantou a cabeça e cheirou o ar, como se a sentisse ali. Era cego, ela viu, uma linha espessa de dentes serrilhados que corriam como zíper onde deveria haver olhos. Tinha outra boca na parte de baixo do rosto, com presas das quais alguma coisa pingava. As laterais da cauda brilhavam conforme ela chicoteava para a frente e para trás, e Isabelle viu, aproximando-se, que o rabo tinha uma fileira de ossos afiados como lâminas.

Aline estremeceu e emitiu um ruído, um choramingo engasgado. Uma onda de alívio tomou conta de Isabelle — tivera certeza de que Aline estava morta —,

mas durou pouco. Enquanto Aline se movia, Isabelle viu que a blusa dela tinha sido rasgada na frente. Havia marcas de garras no peito, e a coisa tinha outra garra enfiada na cintura de seu jeans.

Uma onda de náusea passou por Isabelle. O demônio não estava tentando *matar* Aline — ainda não. O chicote de Isabelle ganhou vida em sua mão como a espada flamejante de um anjo vingador; lançou-se para a frente, atacando o demônio pelas costas com o chicote.

O demônio berrou e rolou de cima de Aline. Avançou para Isabelle, com as duas bocas abertas, as presas mirando o rosto dela. Dançando para trás, ela lançou o chicote mais uma vez; rasgou a cara do demônio, o peito, as pernas. Uma miríade de marcas cruzadas de rasgões se espalhou pela pele de escamas da criatura, derramando sangue e icor. Uma língua comprida e aforquilhada surgiu da boca superior, tentando atingir o rosto de Isabelle. Tinha um bulbo na ponta, ela viu, uma espécie de ferrão, como um escorpião. Ela mexeu o pulso para o lado e o chicote se curvou em volta da língua do demônio, enrolando-a com círculos de electrum flexível. O demônio berrou e berrou enquanto ela apertava o nó e puxava. A língua dele caiu com um barulho molhado e nojento nos tijolos do chão.

Isabelle puxou o chicote. O demônio girou e fugiu, com movimentos rápidos e certeiros como os de uma cobra. Isabelle foi atrás. O demônio estava na metade do caminho para a trilha que levava para cima da passagem quando uma forma escura se ergueu na frente dele. Algo brilhou na escuridão, e o demônio caiu se contorcendo no chão.

Isabelle parou abruptamente. Aline se erguia diante do demônio caído, com uma adaga fina na mão — devia estar com ela no cinto. Os símbolos na lâmina brilhavam como raios enquanto ela enterrava a arma nele, atacando repetidas vezes o corpo em espasmos do demônio até ele parar de se mover e desaparecer.

Aline levantou o olhar. Estava com o rosto inexpressivo. Não fez qualquer movimento para segurar a blusa fechada, apesar dos botões rasgados. Sangue escorria dos arranhões profundos no peito.

Isabelle soltou um assobio baixo.

— Aline, você está bem?

Aline deixou a adaga cair com um ruído. Sem mais uma palavra, virou-se e correu, desaparecendo na escuridão sob a ponte.

Pega de surpresa, Isabelle praguejou e correu atrás de Aline. Desejou que estivesse vestindo alguma coisa mais prática do que um vestido de veludo naquela noite, apesar de ter, ao menos, colocado as botas. Duvidava que conseguisse alcançar Aline se estivesse de salto.

Havia escadas de metal do outro lado da passagem de pedra, levando de volta

à Princewater Street. Aline era um borrão no alto da escada. Segurando a bainha pesada do vestido, Isabelle foi atrás, as botas fazendo barulho nos degraus. Quando chegou ao topo, olhou em volta para procurar Aline.

E arregalou os olhos. Estava no pé da estrada larga que ficava em frente à casa dos Penhallow. Não conseguia mais ver Aline — ela tinha desaparecido na multidão em alvoroço que lotava a rua. E não apenas pessoas. Havia *coisas* na rua — demônios, dezenas deles, talvez mais, como a criatura com a cauda de garras que parecia um lagarto que Aline tinha liquidado debaixo da ponte. Dois ou três corpos já estavam deitados na rua, um a centímetros de Isabelle — um homem, metade das costelas arrancada. Isabelle podia ver pelos cabelos grisalhos que era um senhor idoso. *Mas claro que era*, pensou, o cérebro atuando lentamente, a velocidade dos pensamentos afetada pelo pânico. *Todos os adultos estavam no Gard. Na cidade só estavam as crianças, os idosos, e os doentes...*

A atmosfera tingida de vermelho estava com um forte cheiro de queimado, a noite cortada por berros e gritos. Havia portas abertas por toda a fileira de casas — pessoas vinham correndo e paravam congeladas no lugar ao verem a rua cheia de monstros.

Era impossível, inimaginável. Nunca na história um demônio havia atravessado as barreiras de bloqueio das torres demoníacas. E agora havia dezenas. Centenas. Talvez mais, inundando a rua como uma maré venenosa. Isabelle sentia como se estivesse presa atrás de uma parede de vidro, capaz de ver tudo, mas incapaz de se mexer — assistindo, congelada, enquanto um demônio agarrava um menino que fugia e o levantava do chão, enterrando os dentes em seu ombro.

O menino gritou, mas os gritos se perderam naquele clamor que despedaçava a noite. O volume do som aumentou e aumentou: o uivo de demônios, pessoas chamando pelos nomes de outras, o ruído de pés correndo e vidro se despedaçando. Alguém na rua gritava palavras que ela mal podia entender — algo sobre as torres demoníacas. Isabelle levantou os olhos. As espirais altas mantinham-se erguidos, sentinelas sobre a cidade, como sempre haviam estado. Porém, em vez de refletir a luz prateada das estrelas, ou mesmo a luz vermelha da cidade em chamas, estavam de um branco tão morto como a pele de um cadáver. A luminescência havia desaparecido. Um calafrio a percorreu. Não era à toa que as ruas estavam cheias de monstros — de algum jeito, por mais impossível que parecesse, as torres demoníacas haviam perdido a magia. As barreiras que protegiam Alicante havia mil anos não estavam mais lá.

A voz de Samuel silenciara havia horas, mas Simon permanecia acordado, olhando insone para a escuridão, quando ouviu os gritos.

Levantou a cabeça. Silêncio. Olhou em volta desconfortavelmente — será que tinha sonhado com o barulho? Apurou o ouvido, mas mesmo com a nova capacidade, nada era audível. Estava prestes a se deitar novamente quando os gritos voltaram, perfurando seus ouvidos como agulhas. Pareciam vir de fora do Gard.

Levantando-se, ficou de pé sobre a cama e olhou pela janela. Viu o gramado verde se estendendo, a luz distante da cidade um brilho fraco ao longe. Apertou os olhos. Havia algo de errado com a iluminação da cidade, alguma coisa... estranha. Estava mais fraca do que ele se lembrava — e havia pontos se movendo aqui e ali na escuridão, como agulhas de fogo, acenando pelas ruas. Uma nuvem pálida se erguia sobre as torres, e o ar estava carregado com o cheiro de fumaça.

— Samuel. — Simon podia perceber o alarme na própria voz. — Alguma coisa está errada.

Ouviu as portas se abrindo e pés correndo. Vozes roucas gritavam. Simon pressionou o rosto contra as grades enquanto pares de botas se agitavam lá fora, chutando pedras enquanto corriam, os Caçadores de Sombras chamando uns aos outros enquanto corriam para longe do Gard, em direção à cidade.

— As barreiras caíram! As barreiras caíram!

— Não podemos abandonar o Gard!

— O Gard não importa! Nossos filhos estão lá!

As vozes já estavam ficando mais baixas. Simon se afastou da janela, arquejando.

— Samuel! As barreiras...

— Eu sei. Ouvi. — A voz de Samuel veio forte através da parede. Não parecia assustado, mas resignado, e talvez até um pouco triunfante por constatar que tinha razão. — Valentim atacou enquanto a Clave estava reunida. Esperto.

— Mas o Gard é protegido, por que não ficam aqui?

— Você ouviu. Porque todas as crianças estão na cidade. Filhos, pais idosos... não podem simplesmente largá-los lá.

Os Lightwood. Simon pensou em Jace, e em seguida, com terrível clareza, no rosto pequeno e pálido de Isabelle sob a coroa de cabelos escuros, em sua determinação na luta, nos BJSSS no bilhete que escrevera para ele.

— Mas você avisou, você disse à Clave o que aconteceria. Por que não acreditaram?

— Porque as barreiras são a religião dessas pessoas. Não acreditar no poder das barreiras é não acreditar que são especiais, escolhidos, e protegidos pelo

Anjo. Daria no mesmo acreditar que são meros mundanos.

Simon se virou para olhar novamente pela janela, mas a fumaça havia engrossado, preenchendo o ar com uma palidez cinzenta. Não podia mais ouvir vozes gritando do lado de fora; havia berros ao longe, mas muito fracos.

— Acho que a cidade está pegando fogo.

— Não. — A voz de Samuel era baixa. — Acho que é o Gard que está queimando. Provavelmente fogo demoníaco. Valentim iria atrás do Gard, se pudesse.

— Mas... — As palavras de Simon se embolaram. — Mas alguém vai vir nos soltar, certo? O Cônsul, ou... Aldertree. Não podem simplesmente nos largar aqui para a morte.

— Você é do Submundo — disse Samuel. — E eu sou um traidor. Você realmente acha que fariam outra coisa?

— Isabelle! *Isabelle*!

Alec estava com as mãos nos ombros dela e a sacudia. Isabelle levantou a cabeça lentamente; o rosto branco do irmão flutuava contra a escuridão atrás. Um pedaço curvado de madeira preso atrás do ombro direito: estava com o arco amarrado nas costas, o mesmo arco que Simon havia utilizado para matar o Demônio Maior Abbadon. Ela não conseguia se lembrar de Alec caminhando em sua direção, não conseguia se lembrar de sequer tê-lo visto na rua; era como se ele tivesse se materializado em sua frente, como um fantasma.

— Alec. — A voz saiu lenta e tremida. — Alec, pare com isso. Estou bem.

Ela se soltou dele.

— Não parecia bem — disse Alec olhando para cima e praguejando baixinho. — Temos que sair da rua. Cadê Aline?

Isabelle piscou. Não havia demônios à vista; alguém estava sentado nos degraus da frente da casa diante deles, berrando em uma série alta de gritos. O corpo do velho ainda estava na rua, e o cheiro de demônios, por todos os lados.

— Aline... um dos demônios tentou... tentou... — Prendeu a respiração. Era Isabelle Lightwood. Não ficava histérica, independentemente do desafio. — Nós o matamos, mas depois ela fugiu. Tentei segui-la, mas foi rápida demais. — Olhou para o irmão. — Demônios na cidade — disse. — Como é possível?

— Não sei — Alec balançou a cabeça. — As barreiras devem ter caído. Havia quatro ou cinco demônios Oni aqui quando saí da casa; peguei um deles espreitando nos arbustos. Os outros fugiram, mas podem voltar. Vamos. Vamos voltar para a casa.

A pessoa na escada ainda estava chorando. O som os seguiu enquanto se apressavam de volta para a casa dos Penhallow. A rua permaneceu sem demônios, mas podiam ouvir o som de explosões, gritos, e pés correndo ecoando das sombras de outras ruas escurecidas. Ao subirem os degraus da frente dos Penhallow, Isabelle olhou para trás a tempo de ver um longo tentáculo na escuridão entre duas casas agarrar a mulher que estivera sentada na escada. Os soluços se transformaram em gritos. Isabelle tentou voltar, mas Alec já a agarrara e empurrara para dentro da casa na frente dele, fechando a porta e trancando-a. A casa estava escura.

— Apaguei as luzes. Não quero atrair mais nenhum deles — explicou, empurrando Isabelle para a sala.

Max estava sentando no chão perto das escadas, abraçando os joelhos. Sebastian estava perto da janela, pregando pedaços de madeira que tinha tirado da lareira sobre o buraco onde antes havia o vidro.

— Pronto — disse ele, recuando e deixando o martelo cair sobre a prateleira de livros. — Isso deve segurar por um tempo.

Isabelle se abaixou ao lado de Max e afagou o cabelo dele.

— Você está bem?

— Não. — Os olhos grandes e assustados. — Tentei olhar pela janela, mas Sebastian mandou eu me abaixar.

— Sebastian estava certo — disse Alec. — Estava cheio de demônios nas ruas.

— Eles ainda estão lá?

— Não, mas ainda há alguns na cidade. Temos que pensar no que fazer em seguida.

Sebastian estava franzindo a testa.

— Cadê Aline?

— Ela fugiu — explicou Isabelle. — A culpa é minha. Eu devia ter...

— A culpa *não* foi sua. Sem você, ela estaria morta — disse Alec, com a voz contida. — Ouça, não temos tempo para autocensura. Eu vou atrás de Aline. Quero que vocês três fiquem aqui. Isabelle, tome conta do Max. Sebastian, termine de proteger a casa.

Isabelle se pronunciou, indignada:

— Não quero que você saia sozinho! Me leve com você.

— Sou o adulto aqui. O que eu digo é o que vale. — O tom de Alec era equilibrado. — Existem muitas chances dos nossos pais chegarem do Gard a qualquer momento. Quantos mais de nós aqui, melhor. Será fácil demais acabarmos nos separando lá fora. Não vou arriscar, Isabelle. — Seu olhar passou para Sebastian. — Entendeu?

Sebastian já tinha pegado a estela.

— Vou trabalhar no bloqueio da casa com Marcas.

— Obrigado. — Alec já estava praticamente fora da casa; virou e olhou para Isabelle. Ela encontrou os olhos dele por uma fração de segundo. Em seguida saiu.

— Isabelle. — Era Max, a vozinha baixa. — Seu pulso está sangrando.

Isabelle olhou para baixo. Não tinha qualquer lembrança de ter machucado o pulso, mas Max tinha razão: o sangue já tinha manchado a manga do casaco branco. Levantou-se.

— Vou pegar minha estela. Já volto para ajudar com os símbolos, Sebastian.

Ele assentiu.

— Uma ajuda seria muito útil. Isso não é minha especialidade.

Isabelle subiu sem perguntar qual seria a especialidade dele. Sentia-se completamente exaurida, desesperadamente necessitada de uma Marca de energia. Poderia ela mesma fazer se fosse necessário, apesar de Alec e Jace sempre terem sido melhores neste tipo de símbolo.

Uma vez dentro do quarto, remexeu as coisas à procura de uma estela e algumas armas extras. Enquanto enfiava algumas lâminas serafim nos canos das botas, sua mente estava em Alec e no olhar que tinham compartilhado quando ele saiu pela porta. Não tinha sido a primeira vez que tinha visto o irmão sair, sabendo que poderia nunca mais voltar a vê-lo. Era algo que aceitava, sempre aceitara, como parte da vida; só quando conheceu Clary e Simon que percebeu que para a maioria das pessoas, é claro, nunca tinha sido assim. Não conviviam com a morte como companhia constante, uma respiração fria na nuca até nos dias mais comuns. Sempre tinha sentido tanto desprezo por mundanos, como todos os Caçadores de Sombras faziam — achava que eram frouxos, tolos, vaquinhas de presépio em sua complacência. Agora imaginava se todo aquele ódio não vinha do fato de que tinha ciúmes. Devia ser bom, não precisar se preocupar a cada vez que um de seus familiares saísse, que ele pudesse não voltar mais.

Estava na metade da escadaria, com a estela na mão, quando sentiu que alguma coisa estava errada. A sala estava vazia. Max e Sebastian não estavam à vista. Havia uma Marca de proteção incompleta em um dos pedaços de lenha que Sebastian tinha colocado sobre a janela quebrada. O martelo que tinha utilizado não estava mais lá.

Sentiu o estômago apertar.

— Max! — gritou ela, girando em um círculo. — Sebastian! Onde estão vocês?

A voz de Sebastian respondeu da cozinha.

— Isabelle, aqui.

Foi invadida por uma sensação de alívio, e ficou tonta.

— Sebastian, não tem graça — disse ela, marchando para a cozinha. — Pensei que vocês...

Deixou a porta fechar atrás de si. Estava escuro na cozinha, mais do que na sala. Apertou os olhos para tentar enxergar Sebastian e Max, mas não viu nada além de sombras.

— Sebastian? — Havia incerteza em sua voz. — Sebastian, o que você está fazendo aqui? Cadê o Max?

— Isabelle. — Ela achou ter visto alguma coisa se mexer, uma sombra escura contra sombras mais claras. A voz dele era suave, gentil, quase adorável. Não tinha percebido antes como era linda aquela voz. — Isabelle, sinto muito.

— Sebastian, você está estranho. Pare com isso.

— Sinto muito que seja você — disse ele. — Veja bem, de todos eles, era de você que eu mais gostava.

— Sebastian...

— De todos eles — repetiu, com a mesma voz baixa —, achava que era a mais parecida comigo.

Seu pulso fez um movimento para baixo, com o martelo nele.

Alec correu pelas ruas escuras em chamas, chamando por Aline sem parar. Ao deixar o distrito de Princewater e entrar no coração da cidade, o pulso acelerou. As ruas eram como uma pintura de Bosch ganhando vida: cheias de criaturas grotescas e macabras, cenas súbitas e horríveis de violência. Estranhos em pânico empurravam Alec para o lado sem olhar e corriam, gritando, sem nenhum destino aparente. O ar cheirava a fumaça e demônios. Algumas das casas estavam em chamas; outras tinham as janelas quebradas. Os paralelepípedos brilhavam com vidro quebrado. Ao se aproximar de um prédio, viu que o que

pensara ser um trecho com a tinta descolorida era uma mancha enorme de sangue fresco espalhada no gesso. Girou no lugar, olhando em todas as direções, mas não viu nada que a explicasse; ainda assim, se afastou o mais rápido possível.

Alec, o único dos filhos Lightwood, se lembrava de Alicante. Era uma criança quando partiram, mas ainda carregava lembranças de torres brilhantes, as ruas cheias de neve no inverno, correntes de luz mágica enfeitando as lojas e casas, com água se espalhando no chafariz de sereia na Praça. Sempre sentia uma pontada estranha no coração ao pensar em Alicante, a esperança semidolorosa de que a família fosse voltar àquele lugar ao qual pertencia. Ver a cidade assim era como a morte de toda a alegria. Virando numa avenida mais ampla, uma das ruas que levava ao Salão dos Acordos, viu um bando de demônios Belial passando por um arco, sibilando e uivando. Arrastavam alguma coisa atrás de si — algo que se contorcia e sofria espasmos enquanto deslizava pela rua de pedras. Correu pela rua, mas os demônios já não estavam mais lá. Encolhida contra a base de uma coluna havia uma forma flácida da qual saía um rastro de sangue. Cacos de vidro se quebravam como pedras sob as botas de Alec enquanto ele se ajoelhava para virar o corpo. Após uma única olhada no rosto roxo e contorcido, encolheu os ombros e recuou, grato por não se tratar de nenhum conhecido.

Um barulho o fez se levantar. Sentiu o odor antes de ver: a sombra de alguma coisa corcunda e enorme deslizando na direção dele, vinda da ponta oposta da rua. Um Demônio Maior? Alec não esperou para descobrir. Disparou pela rua em direção a uma das casas mais altas, saltando em um parapeito e se enfiando por uma janela cujo vidro tinha sido quebrado. Alguns segundos depois, estava subindo no telhado, com as mãos doendo, os joelhos ralados. Ele se levantou, esfregando as mãos, e olhou para Alicante.

As torres demoníacas arruinadas projetavam uma luz morta nas ruas agitadas da cidade, onde *coisas* galopavam, se arrastavam e se esgueiravam nas sombras entre os prédios, como baratas sorrateiras em um apartamento escuro. O ar carregava berros e urros, o ruído de gritos, nomes chamados ao vento — e havia manifestações demoníacas também, uivos de mutilação e deleite, berros que perfuravam o ouvido humano como dor. Fumaça se erguia sobre as casas de pedras cor de mel formando uma neblina, contornando as espirais do Salão dos Acordos. Olhando para cima, em direção ao Gard, Alec viu uma enxurrada de Caçadores de Sombras correndo pela trilha da colina, iluminada pelas pedras mágicas que carregavam. A Clave estava descendo para a batalha.

Ele foi para a borda do telhado. Os prédios eram muito próximos uns dos outros, os beirais quase se tocando. Foi fácil pular daquele telhado para o seguinte, e depois para o próximo. Ele se viu correndo suavemente pelos

telhados, pulando as singelas distâncias entre as casas. Era bom ter o vento frio no rosto, mais forte que o fedor dos demônios.

Correu durante vários minutos antes de perceber duas coisas: primeiro, estava correndo em direção às espirais brancas do Salão dos Acordos. E segundo, havia alguma coisa na frente, em uma praça entre dois becos, algo que parecia um chafariz de faíscas se erguendo, elas eram azuis, de um azul escuro, ardente. Alec já havia visto faíscas azuis como aquelas antes. Encarou-as por um instante antes de começar a correr.

O telhado mais próximo da praça era íngreme. Alec foi derrapando por ele, batendo com as botas nas telhas soltas. Posicionado precariamente na borda, ele olhou para baixo.

Viu a Praça da Cisterna abaixo, mas tinha a visão parcialmente bloqueada por um enorme poste de metal que se erguia na frente do prédio em que estava. Uma placa de madeira de loja pendurava-se nele, balançando com a brisa. A praça abaixo estava cheia de demônios Iblis — de forma humana, mas feitos de uma substância que parecia uma fumaça negra ondulante, cada um com um par de olhos amarelos ardentes. Haviam formado uma fila e se moviam lentamente em direção à figura solitária de um homem em um casaco cinza, forçando-o a recuar contra uma parede. Alec só podia olhar, espantado. Tudo no sujeito era familiar — a curva inclinada das costas, o emaranhado de cabelos negros, e a maneira como o fogo azul surgia das pontas dos dedos como vaga-lumes cianóticos.

Magnus. O feiticeiro estava arremessando lanças de fogo azul nos demônios Iblis; uma delas atingiu no peito um dos que avançavam. Com um ruído parecido com o de água jogada em uma chama, ele estremeceu e desapareceu em uma explosão de cinzas. Os outros se moveram para tomar seu lugar — os demônios Iblis não eram muito inteligentes —, e Magnus arremessou outro bando de lanças flamejantes. Diversos Iblis caíram, mas agora outro demônio, mais astuto que os outros, tinha *contornado* Magnus e estava vindo por trás dele, pronto para atacar...

Alec não parou para pensar. Em vez disso pulou, se segurando na borda do telhado enquanto caía e se lançando adiante para pegar o poste de metal e se enroscar nele, amenizando a queda. Soltou e aterrissou levemente no chão. O demônio, espantado, começou a virar, seus olhos amarelos como joias em chamas; Alec só teve tempo de pensar que se fosse Jace teria alguma coisa espertinha para dizer antes de tirar a lâmina serafim do cinto e atacar o demônio. Com um gemido característico o demônio desapareceu, a violência da saída desta dimensão respingando cinzas em Alec.

— *Alec*? — Magnus o estava encarando. Tinha acabado com o resto dos demônios Iblis, e a praça estava vazia exceto pelos dois. — Você acabou... Você

acabou de salvar a minha vida?

Alec sabia que deveria dizer alguma coisa como “É claro, pois sou um Caçador de Sombras e isso é o que fazemos”, ou “É a minha obrigação”. Jace teria dito alguma coisa assim. Jace sempre sabia a coisa certa a dizer. Mas as palavras que saíram efetivamente foram bem diferentes — e soaram petulantes, mesmo aos seus próprios ouvidos.

— Você não me ligou de volta — disse ele. — Te liguei mil vezes e você não retornou.

Magnus olhou para Alec como se o outro tivesse enlouquecido.

— Sua cidade está sob ataque — disse ele. — As barreiras de bloqueio caíram e as ruas estão cheias de demônios. E você quer saber por que eu não *liguei*?

Alec contraiu o maxilar em uma expressão teimosa.

— Quero saber por que você não ligou *de volta*.

Magnus jogou as mãos para o ar, em um gesto de total exasperação. Alec notou com interesse que, ao fazê-lo, algumas faíscas escaparam das pontas dos dedos, como vaga-lumes escapulindo de um pote.

— Você é um idiota.

— Foi por *isso* que você não me ligou? Porque sou um idiota?

— Não. — Magnus caminhou em direção a ele. — Não liguei porque estou cansado de você só me querer por perto quando precisa de alguma coisa. Estou cansado de assistir enquanto você está apaixonado por outra pessoa... outra pessoa que, por acaso, nunca vai amá-lo de volta. Não como eu amo.

— Você me *ama*?

— Seu Nephilim idiota — disse Magnus, pacientemente. — Por que outra razão eu estaria aqui? Por que outra razão eu teria passado as últimas semanas consertando seus amigos imbecis cada vez que se machucam? E o tirando de cada situação ridícula em que se mete? Sem falar em estar te ajudando em uma batalha contra Valentim. E tudo de graça!

— Não tinha pensado por esse lado — admitiu Alec.

— Claro que não. Você nunca pensou por lado nenhum. — Os olhos felinos de Magnus brilharam com raiva. — Tenho setecentos anos de idade, Alexander. Sei quando alguma coisa não vai funcionar. Você sequer admite para os seus pais que eu existo.

Alec o encarou.

— Você tem *setecentos anos*?

— Bem — corrigiu-se Magnus —, oitocentos. Mas não aparento. De qualquer forma, você está perdendo o foco. O foco é...

Mas Alec nunca soube qual era o foco, pois naquele instante outra dúzia de demônios Iblis invadiu a praça. Seu queixo caiu.

— Droga.

Magnus seguiu o olhar de Alec. Os demônios já estavam se espalhando em um semicírculo em volta deles, os olhos amarelos brilhando.

— Belo jeito de desviar do assunto, Lightwood.

— Seguinte. — Alec alcançou uma segunda lâmina serafim. — Se sobrevivermos a isso, eu prometo que o apresento para toda a minha família.

Magnus ergueu as mãos, os dedos brilhando com chamas azuladas individuais. Iluminaram seu sorriso com um ardor intenso.

— Combinado.

11

Todas as Hostes do Inferno

— Valentim — sussurrou Jace. Seu rosto estava pálido enquanto encarava a cidade. Através das camadas de fumaça, Clary achou que quase podia vislumbrar as ruas estreitas, entupidas com figuras correndo, pequenas formigas negras se esquivando de um lado para o outro, mas ela olhou novamente e não havia nada. Nada além das nuvens espessas de um vapor escuro e o cheiro de fogo e fumaça.

— Você acha que Valentim fez isso? — A fumaça era amarga na garganta de Clary. — Parece um incêndio. Talvez tenha começado sozinho...

— O Portão Norte está aberto. — Jace apontou para alguma coisa que Clary mal conseguia distinguir, dada a distância e a fumaça que distorcia. — Nunca fica aberto. E as torres demoníacas perderam a luz. As barreiras devem ter caído. — Ele sacou uma lâmina serafim do cinto, segurando-a com tanta força que suas juntas ficaram da cor do marfim. — Tenho que ir para lá.

Um nó de medo apertou a garganta de Clary.

— Simon...

— Terão evacuado o Gard. Não se preocupe, Clary. Ele provavelmente está melhor do que a maioria lá. Os demônios dificilmente o incomodarão. Tendem a deixar os do Submundo em paz.

— Desculpe — sussurrou Clary. — Os Lightwood... Alec, Isabelle...

— *Jahoel* — disse Jace, e a lâmina se acendeu, clara como a luz do dia na mão esquerda atada. — Clary, quero que fique aqui. Volto para buscá-la. — A raiva evidente em seus olhos desde que tinha saído da mansão tinha evaporado. Estava parecendo um soldado agora.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Quero ir com você.

— Clary... — ele começou, mas se interrompeu, enrijecendo completamente. Um instante depois, Clary ouviu também, uma batida pesada, rítmica, e mais alto que ela, um som como o estalo de uma enorme fogueira. Clary levou diversos instantes para desconstruir o ruído na mente, para quebrá-lo como alguém poderia quebrar uma música nas diversas notas que a compõem. — São...

— *Lobisomens*. — Jace olhava para além dela. Seguindo seu olhar, ela os viu, correndo pela colina mais próxima como uma sombra que se espalhava, iluminada em alguns pontos por olhos brilhantes ferozes. Uma alcateia inteira ou mais do que apenas isso; devia haver centenas deles, talvez até mil. Os latidos e uivos compunham o ruído que julgara ser uma fogueira, e o som erguia-se na noite, instável e áspero.

O estômago de Clary revirou. Ela conhecia lobisomens. Já tinha lutado ao lado deles. Mas aqueles não eram os lobos de Luke, não aqueles que tinham sido instruídos a cuidar dela, a não machucá-la. Pensou no terrível poder de matar do

bando de Luke em ação, e de repente sentiu medo.

Ao seu lado, Jace praguejou uma vez, ferozmente. Não havia tempo de alcançar mais uma arma; puxou-a com força para perto de si, com o braço livre, e com a outra mão ergueu Jahoel alto sobre a cabeça. A luz da lâmina era ofuscante. Clary cerrou os dentes...

E os lobos estavam sobre eles. Era como uma onda quebrando... uma explosão repentina de barulho ensurdecedor, e uma corrente de ar quando os primeiros lobos do bando avançaram e *saltaram* — havia olhos ardentes e mandíbulas abertas —, Jace apertou os dedos na lateral de Clary...

E os lobos continuaram pelos lados deles, se abrindo no espaço em que estavam por uns bons 70 centímetros. Clary virou a cabeça, incrédula, enquanto dois lobos — um lustroso e malhado, o outro enorme e cinza como aço — atingiram o chão suavemente atrás deles, pausaram e continuaram correndo, sem sequer olhar para trás. Havia lobos por todo lado, e, no entanto, nenhum deles os tocou. Passaram correndo, uma inundação de sombras, os pelos refletindo o luar em lampejos de prata de modo que pareciam quase um rio solitário, movendo-se em forma de raio em direção a Jace e Clary — e depois se dividindo ao redor deles, como se fossem uma pedra. Os dois Caçadores de Sombras poderiam ter sido estátuas a julgar pela atenção dispensada pelos licantropes enquanto passavam, de bocas abertas e olhos fixos na estrada à frente.

Então desapareceram. Jace se virou para ver os últimos lobos passarem correndo para alcançar os companheiros. Fez-se silêncio novamente, apenas os ruídos muito fracos da cidade ao longe.

Jace soltou Clary, abaixando Jahoel ao fazê-lo.

— Você está bem?

— O que aconteceu? — sussurrou ela. — Aqueles lobisomens... eles simplesmente passaram por nós...

— Estão indo para a cidade. Para Alicante. — Ele pegou uma segunda lâmina serafim do cinto e a entregou para ela. — Você vai precisar disso.

— Então não vai me largar aqui?

— Não adianta. Nenhum lugar é seguro. Mas... — hesitou. — Vai tomar cuidado?

— Vou tomar cuidado — prometeu Clary. — O que faremos agora?

Jace olhou para Alicante, queimando abaixo do lugar onde estavam.

— Agora corremos.

Nunca tinha sido fácil acompanhar Jace, e agora, quando ele estava a toda velocidade, era quase impossível. Clary sentiu que ele estava até se contendo, diminuindo o ritmo para deixá-la alcançá-lo, o que era difícil para ele.

A estrada ficou mais lisa na base da montanha e se curvou através de um bosque de árvores altas e espessas, criando a ilusão de um túnel. Quando Clary saiu do outro lado, se viu diante do Portão Norte. Através do arco, podia ver uma confusão de fumaça e chamas. Jace ficou na entrada, esperando por ela. Segurava Jahoel em uma mão e outra lâmina serafim na outra, mas mesmo a luz combinada de ambas se perdia contra a luminosidade mais forte da cidade queimando atrás.

— Os guardas. — Arquejou Clary, correndo para ele. — Por que não estão aqui?

— Pelo menos um deles está sobre aquelas árvores. — Jace apontou com o queixo na direção de onde tinham vindo. — Despedaçado. Não, não olhe. — E olhou para baixo. — Você não está segurando a lâmina serafim direito. Segure assim —mostrou como fazer —, e você precisa de um nome para ela. Cassiel seria uma boa opção.

— *Cassiel* — repetiu Clary, e a luz da lâmina brilhou.

Jace olhou para ela com uma expressão ponderada.

— Gostaria de ter tido tempo de treiná-la para isso. É claro, por direito, ninguém com tão pouco treinamento quanto você deveria sequer poder usar uma lâmina serafim. Fiquei surpreso no início, mas agora que sabemos o que Valentim fez...

Clary não estava com a menor vontade de conversar sobre o que Valentim tinha feito.

— Ou talvez você só estivesse com medo de que, se me treinasse adequadamente, eu ficaria melhor do que você — disse.

O fantasma de um sorriso tocou o canto da boca dele.

— O que quer que aconteça, Clary — disse ele, olhando para ela através da luz de Jahoel —, fique comigo. Entendeu? — Obrigou-a a sustentar seu olhar, exigindo com os olhos uma promessa.

Por algum motivo a lembrança de tê-lo beijado no gramado da mansão Wayland veio até ela. Parecia ter sido há um milhão de anos. Como alguma coisa que acontecera com outra pessoa.

— Vou ficar com você.

— Ótimo. — Ele desviou o olhar, soltando-a. — Vamos.

Moveram-se lentamente pelo portão, lado a lado. Ao entrarem na cidade, ela se tornou ciente dos ruídos de batalha como que pela primeira vez: uma parede de sons, construída a partir de gritos humanos e uivos não humanos, o som de

vidro quebrando e fogo ardendo. Fez o próprio sangue cantar em seus ouvidos.

O jardim logo após o portão estava vazio. Havia formas amontoadas espalhadas aqui e ali sobre os paralelepípedos; Clary tentou não olhar muito para elas. Ficou imaginando como era possível perceber que alguém estava morto, mesmo de longe, sem olhar muito de perto. Corpos mortos não lembravam corpos inconscientes; era como se você pudesse sentir que alguma coisa havia escapado deles, que alguma faísca essencial agora estava faltando.

Jace se apressou pelo jardim — Clary podia perceber que ele não gostava muito do espaço aberto e desprotegido — e seguiu por uma das estradas que saía dele. Havia mais destroços ali. Vitrines quebradas e conteúdos roubados espalhados pela rua. Havia também um cheiro no ar — um odor rançoso, espesso, de lixo. Clary conhecia aquele cheiro. Significava demônios.

— Por aqui — sibilou Jace. Desviaram para outra rua estreita. Um fogo estava queimando em um andar superior de uma das casas da rua, apesar de nenhuma das construções que a cercavam parece ter sido atingida. Clary lembrou-se, estranhamente, de fotos que vira da Blitz em Londres, onde a destruição se espalhava aleatoriamente, vinda do céu.

Olhando para cima, ela viu que o forte sobre a cidade estava encoberto por uma chaminé de fumaça negra.

— O Gard.

— Já disse, terão evacuado... — Jace parou de falar ao saírem da rua estreita para uma via pública. Havia corpos na estrada, e muitos. Alguns eram corpos pequenos. Crianças. Jace correu para a frente, Clary o seguiu, hesitante. Havia três, ela viu ao se aproximarem — nenhum deles, pensou com um alívio culpado, grande o bastante para ser de Max. Ao lado deles, o corpo de um homem mais velho, com os braços ainda abertos, como se estivesse protegendo as crianças com o próprio corpo.

A expressão de Jace era rígida.

— Clary, vire de costas. Devagar.

Clary se virou. Logo atrás dela havia uma vitrine quebrada. Houvera bolos em exibição em algum momento — uma torre deles, com uma cobertura de glacê brilhante. Estavam espalhados pelo chão em meio a vidros quebrados, e também havia sangue nos paralelepípedos, misturado à cobertura em longas linhas rosadas. Mas não tinha sido isso que provocara o tom de alarme da voz de Jace. Alguma coisa estava se arrastando da janela — algo amorfo, enorme e pegajoso. Algo equipado com duas fileiras de dentes que percorriam toda a extensão do corpo oblongo, que estava salpicado de cobertura e vidro quebrado como uma camada de açúcar cristalino.

O demônio saiu da janela e começou a se arrastar pelos paralelepípedos em

direção a eles. Algo em sua movimentação preguiçosa, desossada fez com que Clary sentisse a bile subindo à garganta. Ela recuou, quase batendo em Jace.

— É um demônio Behemoth — disse ele, olhando para a criatura deslizante na frente deles. — Eles comem *tudo*.

— Eles comem...?

— Pessoas? Sim — disse Jace. — Fique atrás de mim.

Ela deu alguns passos para trás para ficar atrás dele, os olhos fixos no Behemoth. Havia algo nele que a enojava ainda mais do que os outros demônios que encontrara antes. Parecia uma lesma com dentes, e aquele andar *mole*... Mas ao menos não se movia com rapidez. Jace provavelmente não teria muito trabalho para matá-lo.

Como que impulsionado pelo pensamento de Clary, Jace avançou, com a lâmina serafim ardente. Enfiou-a nas costas do Behemoth com um som como o de uma fruta madura demais sendo pisada. O demônio pareceu sofrer um espasmo, para em seguida dar de ombros e se recompor, aparecendo de repente a vários centímetros de distância de onde estivera.

Jace puxou Jahoel de volta.

— Era isso que eu temia — murmurou. — É apenas semicorporal. Difícil de matar.

— Então não mate. — Clary puxou a manga da blusa de Jace. — Pelo menos não é veloz. Vamos sair daqui.

Embora relutante, Jace permitiu que ela o puxasse. Viraram para correr na direção de onde tinham vindo...

E o demônio estava ali outra vez, na frente deles, bloqueando a rua. Parecia ter crescido, e um ruído baixo vinha dele, uma espécie de chiado raivoso de inseto.

— Acho que não quer que a gente vá embora — disse Jace.

— Jace...

Mas ele já estava correndo na direção da coisa, manejando Jahoel em um longo arco com a intenção de decapitar a criatura, mas a coisa simplesmente se mexeu e se reconstituiu outra vez, dessa vez atrás dele. Recuou, mostrando um lado inferior estriado como o de uma barata. Jace girou e trouxe Jahoel para baixo, rasgando o tronco da criatura. Fluido verde, espesso como muco, se espalhou pela lâmina.

Jace deu um passo para trás, com o rosto se contorcendo de nojo. O Behemoth continuava emitindo o mesmo chiado. Mais fluido vazava da criatura, mas não parecia machucada. O demônio avançava decidido.

— Jace! — disse Clary. — Sua lâmina...

Ele olhou para baixo. O muco do demônio Behemoth tinha se grudado na

lâmina de Jahoel, ofuscando seu fulgor. Enquanto ele olhava, a lâmina serafim crepitou e apagou como um fogo em que se jogou areia. Derrubou a arma com um xingamento antes que a gosma do demônio pudesse tocá-lo.

O Behemoth recuou outra vez, pronto para atacar. Jace desviou — então Clary estava lá, correndo entre ele e o demônio, com a lâmina empunhada. Ela atacou a criatura logo abaixo da fileira de dentes, a lâmina afundando na massa com um som repulsivo e molhado.

Ela recuou, arquejando, enquanto o demônio sofria mais um espasmo. Parecia que a criatura precisava de mais energia para se reconstituir a cada vez que sofria um ataque. Se ao menos pudessem atacá-la vezes suficientes...

Algo se moveu na beira da visão de Clary. Um brilho cinza e marrom, veloz. Não estavam sozinhos na rua. Jace se virou, arregalando os olhos.

— Clary! — gritou. — Atrás de você!

Clary girou, Cassiel brilhando em sua mão, enquanto um lobo se lançava sobre ela com os lábios contraídos em um rosnado feroz, a mandíbula aberta.

Jace gritou alguma coisa; Clary não sabia o quê, mas viu o olhar selvagem nos olhos de Jace, mesmo enquanto se jogava de lado, para fora do caminho do lobo. Ele passou por ela, com as garras esticadas, corpo arqueado — e atingiu seu alvo, o Behemoth, derrubando-o no chão antes de atacá-lo com os dentes.

O demônio gritou, ou melhor, emitiu o ruído mais próximo de um grito possível — um choramingo agudo, como ar saindo de um balão. O lobo estava sobre ele, prendendo-o, o focinho enterrado no corpo pegajoso. O Behemoth estremeceu e se debateu em um esforço desesperado de regenerar e curar os machucados, mas o lobo não estava dando chance. Suas garras afundavam profundamente na carne do demônio, o lobo arrancando pedaços gelatinosos do corpo de Behemoth com os dentes, ignorando o fluido verde que jorrava. O demônio iniciou uma última e desesperada série de espasmos convulsivos, a mandíbula batendo enquanto era derrotado — então desapareceu, deixando no lugar apenas uma poça de fluido verde sobre o paralelepípedo.

O lobo fez um barulho — uma espécie de rosnado de satisfação — e se virou para olhar Jace e Clary com olhos prateados pelo luar. Jace puxou outra lâmina do cinto e a levantou, desenhando uma linha de fogo no ar entre eles e o lobo.

O lobo rosnou, os pelos das costas se arrepiando.

Clary pegou o braço dele.

— Não... não faça isso.

— É um *lobisomem*, Clary...

— Ele matou o demônio para nós! Está do nosso lado! — Ela se afastou de Jace antes que ele pudesse segurá-la, aproximando-se lentamente do lobo, com as mãos esticadas, palmas abertas. Falou com uma voz baixa e calma: — Sinto

muito. Sentimos muito. Sabemos que você não quer nos machucar. — Ela parou, com as mãos ainda esticadas, enquanto o lobo a encarava com olhos vazios. — Quem... quem é você? — perguntou. Olhou por sobre o ombro para Jace e franziu o rosto antes de pedir: — Será que pode abaixar isso?

Jace parecia prestes a dizer categoricamente a ela que *não se abaixava* uma lâmina serafim que estivesse brilhando diante do perigo, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, o lobo rugiu baixo e começou a se levantar. Suas pernas se alongaram, a espinha ficando ereta, a mandíbula se retraindo. Em alguns segundos, havia uma garota na frente deles — uma garota com um vestido branco, os cabelos ondulados presos em diversas tranças, uma cicatriz na garganta.

— Quem é você? — Debochou a menina com desdém. — Não posso acreditar que não me reconheceram. Não é como se todos os lobos fossem exatamente iguais. *Humanos*.

Clary soltou um suspiro de alívio.

— Maia!

— Sou eu. Salvando o traseiro de vocês, como sempre. — Ela sorriu. Estava cheia de sangue e icor, que não estivera muito visível contra a pelagem de lobo, mas agora as manchas vermelhas e pretas se destacavam sobre a pele morena. Ela pôs a mão no estômago. — E aliás, *que nojo*. Não posso acreditar que mastiguei todo aquele demônio. Espero que não seja alérgica.

— Mas o que você está *fazendo* aqui? — perguntou Clary. — Quero dizer, não que não estejamos felizes em vê-la, mas...

— Não soube? — Maia olhou confusa de Jace para Clary. — Luke nos trouxe aqui.

— Luke? — Clary a encarou. — Luke está... aqui?

Maia assentiu.

— Ele entrou em contato com a alcateia, e com várias outras, todo mundo em que conseguiu pensar, e disse para todos nós que precisávamos vir para Idris. Fomos voando até a fronteira e de lá seguimos viagem. Alguns dos outros bandos foram até a floresta através de um Portal e nos encontraram lá. Luke disse que os Nephilim precisariam da nossa ajuda... — Parou de falar para depois perguntar: — Vocês não sabiam disso?

— Não — disse Jace —, e duvido que a Clave soubesse. Não são muito bons em aceitar ajuda de integrantes do Submundo.

Maia se endireitou, os olhos ardendo em raiva.

— Se não tivesse sido por nós, todos vocês teriam sido *aniquilados*. Não havia ninguém protegendo a cidade quando chegamos...

— Não — disse Clary, lançando um olhar furioso a Jace. — Estou muito,

muito grata por ter nos salvado, Maia, e Jace também está, mesmo que seja teimoso o bastante para preferir enfiar uma lâmina serafim nos próprios olhos a admitir. E não diga que espera que ele o faça — acrescentou apressadamente, percebendo o olhar no rosto da outra —, pois isso não vai ajudar em nada. Agora precisamos chegar aos Lightwood, e depois tenho que encontrar Luke...

— Os Lightwood? Acho que estão no Salão dos Acordos. É para lá que estão levando todo mundo. Pelo menos vi Alec lá — disse Maia —, e aquele feiticeiro também, o de cabelos arrepiados. Magnus.

— Se Alec está lá, os outros também devem estar. — A expressão de alívio no rosto de Jace fez Clary querer colocar a mão em seu ombro. Mas ela não o fez. — Foi inteligente levar todo mundo ao Salão; é protegido. — Colocou a lâmina serafim no cinto. — Vamos... temos que ir.

Clary reconheceu o interior do Salão dos Acordos assim que entrou lá. Era o lugar com o qual sonhara, onde estivera dançando com Simon, depois com Jace.

Era para cá que eu estava tentando me mandar quando passei pelo Portal, pensou, olhando em volta, para as paredes pálidas e o teto alto com a enorme claraboia de vidro através da qual podia ver o céu noturno. A sala, apesar de enorme, de algum jeito parecia menor e mais sombria do que no sonho. O chafariz de sereia ainda estava ali, no centro da sala, derramando água, mas não parecia lustrado, e os degraus que levavam até ele estavam infestados de pessoas, muitas com curativos. Este espaço estava cheio de Caçadores de Sombras, gente correndo aqui e ali, às vezes parando para olhar o rosto de algum passante, na esperança de ver um parente ou conhecido. O chão estava imundo, marcado com lama e sangue.

O que chamou a atenção de Clary, mais do que qualquer outra coisa, foi o silêncio. Se aquele cenário de desastre estivesse acontecendo num ambiente mundano, haveria pessoas gritando, berrando, chamando umas às outras. Mas o recinto estava praticamente silencioso. Pessoas sentavam quietas, algumas com as cabeças nas mãos, outras olhando para o nada. Crianças se mantinham perto dos pais, mas nenhuma delas chorava.

Percebeu outra coisa, também, enquanto adentrava a sala, ladeada por Jace e Maia. Havia um grupo de pessoas um pouco maltrapilhas perto do chafariz em um círculo desorganizado. Pareciam separados do resto da multidão, e quando Maia os viu e sorriu, Clary, percebeu por quê.

— Meu bando! — exclamou Maia. Avançou na direção deles, parando apenas para olhar para trás, na direção de Clary enquanto ia. — Tenho certeza de que Luke está por aqui em algum lugar — disse, e desapareceu dentro do grupo, que se fechou ao seu redor. Clary imaginou, por um instante, o que aconteceria se seguisse a licantrope para o círculo. Será que a receberiam como amiga de Luke ou ficariam desconfiados por ser mais uma Caçadora de Sombras?

— Não — disse Jace, como que lendo a mente de Clary. — Não é uma boa...

Mas Clary não descobriu o fim da frase, pois ouviu um grito:

— *Jace!* — Alec apareceu, sem fôlego ao abrir caminho pela multidão para alcançá-los. Seus cabelos negros estavam completamente emaranhados, e tinha sangue nas roupas, mas os olhos brilhavam com uma mistura de alívio e raiva. Agarrou Jace pela frente do casaco.

— O que *aconteceu* com você?

Jace pareceu afrontado.

— O que aconteceu *comigo*?

Alec o balançou, sem delicadeza.

— Você disse que ia dar uma *caminhada*! Que tipo de caminhada demora seis

horas?

— Uma bem longa? — sugeriu Jace.

— Eu poderia matá-lo — disse Alec, soltando as roupas de Jace. — Estou pensando seriamente nisso.

— Isso tornaria sua reclamação sem sentido, não é? — disse Jace. Então olhou em volta. — Cadê todo mundo? Isabelle e...

— Isabelle e Max estão na casa dos Penhallow, com Sebastian — disse Alec. — Minha mãe e meu pai estão indo buscá-los. E Aline está aqui, com os pais, mas não está falando muito. Passou maus bocados com um demônio Rezkor perto de um dos canais. Mas Izzy conseguiu salvá-la.

— E Simon? — perguntou Clary ansiosamente. — Você viu o Simon? Ele deveria ter vindo do Gard com os outros.

Alec balançou a cabeça.

— Não, não vi, mas também não vi o Inquisidor, ou o Cônsul. Provavelmente estaria com um deles. Talvez tenham parado em algum lugar ou... — parou de falar quando um murmúrio passou pelo recinto; Clary viu o grupo de licantropes levantar o olhar, alerta como um bando de cães de caça sentindo cheiro de ação. Ela se virou...

E viu Luke, cansado e sujo de sangue, entrando pelas portas duplas do Salão.

Correu para ele. Esquecendo-se do quanto havia se irritado quando ele foi embora e do quanto ele havia se irritado com ela por levá-los para Idris, deixando tudo de lado, exceto a alegria em vê-lo. Pareceu surpreso por um instante ao ver Clary correndo até ele — em seguida sorriu, e esticou os braços para segurá-la e abraçá-la, como fazia quando ela era pequena. Cheirava a sangue, flanela e fumaça, e por um instante Clary fechou os olhos, pensando na maneira como Alec havia segurado Jace ao vê-lo no Salão, pois era isso que familiares faziam quando se preocupavam uns com os outros, segurar, abraçar e explicar o quanto ficaram irritados... e tudo bem, pois independentemente da raiva que o fizera sentir, ainda pertenciam a você. E o que tinha dito a Valentim era verdade. Luke era como se fosse sua família.

Ele a colocou de volta no chão, fazendo uma careta no processo.

— Cuidado — disse ele. — Um demônio Croucher me acertou no ombro perto da Merryweather Bridge. — Ele pôs as mãos nos ombros dela, examinando seu rosto. — Mas você está bem, não está?

— Ora, mas que cena tocante — disse uma voz fria. — Não é mesmo?

Clary se virou, a mão de Luke ainda em seu ombro. Atrás dela havia um homem alto com uma capa azul que ondulava em seus pés conforme se movia em direção a eles. O rosto sob o capuz da capa parecia esculpido: maçãs do rosto definidas, feições aquilinas afiadas e pálpebras expressivas.

— Lucian — disse ele, sem olhar para Clary. — Deveria ter esperado que fosse você o responsável por esta... esta invasão.

— *Invasão*? — ecoou Luke e, de repente, lá estava seu bando de licantropes, atrás dele. Tinham se posicionado tão rápida e silenciosamente que fora como se tivessem aparecido do nada. — Não fomos nós que invadimos sua cidade, Cônsul. Foi Valentim. Só estamos tentando ajudar.

— A Clave não precisa de ajuda — irritou-se o Cônsul. — Não daqueles como você. Está transgredindo a Lei só de entrar na Cidade de Vidro, com ou sem barreiras de proteção. Deve saber disso.

— Acho que está bem claro que a Clave *precisa* de ajuda. Se não tivéssemos vindo quando viemos, muitos mais de vocês estariam mortos. — Luke olhou ao redor; diversos grupos de Caçadores de Sombras haviam se aproximado deles para ver o que estava acontecendo. Alguns deles olharam diretamente para Luke; outros abaixaram as cabeças, como que envergonhados. Mas nenhum deles, pensou Clary repentinamente surpresa, parecia irritado. — Eu o fiz para provar um ponto, Malaquias.

A voz de Malaquias era fria.

— E que ponto seria esse?

— Que vocês precisam de nós — disse Luke. — Para derrotar Valentim, precisam da nossa ajuda. Não apenas da ajuda dos licantropes, mas de todos os membros do Submundo.

— O que os integrantes do Submundo podem fazer contra Valentim? — perguntou Malaquias, desdenhoso. — Lucian, você sabe muito bem. Já foi um de nós. Sempre estivemos sozinhos contra todos os perigos e protegemos o mundo do mal. Seremos páreo para Valentim com nosso próprio poder. Os membros do Submundo fariam bem em ficar fora do nosso caminho. Somos Nephilim; lutamos nossas próprias batalhas.

— Não é *exatamente* verdade, é? — disse uma voz aveludada. Era Magnus Bane, com um casaco longo e cintilante, e uma expressão safada. Clary não fazia ideia de onde ele tinha vindo. — Vocês tiveram ajuda de feiticeiros em mais de uma ocasião no passado, e pagaram uma boa quantia por isso.

Malaquias franziu o rosto.

— Não me lembro da Clave tê-lo convidado para a Cidade de Vidro, Magnus Bane.

— Não convidou — disse Magnus. — Suas barreiras caíram.

— Sério? — A voz do Cônsul destilava sarcasmo. — Não tinha percebido.

Magnus pareceu preocupado.

— Isso é terrível. Alguém deveria ter avisado... — olhou para Luke. — Diga a ele que as barreiras caíram.

Luke parecia irritado.

— Malaquias, pelo amor de Deus, os integrantes do Submundo são fortes; temos um bom número. Eu já disse, podemos ajudar.

A voz do Cônsul se ergueu.

— E *eu* disse que não precisamos, nem queremos sua ajuda.

— Magnus — sussurrou Clary, indo silenciosamente para o lado dele. Uma pequena multidão havia se reunido, assistindo à briga entre Luke e o Cônsul; tinha quase certeza de que ninguém estaria prestando atenção a ela. — Venha conversar comigo. Enquanto estão ocupados demais para perceber.

Magnus lançou a ela um rápido olhar interrogativo, assentiu, e afastou-a, cortando a multidão como um abridor de latas. Nenhum dos Caçadores de Sombras ou lobisomens reunidos parecia querer ficar no caminho de um feiticeiro de um metro e oitenta com olhos felinos e sorriso maníaco. Ele a puxou para um canto mais quieto.

— O que foi?

— Peguei o livro. — Clary o retirou do bolso do casaco, deixando marcas de dedo na capa branca. — Fui até a mansão de Valentim. Estava na biblioteca como você disse. E ... — ela se interrompeu, pensando no anjo aprisionado. — Deixe para lá. — Entregou a ele o *Livro Branco*. — Aqui. Tome.

Magnus pegou o livro com os dedos longos. Ele folheou o volume, arregalando os olhos.

— É melhor do que tinha ouvido falar — anunciou alegre. — Mal posso esperar para começar com estes feitiços.

— Magnus! — A voz aguda de Clary o trouxe de volta à Terra. — Primeiro a minha mãe. Você prometeu.

— E cumpro com minha palavra. — O feiticeiro assentiu expressivamente, mas havia algo em seu olhar, algo que fazia com que Clary não confiasse plenamente.

— E mais uma coisa — acrescentou, pensando em Simon. — Antes que vá...

— Clary! — gritou uma voz, sem ar, ao seu ombro. Virou surpresa para ver Sebastian, ao lado dela. Estava com uniforme de Caçador de Sombras, e a vestimenta parecia correta nele de algum jeito, pensou, como se tivesse nascido para vesti-la. Onde todos pareciam sujos de sangue e desgrenhados, ele estava limpo, exceto pela linha dupla de arranhões na bochecha esquerda, como se algo o tivesse arranhado com garras afiadas. — Estava preocupado com você. Passei na casa de Amatis no caminho para cá, mas você não estava lá, e ela disse que não tinha visto você...

— Bom, estou bem. — Clary olhou de Sebastian para Magnus, que estava segurando o *Livro Branco* contra o peito. As sobrancelhas angulares de

Sebastian se ergueram. — E você? Seu rosto... — esticou o braço para tocar os ferimentos dele. Os arranhões ainda tinham um rastro de sangue.

Sebastian deu de ombros, afastando gentilmente a mão da menina.

— Um demônio fêmea me atacou perto da casa dos Penhallow. Mas estou bem. O que está acontecendo?

— Nada. Eu só estava conversando com Ma... Ragnor — disse Clary apressadamente, percebendo com horror repentino que Sebastian não fazia ideia de quem era Magnus.

— Maragnor? — Sebastian ergueu as sobrancelhas. — Muito bem, então. — Olhou curiosamente para o *Livro Branco*. Clary desejou que Magnus o tivesse guardado; do jeito que estava segurando, as letras douradas eram visíveis. — O que é isso?

Magnus o analisou por um instante, seus olhos de gato reflexivos.

— Um livro de feitiços — disse, afinal. — Nada que interesse a um Caçador de Sombras.

— Na verdade, minha tia coleciona livros de feitiços. Posso ver? — Sebastian esticou a mão, mas antes que Magnus pudesse recusar, Clary ouviu alguém chamá-la pelo nome, e Jace e Alec apareceram, claramente insatisfeitos em ver Sebastian.

— Pensei que tivesse dito a você para ficar com Max e Isabelle! — irritou-se Alec. — Você os deixou sozinhos?

Lentamente, os olhos de Sebastian se moveram de Magnus para Alec.

— Seus pais chegaram, exatamente como você disse que fariam — sua voz era fria. — Me mandaram na frente para dizer que estavam bem, assim como Izzy e Max. Estão a caminho.

— Bem — disse Jace, a voz pesada com sarcasmo —, obrigado por transmitir *essa* notícia assim que chegou.

— Não os vi assim que cheguei — disse Sebastian. — Vi Clary.

— Porque estava procurando por ela.

— Porque precisava falar com ela. A sós. — Capturou o olhar de Clary novamente, e a intensidade do dele a fez parar. Queria dizer a ele para não olhar daquele jeito para ela na frente de Jace, mas soaria louco e despropositado, além do mais, talvez tivesse alguma coisa importante para dizer. — Clary?

Ela assentiu.

— Tudo bem. Só um segundo — disse, e viu a expressão de Jace mudar: não rosnou, mas ficou com o rosto rígido. — Já volto — acrescentou, mas Jace não olhou para ela. Estava encarando Sebastian.

Sebastian a pegou pelo pulso e a afastou dos outros, puxando-a em direção à parte mais densa da multidão. Ela olhou para trás. Todos a encaravam, até

mesmo Magnus. O viu balançar a cabeça uma vez, levemente.

Parou onde estava.

— Sebastian. *Pare*. O que é? O que tem para me dizer?

Ele virou para encará-la, ainda a segurando pelo pulso.

— Pensei em irmos lá fora — disse. — Para conversar em particular...

— Não. Quero ficar aqui — disse, e ouviu a voz vacilar por um instante, como se não tivesse certeza. Mas *tinha* certeza. Puxou o braço de volta, libertando-o das garras dele. — O que há com você?

— Aquele livro — disse ele. — Que Fell estava segurando, o *Livro Branco*, você sabe onde o conseguiu?

— Era sobre *isso* que queria conversar comigo?

— É um livro de feitiços extremamente poderoso — explicou Sebastian. — E um que... bem, que tem sido procurado por muita gente, há muito tempo.

Clary bufou, irritada.

— Tudo bem, Sebastian, ouça — disse. — Aquele não é Ragnor Fell. É Magnus Bane.

— *Aquele* é Magnus Bane? — Sebastian girou e o encarou antes de olhar novamente para Clary com uma expressão acusatória no rosto. — E você sabia o tempo todo, certo? Você conhece Bane.

— Conheço, e sinto muito. Mas ele não queria que eu te contasse. E era o único que poderia ajudar a salvar minha mãe. Por isso dei o *Livro Branco* para ele. Lá tem um feitiço que pode ajudá-la.

Algo passou pelos olhos de Sebastian, e Clary teve a mesma sensação que tivera depois que ele a beijou: uma sensação repentina de alguma coisa errada, como se tivesse dado um passo para a frente esperando encontrar solo rígido embaixo, e em vez disso, pisado no vazio. Ele esticou a mão e a pegou pelo pulso.

— Você deu o livro, o *Livro Branco*, para um *feiticeiro*? Um imundo do Submundo?

Clary congelou.

— Não acredito que acabou de dizer isso. — Olhou para onde a mão de Sebastian cerceava seu pulso. — Magnus é meu amigo.

Sebastian afrouxou a força no pulso de Clary, só um pouco.

— Sinto muito — disse ele. — Não deveria ter dito isso. É que... quão bem conhece Magnus Bane?

— Melhor do que conheço você — disse Clary num tom de voz gelado. Ela olhou de volta para o lugar onde havia deixado Magnus com Jace e Alec... e um choque de surpresa a percorreu. Magnus não estava mais lá. Jace e Alec estavam sozinhos, observando-a com Sebastian. Podia sentir a desaprovação de Jace

como um fogão aberto.

Sebastian seguiu o olhar dela, os olhos escurecendo.

— Bem o suficiente para saber onde foi com o seu livro?

— O livro não é meu. Eu dei para ele — irritou-se Clary, mas ficou com uma sensação fria no estômago, lembrando-se da expressão sombria de Magnus. — E não sei em que isso interessa. Ouça, aprecio sua oferta de me ajudar a encontrar Ragnor Fell ontem, mas está me assustando agora. Vou voltar para os meus amigos.

Começou a se virar, mas ele se moveu para bloqueá-la.

— Desculpe. Não deveria ter dito isso. É que... tem mais do que você sabe nessa história.

— Então me diga.

— Venha para fora comigo. Conto tudo. — O tom de Sebastian era ansioso, preocupado. — Clary, por favor.

Ela balançou a cabeça.

— Tenho que ficar aqui. Tenho que esperar por Simon. — Era em parte verdade, em parte desculpa. — Alec disse que trariam os prisioneiros para cá...

Sebastian estava balançando a cabeça.

— Clary, ninguém te falou? Deixaram os prisioneiros para trás. Ouvi Malaquias dizer. A cidade foi atacada, e evacuaram o Gard, mas não tiraram os prisioneiros. Malaquias disse que estavam de conluio com Valentim, de qualquer forma. Que não havia como soltá-los sem que isso representasse perigo.

A cabeça de Clary parecia estar cheia de fumaça; sentiu-se tonta e um pouco enjoada.

— Não pode ser verdade.

— É verdade — disse Sebastian. — Juro que é. — Apertou a mão no pulso de Clary outra vez, e ela cambaleou. — Posso levá-la até lá. Até o Gard. Posso ajudar a salvá-lo. Mas você precisa me prometer que vai...

— Ela não precisa prometer nada — disse Jace. — Solte-a, Sebastian.

Sebastian, espantado, afrouxou a mão no pulso de Clary. Ela se libertou, voltando-se para Jace e Alec, ambos com a testa franzida. A mão de Jace estava sobre o cabo da lâmina serafim no cinto.

— Clary pode fazer o que quiser — disse Sebastian. Não estava com a testa franzida, mas havia um olhar estranho, fixo em seu rosto, que de algum jeito era pior. — E agora ela quer ir comigo, salvar o amigo. O amigo que *você* colocou na cadeia.

Alec empalideceu diante disso, mas Jace apenas balançou a cabeça.

— Sei que todo mundo gosta de você, Sebastian, mas eu não gosto. Talvez seja porque você se esforça tanto para *fazer* as pessoas gostarem de você. Talvez

eu só seja o babaca do contra. Mas não gosto de você, e não gosto da maneira como está segurando a minha irmã. Se ela quiser ir ao Gard procurar por Simon, tudo bem. Ela vai conosco. Não com você.

A expressão fixa de Sebastian não mudou.

— Acho que a escolha deveria ser dela — disse ele. — Não concorda?

Os dois olharam para Clary. Ela olhou através dele, na direção de Luke, ainda discutindo com Malaquias.

— Quero ir com meu irmão — afirmou.

Algo se acendeu nos olhos de Sebastian — algo que apareceu e sumiu rápido demais para que Clary pudesse identificar, apesar de ter sentido calafrios na base do pescoço, como se uma mão fria a tivesse tocado.

— Claro que quer — disse ele, e se afastou.

Foi Alec quem se moveu primeiro, empurrando Jace na frente, fazendo-o andar. Estavam a meio caminho das portas quando Clary percebeu que o pulso estava doendo — ardendo como se tivesse sido queimado. Olhando para baixo, esperava ver uma marca no pulso, onde Sebastian a havia agarrado, mas não havia nada. Apenas uma marca de sangue na manga com que ela tocara o corte na face dele. Franzindo o cenho, com o pulso ainda doendo, puxou a manga para baixo e se apressou para alcançar os outros.

12

De Profundis

As mãos de Simon estavam negras de sangue.

Tinha tentado arrancar as barras da janela e da porta da cela, mas tocar qualquer uma deixava marcas sangrentas nas palmas. Eventualmente desmoronou, arquejando, no chão, e encarou as mãos, entorpecido, enquanto os ferimentos se curavam, as lesões se fechando e a pele escurecida melhorando como um vídeo em *fast forward*.

Do outro lado da parede da cela, Samuel rezava.

— *Se algum mal nos sobrevier, espada, juízo, peste, ou fome, nós nos apresentaremos diante desta casa e diante de ti, pois teu nome está nesta casa, e clamaremos a ti em nossa aflição, e tu nos ouvirás e livrarás.*

Simon sabia que não podia rezar. Tinha tentado antes, e o nome de Deus queimara-lhe a boca e sufocara sua garganta. Imaginou por que podia pensar as palavras, mas não dizê-las. E por que conseguia se expor ao sol do meio-dia sem morrer, mas não conseguia fazer uma última oração.

Fumaça havia começado a flutuar pelo corredor como um fantasma decidido. Ele podia sentir o cheiro de queimado e ouvir a crepitação do fogo se espalhando descontroladamente, mas se sentiu estranhamente destacado, longe de tudo. Era estranho se tornar um vampiro, ser presenteado com o que só podia ser chamado de vida eterna, e ainda assim, morrer aos 16.

— Simon! — A voz era fraca, mas sobressaía aos estouros e à crepitação das chamas crescentes. A fumaça no corredor havia pressagiado calor, que estava aqui agora, apertando-o como uma parede opressora. — Simon!

A voz era de Clary. Reconheceria em qualquer lugar. Imaginou se a própria mente a estaria conjurando, um senso de memória daquilo que mais amara durante a vida para acompanhá-lo no processo da morte.

— Simon, seu idiota! Estou aqui! Na janela!

Simon levantou-se de um salto. Duvidava que a mente fosse conjurar *aquilo*. Através da fumaça espessa viu alguma coisa branca se movendo contra as grades da janela. Ao se aproximar, os objetos brancos viraram mãos agarrando as grades. Ele pulou na cama, gritando por sobre o som do fogo.

— Clary?

— Ah, graças a Deus. — Uma das mãos se esticou, apertando-o no ombro. — Vamos tirá-lo daqui.

— Como? — perguntou Simon, com certa razão, mas fez-se um barulho e as mãos de Clary desapareceram, substituídas um segundo depois por outro par. Estas eram maiores, inquestionavelmente masculinas, as juntas com cicatrizes e dedos finos de pianista.

— Aguenta aí. — A voz de Jace era calma, confiante; era como se estivessem conversando em uma festa em vez de através de uma grade de uma masmorra

que queimava rapidamente. — É melhor chegar para trás.

Obedecendo com espanto, Simon foi para o lado. As mãos de Jace cerraram sobre as barras, as juntas embranquecendo de um jeito alarmante. Houve um som enferrujado e um estalo, e o quadrado de barras soltou da pedra que o prendia e caiu ruidosamente no chão ao lado da cama. Pó de pedra choveu em uma nuvem branca sufocante.

O resto do rosto de Jace apareceu no quadrado vazio da janela.

— Simon. VAMOS. — E esticou as mãos para baixo.

Simon esticou as dele, alcançando as de Jace. Foi puxado e, em seguida, estava agarrando a beira da janela, levantando-se através do quadrado estreito como uma cobra deslizando por um túnel. Um segundo depois, estava estirado no gramado úmido, olhando para um círculo de rostos inquietos sobre o dele. Jace, Clary e Alec. Todos o olhavam preocupados.

— Está péssimo, vampiro — disse Jace. — O que aconteceu com suas mãos?

Simon se sentou. Os machucados nas mãos haviam se curado, mas ainda estavam pretas onde ele tinha agarrado as grades da cela. Antes que pudesse responder, Clary o surpreendeu com um abraço forte e repentino.

— Simon. — Suspirou. — Não acredito. Nem sabia que você estava aqui. Achava que estivesse em Nova York, até ontem à noite...

— É, bem — disse Simon —, também não sabia que você estava aqui. — Ele olhou para Jace por sobre o ombro. — Aliás, acho que fui especificamente informado de que não estava.

— Nunca disse isso — destacou Jace. — Apenas não o corrigi quando você estava, você sabe, errado. De qualquer forma, acabei de salvá-lo de queimar até a morte, então acho que não tem o direito de ficar irritado.

Queimar até a morte. Simon se afastou de Clary e olhou em volta. Estavam em um jardim quadrado, cercado pelas paredes da fortaleza em dois lados, e nos outros dois, por árvores espessas. As árvores tinham sido derrubadas onde uma trilha de cascalhos descia pela colina até a cidade — era ladeada com tochas de luz mágica, mas apenas algumas queimavam, a luz fraca e falha. Ele olhou para o Gard. Visto deste ângulo, mal dava para notar que havia um incêndio — fumaça preta manchava o céu acima, e a luz em algumas janelas parecia artificialmente brilhante, mas as paredes de pedra escondiam bem o segredo.

— Samuel — disse ele. — Temos que soltar o Samuel.

Clary pareceu confusa.

— Quem?

— Não sou a única pessoa aqui. Samuel, ele estava na cela ao lado.

— A pilha de trapos que vi pela janela? — lembrou-se Jace.

— É. Ele é um pouco estranho, mas é um bom sujeito. Não podemos deixá-lo

lá. — Simon se levantou. — Samuel? Samuel!

Não obteve resposta. Simon correu para a janela baixa de grades ao lado da que tinha acabado de escalar. Através das barras, só podia ver fumaça ondulando.

— Samuel! Você está aí?

Algo se moveu dentro da fumaça — algo encurvado e sombrio. A voz de Samuel, mais áspera pela fumaça, se ergueu rouca.

— Deixem-me em paz! Vão embora!

— Samuel! Você vai morrer aí — Simon sacudiu as barras. Nada aconteceu.

— Não! Deixe-me em paz! Quero ficar!

Simon olhou em volta desesperadamente e viu Jace ao seu lado.

— Afaste-se — disse Jace, e quando Simon se inclinou para o lado, ele chutou. Atingiu as grades, que se soltaram violentamente e caíram na cela de Samuel. Samuel soltou um grito rouco.

— Samuel! Você está bem? — Uma visão de Samuel tendo a cabeça arrancada pela grade preencheu a mente de Simon.

A voz de Samuel subiu para um berro:

— VÃO EMBORA!

Simon olhou de lado para Jace.

— Acho que ele está falando sério.

Jace sacudiu a cabeça loura, irritado.

— Você tinha que arrumar um amigo de cadeia maluco, não tinha? Você não podia contar as pedras do teto ou domar um rato, como fazem os prisioneiros normais? — Sem esperar por uma resposta, Jace se ajoelhou e se arrastou pela janela.

— Jace! — Clary gritou, e ela e Alec correram para perto, mas Jace já tinha ultrapassado a janela, caindo na cela abaixo. Clary lançou um olhar furioso a Simon. — Como você pode deixá-lo fazer isso?

— Ele não podia deixar o cara para morrer — disse Alec inesperadamente, apesar de ele próprio parecer um pouco ansioso. — É de Jace que estamos falando...

Interrompeu-se enquanto duas mãos se ergueram da fumaça. Alec agarrou uma e Simon a outra, e juntos puxaram Samuel como um saco flácido de batatas e o colocaram sobre o gramado. Um instante mais tarde, Simon e Clary estavam segurando as mãos de Jace e puxando-o para fora, apesar de ele ser consideravelmente menos molenga, e ter xingado quando bateram acidentalmente com a cabeça dele no parapeito. Ele os sacudiu para livrar-se dos dois, arrastando-se sozinho para a grama, caindo no chão em seguida.

— Ai — disse ele, olhando para o céu. — Acho que torci alguma coisa. —

Ele se sentou e olhou para Samuel. — Ele está bem?

Samuel estava abaixado no chão, as mãos no rosto. Estava se balançando para a frente e para trás silenciosamente.

— Acho que há algo de errado com ele — disse Alec. Esticou o braço para tocar o ombro de Samuel. Samuel se afastou, quase caindo.

— Deixe-me em paz — disse ele, a voz falhando. — Por favor. Deixe-me em paz, Alec.

Alec congelou de repente.

— O que você disse?

— Para deixá-lo em paz — disse Simon, mas Alec não estava olhando para ele. Estava olhando para Jace que, de repente muito pálido, já tinha começado a se levantar.

— Samuel — disse Alec. Falava em tom estranhamente severo. — Tire as mãos do rosto.

— Não — Samuel abaixou o queixo, os ombros tremendo. — Não, por favor. Não.

— Alec! — protestou Simon. — Não está vendo que ele não está bem?

Clary puxou a manga de Simon.

— Simon, alguma coisa não está certa.

Seus olhos estavam grudados em Jace — quando é que não estavam? — enquanto ele se movia para olhar a figura abaixada de Samuel. As pontas dos dedos de Jace estavam sangrando onde havia arranhado no parapeito, e quando tirou o cabelo dos olhos, deixou traços sangrentos em sua bochecha. Ele não pareceu notar. Estava com os olhos arregalados, a boca em uma linha fina, furiosa.

— Caçador de Sombras — disse Jace. A voz mortalmente clara. — Mostre-nos seu rosto.

Samuel hesitou, em seguida abaixou as mãos. Simon nunca tinha visto o rosto dele antes, e não tinha percebido o quão esquelético Samuel era, ou como parecia envelhecido. Estava com o rosto semicoberto por uma barba cinza espessa, os olhos perdidos em poças escuras, as bochechas marcadas por linhas. Mas mesmo com tudo isso, ainda era — de algum jeito — estranhamente familiar.

Os lábios de Alec se moveram, mas nenhum som saiu. Foi Jace que falou.

— *Hodge* — disse ele.

— Hodge? — ecoou Simon, confuso. — Mas não pode ser. Hodge era... e Samuel, ele não pode ser...

— Bem, isso é o que Hodge faz, aparentemente — disse Alec, amargo. — Faz com que pense que ele é alguém que na verdade não é.

— Mas ele disse... — começou Simon. Clary agarrou a manga do amigo com mais força, e as palavras morreram em seus lábios. A expressão no rosto de Hodge bastava. Não culpa, na verdade, ou mesmo pavor por ser descoberto, mas um pesar terrível para o qual era difícil olhar.

— Jace — disse Hodge, baixinho. — Alec... Me desculpem.

Jace estava se movendo como fazia quando estava lutando, como a luz do sol na superfície da água. Estava na frente de Hodge com uma faca na mão, a ponta afiada voltada para a garganta de seu antigo tutor. O brilho refletido do fogo deslizava pela lâmina.

— Não quero suas desculpas. Quero uma razão pela qual não deva matar você agora, aqui mesmo.

— Jace. — Alec parecia alarmado. — Jace, espere.

Houve um súbito estrondo quando parte do telhado do Gard explodiu em línguas laranjas de chamas. O calor brilhou no ar e acendeu a noite. Clary podia ver cada lâmina de grama no chão, cada linha no rosto fino e sujo de Hodge.

— Não — disse Jace. A expressão vazia dele ao olhar para Hodge lembrou Clary de outro rosto que parecia uma máscara. O de Valentim. — Você sabia o que meu pai tinha feito comigo, não sabia? Sabia de todos os segredos sujos.

Alec olhava confuso de Jace para o tutor.

— Do que você está falando? O que está acontecendo?

O rosto de Hodge se contorceu.

— Jonathan...

— Você sempre soube, e nunca disse nada. Todos aqueles anos no Instituto, e você nunca disse nada.

A boca de Hodge arqueou.

— Eu... eu não tinha certeza — sussurrou. — Quando você não vê uma criança desde que ela é bebê... Não sabia ao certo quem você era, quanto mais *o que* você era.

— Jace? — Alec estava olhando do melhor amigo para o tutor, os olhos azuis consternados, mas nenhum dos dois prestava atenção a nada além deles próprios. Hodge parecia estar com o rosto preso em uma máscara apertada, as mãos balançando nas laterais como se com dor, olhos de um lado para o outro. Clary pensou no homem bem-vestido na biblioteca repleta de livros que lhe oferecera chá e conselhos gentis. Parecia ter sido há um milênio.

— Não acredito em você — disse Jace. — Você sabia que Valentim não estava

morto. Ele deve ter dito...

— Não me disse nada — arquejou Hodge. — Quando os Lightwood me informaram de que estavam recebendo o filho de Michael Wayland, eu já estava sem notícias de Valentim desde a Ascensão. Achei que ele tivesse se esquecido de mim. Até rezei para que estivesse morto, mas nunca soube. Então, na noite que antecedeu sua chegada, Hugo apareceu com uma mensagem de Valentim. "O menino é meu filho". Era tudo o que dizia — respirou fundo — e não fazia ideia se deveria acreditar nele ou não. Pensei que saberia... pensei que saberia só de olhar para você, mas não havia nada, *nada* para me dar certeza. E achei que fosse uma armação de Valentim, mas com que objetivo? O que estaria tentando fazer? Você não tinha a menor ideia, isso era suficientemente claro para mim, mas quanto ao propósito de Valentim...

— *Você deveria ter me dito o que eu era* — disse Jace, de uma vez só, como se as palavras estivessem sendo socadas para fora dele. — Eu poderia ter feito alguma coisa a respeito. Me matado, talvez.

Hodge levantou a cabeça, olhando para Jace através do cabelo desgrenhado e imundo.

— Não tinha certeza — disse novamente, meio para si mesmo —, e nas vezes em que imaginei, pensei que, talvez, a criação pudesse importar mais do que o sangue, que você pudesse ser ensinado...

— Ensinado a quê? A não ser um monstro? — A voz de Jace tremeu, mas a faca na mão estava firme. — Você deveria saber. Ele o tornou um covarde submisso, não tornou? E você não era uma criança indefesa na época. Poderia ter lutado.

Os olhos de Hodge caíram.

— Tentei meu melhor com você — disse ele, mas mesmo aos ouvidos de Clary as palavras soavam desacreditadas.

— Até Valentim voltar — disse Jace — e você fazer tudo que ele pediu... Me deu para ele como se eu fosse um cachorro que tivesse pertencido a ele no passado, do qual tivesse pedido para você cuidar durante alguns anos...

— E depois foi embora — disse Alec. — Nos abandonou. Realmente achou que pudesse se esconder aqui, em Alicante?

— Não vim para me esconder — disse Hodge, a voz sem vida. — Vim para deter Valentim.

— E acha que vamos acreditar nisso — Alec soava irritado novamente. — Sempre esteve ao lado de Valentim. Poderia ter optado por dar as costas para ele...

— Nunca poderia ter escolhido isso! — O tom de voz de Hodge subiu. — Seus pais receberam a chance de uma vida nova, eu nunca recebi isso! Fiquei

preso no Instituto por quinze anos...

— O Instituto era nossa casa! — disse Alec. — Era tão ruim assim, morar conosco, fazer parte da nossa família?

— Não por vocês. — A voz de Hodge falhava. — Eu amava vocês, crianças. Mas eram *crianças*. E nenhum lugar do qual jamais é permitido sair pode ser uma casa. Às vezes passava semanas sem conversar com outro adulto. Nenhum outro Caçador de Sombras confiava em mim. Nem mesmo seus pais gostavam de verdade de mim; toleravam porque não tinham outra escolha. Nunca pude me casar. Nunca pude ter meus próprios filhos. Nunca pude ter uma vida. E por fim, vocês cresceriam e iriam embora, e nem isso eu teria mais. Vivia com medo, e era só assim que eu vivia.

— Não pode nos fazer sentir pena de você — disse Jace. — Não depois do que fez. E do que você estava com medo, passando o tempo todo na biblioteca? Ácaros? Éramos nós que saíamos e lutávamos contra os demônios!

— Ele tinha medo de Valentim — disse Simon. — Não entendem...

Jace lançou-lhe um olhar venenoso.

— Cale a boca, vampiro. Isso não o envolve de nenhuma maneira.

— Não Valentim exatamente — disse Hodge, olhando para Simon quase que pela primeira vez desde que tinha sido arrastado para fora da cela. Algo naquele olhar surpreendeu Clary, quase um afeto exaurido. — Minhas próprias fraquezas no que se referia a Valentim. Sabia que ele voltaria um dia. Sabia que tentaria conquistar o poder novamente, que tentaria controlar a Clave. E sabia o que podia me oferecer. Liberdade da minha maldição. Uma vida. Um lugar no mundo. Poderia voltar a ser Caçador de Sombras, no mundo dele. E neste, isso jamais seria possível. — Havia uma ânsia evidente na voz de Hodge, dolorosa de se ouvir. — E eu sabia que estaria fraco demais para recusar se ele oferecesse.

— E veja só a vida que arrumou — disparou Jace. — Apodrecendo nas celas do Gard. Valeu a pena nos trair?

— Você sabe a resposta — Hodge soava exausto. — Valentim retirou a maldição de mim. Tinha jurado que o faria, e cumpriu. Pensei que me traria de volta ao Ciclo, ou ao que restou dele. Não o fez. Nem ele me queria. Entendi que não haveria lugar para mim nesse novo mundo. E entendi que vendi tudo que de fato tinha por uma mentira. — Olhou para as mãos sujas e cerradas. — Só me restava uma coisa, uma chance de fazer algo além de um total desperdício da minha vida. Depois que soube que Valentim havia matado os Irmãos do Silêncio, que tinha a Espada Mortal, soube que o próximo passo seria o Vidro Mortal. Sabia que precisava dos três instrumentos. E sabia que o Vidro Mortal estava aqui em Idris.

— Espere aí. — Alec levantou a mão. — O Vidro Mortal? Quero dizer, você

sabe onde está? Está com quem?

— Com ninguém — disse Hodge. — Ninguém poderia possuir o Vidro Mortal. Nenhum Nephilim, e nenhum integrante do Submundo.

— Você realmente enlouqueceu ali — disse Jace, apontando com o queixo para as janelas queimadas da masmorra —, não foi?

— Jace. — Clary estava olhando ansiosamente para o Gard, o teto coroado com uma rede de espinhos de chamas vermelho-douradas. — O fogo está se espalhando. É melhor sairmos daqui. Podemos conversar na cidade...

— Passei quinze anos trancado no Instituto — prosseguiu Hodge, como se Clary não tivesse dito nada. — Não podia sequer colocar uma mão ou um pé do lado de fora. Passava o tempo todo na biblioteca, pesquisando maneiras de remover a maldição que a Clave colocou em mim. Aprendi que somente um Instrumento Mortal poderia revertê-la. Li livros e mais livros contando a história da mitologia do Anjo, de como ascendeu do lago trazendo os Instrumentos Mortais e os entregou a Jonathan, o Caçador de Sombras: Cálice, Espada e Espelho...

— Sabemos disso tudo — interrompeu Jace, irritado. — Você nos ensinou.

— Você acha que conhece a história inteira, mas não. Ao passar inúmeras vezes pelas várias versões das histórias, olhei repetidamente a mesma ilustração, a mesma imagem, todos nós já a vimos, o Anjo se erguendo do lago com a Espada em uma mão e o Cálice na outra. Nunca entendi por que o Espelho não estava representado. Então percebi. O Espelho é o lago. O lago é o Espelho. São a mesma coisa.

Lentamente, Jace abaixou a faca.

— O Lago Lyn?

Clary pensou no lago, como um espelho se erguendo para encontrá-la, a água se rompendo com o impacto.

— Eu caí no lago quando cheguei aqui. *Tem* alguma coisa ali. Luke disse que possui propriedades estranhas e que o Povo das Fadas o chama de Espelho dos Sonhos.

— Exatamente — continuou Hodge, ansioso. — E percebi que a Clave não sabia disso, que esse conhecimento havia se perdido no tempo. Nem Valentim sabia...

Foi interrompido por um bramido feroz, o som de uma torre na ponta do Gard explodindo. Enviou uma chuva do que pareciam fogos de artifício vermelho com faíscas brilhantes ao ar.

— Jace — disse Alec, levantando a cabeça em alarme. — Jace, temos que sair daqui. Levante-se — disse ele para Hodge, puxando-o pelo braço. — Você pode dizer à Clave o que acabou de nos dizer.

Hodge se levantou trêmulo. Como deveria ser, Clary se perguntou com uma pontada de pena indesejada, viver a vida envergonhado, não apenas pelo que fez, mas pelo que estava fazendo e pelo que sabia que faria outra vez? Hodge tinha desistido havia muito tempo de tentar viver uma vida melhor, ou diferente; tudo que queria era não sentir medo, e por isso tinha medo o tempo todo.

— Vamos — Alec, ainda agarrando o braço de Hodge, o empurrou. Mas Jace entrou na frente dos dois, bloqueando a passagem.

— Se Valentim conseguir o Vidro Mortal — disse —, então o que acontece?

— Jace — disse Alec, ainda segurando o braço de Hodge —, agora não...

— Se ele contar à Clave, jamais ouviremos deles — disse Jace. — Para eles, não passamos de crianças. Mas Hodge *nos deve isso.* — Voltou-se para o antigo tutor. — Você disse que percebeu que precisava impedir Valentim. Impedi-lo de fazer o quê? Que poder o Espelho dá a ele?

Hodge balançou a cabeça.

— Não posso...

— E sem mentiras. — A faca brilhava na lateral de Jace; a mão dele firme no cabo. — Pois, talvez, para cada mentira que me conte, eu arranque um dedo. Ou dois.

Hodge se encolheu, com medo verdadeiro nos olhos. Alec parecia assustado.

— Jace. Não. Seu pai é que é assim. Você não.

— Alec — disse Jace. Ele não olhou para o amigo, mas o tom de sua voz era como o toque de uma mão pesarosa. — Você não sabe como sou de verdade.

Os olhos de Alec encontraram os de Clary através da grama. Ele *não tem como imaginar por que Jace está agindo assim*, pensou. *Ele não sabe*. Ela deu um passo para a frente.

— Jace, Alec tem razão, podemos levar Hodge ao Salão e ele pode repetir para a Clave o que acabou de nos contar...

— Se estivesse com vontade de contar para a Clave, já teria feito isso — irritou-se Jace, sem olhar para ela. — O fato de que não o fez prova que é um mentiroso.

— Não se pode confiar na Clave! — protestou Hodge desesperadamente. — Há espiões infiltrados, homens de Valentim, não podia contar a eles onde estava o Espelho. Se Valentim encontrasse o Espelho, seria...

Não concluiu a frase. Algo prateado brilhou ao luar, um ponto de luz na escuridão. Alec gritou. Os olhos de Hodge se arregalaram e ele cambaleou, apertando o próprio peito. Conforme ele caía para trás, Clary viu por quê: o cabo de uma adaga longa saía das costelas, como a haste de uma flecha enterrada num alvo.

Alec, saltando para a frente, pegou o antigo tutor enquanto este caía, e o

colocou gentilmente ao chão. Levantou o olhar desamparado, com o rosto respingado com o sangue de Hodge.

— Jace, por que...

— Não fui eu... — O rosto de Jace estava pálido, e Clary viu que ele ainda estava com a faca na mão, agarrada com força na lateral. — Eu...

Simon girou, e Clary acompanhou seu movimento, encarando a escuridão. O fogo acendeu a grama com um brilho laranja infernal, mas tudo estava preto entre as árvores ao redor da colina — então alguma coisa surgiu da escuridão, uma figura sombria, com cabelos escuros, emaranhados, familiares. Estava vindo na direção deles, a luz atingindo-lhe o rosto e refletindo de seus olhos escuros; pareciam estar queimando.

— *Sebastian*? — disse Clary.

Jace olhou descontroladamente de Hodge para Sebastian parado incerto no canto do jardim; Jace parecia quase estupefato.

— Você... — começou ele. — Você... fez isso?

— Tive que fazer — disse Sebastian. — Ele teria matado você.

— Com o quê? — A voz de Jace se ergueu, seca. — Sequer estava armado...

— Jace — Alec interrompeu a gritaria de Jace. — Venha cá. Me ajude com Hodge.

— Ele teria matado você — repetiu Sebastian. — Teria...

Mas Jace tinha ido se ajoelhar ao lado de Alec, guardando a faca no cinto. Alec estava segurando Hodge nos braços, com sangue na frente da própria camisa agora.

— Pegue a estela do meu bolso — disse para Jace. — Tente uma *iratze*...

Clary, enrijecida de horror, sentiu Simon se mexer ao lado dela. Virou-se para olhar para ele e ficou chocada: estava branco como papel, exceto pelo avermelhado em ambas as maçãs do rosto. Podia ver as veias sacudindo sob a pele dele, como o crescimento de um coral delicado e ramificado.

— O sangue — sussurrou, sem olhar para ela. — Preciso me afastar.

Clary se esticou para alcançar a manga dele, mas ele se lançou para trás, sacudindo o próprio braço para longe do dela.

— Não, Clary, por favor. Me solte. Vou ficar bem; vou voltar. Só... — Ela foi atrás dele, mas ele era rápido demais para ser detido. Desapareceu na escuridão entre as árvores.

— Hodge... — Alec parecia em pânico. — Hodge, fique parado...

Mas o tutor se debatia, tentando se afastar dele, para longe da estela na mão de Jace.

— Não. — O rosto de Hodge tinha cor de cimento. Seus olhos iam de Jace para Sebastian, que continuava nas sombras. — Jonathan...

— Jace — pediu Jace, quase em um sussurro. — Me chame de Jace.

Os olhos de Hodge repousaram nele. Clary não conseguia decifrar o olhar. Suplicante, sim, mas algo mais, cheio de pavor ou coisa parecida, e necessitado. Levantou uma mão de contenção.

— Você não — sussurrou, e saiu sangue da boca com as palavras.

Um olhar de dor passou pelo rosto de Jace.

— Alec, faça você a *iratze*, acho que ele não quer que eu o toque.

A mão de Hodge enrijeceu em uma garra; puxou a manga de Jace. A falha na respiração era audível.

— Você... nunca foi...

E morreu. Clary percebeu no instante em que a vida o deixou. Não foi algo quieto e instantâneo como em um filme; a voz engasgou em um gorgolejo, os olhos rolaram para trás e ele ficou flácido e pesado, o braço dobrado estranhamente sob ele.

Alec fechou os olhos de Hodge com as pontas dos dedos.

— *Vale*, Hodge Starkweather.

— Ele não merece isso. — A voz de Sebastian era afiada. — Não era um Caçador de Sombras; era um traidor. Não merece as últimas palavras.

A cabeça de Alec se levantou. Colocou Hodge no chão e ficou de pé, os olhos azuis como gelo. Havia sangue em suas roupas.

— Você não sabe nada sobre isso. Matou um homem desarmado, um Nephilim. É um assassino.

O lábio de Sebastian se curvou.

— Você acha que eu não sei o que ele era? — gesticulou para Hodge. — Starkweather fazia parte do Ciclo. Traiu a Clave na época e foi amaldiçoado por isso. Devia ter morrido pelo que fez, mas a Clave foi clemente, e de que adiantou? Traiu novamente a todos nós quando vendeu o Cálice Mortal para Valentim, só para se libertar da maldição, uma maldição mais do que merecida. — Parou, respirando fundo. — Eu não devia ter feito isso, mas não pode dizer que ele não mereceu.

— Como sabe tanto sobre Hodge? — perguntou Clary. — E o que você está fazendo aqui? Pensei que tivesse concordado em ficar no Salão.

Sebastian hesitou.

— Vocês estavam demorando muito — falou, afinal. — Fiquei preocupado. Achei que pudessem precisar da minha ajuda.

— Então resolveu nos ajudar *matando o cara com quem estávamos conversando*? — demandou Clary. — Porque achou que tinha um passado sombrio? Quem... quem *faz* isso? Não faz o menor sentido.

— Porque ele está mentindo — disse Jace. Olhava para Sebastian. Um olhar

frio, reflexivo. — E mentindo mal. Pensei que fosse ser um pouco mais rápido, Verlac.

Sebastian encontrou o olhar de Jace.

— Não entendo o que está querendo dizer, Morgenstern.

— Ele quer dizer — disse Alec, dando um passo à frente —, que se você realmente acreditar que o que acabou de fazer foi justificável, não se importará em vir conosco até o Salão dos Acordos e se explicar ao Conselho. Não é?

Uma fração de segundo passou antes de Sebastian sorrir — o sorriso que antes havia encantado Clary, mas que agora tinha algo perturbador, como um quadro ligeiramente torto na parede.

— Claro que não. — E foi lentamente em direção a eles, quase passeando, como se não tivesse qualquer preocupação na vida. Como se não tivesse acabado de cometer um assassinato. — É claro — disse ele — que é um pouco estranho você se incomodar tanto com o fato de que matei um homem quando Jace estava planejando cortar os dedos do mesmo, um por um.

A boca de Alec enrijeceu.

— Ele não teria feito isso.

— *Você*... — Jace olhou para Sebastian com ódio. — Você não faz ideia do que está falando.

— Ou, talvez — disse Sebastian —, só esteja irritado porque eu beijei sua irmã. Porque ela me quis.

— *Não foi* — disse Clary, mas nenhum dos dois estava olhando para ela. — Eu não quis você, quero dizer.

— Ela tem esse hábito, sabe, a maneira como arfa quando beija, como se estivesse surpresa? — Sebastian tinha parado agora, diante de Jace, e sorria como um anjo. — É encantador; você deve ter notado.

Jace parecia querer vomitar.

— Minha irmã...

— *Sua irmã* — disse Sebastian. — É mesmo? Porque vocês dois não agem de acordo. Acham que as outras pessoas não percebem como se olham? Acham que conseguem esconder o que sentem? Acham que todo mundo não considera isso doentio e errado? Porque é.

— Chega. — O olhar no rosto de Jace era assassino.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou Clary. — Sebastian, por que está falando todas essas coisas?

— Porque finalmente posso — disse Sebastian. — Você não faz ideia de como tem sido estar com vocês nos últimos dias, tendo que fingir que podia suportá-los. Que olhar para vocês não me deixava enojado. Você — disse para Jace —, sempre que não está atrás da própria irmã, está reclamando sobre como seu

papaizinho não o ama. Bem, e quem poderia culpá-lo por isso? E você, sua vadiazinha estúpida — voltou-se para Clary —, dando aquele livro de valor inestimável para um feiticeiro mestiço; você tem algum neurônio nessa sua cabecinha? E você... — direcionou o olhar a Alec — acho que todos nós sabemos o que há de errado com *você*. Não deveriam permitir sua espécie na Clave. Você é nojento.

Alec empalideceu, apesar de parecer mais espantado do que qualquer outra coisa. Clary não podia culpá-lo — era difícil olhar para Sebastian, para o sorriso angelical, e imaginar que podia dizer estas coisas.

— *Fingir* que podia nos suportar? — ecoou ela. — Mas por que teria que fingir isso, a não ser que fosse... a não ser que estivesse nos espionando — concluiu, percebendo a verdade quando falou. — A não ser que fosse um espião de Valentim.

O rosto bonito de Sebastian girou, a boca cheia enrijecendo, os olhos longos e elegantes se apertando em linhas.

— E finalmente entenderam — disse. — Sério, existem dimensões demoníacas completamente escuras que são menos apagadas do que vocês.

— Podemos não ser tão espertos — disse Jace —, mas pelo menos estamos vivos.

Sebastian olhou enojado para ele.

— Eu estou vivo — destacou.

— Não por muito tempo — disse Jace. A luz do luar explodiu da lâmina da faca enquanto ele se lançava sobre Sebastian, o movimento tão rápido que pareceu borrado, mais veloz do que qualquer movimento humano já testemunhado por Clary.

Até agora.

Sebastian desviou para o lado, escapando do golpe, e pegou o braço de Jace que segurava a faca enquanto descia. A faca caiu no chão, e Sebastian segurou Jace pelas costas do casaco. Levantou-o e o empurrou com força incrível. Jace voou pelos ares, atingiu a parede do Gard com extrema força e permaneceu no chão.

— Jace! — A visão de Clary ficou branca. Correu para Sebastian para esganá-lo até a morte. Mas ele deu um passo para o lado e abaixou a mão tão casualmente como se estivesse espantando um inseto. O golpe a atingiu com força na lateral da cabeça, fazendo-a girar. Ela rolou, uma névoa vermelha de dor piscando em seus olhos.

Alec tinha tirado o arco das costas; estava armado, uma flecha pronta. Suas mãos não tremeram ao mirar Sebastian.

— Fique onde está — disse ele — e ponha as mãos atrás das costas.

Sebastian riu.

— Você não atiraria em mim de verdade — disse. Moveu-se em direção a Alec com passos fáceis e descuidados, como se estivesse subindo as escadas da própria porta da frente.

Alec apertou os olhos. Levantou as mãos em uma série de movimentos graciosos; puxou a flecha e soltou. Ela voou em direção a Sebastian...

E não acertou. Sebastian tinha desviado ou se movido de alguma forma, Clary não sabia dizer, e a flecha tinha passado por ele, enterrando-se no tronco de uma árvore. Alec teve tempo apenas para um olhar momentâneo de surpresa antes de Sebastian chegar a ele, arrancando-lhe o arco das mãos — quebrando-o em dois, e o rompimento da madeira fez Clary se contorcer como se estivesse escutando ossos quebrando. Tentou se arrastar para uma posição sentada, ignorando a dor na cabeça. Jace estava deitado a alguns metros de distância, completamente imóvel. Ela tentou se levantar, mas as pernas não pareciam estar funcionando adequadamente.

Sebastian jogou as metades quebradas do arco de lado e se aproximou de Alec. Alec já estava com uma lâmina serafim empunhada, brilhando na mão, mas Sebastian descartou-a enquanto Alec ia até ele — lançou-a fora e pegou Alec pela garganta, quase levantando-o do chão. Apertou-o sem dó, com maldade, sorrindo enquanto Alec engasgava e se debatia.

— Lightwood — respirou. — Já cuidei de um de vocês hoje. Não achei que fosse ter sorte a ponto de conseguir fazer isso duas vezes.

Lançou-o para trás, como uma marionete cujas cordas tinham sido arrancadas. Solto, Alec caiu no chão, com as mãos na garganta. Clary podia ouvir sua respiração falha e desesperada — mas seus olhos estavam em Sebastian. Uma sombra negra havia se fixado às suas costas, prendendo-se a ele como uma sanguessuga. Agarrou a garganta de Sebastian, engasgando-o e amordaçando-o enquanto ele girava no lugar, segurando a coisa que o pegara pelo pescoço. Ao virar, o luar caiu sobre ele, e Clary viu o que era.

Era Simon. Estava com os braços enrolados no pescoço de Sebastian, os incisivos brancos brilhando como agulhas ósseas. Era a primeira vez que Clary o via inteiramente como um vampiro, e encarou em assombro horrorizado, sem conseguir desviar o olhar. Estava com os lábios contraídos em um rosnado, as presas inteiramente expostas, afiadas como adagas. Enterrou-as no antebraço de Sebastian, abrindo um rasgo longo e vermelho na pele.

Sebastian gritou alto e se lançou para trás, aterrissando com força no chão. Rolou, com Simon quase em cima dele, um agarrando o outro, arranhando e rosnando como cães em uma arena. Sebastian sangrava em diversos pontos quando finalmente cambaleou e deu dois chutes nas costelas de Simon. Simon se

curvou, as mãos no tronco.

— Seu carrapato traiçoeiro — rosnou Sebastian, puxando a perna para um novo golpe.

— Eu não faria isso — disse uma voz baixinha.

A cabeça de Clary se levantou, enviando mais uma explosão de dor por trás dos olhos. Jace estava a alguns centímetros de Sebastian. O rosto sangrando, um olho quase fechado com o inchaço, mas em uma das mãos havia uma lâmina serafim brilhando, e a mão que a segurava estava firme.

— Nunca matei um ser humano com uma destas — disse Jace. — Mas estou disposto a tentar.

O rosto de Sebastian se contorceu. Olhou uma vez para Simon, depois levantou a cabeça e cuspiu. As palavras que disse depois disso vieram em uma língua que Clary não reconhecia; em seguida virou com a mesma rapidez assustadora com a qual se movera ao atacar Jace, e desapareceu na escuridão.

— Não! — gritou Clary. Tentou se levantar, mas a dor era como uma flecha se enterrando em seu cérebro. Ela se encolheu na grama úmida. Um instante depois, Jace estava inclinado sobre ela, o rosto pálido e ansioso. Ela o encarou, sua visão borrando — tinha que estar borrada, não tinha, ou então não estaria imaginando a brancura ao redor dele, uma espécie de luz...

Ouviu a voz de Simon, depois a de Alec, e algo foi entregue a Jace — uma estela. O braço de Clary queimou, e um instante mais tarde, a dor começou a recuar, e sua cabeça desanuviou. Piscou para os rostos que pairavam sobre o dela.

— Minha cabeça...

— Sofreu uma concussão — disse Jace. — A *iratze* deve ajudar, mas é melhor levarmos você ao médico da Clave. Ferimentos na cabeça podem ser traiçoeiros — devolveu a estela a Alec. — Acha que consegue levantar?

Clary assentiu. Foi um erro. A dor a consumiu novamente quando mãos se esticaram para ajudá-la a se colocar de pé. Simon. Apoiou-se nele, agradecida, esperando que o equilíbrio voltasse. Ainda sentia como se fosse cair a qualquer instante.

Jace estava com a testa franzida.

— Não podia ter atacado Sebastian daquele jeito. Sequer tinha uma arma. O que você estava pensando?

— O que todos nós estávamos pensando — Alec, inesperadamente, saiu em defesa dela. — Que ele tinha acabado de arremessar você como se fosse uma bola. Jace, nunca vi ninguém levar uma vantagem dessas sobre você antes.

— Eu... ele me surpreendeu — disse Jace, um pouco relutante. — Deve ter alguma espécie de treinamento especial. Não estava esperando.

— É, bem. — Simon tocou as costelas, contraindo o rosto. — Acho que ele arrebentou algumas das minhas costelas. Mas não tem problema — acrescentou ao ver o olhar preocupado de Clary. — Estão se curando. Mas Sebastian é forte, definitivamente. Muito forte — olhou para Jace: — Há quanto tempo você acha que ele estava ali nas sombras?

Jace estava com um olhar ameaçador. Olhou por entre as árvores na direção em que Sebastian tinha ido.

— Bem, a Clave vai pegá-lo, e amaldiçoá-lo, provavelmente. Gostaria de vê-los lançando a mesma maldição de Hodge. Seria justiça poética.

Simon se virou de lado e cuspiu nos arbustos. Limpou a boca com a parte de trás da mão, seu rosto retorcido em uma careta.

— O sangue dele tem gosto podre, como veneno.

— Suponho que possamos acrescentar isso à lista de qualidades adoráveis dele — disse Jace. — O que mais será que ele está aprontando hoje?

— Precisamos voltar ao Salão. — O olhar no rosto de Alec era tenso, e Clary se lembrou de que Sebastian tinha dito alguma coisa para ele, algo sobre os outros Lightwood... — Você consegue andar, Clary?

Ela se afastou de Simon.

— Consigo. E Hodge? Não podemos simplesmente largá-lo.

— Temos que largar — disse Alec. — Teremos tempo de voltar para buscá-lo se sobrevivermos à noite.

Enquanto deixavam o jardim, Jace parou, tirou o casaco, e o colocou sobre o rosto calmo de Hodge, que estava virado para cima . Clary queria ir até Jace, talvez até colocar uma mão no ombro dele, mas alguma coisa no jeito dele lhe dizia para não fazer isso. Nem mesmo Alec se aproximou dele para oferecer um símbolo de cura, apesar de Jace estar mancando ao descer a colina.

Moveram-se juntos pela trilha em ziguezague, com armas sacadas e prontas, o céu aceso de vermelho pelo Gard em chamas atrás. Mas não viram demônios. A quietude e a estranheza da luz faziam a cabeça de Clary latejar; sentia como se estivesse em um sonho. A exaustão a atingiu pesadamente. Apenas colocar um pé na frente do outro era como levantar um bloco de cimento e jogá-lo para baixo, repetidamente. Podia ouvir Jace conversando à frente na trilha, as vozes vacilantes e fracas apesar da proximidade.

Alec falava suavemente, quase suplicante:

— Jace, a maneira como estava falando com Hodge ali. Não pode pensar assim. Ser filho de Valentim não faz de você um monstro. Independentemente do que ele tenha feito quando você era criança, independentemente do que tenha ensinado, tem que entender que não é culpa sua...

— Não quero conversar sobre isso, Alec. Nem agora, nem nunca. Não me

pergunte mais sobre isso. — O tom de Jace era selvagem, e Alec se calou. Clary quase podia sentir a dor dele. Que noite, ela pensou. Uma noite de tanta dor para todos.

Tentou não pensar em Hodge, no olhar suplicante e penoso que tinha no rosto antes de morrer. Não gostava dele, mas ninguém merecia o que Sebastian havia feito. Ninguém. Pensou em Sebastian, na maneira como se movia, como faíscas voando. Nunca tinha visto outra pessoa além de Jace se movimentar daquela maneira. Queria resolver o enigma: o que tinha acontecido com Sebastian? Como um primo dos Penhallow conseguiu dar tão errado, e como nunca tinham notado? Pensara que ele quisesse ajudá-la a salvar a mãe, mas tudo o que queria era pegar o *Livro Branco* para Valentim. Magnus se enganou — não fora por causa dos Lightwood que Valentim soubera de Ragnor Fell. E sim porque ela tinha contado a Sebastian. Como pôde ser tão burra?

Desanimada, mal percebeu quando a trilha se tornou uma avenida, levando-os para a cidade. As ruas estavam desertas, as casas escuras, muitos dos postes de luz mágica destruídos, o vidro espalhado sobre as pedras. Vozes eram audíveis, ecoando ao longe, e o brilho de tochas era visível aqui e ali entre as sombras no meio dos prédios, mas...

— Está quieto demais — disse Alec, olhando em volta, em surpresa. — E...

— Não está fedendo a demônios. — Jace franziu a testa. — Estranho. Vamos. Vamos para o Salão.

Apesar de Clary estar semipreparada para um ataque, não viram nenhum demônio se movendo pelas ruas. Pelo menos nenhum vivo — mas quando passaram por um beco estreito, ela viu um grupo de três ou quatro Caçadores de Sombras reunidos em um círculo ao redor de algo que pulsava e tremia no chão. Estavam se alternando entre golpes perfurantes com varas afiadas. Dando de ombros, desviou o olhar.

O Salão dos Acordos estava aceso como uma fogueira, com luz enfeitiçada transbordando das portas e janelas. Apressaram-se pelas escadas, Clary tentando se equilibrar enquanto tropeçava. A tontura estava piorando. O mundo parecia balançar ao seu redor, como se ela estivesse dentro de um grande globo giratório. Sobre ela, as estrelas eram fileiras pintadas de branco no céu.

— Você deveria se deitar — disse Simon. Em seguida, quando ela não respondeu: — Clary?

Com um esforço enorme, se forçou a sorrir para ele.

— Estou bem.

Jace, na entrada do Salão, olhou em silêncio para ela. Sob o brilho cru da luz enfeitiçada, o sangue no rosto e o olho inchado pareciam feios, marcados e negros.

Dentro do Salão havia um bramido monótono, o murmúrio baixo de centenas de vozes. Para Clary, soavam como as batidas de um coração gigantesco. As luzes das tochas combinadas com o brilho das pedras enfeitiçadas carregadas por todos os lados agrediam seus olhos e fragmentavam sua visão; podia ver apenas formas vagas agora, formas vagas e cores. Branco, dourado, e o céu noturno acima, desbotando de preto para azul mais claro. Que horas seriam?

— Não estou vendo eles — Alec, olhando em volta ansiosamente à procura da família, soava como se estivesse a centenas de quilômetros, ou embaixo d'água. — Já deveriam estar aqui...

Sua voz diminuiu à medida em que a tontura de Clary piorou. Ela colocou uma mão em um pilar próximo para se recompor. Uma mão lhe acariciou as costas — Simon. Estava dizendo alguma coisa para Jace, parecia ansioso. A voz sumiu no ritmo de dezenas de outras, aumentando e diminuindo ao redor como ondas quebrando.

— Nunca vi nada parecido. Os demônios simplesmente deram as costas e se foram, desapareceram.

— Nascer do sol, provavelmente. Eles têm medo do amanhecer, e não falta muito.

— Não, era mais do que isso.

— Você só não quer pensar que voltarão amanhã, ou depois.

— Não diga isso; não há motivo para dizer isso. Vão reconstituir as barreiras.

— E Valentim simplesmente vai derrubá-las novamente.

— Talvez seja o que merecemos. Talvez Valentim estivesse certo, talvez nos aliarmos aos integrantes do Submundo signifique que perdemos a bênção do Anjo.

— Cale-se. Tenha respeito. Estão reunindo os mortos na Praça do Anjo.

— Lá estão eles — disse Alec. — Ali, perto do palanque. Parece que... — A voz se interrompeu, em seguida ele saiu, abrindo caminho pela multidão. Clary apertou os olhos, tentando aguçar a visão. Só o que via eram borrões...

Ouviu Jace prender a respiração; em seguida, sem mais uma palavra, ele estava abrindo caminho pela multidão atrás de Alec. Clary soltou o pilar, com a intenção de segui-los, mas tropeçou. Simon a segurou.

— Você precisa deitar, Clary — disse ele.

— Não — sussurrou. — Quero saber o que aconteceu...

Interrompeu-se. Ele estava olhando para além dela, para Jace, e parecia apavorado. Apoiando-se no pilar, se colocou nas pontas dos dedos, lutando para enxergar além da multidão...

Lá estavam, os Lightwood: Maryse com os braços em volta de Isabelle, que chorava sem parar, e Robert Lightwood sentado no chão, segurando alguma

coisa — não, *alguém*, e Clary pensou na primeira vez em que vira Max, no Instituto, dormindo deitado em um sofá, com os óculos caídos e a mão no chão. *Ele consegue dormir em qualquer lugar*, Jace havia dito, e quase parecia estar dormindo agora, mas Clary sabia que não.

Alec estava ajoelhado, segurando uma das mãos de Max, mas Jace estava de pé, sem se mover, e parecia, mais do que tudo, perdido, como se não fizesse ideia de onde estivesse, ou do que estava fazendo ali. Tudo que Clary queria era correr para ele e envolvê-lo com os braços, mas o olhar no rosto de Simon dizia a ela que não, não, e o mesmo fazia a lembrança da mansão e dos braços de Jace a envolvendo lá. Ela era a última pessoa do mundo que poderia confortá-lo.

— Clary — disse Simon, mas ela estava se afastando dele, apesar da tontura e da dor na cabeça. Correu para a porta do Salão e a abriu, desceu os degraus e ficou ali, respirando ar frio. Ao longe, o horizonte estava marcado com fogo vermelho, as estrelas se apagando, desaparecendo no céu que se acendia. A noite havia acabado. O amanhecer chegara.

13

Onde Há Tristeza

Clary acordou atormentada por um sonho com anjos sangrando, os lençóis fortemente enrolados ao redor de seu corpo. O quarto extra de Amatis estava escuro e fechado, era a sensação de estar trancada em um caixão. Esticou a mão e abriu as cortinas. A luz do dia entrou. Ela franziu o rosto e as fechou novamente.

Caçadores de Sombras cremavam os mortos, e desde o ataque demoníaco, o céu a oeste da cidade vivia manchado de fumaça. Olhar pela janela deixava Clary enjoada, então manteve as cortinas fechadas. Na escuridão do quarto, fechou os olhos, tentando se lembrar do sonho. Havia anjos, e a lembrança do símbolo que Ithuriel havia mostrado, passando infinitas vezes no interior de sua pálpebra como um sinal de trânsito piscando. Era um símbolo simples, tão simples quanto um nó numa corda, mas independentemente do quanto se concentrasse, não conseguia ler, não conseguia descobrir o que significava. Tudo o que sabia era que de algum jeito parecia incompleto para ela, como se quem quer que o houvesse criado, não o tivesse concluído.

Estes não são os primeiros sonhos que já mostrei a você, dissera Ithuriel. Pensou nos outros sonhos: Simon com cruzes queimadas nas mãos, Jace com asas, lagos de gelo rachado que brilhavam como vidro de espelho. Será que o anjo também tinha enviado aqueles?

Com um suspiro, sentou-se. Os sonhos podiam ser ruins, mas as imagens que marchavam por seu cérebro quando estava acordada não eram muito melhores. Isabelle, chorando no chão do Salão dos Acordos, puxando com tanta força o cabelo preto que repousava entre seus dedos que Clary temeu que pudesse arrancá-lo. Maryse gritando com Jia Penhallow que o menino que puseram dentro de casa havia feito isso, primo deles, e que se era um aliado tão próximo de Valentim, o que isso dizia a respeito deles? Alec tentando acalmar a mãe, pedindo ajuda a Jace, mas Jace continuava ali parado enquanto o sol se erguia sobre Alicante e brilhava pelo teto do Salão.

— Amanheceu — dissera Luke, parecendo mais cansado que em qualquer outra ocasião em que Clary o vira. — Hora de trazer os corpos para dentro. — E mandara patrulhas para reunir os Caçadores de Sombras mortos e os licantropes estirados nas ruas e trazê-los à praça na frente do Salão, a praça que Clary tinha atravessado com Sebastian quando comentara que o Salão parecia uma igreja. Parecera um lugar belo para ela então, ladeado por caixas de flores e lojas pintadas em cores brilhantes. E agora estava cheia de cadáveres.

Inclusive o de Max. Pensar no menino que conversava com ela sobre mangá com tanta seriedade fez seu estômago embrulhar. Certa vez havia prometido a ele que o levaria ao Planeta Proibido, mas isso não aconteceria mais. *Teria comprado livros para ele*, pensou. *Qualquer um que quisesse*. Não que fizesse

diferença.

Não pense nisso. Clary chutou os lençóis e se levantou. Após um rápido banho vestiu a calça jeans e o casaco que usara no dia em que tinha vindo de Nova York. Pressionou o rosto contra o material antes de colocar o casaco, torcendo para sentir um cheirinho do Brooklyn, ou o aroma de sabão em pó — algo que ajudasse a lembrar de casa —, mas tinha sido lavado e cheirava a sabão de limão. Com outro suspiro, desceu.

A casa estava vazia, exceto por Simon, sentado no sofá da sala. As janelas abertas atrás dele transbordavam luz do dia. Tinha ficado parecido com um gato, pensou Clary, sempre procurando espaços ao sol para se ajeitar. Independentemente de quanto sol tomasse, no entanto, a pele continuava branca.

Pegou uma maçã da vasilha e ajoelhou-se ao lado dele, sentada sobre as pernas.

— Dormiu?

— Um pouco. — Olhou para ela. — Eu que deveria perguntar a você. É você que está com olheiras. Mais pesadelos?

Ela deu de ombros.

— Mesma coisa. Morte, destruição, anjos malvados.

— Basicamente como a vida real, então.

— É, mas pelo menos quando acordo, acaba. — Deu uma mordida na maçã. — Deixe-me adivinhar. Luke e Amatis estão no Salão dos Acordos, em mais uma reunião.

— É. Acho que estão na reunião em que se reúnem e decidem que outras reuniões precisam fazer. — Simon ficou mexendo na ponta de franjas de uma almofada. — Ouviu alguma notícia do Magnus?

— Não. — Clary estava tentando não pensar no fato de que fazia três dias desde que vira Magnus, e ele não tinha se pronunciado. Ou no fato de que não havia nada que pudesse impedi-lo de pegar o *Livro Branco* e desaparecer no éter, sem nunca mais dar notícias. Ficou imaginando por que chegou a pensar que confiar em alguém que usava tanto delineador podia ser boa ideia.

Tocou levemente o pulso de Simon.

— E você? Fale de você. Continua bem aqui? — Ela queria que ele fosse para casa no instante em que a batalha acabou, para casa, onde era seguro. Mas ele tinha sido estranhamente resistente. Por qualquer que fosse a razão, parecia querer ficar. Clary torceu para que não fosse por se sentir obrigado a cuidar dela; quase disse que não precisava da proteção dele, mas não disse, pois parte dela não podia suportar vê-lo partir. Então ele ficou, e Clary estava secreta e culpadamente feliz. — Está conseguindo, você sabe, o que precisa?

— Está falando de sangue? Estou, Maia ainda me traz garrafas todos os dias.

Não me pergunte onde arruma. — Na primeira manhã na casa de Amatis, um licantrope sorridente havia aparecido na porta com um gato vivo para ele.

— Sangue — dissera, em uma voz com sotaque forte. — Para você. Fresco! — Simon agradeceu ao lobisomem, esperou que fosse embora, e soltou o gato, com a expressão levemente nauseada.

— Bem, você vai ter que arrumar sangue em *algum lugar* — dissera Luke, parecendo se divertir.

— Tenho um gato de estimação — respondera Simon. — Não dá.

— Vou falar com Maia — prometera Luke, e a partir dali o sangue passou a vir em discretas garrafas de leite. Clary não fazia ideia de como Maia estava arranjando, e, assim como Simon, não queria perguntar. Não a via desde a noite da batalha; os licantropes estavam acampados em algum lugar na floresta próxima, somente Luke permaneceu na cidade.

— O que houve? — Simon inclinou a cabeça para trás, observando-a através de olhos semicerrados. — Você parece que está querendo me perguntar alguma coisa.

Havia muitas coisas que Clary queria perguntar, mas optou por uma das alternativas mais seguras.

— Hodge — disse ela, e hesitou. — Quando você estava na cela... realmente não sabia que era ele?

— Não dava para *vê-lo*. Só ouvir através da parede. Nós conversamos, e muito.

— E você gostou dele? Quero dizer, ele era simpático?

— Simpático? Não sei. Torturado, triste, inteligente, compassivo em alguns instantes... Sim, gostei dele. Acho que de algum jeito eu me parecia com ele...

— *Não diga isso*! — Clary endireitou a postura, quase derrubando a maçã. — Você não é nada como Hodge.

— Não acha que sou torturado e inteligente?

— Hodge era mau. Você não — falou Clary, decidida. — É só o que importa.

Simon suspirou.

— As pessoas não nascem boas ou ruins. Talvez nasçam com tendências a um caminho ou outro, mas é a maneira como se vive a vida que importa. E as pessoas que conhecemos. Valentim era amigo de Hodge, e acho que Hodge não teve de fato mais ninguém na vida que o desafiasse, ou o levasse a ser alguém melhor. Se eu tivesse tido esta vida, não sei como teria me saído. Mas não tive. Tenho minha família. E tenho você.

Clary sorriu para ele, mas as palavras soaram dolorosas em seus ouvidos. *As pessoas não nascem boas ou ruins*. Sempre achou que isso fosse verdade, mas nas imagens que o anjo havia mostrado, tinha visto a própria mãe chamar o filho

de mau, um monstro. Desejou poder conversar com Simon a respeito, e contar tudo que o anjo mostrara, mas não podia. Significaria revelar o que haviam descoberto sobre Jace, e isso não podia fazer. O segredo era dele, não dela. Simon tinha perguntado uma vez o que Jace quisera dizer quando falou com Hodge, por que tinha se referido a si próprio como monstro, mas ela se limitou a responder que era difícil entender o que Jace queria dizer com qualquer coisa mesmo nas melhores épocas. Não tinha certeza se Simon acreditara, mas ele não voltou a perguntar.

Foi salva de ter que dizer qualquer coisa por uma batida alta na porta. Com o cenho franzido, Clary repousou o que sobrara da maçã na mesa.

— Eu atendo.

A porta aberta permitiu a entrada de uma onda de ar frio e fresco. Aline Penhallow estava nos degraus da entrada, com um casaco de seda cor-de-rosa escuro que quase combinava com os círculos sob os olhos.

— Preciso falar com você — disse, sem nenhum preâmbulo.

Surpresa, Clary só conseguiu assentir e segurar a porta aberta.

— Tudo bem. Pode entrar.

— Obrigada. — Aline passou bruscamente por ela e entrou na sala. Congelou ao ver Simon sentado no sofá, e abriu os lábios, surpresa. — Esse não é...

— O vampiro? — Simon sorriu. A singela porém inumana saliência dos incisivos era levemente visível contra o lábio inferior quando sorria daquele jeito. Clary desejou que não o fizesse.

Aline virou para Clary.

— Posso falar com você a sós?

— Não — disse Clary, e se sentou no sofá ao lado de Simon. — Qualquer coisa que tenha a dizer, pode ser para nós dois.

Aline mordeu o lábio.

— Tudo bem. Olhe, tenho uma coisa que preciso contar para Alec, Jace e Isabelle, mas não faço ideia de onde encontrá-los agora.

Clary suspirou.

— Mexeram uns pauzinhos e se mudaram para uma casa vazia. A família que vivia lá foi para o campo.

Aline assentiu. Muitas pessoas tinham deixado Idris desde os ataques. A maioria tinha ficado — mais gente do que Clary esperava —, mas outras haviam feito as malas e partido, deixando as próprias casas vazias.

— Estão bem, se é isso que quer saber. Olha, eu também não tenho visto ninguém. Desde a batalha. Poderia passar um recado por Luke, se você quiser...

— Não sei — Aline mordia o lábio inferior —, meus pais tiveram que contar para a tia do Sebastian em Paris o que ele fez. Ela ficou muito chateada.

— Como não poderia deixar de ser, considerando que o sobrinho se mostrou um gênio do mal — disse Simon.

Aline lançou um olhar sombrio a ele.

— Ela disse que isso não tinha nada a ver com o feitio dele, que só podia ser algum engano. Então me mandou algumas fotos. — Aline remexeu no bolso e puxou diversas fotografias ligeiramente dobradas, que entregou para Clary. — Veja.

Clary olhou. As fotos mostravam um menino risonho, de cabelos escuros, bonito de um jeito não convencional, com um sorriso torto e um nariz ligeiramente grande. Parecia o tipo de menino com o qual seria bom se relacionar. Além disso, não era nada parecido com Sebastian.

— *Esse* é o seu primo?

— Esse é Sebastian Verlac. O que significa...

— Que o menino que estava aqui, dizendo que se chamava Sebastian, era outra pessoa? — Clary olhou as fotos, cada vez mais agitada.

— Achei que... — Aline estava mordendo o lábio outra vez. — Achei que se os Lightwood soubessem que Sebastian, ou quem quer que fosse aquele menino, não é realmente nosso primo, talvez me perdoassem. *Nos* perdoassem.

— Tenho certeza de que o farão — disse Clary, da forma mais gentil possível. — Mas a coisa vai além disso. A Clave vai querer saber que Sebastian não era apenas um Caçador de Sombras desorientado. Valentim o enviou deliberadamente como espião.

— Ele foi tão convincente — disse Aline. — Sabia coisas que só minha família sabe. Coisas sobre a nossa infância...

— Faz a gente pensar — disse Simon — sobre o que terá acontecido ao verdadeiro Sebastian. Seu primo. Parece que ele deixou Paris, veio para Idris, mas não chegou de fato. Então o que aconteceu com ele no caminho?

Clary respondeu.

— Valentim aconteceu. Deve ter planejado tudo, sabido onde Sebastian estaria, e como interceptá-lo no caminho. E se fez isso com Sebastian...

— Pode haver outros — disse Aline. — Você deveria informar à Clave. Conte a Lucian Graymark — captou o olhar surpreso de Clary. — As pessoas o ouvem. Meus pais disseram.

— Talvez você devesse ir conosco ao Salão — sugeriu Simon. — Diga a ele você mesma.

Aline balançou a cabeça.

— Não posso encarar os Lightwood. Principalmente Isabelle. Ela salvou minha vida e eu... eu simplesmente fugi. Não consegui me conter. Apenas corri.

— Estava em estado de choque. Não teve culpa.

Aline não parecia convencida.

— E agora o irmão dela... — interrompeu-se, mordendo o lábio outra vez. — Em todo caso. Ouça, tem uma coisa que quero contar, Clary.

— *Me* contar? — Clary se espantou.

— É — Aline respirou fundo. — Olha, o que você viu, entre mim e Jace, não foi nada. *Eu* beijei *ele*. Foi para... experimentar. E não deu muito certo.

Clary se sentiu enrubescendo até um tom de vermelho provavelmente espetacular. *Por que ela está me falando isso*?

— Olha, tudo bem. Isso é problema do Jace, não meu.

— Bem, você pareceu bem chateada. — Um pequeno sorriso se esboçou nos cantos da boca de Aline. — E acho que sei por quê.

Clary engoliu o gosto amargo na boca.

— Sabe?

— Ouça, seu irmão dá as voltas dele. Todo mundo sabe disso; já ficou com muitas meninas. Você ficou preocupada que ele pudesse se encrencar caso se envolvesse comigo. Afinal, nossas famílias são, *eram*, amigas. Não precisa se preocupar. Ele não faz meu tipo.

— Acho que nunca ouvi uma garota dizer isso antes — disse Simon. — Pensei que Jace fosse a espécie de cara que faz o tipo de todo mundo.

— Também achava — disse Aline lentamente — e por isso o beijei. Estava tentando descobrir se qualquer cara faz o meu tipo.

Ela beijou Jace, pensou Clary. *Não foi ele que a beijou. Ela o beijou.* Encontrou o olhar de Simon sobre Aline. Ele parecia se divertir.

— Então, o que decidiu?

Aline deu de ombros.

— Não tenho certeza ainda. Mas... então, pelo menos não tem mais que se preocupar com Jace.

Quem me dera.

— Sempre tenho que me preocupar com Jace.

O interior do Salão dos Acordos tinha sido rapidamente reconfigurado desde a noite da batalha. Com o Gard destruído, agora servia como câmara do Conselho, um local de reuniões para pessoas procurando por familiares desaparecidos, e um lugar onde era possível se informar sobre os acontecimentos mais recentes. O chafariz central estava seco, e, em ambos os lados, longos bancos haviam sido puxados, formando fileiras em frente a um palanque no lado oposto da sala. Enquanto alguns Nephilim estavam sentados nos bancos do que parecia uma sessão do Conselho, nas fileiras e sob as arcadas que envolviam a grande sala, dezenas de outros Caçadores de Sombras se remexiam ansiosamente. O Salão não mais parecia um lugar onde alguém cogitaria dançar. Havia uma atmosfera peculiar no ar, uma mistura de tensão e ansiedade.

Apesar da reunião da Clave no centro, havia murmúrios por todos os lados. Clary captou trechos enquanto ela e Simon passavam pela sala: as torres demoníacas já haviam voltado a funcionar. As barreiras estavam ativas novamente, porém, mais fracas do que antes. Demônios tinham sido vistos nas colinas ao sul da cidade. As casas de campo estavam abandonadas, mais famílias tinham abandonado a cidade, e algumas abandonaram também a Clave.

No palanque erguido, cercado por mapas da cidade pendurados, encontrava-se o Cônsul, ameaçador como um guarda-costas, ao lado de um homem baixo e roliço vestido de cinza. O sujeito roliço gesticulava irritado enquanto falava, mas ninguém parecia prestar atenção.

— Ah, droga, é o Inquisidor — murmurou Simon ao ouvido de Clary, apontando. — Aldertree.

— E lá está Luke — disse Clary, encontrando-o na multidão. Estava perto do chafariz seco, imerso em uma conversa com um homem com um uniforme inteiramente destruído e uma atadura no lado esquerdo do rosto. Clary olhou em volta, procurando por Amatis, e finalmente a viu, sentada em silêncio na ponta de um banco, o mais longe possível dos outros Caçadores de Sombras. Ela viu Clary e fez uma cara de espanto, começando a se levantar.

Luke também viu Clary, franziu a testa e falou com o homem de ataduras em voz baixa, pedindo licença. Atravessou a sala até o lugar onde Clary e Simon se encontravam, perto de um dos pilares, as rugas da testa se aprofundando enquanto se aproximava.

— O que está fazendo aqui? Sabe que a Clave não permite crianças nas reuniões, e quanto a *você* — olhou para Simon — provavelmente não é uma boa ideia dar as caras na frente do Inquisidor, mesmo que ele não possa fazer nada a respeito. — O canto de sua boca se levantou em um sorriso. — Não sem prejudicar qualquer aliança que a Clave possa desejar com algum membro do Submundo no futuro, pelo menos.

— Isso mesmo. — Simon balançou os dedos num aceno para o Inquisidor, Aldertree ignorou.

— Simon, pare. Estamos aqui por um motivo. — Clary entregou as fotos de Sebastian para Luke. — Esse é Sebastian Verlac. O *verdadeiro* Sebastian Verlac.

A expressão de Luke se tornou sombria. Viu as fotos sem dizer nada enquanto Clary repetia a história contada por Aline. Simon, por sua vez, parecia inquieto, olhando com raiva para Aldertree, do outro lado da sala, que o ignorava deliberadamente.

— Então, o verdadeiro Sebastian tem alguma semelhança com a versão impostora? — perguntou Luke afinal.

— Não muito — disse Clary. — O falso Sebastian era mais alto. E provavelmente louro, pois definitivamente pintou o cabelo. Ninguém tem o cabelo *tão* preto. — *E a tinta saiu nos meus dedos quando o toquei*, pensou, mas guardou para si. — De qualquer forma, Aline queria que mostrássemos estas fotos a você e aos Lightwood. Achou que se talvez soubessem que ele não era parente dos Penhallow, então...

— Ela ainda não falou sobre isso com os pais, falou? — Luke indicou as fotos.

— Ainda não, acho — disse Clary. — Acho que veio direto a mim. Queria que eu contasse para você. Disse que as pessoas o ouvem.

— Talvez algumas ouçam — Luke olhou para o homem com a atadura no rosto. — Eu estava falando com Patrick Penhallow, na verdade. Valentim era um bom amigo dele antigamente, e pode ter mantido os olhos na família Penhallow de alguma maneira desde então. Você disse que Hodge contou que tinha espiões aqui. — Devolveu as fotos a Clary. — Infelizmente, os Lightwood não farão parte do Conselho nesta reunião. Hoje de manhã foi o enterro de Max. Devem estar no cemitério. — E ao ver o olhar de Clary, acrescentou: — Foi uma cerimônia muito íntima, Clary. Só a família.

Mas eu sou da família de Jace, disse uma voz baixa, em protesto, na cabeça dela. Mas havia outra voz, mais alta, surpreendendo-a pela amargura: *E ele também disse que ficar perto de você era como sangrar lentamente até a morte. Você realmente acha que ele precisa disso quando já está no enterro de Max?*

— Então você pode contar a eles essa noite, talvez — disse Clary. — Quero dizer; acho que será uma notícia boa. Quem quer que Sebastian seja, não é parente dos amigos deles.

— Seria uma notícia melhor se soubéssemos onde ele está — resmungou Luke — ou que outros espiões Valentim tem por aqui. Devia haver, pelo menos, vários deles envolvidos na derrubada das barreiras enfeitiçadas. Só pode ter sido feito de dentro da cidade.

— Hodge disse que Valentim tinha descoberto como fazer — disse Simon. — Disse que é preciso sangue de demônio para derrubar as barreiras, mas não tinha como trazer sangue de demônio para a cidade. Só que Valentim descobriu uma maneira.

— Alguém pintou um símbolo em sangue demoníaco no cume de uma das torres — disse Luke com um suspiro —, então, claramente, Hodge tinha razão. Infelizmente, a Clave sempre confiou demais nas barreiras. Mas mesmo o quebra-cabeça mais complicado tem uma solução.

— Me parece o tipo de esperteza que acaba com você durante o jogo — disse Simon. — Assim que você protege seu forte com um Feitiço de Invencibilidade Total, alguém vem e descobre como destruir o lugar.

— Simon? — disse Clary. — Cale a boca.

— Ele não está errado, não — disse Luke. — Só não sabemos como trouxe sangue de demônio para a cidade sem acionar as barreiras — deu de ombros. — É o menor dos nossos problemas no momento. As barreiras estão de volta, mas já sabemos que não são invencíveis. Valentim poderia voltar a qualquer momento com força ainda maior, e duvido que pudéssemos combatê-lo. Não temos Nephilim o suficiente, e os que estão aqui parecem completamente desmoralizados.

— Mas e os integrantes do Submundo? — perguntou Clary. — Você *disse* ao Cônsul que a Clave tinha que lutar junto aos do Submundo.

— Posso dizer isso a Malaquias e a Aldertree até cansar, mas não significa que vão ouvir — disse Luke, exaurido. — A única razão pela qual estão me deixando ficar aqui é porque a Clave votou em me manter como conselheiro. E só fizeram *isso* porque vários deles tiveram as vidas salvas por meu bando. Mas não significa que queiram mais integrantes do Submundo em Idris...

Alguém gritou.

Amatis estava de pé, com a mão sobre a boca, olhando para a frente do Salão. Havia um homem na entrada, emoldurado pelo brilho da luz do sol do lado de fora. Era apenas uma silhueta, até dar um passo adiante, adentrando o Salão, e Clary pôde ver seu rosto pela primeira vez.

Valentim.

Por algum motivo, a primeira coisa que Clary notou foi que estava muito bem barbeado. Fazia com que parecesse mais jovem, mais como o menino revoltado das lembranças que Ithuriel tinha mostrado. Em vez da roupa de batalha, trajava um terno riscado elegante e uma gravata. Não estava armado. Poderia ser um homem caminhando pelas ruas de Manhattan. Poderia ser o pai de qualquer pessoa.

Não olhou na direção de Clary, sequer notou que ela estava ali. Estava com os

olhos em Luke enquanto caminhava pelo corredor estreito entre os bancos.

Como pôde entrar aqui assim sem nenhuma arma?, perguntou-se Clary, e teve a resposta logo depois: o Inquisidor Aldertree emitiu um ruído como o de um urso ferido; afastou-se de Malaquias, que estava tentando segurá-lo; cambaleou pelos degraus do palanque; e se lançou contra Valentim.

Passou pelo corpo de Valentim como uma faca cortando papel. Valentim virou-se para olhar para Aldertree com uma expressão de interesse vazio enquanto o Inquisidor cambaleava, batia contra um pilar, e caía desajeitadamente sobre o chão. O Cônsul, seguindo-o, curvou-se para ajudá-lo a levantar — tinha um olhar de nojo mal contido ao fazê-lo, e Clary imaginou se o nojo seria direcionado a Valentim ou a Aldertree por agir como um tolo.

Outro fraco murmúrio percorreu a sala. O Inquisidor chiou e se debateu como um rato em uma ratoeira, com Malaquias segurando-o com firmeza pelos braços enquanto Valentim continuava pela sala sem outro olhar destinado a qualquer um deles. Os Caçadores de Sombras que estavam reunidos ao redor dos bancos recuaram, como as ondas do Mar Vermelho se abrindo para Moisés, deixando uma trilha clara até o centro da sala. Clary estremeceu quando ele se aproximou de onde ela estava com Luke e Simon. *É apenas uma Projeção*, disse a si mesma. *Não está aqui de verdade. Não pode machucar*.

Ao seu lado, Simon se encolheu. Clary pegou a mão dele quando Valentim parou nos degraus do palanque e se virou para olhar diretamente para ela. Ele passou os olhos por ela, como se a medissem, ignorou Simon, e repousou o olhar em Luke.

— Lucian — disse.

Luke devolveu o olhar, firme e seguro, sem dizer nada. Era a primeira vez em que ficavam juntos no mesmo cômodo desde Renwick, pensou Clary, e lá Luke estava semimorto pela luta, e coberto de sangue. Agora era mais fácil marcar tanto as diferenças quanto as semelhanças entre os dois: Luke com a velha camisa de flanela e a calça jeans, Valentim com o belo terno caro; Luke com a barba por fazer e partes grisalhas no cabelo, Valentim parecendo não ter mais de 25 anos — só que mais frio, de alguma forma, e mais duro, como se os anos passados o estivessem transformando lentamente em pedra.

— Ouvi dizer que a Clave o trouxe para o Conselho agora — disse Valentim. — Nada mais apropriado para uma Clave diluída pela corrupção e disposta a se rebaixar do que ter mestiços degenerados infiltrados. — Tinha a voz plácida, alegre até, tanto que era difícil sentir o veneno nas palavras, ou realmente acreditar que estava falando sério. O olhar dele se voltou para Clary. — Clarissa — disse ele —, aqui com o vampiro, posso perceber. Quando as coisas tiverem se ajustado, precisamos discutir suas escolhas de bichos de estimação.

Um rugido grave veio da garganta de Simon. Clary segurou sua mão com força — com tanta força que, em outros tempos, ele teria se encolhido de dor. Agora não parecia sentir.

— Não — sussurrou ela. — Não.

Valentim já tinha desviado a atenção deles. Subiu os degraus do palanque e se virou para olhar para a multidão.

— Tantos rostos familiares — observou. — Patrick. Malaquias. Amatis.

Amatis permaneceu rija, os olhos ardentes de ódio.

O Inquisidor ainda se debatia nas garras de Malaquias. O olhar de Valentim passou para ele, quase entretido.

— Até você, Aldertree. Ouvi dizer que foi indiretamente responsável pela morte de meu velho amigo Hodge Starkweather. Uma pena.

Luke encontrou a voz.

— Então você admite — disse. — Derrubou as barreiras. Enviou os demônios.

— Eu os enviei — disse Valentim. — Posso enviar mais. Sem dúvida, a Clave, até mesmo a Clave, burra do jeito que é, devia esperar isso. *Você* esperava, não, Lucian?

Os olhos de Luke eram de um azul profundo.

— Esperava. Mas conheço você, Valentim. Então veio para negociar, ou para se gabar?

— Nem uma coisa, nem outra. — Valentim olhou para a multidão silenciada. — Não tenho necessidade de negociar — disse, e apesar de o tom ser calmo, a voz se projetava como se estivesse amplificada. — Nem desejo de me gabar. Não gosto de causar mortes de Caçadores de Sombras; já somos tão poucos, em um mundo que precisa desesperadamente de nós. Mas é assim que a Clave gosta, não é? É só mais uma das regras sem sentido, uma das regras que utilizam para transformar Caçadores de Sombras comuns em pó. Fiz o que fiz porque precisei. Fiz porque era a única maneira de fazer a Clave ouvir. Os Caçadores de Sombras não morreram por minha causa; morreram porque a Clave me ignorou. — Encontrou o olhar de Aldertree em meio à multidão; o rosto do Inquisidor estava pálido e tendo espasmos. — Então, muitos de vocês já fizeram parte do meu Ciclo — disse Valentim lentamente. — Falo com vocês agora, e com os que sabiam do Ciclo, mas ficaram de fora. Vocês se lembram do que previ há quinze anos? Que a não ser que agíssemos contra os Acordos, a cidade de Alicante, nossa preciosa capital, seria governada por bandos babões de mestiços, as raças degeneradas pisando sobre tudo que valorizamos? E é como previ, tudo aconteceu. O Gard foi incendiado, o Portal destruído, nossas ruas dominadas por monstros. Escória semi-humana querendo nos guiar. Então, meus amigos, meus

inimigos, meus irmãos sob o Anjo, pergunto a vocês, acreditam em mim agora? — Levantou a voz a um grito: — ACREDITAM EM MIM AGORA?

Seu olhar varreu a sala como se esperasse resposta. Não obteve — apenas um mar de faces.

— Valentim — a voz de Luke, apesar de suave, rompeu o silêncio: — Não consegue enxergar o que fez? Os Acordos que tanto temia não tornaram os integrantes do Submundo iguais aos Nephilim. Não asseguraram a semi-humanos um lugar no Conselho. Todo o antigo ódio continua aqui. Devia ter confiado nisso, mas não o fez, não conseguiu, e agora nos deu a única coisa que poderia nos unir. — Os olhos dele procuraram os de Valentim. — Um inimigo comum.

Um rubor passou pelo rosto pálido de Valentim.

— Não sou um inimigo. Não dos Nephilim. *Você* é. É você que está tentando instigá-los a uma luta inútil. Acha que os demônios que viu são tudo que tenho? São uma fração do que posso invocar.

— Existem mais de nós, também — disse Luke. — Mais Nephilim, e mais integrantes do Submundo.

— *Integrantes do Submundo* — rosnou Valentim. — Vão fugir ao primeiro sinal de perigo verdadeiro. Nephilim nasceram para serem guerreiros, para proteger este mundo, mas o mesmo mundo detesta sua espécie. Existe uma razão pela qual prata limpa o queima, e a luz do dia destrói as Crianças Noturnas.

— Não a mim — disse Simon com a voz rígida e clara, apesar da garra da Clary. — Aqui estou, ao sol...

Mas Valentim simplesmente riu.

— Já o vi engasgar com o nome de Deus, vampiro — disse ele. — Quanto a suportar a luz do sol... — interrompeu-se e riu. — Você é uma anomalia, talvez. Uma aberração. Mas um monstro, ainda assim.

Um *monstro*. Clary pensou em Valentim no navio, no que havia dito lá: *sua mãe me disse que tinha transformado o primeiro filho dela em um monstro. Me deixou antes que tivesse a chance de fazer a mesma coisa com a segunda*.

Jace. Pensar no nome dele provocava uma dor aguda. *Depois do que fez, fica aqui falando em monstros...*

— O único monstro aqui — disse ela, apesar de si, e da decisão de ficar quieta — é você. Eu vi Ithuriel — prosseguiu quando ele virou para olhar para ela, surpreso. — Sei de tudo...

— Duvido — disse Valentim. — Se soubesse, ficaria de boca fechada. Pelo bem do seu irmão, se não pelo seu próprio.

Não ouse falar comigo sobre Jace!, Clary queria gritar, mas outra voz veio para interrompê-la, uma voz feminina, fria, inesperada, destemida e amarga.

— E quanto ao *meu* irmão? — Amatis foi para o pé do palanque, olhando para Valentim. Luke se surpreendeu e balançou a cabeça para ela, que o ignorou.

Valentim franziu a testa.

— O que tem Lucian? — A pergunta de Amatis, Clary sentiu, o perturbara, ou talvez fosse o simples fato de que Amatis estava ali, perguntando, confrontando-o. Já fazia anos que ele a tomara como fraca, como alguém improvável de confrontá-lo. Valentim nunca gostava quando as pessoas o surpreendiam.

— Você disse que ele não era mais meu irmão — disse Amatis. — Tirou Stephen de mim. Destruiu minha família... Diz que não é um inimigo dos Nephilim, mas colocou todos nós uns contra os outros, família contra família, destruindo vidas sem remorso. Diz que odeia a Clave, mas foi você que fez dela o que é hoje: mesquinha e paranoica. Nós, Nephilim, confiávamos uns nos outros. *Você* mudou isso. Jamais o perdoarei por isso. — A voz dela tremeu. — Ou por me fazer tratar Lucian como se não fosse mais meu irmão. Também não o perdoarei. Nem me perdoarei por ter lhe dado ouvidos.

— Amatis... — Luke deu um passo à frente, mas a irmã levantou a mão para interrompê-lo. Seus olhos brilhando com as lágrimas, mas suas costas eretas, a voz firme e segura.

— Houve um tempo em que *todos* nós estávamos dispostos a ouvi-lo, Valentim — disse ela. — E todos temos essa memória viva em nossa consciência. Não mais. *Não mais*. Esse tempo acabou. Alguém aqui discorda de mim?

Clary levantou a cabeça e olhou para os Caçadores de Sombras reunidos: olhavam para Amatis como um rascunho de desenho de uma multidão, com borrões brancos como faces. Viu Patrick Penhallow, com a mandíbula cerrada, e o Inquisidor, que tremia como uma árvore frágil em um vento forte. E Malaquias, cujo rosto escuro e polido estava estranhamente ilegível.

Ninguém disse nada.

Se Clary tivesse esperado que Valentim se irritasse com a falta de resposta dos Nephilim que almejava liderar, ficaria decepcionada. Além de uma contração no músculo da mandíbula, estava sem qualquer expressão. Como se tivesse esperado tal resposta. Como se a tivesse planejado.

— Muito bem — disse ele. — Se não vão dar ouvidos à razão, terão de ouvir a força. Já mostrei que posso derrubar as barreiras de proteção ao redor da cidade. Vejo que as levantaram outra vez, mas isso não traz qualquer consequência; posso derrubá-las novamente com enorme facilidade. Terão de aderir às minhas exigências ou enfrentar todos os demônios que a Espada Mortal puder invocar. Vou dizer a eles que não poupem ninguém, nenhum homem, mulher ou criança. A escolha é de vocês.

Um murmúrio varreu a sala; Luke parecia espantado.

— Você destruiria *sua própria espécie* deliberadamente, Valentim?

— Às vezes plantas doentes precisam ser cortadas para preservar o jardim — disse Valentim. — E se *todas* estão doentes... — virou-se para encarar a multidão horrorizada — a escolha é de vocês — repetiu. — Tenho o Cálice Mortal. Se precisar, vou recomeçar; um novo mundo de Caçadores de Sombras, criado e orientado por mim. Mas posso lhes dar esta chance. Se a Clave transferir todos os poderes do Conselho para mim e aceitar minha soberania inquestionável e meu governo, serei clemente. Todos os Caçadores de Sombras farão um juramento de obediência e aceitarão um símbolo de lealdade permanente que os ligará a mim. Estes são os meus termos.

Fez-se silêncio. Amatis estava com a mão na boca; o restante da sala balançou diante dos olhos de Clary em um borrão. *Não podem sucumbir a ele*, pensou. *Não podem*. Mas que escolha teriam? Que escolha algum deles teria? *Estão aprisionados na armadilha de Valentim*, pensou em vão, *como certamente eu e Jace estamos presos pelo que ele nos fez. Estamos ligados a ele por nosso próprio sangue*.

Foi apenas um instante, apesar de ter parecido uma hora para Clary, antes de uma voz fina interromper o silêncio — a voz aguda e aracnídea do Inquisidor:

— Soberania e governo? — gritou. — *Seu* governo?

— Aldertree. — O Cônsul se moveu para contê-lo, mas o Inquisidor foi rápido demais. Livrou-se e se lançou para o palanque. Estava gritando alguma coisa, as mesmas palavras repetidas vezes, como se tivesse perdido completamente a cabeça, com os olhos revirados e praticamente só as partes brancas aparecendo. Empurrou Amatis de lado, subindo cambaleante os degraus do palanque para encarar Valentim.

— Eu sou o Inquisidor, entende? O *Inquisidor*! — gritou. — Sou parte da Clave! Do *Conselho*! Sou eu que faço as regras, e não você! Sou eu que governo, e não você! Não permitirei que faça isso, seu indivíduo arrogante, nojento, amante de demônios...

Com um olhar muito próximo ao tédio, Valentim esticou a mão, quase como se quisesse tocar o Inquisidor no ombro. Mas não podia tocar em nada, era apenas uma Projeção... Então Clary arquejou quando a mão dele passou através da pele, dos ossos e da carne do Inquisidor, desaparecendo em suas costelas. Passou apenas um segundo, um único segundo, durante o qual todo o Salão pareceu encarar o braço esquerdo de Valentim, enterrado de alguma forma, impossivelmente até o pulso, no peito de Aldertree. Então Valentim girou o punho com força, repentinamente, para a esquerda, uma guinada rápida, como se abrisse uma teimosa maçaneta enferrujada.

O Inquisidor soltou um único grito e caiu como uma pedra.

Valentim puxou a mão de volta. Estava cheia de sangue, uma luva escarlate que ia até o cotovelo, manchando a lã cara do terno. Abaixando a mão sangrenta, olhou para a multidão horrorizada, repousando os olhos em Luke. E lentamente disse:

— Vocês têm até amanhã à meia-noite para considerar meus termos. Então trarei meu exército, com força total, para a planície Brocelind. Se ainda não tiver recebido uma mensagem de rendição da Clave, marcharei até Alicante com meu exército, e dessa vez não deixarei que nada sobreviva. É o período que têm para considerar minhas condições. Usem o tempo com sabedoria.

E com isso, desapareceu.

14

Na Floresta Escura

— Ora, ora — disse Jace, ainda sem olhar para Clary; não a tinha olhado desde que chegara, com Simon, na entrada da casa em que os Lightwood estavam morando. Em vez disso, estava apoiado no parapeito de uma das janelas altas na sala, olhando para o céu que escurecia rapidamente. — Um cara vai ao enterro do irmão de nove anos e perde toda a diversão.

— Jace — disse Alec, com a voz cansada. — Não.

Alec estava jogado em uma das cadeiras velhas, que eram as únicas coisas para se sentar na sala. A casa tinha aquela sensação esquisita e alheia de um lugar que pertence a outros: era decorada em tecidos de temática floral, babados e em pastel, e tudo parecia ligeiramente desgastado ou esfarrapado. Havia uma vasilha de vidro cheia de chocolates na pontinha da mesa perto de Alec; Clary, faminta, já tinha comido alguns e os achou quebradiços e secos. Ficou imaginando que tipo de gente vivia ali. O tipo que fugia quando as coisas complicavam, pensou amargamente; mereciam ter a casa tomada por terceiros.

— Não *o quê*? — perguntou Jace; lá fora estava escuro o suficiente agora, a ponto de Clary conseguir ver o rosto dele refletido no vidro da janela. Os olhos pareciam pretos. Estava com roupas de luto de Caçador de Sombras; não vestiam preto em enterros, já que preto era a cor do uniforme de combate. A cor da morte era branca, e o casaco branco de Jace tinha símbolos vermelhos costurados ao redor do colarinho e dos pulsos. Diferente dos símbolos de batalha, que eram todos de agressão e proteção, estes falavam uma língua mais gentil, de cura e pesar. Havia faixas de metal moldadas ao redor dos pulsos também, com símbolos semelhantes nelas. Alec estava vestido da mesma maneira, todo de branco com os mesmos símbolos vermelho-dourados sobre o tecido. Fazia o cabelo dele parecer muito preto.

Jace, pensou Clary, por outro lado, parecia um anjo todo de branco. Só que do tipo vingador.

— Você não está com raiva de Clary. Ou Simon — disse Alec. — Pelo menos — acrescentou com uma careta levemente preocupada — não *acho* que esteja com raiva de Simon.

Clary quase esperava que Jace rebatesse com raiva, mas tudo que disse foi:

— Clary sabe que não estou com raiva dela.

Simon, apoiando os cotovelos no encosto do sofá, revirou os olhos, mas se limitou a dizer:

— O que não entendo é como Valentim conseguiu matar o Inquisidor. Pensei que Projeções não pudessem afetar nada efetivamente.

— Não deveriam — disse Alec. — São apenas ilusões. Como ar colorido, por assim dizer.

— Bem, não neste caso. Ele enfiou a mão dentro do Inquisidor e *girou*... —

Clary estremeceu. — Foi muito sangue.

— Como um bônus especial para você — disse Jace a Simon.

Simon ignorou.

— Já houve algum Inquisidor que não tenha sofrido uma morte horrível? — Ele se perguntou em voz alta. — É como ser o baterista em Spinal Tap.

Alec passou a mão no rosto.

— Não acredito que meus pais ainda não saibam disso — disse ele. — Não posso dizer que estou ansioso para contar.

— Onde estão seus pais? — perguntou Clary. — Pensei que estivessem lá em cima.

Alec balançou a cabeça.

— Ainda estão na necrópole. No túmulo de Max. Mandaram a gente de volta. Queriam ficar um pouco sozinhos.

— E Isabelle? — perguntou Simon. — Cadê ela?

O bom humor, pouco que fosse, deixou a expressão de Jace.

— Não sai do quarto — disse ele. — Ela acha que o que aconteceu com Max foi culpa dela. Não quis nem ir ao enterro.

— Já tentaram falar com ela?

— Não — disse Jace —, estamos socando repetidamente a cara dela em vez disso. Por quê, você acha que não vai dar certo?

— Perguntar não ofende — respondeu Simon, num tom calmo.

— Vamos contar a ela essa história de o Sebastian não ser o Sebastian — disse Alec. — Pode ser que se sinta melhor. Ela acha que devia ter percebido que havia algo errado com ele, mas se era um espião... — Alec deu de ombros. — Ninguém notou nada estranho nele. Nem mesmo os Penhallow.

— *Eu* o achei um babaca — destacou Jace.

— É, mas só porque... — Alec se afundou ainda mais na cadeira. Parecia exausto, a pele pálida contra o branco forte da roupa. — Não faz a menor diferença. Depois que descobrir sobre as ameaças de Valentim, nada será capaz de animá-la.

— Mas será que ele faria isso? — perguntou Clary. — Mandar um exército de demônios contra os Nephilim? Quero dizer, ele ainda é um *Caçador de Sombras*, não é? Não seria capaz de destruir o próprio povo.

— Não se importou o bastante com os próprios filhos para não destruí-los — disse Jace, encontrando os olhos dela do outro lado da sala. Permaneceram se encarando. — O que a faz pensar que ele se importaria?

Alec olhou de um para o outro, e Clary percebeu pela expressão dele que Jace ainda não havia contado nada sobre Ithuriel. Parecia espantado e muito triste.

— Jace...

— Isso explica uma coisa — disse Jace, sem olhar para Alec. — Magnus estava tentando ver se conseguia utilizar um símbolo de rastreamento em alguma das coisas que Sebastian tinha deixado no quarto, para tentar localizá-lo. Não estava conseguindo ler nada do que demos para ele. Tudo... vazio.

— O que isso significa?

— Eram coisas de Sebastian Verlac. O Sebastian falso as pegou quando o interceptou. E Magnus não está conseguindo nada delas porque o verdadeiro Sebastian...

— Provavelmente está morto — concluiu Alec. — E o Sebastian que conhecemos é esperto demais para deixar para trás qualquer coisa que pudesse ser utilizada para encontrá-lo. Precisa ser algum objeto que de algum jeito seja muito ligado àquela pessoa. Uma herança de família, uma estela, uma escova com cabelos nela, alguma coisa assim.

— O que é péssimo — disse Jace —, pois se pudéssemos segui-lo, provavelmente nos levaria diretamente a Valentim. Tenho certeza de que voltou direto para o mestre com um relatório completo. Provavelmente contou tudo sobre a teoria maluca do lago-espelho de Hodge.

— Talvez não fosse maluca — disse Alec. — Puseram guardas nas trilhas que vão para o lago, e levantaram barreiras que alertarão se alguém se transportar por Portal para lá.

— Ótimo. Tenho certeza de que todos nós estamos muito seguros agora — disse Jace, e se inclinou novamente contra a parede.

— O que não entendo — disse Simon — é por que Sebastian ficou por aqui. Depois do que fez com Izzy e Max, ia ser pego, não havia mais como fingir. Quero dizer, mesmo achando que tinha matado a Izzy, e não só nocauteado, como poderia explicar que os dois estavam mortos e ele estava bem? Já estava encrencado. Então para que ficar para a luta? Para que ir ao Gard *me* pegar? Tenho certeza de que ele não se importava se eu vivesse ou morresse.

— Agora está sendo muito severo com ele — disse Jace. — Tenho certeza de que preferiria que morresse.

— Na verdade — disse Clary —, acho que ele ficou por minha causa.

O olhar de Jace se desviou para o dela em um lampejo dourado.

— Por sua causa? Estava querendo mais um encontro quente?

Clary enrubesceu.

— Não. E nosso encontro não foi quente. Aliás, não foi nem um encontro. E de qualquer jeito, essa não é a questão. Quando ele entrou no Salão, ficou tentando me fazer sair com ele para podermos conversar. Queria alguma coisa de mim. Só não sei o quê.

— Ou talvez só quisesse você — disse Jace. Ao ver a expressão de Clary,

acrescentou: — Não desse jeito. Quis dizer que de repente queria levá-la até Valentim.

— Valentim não se importa comigo — disse Clary. — Ele sempre só se importou com você.

Alguma coisa piscou nas profundezas dos olhos de Jace.

— É assim que você chama? — A expressão dele era assustadoramente desolada. — Depois do que aconteceu no barco, ele se importa com você. O que significa que precisa ter cuidado. Muito cuidado. Aliás, não faria mal nenhum se passasse os próximos dias dentro de casa. Pode se trancar no quarto, como Isabelle.

— Não vou fazer isso.

— Claro que não — disse Jace —, porque vive para me torturar, não é mesmo?

— Nem tudo, Jace, *gira em torno de você* — disse Clary, furiosa.

— Possivelmente — disse Jace —, mas você tem que admitir que a maioria das coisas gira.

Clary resistiu ao impulso de gritar.

Simon limpou a garganta.

— Por falar em Isabelle, que meio que era o assunto aqui, mas pensei que podíamos voltar a isso antes que outra discussão tome conta do recinto, acho que eu deveria falar com ela.

— Você? — disse Alec, e depois, parecendo ligeiramente envergonhado pela própria descompostura, acrescentou rapidamente: — É que... ela não quer sair do quarto nem pela própria família. Por que sairia por você?

— Talvez porque eu *não sou* da família — disse Simon. Estava com as mãos nos bolsos, os ombros para trás. Mais cedo, quando Clary estava sentada perto dele, tinha visto que ainda havia uma fina linha branca ao redor do pescoço de Simon, onde Valentim havia cortado sua garganta, e cicatrizes nos pulsos, onde estes também tinham sido cortados. Seus encontros com o mundo dos Caçadores de Sombras o tinham mudado, e não só na superfície, ou mesmo no sangue; a mudança era mais profunda. Mantinha-se de pé, de cabeça erguida, suportava tudo o que Jace e Alec faziam com ele e não parecia se importar. O Simon que teria se assustado com eles, ou se sentido desconfortável, não existia mais.

Sentiu uma dor repentina no coração, e percebeu com uma pontada o que era. Estava com *saudades* dele — com saudades de Simon. Do Simon de antigamente.

— Acho que vou tentar fazer com que Isabelle fale comigo — disse Simon. — Piorar não vai.

— Mas já está praticamente escuro — disse Clary. — Dissemos a Luke e a

Amatis que voltaríamos antes do sol se pôr.

— Eu volto com você — disse Jace. — Quanto ao Simon, consegue se locomover no escuro, não é, Simon?

— Claro que sim — disse Alec indignado, como se quisesse compensar pela alfinetada de antes. — Ele é um vampiro, e... só agora percebi que você estava brincando. Esqueça o que eu disse.

Simon sorriu. Clary abriu a boca para protestar novamente — e voltou a fechá-la. Parcialmente porque não estava sendo razoável, e sabia disso. E parcialmente porque havia algo no olhar de Jace, algo que a atravessou e chegou a Simon, um olhar que a calou: era divertimento, pensou Clary, misturado com gratidão e talvez até — o mais surpreendente de tudo — um pouquinho de respeito.

Era uma caminhada curta entre a nova casa dos Lightwood e a de Amatis; Clary desejou que fosse mais longa. Não conseguia se livrar da sensação de que cada instante que passava com Jace era de alguma forma precioso e limitado, e que estavam se aproximando de alguma espécie de prazo invisível que os separaria para sempre.

Olhou de lado para ele. Estava olhando para a frente, como se ela nem estivesse lá. A linha do perfil dele era acentuada e bem marcada sob a luz mágica que iluminava as ruas. O cabelo ondulado contra a bochecha, sem de fato esconder a cicatriz branca na têmpora onde houvera uma Marca. Ela podia ver uma linha metálica brilhando na garganta de Jace, onde o anel Morgenstern se pendurava na corrente. Sua mão esquerda estava vazia; as juntas pareciam em carne viva. Então realmente estava se curando como um mundano, como Alec havia pedido que fizesse.

Clary estremeceu. Jace olhou para ela.

— Está com frio?

— Só estava pensando — disse ela. — Fiquei surpresa por Valentim ter ido atrás do Inquisidor, e não de Luke. O Inquisidor é um Caçador de Sombras, e Luke... Luke faz parte do Submundo. Além do mais, Valentim o odeia.

— Mas de certa forma o respeita, mesmo que faça parte do Submundo — disse Jace, e Clary pensou no olhar que ele havia lançado a Simon mais cedo, depois tentou não pensar. Detestava pensar em Jace e Valentim sendo semelhantes de alguma forma, mesmo em algo tão trivial quanto um olhar. — Luke está tentando fazer a Clave mudar, pensar de uma nova maneira. É exatamente o que Valentim fez, mesmo que os objetivos fossem... bem, não fossem os mesmos. Luke é um iconoclasta. Quer mudar. Para Valentim, o Inquisidor representa a Clave velha e limitada que ele tanto detesta.

— E foram amigos no passado — disse Clary. — Luke e Valentim.

— "As Marcas daquilo que outrora foram" — disse Jace, e Clary pôde perceber que estava citando alguma coisa, pelo tom semidesdenhoso na voz. — Infelizmente, você nunca realmente odeia ninguém tanto quanto a alguém com quem já se importou um dia. Imagino que Valentim tenha algo especial planejado para Luke, mais para frente, depois que assumir o controle.

— Mas ele não vai assumir o controle — disse Clary, e quando Jace não respondeu, levantou a voz. — Ele *não* vai vencer, não pode. Não quer guerra de verdade, não contra Caçadores de Sombras *e* integrantes do Submundo...

— O que a faz pensar que os Caçadores de Sombras vão lutar junto com os integrantes do Submundo? — disse Jace, ainda sem olhar para ela. Estavam caminhando pela rua do canal, e ele estava com os olhos na água e o maxilar rijo. — Só porque Luke disse? Luke é idealista.

— E por que isso é uma coisa ruim?

— Não é. Só que eu não sou — disse Jace, e Clary sentiu uma pontada fria no coração pelo vazio da voz. *Desespero, raiva, ódio. São qualidades demoníacas. Está agindo como acha que* deveria.

Tinham chegado à casa de Amatis; Clary parou antes dos degraus, virando-se para encará-lo.

— Talvez — disse ela. — Mas você também não é como *ele*.

Jace espantou-se um pouco com a frase, ou talvez fosse apenas a firmeza no tom. Virou a cabeça para olhar para ela pelo que parecia a primeira vez desde que tinham saído da casa dos Lightwood.

— Clary... — começou, mas se interrompeu, respirando fundo. — Tem sangue na sua manga. Está machucada?

Foi em direção a ela, pegando seu pulso com a mão. Clary olhou para baixo e viu, para a própria surpresa, que ele tinha razão — havia uma mancha escarlate irregular na manga direita do casaco. O estranho é que ainda era de um vermelho brilhante. Sangue seco não deveria ter uma cor mais escura? Ela franziu a testa.

— Esse sangue não é meu.

Ele relaxou um pouco, o aperto afrouxando.

— É do Inquisidor?

Ela balançou a cabeça.

— Na verdade acho que é de Sebastian.

— Sangue de *Sebastian*?

— É... Quando ele entrou no Salão, lembra, estava com o rosto sangrando. Acho que Isabelle deve tê-lo arranhado, mas, seja como for, toquei o rosto dele e o sangue ficou. — Olhou mais de perto. — Pensei que Amatis tivesse lavado o casaco, mas acho que não.

Esperava que então Jace fosse soltá-la, mas, em vez disso, ele a segurou pelo pulso durante um longo momento, examinando o sangue, antes de largar o braço, aparentemente satisfeito.

— Obrigado.

Encarou-o por um instante antes de balançar a cabeça;

— Não vai me explicar o que foi isso, vai?

— Sem chance.

Jogou os braços para o alto, irritada.

— Vou entrar. Te vejo mais tarde.

Virou-se e subiu as escadas para a entrada da frente da casa de Amatis. Não havia a menor chance de ela saber que, assim que virou a cabeça, o sorriso desaparecera do rosto de Jace, ou que ele passou um longo tempo na escuridão depois de a porta se fechar, de vigia e enrolando um pedacinho de fio, sem parar,

entre os dedos.

— Isabelle — disse Simon. Tinha feito algumas tentativas até encontrar a porta dela, mas o grito de “Vá embora!” que emanou desta o convenceu de que tinha acertado. — Isabelle, me deixe entrar.

Ouviu uma batida abafada e a porta reverberou levemente, como se Isabelle tivesse atirado alguma coisa. Possivelmente um sapato.

— Não quero falar com você e Clary. Não quero falar com ninguém. Me deixe em paz, Simon.

— Clary não está aqui — disse Simon. — E não vou embora até você falar comigo.

— Alec! — gritou Isabelle. — Jace! Façam com que ele vá embora!

Simon esperou. Não houve qualquer barulho do andar de baixo. Ou Alec tinha saído, ou resolvera ficar na dele.

— Não estão aqui, Isabelle. Estou sozinho.

Fez-se silêncio. Finalmente, Isabelle falou novamente. Dessa vez, a voz veio mais de perto, como se estivesse grudada do outro lado da porta.

— Você está sozinho?

— Estou — disse Simon.

A porta se abriu. Isabelle estava ali com uma coberta preta, seus cabelos compridos caídos sobre os ombros. Simon nunca a tinha visto assim: descalça, os cabelos despenteados, sem maquiagem.

— Pode entrar.

Ele passou por ela e entrou no quarto. À luz da porta podia ver que parecia, como diria sua mãe, que tinha passado um furacão. Roupas espalhadas em pilhas pelo chão, uma bolsa de pano aberta como se tivesse explodido. O chicote prateado-dourado brilhante de Isabelle estava pendurado em um dos cantos da cama, um sutiã branco no outro. Simon desviou o olhar. As cortinas estavam fechadas, as lâmpadas apagadas.

Isabelle se jogou no canto da cama e olhou para ele com um divertimento amargo.

— Um vampiro ruborizado. Quem diria — levantou o queixo. — Então, deixei você entrar. O que quer?

Apesar do olhar furioso, Simon achou que ela parecia mais jovem do que normalmente, os olhos grandes e escuros no rosto branco. Podia ver as cicatrizes brancas que traçavam sua pele clara, pelos braços nus, pelas costas e clavícula, até nas pernas. *Se Clary continuar sendo Caçadora de Sombras*, pensou, *um dia vai ficar assim, cheia de cicatrizes*. O pensamento não o perturbou tanto quanto poderia em outros tempos. Havia alguma coisa na maneira como Isabelle mostrava as cicatrizes, como se sentisse orgulho delas.

Tinha alguma coisa nas mãos, alguma coisa que girava sem parar entre os dedos. Era uma coisa pequena que brilhava levemente à meia luz. Pensou por um instante que pudesse ser algum tipo de joia.

— O que aconteceu com Max — disse Simon. — Não foi culpa sua.

Ela não olhou para ele. Olhava fixamente para o objeto nas mãos.

— Sabe o que é isso? — disse, e mostrou o objeto. Parecia um pequeno soldadinho de brinquedo, esculpido de madeira. Um Caçador de Sombras de brinquedo, percebeu Simon, com uniforme preto pintado. O brilho prateado que tinha notado era a tinta da espadinha que segurava; estava praticamente gasta. — Era do Jace — falou, sem esperar que ele respondesse. — Era o único brinquedo que tinha quando veio de Idris. Não sei, talvez tenha feito parte de um conjunto

maior um dia. Acho que ele mesmo fez, mas nunca falou muito a respeito. Levava para todos os cantos quando era pequeno, sempre no bolso, ou o que fosse. Então um dia notei Max carregando. Jace devia ter uns 13 anos. Simplesmente deu de presente para o Max, eu acho, quando cresceu demais para brincar. Seja como for, estava com Max quando o encontraram. Foi como se o tivesse pego para ter algo a que se ater quando Sebastian... quando ele... — interrompeu-se. O esforço para não chorar era evidente; a boca transformada em uma careta, como se estivesse mudando de forma. — Era *eu* que deveria estar protegendo ele. Deveria estar por perto para ele ter em quem se apoiar, não um brinquedo tolo de madeira. — Jogou-o sobre a cama, os olhos brilhando.

— Você estava inconsciente — protestou Simon. — Quase morreu, Izzy. Não havia nada que pudesse ter feito.

Isabelle balançou a cabeça, os cabelos emaranhados remexendo-se sobre os ombros. Parecia feroz e selvagem.

— O que você sabe sobre isso? — perguntou. — Sabia que Max veio até nós na noite em que morreu e disse ter visto alguém subindo nas torres demoníacas, e eu disse que ele estava sonhando e o mandei embora? E ele estava certo. Aposto que foi o desgraçado do Sebastian, subindo a torre para derrubar as barreiras. E Sebastian o matou para que não pudesse contar a ninguém o que tinha visto. Se ao menos eu tivesse ouvido, gastado um segundo para ouvir, isso não teria acontecido.

— Você não tinha como saber — disse Simon. — Quanto a Sebastian... ele não era realmente primo dos Penhallow. Enganou a todos.

Isabelle não pareceu surpresa.

— Eu sei — disse. — Ouvi você falando com Alec e Jace. Estava escutando do alto da escada.

— Estava ouvindo nossa conversa?

Ela deu de ombros.

— Até a parte que você disse que ia subir para falar comigo. Depois voltei. Não estava com vontade de ver você. — Ela olhou de lado para ele. — Mas digo o seguinte: você é persistente.

— Ouça, Isabelle. — Simon deu um passo para a frente. Estava estranhamente consciente, de repente, do fato de que ela não estava muito vestida, então conteve o impulso de colocar a mão no ombro dela, ou de fazer qualquer outra coisa excessivamente carinhosa. — Quando meu pai morreu, eu sabia que não era culpa minha, mas mesmo assim não parei de pensar em todas as coisas que deveria ter feito, deveria ter dito, antes de ele morrer.

— É, bem, isso *é* minha culpa — disse Isabelle. — E o que eu deveria ter feito era tê-lo ouvido. O que ainda posso fazer é caçar o desgraçado que fez isso e

matá-lo.

— Não tenho certeza de que isso vá ajudar...

— Como você sabe? — perguntou Isabelle. — Por acaso encontrou a pessoa responsável pela morte do seu pai e o matou?

— Meu pai teve um infarto — disse Simon. — Então, não.

— Então você não sabe do que está falando, sabe? — Isabelle levantou o queixo e olhou fixamente para ele. — Vem aqui.

— O quê?

Ela o chamou imperiosamente com o dedo indicador.

— Vem *aqui*, Simon.

Relutantemente, ele foi na direção dela. Estava a menos de 30 centímetros de distância quando ela o segurou pela frente da camisa, puxando-o em sua direção. Os rostos estavam a poucos centímetros de distância; dava para ver a pele dela brilhando com as marcas de lágrimas recentes.

— Sabe do que estou realmente precisando agora? — disse ela, enunciando cada palavra com clareza.

— Hum — disse Simon. — Não?

— De uma distração — disse ela, e, com um semigiro, o puxou para a cama ao lado dela.

Ele aterrissou de costas entre uma pilha emaranhada de roupas.

— Isabelle — protestou Simon sem muita determinação —, tem certeza de que realmente acha que isso vai fazer você se sentir melhor?

— Vai por mim — disse Isabelle, colocando uma mão no peito dele, sobre o coração que não batia. — Já estou me sentindo melhor.

*

Clary ficou deitada na cama sem dormir, olhando para uma única fresta de luar que riscava o teto. Seus nervos ainda estavam muito chacoalhados pelos eventos do dia para que conseguisse dormir, e o fato de que Simon não tinha voltado antes do jantar — ou depois — não ajudou. Por fim, mencionara sua preocupação para Luke, que vestira um casaco e fora até a casa dos Lightwood. Voltara com ar de divertimento.

— Simon está bem, Clary — dissera ele. — Vá para a cama. — Depois saíra outra vez, com Amatis, para mais uma das intermináveis reuniões no Salão dos Acordos. Ficou imaginando se alguém já tinha limpado o sangue do Inquisidor.

Sem ter mais o que fazer, tinha ido para a cama, mas o sono permanecia

intangível. Clary continuava vendo Valentim na cabeça, enfiando o braço no corpo do Inquisidor e arrancando-lhe o coração. A maneira como tinha se virado para ela e dito, *ficaria de boca fechada, pelo bem do seu irmão, se não pelo seu próprio.* Acima de tudo, os segredos descobertos no encontro com Ithuriel puseram um peso em seu peito. Sob todas essas ansiedades havia o medo, constante como as batidas de um coração, de que a mãe morreria. Onde estava Magnus?

Fez-se um barulho nas cortinas, e uma onda repentina de luz do luar escorreu para o quarto. Clary se sentou, pegando a lâmina serafim que mantinha na cabeceira.

— Tudo bem. — Uma mão se colocou sobre a dela; esguia, cicatrizada e familiar. — Sou eu.

Clary respirou fundo e segurou a mão dele.

— Jace — disse. — O que você está fazendo aqui? O que houve?

Por um instante ele não respondeu, e ela se virou para olhá-lo, puxando os lençóis para cima. Clary se sentiu ruborizando, extremamente ciente do fato de que só estava com a parte de baixo de um pijama e uma camisola fina — em seguida viu a expressão dele, e o próprio constrangimento diminuiu.

— Jace? — sussurrou. Ele estava próximo à cabeceira da cama, ainda com as roupas brancas de luto, e não havia nada de leve, sarcástico ou distante na maneira como olhava para ela. Estava muito pálido, e os olhos pareciam assombrados e quase negros de exaustão. — Você está bem?

— Não sei — disse, com o jeito entorpecido de quem acabava de acordar de um sonho. — Não ia vir para cá. Passei a noite inteira andando, não consegui dormir, e o tempo todo me via andando para cá. Para você.

Ela se sentou mais reta, deixando o lençol cair pelos quadris.

— Por que não consegue dormir? Aconteceu alguma coisa? — perguntou, e imediatamente se sentiu tola. O que *não* tinha acontecido?

Jace, no entanto, mal pareceu ouvir a pergunta.

— Precisava ver você — disse ele, mais para si próprio. — Sei que não devia. Mas *precisava*.

— Bem, então sente-se — disse ela, puxando as pernas para dar espaço para ele na ponta da cama —, porque você está me deixando nervosa. Tem certeza de que não aconteceu nada?

— Não disse que não aconteceu nada. — Sentou na cama, olhando para ela. Estava tão próximo que ela poderia simplesmente ter se inclinado e o beijado...

Seu peito apertou.

— É alguma notícia ruim? Está tudo... Estão todos...

— Não é ruim — disse Jace —, e não é nenhuma novidade. É o oposto disso.

É uma coisa que eu sempre soube, e você, você provavelmente também sabe. Deus sabe que não escondi muito bem. — Os olhos dele examinaram o rosto dela, lentamente, como se quisesse memorizá-lo. — O que aconteceu — disse ele, e hesitou — foi que percebi uma coisa.

— Jace — sussurrou ela de repente, e por motivo nenhum que conseguisse identificar, estava com medo do que ele estava prestes a dizer. — Jace, você não precisa...

— Estava tentando ir para... algum lugar — disse Jace. — Mas continuava sendo atraído para cá. Não conseguia parar de andar, de pensar. Sobre a primeira vez em que a vi, e sobre como depois daquilo não consegui esquecê-la. Queria, mas não consegui. Forcei Hodge a deixar que fosse eu a ir encontrá-la e levá-la ao Instituto. E mesmo naquela época, naquela cafeteria estúpida, quando a vi sentada naquele sofá com Simon, mesmo *então* aquilo pareceu errado, *eu* é que deveria estar sentado com você. Que deveria tê-la feito rir daquele jeito. Não conseguia me livrar daquela sensação. Deveria ter sido eu. E quanto mais a conhecia, mais sentia; nunca tinha me acontecido isso antes. Sempre que eu queria uma garota, depois que conhecia, não queria mais; mas com você a sensação só se fortalecia, até a noite em que você apareceu em Renwick e eu *soube*.

"E depois descobrir que a razão pela qual me sentia daquele jeito, como se você fosse uma parte de mim que tinha perdido e nem sabia que sentia falta até vê-la novamente, que o motivo para isso era o fato de que você era *minha irmã* parecia alguma espécie de piada cósmica. Como se Deus estivesse cuspindo em mim. E não sei nem por quê, por pensar que poderia *tê-la*, que mereceria algo assim, ser tão feliz assim. Não conseguia pensar no que podia ter feito para receber um castigo desses...

— Se você está sendo castigado — disse Clary —, então também estou. Porque todas essas coisas que sentiu, eu também senti, mas não podemos... *Temos* que parar de nos sentir assim, é nossa única chance.

Jace estava com as mãos cerradas nas laterais.

— Nossa única chance de quê?

— De ficarmos juntos. Do contrário não poderemos nem ficar perto um do outro, nem mesmo na mesma sala, e não posso suportar isso. Prefiro ter você na minha vida, mesmo como irmão, do que não ter...

— E eu tenho que ficar parado enquanto você namora outros, se apaixona por outra pessoa, se casa...? — A voz dele endureceu. — E enquanto isso, eu morro um pouco mais a cada dia, assistindo.

— Não. Até lá, não se importará mais — disse ela, imaginando, mesmo ao dizer, se poderia suportar a ideia de um Jace que não se importasse. Não tinha

pensado tão longe quanto ele. E, quando tentou se imaginar vendo ele se apaixonar por outra pessoa, casar, não conseguia sequer pensar, não enxergava nada além de um túnel negro que se esticava à sua frente, eternamente. — Por favor. Se não dissermos nada... Se simplesmente fingirmos...

— Não dá para fingir — disse Jace, objetivo. — Eu amo você, e vou amar até morrer, e se houver vida depois disso, vou amar também.

Clary perdeu o fôlego. Ele as havia dito — as palavras das quais não se podia recuar. Lutou para encontrar uma resposta, mas não veio nenhuma.

— E sei que você acha que só quero ficar com você para... para mostrar a mim mesmo o monstro que sou — disse ele. — E talvez eu seja um monstro. Não sei a resposta para isso. Mas o que sei é que mesmo que haja sangue de demônio em mim, há sangue humano também. E eu não podia amá-la desse jeito se não fosse pelo menos um pouquinho humano. Porque demônios *querem*. Mas não amam. E eu...

Ele se levantou, com uma espécie de ímpeto violento, e atravessou o quarto até a janela. Parecia perdido, perdido como tinha estado no Grande Salão sobre o corpo de Max.

— Jace — disse Clary, alarmada, e quando ele não respondeu, ela se levantou cambaleando e foi até ele, colocando a mão em seu braço. Ele continuou olhando pela janela; os reflexos dos dois no vidro eram quase transparentes, contornos fantasmagóricos de um garoto alto e uma garota menor, a mão dela agarrando ansiosamente a manga dele. — Qual é o problema?

— Não deveria ter contado desse jeito — disse ele, sem olhar para ela. — Sinto muito. Provavelmente foi demais para absorver. Você pareceu tão... chocada. — A tensão na voz dele era como um fio esticado.

— E fiquei mesmo — disse. — Passei os últimos dias imaginando se você me odiava. E depois que o vi agora à noite, tive certeza de que sim.

— Odiar você? — ecoou, parecendo espantado. Esticou o braço e tocou o rosto dela, levemente, apenas as pontas dos dedos na pele de Clary. — Disse para você que não conseguia dormir. Amanhã à meia-noite estaremos em guerra, ou sob o domínio de Valentim. Esta pode ser a última noite das nossas vidas, certamente a última remotamente normal. E tudo em que conseguia pensar era que queria estar com você.

O coração de Clary parou.

— Jace...

— Não é disso que estou falando — disse ele. — Não vou tocá-la, se você não quiser. Sei que é errado, meu Deus, como é errado, mas só quero me deitar com você, e acordar com você, só uma vez, uma única vez na vida. — Havia desespero em sua voz. — É só esta noite. No quadro geral das coisas, o quanto

uma noite pode importar?

Porque pense em como vamos nos sentir pela manhã. Pense no quanto vai ser pior, fingir que não significamos nada um para o outro na frente de todas as outras pessoas depois de passarmos uma noite juntos, mesmo que a única coisa que façamos seja dormir. É como consumir só um pouquinho de uma droga — só faz com que se queira mais.

Mas foi por isso que contou a ela o que tinha contado, percebeu Clary. Porque não era verdade, não para ele; não havia nada que pudesse piorar, assim como não havia nada que pudesse melhorar. O que ele sentia era tão derradeiro quanto uma sentença de morte, e será que podia dizer que para ela era tão diferente? E mesmo que torcesse para que sim, mesmo que torcesse para que algum dia pudesse ser persuadida pelo tempo, pela razão ou pelo atrito gradual a não se sentir mais assim, não importava. Jamais havia desejado nada na vida tanto quanto queria esta noite com Jace.

— Feche as cortinas, então, antes de vir para a cama — disse ela. — Não consigo dormir com tanta luz no quarto.

O olhar que passou pelo rosto dele era de pura incredulidade. Não esperava realmente que ela dissesse sim, percebeu Clary, surpresa, para um instante mais tarde sentir o abraço dele quando enterrou o rosto em seus cabelos ainda bagunçados.

— Clary...

— Venha para a cama — disse ela suavemente. — Está tarde. — Então se afastou dele e voltou para a cama, deitando e puxando as cobertas até a cintura. De algum jeito, vendo-o assim, quase podia imaginar que as coisas eram diferentes, que muitos anos haviam se passado e que estavam juntos há tanto tempo que já tinham feito isso centenas de vezes, que todas as noites pertenciam a eles, não só esta. Apoiou o queixo nas mãos e o observou enquanto fechava as cortinas e depois abria o zíper da jaqueta branca e a pendurava no encosto de uma cadeira. Estava com uma camiseta cinza-clara por baixo, e as Marcas que se entrelaçavam sobre os braços nus brilhavam sombrias enquanto ele desafivelava o cinto de armas e o repousava no chão. Ele desamarrou as botas e as descalçou enquanto ia para a cama, se esticando cuidadosamente ao lado de Clary. Deitado sobre as costas, virou a cabeça para olhar para ela. Uma luz fraca entrava no quarto através das cortinas, o suficiente apenas para que ela visse o contorno do rosto de Jace e o brilho de seus olhos.

— Boa-noite, Clary — disse ele.

As mãos dele repousaram a cada um dos lados do próprio corpo. Mal parecia respirar; não sabia ao certo se ela própria estava respirando. Ela colocou as próprias mãos sobre o lençol, de modo que os dedos de ambos se tocaram — de

forma tão singela que ela provavelmente mal teria percebido que estava tocando alguém se não fosse Jace; mas como era ele, as terminações nervosas das pontas de seus dedos pinicavam levemente, como se os estivesse repousando sobre uma chama. Sentiu-o ficando tenso ao seu lado e depois relaxando. Tinha fechado os olhos, e os cílios formavam sombras finas contra as curvas das maçãs do rosto. A boca se curvou em um sorriso, como se sentisse que ela estava olhando, e ela imaginou como ele estaria de manhã, com o cabelo bagunçado e olheiras. Apesar de tudo, pensar nisso lhe causou uma pontada de felicidade.

Entrelaçou os dedos nos dele.

— Boa-noite — sussurrou. De mãos dadas como crianças em um conto de fadas, dormiu ao lado dele no escuro.

15

Tudo Desmorona

Luke tinha passado boa parte da noite assistindo ao trajeto da lua pelo teto translúcido do Salão dos Acordos, como uma moeda de prata rolando pela superfície transparente de uma mesa de vidro. Quando a lua estava quase cheia, como agora, sentia a visão se aguçando de forma correspondente e uma melhora no olfato, mesmo sob forma humana. Agora, por exemplo, detectava o cheiro do suor da dúvida, e o gosto penetrante de medo. Podia sentir a preocupação inquieta de sua alcateia na Floresta Brocelind enquanto andavam de um lado para o outro na escuridão sob as árvores e esperavam por notícias dele.

— Lucian. — A voz de Amatis ao seu ouvido era baixa, porém aguda. — *Lucian*!

Despertado do devaneio, Luke lutou para focar os olhos exaustos na cena diante de si. Era um grupinho pequeno e desigual, o daqueles que haviam concordado em ao menos ouvir seu plano. Menos do que esperava. Muitos que conhecia da antiga vida em Idris — os Penhallow, os Lightwood, os Ravenscar — e todos os que tinha acabado de conhecer, como os Monteverde, que governavam o Instituto de Lisboa e conversavam em uma mistura de português e inglês, ou Nasreen Chaudhury, o cabeça do Instituto de Mumbai. Seu sári verde-escuro era estampado em símbolos elaborados de uma prata tão brilhante que Luke instintivamente se encolheu ao passar por perto.

— Sério, Lucian — disse Maryse Lightwood. O pequeno rosto branco estava marcado por exaustão e pesar. Luke não esperava realmente que ela ou o marido viessem, mas concordaram assim que ele mencionou. Supunha que deveria se sentir grato por sequer estarem aqui, mesmo que a tristeza tendesse a deixar Maryse com o humor mais mordaz que o habitual. — Foi você que nos quis aqui; o mínimo que pode fazer é prestar atenção.

— Está prestando — Amatis estava sentada sobre as pernas como uma menina, mas tinha a expressão firme —, não é culpa de Lucian estarmos dando voltas e voltas há uma hora.

— E vamos continuar dando voltas e voltas até encontrarmos uma solução — disse Patrick Penhallow, com certa irritação na voz.

— Com todo o respeito, Patrick — disse Nasreen, com seu sotaque melodioso —, pode ser que não haja solução para esse problema. O melhor que podemos esperar é um plano.

— Um plano que não envolva escravização em massa ou... — começou Jia, esposa de Patrick, em seguida se interrompeu, mordendo o lábio. Era uma mulher bonita e esguia, que se parecia muito com a filha, Aline. Luke se lembrou de quando Patrick tinha fugido para o Instituto de Pequim e se casado com ela. Tinha sido um tanto escandaloso, pois ele deveria se casar com uma menina que os pais já tinham escolhido para ele em Idris. Mas Patrick nunca

gostou de fazer o que lhe mandavam, uma qualidade pela qual Luke agora se sentia grato.

— Ou aliança com membros do Submundo? — disse Luke. — Temo que não haja como evitar isso.

— O problema não é esse, e você sabe — disse Maryse. — É toda a questão dos assentos no Conselho. A Clave nunca vai concordar. Você sabe disso. *Quatro* assentos...

— Quatro não — disse Luke. — Um para cada um: Povo das Fadas, Filhos da Lua e filhos de Lilith.

— Os feiticeiros, as fadas e os licantropes — disse a voz suave de Monteverde, com as sobrancelhas arqueadas. — E os vampiros?

— Não me prometeram nada — admitiu Luke. — E também não prometi nada a eles. Podem não estar loucos para se juntar ao Conselho; não gostam muito da minha espécie, nem das reuniões e regras. Mas a porta está aberta para eles, se mudarem de ideia.

— Malaquias e o bando dele jamais concordarão, e pode ser que não tenhamos votos o suficiente no Conselho sem eles — murmurou Patrick. — Além disso, sem os vampiros, que chance temos?

— Uma ótima chance — irritou-se Amatis, que parecia acreditar no plano de Luke mais do que ele mesmo. — Há muitos integrantes do Submundo que *vão* lutar conosco, e são muito poderosos. Só os feiticeiros...

Balançando a cabeça, a sra. Monteverde se voltou para o marido.

— Esse plano é uma loucura. Não vai funcionar. Não se pode confiar em ninguém do Submundo.

— Funcionou durante a Ascensão — disse Luke.

A portuguesa contraiu os lábios.

— Só porque Valentim estava lutando com um exército de tolos — disse ela. — E não de demônios. E como saberemos que os velhos integrantes do Ciclo não vão voltar a ficar do lado dele quando ele chamar?

— Cuidado com o que diz, senhora — resmungou Robert Lightwood. Foi a primeira vez que falou em mais de uma hora; tinha passado quase toda a noite sem se pronunciar, imobilizado pela tristeza. Havia rugas no rosto dele que Luke podia jurar que não estavam ali três dias antes. Seu tormento era evidenciado pelos ombros tensos e punhos cerrados; Luke mal podia culpá-lo. Nunca tinha gostado muito de Robert, mas havia algo na imagem de um homem grande tornado impotente pela tristeza que era doloroso testemunhar. — Se você acha que eu me juntaria a Valentim após a morte de Max... Por causa dele meu menino foi *assassinado*...

— Robert — murmurou Maryse. Ela pôs a mão no braço dele.

— Se não nos juntarmos a ele — disse o sr. Monteverde —, *todas* as nossas crianças podem morrer.

— Se acha isso, então por que está aqui? — Amatis se levantou. — Pensei que tivéssemos concordado...

Eu também. A cabeça de Luke doeu. Era sempre assim com eles, pensou, dois passos para a frente e um para trás. Eram tão ruins quanto os membros do Submundo em pé de guerra, e sequer conseguiam perceber. Talvez todos ficassem melhores se resolvessem os problemas no combate, como seu bando fazia...

Um lampejo de movimento nas portas do Salão chamou sua atenção. Foi momentâneo, e se não estivesse tão perto da lua cheia, talvez não tivesse visto ou reconhecido a figura que passou rapidamente diante das portas. Chegou a se perguntar por um instante se estaria imaginando coisas. Às vezes, quando estava muito cansado, achava que via Jocelyn — no piscar de uma sombra, no jogo de luz em uma parede.

Mas não era Jocelyn. Luke se levantou.

— Vou dar um intervalo de cinco minutos para tomar um ar. Já volto. — Sentiu os outros olhando para ele enquanto ia até a porta da frente, todos eles, até Amatis. O sr. Monteverde sussurrou alguma coisa para a mulher; Luke captou a palavra "lobo" no meio. *Provavelmente acham que vou lá para fora correr em círculos e uivar para a lua*.

O ar do lado de fora era fresco e frio, o céu cinza como aço. O amanhecer avermelhou o céu a leste e projetou uma sombra cor-de-rosa claro nos degraus de mármore branco que levavam às portas do Salão. Jace estava esperando por ele, na metade da escada. As roupas brancas de luto que vestia atingiram Luke como um tapa na cara, um lembrete de todas as mortes que tinham vivenciado ali, e que estavam prestes a vivenciar novamente.

Jace parou a diversos degraus acima de Jace.

— O que você está fazendo aqui, Jonathan?

Jace não disse nada e Luke mentalmente censurou o próprio esquecimento — Jace não gostava de ser chamado de Jonathan, e geralmente respondia com grande objeção ao nome. Mas, dessa vez, não pareceu se importar. O rosto que levantou para Luke estava tão sombriamente rijo quanto a face dos adultos no Salão. Apesar de Jace ainda estar a um ano de se tornar adulto pela Lei da Clave, já tinha visto coisas piores em sua breve vida do que a maioria dos adultos podia sequer imaginar.

— Estava procurando seus pais?

— Está falando dos Lightwood? — Jace balançou a cabeça. — Não, não quero falar com eles. Estava procurando você.

— É sobre Clary? — Luke desceu diversos degraus até ficar logo acima de Jace. — Ela está bem?

— Está. — A menção ao nome de Clary pareceu deixar Jace tenso da cabeça aos pés, o que, por sua vez, atiçou os nervos de Luke; mas Jace jamais diria que Clary estava bem se não estivesse.

— Então o que foi?

Jace olhou para além dele, em direção às portas do Salão.

— Como está lá? Algum progresso?

— Na verdade, não — admitiu Luke. — Por mais que não queiram se render a Valentim, gostam menos ainda da ideia de ter integrantes do Submundo no Conselho. E sem a promessa de assentos no Conselho, meu pessoal não vai lutar.

Os olhos de Jace faiscaram.

— A Clave vai *odiar* essa ideia.

— Não precisam amar. Só precisam preferir à ideia de suicídio.

— Vão enrolar — alertou Jace. — Eu estabeleceria um prazo se fosse você. A Clave atua melhor com prazos.

Luke não conseguiu evitar sorrir.

— Todos os integrantes do Submundo que eu puder invocar se aproximarão do Portão Norte no crepúsculo. Se, até lá, a Clave concordar em lutar junto a eles, entrarão na cidade. Se não, vão dar as costas. Não pude deixar que fosse nem um pouco mais tarde do que isso; como está, mal nos deixa tempo para chegarmos a Brocelind antes da meia-noite.

Jace assobiou.

— Isso é teatral. Torcendo para que a visão de todos aqueles integrantes do Submundo vá inspirar a Clave ou assustá-la?

— Provavelmente um pouco dos dois. Muitos dos que compõem a Clave são associados a Institutos, como você; estão muito mais acostumados a ver integrantes do Submundo. São os nativos de Idris que me preocupam. A visão do exército do Submundo pode deixá-los em pânico. Por outro lado, não faz mal lembrá-los do quanto estão vulneráveis.

Quase como uma deixa, os olhos de Jace desviaram para as ruínas do Gard, uma cicatriz negra perto da colina sobre a cidade.

— Não sei se alguém ainda precisa de mais algum lembrete em relação a isso — encarou Luke, os olhos claros muito sérios — mas preciso contar uma coisa, e quero que seja em segredo.

Luke não conseguiu conter a surpresa.

— Por que contar para mim? Por que não aos Lightwood?

— Porque é você que está no comando aqui, na verdade. Sabe disso.

Luke hesitou. Alguma coisa no rosto branco e cansado de Jace conseguiu

extrair compaixão de sua exaustão — compaixão e um desejo de mostrar a este menino, que tinha sido tão traído e tão usado pelos adultos na vida dele, que nem todos os adultos eram assim, que havia alguns nos quais podia confiar.

— Tudo bem.

— E — disse Jace — porque confio que saberá como explicar para Clary.

— Explicar *o que* para Clary?

— Por que tive que fazer isso. — Os olhos de Jace estavam grandes à luz do sol nascente; isso o fazia parecer muito mais jovem. — Vou atrás de Sebastian, Luke. Sei como encontrá-lo, e vou segui-lo até que ele me leve a Valentim.

Luke suspirou, surpreso.

— Você *sabe como encontrá-lo?*

— Magnus me ensinou a utilizar um feitiço de rastreamento quando estava na casa dele no Brooklyn. Estávamos tentando utilizar o anel do meu pai para encontrá-lo. Não funcionou, mas...

— Você não é um feiticeiro. Não vai conseguir realizar um feitiço de rastreamento.

— São símbolos. Do mesmo tipo que a Inquisidora usou para me observar quando fui ver Valentim no navio. Tudo de que eu precisava para fazer funcionar era de alguma coisa do Sebastian.

— Mas já tratamos disso com os Penhallow. Ele não deixou nada para trás. O quarto estava inteiramente vazio, provavelmente por esse exato motivo.

— Encontrei uma coisa — disse Jace. — Um fiapo ensopado com o sangue dele. Não é muito, mas é o suficiente. Tentei, e funcionou.

— Não pode ir atrás de Valentim por conta própria, Jace. Não permitirei.

— Não pode me impedir. Sabe que não. A não ser que queira lutar comigo aqui nestes degraus. E também não vai me vencer. Sabe disso tão bem quanto eu. — Havia um tom estranho na voz de Jace, uma mistura de certeza e ódio a si próprio.

— Ouça, por mais determinação que tenha em bancar o herói solitário...

— Não sou um herói — disse Jace. A voz era clara e sem tom, como se estivesse relatando o mais simples dos fatos.

— Pense no que isso vai fazer com os Lightwood, mesmo que nada aconteça a você. Pense em Clary...

— Você acha que *não* pensei nela? Acha que não pensei na minha família? Por que acha que estou fazendo isso?

— Você acha que não me lembro de como é ter 17 anos? — respondeu Luke. — De pensar que você tem o poder de salvar o mundo, e não só o poder, mas a responsabilidade...

— Olhe para mim — disse Jace. — Olhe para mim e me diga que sou apenas

um garoto de 17 anos comum.

Luke suspirou.

— Não há nada de comum em você.

— Agora me diga que é impossível. Diga que o que estou sugerindo não pode ser feito. — Quando Luke não disse nada, Jace prosseguiu: — Ouça, seu plano é bom, até onde vai. Traga os integrantes do Submundo, lute contra Valentim até os portões de Alicante. É melhor que simplesmente se deitar e deixar que ande sobre vocês. Mas ele vai esperar isso. Não o pegará de surpresa. Eu... eu poderia pegá-lo de surpresa. Ele pode não saber que Sebastian está sendo seguido. É ao menos uma chance, e temos que agarrar quaisquer chances que tivermos.

— Isso pode ser verdade — disse Luke. — Mas é demais para esperar de qualquer pessoa. Mesmo você.

— Mas será que não vê, só *eu posso* — disse Jace, com a voz invadida pelo desespero. — Mesmo que Valentim sinta que o estou seguindo, pode permitir que eu me aproxime o suficiente...

— O suficiente para fazer o quê?

— Matá-lo — disse Jace. — O que mais?

Luke olhou para o garoto abaixo dele na escada. Desejou que de algum jeito pudesse se esforçar e enxergar Jocelyn nele, da mesma maneira como a via em Clary, mas Jace era somente, e sempre, ele mesmo — contido, sozinho, separado.

— Você seria capaz de fazer isso? — disse Luke. — De matar seu próprio pai?

— Seria — disse Jace, a voz tão distante quanto um eco. — Esse é o momento que você me diz que não posso matá-lo, pois ele é, afinal de contas, meu pai, e matar o pai é um crime imperdoável?

— Não. Este é o momento em que digo que é preciso ter certeza de que é capaz — disse Luke, e percebeu, para a própria surpresa, que alguma parte de si já tinha aceitado que Jace faria exatamente o que disse que faria, e ele deixaria. — Não pode fazer isso, romper todos os seus laços aqui e caçar Valentim por conta própria, só para fracassar na última hora.

— Ah — disse Jace —, sou perfeitamente capaz. — Desviou os olhos de Luke, passou-os pelos degraus em direção à praça que até ontem de manhã estivera cheia de corpos: — Meu pai fez de mim o que sou. E o odeio por isso. Posso matá-lo. Ele se certificou disso.

Luke balançou a cabeça.

— Independentemente de como foi criado, Jace, você lutou contra isso. Ele não o corrompeu...

— Não — disse Jace —, ele não precisou. — Olhou para o céu, riscado de

azul e cinza, pássaros começando as canções matinais nas árvores da praça, e concluiu: — É melhor eu ir.

— Quer que eu diga alguma coisa aos Lightwood?

— Não, não diga nada a eles. Vão tratar de culpá-lo se descobrirem que você sabia o que eu ia fazer e não me impediu. Deixei bilhetes — acrescentou. — Vão entender.

— Então por quê...

— Contei isso tudo? Porque quero que saiba. Quero que tenha isso em mente enquanto elabora seus planos de batalha. Que estou lá, procurando por Valentim. Se encontrá-lo, mando uma mensagem. — Sorriu de maneira fugaz. — Pense em mim como seu plano B.

Luke se esticou e pegou a mão do rapaz.

— Se seu pai não fosse quem é — disse —, ele sentiria orgulho de você.

Jace pareceu surpreso por um instante, então, rapidamente, ruborizou e puxou a mão de volta.

— Se você soubesse... — começou, e mordeu o lábio. — Deixe para lá. Boa sorte, Lucian Graymark. *Ave atque vale*.

— Vamos torcer para que não seja adeus de verdade — disse Luke. O sol estava subindo depressa agora e, enquanto Jace levantava a cabeça, franzindo o cenho para a intensificação repentina da luz, havia algo em seu rosto que espantou Luke, alguma coisa naquela mistura de vulnerabilidade e orgulho teimoso. — Você me lembra alguém — disse, sem pensar. — Alguém que conheci há muitos anos.

— Eu sei — disse Jace, com uma contração amarga na boca. — Lembro Valentim.

— Não — disse Luke, com uma voz interrogativa; mas Jace virou de costas e a semelhança desbotou, espantando os fantasmas da memória. — Não, não estava pensando em Valentim.

No momento em que Clary acordou, soube que Jace tinha ido, mesmo antes de abrir os olhos. A mão, ainda esticada pela cama, estava vazia; nenhum dedo retribuía a pressão dos dela. Sentou-se lentamente, com o peito apertado.

Deve ter retraído as cortinas antes de sair, pois as janelas estavam abertas e barras brilhantes de luz solar riscavam a cama. Clary se perguntou por que não tinha sido acordada pela luz. Pela posição do sol, já era tarde. Estava com a cabeça pesada e cheia, os olhos borrados. Talvez fosse apenas porque não tivera pesadelos durante a noite, pela primeira vez em tanto tempo, e o corpo estava recuperando o sono.

Somente quando se levantou percebeu o papel dobrado na cabeceira. Pegou-o com um sorriso se formando nos lábios — quer dizer que Jace tinha deixado um bilhete — e quando algo pesado escorregou de sob o papel e rolou no chão aos seus pés, ficou tão surpresa que deu um salto para trás, pensando que fosse uma coisa viva.

A seus pés, havia um rolo de metal brilhante. Sabia o que era antes mesmo de se abaixar para pegá-lo. A corrente e o anel de prata que Jace usava em volta do pescoço. O anel da família. Raramente o vira sem ele. Uma súbita sensação de pânico se abateu sobre ela.

Abriu o bilhete e examinou as primeiras linhas: *Apesar de tudo, não posso suportar a ideia de ver este anel perdido para sempre, não mais do que posso suportar a de deixá-la para sempre. E, ainda que não tenha escolha quanto a uma das coisas, ao menos posso fazer algo em relação à outra*.

O restante da carta pareceu se misturar em um borrão de letras sem significado; ela teve que ler diversas vezes para entender alguma coisa. Quando finalmente o fez, ficou parada, olhando para baixo, observando o papel balançando enquanto a mão tremia. Entendia agora por que Jace havia contado tudo aquilo, e por que dissera que uma noite não importava. Uma pessoa pode dizer o que quiser a outra, se achar que nunca mais vai vê-la novamente.

Mais tarde, ela não teve nenhuma lembrança de ter decidido o que fazer em seguida, ou de ter procurado alguma coisa para vestir, mas de alguma forma estava correndo pelas escadas, vestida com a roupa de Caçadora de Sombras; a carta em uma das mãos e a corrente com o anel pendurada no pescoço.

A sala estava vazia, o fogo na lareira reduzido a cinzas, mas barulho e luz emanavam da cozinha: um som de conversa, e o cheiro de alguma coisa cozinhando. *Panquecas?*, pensou Clary, surpresa. Não imaginaria que Amatis soubesse fazê-las.

E tinha razão. Entrando na cozinha, Clary sentiu os olhos arregalarem — Isabelle, com seus cabelos negros brilhantes amarrados em um coque na nuca, estava ao fogão, com um avental na cintura e uma colher de metal na mão.

Simon estava à mesa, atrás dela, com os pés em uma cadeira, e Amatis, longe de mandá-lo tirar os pés do móvel, estava apoiada na bancada, parecendo muito entretida.

Isabelle acenou com a colher para Clary.

— Bom-dia — disse ela. — Quer tomar café? Apesar de estar mais para a hora do almoço.

Sem saber o que falar, Clary olhou para Amatis, que deu de ombros.

— Eles acabaram de aparecer e quiseram fazer café da manhã — disse ela —, e tenho que admitir, não sou boa cozinheira.

Clary pensou na péssima sopa de Isabelle no Instituto e se esforçou para não dar de ombros.

— Cadê o Luke?

— Em Brocelind, com a alcateia — disse Amatis. — Está tudo bem, Clary? Você parece um pouco...

— Agitada. — Concluiu Simon por ela. — *Está* tudo bem?

Por um instante, Clary não conseguiu pensar em uma resposta. *Eles acabaram de aparecer*, dissera Amatis. O que significava que Simon tinha passado a noite inteira com Isabelle. Ela o encarou. Ele não parecia nem um pouco diferente.

— Estou bem — disse ela. Não era hora de se preocupar com a vida amorosa de Simon. — Preciso falar com Isabelle.

— Então fale — disse ela, cutucando um objeto disforme na panela, que, Clary temeu, tratava-se de uma panqueca. — Estou ouvindo.

— *A sós* — disse Clary.

Isabelle franziu a testa.

— Não pode esperar? Estou quase acabando...

— Não — disse Clary, e tinha algo no tom que fez Simon, ao menos, se sentar direito. — Não pode esperar.

Simon deslizou da mesa.

— Tudo bem. Vamos dar um pouco de privacidade a vocês duas — disse ele. Voltou-se para Amatis: — Talvez você possa me mostrar aquelas fotos de quando Luke era bebê.

Amatis lançou um olhar preocupado a Clary, mas seguiu Simon para fora da cozinha.

— Acho que posso...

Isabelle balançou a cabeça enquanto a porta se fechava. Alguma coisa brilhou na nuca dela: uma adaga fina e delicada prendia o coque no lugar. Apesar do quadro de domesticidade, ela ainda era uma Caçadora de Sombras.

— Ouça — disse ela. — Se for sobre o Simon...

— Não é sobre ele. É sobre Jace — disse, jogando o bilhete para Isabelle. —

Leia isso.

Com um suspiro, Isabelle desligou o fogão, pegou o papel, e se sentou para ler. Clary pegou uma maçã de uma cesta na mesa e se sentou enquanto Isabelle, em frente a ela, examinava a carta em silêncio. Clary segurou o descascador — não conseguia se imaginar de fato comendo a maçã, ou, aliás, comendo qualquer coisa, nunca mais.

Isabelle levantou os olhos do papel, com as sobrancelhas arqueadas.

— Isso parece um pouco... pessoal. Tem certeza de que eu deveria estar lendo?

Provavelmente não. Clary mal conseguia se lembrar das palavras a essa altura agora; em qualquer outra situação, jamais teria mostrado para Isabelle, mas o pânico em relação a Jace suplantava qualquer outra preocupação.

— Apenas leia até o fim.

Isabelle voltou-se para o bilhete. Quando acabou, repousou o papel na mesa.

— Pensei que ele pudesse fazer alguma coisa assim.

— Entendeu o que eu estava querendo dizer — disse Clary, as palavras atropelando umas às outras —, mas ele não pode ter saído há tanto tempo assim, ou ido tão longe. Deveríamos ir atrás dele e... — interrompeu-se, o cérebro finalmente processando o que Isabelle havia dito, e alcançado a boca. — O que quer dizer com "pensou que ele pudesse fazer alguma coisa assim"?

— Exatamente o que disse. — Isabelle colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Desde que Sebastian desapareceu, todo mundo está falando sobre como encontrá-lo. Revirei o quarto dele na casa dos Penhallow procurando qualquer coisa que pudesse ajudar a encontrá-lo, mas não havia nada. Deveria ter imaginado que se ele encontrasse alguma coisa que o pusesse na trilha de Sebastian, correria atrás sem nem pensar — mordeu o lábio —, mas preferia que ele tivesse levado Alec com ele. Alec não vai ficar contente.

— Então você acha que Alec vai querer ir atrás dele? — perguntou Clary, com esperança renovada.

— Clary. — Isabelle parecia levemente irritada. — Como podemos ir atrás dele? Como podemos ter a mais leve ideia de para onde ele foi?

— Tem que haver alguma maneira...

— Podemos tentar rastreá-lo. Mas Jace é esperto. Vai ter descoberto alguma maneira de bloquear o rastro, exatamente como Sebastian.

Uma raiva fria se agitou no peito de Clary.

— Você nem mesmo *quer* encontrá-lo? Sequer se importa com o fato de que ele saiu em uma missão praticamente suicida? Ele não pode encarar Valentim sozinho.

— Provavelmente não — disse Isabelle. — Mas imagino que Jace tenha as

razões dele para...

— Para quê? Para querer morrer?

— *Clary*. — Os olhos de Isabelle acenderam com uma luz repentina de raiva. — Você acha que o resto de nós está *seguro*? Estamos todos esperando a morte ou pelo menos a escravidão. Você realmente consegue visualizar Jace simplesmente parado, esperando alguma coisa horrível acontecer? Realmente consegue ver...

— Tudo que visualizo é que Jace é seu irmão tanto quanto Max era — disse Clary —, e você se importou com o que aconteceu a *ele*.

Ela se arrependeu no instante em que falou; o rosto de Isabelle ficou branco, como se as palavras de Clary tivessem tirado a cor da pele da outra.

— Max — disse Isabelle com uma fúria controlada com dificuldade — era um *menininho*, não um lutador, ele tinha *nove anos*. Jace é um Caçador de Sombras, um guerreiro. Se combatermos Valentim, você acha que Alec não irá para a batalha? Você acha que nós todos não estamos, o tempo todo, preparados para morrer se precisarmos, se a causa for suficientemente importante? Valentim é pai de Jace; Jace provavelmente tem a melhor chance dentre todos nós de se aproximar dele para fazer o que precisa ser feito...

— Valentim vai matar Jace se achar necessário — disse Clary. — Não vai poupá-lo.

— Eu sei.

— Mas só o que importa é se ele vai partir com honra? Não vai sentir falta dele?

— Vou sentir falta dele todos os dias — disse Isabelle —, pelo resto da minha vida, que, sejamos honestas, se ele fracassar, provavelmente não passará de uma semana — balançou a cabeça. — Você não entende, Clary. Não entende como é viver sempre em guerra, ou crescer com batalha e sacrifício. Não é culpa sua. É como foi criada...

Clary levantou as mãos.

— Eu *entendo*. Sei que não gosta de mim, Isabelle. Porque para você eu sou uma mundana.

— Você acha que é por *isso*... — Isabelle se interrompeu, com os olhos brilhando; não só de raiva, Clary constatou surpresa, mas de lágrimas. — Meu Deus, você não entende *nada*, entende? Conhece Jace há o quê, um mês? Eu conheço há sete anos. E em todo o tempo em que o conheci, nunca o vi se apaixonar, nunca nem o vi *gostar* de ninguém. Ele ficava com meninas, claro. Meninas sempre se apaixonavam por ele, mas ele nunca se *importou*. Acho que é por isso que Alec pensava... — Isabelle parou por um instante, mantendo a compostura. *Ela está tentando não chorar*, pensou Clary espantada; Isabelle, que

parecia *nunca* chorar. — Sempre me preocupou, e a minha mãe também, quero dizer, que espécie de adolescente nunca sequer se interessa por ninguém? Era como se sempre estivesse meio dormindo no que se referia a outras pessoas. Pensava que talvez o que aconteceu em relação ao pai tivesse causado alguma espécie de dano permanente a ele, como se talvez nunca pudesse amar ninguém. Se eu ao menos tivesse sabido o que *realmente* tinha acontecido com o pai dele... Mas, pensando bem, eu provavelmente teria pensado a mesma coisa, não é? Quero dizer, quem *não* teria sofrido um estrago com aquilo?

"E depois a conhecemos, e foi como se ele tivesse acordado. Você não podia ver, porque nunca o conheceu de outro jeito. Mas eu vi. Hodge viu. Alec viu! Por que acha que ele a odiou tanto? Foi assim desde o instante em que a conhecemos. Você achou incrível poder nos ver, e era, mas, para mim, o que era incrível era que Jace *podia vê-la também*. Ficou falando de você em todo o caminho para o Instituto; fez Hodge mandá-lo atrás de você; e quando a trouxe de volta, não queria que você fosse embora. Onde quer que você estivesse, ele ficava olhando... Estava até com ciúme de Simon. Não sei nem se ele mesmo percebeu, mas estava. Eu notei. Com ciúme de um mundano. E depois do que aconteceu com Simon na festa, se dispôs a acompanhá-la ao Dumort, a transgredir a Lei da Clave só para salvar um mundano do qual sequer gostava. Ele fez por você. Porque se alguma coisa acontecesse com Simon, *você* sofreria. Você foi a primeira pessoa de fora da família cuja felicidade ele levou em consideração. Porque ele a *amava*."

Clary fez um barulho no fundo da garganta.

— Mas isso foi antes...

— Antes de descobrir que você era irmã dele. Eu sei. E não a culpo por *isso*. Você não tinha como saber. E acho que não pôde evitar ter namorado Simon logo em seguida como se nem se importasse. Pensei que uma vez que Jace soubesse que eram irmãos, desistiria e superaria, mas não superou, e não podia superar. Não sei o que Valentim fez quando ele era pequeno. Não sei se é por isso que ele é desse jeito, ou se é simplesmente assim, mas ele não consegue superá-la, Clary. Não consegue. Comecei a detestar vê-la. Detestava que *Jace* a visse. É como um ferimento por veneno de demônio, tem que deixar quieto para melhorar. Cada vez que se tira os curativos, apenas reabre o machucado. Cada vez que ele a vê, é como se estivesse deixando as feridas expostas mais uma vez.

— Eu sei — sussurrou Clary. — Como você acha que é para mim?

— Não sei. Não tenho como dizer o que está sentindo. *Você* não é minha irmã. Não a odeio, Clary. Até gosto de você. Se fosse possível, não existe ninguém que eu iria preferir que ficasse com Jace além de você. Mas espero que possa entender quando digo que, se por algum milagre, sobrevivermos a isso tudo,

espero que minha família se mude para algum lugar bem longe, e que nunca mais a vejamos.

Lágrimas ardiam por trás dos olhos de Clary. Era estranho, ela e Isabelle sentadas aqui nesta mesa, chorando por Jace, por razões ao mesmo tempo muito diferentes e estranhamente iguais.

— Por que está me falando isso tudo?

— Porque você está me acusando de não querer proteger Jace. Mas eu quero protegê-lo. Por que acha que fiquei tão irritada quando você apareceu de repente na casa dos Penhallow? Age como se não fizesse parte de tudo isso, do nosso mundo; fica sempre de fora, mas *faz* parte disso. Você é central. Não pode simplesmente fingir que é coadjuvante para sempre, Clary, não quando é filha de Valentim. Não quando Jace está fazendo isso em parte por sua causa.

— Por *minha* causa?

— Por que você acha que ele está tão disposto a se arriscar? Por que você acha que não se importa em morrer? — As palavras de Isabelle penetraram os ouvidos de Clary como agulhas afiadas. *Sei por quê*, pensou ela. *É porque acha que é um demônio, acha que não é realmente humano, por isso. Mas não posso contar isso, não posso revelar a única coisa que faria com que entendesse*. — Sempre achou que houvesse alguma coisa errada com ele, e agora, por sua causa, acha que foi amaldiçoado para sempre. Ouvi quando ele disse isso a Alec. Por que *não* arriscar a própria vida, quando não se quer viver? Por que *não* arriscar a própria vida se nunca vai ser feliz, independentemente do que faça?

— Isabelle, chega. — A porta se abriu, quase silenciosamente, e Simon estava na entrada. Clary tinha quase se esquecido do quanto a audição dele estava melhor agora. — Não é culpa de Clary.

Isabelle enrubesceu.

— Fique fora disso, Simon. Você não sabe o que está acontecendo.

Simon entrou na cozinha, fechando a porta.

— Ouvi quase tudo que vocês estavam falando — falou, como se fosse natural. — Mesmo através da parede. Você disse que não sabe o que Clary está sentindo porque não a conhece há muito tempo. Bem, eu conheço. Se acha que Jace é o único sofrendo, está enganada.

Fez-se silêncio; a ferocidade na expressão de Isabelle desbotou ligeiramente. A distância, Clary pensou ter ouvido o barulho de alguém batendo à porta da frente: Luke, provavelmente, ou Maia, trazendo mais sangue para Simon.

— Não foi por minha causa que ele partiu — disse Clary, e seu coração começou a bater acelerado. *Será que posso contar a eles o segredo de Jace, agora que ele se foi? Será que posso dizer a eles o verdadeiro motivo pelo qual partiu, o verdadeiro motivo pelo qual Jace não se importa de morrer?* Palavras

começaram a jorrar dela, quase contra a vontade. — Quando eu e Jace fomos para a mansão Wayland, quando fomos procurar o *Livro Branco*...

Ela se interrompeu quando a porta da cozinha abriu. Amatis estava lá, com a expressão mais estranha no rosto. Por um instante, Clary achou que ela estivesse assustada, e seu coração parou. Mas não era susto no rosto de Amatis, não realmente. Estava com a mesma cara de quando Clary e Luke apareceram de repente na casa dela. Parecia que tinha visto um fantasma.

— Clary — disse ela lentamente. — Tem uma pessoa aqui para vê-la...

Antes que pudesse concluir, a tal pessoa passou por ela e entrou na cozinha. Amatis chegou para trás, e Clary conseguiu ver bem a intrusa — uma mulher esguia, vestida de preto. Num primeiro momento, tudo o que Clary viu foi a roupa de Caçadora de Sombras, e quase não a reconheceu, não até seus olhos alcançarem o rosto da mulher e ela sentir o estômago se revirando da maneira como tinha acontecido quando Jace conduziu a moto deles pelo telhado do Dumort, a uma altura de dez andares.

Era a mãe dela.

Parte 3

O Caminho para o Paraíso

Oh, sim, sei que o
caminho para o paraíso
era fácil.
Encontramos o pequeno
reino da nossa paixão
Que podem compartilhar
todos os que caminham
pela estrada dos amantes.
Cambaleávamos numa
felicidade selvagem e
secreta;
E deuses e demônios
clamavam em nossos
sentidos.

— Siegfried Sassoon, “O Amante Imperfeito”

16

Artigos de Fé

Desde a noite em que voltara para casa e descobrira que a mãe desaparecera, Clary imaginava vê-la novamente, bem e saudável, com tanta frequência, que as imaginações haviam adquirido uma qualidade de fotografia desbotada de tanto ser admirada. Aquelas imagens surgiram diante dela agora, mesmo enquanto permanecia de olhos arregalados, incrédula — imagens nas quais sua mãe, parecendo saudável e feliz, a abraçava e falava sobre o quanto havia sentido falta da filha, mas que tudo ficaria bem agora.

A mãe da imaginação tinha pouquíssima semelhança com a mulher diante dela agora. Lembrava-se de Jocelyn suave e artística, um pouco desleixada com o macacão respingado de tinta, os cabelos ruivos amarrados em um rabo de cavalo ou em um coque bagunçado preso por um lápis. Esta Jocelyn era brilhante e penetrante como uma faca, o cabelo puxado firmemente para trás sem um fio fora do lugar; o preto austero do uniforme fazendo com que seu rosto parecesse pálido e duro. E a expressão também não era como a que Clary imaginara: em vez de deleite, havia algo muito semelhante a pavor na maneira como olhava para a filha, seus olhos verdes arregalados.

— Clary — suspirou. — Suas *roupas*.

Clary olhou para si mesma. Estava com o uniforme preto de Caçadora de Sombras de Amatis, exatamente o que a mãe tinha passado a vida inteira se certificando de que a filha jamais precisasse vestir. Clary engoliu em seco e se levantou, segurando a borda da mesa com as mãos. Podia ver como as juntas estavam brancas, mas de algum jeito as mãos pareciam desligadas do corpo, como se pertencessem a outra pessoa.

Jocelyn foi em direção a ela, esticando os braços.

— Clary...

E Clary se viu recuando, de um jeito tão afobado que atingiu a bancada com a lombar. A dor a percorreu, mas a garota mal percebeu; estava olhando fixamente para a mãe. Assim como Simon, com a boca ligeiramente aberta; Amatis parecia abalada.

Isabelle se levantou, colocando-se entre Clary e a mãe. A mão dela escorregou sob o avental, e Clary teve a sensação de que, quando ela a puxasse de volta, estaria segurando o chicote de electrum.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Isabelle. — Quem é você?

A voz dela tremeu um pouco conforme começava a perceber a expressão no rosto de Jocelyn; ela a estava encarando, com a mão no coração.

— *Maryse.* — A voz de Jocelyn mal foi um sussurro.

Isabelle pareceu espantada.

— Como sabe o nome da minha mãe?

O rosto de Jocelyn enrubesceu em uma onda.

— Claro. Você é filha de Maryse. É que... você parece tanto com ela. — Abaixou a mão lentamente e disse: — Sou Jocelyn Fr...Fairchild. Sou mãe de Clary.

Isabelle tirou a mão de sob o avental e olhou para Clary, com o olhar confuso.

— Mas você estava no hospital... em Nova York...

— Estava — disse Jocelyn, com a voz mais firme. — Mas graças a minha filha, estou bem agora. E gostaria de um instante com ela.

— Não sei ao certo — disse Amatis — se ela quer um instante com você. — Esticou o braço para colocar a mão no ombro de Jocelyn. — Deve estar em choque...

Jocelyn cumprimentou Amatis e foi na direção de Clary, esticando os braços.

— Clary...

Finalmente, Clary encontrou a própria voz. Uma voz fria, gelada e tão furiosa que a surpreendeu.

— Como você chegou aqui, Jocelyn?

A mãe dela parou onde estava, um olhar de incerteza passando pelo rosto.

— Por um Portal que me deixou na entrada da cidade com Magnus Bane. Ontem ele veio até mim no hospital, trouxe o antídoto. Contou tudo que você fez por mim. Desde que acordei, tudo que quero é ver você... — a voz dela falhou. — Clary, aconteceu alguma coisa?

— Por que você nunca me contou que eu tinha um irmão? — disse Clary. Não era o que esperava dizer, sequer era o que planejara que saísse de sua boca. Mas foi o que veio.

Jocelyn abaixou as mãos.

— Pensei que ele estivesse morto. Achei que só fosse machucar se contasse.

— Tenho uma coisa para dizer, mãe — disse Clary. — Saber é melhor do que não saber. Sempre.

— Desculpe... — começou Jocelyn.

— *Desculpe?* — A voz de Clary levantou; foi como se algo dentro dela tivesse se rasgado, e estava tudo saindo, toda a amargura, a fúria contida. — Quer me contar por que nunca me falou que eu era uma Caçadora de Sombras? Ou que meu pai ainda estava vivo? Ah, e aquela parte em que você pagou Magnus para roubar minhas lembranças?

— Estava tentando protegê-la...

— Bem, você fez um *péssimo* trabalho! — falou, ainda mais alto. — O que você esperava que fosse acontecer comigo depois que desapareceu? Não tivesse sido por Jace e os outros, eu estaria morta. Nunca me ensinou a me proteger. Nunca me contou como as coisas eram realmente perigosas. O que estava pensando? Que se eu não pudesse ver as coisas ruins, isso significava que elas

não poderiam me ver? — Seus olhos queimavam. — Você sabia que Valentim não estava morto, disse a Luke que achava que ele continuava vivo.

— Por isso tive que escondê-la — disse Jocelyn. — Não podia arriscar deixar Valentim saber onde estava. Não podia deixar que tocasse em você...

— Porque ele transformou seu primeiro filho em um monstro — disse Clary —, e você não queria que fizesse o mesmo comigo.

Chocada e sem palavras, Jocelyn só conseguia encará-la.

— É — disse afinal. — Sim, mas não foi tudo, Clary...

— Roubou minhas lembranças — disse Clary. — Tirou-as de mim. Roubou quem eu era.

— Isso não é o que você é! — gritou Jocelyn. — Nunca quis que você fosse...

— Não importa o que você queria! — gritou Clary. — É quem eu sou! Você as tirou de mim, e *não pertenciam a você!*

Jocelyn estava pálida. Lágrimas surgiram nos olhos de Clary — não podia suportar ver a mãe assim, tão machucada, e era ela quem a estava machucando — e sabia que se abrisse a boca, mais coisas terríveis sairiam, mais palavras de ódio. Tapou a boca com a mão e correu para o corredor, passando pela mãe e pela mão estendida de Simon. Tudo que queria era se afastar. Empurrando a porta da frente cegamente, meio caiu na rua. Atrás dela, alguém gritou seu nome, mas ela não se virou. Já estava correndo.

Jace ficou ligeiramente surpreso por descobrir que Sebastian tinha deixado o cavalo dos Verlac no estábulo em vez de fugir galopando pela noite. Talvez tenha ficado com medo de que Wayfarer pudesse ser rastreado de alguma forma.

Jace sentiu certa satisfação ao selar o cavalo e sair da cidade montado. É claro que, se Sebastian realmente quisesse Wayfarer, não o teria deixado para trás — e, além disso, o cavalo não era realmente de Sebastian. Mas o fato era que Jace gostava de cavalos. Tinha 10 anos na última vez em que montara, mas as lembranças, constatou satisfeito, voltaram depressa.

Ele e Clary tinham levado seis horas para ir a pé da mansão Wayland até Alicante. Ele demorou cerca de duas horas para fazer o caminho inverso, quase a galope. Ao se aproximarem da crista com vista para a casa e os jardins, tanto ele quanto o cavalo estavam cobertos por um brilho de suor.

Os feitiços de desvio que escondiam a mansão tinham sido destruídos junto com os alicerces da casa. O que restou da construção outrora elegante foi uma pilha de pedras. Os jardins, chamuscados nas pontas agora, ainda traziam lembranças da época em que vivera lá quando criança. Os canteiros de rosas, agora sem botões e cheios de ervas daninhas; os bancos de pedra perto das piscinas vazias; o vale onde havia deitado com Clary na noite em que a mansão sucumbiu. Podia ver o brilho azul do lago próximo através das árvores.

Uma onda de amargura o invadiu. Enfiou a mão no bolso e sacou primeiro uma estela — tinha "pegado emprestada" do quarto de Alec antes de sair, como substituta para a que Clary perdera, pois Alec sempre podia arrumar outra — em seguida, o fio que tinha arrancado da manga do casaco de Clary. Segurou-o na palma da mão, o fiapo manchado de vermelho-marrom em uma ponta. Cerrou o punho, com força o suficiente para que os ossos sobressaíssem sob a pele, e com a estela traçou um símbolo atrás da mão. A leve picada era mais familiar do que dolorosa. Observou o símbolo afundar na pele como pedra na água, e fechou os olhos.

Em vez da parte interna das pálpebras, ele viu um vale. Estava em um cume olhando por cima e, como estivesse diante de um mapa que indicasse sua localização, sabia exatamente onde estava. Lembrou-se de como a Inquisidora soube precisamente onde estava o barco de Valentim no meio do East River e percebeu: *foi assim que ela fez*. Cada detalhe era claro — a grama, o emaranhado de folhas marrons a seus pés — mas não havia som. O cenário estava assustadoramente silencioso.

O vale era uma ferradura com uma extremidade mais estreita que a outra. Um fio prateado brilhante de água — um córrego ou um riacho — corria pelo centro e desaparecia entre pedras na extremidade estreita. Ao lado do riacho, havia uma casa cinza de pedras, com fumaça branca saindo da chaminé quadrada. Era uma

cena estranhamente pastoral, tranquila sob o azul do céu. Enquanto observava, uma figura esguia surgiu. Sebastian. Agora que não precisava mais se dar o trabalho de fingir, a arrogância era evidente na maneira como andava, na projeção dos ombros, no leve sorriso afetado no rosto. Sebastian se ajoelhou à beira do rio e enfiou as mãos lá, passando água no rosto e no cabelo.

Jace abriu os olhos. Embaixo dele, Wayfarer mastigava grama, satisfeito. Jace colocou a estela e o fio de volta no bolso e, com uma última olhada às ruínas da casa em que tinha crescido, puxou as rédeas e bateu com os calcanhares nas laterais do cavalo.

Clary deitou-se na grama perto da borda de Gard Hill e olhou melancólica para Alicante. A vista daquele lugar era espetacular, tinha que admitir. Podia olhar

sobre os telhados da cidade, com seus entalhes elegantes e cata-ventos marcados com símbolos, e além das torres do Salão dos Acordos, havia alguma coisa que brilhava ao longe como as bordas de uma moeda de prata — o Lago Lyn? As ruínas pretas do Gard se erguiam atrás dela, e as torres demoníacas reluziam como cristal. Clary quase achou que dava para ver as barreiras de bloqueio, brilhando como uma rede invisível nos contornos da cidade.

Olhou para as próprias mãos. Tinha arrancado vários punhados de grama nos últimos espasmos de raiva, e estava com os dedos grudentos com sujeira e sangue onde havia arrancado metade de uma unha. Depois que a fúria passou, uma sensação de vazio completo a substituiu. Não tinha percebido o quão irada estava com a mãe, não até que ela entrasse pela porta e Clary pusesse de lado o pânico pela vida dela e percebesse o que havia embaixo. Agora que havia se acalmado, ficou imaginando se uma parte de si quisera punir a mãe pelo que havia acontecido com Jace. Se não tivessem mentido para ele — se não tivessem mentido para os *dois* —, então talvez o choque da descoberta a respeito do que Valentim havia feito com ele quando era apenas um bebê não o teria levado a um gesto que Clary não podia deixar de considerar próximo ao suicídio.

— Posso me juntar a você?

Ela saltou, surpresa, e rolou para o lado ao olhar para cima. Simon estava lá de pé, com as mãos nos bolsos. Alguém — Isabelle, provavelmente — tinha dado a ele uma jaqueta escura, feita do mesmo material preto espesso que os Caçadores de Sombras utilizavam para seus uniformes. Um vampiro de uniforme, pensou Clary, imaginando se seria a primeira vez.

— Você conseguiu me surpreender — disse ela. — Acho que não sou uma grande Caçadora de Sombras.

Simon deu de ombros.

— Bem, em sua defesa, eu me movo com uma graça silenciosa... como uma pantera.

Apesar de tudo, Clary sorriu. Sentou-se, esfregando a sujeira das mãos.

— Vá em frente, junte-se a mim. O festival do lamento é aberto a todos.

Sentando ao lado dela, Simon olhou a cidade e assobiou.

— Bela vista.

— É mesmo. — Clary olhou de lado para ele. — Como você me encontrou?

— Bem, levei algumas horas. — Ele sorriu, os lábios levemente tortos. — Depois me lembrei de que quando a gente brigava, no ensino fundamental, você ia para o meu telhado e minha mãe tinha que subir para buscá-la.

— E daí?

— Conheço você — disse ele. — Quando se chateia, vai para o alto.

Entregou alguma coisa a ela. Era o casaco verde, cuidadosamente dobrado.

Ela pegou e vestiu — já estava mostrando sinais de uso. Tinha até um pequeno buraco no cotovelo, com tamanho suficiente para um dedo atravessar.

— Obrigada, Simon. — Entrelaçou as mãos em volta dos joelhos e olhou para a cidade. O sol estava baixo no céu, e as torres tinham começado a emitir uma luz cor-de-rosa avermelhada. — Minha mãe mandou você aqui para me buscar?

Simon balançou a cabeça.

— Luke, na verdade. E ele só me pediu para dizer que seria melhor você voltar antes de o sol se pôr. Têm umas coisas muito importantes acontecendo.

— Que tipo de coisas?

— Luke deu até o pôr do sol para a Clave decidir se concordaria em dar assentos no Conselho aos integrantes do Submundo, e eles virão todos pelo Portão Norte no crepúsculo. Se a Clave concordar, podem entrar em Alicante. Se não...

— Serão mandados embora — concluiu Clary. — E a Clave se rende a Valentim.

— É.

— Eles vão concordar — disse Clary. — *Têm* que concordar. — Ela abraçou os joelhos. — Jamais escolheriam Valentim. Ninguém faria isso.

— Bom saber que seu idealismo não foi prejudicado — disse Simon, e apesar da suavidade da voz, Clary ouviu outra se sobrepondo àquela. A de Jace, dizendo que não era um idealista, e ela estremeceu, apesar do casaco que vestia.

— Simon? — disse ela. — Tenho uma pergunta boba.

— Qual?

— Você dormiu com Isabelle?

Simon emitiu um ruído de engasgo. Clary virou lentamente para olhar para ele.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Acho que sim — respondeu, recuperando a pose com esforço evidente. — Está falando sério?

— Bem, você *passou* a noite toda fora.

Simon ficou em silêncio por um instante. Finalmente, ele falou:

— Não sei se é da sua conta, mas não.

— Bem — disse Clary, após uma pausa judiciosa —, acho que você não tiraria vantagem dela quando está tão abalada pelo luto e tudo mais.

Simon riu.

— Se algum dia conhecer o homem que poderia tirar vantagem de Isabelle, terá que me contar. Gostaria de apertar a mão dele. Ou sair correndo para longe dele, não tenho certeza.

— Então você não está com ela.

— Clary — disse Simon —, por que está me perguntando sobre Isabelle? Não quer falar sobre a sua mãe? Ou sobre Jace? Izzy contou que ele foi embora. Sei como deve estar se sentindo.

— Não — disse Clary. — Acho que não sabe.

— Você não é a única pessoa que já se sentiu abandonada. — Havia uma ponta de impaciência na voz de Simon. — Acho que pensei... quero dizer, nunca a vi tão furiosa. E com a sua mãe. Pensei que estivesse com saudade dela.

— Claro que senti saudade dela! — disse Clary, percebendo mesmo ao dizer como a cena na cozinha devia ter parecido. Principalmente para a mãe. Afastou o pensamento. — É que estive tão focada em resgatá-la, salvá-la de Valentim e depois encontrar um jeito de curá-la, que em nenhum momento parei para pensar em como estava com raiva por ela ter mentido por todos esses anos. Por ter escondido isso de mim, escondido a verdade. Nunca ter me dito quem eu realmente era.

— Mas não foi isso que disse quando ela entrou — comentou Simon, baixinho. — Você falou "por que você nunca me contou que eu tinha um irmão?".

— Eu sei — Clary arrancou uma folha de grama da terra, remexendo-a entre os dedos. — Acho que não consigo deixar de pensar que se eu soubesse a verdade, não teria conhecido Jace desse jeito. Não teria me apaixonado por ele.

Simon ficou em silêncio por um instante.

— Acho que nunca ouvi você falar isso antes.

— Que o amo? — Riu, mas soava lúgubre mesmo aos próprios ouvidos. — Parece inútil fingir que não, a essa altura. Talvez não tenha importância. Provavelmente nunca mais o verei, de qualquer forma.

— Ele vai voltar.

— Talvez.

— Ele vai voltar — repetiu Simon. — Por você.

— Não sei — Clary balançou a cabeça. Estava esfriando enquanto o sol mergulhava para tocar a beira do horizonte. Ela espremeu os olhos, inclinando-se para a frente, encarando. — Simon. Olhe.

Ele seguiu o olhar. Além das barreiras, no Portão Norte da cidade, centenas de figuras escuras se reuniam, algumas agrupadas, outras isoladas: os integrantes do Submundo que Luke tinha chamado para ajudar a cidade, esperando pacientemente pela permissão da Clave para entrar. Um tremor percorreu a espinha de Clary. Ela não estava apenas no cume da colina, olhando sobre uma queda íngreme para a cidade abaixo, mas no alto de uma crise, um evento que alteraria o funcionamento de todo o mundo dos Caçadores de Sombras.

— Estão aqui — disse Simon, meio para si mesmo. — Será que isso significa

que a Clave se decidiu?

— Espero que sim. — A grama que Clary estava enrolando nos dedos havia se tornado um emaranhado verde; ela a jogou de lado e arrancou outra. — Não sei o que faço se cederem a Valentim. Talvez possa criar um Portal que leve todos nós para algum lugar onde Valentim jamais nos encontre. Uma ilha deserta ou coisa do tipo.

— Muito bem, também tenho uma pergunta boba — disse Simon. — Você pode criar símbolos novos, certo? Por que não pode criar um que destrua todos os demônios do mundo? Ou que mate Valentim?

— Não é assim que funciona — disse Clary. — Só posso criar símbolos que eu possa visualizar. A imagem toda tem que vir à minha cabeça, como uma foto. Quando tento visualizar "matar Valentim" ou "controlar o mundo" ou coisa do tipo, não recebo nenhuma imagem. Só estática.

— Mas de onde você acha que as imagens dos símbolos vêm?

— Não sei — disse Clary. — Todos os símbolos que os Caçadores de Sombras conhecem vêm do Livro Gray. Por isso só podem ser aplicados em Nephilim; é para isso que servem. Mas existem outros símbolos, mais antigos. Magnus me contou. Como a Marca de Caim. Era uma Marca de proteção, mas não vinha do Livro Gray. Então quando penso nesses símbolos, como o do Destemor, não sei se são coisas que estou inventando ou de que estou me *lembrando*, símbolos mais antigos que os Caçadores de Sombras. Símbolos tão antigos quanto os próprios anjos. — Pensou no símbolo que Ithuriel lhe mostrara, aquele simples como um nó. Será que tinha vindo a ela pela própria mente ou pela do anjo? Ou era simplesmente alguma coisa que sempre existira, como o oceano ou o céu? Pensar nisso a fez estremecer.

— Está com frio? — perguntou Simon.

— Estou... você não?

— Não sinto mais frio. — Ele a envolveu com o braço, esfregando as costas dela em círculos lentos, então riu, pesaroso: — Acho que não está ajudando em nada, já que eu não tenho mais calor humano e tudo mais.

— Não — disse Clary. — Quero dizer, sim, ajuda. Não pare. — Ela se virou para ele. Simon estava olhando para o Portão Norte, em torno do qual as figuras escuras do Submundo ainda se amontoavam, quase imóveis. A luz vermelha das torres demoníacas refletia em seus olhos; ele parecia alguém em uma foto tirada com flash. Clary podia ver as fracas veias azuis sob a superfície onde a pele era mais fina: as têmporas, a base da clavícula. Sabia o suficiente sobre vampiros para reconhecer que isso significava que fazia tempo desde que se alimentara pela última vez. — Está com fome?

Agora ele olhou para ela.

— Está com medo de que eu morda você?

— Sabe que pode beber do meu sangue a hora que quiser.

Um tremor, não de frio, atravessou Simon, e ele a puxou com mais força contra a lateral do próprio corpo.

— Jamais faria isso — disse ele, acrescentando em seguida, com mais suavidade: —, além disso, tomei o sangue de Jace... Já me alimentei o bastante com sangue dos meus amigos.

Clary pensou na cicatriz prateada no lado da garganta de Jace. Lentamente, com a mente ainda ocupada pela imagem de Jace, falou:

— Você acha que é por isso que...?

— Por isso o quê?

— Por isso que o sol não o machuca. Quero dizer, antes daquilo machucava, não? Antes da noite no barco?

Ele assentiu relutantemente.

— Então o que mais mudou? Ou foi só porque você bebeu o sangue dele?

— Está falando por ele ser Nephilim? Não. Não, é outra coisa. Você e Jace... não são exatamente normais, são? Quero dizer, não são Caçadores de Sombras normais. Tem alguma coisa especial em vocês dois. Como a Rainha Seelie falou: foram experimentos — e sorriu diante do olhar espantado dela. — Não sou burro. Sei fazer conexões. Você com seus poderes com os símbolos e Jace, bem... ninguém pode ser tão irritante assim sem alguma espécie de assistência sobrenatural.

— Você realmente desgosta tanto assim dele?

— Não desgosto de Jace — protestou Simon. — Quero dizer, inicialmente o odiei, claro. Parecia tão arrogante e seguro de si, e você agia como se ele tivesse pendurado a lua...

— Não fiz nada disso.

— Deixe-me concluir, Clary. — A voz de Simon saía numa torrente sem fôlego, se é que alguém que não respirava podia ficar sem fôlego. Soava como se estivesse correndo na direção de alguma coisa. — Dava para perceber o quanto gostava dele, e achei que ele estivesse usando você, que não passava de uma mundana tola que ele podia impressionar com seus truques de Caçador de Sombras. Primeiro disse a mim mesmo que você jamais cairia nessa, e depois que, mesmo que caísse, ele se cansaria alguma hora, e você voltaria para mim. Não tenho orgulho disso, mas quando se está desesperado, acredita-se em qualquer coisa, eu acho. Depois, quando no fim das contas descobrimos que ele era seu irmão, pareceu um alívio de última hora, e fiquei satisfeito. Fiquei satisfeito até mesmo por vê-lo sofrendo, até aquela noite na Corte Seelie quando você o beijou. Pude ver...

— Ver o quê? — soltou Clary, incapaz de suportar a pausa.

— O jeito como ele a olhou. Naquele instante entendi. Nunca a usou. Ele a amava, e estava morrendo por isso.

— Por isso que foi para o Dumort? — sussurrou Clary. Era algo que sempre quisera saber, mas nunca conseguiu perguntar.

— Por causa de você e Jace? Não, na verdade, não. Desde aquela noite no hotel, queria voltar. Sonhava com isso. E acordava fora da cama, me vestindo, ou já na rua, e sabia que queria voltar para lá. À noite era sempre pior, e quanto mais perto do hotel, pior ficava. Sequer me ocorreu que pudesse ser alguma coisa sobrenatural, pensei que fosse estresse pós-traumático. Naquela noite estava tão exausto e furioso, estávamos tão perto do hotel, e estava tarde... Mal me lembro do que aconteceu. Só me lembro de ter me afastado do parque, e depois, nada.

— Mas se não tivesse sentido raiva de mim... Se não o tivéssemos perturbado...

— Não foi como se eu tivesse escolha — disse Simon. — E nem como se eu não soubesse. Não se pode sufocar a verdade para sempre, alguma hora ela vem à tona. Meu erro foi não ter contado a você sobre o que estava acontecendo comigo, não ter dito nada sobre os sonhos. Mas não me arrependo do nosso namoro. Fico feliz por termos tentado. E amo você por ter tentado, mesmo que nunca fosse dar certo.

— Queria muito que tivesse dado certo — disse Clary suavemente. — Nunca quis machucá-lo.

— Eu não mudaria nada — disse Simon. — Não desistiria de amá-la. Por nada. Sabe o que Raphael me disse? Que eu não sabia ser um bom vampiro, que vampiros aceitavam que estavam mortos. Mas enquanto me lembrar de como era amar você, sempre vou me sentir como se estivesse vivo.

— Simon...

— Veja — ele interrompeu Clary com um gesto, os olhos escuros se arregalando. — Lá embaixo.

O sol era uma lasca vermelha no horizonte; enquanto olhava, soltou seus últimos raios e desapareceu, sumindo atrás da borda escura do mundo. As torres demoníacas de Alicante arderam em uma vida subitamente incandescente. À luz delas, Clary podia ver a multidão escura se agitando inquieta em volta do Portão Norte.

— O que está acontecendo? — sussurrou. — O sol se pôs. Por que os portões não estão abrindo?

Simon estava parado.

— A Clave — disse ele. — Deve ter dito não a Luke.

— Mas não podem! — A voz de Clary se levantou, aguda. — Isso significaria...

— Vão se render a Valentim.

— *Não podem*! — gritou Clary novamente, mas enquanto olhava, avistou os grupos de figuras escuras que antes cercavam as barreiras se virarem e se afastarem da cidade, como formigas deixando para trás um formigueiro destruído.

O rosto de Simon parecia feito de cera à luz fraca.

— Suponho que realmente nos odeiem tanto assim. Preferem Valentim.

— Não é ódio — disse Clary. — É medo. Mesmo Valentim tinha medo. — Falou sem pensar, e percebeu que era verdade. — Medo e inveja.

Simon olhou com surpresa para ela.

— Inveja?

Mas Clary já tinha voltado ao sonho que Ithuriel mostrara, com a voz de Valentim ecoando no ouvido. *Queria perguntar a ele* por quê. *Por que Raziel nos criou, sua raça de Caçadores de Sombras, mas não nos deu os poderes que os integrantes do Submundo têm; a velocidade dos lobos, a imortalidade do Povo das Fadas, a magia dos feiticeiros, até a resistência dos vampiros. Nos deixou despidos diante dos anfitriões do inferno, exceto por estas linhas pintadas na nossa pele. Por que os poderes deles são maiores que os nossos? Por que não podemos compartilhar do que eles têm?*

Os lábios de Clary se abriram e ela ficou olhando para a cidade abaixo sem ver. Tinha a vaga noção de que Simon dizia seu nome, mas estava com a mente acelerada. O anjo poderia ter mostrado qualquer coisa, pensou, mas escolheu estas cenas, estas lembranças, por um motivo. Pensou em Valentim clamando, *Que tenhamos que ser* ligados *aos membros do Submundo, amarrados a essas criaturas!*

E o símbolo. Aquele com o qual tinha sonhado. O símbolo tão simples quanto um nó.

Por que não podemos compartilhar do que eles têm?

— Ligação — disse ela em voz alta. — É um símbolo de ligação. Une gostar e desgostar.

— O quê? — Simon olhou confuso para ela.

Ela se levantou desajeitada, tirando a sujeira da roupa.

— Tenho que ir para lá. Onde eles estão?

— Onde quem está? Clary...

— A *Clave*. Onde eles estão se reunindo? Onde está Luke?

Simon se levantou.

— No Salão dos Acordos. Clary...

Mas ela já estava correndo pelo caminho que levava à cidade. Xingando baixinho, Simon foi atrás.

Dizem que todos os caminhos levam ao Salão. As palavras de Sebastian voltaram à cabeça de Clary e ela correu pelas ruas estreitas de Alicante. Torceu para que fosse verdade, pois do contrário definitivamente se perderia. As ruas giravam em ângulos estranhos, não como as ruas retas, adoráveis e bem desenhadas de Manhattan. Em Manhattan sempre se sabia onde estava. Tudo era claramente numerado e disposto. Isso era um labirinto.

Ela correu por um pequeno pátio e por uma das ruas do canal, sabendo que, se seguisse a água, afinal sairia na Praça do Anjo. Para surpresa de Clary, o caminho a levou pela casa de Amatis, e então estava correndo, arfando, por uma

rua mais ampla, curva, familiar. Abria para a praça, o Salão dos Acordos erguendo-se amplo e branco diante dela, com a estátua do anjo brilhando no centro da praça. Ao lado da estátua estava Simon, com os braços cruzados, olhando sombriamente para ela.

— Podia ter esperado — disse ele.

Clary se inclinou para a frente, as mãos nos joelhos, recuperando o fôlego.

— Não pode... dizer isso... quando chegou aqui antes de mim.

— Velocidade de vampiro — disse Simon com satisfação. — Quando chegarmos em casa, tenho que participar de corridas.

— Isso seria... roubar. — Com uma última arfada, Clary se ajeitou e tirou o cabelo suado dos olhos,

— Vamos. Vamos entrar.

O Salão estava cheio de Caçadores de Sombras, mais Caçadores de Sombras do que Clary jamais havia visto, mesmo na noite do ataque de Valentim. As vozes se erguiam em um rugido como uma avalanche; a maioria deles havia se reunido em grupos que brigavam, falando alto — o palanque estava vazio, o mapa de Idris pendurado abandonado atrás.

Procurou em volta por Luke. Levou um instante para encontrá-lo, apoiado em um pilar com os olhos semicerrados. Ele parecia péssimo — semimorto, seus ombros curvados. Amatis estava atrás, afagando-o preocupada. Clary olhou em volta, mas Jocelyn não estava em lugar nenhum na multidão.

Por apenas um instante, ela hesitou. Depois pensou em Jace, indo atrás de Valentim sozinho, sabendo muito bem que poderia morrer. Ele sabia que fazia parte disso, de tudo; ela também fazia — sempre fizera, mesmo quando não sabia. A energia da adrenalina que ainda corria pelo seu corpo, aguçando sua percepção, deixando tudo claro. Quase claro demais. Apertou a mão de Simon.

— Me deseje sorte — disse ela, depois seus pés a levaram em direção aos degraus do palanque, quase por vontade própria, em seguida estava de pé, virando-se para encarar a multidão.

Não tinha certeza quanto ao que esperava. Engasgos de surpresa? Um mar de rostos silenciados em expectativa? Mal a perceberam — apenas Luke levantou os olhos, como se a sentisse ali, e congelou com um olhar de espanto no rosto. E havia alguém vindo na direção dela pela multidão — um homem alto com ossos tão proeminentes quanto a proa de um navio. O Cônsul Malaquias. Estava gesticulando para que descesse do palanque, balançando a cabeça e gritando alguma coisa que Clary não conseguia ouvir. Mais Caçadores de Sombras estavam se virando para ela, enquanto o Cônsul passava pela multidão.

Clary tinha o que queria agora, todos os olhos voltados para ela. Ouviu sussurros pelo recinto. “É ela. A filha de Valentim.”

— Têm razão — disse ela, projetando a voz o máximo que podia —, *sou* filha de Valentim. Nunca soube que ele era meu pai até algumas semanas atrás. Não sabia sequer que ele *existia* até poucas semanas. Sei que muitos de vocês não vão acreditar, e não tem problema. Podem acreditar no que quiserem. Desde que também acreditem que sei coisas sobre Valentim que vocês não sabem, coisas que podem ajudar nesta batalha contra ele, *se ao menos me deixarem falar*.

— Ridículo. — Malaquias estava na base dos degraus do palanque. — Isso é ridículo. Você não passa de uma garotinha...

— Ela é filha de Jocelyn Fairchild. — Era Patrick Penhallow. Tendo passado para a frente da multidão, ele levantou a mão. — Deixe a menina falar, Malaquias.

A multidão estava sussurrando.

— Você — disse Clary ao Cônsul. — Você e o Inquisidor jogaram meu amigo Simon na prisão...

Malaquias deu um sorriso de escárnio.

— Seu amigo vampiro?

— Ele me contou que você perguntou a ele o que havia acontecido naquela noite no navio de Valentim no East River. Achou que Valentim pudesse ter feito alguma coisa, alguma espécie de magia negra. Bem, não fez. Se quer saber o que destruiu aquele navio, a resposta é: eu. Eu o destruí.

A risada incrédula de Malaquias foi ecoada por diversos outros da multidão. Luke estava olhando para ela, balançando a cabeça, mas Clary prosseguiu:

— Fiz com um símbolo — disse ela. — Um símbolo tão forte que acabou com o navio. Posso criar novos símbolos. Não apenas os do Livro Gray. Símbolos que ninguém nunca viu, poderosos...

— Basta — rugiu Malaquias. — Isso é ridículo. Ninguém pode criar novos símbolos. É completamente impossível. — E se voltou para a multidão: — Assim como o pai dela, esta menina não passa de uma mentirosa.

— Ela não está mentindo. — A voz veio do fundo da multidão. Era clara, forte e determinada. As pessoas se viraram, e Clary viu quem tinha se pronunciado: Alec. Estava com Isabelle de um lado e Magnus do outro. Simon estava com eles, e Maryse Lightwood também. Formavam um pequeno nó, com aparência decidida, nas portas dianteiras. — Eu a vi criando um símbolo. Até o utilizou em mim. Funcionou.

— Você está mentindo — disse o Cônsul, mas a dúvida penetrou seus olhos. — Para proteger sua amiga.

— Sério, Malaquias? — disse Maryse, decidida. — Por que meu filho mentiria sobre uma coisa assim, quando a verdade pode ser descoberta tão facilmente? Dê uma estela à menina, e permita que crie um símbolo.

Um murmúrio de consentimento passou pelo Salão. Patrick Penhallow deu um passo à frente e entregou uma estela a Clary. Ela pegou o objeto com gratidão e finalmente voltou-se para a multidão.

Ficou com a boca seca. A adrenalina ainda estava alta, mas não o bastante para afogar seu medo do palco. O que deveria fazer? Que tipo de símbolo convenceria a multidão de que estava falando a verdade? O que poderia *mostrar* a verdade?

Ela olhou então, através das pessoas, e viu Simon com os Lightwood, encarando-a através do espaço que os separava. Da mesma maneira que o Jace havia olhado para ela na mansão. Era o elo que ligava estes dois garotos que tanto amava, pensou, o ponto em comum: ambos acreditavam nela, quando ela mesma não acreditava em si.

Olhando para Simon, e pensando em Jace, desceu a estela e desenhou um ponto agudo no interior do pulso, onde a veia batia. Não olhou para baixo enquanto o fazia, desenhou em voo cego, confiando em si e na estela para criar o símbolo de que precisava. Desenhou fraca e levemente — só precisaria dele por um instante — mas sem um segundo de hesitação. Então, quando terminou, levantou a cabeça e abriu os olhos.

A primeira coisa que viu foi Malaquias. O rosto dele estava branco, e ele se afastava dela com um olhar de horror. Disse alguma coisa — uma palavra em uma língua que não reconhecia — e atrás dele viu Luke, encarando-a, com a boca ligeiramente aberta.

— Jocelyn? — disse Luke.

Ela balançou a cabeça para ele, apenas levemente, e olhou para a multidão. Era um borrão de faces, desbotando e entrando em foco enquanto encarava. Alguns sorriam, outros olhavam em volta surpresos, outros se voltavam para as pessoas ao lado. Alguns tinham expressões de horror e admiração, as mãos tapando suas bocas. Ela viu Alec olhando rapidamente para Magnus, depois para ela, incrédulo, e Simon confuso; em seguida Amatis avançou, passando por Patrick Penhallow e correndo para a ponta do palanque.

— Stephen! — disse ela, olhando para Clary com uma espécie de espanto deslumbrado. — *Stephen*!

— Oh — disse Clary. — Oh, Amatis, não. — Em seguida sentiu a magia do símbolo escorregar dela, como se tivesse tirado um vestuário fino e invisível. O rosto ansioso de Amatis se desfez, e ela recuou do palanque, com a expressão entre cabisbaixa e admirada.

Clary olhou pela multidão. Estavam em silêncio, cada rosto voltado para ela.

— Sei o que todos acabaram de ver — disse. — E sei que sabem que esse tipo de magia ultrapassa qualquer feitiço ou ilusão. E fiz com um símbolo, um único

símbolo, um símbolo *que eu criei*. Existem razões pelas quais tenho esta habilidade, e sei que podem não gostar delas, ou sequer acreditar nelas, mas não importa. O que importa é que posso ajudá-los a vencer a batalha contra Valentim, se me deixarem.

— Não haverá batalha contra Valentim — disse Malaquias. Não olhou nos olhos dela enquanto falava. — A Clave decidiu. Concordaremos com os termos dele, e pretendemos nos render amanhã de manhã.

— Não podem fazer isso — disse ela, com uma pontada de desespero na voz. — Vocês acham que vai ficar tudo bem se simplesmente desistirem? Acham que Valentim vai permitir que continuem vivendo suas vidas? Acham que vai restringir as matanças a demônios e integrantes do Submundo? — Olhou em volta da sala. — A maioria de vocês não vê Valentim há quinze anos. Talvez tenham se esquecido de como ele realmente é. Mas eu sei. Eu o ouvi falando sobre os planos. Acham que podem continuar vivendo suas vidas sob o comando dele, mas não poderão. Ele os controlará completamente, porque sempre poderá ameaçar destruí-los com os Instrumentos Mortais. Começará com os membros do Submundo, é claro. Mas depois vai para a Clave. Vai matá-los primeiro porque os acha fracos e corruptos. Depois partirá para qualquer um que tenha alguém do Submundo em qualquer lugar na família. Talvez um irmão lobisomem — desviou o olhar para Amatis —, ou uma filha adolescente rebelde que às vezes sai com um cavaleiro do Povo das Fadas — olhou para os Lightwood —, ou qualquer um que sequer tenha sido amigo de alguém do Submundo. Depois vai atrás de quem quer que já tenha contratado os serviços de um feiticeiro. Quantos de vocês se encaixam nisso?

— Isso é um absurdo — disse Malaquias, decidido. — Valentim não está interessado em destruir os Nephilim.

— Mas ele não acha que ninguém que se associe aos do Submundo seja digno de ser chamado de Nephilim — insistiu Clary. — Ouçam, sua guerra não é contra Valentim. É contra os demônios. Manter os demônios longe deste mundo é o seu encargo, um encargo do céu. E um encargo do céu não é algo que simplesmente possam *ignorar*. Os membros do Submundo também detestam demônios. Também os destroem. Se Valentim conseguir o que quer, vai passar tanto tempo tentando matar cada integrante do Submundo e cada Caçador de Sombras que já tiver se associado a um deles que vai se esquecer dos demônios, e vocês também, pois estarão ocupados demais sentindo medo de Valentim. E eles vão controlar o mundo, isso é um fato.

— Já vi para onde isso vai — disse Malaquias, entre dentes. — Não vamos lutar ao lado de integrantes do Submundo a serviço de uma batalha que não temos a menor chance de vencer...

— Mas podem vencer — disse Clary. — Podem. — Estava com a garganta seca, a cabeça doendo, e os rostos na multidão diante dela pareciam se misturar em um borrão sem face, pontuado aqui e ali por leves explosões de luz. *Mas não pode parar agora. Você precisa continuar*. — Meu pai detesta os integrantes do Submundo porque tem inveja deles — prosseguiu, com as palavras tropeçando, umas sobre as outras. — Tem inveja e medo de todas as coisas que eles podem fazer e ele não. Detesta que algumas raças sejam mais poderosas que os Nephilim, e aposto que não é o único a se sentir assim. É fácil ter medo daquilo que não se compartilha — respirou fundo — mas e se *pudessem* compartilhar? E se eu pudesse criar um símbolo que ligasse todos vocês, cada Caçador de Sombras que estivesse lutando ao lado de um integrante do Submundo, e pudessem compartilhar seus poderes, pudessem se curar tão depressa quanto um vampiro, ser tão resistentes quanto um lobisomem ou tão velozes quanto um cavaleiro do Povo das Fadas? E eles, por sua vez, pudessem compartilhar do seu treinamento, das suas habilidades de batalha. Poderiam ser uma força indestrutível; se me deixarem Marcá-los, e se lutarem com os integrantes do Submundo. Porque se não lutarem ao lado deles, os símbolos não vão funcionar. Fez uma pausa. — Por favor — disse, mas a palavra saiu quase inaudível da garganta seca. — Por favor, deixem-me Marcá-los.

As palavras se perderam em um silêncio ressonante. O mundo se moveu em um borrão móvel, e ela percebeu que tinha dado a metade final do discurso olhando para o teto do Salão, e que as explosões brancas suaves que tinha visto tinham sido estrelas caindo do céu noturno, uma por uma. O silêncio prosseguiu enquanto as mãos de Clary, nas laterais, se fechavam. Depois, lentamente, muito lentamente, abaixou a cabeça e encontrou os olhos da multidão que a encarava de volta.

17

O Conto da Caçadora de Sombras

Clary estava sentada no degrau superior do Salão dos Acordos, olhando para a Praça do Anjo. A lua tinha surgido mais cedo e por pouco dava para vislumbrá-la sobre os telhados das casas. As torres demoníacas refletiam sua luz, branco-prateada. A escuridão escondia bem as cicatrizes e feridas da cidade; parecia em paz sob o céu noturno — caso não se olhasse para Gard Hill e o contorno arruinado da fortaleza. Guardas patrulhavam a praça abaixo, aparecendo e desaparecendo conforme entravam e saíam dos pontos iluminados pela luz enfeitiçada. Ignoraram deliberadamente a presença de Clary.

Alguns degraus abaixo, Simon andava para a frente e para trás, com passos incrivelmente silenciosos. Estava com as mãos nos bolsos, e quando se virou na base da escada para voltar a subir, o luar emanou de sua pele pálida como se ele fosse uma superfície reflexiva.

— Pare de andar de um lado para o outro — disse ela. — Você só está me deixando mais nervosa.

— Desculpe.

— Sinto como se estivéssemos aqui há séculos. — Clary tentou aguçar os ouvidos, mas não conseguia ouvir nada além do burburinho de muitas vozes vindo das portas fechadas do Salão. — Você consegue ouvir o que eles estão falando lá dentro?

Simon cerrou os olhos; parecia estar se concentrando muito.

— Um pouco — falou, após uma pausa.

— Queria estar lá dentro — disse Clary, batendo os pés nos degraus, irritada. Luke tinha pedido a ela que esperasse do lado de fora enquanto a Clave deliberava; queria mandar Amatis com ela, mas Simon insistiu em vir no lugar, dizendo que seria melhor que Amatis ficasse do lado de dentro, apoiando Clary. — Queria fazer parte da reunião.

— Não — disse Simon. — Não queria.

Ela sabia por que Luke tinha pedido para esperar do lado de fora. Podia imaginar o que estavam falando sobre ela lá. *Mentirosa. Aberração. Tola. Louca. Burra. Monstro. Filha de Valentim*. Talvez estivesse melhor do lado de fora, mas a tensão de ter que esperar pela decisão da Clave era quase dolorosa.

— Talvez eu possa subir em um destes — disse Simon, olhando para os pilares brancos que sustentavam o teto do Salão. Havia símbolos talhados em padrões sobrepostos, mas fora isso não havia apoios pelos quais pudesse subir. — Para extravasar.

— Ora, vamos — disse Clary. — Você é um vampiro, não o Homem-Aranha.

A resposta de Simon foi dar uma corridinha pelas escadas até a base do pilar. Olhou pensativo por um instante antes de esticar as mãos e começar a subir. Clary o observou, boquiaberta, enquanto as pontas dos dedos e os pés

encontravam apoios impossíveis na pedra.

— Você *é* o Homem-Aranha! — exclamou.

Simon olhou de cima do pilar.

— Isso faz de você a Mary Jane. Ela tem cabelo ruivo — disse ele, e olhou para o céu, franzindo o rosto. — Estava torcendo para conseguir ver o Portão Norte daqui, mas não subi o suficiente.

Clary sabia por que ele queria ver o portão. Mensageiros haviam sido enviados para solicitar aos integrantes do Submundo que esperassem enquanto a Clave deliberava, e Clary só podia torcer para que aceitassem. E se aceitassem, como estariam as coisas lá? Clary imaginou a multidão esperando, inquieta, pensando...

As portas duplas do Salão se abriram levemente. Uma figura esguia passou pelo espaço, fechou a porta e se virou para encarar Clary. Ela estava coberta pela sombra, e só quando foi mais para a frente, aproximando-se da luz enfeitiçada que iluminava os degraus que Clary viu o fulgor dos cabelos ruivos e reconheceu a mãe.

Jocelyn levantou o olhar, com a expressão entretida.

— Ora, olá, Simon. Fico feliz em ver que está... se ajustando.

Simon soltou o pilar e caiu, aterrissando levemente na base. Ele parecia levemente atrapalhado.

— Oi, sra. Fray.

— Acho que não tem mais por que me chamar assim agora — disse a mãe de Clary. — Talvez devesse me chamar de Jocelyn — hesitou. — Sabe, por mais estranha que esta... situação seja, é bom vê-lo aqui com Clary. Não consigo me lembrar da última vez em que vi os dois separados.

Simon parecia seriamente constrangido.

— É muito bom vê-la também.

— Obrigada, Simon. — Jocelyn olhou para a filha. — Agora, Clary, será que poderíamos conversar um instante? A sós?

Clary permaneceu sentada imóvel por um longo tempo, olhando para a mãe. Era difícil não sentir como se estivesse olhando para uma estranha. A garganta parecia apertada, quase demais para falar. Olhou para Simon, que claramente esperava um sinal dela que indicasse se deveria ficar ou sair. Suspirou.

— Tudo bem.

Simon levantou os polegares, encorajando Clary antes de sumir novamente para dentro do Salão. Clary virou-se e olhou fixamente para a praça, observando os guardas fazendo as rondas, enquanto Jocelyn vinha sentar-se junto dela. Parte de Clary queria se inclinar para o lado e deitar a cabeça no ombro da mãe. Poderia até fechar os olhos e fingir que estava tudo bem. A outra parte sabia que

não faria diferença; não poderia manter os olhos fechados para sempre.

— Clary — disse Jocelyn afinal, suavemente. — Sinto muito.

Clary olhou para as mãos. Continuava, percebeu, segurando a estela de Patrick Penhallow. Esperava que ele não achasse que ela tinha a intenção de roubar.

— Nunca achei que fosse voltar a ver esse lugar — prosseguiu Jocelyn. Clary olhou de lado para a mãe e viu que ela estava encarando a cidade, na direção das torres demoníacas que projetavam suas luzes pálidas sobre o horizonte. — Sonhei com isso algumas vezes. Queria até pintar, pintar minhas lembranças daqui, mas não podia. Achei que se você visse as pinturas algum dia, poderia fazer perguntas, querer saber como as imagens tinham surgido na minha cabeça. Tinha tanto medo que você descobrisse de onde eu realmente vinha. Quem eu realmente era.

— E agora já sei.

— E agora já sabe. — Jocelyn soava saudosa. — E tem todos os motivos para me odiar.

— Não odeio você, mãe — disse Clary. — Só...

— Não confia em mim — disse Jocelyn. — Não posso culpá-la. Devia ter contado a verdade. — Ela tocou gentilmente o braço de Clary, e pareceu encorajada quando a filha não se afastou. — Posso dizer que o fiz para protegê-la, mas sei como deve soar. Eu estava lá, agora mesmo, no Salão, vendo você...

— Estava lá? — Clary espantou-se. — Não a vi.

— Estava bem no fundo do Salão. Luke tinha me dito para não vir à reunião, que minha presença só chatearia a todos e atrapalharia tudo, e provavelmente estava certo, mas queria muito estar lá. Entrei discretamente depois que começou e me escondi nas sombras. Mas estava lá. E só queria dizer...

— Que fiz papel de boba? — disse Clary, amarga. — Disso eu já sei.

— Não. Queria dizer que senti muito orgulho de você.

Clary se virou para olhar a mãe.

— Sentiu?

Jocelyn assentiu.

— Claro que senti. A maneira como se colocou diante da Clave daquele jeito. A maneira como mostrou a eles o que podia fazer. Fez com que olhassem para você e vissem a pessoa que mais amavam no mundo, não fez?

— Fiz — disse Clary. — Como sabe?

— Porque ouvi todos chamando nomes diferentes — disse Jocelyn suavemente. — Mas continuei vendo você.

— Ah. — Clary olhou para os pés. — Bem, continuo sem ter certeza se acreditam em mim no que se refere aos símbolos. Quero dizer, espero que acreditem, mas...

— Posso ver? — perguntou Jocelyn.

— Ver o quê?

— O símbolo. O que você criou para unir Caçadores de Sombras e integrantes do Submundo — hesitou. — Se não puder me mostrar...

— Não, tudo bem. — Com a estela, Clary traçou as linhas do símbolo que o anjo tinha mostrado no mármore do degrau do Salão dos Acordos, e elas arderam em quentes traços dourados enquanto desenhava. Era um símbolo forte, um mapa de linhas curvas sobrepondo-se a uma matriz de retas. Simples e complexo ao mesmo tempo. Clary agora sabia por que pareceu meio incompleto quando o visualizou anteriormente: precisava de um símbolo combinando para funcionar. Seu duplo. Um parceiro. — Aliança — disse ela, puxando a estela de volta. — É assim que vou chamar.

Jocelyn observou silenciosamente enquanto o símbolo queimava e desbotava, deixando resquícios de linha preta na pedra.

— Quando eu era jovem — disse afinal —, lutei tanto para unir integrantes do Submundo e Caçadores de Sombras, para proteger os Acordos. Achei que estivesse perseguindo uma espécie de sonho, algo que a maioria dos Caçadores de Sombras nem podia imaginar. E agora você tornou isso concreto, literal e *real*. — Piscou os olhos com força. — Percebi uma coisa, olhando para você no Salão. Sabe, durante todos esses anos tentei protegê-la, escondendo-a de tudo. Por isso detestei quando foi ao Pandemônio. Sabia que era um lugar onde membros do Submundo e mundanos se misturavam, e isso significava que haveria Caçadores de Sombras lá. Acho que foi alguma coisa no seu sangue que a atraiu para aquele lugar, alguma coisa que reconhecia o mundo das sombras mesmo sem a Visão. Pensei que fosse ficar segura se eu ao menos pudesse manter aquele mundo escondido. Nunca pensei em tentar protegê-la ajudando-a a ser forte e a lutar — parecia triste —, mas de algum jeito, ficou forte assim mesmo. Forte o bastante para que eu conte a verdade, se ainda quiser ouvir.

— Não sei. — Clary pensou nas imagens que o anjo havia mostrado, em como eram terríveis. — Sei que fiquei com raiva por você ter mentido. Mas não sei se quero ficar sabendo de mais coisas horríveis.

— Conversei com Luke. Ele acha que você deve saber do que tenho para contar. A história toda. Tudo. Coisas que nunca contei a ninguém, nem a ele. Não posso prometer que toda a verdade é agradável. Mas é a verdade.

A Lei é dura, mas é a Lei. Devia a Jace essa tentativa de descobrir a verdade, tanto quanto devia a si mesma. Clary apertou com mais força ainda a estela, suas juntas embranquecendo.

— Quero saber tudo.

— Tudo... — Jocelyn respirou fundo. — Não sei nem por onde começar.

— Que tal começar por como pôde se casar com Valentim? Como pôde se casar com um homem daqueles, fazer dele o meu pai... Ele é um *monstro*.

— Não. Ele é um homem. Não é um bom homem. Mas se quer saber por que me casei, foi porque o amava.

— Não pode tê-lo amado — disse Clary. — Ninguém pode.

— Tinha a sua idade quando me apaixonei por ele — disse Jocelyn. — Achava que ele era perfeito, brilhante, inteligente, maravilhoso, engraçado, charmoso. Eu sei, está me olhando como se eu tivesse perdido a cabeça. Só conhece Valentim como ele é agora. Não pode imaginar como ele foi. Quando estudávamos juntos, *todo mundo* o amava. Ele parecia reluzir, de algum jeito, como se houvesse alguma parte especial e brilhantemente iluminada do universo a qual somente ele tinha acesso, e se tivéssemos sorte, ele poderia dividir conosco, mesmo que fosse só um pouquinho. Todas as garotas o amavam, e eu achava que não tinha chance. Não havia nada de especial em mim. Eu nem era muito popular; Luke era um dos meus melhores amigos, e eu passava quase o tempo todo com ele. Mas mesmo assim, de algum jeito, Valentim me escolheu.

Que nojo, Clary queria dizer, mas se conteve. Talvez fosse a melancolia na voz da mãe, misturada com o arrependimento. Talvez fosse o que ela dissera sobre Valentim reluzir... Clary já tinha pensado a mesma coisa a respeito de Jace, e depois se sentiu tola por pensar. Talvez todos os apaixonados se sentissem daquela maneira.

— Tudo bem — disse ela. — Entendi. Mas você tinha 16 anos. Isso não significa que precisava ter se casado com ele depois.

— Tinha 18 anos quando casamos. Ele tinha 19 — disse Jocelyn com um tom de naturalidade.

— Meu Deus — disse Clary horrorizada. — Você me *mataria* se eu quisesse me casar aos 18 anos.

— Mataria — concordou Jocelyn. — Mas Caçadores de Sombras tendem a casar mais cedo do que mundanos. A vida deles... a *nossa* vida é mais curta; muitos dos nossos sofrem mortes violentas. Tendemos a fazer tudo mais cedo por causa disso. Mesmo assim, eu era jovem para casar. Apesar disso, minha família ficou feliz por mim; até Luke ficou feliz por mim. Todos achavam que Valentim era um garoto maravilhoso. E ele era, sabe, só um menino. A única pessoa a me dizer que eu não deveria me casar com ele foi Madeleine. Éramos amigas na escola, mas quando contei que estava noiva, ela disse que Valentim era egoísta e cheio de ódio, que o charme dele mascarava uma amoralidade terrível. Falei para mim mesma que ela estava com inveja.

— E estava?

— Não — disse Jocelyn —, estava falando a verdade. Eu só não quis ouvir. —

Olhou para as próprias mãos.

— Mas se arrependeu — disse Clary. — Depois que se casou com ele, se arrependeu, não foi?

— Clary — disse Jocelyn. Soava cansada. — Nós éramos *felizes*. Pelo menos nos primeiros anos. Fomos morar na mansão dos meus pais, onde cresci; Valentim não queria ficar na cidade, e queria que o resto do Ciclo também evitasse Alicante ou os olhares curiosos da Clave. Os Wayland moravam em uma mansão a dois ou três quilômetros da nossa, e havia outros por perto... os Lightwood, os Penhallow. Era como estar no centro do mundo, com toda a atividade à volta, todo esse entusiasmo, e o tempo todo estive ao lado de Valentim. Nunca me fez sentir dispensada ou inútil. Não, eu era um elemento-chave no Ciclo. Minha opinião era uma das poucas em que ele confiava. Falou milhares de vezes que sem mim, não conseguiria nada. Sem mim, não seria nada.

— *Falou*? — Clary não conseguia imaginar Valentim dizendo nada assim, nada que o fizesse soar... vulnerável.

— Falou, mas não era verdade. Valentim nunca poderia ser um nada. Nasceu para ser um líder, para ser o centro de uma revolução. Mais e mais convertidos vinham a ele. Eram atraídos pela paixão e pelo brilhantismo das ideias. Raramente falava em integrantes do Submundo naqueles primeiros dias. Era tudo sobre a reformulação da Clave, sobre a mudança de leis ultrapassadas, severas e equivocadas. Valentim disse que deveria haver mais Caçadores de Sombras, mais combatentes de demônios, mais Institutos, que deveríamos nos preocupar menos em nos esconder e mais em proteger o mundo contra os demônios. Que deveríamos andar orgulhosos pelo mundo. Era sedutora a visão dele: um mundo cheio de Caçadores de Sombras, onde demônios corriam de medo e os mundanos, em vez de acreditar que não existíamos, nos agradeciam pelo que fazíamos por eles. Éramos jovens, achávamos que reconhecimento importava. Mal sabíamos... — Jocelyn respirou fundo, como se estivesse prestes a mergulhar. — Então engravidei.

Clary sentiu um frio pinicando a nuca e de repente — não sabia dizer por quê — não tinha mais certeza de que queria a verdade da mãe, não tinha mais certeza de que queria ouvir, novamente, sobre como Valentim havia transformado Jace em um monstro.

— Mãe...

Jocelyn balançou a cabeça sem prestar atenção ao redor.

— Você me perguntou por que nunca contei que você tinha um irmão. *É por isso.* — Respirou de um jeito irregular. — Fiquei tão feliz quando descobri. E Valentim... sempre quis ser pai, dizia. Treinar o filho para ser um guerreiro,

como o pai dele o havia treinado. “Ou sua filha”, eu dizia, e ele sorria e respondia que uma filha poderia ser uma guerreira tanto quanto um menino, e ele ficaria feliz com qualquer um. Achava que tudo estava perfeito.

“Depois Luke foi mordido por um lobisomem. Dizem que existe cinquenta por cento de chance de uma mordida transmitir licantropia, mas é mais na casa dos setenta e cinco. Raramente vi alguém escapar da doença, e Luke não foi exceção. Na lua cheia seguinte, ele se transformou. Estava lá na nossa entrada de manhã, coberto de sangue, com as roupas em trapos. Queria confortá-lo, mas Valentim me puxou de lado. ‘Jocelyn’, disse ele, ‘o bebê’. Como se Luke estivesse prestes a arrancar o neném da minha barriga. Era *Luke*, mas Valentim me empurrou de lado e arrastou Luke pelos degraus e para o bosque. Quando voltou, muito mais tarde, estava sozinho. Corri para ele, mas ele disse que Luke tinha se matado pelo desespero de ter se tornado licantrope. Que estava... morto.”

A dor na voz de Jocelyn era evidente e áspera, pensou Clary, mesmo agora, quando sabia que Luke não tinha morrido. Mas Clary se lembrou do próprio desespero ao segurar Simon enquanto ele morria nos degraus do Instituto. Havia algumas sensações que jamais se esquecia.

— Mas ele deu uma faca para Luke — disse Clary com a voz baixa. — Disse a ele que se matasse. Fez o marido de Amatis se divorciar dela, só porque o irmão havia se transformado em um lobisomem.

— Eu não sabia — disse Jocelyn. — Depois que Luke morreu, foi como se eu tivesse caído em um buraco negro. Passei meses no quarto, dormindo o tempo todo, comendo só por causa do bebê. Mundanos chamariam o que eu tive de depressão, mas Caçadores de Sombras não têm esses tipo de termo. Valentim acreditava que eu estava tendo uma gravidez complicada. Disse a todos que eu estava doente. Eu *estava* doente: não conseguia dormir. Não parava de achar que estava ouvindo ruídos estranhos, gritos na noite. Valentim me dava remédios para o sono, mas só faziam com que eu tivesse pesadelos. Sonhos horríveis de que Valentim estava me prendendo, enfiando uma faca em mim, ou que eu estava engasgando com veneno. De manhã, estava exausta, e passava o dia dormindo. Não fazia ideia do que estava se passando do lado de fora, não imaginava que tinha forçado Stephen a se divorciar de Amatis e a se casar com Céline. Estava em um torpor. Então... — Jocelyn entrelaçou as mãos em seu colo, estavam tremendo. — Então tive o bebê.

Fez-se silêncio por tanto tempo que Clary ficou se perguntando se ela iria continuar. Jocelyn tinha o olhar pedido nas torres demoníacas, os dedos batendo nervosamente numa tatuagem sobre os joelhos. Finalmente falou:

— Minha mãe estava comigo quando o bebê nasceu. Você não a conheceu.

Sua avó. Era uma mulher tão generosa. Teria gostado dela, eu acho. Ela me entregou meu filho, e inicialmente minha única certeza era que ele se encaixava perfeitamente nos meus braços, que o cobertor envolvendo-o era macio, e que ele era tão pequeno e delicado, com apenas um tufo de cabelos louros na cabeça. Então ele abriu os olhos.

A voz de Jocelyn era monótona, quase sem nuances, e mesmo assim, Clary sentiu um tremor, receando o que a mãe poderia dizer em seguida. *Não*, queria dizer. *Não me conte*. Mas Jocelyn prosseguiu, as palavras escapando de sua boca como veneno frio.

— Fui banhada por horror. Foi como ser jogada no ácido. Minha pele pareceu queimar até os ossos, e tive que me esforçar muito para não derrubar o bebê e começar a gritar. Dizem que cada mãe reconhece o próprio filho instintivamente. Suponho que o oposto também seja verdade. Cada nervo no meu corpo gritava que aquele bebê não era meu, que era alguma coisa horrível e artificial, tão desumana quanto um parasita. Como minha mãe podia não ver? Ela sorria para mim, como se nada estivesse errado.

"'O nome dele é Jonathan', disse uma voz na entrada. Levantei o olhar e vi Valentim encarando aquilo tudo com um olhar de prazer. O bebê abriu os olhos novamente, como se reconhecesse o som do próprio nome. Tinha olhos negros, negros como a noite, insondáveis como túneis cavados no crânio. Não havia nada de humano ali."

Fez-se um longo silêncio. Clary ficou sentada imóvel, olhando para a mãe com um horror boquiaberto. *É de Jace que está falando*, pensou. *De Jace quando bebê. Como é possível se sentir assim em relação a um* bebê?

— Mãe — sussurrou. — Talvez... talvez estivesse chocada, ou coisa do tipo. Ou talvez estivesse doente...

— Foi o que Valentim me disse — contou Jocelyn, sem qualquer emoção. — Que eu estava doente. Valentim adorava Jonathan. Não conseguia entender o que havia de errado comigo. E eu sabia que ele tinha razão. Eu era um monstro, uma mãe que não suportava o próprio filho. Pensei em me matar. E talvez o tivesse feito... então recebi um recado, entregue por carta de fogo, de Ragnor Fell. Era um feiticeiro que sempre foi próximo da minha família; era quem chamávamos se precisássemos de um feitiço de cura ou coisa parecida. Tinha descoberto que Luke havia se tornado líder do bando de lobisomens na Floresta Brocelind, na fronteira leste. Queimei o recado assim que o recebi. Sabia que Valentim jamais poderia saber. Mas só quando fui ao acampamento dos lobisomens tive a certeza de que Valentim havia mentido para mim, mentido sobre o suicídio de Luke. Foi ali que comecei a odiá-lo de verdade.

— Mas Luke disse que você sabia que havia algo errado com Valentim, que

sabia que ele estava fazendo alguma coisa terrível. Disse que sabia mesmo antes da transformação dele.

Por um instante, Jocelyn não respondeu.

— Sabe, Luke nunca deveria ter sido mordido. Não devia ter acontecido. Era uma patrulha de rotina na floresta, estava com Valentim... Não deveria ter acontecido.

— Mãe...

— Luke diz que falei para ele que tinha medo de Valentim antes de ele ser transformado. Conta que disse a ele que podia ouvir gritos através das paredes da mansão, que suspeitava de alguma coisa, temia alguma coisa. E Luke, Luke que confiava com tanta facilidade, perguntou sobre isso a Valentim no dia seguinte. Naquela noite, Valentim o levou para caçar, e Luke foi mordido. Acho que... acho que Valentim me fez esquecer o que eu tinha visto, o que quer que houvesse me assustado. Me fez acreditar que foram pesadelos. E acho que se certificou de que Luke fosse mordido naquela noite. Acho que queria Luke fora de cena, para que ninguém pudesse me lembrar de que eu tinha medo de meu marido. Mas não percebi, não de cara. Luke e eu nos vimos tão brevemente no primeiro dia, e eu queria tanto contar a ele sobre Jonathan... mas não consegui. Não consegui. Jonathan era meu filho. Mesmo assim, ver Luke, apenas vê-lo, me deixou mais forte. Voltei para casa dizendo a mim mesma que faria um novo esforço com Jonathan, que aprenderia a amá-lo. Que me forçaria a amá-lo.

“Naquela noite fui acordada pelo som de um bebê chorando. Me levantei de um pulo, sozinha no quarto. Valentim estava em uma reunião do Ciclo, então não tinha ninguém com quem compartilhar minha admiração. Jonathan, veja só, nunca chorava; nunca fazia barulho. Seu silêncio era uma das coisas que mais me perturbava. Corri pelo corredor até o quarto dele, mas ele estava dormindo em silêncio. Mesmo assim, eu *podia ouvir* um bebê chorando, tinha certeza disso. Parecia estar vindo da adega vazia, mas a porta estava trancada, a adega nunca fora usada. Mas eu tinha crescido na mansão. Sabia onde meu pai escondia a chave...”

Jocelyn não olhou para Clary enquanto falava; parecia perdida na história, nas lembranças.

— Nunca contei a história da mulher do Barba Azul, contei, quando você era pequena? O marido disse para a mulher nunca olhar na sala trancada, mas ela olhou, encontrando os restos de todas as esposas que ele havia matado antes dela, exibidas como borboletas em um quadro. Não fazia ideia do que eu encontraria quando destrancasse a porta. Se tivesse que fazer novamente, será que conseguiria abrir a porta, utilizar minha pedra enfeitiçada para me guiar pela escuridão? Não sei, Clary. Simplesmente não sei.

“O cheiro... ah, o cheiro lá embaixo, de sangue, morte e podridão. Valentim havia cavado um buraco sob o chão, no que outrora fora uma adega. Não tinha sido uma criança que eu tinha escutado chorar, afinal. Havia celas lá agora, com coisas aprisionadas. Criaturas demoníacas, amarradas com correntes de electrum, contorcidas, caídas e murmurando nas celas, mas havia mais, muito mais: corpos de integrantes do Submundo, em diferentes estágios de morte ou em processo. Havia lobisomens, os corpos semidissolvidos por pó de prata. Vampiros imersos de cabeça para baixo em água benta até as peles descascarem dos ossos. Fadas cujas peles tinham sido perfuradas com ferro frio.

“Mesmo agora, não penso nele como um torturador. Não de verdade. Parecia perseguir um fim quase científico. Havia livros de anotações perto de cada cela, registros meticulosos das experiências, quanto tempo havia demorado para cada criatura morrer. Tinha um vampiro cuja pele ele havia queimado diversas vezes para ver se havia algum ponto a partir do qual a pobre criatura não pudesse mais se regenerar. Era difícil ler o que ele tinha escrito sem sentir vontade de desmaiar, ou de vomitar. De algum jeito, não fiz uma coisa nem outra.

“Havia uma página voltada para experimentos que tinha realizado em si mesmo. Tinha lido em algum lugar que sangue de demônio podia atuar como um amplificador dos poderes com os quais Caçadores de Sombras nascem naturalmente. Tentou injetar nele mesmo, mas não adiantou nada. Nada aconteceu, além de ficar doente. Por fim, concluiu que já era velho demais para que o sangue funcionasse nele, que para ter efeito completo, tinha que ser dado a uma criança — de preferência a uma que ainda não tivesse nascido.

“Na página ao lado da que relatava essas conclusões, havia uma série de notas com um título que reconheci. Meu nome. *Jocelyn Morgenstern*.

“Lembro de como meus dedos tremiam enquanto passava as páginas, as palavras queimando no meu cérebro. ‘Jocelyn tomou a mistura outra vez esta noite. Nenhuma mudança visível nela, mas é a criança que me preocupa... Com infusões regulares de icor demoníaco como as que tenho dado para ela, a criança pode ser capaz de qualquer coisa... Ontem à noite ouvi o coração da criança, mais forte que qualquer coração humano, o som como o de um sino poderoso, abrindo as portas para o início de uma nova geração de Caçadores de Sombras, o sangue de anjos e demônios misturado para gerar poderes muito além do que se imaginava ser possível... O poder dos integrantes do Submundo não será mais o maior da terra...’

“Tinha mais, muito mais. Passei pelas páginas, os dedos tremendo, minha mente acelerada, vendo as misturas que Valentim me dava para tomar a cada noite, os pesadelos em que era esfaqueada, sufocada, envenenada. Mas não era a mim que estava envenenando. Era Jonathan. Jonathan, que havia transformado

em alguma espécie de *coisa*, metade demônio. E foi aí, Clary... Foi *aí* que percebi o que Valentim realmente era.”

Clary soltou a respiração que não percebeu que estava prendendo. Era horrível — tão horrível — e, no entanto, tudo se encaixava com a visão que Ithuriel havia mostrado para ela. Não sabia ao certo de quem sentia mais pena, da mãe ou de Jonathan. Jonathan — não conseguia pensar nele como Jace, não com a mãe ali, não com a história fresca na cabeça — condenado a não ser exatamente humano por um pai que se importava mais em matar integrantes do Submundo que com a própria família.

— Mas... você não foi embora, foi? — perguntou Clary, a voz soando baixinha aos próprios ouvidos. — Você ficou...

— Por duas razões — disse Jocelyn. — Uma foi a Ascensão. O que descobri na adega naquela noite foi um tapa na cara. Me acordou da tristeza e me fez perceber o que estava se passando a minha volta. Depois que percebi o que Valentim estava planejando, o extermínio completo do Submundo, soube que não podia permitir que acontecesse. Comecei a me encontrar com Luke em segredo. Não podia dizer a ele o que Valentim havia feito comigo e com o nosso filho. Sabia que só o deixaria irritado, e que não conseguiria se conter, tentaria caçá-lo e matá-lo, e só conseguiria ser morto no processo. E não podia deixar que mais ninguém soubesse o que tinha sido feito com Jonathan. Apesar de tudo, ainda era meu filho. Mas contei a Luke sobre os terrores da adega, sobre minha convicção de que Valentim estava perdendo a razão, enlouquecendo progressivamente. Juntos, planejamos impedir a Ascensão. Me sentia compelida a isso, Clary. Era uma espécie de expiação, a única maneira pela qual poderia achar que paguei pelo pecado de ter me juntado ao Ciclo, de ter confiado em Valentim. De tê-lo amado.

— E ele não soube? Valentim, quero dizer. Não percebeu o que estava fazendo?

Jocelyn balançou a cabeça.

— Quando as pessoas te amam, elas confiam em você. Além disso, em casa eu tentava fingir que estava tudo normal. Passei a me comportar como se minha repulsa inicial a Jonathan tivesse passado. Levava-o para a casa de Maryse Lightwood, deixava que brincasse com o filho dela, Alec. Às vezes Céline Herondale se juntava a nós; estava grávida na época. “Seu marido é tão gentil”, dizia ela. “É tão preocupado com Stephen e comigo. Me dá poções e misturas para a saúde do bebê; são ótimas.”

— Oh — disse Clary. — Oh, meu Deus.

— Foi o que pensei — disse Jocelyn sombriamente. — Queria dizer a ela para não confiar em Valentim, para não aceitar nada que ele desse, mas não podia. O

marido dela era o melhor amigo de Valentim, e ela teria me delatado imediatamente. Fiquei de boca fechada. E depois...

— Ela se matou — disse Clary, lembrando-se da história. — Mas... foi por causa do que Valentim fez com ela?

Jocelyn balançou a cabeça.

— Sinceramente, acho que não. Stephen foi morto em uma incursão, e ela cortou os pulsos quando soube. Estava grávida de oito meses. Sangrou até a morte... — fez uma pausa — e foi Hodge que encontrou o corpo. Valentim de fato pareceu perturbado com as mortes. Desapareceu por quase um dia inteiro depois disso, e voltou para casa com olhos turvos, atordoado. E, mesmo assim, me senti quase grata pela perturbação dele. Pelo menos significava que não estava prestando atenção ao que *eu* estava fazendo. A cada dia eu ficava com mais medo de que Valentim fosse descobrir a conspiração e me torturar para tentar conseguir a verdade: quem fazia parte da nossa aliança secreta? Quanto do plano dele eu tinha denunciado? Imaginei como suportaria a tortura, se poderia aguentar. Morria de medo de não conseguir. Resolvi, afinal, tomar medidas que garantissem que isso não acontecesse. Fui a Fell com meus temores e ele criou uma poção para mim...

— A poção do *Livro Branco* — disse Clary, entendendo. — Por isso que você a queria. E o antídoto, como foi parar na biblioteca dos Wayland?

— Escondi lá uma noite durante uma festa — disse Jocelyn, esboçando um sorriso. — Não queria contar a Luke, sabia que ele detestaria toda a ideia da poção, mas todas as outras pessoas que conhecia faziam parte do Ciclo. Mandei um recado para Ragnor, mas ele estava deixando Idris e não disse quando voltaria. Disse que sempre poderia ser encontrado por mensagem, mas quem mandaria? No fim, percebi que havia uma pessoa para quem poderia contar, uma pessoa que odiava Valentim o suficiente para jamais me delatar para ele. Enviei uma carta a Madeleine, explicando o que planejava fazer, e que a única maneira de me reviver seria encontrando Ragnor Fell. Nunca recebi resposta, mas tinha que acreditar que ela tinha lido e entendido. Era minha única esperança.

— Duas razões — disse Clary. — Você disse que havia duas razões pelas quais ficou. Uma foi a Ascensão. Qual foi a outra?

Os olhos verdes de Jocelyn estavam cansados, mas luminosos e bem abertos.

— Clary — disse ela —, não consegue adivinhar? A segunda razão era que estava grávida outra vez. Grávida de você.

— Ah — disse Clary com a voz baixinha. Lembrou-se de Luke dizendo, *estava grávida novamente e sabia há algumas semanas*. — Mas isso não fez com que tivesse ainda mais vontade de fugir ?

— Fez — disse Jocelyn. — Mas sabia que não podia. Se fugisse de Valentim,

ele teria movido céus e infernos para me recuperar. Teria me seguido até o fim do mundo, pois eu pertencia a ele, e ele jamais me deixaria. Eu talvez o deixasse vir atrás de mim, e assumisse o risco, mas nunca permitiria que fosse atrás de você. — Afastou o cabelo do rosto exaurido. — Só havia uma maneira de me certificar de que ele não viesse. E o jeito era ele morrer.

Clary olhou surpresa para a mãe. Jocelyn ainda parecia cansada, mas o rosto brilhava com uma luz feroz.

— Achei que fosse ser morto durante a Ascensão — disse. — Não poderia tê-lo matado pessoalmente. Por alguma razão, não conseguiria. Mas nunca pensei que fosse sobreviver à batalha. E mais tarde, quando a casa foi incendiada, quis acreditar que estivesse morto. Disse a mim mesma, milhares de vezes, que ele e Jonathan tinham morrido queimados no fogo. Mas sabia... — Não terminou a sentença. — Foi por isso que fiz o que fiz. Achei que fosse o único jeito de protegê-la, roubar suas lembranças, torná-la o mais normal possível. Escondê-la no mundo mundano. Foi estúpido, percebo agora, estúpido e errado. E sinto muito, Clary. Só espero que possa me perdoar, se não agora, no futuro.

— Mãe. — Clary limpou a garganta. Durante os últimos dez minutos, só sentia que estava prestes a chorar. — Tudo bem. É que... só não entendo uma coisa. — Enrolou os dedos no tecido do casaco: — Quero dizer, já sabia um pouco sobre o que Valentim havia feito com Jace, quero dizer, com Jonathan. Mas o jeito como descreve Jonathan, é como se fosse um monstro. E mãe, Jace não é assim. Não é nada assim. Se o conhecesse... Se pudesse ao menos conhecê-lo...

— Clary — Jocelyn esticou o braço e pegou a mão da filha —, tenho mais para contar. Não há mais nada que eu tenha escondido de você, não menti a respeito de nada. Mas há coisas que eu nunca soube, que só descobri agora. E elas podem ser muito difíceis de ouvir.

Piores do que o que já me contou?, pensou Clary. Mordeu o lábio e assentiu.

— Vá em frente, conte. Prefiro saber.

— Quando Dorothea me disse que Valentim tinha sido visto na cidade, soube que era atrás de mim que ele estava, por causa do Cálice. Queria fugir, mas não consegui contar a você por quê. Não a culpo por ter corrido de mim naquela noite terrível, Clary. Só me dei por satisfeita por você não estar lá quando seu pai... quando Valentim e os demônios invadiram nosso apartamento. Só tive tempo de engolir a poção, podia ouvi-los arrombando a porta lá embaixo... — Interrompeu-se, com a voz firme. — Torci para que Valentim me deixasse para morrer, mas não foi o que aconteceu. Levou-me para Renwick com ele. Tentou diversos métodos para me acordar, mas nada funcionou. Eu estava em uma espécie de estado de sonho; tinha certa consciência da sua presença, mas não

conseguia me mover ou responder a ele. Duvido que pensasse que eu podia ouvi-lo ou entendê-lo. E, mesmo assim, sentava perto de mim e conversava comigo.

— Conversava com você? Sobre o quê?

— Sobre nosso passado. Nosso casamento. Sobre como tinha me amado, e eu o havia traído. Sobre como não tinha amado mais ninguém desde então. E acho que foi sincero, até onde se pode acreditar na sinceridade dele. Sempre fui a pessoa com quem ele conversava sobre as dúvidas que tinha, a culpa que sentia, e nos anos que se seguiram a minha fuga, ele não teve mais ninguém. Acho que não conseguia deixar de conversar comigo, mesmo sabendo que não deveria. Acho que só queria conversar com alguém. Você pensaria que sua cabeça estaria ocupada com o que tinha feito com aqueles coitados, transformando-os em Renegados, ou com o que estava planejando fazer com a Clave. Mas não. Ele queria conversar sobre Jonathan.

— O que tinha Jonathan?

A boca de Jocelyn enrijeceu.

— Queria me dizer que sentia muito pelo que havia feito a Jonathan antes de nascer, pois sabia que aquilo quase me destruíra. Sabia que eu quase tinha me suicidado por causa de Jonathan, apesar de não saber do meu desespero pelo que havia descoberto sobre *ele próprio*. De algum jeito, tinha conseguido sangue de anjo. É uma substância quase lendária para Caçadores de Sombras. Tomar desse sangue aparentemente dá uma força incrível. Valentim havia tomado e descoberto que o efeito era não só uma força aumentada, mas também uma sensação de euforia e felicidade a cada vez que injetava. Então ele pegou um pouco, secou para virar pó, e misturou à minha comida, torcendo para que ajudasse com o meu desespero.

Sei como ele conseguiu sangue de anjo, pensou Clary, lembrando-se de Ithuriel com uma tristeza profunda.

— Você acha que funcionou?

— Depois fiquei pensando se teria sido por isso que encontrei foco e capacidade de continuar, e de ajudar Luke a impedir a Ascensão. Seria irônico se fosse esse o caso, considerando o que Valentim tinha feito inicialmente. Mas o que ele não sabia era que, enquanto fazia isso, eu estava grávida de você. Então enquanto pode ter me afetado um pouco, a afetou muito mais. Acredito que seja por isso que pode fazer o que faz com os símbolos.

— E talvez — disse Clary — seja a razão pela qual você consegue fazer coisas como prender a imagem do Cálice Mortal em uma carta de tarô. E o motivo pelo qual Valentim é capaz de coisas como retirar a maldição de Hodge...

— Valentim tem anos de prática em realizar experimentos em si próprio, em uma miríade de formas — disse Jocelyn. — Está tão próximo agora quanto um

ser humano, um Caçador de Sombras, pode chegar de ser um feiticeiro. Mas nada do que possa fazer em si mesmo teria o tipo de efeito profundo que teria em você ou em Jonathan, porque vocês eram novos demais. Não sei se alguém antes de Valentim já fez o que ele foi capaz de fazer com um bebê, antes do nascimento.

— Então Jace... Jonathan e eu realmente fomos experiências.

— Com você ele não teve a intenção. Com Jonathan, Valentim queria criar uma espécie de superguerreiro, mais forte, mais rápido e melhor que os outros Caçadores de Sombras. Em Renwick, Valentim me contou que Jonathan realmente era tudo isso. Mas que também era cruel, amoral e estranhamente vazio. Jonathan era suficientemente leal a Valentim, mas suponho que Valentim tenha percebido, em algum momento, que ao tentar criar uma criança superior às outras, tinha criado um filho que jamais poderia amá-lo.

Clary pensou em Jace, na maneira como estivera em Renwick, no modo como apertou aquele pedaço de Portal quebrado com tanta violência que fez sangue escorrer pelos dedos.

— Não — disse ela. — Não e não. Jace não é assim. Ele ama Valentim. Não deveria, mas ama. E não é vazio. É o oposto de tudo que você está falando.

As mãos de Jocelyn se apertaram em seu colo. Eram marcadas por todos os lados com finas cicatrizes brancas — as cicatrizes que todos os Caçadores de Sombras tinham, a lembrança de Marcas apagadas. Mas Clary nunca tinha realmente reparado nas cicatrizes da mãe. A magia de Magnus sempre a fazia esquecer. Havia uma, no interior do pulso da mãe, que se parecia muito com a forma de uma estrela...

Então a mãe voltou a falar, e todos os pensamentos relativos a qualquer outra coisa escaparam à mente de Clary.

— Não estou — disse Jocelyn — falando de Jace.

— Mas... — disse Clary. Tudo parecia acontecer muito lentamente, como se estivesse sonhando. *Talvez esteja sonhando*, pensou. *Talvez minha mãe nunca tenha acordado, e tudo isso não passe de um sonho*. — Jace é o filho de Valentim. Quero dizer, quem mais poderia ser?

Jocelyn olhou nos olhos da filha.

— Na noite em que Céline Herondale morreu, estava grávida de oito meses, e Valentim vinha dando poções a ela, pois estava tentando nela o que havia tentado em si mesmo, com o sangue de Ithuriel, torcendo para que o filho de Stephen fosse tão forte e poderoso quanto suspeitava que Jonathan seria, mas sem as piores qualidades de Jonathan. Não podia suportar que o experimento fosse desperdiçado. Então, com a ajuda de Hodge, tirou o bebê da barriga de Céline. Ela estava morta havia pouco tempo...

Clary engasgou.

— Não é possível.

Jocelyn prosseguiu como se Clary não tivesse falado.

— Valentim pegou aquele bebê e mandou que Hodge o levasse para uma casa dele, especialmente construída para abrigar a criança, em um vale não muito longe do Lago Lyn. Por isso que passou aquela noite inteira fora de casa. Hodge cuidou do bebê até a Ascensão. Depois disso, porque Valentim estava se passando por Michael Wayland, foi com a criança para a mansão Wayland e o criou como filho de Michael Wayland.

— Então Jace — sussurrou Clary —, Jace *não é* meu irmão?

Sentiu a mãe apertar sua mão — um aperto solidário.

— Não, Clary. Não é.

A visão de Clary escureceu. Podia sentir o próprio coração, as batidas distintas, separadas. *Minha mãe está com pena de mim*, pensou vagamente. *Acha que isso é uma notícia* ruim. Estava com as mãos trêmulas.

— Então de quem eram os ossos no incêndio? Luke disse que havia a ossada de uma criança...

Jocelyn balançou a cabeça.

— Aqueles eram os ossos de Michael Wayland e do filho dele. Valentim matou os dois e incinerou os corpos. Queria que a Clave pensasse que tanto ele quanto o filho estavam mortos.

— Então Jonathan...

— Está vivo — disse Jocelyn, com dor no rosto —, Valentim me contou em Renwick. Valentim criou Jace na mansão Wayland, e Jonathan na casa perto do lago. Conseguiu dividir o tempo entre os dois, viajando de uma casa para a outra, às vezes deixando um ou ambos sozinhos por longos períodos. Parece que Jace nunca soube sobre Jonathan, apesar de que talvez Jonathan soubesse da existência de Jace. Nunca se encontraram, apesar de provavelmente terem morado a poucos quilômetros um do outro.

— E Jace não tem sangue de demônio? Não é... amaldiçoado?

— Amaldiçoado? — Jocelyn pareceu surpresa. — Não, não tem sangue de demônio. Clary, Valentim experimentou em Jace quando era um bebê o mesmo sangue que usou em mim e em você. Sangue de *anjo*. Jace não é amaldiçoado. Pelo contrário. Todo Caçador de Sombras tem sangue de anjo, vocês dois só têm um pouco mais.

A mente de Clary era um turbilhão. Tentou imaginar Valentim criando dois filhos ao mesmo tempo, um parte demônio, outro parte anjo. Um menino sombra, e um luz. Amando os dois, talvez, tanto quanto Valentim pudesse amar alguém. Jace nunca soube sobre Jonathan, mas o que o outro menino soube

sobre ele? Seu complemento, seu oposto? Será que detestava sequer pensar nele? Desejava conhecê-lo? Teria sido indiferente? Ambos tão solitários. E um deles era seu irmão — seu verdadeiro irmão de sangue, por parte de mãe e pai.

— Acha que ele continua igual? Jonathan, quero dizer? Acha que ele pode ter... melhorado?

— Acho que não — disse Jocelyn, gentilmente.

— Mas por que tem tanta certeza? — Clary se virou e olhou para a mãe, ansiosa, de repente. — Quero dizer, talvez tenha mudado. Passaram-se tantos anos. Talvez...

— Valentim me contou que passou anos ensinando Jonathan a parecer agradável, até charmoso. Queria que ele fosse um espião, e não se pode ser espião quando se espanta a todos que conhece. Jonathan até aprendeu a projetar alguns feitiços, a convencer os outros de que era adorável e confiável... — Jocelyn suspirou. — Só estou contando isso para que não se sinta mal por ter sido enganada. Clary, você o conheceu. Ele só nunca contou o nome verdadeiro, pois estava se passando por outra pessoa. Sebastian Verlac.

Clary encarou a mãe. *Mas ele é o primo dos Penhallow*, parte de sua mente insistia, mas claro que Sebastian nunca tinha sido quem alegava ser; tudo que dissera não passou de mentira. Pensou na maneira como se sentiu na primeira vez em que o viu, como se estivesse reconhecendo alguém que sempre conhecera, alguém intimamente familiar, tanto quanto ela mesma. Nunca sentira aquilo em relação a Jace.

— Sebastian é meu irmão?

O rosto esguio de Jocelyn estava cansado, e suas mãos entrelaçadas. As pontas dos dedos brancas, como se as estivesse pressionando com força demais.

— Falei longamente com Luke hoje sobre o que aconteceu em Alicante desde que chegou. Ele me contou sobre as torres demoníacas e a desconfiança de que Sebastian havia derrubado os bloqueios, apesar de não fazer ideia de como. Foi então que percebi quem Sebastian realmente era.

— Quer dizer, porque ele mentiu sobre ser Sebastian Verlac? E porque é um espião de Valentim?

— Por essas duas coisas, sim — disse Jocelyn —, mas na verdade só soube quando Luke me contou que você disse que Sebastian tinha pintado o cabelo. E posso estar errada, mas um menino só um pouco mais velho que você, com cabelos claros e olhos escuros, sem pais, completamente leal a Valentim... Não pude deixar de pensar que se tratava de Jonathan. E mais que isso. Valentim sempre tentou descobrir uma maneira de derrubar as barreiras, sempre disse que havia um jeito de fazer isso. As experiências em Jonathan com sangue de demônio, ele disse que foi para deixá-lo mais forte, um lutador melhor, mas era

mais do que isso...

Clary a encarou.

— Como assim “mais do que isso”?

— Ele era a maneira de derrubar os bloqueios — disse Jocelyn. — Não se pode trazer demônios a Alicante, mas é necessário sangue de demônio para tirar as barreiras. Jonathan tem sangue de demônio; está nas veias dele. E o fato de ser um Caçador de Sombras lhe dá entrada automática na cidade quando quiser, independentemente de qualquer coisa. Usou o próprio sangue para derrubar as barreiras, tenho certeza disso.

Clary pensou em Sebastian diante dela no gramado perto das ruínas da mansão Fairchild. Na maneira como os cabelos escuros voavam sobre o rosto. Em como a havia segurado pelos pulsos, as unhas entrando em sua pele. Em como havia dito que era impossível que Valentim já tivesse amado Jace. Pensou que tivesse sido por ele odiar Valentim. Mas não, percebeu. Era... ciúme.

Pensou no príncipe moreno dos desenhos, no que se parecia tanto com Sebastian. Tinha tratado a semelhança como coincidência, um truque da mente, mas agora imaginava se não teria sido o laço do sangue compartilhado que fizera com que desse ao herói infeliz da sua história o rosto do irmão. Tentou visualizar o príncipe mais uma vez, mas a imagem pareceu se estilhaçar e dissolver diante dos olhos, como cinzas sopradas ao vento. Só conseguia enxergar Sebastian agora, a luz vermelha da cidade em chamas refletida nos olhos dele.

— Jace — disse ela. — Alguém tem que contar a ele. Ele precisa saber a verdade. — Os pensamentos atropelaram-se uns aos outros, desordenados; se Jace soubesse, se soubesse que não tinha sangue de demônio, talvez não tivesse ido atrás de Valentim. Se soubesse que não era irmão de Clary afinal...

— Mas pensei — disse Jocelyn, com uma mistura de solidariedade e confusão —, que ninguém soubesse onde ele está...?

Antes que Clary pudesse responder, as portas duplas do Salão se abriram, derramando luz sobre a arcada de pilares e os degraus abaixo. O ronco de vozes, não mais abafado, se ergueu enquanto Luke passava pelas portas. Parecia exausto, mas havia uma leveza nele que não estava ali antes. Parecia quase aliviado.

Jocelyn se levantou.

— Luke. O que foi?

Ele deu alguns passos em direção às duas, em seguida parou entre a entrada e as escadas.

— Jocelyn — disse ele —, sinto interrompê-la.

— Tudo bem, Luke. — Mesmo através daquilo tudo Clary pensou, *por que ficam dizendo os* nomes *um do outro assim?* Havia uma espécie de

constrangimento entre os dois agora, um desconforto que não havia antes. — Aconteceu alguma coisa ruim?

Ele balançou a cabeça.

— Não. Pela primeira vez, aconteceu uma coisa boa. — Sorriu para Clary, e não havia nada de desconfortável no gesto; parecia satisfeito com ela, orgulhoso, até. — Você conseguiu, Clary — disse —, a Clave concordou em deixar que você os Marque. Não haverá rendição, afinal.

18

Saudações e Adeus

O vale era mais bonito na realidade do que parecera na visão de Jace. Talvez fosse o luar brilhante que tornava prateado o rio que cortava o vale verde. Bétulas brancas e álamos marcavam as laterais do vale, as folhas tremendo na brisa gelada — estava frio no cume, e não havia proteção contra o vento.

Aquele era, sem dúvida, o vale onde vira Sebastian pela última vez. Finalmente o estava alcançando. Após amarrar Wayfarer em uma árvore, Jace pegou o fio com sangue no bolso e repetiu o ritual de procura, só para se certificar.

Fechou os olhos, esperando ver Sebastian, com sorte em algum lugar muito próximo — talvez até mesmo no vale, ainda...

Em vez disso, viu apenas escuridão.

Seu coração acelerou.

Tentou novamente, colocando o fio na mão esquerda e desenhando desajeitadamente o símbolo com a direita, menos ágil. Respirou fundo antes de fechar os olhos dessa vez.

Nada, mais uma vez. Apenas uma negritude sombria, vacilante. Ficou lá durante um minuto inteiro, os dentes cerrados, o vento entrando pela jaqueta, causando arrepios em sua pele. Afinal, xingando, abriu os olhos — depois, em um ataque de raiva desesperada, abriu também o punho; o vento soprou o fio e o levou para longe, tão depressa que mesmo que tivesse se arrependido imediatamente, não poderia ter pegado de volta.

Sua mente acelerou. Claramente o símbolo de procura não estava mais funcionando. Talvez Sebastian tivesse percebido que estava sendo seguido e feito alguma coisa para bloquear o feitiço — mas o que se *poderia* fazer para impedir um rastreamento? Talvez tivesse encontrado uma grande quantidade de água. Água rompia magia.

Não que isso fosse de grande ajuda. Não era como se Jace pudesse ir a todos os lagos do país para ver se Sebastian estava flutuando por eles. E tinha chegado tão perto — tão perto. Tinha *visto* este vale, Sebastian nele. E lá estava a casa, quase invisível, contra um pequeno bosque na base do vale. Pelo menos valeria dar uma olhada pela casa, para ver se havia alguma coisa que pudesse apontar para a localização de Sebastian ou de Valentim.

Com a sensação de resignação, Jace usou a estela para se Marcar com alguns símbolos de rápida ação e rápido desaparecimento: um para lhe dar silêncio, outro para rapidez e outro para passos precisos. Quando terminou — e sentiu a dor aguda, familiar e quente contra a própria pele —, guardou a estela no bolso, afagou o pescoço de Wayfarer, e começou a descer o vale.

O declive era enganosamente íngreme e traiçoeiro, com seus seixos soltos. Jace alternou entre descer cuidadosamente e deslizar pelas pedrinhas soltas, o

que era rápido, porém perigoso. Quando chegou à base do vale, estava com as mãos sangrando por ter caído no cascalho solto mais de uma vez. Lavou-as no riacho claro e veloz; a água estava gelada.

Quando se endireitou e olhou em volta, percebeu que agora estava enxergando o vale por um ângulo diferente do que vira no rastreamento. Havia o bosque de árvores, com os galhos entrelaçados, as paredes do vale se erguendo por todos os lados, e a pequena casa. As janelas estavam escuras agora, e não havia fumaça na chaminé. Jace sentiu uma pontada que misturava alívio e decepção. Seria mais fácil revistar a casa se não houvesse ninguém dentro. Por outro lado, não havia ninguém lá.

Enquanto se aproximava, ficou imaginando o que na casa tinha parecido misterioso na visão. De perto, era apenas um típico sítio de Idris, feito de quadrados de pedra branca e cinzenta. As cortinas outrora tinham sido pintadas de azul, mas parecia que ninguém retocava a pintura havia anos. Estavam desbotadas e descascadas pelo efeito do tempo.

Alcançando uma das janelas, Jace subiu no parapeito e olhou através do painel embaçado. Viu uma sala grande, ligeiramente empoeirada, com uma bancada que percorria uma parede. As ferramentas espalhadas não eram nada que se utilizasse em trabalho manual — eram ferramentas de feiticeiros: pilhas de pergaminho manchado; velas pretas; largas vasilhas de cobre com líquido negro seco nas bordas; uma variedade de facas, algumas finas como furadores, outras com lâminas largas e quadradas. Havia um pentagrama marcado no chão, com os contornos borrados, cada uma das cinco pontas decorada com um símbolo diferente. O estômago de Jace apertou — os símbolos pareciam os que tinham sido talhados ao redor dos pés de Ithuriel. Será que Valentim poderia ter feito isso? Será que poderiam ser coisas *dele*? Era esse o seu esconderijo; um esconderijo que Jace nunca visitou, nunca sequer soube que existira?

Jace saltou do parapeito, aterrissando em um gramado seco — exatamente no mesmo momento em que uma sombra passou pela face da lua. Mas não havia pássaros aqui, pensou ele, e olhou para o alto bem a tempo de ver um corvo lá em cima. Congelou, em seguida ocultou-se na sombra de uma árvore e espiou por entre os galhos. Enquanto o corvo mergulhava mais para perto do chão, Jace soube que seu primeiro instinto estivera correto. Não era um corvo qualquer — era Hugo. O corvo que pertencera a Hodge; Hodge o utilizava algumas vezes para enviar mensagens para fora do Instituto. Desde então, Jace descobrira que Hugo pertencera originalmente a seu pai.

Jace chegou mais para perto do tronco da árvore. Estava com o coração acelerado outra vez, mas agora por entusiasmo. Se Hugo estava ali, só podia significar que estava trazendo um recado e, dessa vez, a mensagem não seria

para Hodge. Seria para Valentim. *Tinha* que ser. Se Jace conseguisse segui-lo...

Empoleirado em um parapeito, Hugo espiou por uma das janelas da casa. Aparentemente percebendo que a casa estava vazia, o pássaro levantou voo com um grasnido irritado e foi na direção do rio.

Jace saiu das sombras e partiu na trilha do corvo.

— Então, tecnicamente — disse Simon —, mesmo que Jace não seja de fato seu parente, você *beijou* seu irmão.

— Simon! — Clary estava chocada. — Cale A BOCA. — Se virou para ver se alguém estava ouvindo, mas, felizmente, não parecia o caso. Clary estava em um assento alto no palanque no Salão dos Acordos, Simon a seu lado. A mãe estava na beira do palanque, inclinada para falar com Amatis.

Ao redor deles no Salão, reinava o caos enquanto os integrantes do Submundo que vinham do Portão Norte entravam aos montes, afluindo pelas portas, se apertando contra as paredes. Clary reconheceu diversos membros do bando de Luke, inclusive Maia, que sorriu para ela do outro lado da sala. Havia fadas, pálidas e frias, e adoráveis como pingentes de gelo, e feiticeiros com asas de morcego, pés de bode e até um com chifres, um fogo azul faiscando das pontas de seus dedos enquanto passavam pelo recinto. Os Caçadores de Sombras misturavam-se a eles, parecendo nervosos.

Segurando com firmeza a estela com as duas mãos, Clary olhou em volta, ansiosa. Onde estava Luke? Tinha sumido na multidão. Encontrou-o após um instante, falando com Malaquias, que balançava a cabeça violentamente. Amatis encontrava-se por perto, lançando olhares afiados ao Cônsul.

— Não faça eu me arrepender de ter contado isso tudo, Simon — disse Clary, encarando-o. Tinha feito o possível para contar a versão resumida da história de Jocelyn, essencialmente através de sussurros, enquanto ele a ajudava a atravessar a multidão até o palanque, para sentar-se lá. Era estranho estar ali em cima, olhando para a sala como se fosse a rainha de todos os que examinava. Mas uma rainha não estaria tão desesperada. — Além disso, ele beija muito mal.

— Ou talvez só tenha sido nojento, porque ele era... sabe, *seu irmão*. — Simon parecia se divertir com tudo aquilo mais do que Clary achava que ele tinha o direito.

— *Não* diga isso onde minha mãe puder escutar, ou vou matá-lo — disse, lançando um segundo olhar. — Já estou sentindo como se fosse vomitar ou desmaiar. Não piore as coisas.

Jocelyn, voltando da beira do palanque a tempo de ouvir as últimas palavras de Clary — apesar de, felizmente, não ter escutado o que ela e Simon vinham discutindo — afagou o ombro de Clary de modo a reassegurá-la.

— Não fique nervosa, meu amor. Você foi ótima antes. Precisa de alguma coisa? Um cobertor, água quente...

— Não estou com frio — disse Clary pacientemente —, e também não preciso de um banho. Estou bem. Só quero que Luke venha até aqui e me diga o que está acontecendo.

Jocelyn acenou na direção de Luke para chamar sua atenção, silenciosamente dizendo alguma coisa que Clary não conseguia decifrar.

— Mãe — disparou —, *não!* — Mas era tarde demais. Luke olhou para cima, e o mesmo fizeram diversos Caçadores de Sombras. A maioria deles desviou o olhar com a mesma rapidez, mas Clary sentiu o fascínio nos olhares. Era estranho pensar que a mãe dela era uma espécie de figura lendária aqui. Basicamente todos no recinto tinham ouvido seu nome e cultivavam alguma

espécie de opinião a seu respeito, boa ou ruim. Clary ficou imaginando como a mãe fazia para não se deixar perturbar. Ela não parecia incomodada; mas sim tranquila, contida e perigosa.

Um instante depois, Luke havia se juntado a eles no palanque, com Amatis ao lado. Ainda parecia cansado, mas alerta e até um pouco animado.

— Espere só um segundo. Todos estão vindo — disse Luke.

— Malaquias — disse Jocelyn, sem olhar diretamente para Luke enquanto falava —, ele estava enchendo o seu saco?

Luke fez um gesto de indiferença.

— Acha que devíamos enviar uma mensagem a Valentim recusando os termos. Eu disse que não deveríamos avisar. Deixemos Valentim aparecer com o exército em Brocelind, esperando uma rendição. Malaquias parecia achar que não era justo, e quando disse a ele que guerra não era um jogo de críquete entre colegiais ingleses, falou que, se algum dos integrantes do Submundo saísse do controle, pretendia interferir e cancelar tudo... Não sei o que ele acha que vai acontecer, como se o povo do Submundo não pudesse parar de lutar nem por cinco minutos.

— É exatamente o que ele pensa — disse Amatis. — É o Malaquias. Provavelmente acha que vocês vão começar a devorar uns aos outros.

— Amatis — disse Luke. — Alguém pode ouvir. — Ele se virou, então, enquanto dois homens subiam os degraus atrás: um era um cavaleiro do Povo das Fadas, alto e magro, com longos cabelos escuros que escorriam a cada lado do rosto estreito. Usava uma túnica de armadura branca: um metal fosco, resistente, feito de pequenos círculos sobrepostos, como as escamas de um peixe. Tinha olhos verdes como folhas.

O outro era Magnus Bane. Não sorriu para Clary enquanto se posicionava ao lado de Luke. Usava uma capa longa e escura, abotoada até o pescoço, e seus cabelos escuros estavam repuxados para trás.

— Você está tão *recatado* — disse Clary, encarando-o.

Magnus sorriu singelamente.

— Fiquei sabendo que tinha um símbolo para nos mostrar. — Foi tudo que disse.

Clary olhou para Luke, que assentiu.

— Ah, sim — disse ela. — Só preciso de alguma coisa para escrever, de um papel.

— Eu *perguntei* se você precisava de alguma coisa — disse Jocelyn num sussurro irritado, soando bastante como a mãe que Clary lembrava.

— Tenho papel — disse Simon, pescando no bolso da calça. Entregou para ela. Era um flyer amassado de um show da banda dele na Knitting Factory em

julho. Clary deu de ombros e o virou, erguendo a estela emprestada. Faíscas brilharam singelamente quando tocou a ponta do papel e, por um instante, se preocupou que o flyer pudesse queimar, mas a pequena chama recuou. Pôs-se a desenhar, fazendo o melhor para bloquear todo o resto: o barulho da multidão, a sensação de que todos a estavam encarando.

O símbolo saiu como antes — um padrão de linhas que se curvavam fortemente, sobrepondo-se umas às outras, em seguida se esticando pela página, como se esperassem um acabamento que não estava lá. Esfregou a poeira da página e a levantou, com uma sensação absurda de que estava na escola, fazendo alguma espécie de apresentação para a turma.

— O símbolo é este — disse. — Requer um segundo símbolo para completar, para funcionar adequadamente. Um... símbolo aliado.

— Um integrante do Submundo, um Caçador de Sombras. Cada metade da parceria tem que ser Marcada — disse Luke. Desenhou uma cópia do símbolo na base da página, rasgou o papel ao meio, e entregou a ilustração a Amatis. — Comece a circular com o símbolo — sugeriu. — Mostre aos Nephilim como funciona.

Com um aceno de cabeça, Amatis desapareceu pelos degraus para a multidão. O cavaleiro do Povo das Fadas, olhando atrás dela, balançou a cabeça.

— Sempre me disseram que só os Nephilim podem suportar as Marcas do Anjo — disse ele, com alguma desconfiança. — Que o resto de nós ficaria louco, ou morreria, caso as usasse.

— Esta não é uma das Marcas do Anjo — disse Clary. — Não é do Livro Gray. É segura, prometo.

O cavaleiro do Povo das Fadas não parecia impressionado.

Com um suspiro, Magnus dobrou a manga e esticou a mão para Clary.

— Vá em frente.

— Não posso — disse ela. — O Caçador de Sombras que o Marcar será seu parceiro, e eu não vou participar da batalha.

— Espero que não — disse Magnus. Olhou para Luke e Jocelyn, que estavam ao lado um do outro. — Vocês dois — disse. — Vão em frente. Mostrem ao cavaleiro do Povo das Fadas como funciona.

Jocelyn piscou surpresa.

— O quê?

— Presumi — disse Magnus — que vocês dois seriam parceiros, considerando que são praticamente casados.

Jocelyn enrubesceu, e cuidadosamente evitou olhar para Luke.

— Não tenho uma estela...

— Pegue a minha. — Clary a entregou. — Vai, mostre a eles.

Jocelyn se virou para Luke, que parecia completamente espantado. Ele esticou a mão antes que ela tivesse tempo de pedir, e Jocelyn marcou a palma com uma precisão apressada. A mão dele tremeu enquanto desenhava, e ela pegou o pulso dele para segurá-lo no lugar; Luke olhou para ela enquanto trabalhava, e Clary pensou na conversa que tinham tido sobre a mãe, quando ele contou sobre seus sentimentos por Jocelyn, e sentiu uma pontada de tristeza. Ficou imaginando se a mãe sequer sabia que Luke a amava, e se soubesse, o que diria.

— Pronto — Jocelyn retirou a estela. — Acabei.

Luke levantou a mão, com a palma exposta, e mostrou a marca negra no centro para o homem-fada.

— Satisfeito, Meliorn?

— *Meliorn*? — disse Clary. — Já o *conheci*, não conheci? Você costumava sair com Isabelle Lightwood.

Meliorn estava quase sem expressão, mas Clary podia jurar que ele parecia singelamente desconfortável. Luke balançou a cabeça.

— Clary, Meliorn é um cavaleiro da Corte Seelie. É muito improvável que...

— Ele estava *totalmente* saindo com Isabelle — disse Simon —, e ela deu um pé na bunda dele. Pelo menos ela disse que ia dispensá-lo. Terrível, cara.

Meliorn piscou para ele.

— Você — disse ele com desgosto —, você é o representante escolhido pelas Crianças Noturnas?

Simon balançou a cabeça.

— Não. Só estou aqui por causa dela. — E apontou para Clary.

— As Crianças Noturnas — disse Luke, após breve hesitação — não estão participando, Meliorn. Passei essa informação para sua Dama. Elas optaram por... por seguir o próprio caminho.

As feições delicadas de Meliorn formaram uma careta.

— Preferia ter sabido disso — disse ele. — As Crianças Noturnas são sábias e cuidadosas. Qualquer esquema que atraia a ira deles atrai *minha* desconfiança.

— Não disse nada sobre ira. — Começou Luke, com uma mistura de calma deliberada e leve irritação. Clary duvidava que qualquer um que não o conhecesse bem seria capaz de reconhecer que estava irritado. Podia sentir o desvio de atenção: estava olhando para a multidão. Seguindo o olhar, Clary viu uma figura familiar cortar o caminho pela sala: Isabelle, com os cabelos negros balançando, o chicote enrolado no pulso como uma série de pulseiras douradas.

Clary pegou o pulso de Simon.

— Os *Lightwood*. Acabei de ver Isabelle.

Olhou para a multidão, apertando os olhos.

— Não sabia que estava procurando por eles.

— Por favor, vá falar com ela por mim — sussurrou, olhando para ver se alguém estava prestando atenção a eles; ninguém estava. Luke gesticulava para alguém na multidão; Jocelyn dizia algo a Meliorn, que olhava para ela com uma expressão próxima do alarme. — Tenho que ficar aqui, mas... por favor, preciso contar a ela e Alec o que minha mãe me falou. Diga a eles para virem falar comigo assim que puderem. Por favor, Simon.

— Tudo bem. — Claramente preocupado com a intensidade do tom, Simon soltou-se dela e tocou sua bochecha de modo a reassegurá-la. — Já volto.

Ele desceu pelos degraus e desapareceu no meio da multidão; quando ela se virou novamente, viu que Magnus estava olhando para ela, a boca em uma linha torta.

— Tudo bem — disse ele, obviamente respondendo a qualquer que fosse a pergunta que Luke tinha acabado de fazer. — Conheço a planície Brocelind. Vou armar o Portal na praça. Mas um tão grande assim não vai durar muito, então é melhor fazer todo mundo atravessar rapidamente assim que forem Marcados.

Enquanto Luke assentia e se virava para dizer alguma coisa a Jocelyn, Clary inclinou-se para a frente e falou baixinho:

— Obrigada, aliás. Por tudo que fez pela minha mãe.

O sorriso desigual de Magnus alargou.

— Não achou que eu fosse fazer, achou?

— Fiquei me perguntando... — admitiu Clary. — Principalmente considerando que, quando o vi na cabana, sequer me contou que Jace tinha trazido Simon pelo Portal com ele quando veio para Alicante. Não pude gritar com você sobre isso antes, mas *o que* você estava pensando? Achou que eu não fosse me interessar?

— Achei que fosse se interessar até demais — disse Magnus. — Que largaria tudo e correria para o Gard. E precisava que fosse procurar o *Livro Branco*.

— Foi desumano — disse Clary, furiosa. — E está enganado. Eu teria...

— Teria feito o mesmo que qualquer pessoa. O que eu teria feito se fosse alguém de quem *eu* gostasse. Não a culpo, Clary, e não o fiz porque achei que fosse fraca. Fiz porque é humana, e conheço os modos da humanidade. Estou vivo há muito tempo.

— Como se você nunca fizesse nenhuma tolice porque tem sentimentos — disse Clary. — Cadê o Alec, aliás? Por que não está procurando por ele para escolhê-lo como parceiro?

Magnus pareceu franzir a testa.

— Não o abordaria com os pais lá. Você sabe disso.

Clary apoiou o queixo na mão.

— Fazer a coisa certa por amor às vezes é um saco.

— É mesmo — disse Magnus —, é mesmo.

O corvo voava em círculos lentos e preguiçosos, passando por cima das árvores em direção ao paredão oeste do vale. A lua estava alta, eliminando a necessidade de luz enfeitiçada enquanto Jace seguia, mantendo-se encostado nas árvores.

A parede do vale erguia-se alta, uma barreira brilhante de pedras cinzentas. A trilha do corvo parecia seguir a curva do rio para oeste, finalmente desaparecendo em uma fissura estreita na parede. Jace quase torceu o tornozelo diversas vezes na pedra molhada e desejou que pudesse xingar em voz alta, mas Hugo certamente ouviria. Em vez disso, agachado de uma maneira desconfortável, se concentrou em não quebrar uma perna.

A camiseta estava ensopada de suor quando ele chegou à beira do vale. Por

um instante pensou que tivesse perdido Hugo de vista, e se desesperou — em seguida viu a forma negra voando baixo e sumindo pelo buraco no muro de pedra do vale. Jace correu para a frente — era um alívio tão grande, poder correr em vez de se arrastar. Enquanto se aproximava da fissura, pôde ver um buraco maior e mais escuro além, um esconderijo. Catando a pedra de luz enfeitiçada no bolso, Jace mergulhou atrás do corvo.

Apenas um pingo de luz se filtrava através da boca da caverna, e após alguns passos, mesmo isso foi engolido pela escuridão opressora. Jace ergueu a pedra e deixou a luminosidade sangrar por entre os dedos.

Inicialmente achou que de algum jeito tinha encontrado o caminho para fora outra vez, e que, no alto, as estrelas eram visíveis novamente, em toda sua glória luminosa. As estrelas nunca cintilavam em lugar nenhum como em Idris — e não estavam brilhando agora. A luz enfeitiçada tinha encontrado diversos depósitos brilhantes de mica na pedra na rocha ao redor, e as paredes se animaram com pontos intensos de luz.

Mostraram a Jace que ele estava em um espaço estreito todo de pedra, com a entrada da caverna atrás, dois túneis escuros à frente. Jace pensou nas histórias contadas pelo pai sobre heróis perdidos em labirintos que utilizavam cordas ou barbantes para encontrar o caminho de volta. Mas ele não tinha uma coisa nem outra consigo. Aproximou-se dos túneis e ficou parado em silêncio por um longo tempo, ouvindo. Escutou a água pingando, fracamente, de algum lugar ao longe; a corrente do riacho, um ruído do que pareciam asas e... vozes.

Deu um pulo para trás. As vozes vinham do túnel à esquerda, tinha certeza. Passou o dedão pela pedra para diminuir sua luz, até que estivesse exalando apenas um fraco brilho, o bastante para iluminar a passagem. Em seguida, avançou na escuridão.

*

— Está falando sério, Simon? É verdade mesmo? Isso é fantástico! É maravilhoso! — Isabelle esticou o braço para pegar a mão do irmão. — Alec, ouviu o que Simon disse? Jace *não é* filho de Valentim. Nunca foi.

— Então ele é filho *de quem* ? — quis saber Alec, apesar de Simon ter a sensação de que ele só estava parcialmente atento à conversa. Parecia procurar por alguma coisa na sala. Os pais estavam a alguma distância, franzindo o cenho na direção deles; Simon tinha se preocupado com a possibilidade de ter que explicar a história toda para eles também, mas foram gentis o suficiente para conceder a ele alguns minutos a sós com Isabelle e Alec.

— Que diferença faz?! — Isabelle levantou as mãos em deleite, em seguida

franziu a testa. — Na verdade, é uma boa pergunta. Quem *era* o pai dele? Michael Wayland?

Simon balançou a cabeça.

— Stephen Herondale.

— Então ele é neto da Inquisidora — disse Alec. — Deve ser por *isso* que ela... — Sua frase ficou incompleta enquanto ele olhava a esmo.

— Por isso que ela *o quê*? — perguntou Isabelle. — Alec, preste atenção. Ou pelo menos diga o que está procurando.

— Não o quê — disse Alec. — Quem. Magnus. Queria perguntar se ele aceitaria ser meu parceiro na batalha. Mas não faço ideia de onde esteja. *Você* o viu? — indagou, direcionando a pergunta a Simon.

Simon balançou a cabeça.

— Ele estava no palanque com Clary, mas — esticou o pescoço para olhar — agora não está mais. Provavelmente está na multidão em algum lugar.

— Sério? Você vai convidá-lo para ser seu parceiro? — perguntou Isabelle. — É como uma dança, esse negócio de parceiro, só que com matança.

— Então é exatamente como uma dança — disse Simon.

— Talvez eu convide você para ser meu parceiro, Simon — disse Isabelle, erguendo a sobrancelha com delicadeza.

Alec franziu a testa. Ele estava, assim como o resto dos Caçadores de Sombras na sala, completamente equipado — todo de preto, com um cinto no qual se penduravam armas múltiplas. Tinha um arco preso às costas; Simon ficou satisfeito em ver que ele tinha arrumado outro para repor o que havia sido destruído por Sebastian.

— Isabelle, você não precisa de um parceiro, porque não vai lutar. É nova demais. E se sequer pensar no assunto, mato você.— Alec levantou a cabeça. — Espere... *aquele é o Magnus*?

Isabelle, seguindo o olhar dele, riu.

— Alec, é licantrope. Uma licantrope menina. Aliás, é ela, como se chama? May.

— Maia — corrigiu Simon. Estava a alguma distância, com calças de couro marrom e uma camiseta preta apertada que dizia O QUE NÃO ME MATA... É MELHOR FUGIR DE MIM. Uma corda fina prendia seus cabelos trançados. Virou, como se estivesse sentindo os olhos nela, e sorriu. Simon retribuiu o sorriso. Isabelle o olhou furiosa. Simon parou de sorrir abruptamente. Quando exatamente sua vida tinha ficado tão complicada?

O rosto de Alec acendeu.

— Lá está Magnus — disse, e saiu sem olhar para trás, abrindo caminho pela multidão até o espaço onde o bruxo alto estava. A surpresa de Magnus quando

Alec se aproximou foi visível, mesmo de longe.

— É até bonitinho — disse Isabelle, olhando para eles —, sabe, de um jeito meio idiota.

— Idiota por quê?

— Porque — explicou Isabelle — Alec está tentando fazer com que Magnus o leve a sério, mas nunca sequer falou sobre ele com os nossos pais, nem mesmo que gosta de, você sabe...

— Feiticeiros? — disse Simon.

— Muito engraçado. — Isabelle o encarou. — Você sabe o que quero dizer. O que está acontecendo aqui é...

— O que está acontecendo aqui, exatamente? — perguntou Maia, chegando perto o suficiente para que conseguissem ouvi-la. — Quero dizer, não estou entendendo direito essa história de parceiros. Como vai funcionar?

— Assim. — Simon apontou para Alec e Magnus, que estavam um pouco afastados da multidão, num espaço pequeno no qual só havia eles. Alec estava desenhando na mão de Magnus com uma expressão concentrada, os cabelos negros caindo para a frente e escondendo os olhos.

— Então todos temos que fazer isso? — disse Maia. — Receber desenhos, quero dizer.

— Só se forem lutar — disse Isabelle, olhando friamente para a outra. — Você não parece ter 18 anos ainda.

Maia sorriu.

— Não sou Caçadora de Sombras. Licantropes são considerados adultos aos 16.

— Bem, assim sendo terá que receber um desenho — disse Isabelle. — De um Caçador de Sombras. Então é melhor procurar por um.

— Mas... — Maia, ainda olhando para Alec e Magnus, interrompeu-se e ergueu as sobrancelhas. Simon virou para ver o que ela estava olhando, e encarou.

Alec estava com os braços em volta de Magnus, beijando o feiticeiro com tudo, na boca. Magnus, que parecia em estado de choque, estava congelado no lugar. Diversos grupos de pessoas — tanto Caçadores de Sombras quanto integrantes do Submundo — encaravam e cochichavam. Olhando para o lado, Simon viu os Lightwood, com olhos arregalados e queixo caído com a exibição. Maryse estava com a mão na boca.

Maia parecia perplexa.

— Espere um segundo — disse ela. — Todos nós temos que fazer aquilo também?

Pela sexta vez, Clary examinou a multidão, procurando Simon. Não conseguia encontrá-lo. A sala era uma massa de Caçadores de Sombras e integrantes do Submundo, a multidão se espalhando por portas abertas e pelos degraus do lado de fora. Por todos os lados havia lampejos de estelas conforme os do Submundo e os Caçadores de Sombras se uniam em pares e se Marcavam. Clary viu Maryse Lightwood esticando a mão para uma fada alta e de pele verde tão pálida e régia quanto ela própria. Patrick Penhallow trocava Marcas solenemente com um feiticeiro cujo cabelo brilhava com faíscas azuis. Pelas paredes do Salão, Clary podia ver o brilho do Portal na praça. As estrelas brilhando pelo vidro conferiam um ar surrealista àquilo tudo.

— Incrível, não? — disse Luke. Estava na beira do palanque, olhando pela sala. — Caçadores de Sombras e membros do Submundo, se associando, no mesmo recinto. Trabalhando juntos. — Parecia maravilhado. A única coisa em que Clary conseguia pensar era que gostaria que Jace estivesse presente para ver aquilo tudo. Não conseguia colocar de lado o medo que sentia por ele, independentemente do quanto tentasse. A ideia de que ele pudesse encarar Valentim, de que fosse arriscar a vida por se acreditar amaldiçoado, de que pudesse morrer sem jamais saber que não era verdade...

— Clary — disse Jocelyn, levemente entretetida —, ouviu o que eu disse?

— Ouvi — disse Clary —, e é incrível. Eu sei.

Jocelyn pôs a mão sobre a de Clary.

— Não era isso que eu estava falando. Luke e eu vamos lutar. Sei que sabe disso. Você ficará aqui com Isabelle e as outras crianças.

— Não sou criança.

— Sei que não é, mas é jovem demais para lutar, e mesmo que não fosse, nunca foi treinada.

— Não quero ficar sentada aqui sem fazer nada.

— Nada? — disse Jocelyn, espantada. — Clary, nada disso estaria acontecendo se não fosse por sua causa. Não teríamos nem a chance de lutar se não fosse você. Estou tão orgulhosa. Só queria dizer que apesar de eu e Luke precisarmos ir, vamos voltar. Vai ficar tudo bem.

Clary encarou a mãe nos olhos tão verdes quanto os seus próprios.

— Mãe — disse ela. — Não minta.

Jocelyn respirou fundo e se levantou, puxando a mão de volta. Antes que pudesse dizer alguma coisa, algo chamou a atenção de Clary — um rosto familiar na multidão. Uma figura esguia, escura, movendo-se certeira em direção a eles, passando com uma graça surpreendente pelo Salão lotado — como se pudesse *atravessar* a multidão, como fumaça pelos buracos de uma grade.

E *era* o que estava fazendo, percebeu Clary, enquanto ele se aproximava do

palanque. Raphael, vestido com a mesma camisa branca e calça preta que trajava na primeira vez em que o vira. Tinha se esquecido do quanto ele era franzino. Mal parecia ter 14 anos ao subir as escadas, o rosto fino calmo e angelical, como um coroinha nos degraus de uma igreja.

— Raphael. — A voz de Luke parecia espantada, misturada com alívio. — Não pensei que fosse vir. As Crianças Noturnas reconsideraram a união a nós na luta contra Valentim? Ainda há um assento aberto no Conselho para vocês, se quiserem. — E esticou a mão para Raphael.

Os olhos claros e adoráveis de Raphael o encararam sem qualquer expressão.

— Não posso apertar sua mão, lobisomem. — Quando Luke se ofendia, sorria, apenas o suficiente para exibir as pontas brancas das presas. — Sou uma Projeção — disse, levantando a mão para que pudessem ver a luz atravessando-a. — Não posso tocar em nada.

— Mas... — Luke olhou para o luar que atravessava pelo telhado. — Por que... — Abaixou a mão. — Bem, estou feliz em vê-lo aqui. Independentemente da forma como tenha escolhido aparecer.

Raphael balançou a cabeça. Por um instante, repousou os olhos em Clary — um olhar de que ela não gostou muito —, em seguida voltou-se para Jocelyn, com o sorriso ainda maior.

— Você — disse ele —, mulher de Valentim. Outros da minha espécie, que lutaram ao seu lado na Ascensão, me falaram a seu respeito. Admito que jamais acreditei que fosse vê-la pessoalmente.

Jocelyn inclinou a cabeça.

— Muitas das Crianças Noturnas lutaram bravamente na ocasião. Sua presença aqui indica que podemos lutar em parceria mais uma vez?

Era estranho, pensou Clary, ouvir a mãe falar daquela maneira fria e formal, e no entanto parecia natural para Jocelyn. Tão natural quanto sentar no chão com velhos macacões, segurando um pincel.

— Espero que sim — disse Raphael, e seu olhar passou por Clary outra vez, como o toque de uma mão fria. — Só temos uma simples exigência, bem pequena. Se ela for honrada, as Crianças Noturnas de muitas terras lutarão felizes ao seu lado.

— O assento no Conselho? — disse Luke. — Claro, pode ser formalizado, os documentos preparados em uma hora...

— Não — interrompeu Raphael —, não estou falando do assento no Conselho. É outra coisa.

— Outra coisa? — ecoou Luke confuso. — O que é? Garanto a você, se estiver a nosso alcance...

— Ah, está sim. — O sorriso de Raphael cegava. — Aliás, é algo que está

dentro das paredes deste Salão enquanto falamos. — Ele se virou e gesticulou com graça para a multidão. — É o menino Simon que queremos — disse. — O Diurno.

O túnel era longo e cheio de curvas, retorcendo-se sobre si mesmo, como se Jace estivesse se arrastando pelas entranhas de um monstro enorme. Cheirava a pedra molhada, cinzas e mais alguma coisa, algo úmido e estranho que lembrava ligeiramente o cheiro da Cidade dos Ossos.

Finalmente, o túnel desembocou em uma câmara circular. Enormes estalactites, com as superfícies lustrosas como joias, penduravam-se de um teto alto e irregular de pedra. O chão era liso como se tivesse sido polido, alternando aqui e ali com estampas misteriosas de pedras incrustadas. Uma série de

estalagmites circundava a câmara. No centro havia uma única estalagmite de quartzo, enorme, subindo do chão como uma presa gigante, marcada aqui e ali com um desenho avermelhado. Olhando de perto, Jace viu que as laterais de estalagmite eram transparentes, e a estampa avermelhada efeito de alguma coisa se movendo *dentro* dela, como um tubo de ensaio cheio de fumaça colorida.

No alto, a luz se filtrava por um buraco circular na pedra, uma claraboia natural. A câmara certamente tinha sido projetada, e não fruto de algum acidente geográfico — as estampas complexas no chão deixavam isso claro —, mas quem teria escavado uma câmara subterrânea tão gigantesca, e por quê?

Um grasnido agudo ecoou pelo recinto, enviando um choque pelos nervos de Jace. Ele se lançou para atrás de uma estalagmite volumosa, apagando a pedra de luz enfeitiçada exatamente no momento em que duas figuras surgiram das sombras na entrada mais distante e vieram em direção a ele, com as cabeças próximas em uma conversa. Só quando chegaram ao centro e a luz os atingiu que Jace conseguiu reconhecê-los.

Sebastian.

E Valentim.

Esperando evitar a multidão, Simon pegou o caminho mais longo até o palanque, se escondendo atrás dos inúmeros pilares que se alinhavam nas laterais do Salão. Manteve a cabeça abaixada enquanto seguia, perdido nos próprios pensamentos. Parecia estranho que Alec, apenas um ou dois anos mais velho que Isabelle, estivesse partindo para lutar em uma guerra, e que o resto deles fosse ficar para trás. E Isabelle parecia calma em relação a isso. Sem grito, sem histeria. Era como se esperasse. Talvez fosse o caso. Talvez todos já estivessem esperando.

Ele estava perto do palanque quando levantou os olhos e viu, para sua surpresa, Raphael diante de Luke, como sempre, quase sem expressão. Luke, por outro lado, parecia agitado — balançava a cabeça, gesticulava em protesto, e Jocelyn, ao lado dele, aparentava estar furiosa. Simon não conseguia ver o rosto de Clary — estava de costas para ele — mas a conhecia suficientemente bem para reconhecer a tensão que carregava nos ombros.

Sem querer ser visto por Raphael, Simon se escondeu atrás de um pilar, ouvindo a conversa. Mesmo com o falatório da multidão, conseguia escutar a voz de Luke que se erguia.

— Está fora de cogitação — dizia Luke. — Não posso acreditar que teve a coragem de pedir.

— E não posso acreditar que tem a coragem de recusar. — A voz de Raphael era fria e clara, o tom, ainda agudo de menino. — É uma coisa tão pequena.

— Não é uma *coisa*. — Clary parecia furiosa. — É o Simon. Ele é uma *pessoa*.

— É um vampiro — disse Raphael. — Coisa de que parecem se esquecer.

— E você não é um vampiro também? — perguntou Jocelyn, o tom tão frio quanto em todas as vezes em que Clary e Simon arrumaram problemas por fazerem alguma coisa estúpida. — Está dizendo que a *sua* vida não tem valor?

Simon pressionou-se contra o pilar. O que estava acontecendo?

— Minha vida tem muito valor — disse Raphael —, uma vez que é, ao contrário da sua, eterna. Não há limites para o que posso conquistar, enquanto há um fim claro no que lhe concerne. Mas a questão não é essa. Ele é um vampiro, um dos meus, e estou solicitando-o de volta.

— Não pode tê-lo *de volta* — irritou-se Clary. — Ele nunca foi seu. Nunca sequer se interessou por ele até descobrir que podia andar à luz do dia...

— Pode ser — disse Raphael —, mas não pelo motivo que pensa — esticou a cabeça, seus olhos brilhantes, suaves e escuros de um lado para o outro, como os de um pássaro. — Nenhum vampiro deve ter o poder que ele tem — disse —, assim como nenhum Caçador de Sombras deve ter os poderes que você e seu irmão têm. Durante anos nos disseram que éramos errados e anormais. Mas isso, *isso* sim é anormal.

— Raphael. — O tom de Luke era de aviso. — Não sei o que quer. Mas não existe a menor chance de permitirmos que machuque Simon.

— Mas permitirá que Valentim e o exército de demônios machuquem todas estas pessoas, seus aliados. — Raphael fez um gesto que varria a sala. — Vai permitir que arrisquem a vida por vontade própria, mas não dá a mesma escolha a Simon? Talvez a dele fosse diferente da sua — abaixou os braços. — Sabe que do contrário não lutaremos ao seu lado. As Crianças Noturnas não farão parte deste dia.

— Então não façam — disse Luke. — Não comprarei sua colaboração com uma vida inocente. Não sou Valentim.

Raphael voltou-se para Jocelyn.

— E você, Caçadora de Sombras? Vai permitir que este lobisomem decida o que é melhor para o seu povo?

Jocelyn olhava para Raphael como se ele fosse uma barata que tivesse encontrado no chão limpo da cozinha. Muito lentamente, ela disse:

— Se você encostar uma mão no Simon, vampiro, eu o cortarei em pedacinhos e darei para meu gato comer. Entendeu?

A boca de Raphael enrijeceu.

— Muito bem — disse ele. — Quando estiverem todos mortos em Brocelind, perguntará a si mesma se uma vida valia tantas.

Desapareceu. Luke se virou rapidamente para Clary, mas Simon não estava mais olhando para eles: olhava as próprias mãos. Pensou que estariam tremendo, mas estavam tão paradas quanto as de um cadáver. Lentamente, fechou-as.

Valentim estava como sempre, um homem grande num uniforme de Caçador de Sombras modificado, os ombros largos e espessos em desacordo com o rosto afiado e de feições finas. Estava com a Espada Mortal nas costas, em uma capa de couro grande. Vestia um largo cinto com diversas armas: espessas adagas de caça, punhais estreitos e facas recurvadas para esfolar. Olhando para Valentim por trás da pedra, Jace se sentiu como sempre em relação ao pai — uma persistente afeição familiar corroída por frieza, decepção e desconfiança.

Era estranho ver o pai com Sebastian, que estava... diferente. Também usava um uniforme, com uma espada longa de cabo prateado na cintura, mas não foi a roupa que causou estranheza a Jace. Foi o cabelo, não mais uma cobertura de mechas negras, mas claro, brilhante, uma espécie de ouro branco. Caía bem nele, para falar a verdade, melhor que o cabelo escuro; a pele não parecia mais assustadoramente pálida. Provavelmente pintara o cabelo para se parecer mais com o verdadeiro Sebastian Verlac, e esta era sua verdadeira aparência. Uma onda amarga e turva de ódio passou por Jace, e teve que se conter para manter-se atrás da pedra e não avançar com tudo na garganta de Sebastian.

Hugo grasniu novamente e desceu para pousar no ombro de Valentim. Uma estranha angústia percorreu Jace quando viu o corvo na posição que havia se tornado tão familiar durante os anos em que conhecera Hodge. Hugo praticamente morava no ombro do tutor, e vê-lo no de Valentim parecia estranho, até mesmo errado, apesar de tudo que Hodge tinha feito.

Valentim esticou a mão e acariciou as penas brilhantes do pássaro, assentindo com a cabeça como se os dois estivessem imersos em um diálogo. Sebastian assistiu, com as claras sobrancelhas arqueadas.

— Alguma palavra de Alicante? — quis saber, enquanto Hugo deixava o ombro de Valentim, erguendo-se novamente no ar, as asas esfregando as pontas parecidas com joias das estalactites.

— Nada tão compreensível como eu gostaria — disse Valentim. O som da voz do pai, frio e sereno como sempre, atravessou Jace como uma flecha. Suas mãos se contorceram involuntariamente e ele as pressionou com força nas laterais, grato pelo pedregulho que o escondia. — Uma coisa é certa. A Clave está se aliando à força de membros do Submundo de Lucian.

Sebastian franziu o rosto.

— Mas Malaquias disse...

— Malaquias fracassou. — A mandíbula de Valentim estava rígida.

Para surpresa de Jace, Sebastian se aproximou e pôs a mão no braço de Valentim. Havia alguma coisa naquele toque — algo íntimo e familiar — que causou em Jace a sensação de ter o estômago invadido por um ninho de minhocas. Ninguém tocava Valentim daquela maneira. Nem ele teria tocado o

pai assim.

— Está chateado? — perguntou Sebastian, com o mesmo tom do toque na voz, a mesma presunção grotesca e peculiar de proximidade.

— A Clave está mais contaminada do que imaginei. Sabia que os Lightwood estavam inteiramente corrompidos, e esse tipo de corrupção é contagioso. Por isso tentei impedir que entrassem em Idris. Mas o resto... ter deixado a mente ser levada tão facilmente pelo veneno de Lucian, quando ele nem ao menos é um Nephilim... — O nojo de Valentim era evidente, mas não se afastou de Sebastian, Jace percebeu com incredulidade crescente, nem se mexeu para tirar a mão pousada em seu ombro. — Estou decepcionado. Pensei que enxergariam a razão. Preferia não terminar as coisas desse jeito.

Sebastian parecia entretido.

— *Eu* não concordo — falou. — Pense neles, prontos para a luta, em busca da glória, apenas para descobrir que não importa. Que o gesto é fútil. Pense nas expressões estampadas nos rostos. — A boca se esticou em um sorriso.

— Jonathan. — Valentim suspirou. — Essa é uma necessidade feia, nada com que se deleitar.

Jonathan? Jace se agarrou na pedra, com as mãos repentinamente escorregadias. Por que Valentim chamaria Sebastian pelo *seu* nome? Teria sido um erro? Mas Sebastian não parecia surpreso.

— Não é melhor se eu gostar do que estou fazendo? — disse Sebastian. — Certamente me diverti em Alicante. Os Lightwood foram melhores companhias do que você me fez acreditar, principalmente aquela Isabelle. Certamente nos separamos no clímax. Quanto a Clary...

Só de ouvir Sebastian falar o nome de Clary, o coração de Jace parou, repentina e dolorosamente.

— Não foi nada como pensei que seria — prosseguiu Sebastian, petulante. — Não se parecia em nada comigo.

— Não há ninguém no mundo como você, Jonathan. Quanto a Clary, ela sempre foi exatamente como a mãe.

— Não admite o que realmente quer — disse Sebastian. — Ainda não. Mas vai acabar cedendo.

Valentim ergueu a sobrancelha.

— Como assim, vai acabar cedendo?

Sebastian sorriu, um sorriso que encheu Jace com uma raiva quase incontrolável. Ele mordeu o lábio com força, sentindo gosto de sangue.

— Ah, você sabe — disse Sebastian. — Vai passar para o nosso lado. Mal posso esperar. Enganá-la foi uma das coisas mais divertidas que já fiz.

— Não era para estar se divertindo. Era para ter descoberto o que ela estava

procurando. E quando encontrou, sem você, devo acrescentar, deixou que entregasse a um feiticeiro. Depois fracassou em trazê-la consigo quando saiu, apesar da ameaça que ela representa para nós. Não é exatamente um resultado glorioso, Jonathan.

— *Tentei* trazê-la. Mas não tiraram os olhos dela, e eu não podia sequestrá-la no meio do Salão dos Acordos. — Sebastian parecia aborrecido. — Além disso, como falei, ela não faz ideia de como utilizar o poder de criação de símbolos dela. É ingênua demais para representar qualquer perigo...

— Seja lá o que a Clave esteja planejando agora, ela é a figura central — disse Valentim. — Foi o que Hugin disse. Ele a viu no palanque no Salão dos Acordos. Se puder mostrar à Clave o poder que tem...

Jace sentiu um súbito medo por Clary, misturado a uma estranha sensação de orgulho — claro que estava no centro das coisas. Esta era *sua* Clary.

— Então vão lutar — disse Sebastian. — Que é o que queremos, não é? Clary não importa. É a batalha que importa.

— Acho que a subestima — disse Valentim, baixinho.

— Fiquei de olho nela — falou Sebastian. — Se o poder dela fosse tão ilimitado quanto você pensa, poderia tê-lo utilizado para tirar o amiguinho vampiro da prisão, ou salvar o tolo do Hodge enquanto morria...

— Poder não precisa ser ilimitado para ser mortal — disse Valentim. — Quanto a Hodge, talvez devesse mostrar um pouco mais de reserva no tocante à morte dele, considerando que foi você quem o matou.

— Ele estava prestes a contar a eles sobre o Anjo. *Tive* que matar.

— *Quis* matar. Sempre quer. — Valentim pegou um par pesado de luvas de couro do bolso e as vestiu lentamente. — Talvez tivesse contado. Talvez não. Durante todos aqueles anos em que ele cuidou de Jace no Instituto, deve ter imaginado o que estava criando. Hodge era um dos poucos que sabia que havia mais de um menino. Sabia que não me trairia, era covarde demais para isso. — Flexionou os dedos nas luvas, franzindo o rosto.

Mais de um menino? Do que Valentim estava falando?

Sebastian descartou Hodge com um aceno.

— Quem se importa com o que ele pensava? Já está morto, e foi tarde. — Seus olhos negros brilharam. — Vai ao lago agora?

— Vou. Já sabe o que tem que ser feito? — Valentim levantou o queixo em direção à espada na cintura de Sebastian. — Use essa aí. Não é a Espada Mortal, mas sua aliança é suficientemente demoníaca para esse propósito.

— Não posso ir ao lago com você? — A voz de Sebastian tinha assumido um tom claramente manhoso. — Não podemos liberar o exército agora?

— Ainda não é meia-noite. Eu disse que daria até meia-noite. Pode ser que

mudem de ideia.

— Não vão m...

— Dei minha palavra. Vou cumpri-la. — O tom de Valentim era final. — Se Malaquias não se pronunciar até meia-noite, abra o portão. — Vendo a hesitação de Sebastian, Valentim pareceu impaciente. — Preciso que faça isso, Jonathan. Não posso esperar aqui até meia-noite; levarei quase uma hora para chegar ao lago pelos túneis, e não tenho a menor intenção de permitir que a batalha se estenda por muito tempo. Gerações futuras deverão saber com que rapidez a Clave perdeu, e o quão conclusiva foi nossa vitória.

— É que vou lamentar não ver a invocação. Gostaria de estar lá quando fizer. — O olhar de Sebastian era ávido, mas havia algo calculado embaixo, alguma coisa sarcástica, gananciosa, planejada, e estranha e deliberadamente... *fria*. Mas isso não pareceu incomodar Valentim.

Para espanto de Jace, Valentim tocou a lateral do rosto de Sebastian, um gesto rápido e claramente afetuoso, antes de se virar e andar até a parede mais afastada da caverna, onde coágulos espessos de sombras se reuniam. Ele parou ali, uma figura pálida em contraste com a escuridão.

— Jonathan — chamou novamente, e Jace olhou, sem conseguir se conter. — Você vai olhar no rosto do Anjo um dia. Afinal de contas, herdará os Instrumentos Mortais quando eu me for. Talvez um dia você também invoque Raziel.

— Eu gostaria disso — disse Sebastian, e ficou completamente parado enquanto Valentim, com um aceno final, desaparecia na escuridão.

A voz de Sebastian caiu para um meio sussurro.

— Gostaria muito — rosnou. — Gostaria de cuspir na cara no desgraçado. — Girou, o rosto uma máscara branca sob a fraca luz. — É melhor aparecer, Jace — disse ele. — Sei que está aqui.

Jace congelou — mas apenas por um segundo. O corpo se moveu antes que a mente tivesse tempo de acompanhar, colocando-se de pé. Correu para a entrada do túnel, pensando somente em chegar do lado de fora, em mandar um recado a Luke, de algum jeito.

Mas a entrada estava bloqueada. Sebastian estava parado lá, com a expressão fria e de regozijo, os braços esticados, os dedos quase tocando as paredes do túnel.

— Sério — disse ele —, não pensou que fosse mais rápido do que eu, pensou?

Jace parou. O coração batia irregular no peito, como um metrônomo quebrado, mas a voz estava firme:

— Considerando que sou melhor do que você sob todos os aspectos possíveis, não tinha por que não pensar.

Sebastian apenas sorriu.

— Pude ouvir seu coração batendo — disse, suavemente. — Quando estava me assistindo com Valentim. Ficou incomodado?

— Com o fato de parecer que você está namorando meu pai? — Jace deu de ombros. — Você é meio jovem para ele, na minha opinião.

— *O quê?* — Pela primeira vez desde que o conhecera, Sebastian parecia espantado. Mas Jace só conseguiu curtir por um instante, antes da compostura de Sebastian voltar. Mas havia um brilho escuro em seus olhos que indicava que não tinha perdoado Jace por fazê-lo perder a calma. — Pensei em você algumas vezes — prosseguiu Sebastian, com a mesma voz suave. — Parecia haver alguma coisa em você, ocasionalmente, alguma coisa atrás desses olhos amarelos. Um rastro de inteligência, ao contrário do restante da sua família adotiva idiota. Mas suponho que seja apenas uma pose, um ar de desafiador. É tão tolo quanto o resto, apesar da sua década de boa criação.

— O que você sabe sobre a minha criação?

— Mais do que pode imaginar. — Sebastian abaixou as mãos. — O mesmo homem que o criou também me criou. Só que não se cansou de mim depois dos primeiros dez anos.

— O que quer dizer? — A voz de Jace veio em um sussurro, depois, enquanto olhava para o rosto imóvel e sisudo de Sebastian, pareceu enxergar o outro como que pela primeira vez: os cabelos brancos, os olhos pretos como carvão, as linhas rígidas da face, como algo esculpido em pedra, e viu mentalmente o rosto do pai como o anjo havia mostrado, jovem, afiado, alerta e faminto, e *soube*. — Você — disse ele. — Valentim é seu pai. Você é meu *irmão*.

Mas Sebastian não estava mais na frente dele; de repente estava atrás, com os braços ao redor dos ombros de Jace, como se quisesse abraçá-lo, mas tinha as mãos cerradas.

— Saudações e adeus, meu irmão — disparou, e apertou os braços, cortando a respiração de Jace.

Clary estava exausta. Uma dor de cabeça latejante, efeito colateral de ter desenhado o símbolo da Aliança, havia se instalado em sua fronte. Parecia que alguém estava tentando chutar uma porta para abri-la pelo lado de dentro.

— Está tudo bem? — Jocelyn pôs a mão no ombro da filha. — Não está com cara de quem está passando bem.

Clary olhou para baixo — e viu o símbolo aracnídeo sobre a parte de cima da mão da mãe, sua contraparte na palma de Luke. O estômago dela apertou. Estava conseguindo lidar com o fato de que dentro de algumas horas a mãe poderia estar de fato *combatendo um exército de demônios* — mas somente porque oprimia o pensamento cada vez que ele surgia.

— Só estou me perguntando onde Simon está. — Clary se levantou. — Vou atrás dele.

— Lá embaixo? — Jocelyn olhou preocupada para a multidão. Estava diminuindo agora, Clary notou, à medida que os que tinham sido Marcados saíam pelas portas para a praça do lado de fora. Malaquias estava perto da entrada, o rosto de bronze impassível enquanto dizia a Caçadores de Sombras e membros do Submundo aonde ir.

— Vou ficar bem. — Clary passou pela mãe e por Luke pelos degraus do palanque. — Já volto.

Pessoas se viravam para encarar enquanto ela descia e deslizava para a escuridão. Podia sentir os olhos nela, o *peso* dos olhares. Examinou a multidão, procurando pelos Lightwood, ou por Simon, mas não viu ninguém que conhecesse — e era difícil ver qualquer coisa sobre o amontoado de gente, considerando sua estatura. Com um suspiro, Clary foi para o lado oeste do Salão, onde a multidão era menor.

No instante em que se aproximou da linha alta de pilares de mármore, a mão de alguém saltou do meio de dois deles e a puxou de lado. Clary teve tempo de arquejar em surpresa, em seguida estava na escuridão atrás do maior pilar, com as costas contra a parede fria de mármore, as mãos de Simon agarrando seus braços.

— Não grite, tá? Sou só eu — disse ele.

— Claro que não vou gritar. Não seja ridículo. — Clary olhou de um lado para o outro, imaginando o que estaria acontecendo. Só conseguia ver pedacinhos do Salão, entre os pilares. — Mas por que está dando uma de James Bond? Estava mesmo indo procurá-lo.

— Eu sei. Estava esperando você descer do palanque. Queria falar com você onde mais ninguém pudesse ouvir. — Lambeu os lábios, nervoso. — Ouvi o que Raphael disse. O que queria.

— Ah, Simon. — Os ombros de Clary arquearam. — Ouça, não aconteceu

nada. Luke o mandou embora...

— Talvez não devesse ter feito isso — disse Simon. — Talvez devesse ter dado a Raphael o que ele queria.

Ela piscou.

— Quer dizer *você*? Não seja tolo. Não existe a menor possibilidade...

— Existe uma possibilidade. — O aperto dele em seus braços aumentou. — Quero fazer isso. Quero que Luke diga a Raphael que haverá acordo. Ou eu mesmo direi.

— Sei o que está fazendo — protestou Clary. — E respeito e admiro, mas não precisa fazer isso, Simon, não precisa. O que Raphael está pedindo é errado, e ninguém vai julgá-lo por não se sacrificar por uma guerra que nem é sua.

— Mas é isso — disse Simon. — O que Raphael disse está certo. Eu *sou* um vampiro, e você se esquece disso. Ou talvez só queira esquecer. Mas faço parte do Submundo, e você é Caçadora de Sombras, e essa guerra é de nós dois.

— Mas não é como eles...

— Sou um deles — falou lenta e deliberadamente, como se quisesse se certificar de que ela entendesse cada palavra que proferia — e sempre serei. Se os integrantes do Submundo lutarem essa guerra sem a participação dos que estão com Raphael, então não haverá assento para as Crianças Noturnas no Conselho. Não farão parte do mundo que Luke está tentando criar, um mundo onde Caçadores de Sombras e membros do Submundo trabalharão juntos. Um mundo em que estejam juntos. Os vampiros serão excluídos disso. Serão os inimigos dos Caçadores de Sombras. Eu serei *seu* inimigo.

— Nunca poderia ser sua inimiga.

— Isso me mataria — disse Simon simplesmente. — Mas não posso ajudar em nada ficando aqui fingindo que não sou parte disso. E não estou pedindo permissão. Gostaria que me ajudasse. Mas se não quiser, peço para Maia me levar ao acampamento dos vampiros de qualquer forma, e me entrego a Raphael. Entendeu?

Ela o encarou. Ele estava segurando seus braços com tanta força que Clary podia sentir o sangue pulsando na pele sob as mãos dele. Passou a língua pelos lábios secos; a boca estava com um gosto amargo.

— O que posso fazer — sussurrou —, para ajudar?

Olhou para Simon, incrédula enquanto ele falava. Já estava balançando a cabeça antes mesmo de ele terminar, jogando o cabelo para a frente e para trás, quase cobrindo os olhos.

— Não — disse ela —, essa ideia é louca, Simon. Não é um presente; é um *castigo*...

— Talvez não para mim — disse Simon. Olhou para a multidão, e Clary viu

Maia lá, olhando para eles, a expressão nitidamente curiosa. Estava claro que esperava por Simon. *Rápido demais*, pensou Clary. *Tudo está acontecendo rápido demais*.

— É melhor do que a alternativa, Clary.

— Não...

— Pode ser que não me machuque. Quero dizer, *já* fui castigado, não fui? Já não posso entrar em igrejas, sinagogas, não posso dizer... não posso dizer nomes sagrados, não posso envelhecer, já estou privado de uma vida normal. Talvez isso não mude nada.

— Mas talvez mude.

Ele soltou os braços dela, escorregou a mão para a lateral, e tirou a estela de Patrick do cinto de Clary. Entregou-a a ela.

— Clary — disse ele. — Faça isso por mim. Por favor.

Clary pegou a estela com dedos dormentes e a levantou, encostando a ponta na pele de Simon, logo acima dos olhos. *A primeira Marca*, dissera Magnus. A primeira. Pensou nisso, e a estela começou a se mover como um dançarino quando a música começa. Linhas pretas se traçaram na testa dele como uma flor desabrochando num rolo de filme acelerado. Quando terminou, sua mão direita doía e ardia, mas ao recuar para olhá-lo, soube que tinha desenhado uma coisa perfeita, estranha e antiga, algo que remetia aos primórdios da história. Brilhava como uma estrela sobre os olhos de Simon enquanto ele passava os dedos na própria testa, com a expressão deslumbrada e confusa.

— Posso sentir — disse ele. — Como uma queimadura.

— Não sei o que vai acontecer — sussurrou Clary. — Não sei quais são os efeitos colaterais que isso pode ter a longo prazo.

Com um meio sorriso torto, ele levantou a mão para tocá-la na bochecha.

— Vamos torcer para que a gente tenha a chance de descobrir.

19

Peniel

Maia ficou em silêncio durante quase todo o caminho para a floresta, mantendo a cabeça abaixada e olhando de um lado para o outro apenas ocasionalmente, com o nariz enrugado em concentração. Simon ficou imaginando se ela estaria *farejando* o caminho, e decidiu que, apesar de um pouco estranho, certamente contava como um talento útil. Também descobriu que não precisava se apressar para acompanhá-la, independentemente da rapidez com que ela se movesse. Mesmo quando chegaram ao pátio gasto que levava até a floresta e Maia começou a correr — rápida, quieta e mantendo-se próxima ao chão —, ele não teve dificuldades de acompanhar. Era um aspecto de ser vampiro que ele podia dizer honestamente que o agradava.

Foi rápido demais; o bosque ficou mais denso e eles estavam correndo entre as árvores, sobre um solo arranhado e cheio de raízes grossas, denso com folhas caídas. Os galhos acima formavam padrões entrelaçados contra o céu aceso pelas estrelas. Eles emergiram do meio das árvores e se viram em uma clareira com pedregulhos espalhados que brilhavam como dentes brancos e quadrados. Havia pilhas de folhas aqui e ali, como se alguém tivesse passado por ali com um ancinho gigante.

— Raphael! — Maia colocou as mãos ao redor da boca e estava chamando com uma voz alta o suficiente para assustar os pássaros das árvores no alto. — Raphael, mostre-se!

Silêncio. Então as sombras se moveram; um barulho tamborilado soou, como chuva atingindo um telhado de lata. As folhas empilhadas no chão sopraram pelo ar em pequenos ciclones. Simon ouviu Maia tossir; estava com as mãos erguidas, como que para espantar folhas para longe do rosto, dos olhos.

Tão repentinamente quanto o vento surgiu, assentou. Raphael estava lá, a apenas alguns centímetros de Simon. Cercando-o, havia um grupo de vampiros, pálidos e imóveis como árvores ao luar. Tinham expressões frias, completamente hostis. Reconheceu-os do Hotel Dumort: a pequena Lily e o louro Jacob, os olhos estreitos como facas. Mas havia vários que nunca tinha visto antes.

Raphael deu um passo para a frente. Sua pele estava lívida, os olhos envoltos por sombras negras, mas sorriu ao ver Simon.

— Diurno — disse sob a respiração. — Você veio.

— Vim — disse Simon. — Estou aqui, então, está feito.

— Está longe de estar feito, Diurno. — Raphael olhou para Maia. — Licantrope — disse ele. — Volte ao líder do seu bando e agradeça-o por ter mudado de ideia. Diga a ele que as Crianças Noturnas irão lutar ao lado dele em Brocelind.

O rosto de Maia estava rijo.

— Luke não mudou...

Simon interrompeu-a rapidamente:

— Tudo bem, Maia. Vá.

Os olhos dela estavam luminosos e tristes.

— Simon, pense bem — disse ela. — Não precisa fazer isso.

— Preciso sim. — O tom era firme. — Maia, muito obrigado por me trazer aqui. Agora vá.

— Simon...

Ele abaixou a voz.

— Se *não* for, matarão nós dois, e tudo isso terá sido em vão. Vá. Por favor.

Ela assentiu e se virou, Transformando-se conforme girava, de modo que em um instante era uma menina humana, com as tranças batendo nos ombros, e no seguinte, atingiu o chão correndo de quatro, uma loba veloz e silenciosa. Saiu correndo da clareira e desapareceu nas sombras.

Simon virou-se novamente para os vampiros — e quase gritou; Raphael estava bem ali, a poucos centímetros dele. De perto, a pele dele tinha os traços escuros que denunciavam a fome. Simon pensou na noite no Hotel Dumort — rostos aparecendo das sombras, risadas fugazes, cheiro de sangue — e estremeceu.

Raphael esticou o braço para Simon e o pegou pelos ombros, as mãos enganadoramente leves eram fortes como ferro.

— Vire a cabeça — disse ele —, e olhe para as estrelas; será mais fácil assim.

— Então você *vai* me matar — disse Simon. Para a própria surpresa, não sentiu medo, nem mesmo qualquer agitação; tudo parecia ter desacelerado e se tornado perfeitamente claro. Estava ao mesmo tempo ciente de cada folha nos galhos acima, cada pedrinha no chão, cada par de olhos fixado nele.

— O que você achava? — disse Raphael, com um pouco de tristeza, Simon notou. — Não é pessoal, garanto. É como disse antes, você é perigoso demais para poder continuar como está. Se eu soubesse o que você se tornaria...

— Jamais teria me deixado sair daquela cova. Eu sei — disse Simon.

Raphael encontrou seu olhar.

— Todos fazem o que precisam para sobreviver. Sob esse aspecto, somos exatamente como os humanos. — Seus dentes de agulha desceram como delicadas lâminas. — Será rápido. — Inclinou-se para a frente.

— Espere! — disse Simon, e quando Raphael recuou com o cenho franzido, falou novamente, com mais força: — Espere! Tem uma coisa que preciso mostrar.

Raphael emitiu um baixo sussurro sibilado.

— É bom que não esteja apenas tentando me atrasar, Diurno.

— Não é isso. Tem uma coisa que achei que devesse ver — Simon esticou o

braço e tirou o cabelo da testa. Pareceu um gesto tolo, até teatral, mas ao fazê-lo, viu o rosto pálido e desesperado de Clary ao olhar para ele, com a estela na mão, e pensou: *bem, por ela, pelo menos tentei*.

O efeito em Raphael foi ao mesmo tempo assustador e instantâneo. Chegou para trás como se Simon tivesse brandido um crucifixo nele, com os olhos arregalando.

— Diurno — disparou —, quem fez isso com você?

Simon apenas arregalou os olhos. Não sabia ao certo qual reação esperava, mas não era aquela.

— Clary — disse Raphael, respondendo à própria pergunta —, é claro. Só um poder como o dela permitiria isso, um vampiro, Marcado, e com uma Marca como essa...

— Uma Marca como *o quê*? — perguntou Jacob, o louro esguio logo atrás de Raphael. O resto dos vampiros também os encarava, com expressões que misturavam confusão e temor. Qualquer coisa que assustasse Raphael, pensou Simon, certamente também os assustaria.

— Esta Marca — disse Raphael, ainda olhando somente para Simon — não é uma daquelas do Livro Gray. É uma Marca ainda mais antiga que ele. Uma das anciãs, desenhada pelas mãos do próprio Marcador. — Fez menção de tocar a testa de Simon, mas não pareceu capaz de fazê-lo; sua mão hesitou por um instante, em seguida pendeu ao lado de seu corpo. — Há registros sobre Marcas como esta, mas nunca tinha visto uma. E esta...

Simon disse:

— "Portanto quem matar a Caim, sete vezes sobre ele cairá a vingança. E pôs o Senhor um sinal em Caim, para que não o ferisse quem quer que o encontrasse." Pode *tentar* me matar, Raphael. Mas eu não aconselharia.

— A Marca de Caim? — disse Jacob, incrédulo. — Essa Marca em você é a Marca de *Caim*?

— Mate-o — disse uma vampira ruiva que estava perto de Jacob. Falava com um sotaque forte, russo, pensou Simon, apesar de não ter certeza. — Mate-o assim mesmo.

A expressão de Raphael era um misto de fúria e incredulidade.

— Não o farei — disse ele. — Qualquer mal feito a ele voltará contra o causador sete vezes. Essa é a natureza da Marca. Claro que, se qualquer um de vocês quiser assumir o risco, por favor, fique à vontade.

Ninguém falou ou se moveu.

— Não achei que fosse o caso — disse Raphael. Seus olhos esquadrinharam Simon. — Como a rainha malvada no conto de fadas, Lucian Graymark me mandou uma maçã envenenada. Suponho que ele estivesse torcendo para que eu

o machucasse e sofresse a punição subsequente.

— Não — disse Simon de repente. — Não, Luke sequer sabe o que fiz. O gesto dele foi de boa-fé. Você precisa honrar sua palavra.

— Então você *escolheu* isso? — Pela primeira vez havia alguma coisa além de desprezo, pensou Simon, na maneira como Raphael olhava para ele. — Esse não é um feitiço protetor simples, Diurno. Sabe qual foi o castigo de Caim? — perguntou suavemente, como se compartilhasse um segredo com Simon. — "E agora maldito és tu desde a terra. Fugitivo e viajante serás."

— Então — disse Simon —, me tornarei um viajante. Farei o que for preciso.

— Tudo isso — disse Raphael —, tudo isso pelos Nephilim.

— Não apenas pelos Nephilim — disse Simon. — Estou fazendo isso por vocês também. Mesmo que não queiram — levantou a voz de modo que os vampiros silenciosos ao redor pudessem ouvi-lo. — Estava preocupado que outros vampiros soubessem do que me aconteceu e pensassem que sangue de Caçadores de Sombras poderia permitir que andassem durante o dia também. Mas não é por isso que tenho este poder. Foi uma coisa que Valentim fez. Um experimento. Ele provocou isso, não Jace. E não pode ser refeito. Jamais acontecerá novamente.

— Suponho que esteja falando a verdade — disse Jacob, para a surpresa de Simon. — Certamente conheci uma ou duas Crianças Noturnas que provaram sangue de Caçador de Sombras no passado. Nenhuma delas desenvolveu *afeição* ao sol.

— Uma coisa era recusar ajuda aos Caçadores de Sombras antes — disse Simon, voltando-se outra vez para Raphael —, mas agora, agora que me mandaram para cá... — deixou o restante da frase no ar.

— Não tente me chantagear, Diurno — disse Raphael. — Uma vez que as Crianças Noturnas fecham um acordo, cumprem com a própria parte, independentemente do quão mau tenha sido o negócio — sorriu ligeiramente, os dentes de agulha brilhando no escuro. — Só uma coisa — falou. — Um último ato que solicito de você, para provar que de fato agiu de *boa-fé*. — A ênfase que colocou nas últimas palavras pesava com frieza.

— O quê? — perguntou Simon.

— Não seremos os únicos vampiros lutando a batalha de Lucian Graymark — disse Raphael. — Você também vai.

Jace abriu os olhos em um redemoinho prateado. Sua boca estava cheia de um líquido amargo. Tossiu, imaginando por um instante se estaria se afogando — mas se estivesse, seria em terra seca. Estava sentado ereto com as costas contra uma estalagmite, e suas mãos estavam atadas atrás. Tossiu novamente e a boca se encheu de sal. Não estava se afogando, percebeu, mas engasgando com sangue.

— Acordou, irmãozinho? — Sebastian se ajoelhou na frente dele, com um pedaço de corda nas mãos, um sorriso como uma faca desembainhada. — Ótimo. Por um instante temi que o tivesse matado cedo demais.

Jace virou a cabeça para o lado e cuspiu uma enorme quantidade de sangue no chão. Parecia que tinha um balão inflando em sua cabeça, pressionando o interior do crânio. O redemoinho prateado a seu redor desacelerou e parou, revelando o desenho brilhante das estrelas visíveis através do buraco no telhado da caverna.

— Esperando uma ocasião especial para me matar? O Natal está chegando.

Sebastian olhou pensativo para Jace.

— Tem uma boca grande. Não foi com Valentim que aprendeu isso. O que *de fato* aprendeu com ele? Não me parece que ele tenha ensinado muito sobre luta também. — Inclinou-se mais para perto. — Sabe o que ele me deu de aniversário quando fiz nove anos? Uma lição. Ele me ensinou que tem um ponto nas costas de um homem no qual, se você afundar uma faca, pode perfurar o coração e romper a espinha, de uma vez só. O que *você* ganhou no nono aniversário, anjinho? Um biscoito?

Nono aniversário? Jace engoliu em seco.

— Então me diga, em que buraco ele estava mantendo *você* enquanto eu crescia? Pois não me lembro de tê-lo visto na mansão.

— Cresci neste vale. — Sebastian apontou com o queixo para a saída da caverna. — Também não lembro de tê-lo visto por aqui, pensando bem. Mas sabia sobre você. Aposto que não sabia sobre mim.

Jace balançou a cabeça.

— Valentim nunca quis se gabar a seu respeito. Não consigo imaginar o motivo.

Os olhos de Sebastian brilharam. Era fácil ver, agora, a semelhança com Valentim: a mesma combinação incomum de cabelo branco-prateado e olhos pretos, os mesmos ossos finos que, em outro rosto menos forte, o fariam parecer delicado.

— Sabia sobre você — disse ele. — Mas você não sabe de nada, sabe? — Sebastian se levantou. — Eu o queria vivo para que pudesse ver isso, irmãozinho — falou. — Então observe, e com muita atenção. — Com um movimento tão

veloz que foi quase invisível, sacou a espada da cintura. Tinha um cabo prateado e, como a Espada Mortal, brilhava com uma luz fraca e escura. Uma estampa de estrelas se projetou na superfície da lâmina negra; capturando a verdadeira luz das estrelas enquanto Sebastian virava a lâmina, e queimava como fogo.

Jace prendeu a respiração. Ficou imaginando se Sebastian meramente desejava matá-lo; mas não, já o teria feito enquanto estivera inconsciente, se fosse essa sua intenção. Jace observou enquanto Sebastian se aproximava do centro da câmara, com a espada firme na mão, apesar de ela aparentar ser muito pesada. Sua mente girava. Como Valentim podia ter outro filho? Quem era a mãe dele? Outra pessoa no Ciclo? Era mais velho ou mais novo que Jace?

Sebastian tinha chegado à enorme estalagmite tingida de vermelho no centro da caverna. Parecia pulsar conforme ele se aproximava, e a fumaça no interior girou mais depressa. Sebastian fechou os olhos até a metade e levantou a lâmina. Disse alguma coisa — uma palavra em língua demoníaca — e manejou a espada, num golpe rápido e firme, em um arco cortante.

O topo da estalagmite quebrou. Dentro, era oca como um tubo de ensaio, cheio de uma massa de fumaça preta e vermelha que girava para cima como gás escapando de um balão furado. Um rugido soou — menos um som, mais uma espécie de pressão explosiva. Jace sentiu os ouvidos estalarem. De repente, ficou difícil respirar. Queria agarrar o colarinho da camisa, mas não conseguia mexer as mãos: estavam muito bem presas.

Sebastian estava meio escondido atrás da coluna que expelia vermelho e preto. A fumaça se enroscava e serpenteava para cima.

— Veja! — gritou, o rosto brilhando. Os olhos estavam acesos, o cabelo branco batendo ao vento, e Jace ficou imaginando se o pai teria sido parecido com aquilo quando era jovem: terrível e, no entanto, fascinante de alguma forma. — Contemple o exército de Valentim!

A voz dele foi afogada pelo som. Era um barulho como o da maré batendo na costa, a quebra de uma onda enorme, trazendo grandes detritos consigo, os ossos esmagados de cidades inteiras, o avanço de um grande poder maligno. Uma coluna enorme de escuridão se retorcia num borbotão, jorrando da estalagmite, como um funil pelo ar, vazando em direção — e através — do buraco rasgado no telhado da caverna. Demônios. Levantavam-se gritando, uivando e rosnando, uma massa borbulhante de garras, presas, dentes e olhos flamejantes. Jace se lembrou de estar deitado no convés do navio de Valentim enquanto o céu, a terra e o mar em volta se transformavam num pesadelo; isso era pior. Era como se a terra tivesse se partido e o inferno transbordado. Os demônios carregavam um fedor como o de mil corpos em decomposição. As mãos de Jace se contorceram uma na outra até as cordas lhe cortarem o pulso, fazendo-o sangrar. Sentiu um

gosto amargo na boca e engasgou, impotente, com sangue e bile enquanto os últimos demônios subiam e desapareciam no alto, uma onda escura de horror riscando as estrelas.

Jace achou que tivesse desmaiado por um minuto ou dois. Certamente houve um período de negritude durante o qual os berros e uivos no alto desbotaram e ele pareceu pairar pelo ar, entre a terra e o céu, com um senso de destacamento que era de alguma forma... pacífico.

Acabou depressa demais. De repente, foi jogado de volta para o próprio corpo, os pulsos em agonia. Seus ombros se esticaram para trás, o fedor dos demônios tão pesado no ar que ele se virou de lado e teve ânsias de vômito incontroláveis. Ouviu uma risada seca e levantou o olhar, engolindo em seco para aliviar o gosto ácido na garganta; Sebastian se ajoelhou, com as pernas entre as de Jace, os olhos brilhando.

— Tudo bem, irmãozinho — disse. — Eles já foram.

Os olhos de Jace estavam úmidos, a garganta nua e arranhada. A voz era um resmungo:

— Ele disse meia-noite. Valentim disse para abrir o portão à meia-noite. Não pode ser meia-noite ainda.

— Sempre acho melhor pedir perdão do que permissão nessas situações. — Sebastian olhou para o céu vazio agora. — Devem levar uns cinco minutos para chegar à planície Brocelind daqui, muito menos do que meu pai levará para chegar ao lago. Quero ver um pouco de sangue Nephilim derramado. Quero que se contorçam e morram no chão. Merecem vergonha antes do esquecimento.

— Acha mesmo que os Nephilim têm tão poucas chances contra os demônios? Não é como se estivessem despreparados...

Sebastian fez um movimento de descaso com o pulso.

— Pensei que estivesse nos ouvindo. Não entendeu o plano? Não sabe o que meu pai vai fazer?

Jace não disse nada.

— Foi bondade sua — disse Sebastian — me levar até Hodge naquela noite. Se ele não tivesse revelado que o espelho que procurávamos era o Lago Lyn, não sei se esta noite seria possível. Porque qualquer um que detenha os dois primeiros Instrumentos Mortais e se coloque diante do Vidro Mortal pode invocar o Anjo Raziel nele, exatamente como o Caçador de Sombras Jonathan fez há mil anos. E depois que se invoca o Anjo, pode-se pedir uma coisa dele. Uma tarefa. Um... favor.

— Um favor? — Jace sentiu frio por todo o corpo. — E Valentim vai pedir a derrota dos Caçadores de Sombras em Brocelind?

Sebastian se levantou.

— Isso seria um desperdício — disse. — Não. Vai pedir que todos os Caçadores de Sombras que não beberam do Cálice Mortal, todos os que não são seus seguidores, tenham os poderes removidos. Não serão mais Nephilim. E, dessa forma, com as Marcas que carregam... — sorriu. — Vão se tornar Renegados, presa fácil para os demônios, e os membros do Submundo que não tiverem fugido serão rapidamente erradicados.

Os ouvidos de Jace apitavam com um ruído baixo e duro. Sentiu-se tonto.

— Mesmo Valentim — disse —, mesmo Valentim jamais faria isso...

— Por favor — disse Sebastian. — Você realmente acha que meu pai não vai levar a cabo o que planejou?

— *Nosso* pai — disse Jace.

Sebastian olhou para ele. Seus cabelos eram uma aura branca; parecia com a espécie de anjo mau que teria seguido Lúcifer para fora do céu.

— Perdão — disse ele, com um ar entretido. — Você está *rezando*?

— Não. Eu disse *nosso* pai. Estava falando de Valentim. Não é *seu* pai. Nosso.

Por um instante, Sebastian ficou sem expressão; em seguida o canto da boca se ergueu e ele sorriu.

— Anjinho — disse ele. — Você é um tolo, não é? Exatamente como meu pai sempre falou que era.

— Por que fica me chamando assim? — perguntou Jace. — Por que fica tagarelando sobre anjos...

— Meu Deus — disse Sebastian —, você não sabe *nada*, sabe? Alguma vez o meu pai disse a você alguma palavra que não fosse mentira?

Jace balançou a cabeça. Estava puxando as cordas que amarravam os pulsos, mas a cada vez que o fazia, elas pareciam ficar mais apertadas. Podia sentir a própria pulsação em cada um de seus dedos.

— Como sabe que ele não mentiu para *você*?

— Porque tenho o sangue dele. Sou exatamente como ele. Quando ele se for, vou controlar a Clave em seu lugar.

— Eu não me gabaria sobre ser exatamente como ele se fosse você.

— Tem isso, também. — A voz de Sebastian não tinha qualquer emoção. — Não finjo ser nada além do que sou. Não me comporto como se ficasse horrorizado por meu pai fazer o que é necessário para salvar os dele, mesmo que eles não queiram ou, se quer saber minha opinião, mereçam, ser salvos. Quem você preferiria ter como filho, um menino que sente orgulho de ser seu filho, ou outro que se acovarda de você, que sente vergonha e medo?

— Não tenho medo de Valentim — disse Jace.

— E não deveria — disse Sebastian. — Devia ter medo de mim.

Havia alguma coisa na voz dele que fez Jace abandonar a luta contra as cordas

e levantar os olhos. Sebastian continuava empunhando a espada. Era uma coisa linda e escura, pensou Jace, mesmo quando Sebastian abaixou a ponta e a repousou sobre a clavícula de Jace, tocando levemente seu pomo de Adão.

Jace lutou para manter a voz firme.

— Agora o quê? Vai me matar enquanto estou amarrado? Pensar em lutar contra mim o assusta a esse ponto?

Nada, nem uma faísca de emoção, passou pelo rosto pálido de Sebastian.

— Você — disse ele — não representa qualquer ameaça a mim. É uma pestilência. Um incômodo.

— Então por que não me desamarra?

Sebastian, completamente parado, o encarou. Parecia uma estátua, pensou Jace, como a estátua de um príncipe morto há muito tempo — alguém que morrera jovem e mimado. E era essa a diferença entre Sebastian e Valentim; apesar de partilharem da mesma aparência de mármore, Sebastian tinha o ar de alguma coisa arruinada — alguma coisa comida por dentro.

— Não sou tolo — disse Sebastian —, e você não pode me enganar. Só o deixei vivo por tempo o suficiente para que pudesse ver os demônios. Agora quando morrer, pode voltar aos seus anjos ancestrais e dizer que não há mais lugar para eles neste mundo. Falharam com a Clave, e a Clave não precisa mais deles. Temos Valentim agora.

— Está me matando porque quer que eu mande uma mensagem a *Deus* para você? — Jace balançou a cabeça, a ponta da lâmina arranhando sua garganta. — É mais louco do que eu pensava.

Sebastian simplesmente sorriu e pressionou um pouco mais a lâmina; quando Jace engoliu, pôde sentir a ponta afundando em sua traqueia.

— Se tiver alguma oração de verdade, irmãozinho, faça agora.

— Não tenho nenhuma oração — disse Jace. — Mas tenho um recado. Para o nosso pai. Pode passar para ele?

— Claro — falou Sebastian suavemente, mas alguma coisa na maneira como disse, um breve indício de hesitação antes de falar, confirmou o que Jace já estava pensando.

— Está mentindo — disse. — Não vai transmitir o recado, porque não pretende contar a ele o que fez. Ele nunca pediu que me matasse, e não ficará feliz ao descobrir.

— Bobagem. Você não é nada para ele.

— Você acha que ele nunca vai saber o que me aconteceu se me matar agora, aqui. Pode dizer a ele que morri na batalha, ou ele simplesmente concluirá que foi isso que aconteceu. Mas está errado se acha que ele não vai saber. Valentim sempre sabe.

— Não sabe do que está falando — disse Sebastian, mas seu rosto enrijeceu.

Jace continuou, explorando a vantagem:

— Mas não pode esconder o que está fazendo. Existe uma testemunha.

— Uma testemunha? — Sebastian pareceu quase surpreso, o que Jace contou como uma espécie de vitória. — Do que você está falando?

— O corvo — disse Jace. — Está observando das sombras. Vai contar tudo a Valentim.

— Hugin? — O olhar de Sebastian levantou, e apesar de o corvo não estar visível em lugar algum, o rosto de Sebastian, quando voltou-se novamente para o de Jace, estava cheio de dúvidas.

— Se Valentim souber que me matou enquanto estava amarrado e indefeso, sentirá nojo de você — disse Jace, e ouviu a própria voz cair nas cadências do pai, na maneira como Valentim falava quando queria alguma coisa: suave e persuasiva. — Vai dizer que é um covarde. E jamais o perdoará.

Sebastian não disse nada. Estava olhando para Jace, os lábios tremendo, e ódio borbulhando atrás dos olhos como veneno.

— Solte-me — disse Jace suavemente. — Solte-me e lute comigo. É a única maneira.

Os lábios de Sebastian estremeceram de novo, intensamente, e dessa vez Jace achou que tivesse ido longe demais. Sebastian puxou a espada para trás e levantou-a, o luar irrompeu em milhares de cacos prateados, prateados como seus cabelos. Exibiu os dentes — e o ruído da espada cortou o ar noturno com um grito enquanto ele a trazia para baixo em um arco giratório.

Clary estava sentada nos degraus do palanque no Salão dos Acordos, segurando a estela nas mãos. Nunca havia se sentido tão sozinha. O Salão estava completa e totalmente vazio. Clary havia procurado em todos os cantos por Isabelle depois que os combatentes atravessaram o Portal, mas não a tinha encontrado. Aline dissera que Isabelle provavelmente estava na casa dos Penhallow, onde ela própria e outros adolescentes deveriam tomar conta de pelo menos uma dúzia de crianças que não tinham idade para lutar. Tentou convencer Clary a ir junto, mas ela não quis. Se não conseguisse encontrar Isabelle, preferia ficar sozinha a ficar com quase estranhos. Ou foi o que pensou. Mas sentada aqui, achou o silêncio e o vazio cada vez mais opressivos. Mesmo assim, não se moveu. Estava se empenhando ao máximo para não pensar em Jace, em Simon, não pensar na mãe, em Luke ou Alec — a única maneira de não pensar, constatou, era ficar parada encarando um único quadrado de mármore no chão, contando as rachaduras nele, incessantemente.

Havia seis. *Uma, duas, três. Quatro, cinco, seis*. Concluiu a contagem e começou novamente. *Uma*...

O céu acima dela explodiu.

Ou pelo menos foi como soou. Clary jogou a cabeça para trás e olhou para cima, através do teto claro do Salão. O céu estivera escuro há um segundo; agora era uma massa giratória de chama e escuridão, coberta por uma bizarra luz alaranjada. *Coisas* se moviam contra aquela luz — coisas horríveis que não queria ver, coisas que a faziam se sentir agradecida à escuridão por impedir que visse. Rápidos olhares já eram ruins o bastante.

A claraboia transparente acima tremulava e se curvava enquanto a hoste de demônios passava, como se estivesse sendo deformada por um tremendo calor. Finalmente, ouviu-se um ruído como de um tiro, e uma rachadura enorme apareceu no vidro, expandindo-se em incontáveis fissuras. Clary desviou, cobrindo a cabeça com as mãos, enquanto o vidro chovia a seu redor como lágrimas.

Estavam quase no campo de batalha quando o ruído veio, rasgando a noite ao meio. Em um instante, a floresta estava tão silenciosa quanto escura. No seguinte, o céu acendeu com um brilho laranja infernal. Simon cambaleou e quase caiu; segurou um tronco de árvore para se manter de pé, mal conseguindo acreditar no que via. Ao redor, todos os outros vampiros olhavam para o alto, as faces brancas como flores noturnas, levantando-se para alcançar o luar enquanto um pesadelo cruzava o céu atrás do outro.

— Você não para de desmaiar — disse Sebastian. — É extremamente tedioso.

Jace abriu os olhos. Uma dor lancinante em sua cabeça. Levantou a mão para tocar o lado do rosto — e percebeu que não estava mais amarrado. Tinha uma corda solta no pulso. A mão voltou do rosto preta — sangue, escuro ao luar.

Olhou em volta. Não estavam mais na caverna: encontrava-se deitado sobre terra macia e grama no chão do vale, não muito longe da casa de pedra. Podia ouvir o ruído da água no riacho, claramente próximo. Galhos de árvores entrelaçados no alto bloqueavam parte da luz da lua, mas ainda estava suficientemente claro.

— Levante-se — disse Sebastian. — Tem cinco segundos antes que o mate onde está.

Jace se levantou o mais lentamente possível. Continuava um pouco tonto. Lutando para se equilibrar, enfiou os calcanhares na terra, tentando adquirir um pouco de estabilidade.

— Por que me trouxe aqui?

— Dois motivos — disse Sebastian. — Primeiro, gostei de nocauteá-lo. Segundo, seria ruim para qualquer um de nós derrubar sangue no chão daquela caverna. Pode acreditar. E pretendo derramar muito sangue seu.

Jace apalpou o cinto, e seu coração afundou. Ou havia derrubado quase todas as armas enquanto Sebastian o arrastava pelos túneis ou, o mais provável, Sebastian as tinha jogado fora. Tudo que restara era uma adaga. Uma lâmina curta — curta demais, nada que se comparasse à espada.

— Não é exatamente uma arma, isso aí. — Sebastian sorriu, dentes brancos em contraste com a escuridão banhada pelo luar.

— Não posso lutar com isso — disse Jace, tentando soar tão trêmulo e nervoso quanto possível.

— Que pena. — Sebastian se aproximou de Jace, com um sorriso malicioso. Segurava a espada sem tanta firmeza, teatralmente despreocupado, as pontas dos dedos tamborilando um ritmo leve no cabo. Se em algum momento fosse ter uma abertura, pensou Jace, provavelmente era agora. Puxou o braço para trás e socou a cara de Sebastian com a máxima força possível.

Ossos trituraram sob suas juntas. O golpe enviou Sebastian ao chão. Caiu para trás na terra, a espada voou da mão dele. Jace a pegou ao avançar, e um segundo depois estava sobre Sebastian, com a lâmina na mão.

O nariz de Sebastian sangrava, uma linha escarlate correndo pelo rosto. Esticou o braço e puxou o colarinho, exibindo a garganta pálida.

— Então, vá em frente — disse ele. — Mate-me de uma vez.

Jace hesitou. Não queria hesitar, mas lá estava: a irritante relutância em matar alguém deitado indefeso no chão à sua frente. Jace se lembrou de Valentim, provocando-o em Renwick, desafiando o filho a matá-lo, e de não ter conseguido. Mas Sebastian era um assassino. Tinha matado Max e Hodge.

Ergueu a espada.

E Sebastian se levantou do chão, mais rápido do que o olhar era capaz de

acompanhar. Pareceu voar no ar, executando uma cambalhota elegante e aterrissando graciosamente na grama, a poucos centímetros de distância. Ao fazê-lo, desferiu um chute, atingindo a mão de Jace. O golpe arrancou a espada dele. Sebastian pegou-a no ar, rindo, e atacou com a lâmina, mirando o coração de Jace. Jace deu um salto para trás e a lâmina cortou o ar, logo à frente dele, rasgando sua camisa na frente. Uma dor aguda, e Jace sentiu o sangue escapando de um corte superficial no peito.

Sebastian riu, avançando em direção a Jace, que recuou, pegando a adaga precária no cinto ao fazê-lo. Olhou em volta, torcendo desesperadamente para haver mais alguma coisa que pudesse utilizar como arma — um bastão, qualquer coisa. Ao redor, não havia nada além de grama, o rio correndo e as árvores no alto, os galhos se espalhando pelo alto como uma rede esverdeada. De repente, se lembrou da Configuração Malaquias onde a Inquisidora o prendera. Sebastian não era o único capaz de saltar.

Sebastian atacou novamente, mas Jace já tinha saltado — impulsionando-se pelo ar. O galho mais baixo estava a mais ou menos seis metros de distância; agarrou-o, balançando-se para cima dele. Ajoelhando no galho, viu Sebastian, no chão, girar e olhar para cima. Jace arremessou a adaga e ouviu Sebastian gritar. Sem fôlego, levantou-se...

E de repente Sebastian estava no galho ao lado dele. Seu rosto pálido estava ruborizado de raiva, o braço com que segurara a espada escorrendo sangue. Tinha derrubado a arma, evidentemente, na grama, apesar de isso só os deixar em pé de igualdade, pensou Jace, considerando que ele também não tinha mais a adaga. Viu com alguma satisfação que pela primeira vez Sebastian parecia *furioso* — furioso e surpreso, como se um animal de estimação que considerava domado o tivesse mordido.

— Foi divertido — disse Sebastian. — Mas agora acabou.

Lançou-se para cima de Jace, pegando-o pela cintura, derrubando-o do galho. Caíram seis metros pelo ar, engalfinhados, atacando um ao outro — e atingiram o chão com força, o bastante para que Jace visse estrelas atrás dos olhos. Agarrou o braço ferido de Sebastian e enterrou os dedos nele; Sebastian berrou e bateu no rosto de Jace. A boca de Jace se encheu com gosto salgado de sangue; engasgou-se ao rolarem pela terra, socando um ao outro. Sentiu um repentino choque de um frio polar; tinham rolado pelo declive até o rio e estavam deitados meio dentro, meio fora da água. Sebastian arfou, e Jace aproveitou para agarrar seu pescoço e fechar as mãos ao redor, apertando. Sebastian engasgou, agarrou o pulso direito de Jace e o jogou para trás, com força o bastante para quebrar os ossos. Jace se ouviu gritando, a própria voz distante, e Sebastian aproveitou a vantagem, girando o pulso quebrado sem dó até Jace soltá-lo e cair na lama

aguada, com um uivo de agonia.

Com os joelhos pressionados contra o peito de Jace, um deles afundando em suas costelas, Sebastian sorriu para ele. Os olhos brilhavam em branco e preto por entre a máscara de sujeira e sangue. Algo brilhava em sua mão direita. A adaga de Jace. Devia tê-la pegado no chão. A ponta estava diretamente sobre o coração de Jace.

— E cá estamos na mesma posição de cinco minutos atrás — disse Sebastian. — Teve sua chance, Wayland. Alguma palavra final?

Jace olhou para cima, sangue escorrendo da boca, os olhos ardendo com suor, e sentiu somente vazio e exaustão. Seria realmente assim que morreria?

— Wayland? — disse. — Você sabe que meu nome não é esse.

— É tanto quanto Morgenstern — disse Sebastian. Inclinou-se para a frente, apoiando o próprio peso na adaga. A ponta perfurou a pele de Jace, provocando uma onda de dor pelo corpo dele. O rosto de Sebastian estava a poucos centímetros de distância, a voz um sussurro sibilado: — Você *realmente* achou que fosse filho de Valentim? Realmente achou que uma coisa patética e manhosa feito você era digna de ser um Morgenstern, de ser *meu irmão*? — Jogou o cabelo branco para trás: estava fino com suor e água do rio. — Você é uma troca — disse. — Meu pai o arrancou de um cadáver para transformá-lo num experimento. Tentou criá-lo como filho dele, mas você era fraco demais para servir para alguma coisa. Não podia ser um guerreiro. Era um nada. Inútil. Então ele o mandou para os Lightwood e torceu para que pudesse ter alguma utilidade mais tarde, como um chamariz. Ou isca. *Nunca o amou*.

Jace piscou os olhos, que ardiam.

— Então você...

— *Eu* sou filho de Valentim. Jonathan Christopher Morgenstern. Você nunca teve direito a esse nome. É um fantasma. Um fingidor. — Os olhos dele estavam pretos e brilhantes, como carapaças de insetos mortos, e de repente Jace ouviu a voz da mãe, como que em um sonho... mas ela não era mãe dele... dizendo *Jonathan não é mais um bebê. Sequer é humano; é um monstro.*

— É você — disse Jace sem fôlego. — É você que tem sangue de demônio. Não eu.

— Isso mesmo. — A adaga se enterrou mais um milímetro na carne de Jace. Sebastian continuava sorrindo, mas era um sorriso largo demais, como de uma caveira. — Você é o menino-anjo. Tive que ouvir tudo a seu respeito. Com seu rostinho lindo e angelical, os bons modos e os sentimentos delicados, tão delicados. Não conseguia sequer ver um pássaro morrer sem chorar. Não era à toa que Valentim tinha vergonha de você.

— Não. — Jace se esqueceu do sangue na boca, da dor. — É de você que ele

tem vergonha. Acha que ele não o levou para o lago porque precisava que ficasse para trás para abrir o portão à meia-noite? Como se não soubesse que você não conseguiria esperar. Não o levou junto porque tem vergonha de se colocar diante do Anjo e mostrar a ele o que fez. Mostrar a *coisa* que criou. Mostrar *você* — Jace olhou para Sebastian; conseguia sentir uma pena terrível, triunfante, ardendo nos próprios olhos. — Sabe que não há nada de humano em você. Talvez o ame, mas o odeia também...

— Cale a boca! — Sebastian empurrou a adaga, girando o cabo. Jace arqueou para trás com um grito, e agonia explodiu como um raio atrás de seus olhos. *Vou morrer*, pensou. *Estou morrendo*. É o fim. Imaginou se o coração já tinha sido perfurado. Não conseguia se mexer, nem respirar. Sabia agora como uma borboleta devia se sentir ao ser pregada em um quadro. Tentou falar, dizer um nome, mas nada além de sangue saiu da sua boca.

E mesmo assim Sebastian pareceu ler o olhar.

— *Clary*. Quase me esqueci. Está apaixonado por ela, não é? A vergonha de seus impulsos incestuosos imundos quase deve tê-lo matado. Pena que não sabia que ela não era sua irmã. Poderia ter passado o resto da vida com ela, se não fosse tão burro. — Curvou-se para baixo, enfiando a faca com mais força, arranhando um osso com a ponta. Falou ao ouvido de Jace, uma voz suave como um sussurro. — Ela também o amava — disse. — Mantenha isso em mente enquanto morre.

A escuridão veio como uma inundação pelos cantos dos olhos, como tinta derramando em uma foto, borrando a imagem. De repente, não havia mais dor nenhuma. Não sentia nada, nem mesmo o peso de Sebastian, era como se estivesse flutuando. O rosto de Sebastian pairou sobre ele, branco contra a escuridão, a adaga levantada na mão. Algo dourado e brilhante reluziu no pulso de Sebastian, como se estivesse com uma pulseira. Mas não era uma pulseira, pois estava se movendo. Sebastian olhou para a mão, surpreso, enquanto a adaga caía e batia na lama com um ruído.

Em seguida a própria mão, separada do pulso, foi parar no chão também.

Jace olhou, tonto, enquanto a mão arrancada de Sebastian quicava ao lado de um par de botas pretas altas. As botas estavam calçadas em um par de pernas delicadas, que subiam até um torso esguio e um rosto familiar coberto por uma cachoeira de cabelos pretos. Jace levantou os olhos e viu Isabelle, com o chicote ensopado de sangue, os olhos fixos em Sebastian, que encarava o pulso sangrento boquiaberto e espantado.

Isabelle sorriu sombriamente.

— Isso foi por Max, desgraçado.

— *Vadia* — sibilou Sebastian, e se levantou enquanto o chicote de Isabelle o

atacou novamente com incrível velocidade. Ele desviou e sumiu. Ouviu-se um ruído. Provavelmente desapareceu por entre as árvores, pensou Jace, apesar de a dor ser demais para que pudesse virar e olhar.

— Jace! — Isabelle se ajoelhou sobre ele, a estela brilhando na mão esquerda. Estava com os olhos brilhantes com lágrimas; devia estar péssimo, percebeu Jace, para Isabelle ter ficado daquele jeito.

— Isabelle. — Tentou dizer. Tentou dizer a ela para correr, fugir, pois independente do quão espetacular e corajosa fosse, e era tudo isso, não chegava aos pés de Sebastian. E não tinha a menor chance de Sebastian permitir que uma coisinha ínfima como ter a mão arrancada o parasse. Mas tudo que saiu da boca de Jace foi um barulho como um gorgolejo.

— Não fale. — Ele sentiu a ponta da estela queimar na pele do peito. — Vai ficar tudo bem. — Isabelle sorriu trêmula para ele. — Provavelmente está imaginando que diabos estou fazendo aqui — falou. — Não sei o quanto você sabe, não sei o que Sebastian contou, mas você não é filho de Valentim. — O símbolo *iratze* já estava quase concluído; Jace já conseguia sentir a dor diminuindo. Acenou com a cabeça singelamente, tentando dizer para ela: *eu sei*. — Então, eu não ia vir atrás de você depois que fugiu, pois você disse no bilhete que não era para fazer isso, e entendi. Mas não podia deixá-lo morrer pensando que tinha sangue de demônio, sem contar que não há nada de errado com você, apesar de, sinceramente, como você pode sequer pensar uma coisa dessas... — a mão de Isabelle estremeceu e ela congelou, sem querer estragar a marca. — E você precisava saber que Clary não é sua irmã — disse, mais gentilmente. — Porque... porque precisava. Então pedi que Magnus me ajudasse a rastreá-lo. Usei o soldadinho de madeira que você deu para Max. Acho que normalmente Magnus não teria ajudado, mas digamos que ele estava com um humor *surpreendentemente* bom, e talvez eu tenha dito que Alec queria que o fizesse, apesar de não ser *estritamente* verdade, mas ele vai demorar um pouco para descobrir. E quando soube onde estava, bem, ele já tinha armado o Portal, e eu sou *muito* boa em passar sorrateiramente.

Isabelle gritou. Jace tentou alcançá-la, mas ela estava além do alcance, sendo levantada, jogada para o lado. O chicote caiu de sua mão. Ajoelhou-se desajeitadamente, mas Sebastian já estava ali. Os olhos ardiam com raiva, e havia um pano ensanguentado em volta do pulso. Isabelle mirou no chicote, porém, Sebastian foi mais rápido. Girou e deu um chute nela, com força. O pé calçado acertou-a nas costelas. Jace quase pensou que pudesse ter *escutado* as costelas de Isabelle quebrando enquanto ela voava para trás, aterrissando desajeitada sobre a lateral do corpo. Ele a ouviu gritar — Isabelle, que nunca gritava de dor — enquanto Sebastian chutava outra vez e pegava o chicote dela,

brandindo-o na mão.

Jace rolou para o lado. O *iratze* quase concluído ajudou, mas a dor no peito ainda era forte, e ele sabia, de uma forma distante, que o fato de que estava tossindo sangue provavelmente significava que o pulmão estava perfurado. Não sabia quanto tempo teria. Minutos, provavelmente. Procurou pela adaga onde Sebastian a havia derrubado, perto dos restos da mão. Jace se levantou, cambaleando. O cheiro de sangue estava por todos os lados. Pensou na visão de Magnus, no mundo transformado em sangue, e na mão escorregadia ainda prendendo o cabo da arma.

Deu um passo para a frente. Depois mais um. Cada passo parecia como arrastar os pés por cimento. Isabelle estava gritando palavrões para Sebastian, que ria enquanto lançava o chicote contra o corpo dela. Os gritos atraíram Jace como se fosse um peixe em um anzol, mas enfraqueciam à medida que se movia. O mundo girava como um carrossel.

Mais um passo, disse Jace a si mesmo. Mais um. Sebastian estava de costas para ele; estava concentrado em Isabelle. Provavelmente achava que Jace já estava morto. E quase estava mesmo. *Um passo*, disse a si mesmo, mas não conseguia, não conseguia arrastar os pés por mais nem um passo. Sua visão estava sendo tomada pela escuridão — uma escuridão mais profunda que a do sono. Uma escuridão que apagaria tudo que já tinha visto e traria um repouso absoluto. Pacífico. Pensou, de repente, em Clary — Clary como a vira pela última vez, dormindo, com o cabelo espalhado pelo travesseiro e a bochecha apoiada na mão. Naquele instante achou que jamais havia visto nada tão pacífico, mas é claro que ela só estava dormindo, como qualquer outra pessoa dormiria. Não tinha sido a paz dela que o surpreendera, mas a dele próprio. A paz que sentia ao estar com ela era diferente de tudo que já houvesse conhecido.

Sentiu uma dor percorrendo sua espinha e percebeu, surpreso, que, de algum jeito, contra a própria vontade, as pernas o tinham guiado para a frente naquele último passo crucial. Sebastian estava com o braço para trás, o chicote brilhando na mão; Isabelle deitada na grama, um monte encolhido, e não gritava mais — não se movia mais.

— Sua vadiazinha Lightwood — dizia Sebastian. — Devia ter esmagado seu rosto com aquele martelo quando tive a chance...

E Jace levantou a mão, com a adaga empunhada, e enterrou a lâmina nas costas de Sebastian.

Sebastian cambaleou para a frente, derrubando o chicote. Virou-se lentamente e olhou para Jace, e Jace pensou, com um horror distante, que talvez Sebastian não fosse humano, que, no fim das contas, talvez fosse impossível matá-lo. O rosto de Sebastian estava branco, a hostilidade havia desaparecido, e o fogo

escuro dos olhos. Mas não se parecia mais com Valentim. Parecia... assustado.

Abriu a boca, como se quisesse dizer alguma coisa a Jace, mas os joelhos já estavam cedendo. Caiu no chão, a força da queda fazendo-o deslizar pelo declive e para o rio. Parou com as costas contra o chão, os olhos fixos no céu; a água fluía ao redor dele, levando fios escuros de sangue com a corrente.

"Ele me ensinou que tem um ponto nas costas de um homem no qual, se você afundar uma faca, pode perfurar o coração e romper a espinha, de uma vez só", Sebastian dissera. *Acho que ganhamos o mesmo presente naquele ano, meu irmão*, pensou Jace. *Não foi?*

— Jace! — Era Isabelle, o rosto ensanguentado, lutando para sentar. — *Jace*!

Tentou correr em direção a ela, tentou dizer alguma coisa, mas as palavras não saíram. Caiu de joelhos. Um peso enorme o pressionava nos ombros, e a terra o chamava: para baixo, para baixo, para baixo. Mal tinha consciência de Isabelle gritando seu nome enquanto a escuridão o levava.

Simon era um veterano de inúmeras batalhas. Isto é, se batalhas de *Dungeons & Dragons* contassem. Seu amigo Eric era o especialista em história militar e ele geralmente era o responsável pela organização das guerras nos jogos, que envolviam dezenas de bonecos se movendo em linhas pela paisagem lisa desenhada em papel.

Era a maneira como sempre pensara em batalhas — ou como elas aconteciam nos filmes, com dois grupos avançando um sobre outro, num território plano. Linhas retas e progressões organizadas.

Aquilo não era nada assim.

Era um caos, uma refrega de gritos e movimentos, e a paisagem não era lisa, mas uma massa de lama e sangue misturada sobre um pasto espesso e instável. Simon imaginou que as Crianças Noturnas chegariam ao campo de batalha e seriam saudadas por algum encarregado; imaginou que primeiramente veria a batalha de longe, e que assistiria enquanto os dois lados colidiam. Mas não houve saudação, e não havia lados. A batalha se ergueu da escuridão como se ele tivesse saído acidentalmente de uma rua lateral deserta e ido parar em um motim no meio da Times Square — de repente, havia multidões surgindo em volta, mãos o agarrando, empurrando-o para fora do caminho, e os vampiros estavam se espalhando, mergulhando na batalha sem sequer olhar para trás, para ele.

E havia demônios — demônios por todos os lados, e nunca tinha imaginado os tipos de ruídos que emitiam, os gritos, uivos e rosnados, e o pior, os barulhos de rasgos, cortes e satisfação voraz. Simon desejou que pudesse desligar sua audição de vampiro, mas não podia, e os sons eram como facas perfurando-lhe os tímpanos.

Tropeçou sobre um corpo deitado meio dentro e meio fora da lama, virou-se para ver se alguma ajuda era necessária, e viu que o Caçador de Sombras a seus pés havia sido destroçado do pescoço para cima. Ossos brancos reluziam contra a terra escura e, apesar de sua natureza vampiresca, Simon sentiu-se nauseado. *Devo ser o único vampiro do mundo a se enojar com sangue*, pensou, então alguma coisa o atingiu com força por trás, e ele caiu, deslizando por um declive de lama até um fosso.

O corpo de Simon não era o único ali. Rolou de costas exatamente quando um demônio se ergueu sobre ele. Parecia a imagem da Morte em uma representação medieval — um esqueleto animado, a machadinha sangrenta em uma mão ossuda. Desviou para o lado enquanto a lâmina descia, a poucos centímetros de seu rosto. O esqueleto emitiu um ruído de decepção e levantou novamente a machadinha...

E foi atingido na lateral por um taco de madeira. O esqueleto se quebrou como uma piñata cheia de ossos. Desfez-se em pedacinhos com um som como o de

castanholas batendo antes de desaparecerem na escuridão.

Havia um Caçador de Sombras sobre Simon. Não era ninguém que já tivesse visto antes. Um homem alto, barbado e ensanguentado, que passava uma mão suja pela testa enquanto olhava para Simon, deixando uma linha de fuligem no lugar.

— Você está bem?

Espantado, Simon assentiu e começou a se levantar.

— Obrigado.

O estranho se inclinou, oferecendo uma mão para ajudá-lo. Simon aceitou — e foi lançado para fora do fosso. Aterrissou de pé na beira, com os pés deslizando na lama molhada. O estranho deu um sorriso acanhado.

— Desculpe. Força do Submundo... meu parceiro é um lobisomem. Não estou acostumado. — Olhou no rosto de Simon. — Você é um vampiro, certo?

— Como soube?

O homem sorriu. Era um sorriso cansado, mas não havia nada de não amistoso nele.

— Suas presas. Descem quando está lutando. Sei porque... — interrompeu-se. Simon poderia ter concluído a frase por ele: *sei porque já matei muitos vampiros*. — Seja como for. Obrigado. Por lutar conosco.

— Eu... — Simon estava prestes a dizer que ainda não tinha lutado. Ou contribuído com nada, na verdade. Virou-se para falar, e conseguiu pronunciar exatamente uma palavra antes de uma coisa impossivelmente enorme, cheia de garras, e alada descer do céu e enterrar os talões nas costas do Caçador de Sombras.

O homem nem gritou. A cabeça foi para trás, como se tivesse olhado em surpresa, imaginando o que o teria agarrado — em seguida sumiu, chicoteando no céu negro vazio em um giro de dentes e asas. Seu taco caiu no chão aos pés de Simon.

Simon não se moveu. A coisa toda, desde o instante em que caiu no fosso, levou menos de um minuto. Virou-se entorpecido, olhando em volta para as lâminas que rodavam pela escuridão, nas garras de demônios, nos lampejos que corriam aqui e ali pelo escuro como vaga-lumes passando pela folhagem — em seguida percebeu o que eram. As luzes brilhantes de lâminas serafim.

Não podia ver os Lightwood, os Penhallow, Luke, nem mais ninguém que reconhecesse. Não era um Caçador de Sombras. E mesmo assim, aquele homem o agradeceu por lutar. O que tinha dito a Clary era verdade — esta batalha também era dele, e ele era necessário aqui. Não o Simon humano, gentil, nerd e que detestava sangue, mas o Simon vampiro, uma criatura que ele mesmo mal conhecia.

Vampiros de verdade sabem que estão mortos, dissera Raphael. Mas Simon não se sentia morto. Nunca tinha se sentido mais vivo. Virou-se enquanto outro demônio se erguia à sua frente: parecia um lagarto, escamoso, com dentes de roedor. Foi para cima de Simon com as garras negras estendidas.

Simon saltou. Atingiu a enorme lateral da coisa e se prendeu a ela, enterrando as unhas, as escamas abrindo caminho sob suas garras. A Marca em sua testa latejou quando afundou as presas no pescoço do demônio.

Tinha um gosto horrível.

Quando o vidro parou de cair, ficou um buraco no teto, largo, como se um meteoro o tivesse atravessado. Um ar frio soprou pelo espaço. Tremendo, Clary se levantou, limpando poeira de vidro das roupas.

A luz enfeitiçada que iluminava o Salão tinha se apagado: estava escuro agora, e espesso com sombras e poeira. A fraca iluminação do Portal que desbotava na praça era ligeiramente visível, brilhando através das portas da frente abertas.

Provavelmente não era mais seguro ficar ali, pensou Clary. Poderia ir até a casa dos Penhallow e se juntar a Aline. Tinha atravessado metade do Salão quando ouviu passos no chão de mármore. Com o coração acelerado, virou-se e viu Malaquias, uma sombra longa e aracnídea à meia-luz, caminhando em direção ao palanque. Mas o que ainda estava fazendo aqui? Não deveria estar com o resto dos Caçadores de Sombras no campo de batalha?

Enquanto ele se aproximava do palanque, ela percebeu algo que a fez levar a mão até a boca, contendo um grito de surpresa. Havia uma forma negra empoleirada no ombro de Malaquias. Um pássaro. Um corvo, na verdade.

Hugo.

Clary abaixou para se esconder atrás de um pilar enquanto Malaquias subia os degraus do palanque. Havia algo inconfundivelmente furtivo na maneira como olhava de um lado para o outro. Aparentemente satisfeito por não estar sendo observado, tirou alguma coisa pequena e brilhante do bolso e a colocou no dedo. Um anel? Esticou a mão para rodá-lo, e Clary se lembrou de Hodge na biblioteca do Instituto, tirando um anel da mão de Jace...

O ar à frente de Malaquias emitiu um brilho fraco, uma espécie de calor. Uma voz saiu dele, uma voz familiar, tranquila e controlada, agora com um leve toque de irritação.

— O que foi, Malaquias? Não estou com humor para conversinhas agora.

— Meu lorde Valentim — disse Malaquias. A hostilidade usual tinha sido substituída por um espírito adulador viscoso. — Hugin me visitou, agora mesmo, trazendo notícias. Presumi que já tivesse chegado ao Espelho, e por isso ele me procurou no lugar. Achei que fosse querer saber.

O tom de Valentim era cortante:

— Muito bem. Que notícias?

— É o seu filho, lorde. Seu *outro* filho. Hugin o rastreou no vale da caverna. Pode até tê-lo seguido nos túneis para o lago.

Clary agarrou o pilar, os dedos esbranquiçados. Estavam falando de Jace.

Valentim resmungou:

— Ele encontrou o irmão lá?

— Hugin disse que deixou os dois lutando.

Clary sentiu o estômago revirando. Jace lutando com Sebastian? Pensou na maneira como Sebastian tinha levantado Jace no Gard e o arremessado, como se não pesasse nada. Uma onda de pânico tomou conta dela, tão intensa que por um instante os ouvidos apitaram. Quando a sala voltou a entrar em foco, tinha

perdido qualquer que tivesse sido a resposta de Valentim para Malaquias.

— São os que têm idade o suficiente para serem Marcados, mas não o bastante para lutar que me preocupam — dizia Malaquias agora. — Eles não votaram na decisão do Conselho. Não me pareceu justo que sejam punidos da mesma forma como os que estão em combate.

— Considerei isso. — A voz de Valentim parecia a vibração de um baixo. — Porque os adolescentes são Marcados com mais leveza, levam mais tempo para se tornarem Renegados. Diversos dias, no mínimo. Acredito que possa ser reversível.

— Enquanto aqueles de nós que beberam do Cálice Mortal permanecerão completamente inabalados?

— Estou ocupado, Malaquias — disse Valentim. — Já disse que você está a salvo. Estou confiando minha própria vida a este processo. Tenha um pouco de fé.

Malaquias abaixou a cabeça.

— Tenho muita fé, lorde. Permaneci, por muitos anos, servindo–o em silêncio, sempre.

— E será recompensado — disse Valentim.

Malaquias levantou o olhar.

— Milorde...

Mas o ar parou de brilhar. Valentim desaparecera. Malaquias franziu a testa, depois desceu os degraus do palanque em direção às portas da frente. Clary se encolheu atrás do pilar, torcendo desesperadamente para que ele não a visse. Que história era essa de Renegados? A resposta brilhou no canto de sua mente, mas parecia horrível demais para ser contemplada. Mesmo Valentim seria incapaz de...

Então algo voou contra seu rosto, algo escuro, rodopiando. Mal teve tempo de levantar os braços e cobrir os olhos quando algo atingiu as costas das suas mãos. Ouviu um grasnido feroz, e as asas bateram contra seus pulsos levantados.

— Hugin! Chega! — disse a voz aguda de Malaquias. — *Hugin*! — Mais um grasnido e uma batida, em seguida, silêncio. Clary abaixou os braços e viu o corvo imóvel aos pés do Cônsul. Enfeitiçado ou morto, não sabia dizer. Com um rosnado, Malaquias chutou o corvo de forma selvagem para fora do caminho e foi na direção de Clary, furioso. Agarrou-a pelo pulso sangrento e a levantou com um puxão. — Menina burra — disse. — Há quanto tempo está ouvindo?

— Tempo o suficiente para saber que faz parte do Ciclo — disparou, girando o pulso na mão dele, que segurou firme. — Está do lado de Valentim.

— *Só existe um lado* — sibilou ele. — A Clave é tola, mal conduzida, se vende a meios-homens e monstros. Tudo que quero é purificá-la, devolvê-la à

sua antiga glória. Um objetivo que, era de se pensar, todo Caçador de Sombras aprovaria, mas não; ouvem a tolos e a admiradores de demônios como você e Lucian Graymark. E agora você enviou a nata dos Nephilim para morrer nessa batalha ridícula, um gesto vazio que não adiantará de nada. Valentim já iniciou o ritual; logo o Anjo irá se erguer, e os Nephilim se tornarão Renegados. Todos, exceto alguns poucos sob a proteção de Valentim...

— Isso é assassinato! Ele está assassinando Caçadores de Sombras!

— Assassinato não — disse o Cônsul. A voz ecoava com fanatismo passional. — Limpeza. Valentim criará um novo mundo de Caçadores de Sombras, um mundo livre de fraqueza e corrupção.

— Fraqueza e corrupção não estão no *mundo* — irritou-se Clary. — Estão nas *pessoas*. E sempre estarão. O mundo só precisa de boas pessoas para equilibrar. E você está planejando matar todas elas.

Ele olhou para ela por um instante com surpresa genuína, como se estivesse espantado com a força de seu tom.

— Belas palavras para uma menina que trairia o próprio pai. — Malaquias a puxou para perto de si, sacudindo brutalmente o pulso sangrento. — Talvez devêssemos ver o quanto Valentim se importaria se eu lhe ensinasse...

Mas Clary nunca descobriu o que ele queria ensinar. Uma forma escura se ergueu entre eles — com asas abertas e garras estendidas.

O corvo atingiu Malaquias com a ponta de uma unha, rasgando um talho sangrento no rosto do Cônsul. Com um grito, o homem libertou Clary e levantou os braços, mas Hugo havia voado e o atacava violentamente com o bico e as garras. Malaquias cambaleou para trás, os braços se debatendo, e se chocou contra a quina de um banco com força. O banco tombou com um estrondo; desequilibrado, ele se estatelou em seguida, com um grito sufocado — que logo se interrompeu.

Clary correu para onde Malaquias estava estirado no chão de mármore, um círculo de sangue já se espalhando em uma piscina ao seu redor. Tinha aterrissado em um monte de vidro quebrado que caíra do telhado, e um dos pedaços denticulados perfurara a garganta dele. Hugo continuava sobrevoando, circulando o corpo de Malaquias. Soltou um grasnido triunfante enquanto Clary olhava para ele — aparentemente não tinha gostado dos chutes e golpes do Cônsul. Malaquias deveria saber que não podia atacar uma das criaturas de Valentim, pensou Clary amargamente. O pássaro não era mais clemente que seu mestre.

Mas não havia tempo para pensar em Malaquias agora. Alec tinha dito que havia barreiras ao redor do lago, e que se alguém fosse até lá através de um Portal, um alarme soaria. Valentim provavelmente já estava no espelho — não

havia tempo a perder. Recuando para longe do corvo lentamente, Clary se virou e correu em direção às portas da frente do Salão e ao brilho do Portal além dele.

20

Pesado na Balança

A água atingiu seu rosto como um golpe. Clary afundou, se afogando, na escuridão gelada; o primeiro pensamento fora de que o Portal havia se dissipado além de qualquer reparo, e que estava presa no turbilhão preto, o local de transição, onde sufocaria e morreria, exatamente da maneira como Jace a alertara na primeira vez em que usou um Portal.

O segundo pensamento foi o de que já estava morta.

Provavelmente só ficou inconsciente por alguns segundos, apesar de ter parecido o fim de tudo. Quando acordou, foi com um choque semelhante ao de romper uma camada de gelo. Estivera inconsciente, e agora, de repente, não estava mais; estava deitada de costas sobre terra fria e úmida, olhando para um céu tão cheio de estrelas que parecia que um punhado de pedaços de prata havia sido espalhado pela superfície escura. Estava com a boca cheia de um líquido repugnante; virou a cabeça para o lado, tossiu e cuspiu até conseguir respirar novamente.

Quando o estômago parou de sofrer espasmos, rolou para o lado. Tinha os pulsos atados por uma linha de luz que brilhava levemente e as pernas pesadas e estranhas, pinicando por todos os pontos como enormes alfinetes. Ficou imaginando se teria aterrissado neles por acaso, ou se era um efeito colateral de quase ter se afogado. A nuca queimava como se tivesse sido picada por uma vespa. Com um sobressalto se sentou, as pernas esticadas desajeitadamente, e olhou em volta.

Estava na margem do Lago Lyn, onde a água dava lugar à areia. Uma parede negra de pedra se erguia atrás, as falésias de que se lembrava de quando havia estado ali com Luke. A areia em si era escura, brilhando com mica prateada. Aqui e ali havia tochas de luz enfeitiçada, preenchendo o ar com uma incandescência prateada, deixando um rastro de linhas brilhantes na superfície da água.

Perto da costa do lago, a alguns metros de onde estava, havia uma pequena mesa feita de pedras lisas empilhadas. Claramente tinha sido montada com pressa; apesar dos espaços entre as pedras estar preenchido com areia molhada, algumas delas escorregavam, angulosas. Sobre a superfície de pedras havia algo que fez Clary perder o fôlego — o Cálice Mortal, e deitada sobre ele na diagonal, a Espada Mortal, uma língua de chama negra sob a luz enfeitiçada. Ao redor do altar havia linhas negras de símbolos marcados na areia. Olhou para eles, mas estavam misturados, sem significado...

Uma sombra cortou a areia, movendo-se rapidamente — a sombra longa e escura de um homem, nítido sob a luz das tochas. Quando Clary levantou a cabeça, ele já estava sobre ela.

Valentim.

O choque de vê-lo foi tão imenso que quase não foi um choque. Não sentiu nada ao olhar para o pai, cujo rosto pairava como a lua contra o céu escuro: branco, austero, pontuado com olhos negros como crateras de meteoros. Sobre a camisa, havia algumas faixas de couro sustentando uma dúzia ou mais de armas. Erguiam-se por trás dele como esporões de um porco espinho. Parecia imenso, impossivelmente largo, a estátua aterrorizante de um deus guerreiro em busca de destruição.

— Clarissa — disse. — Assumiu um grande risco, vindo para cá através de um Portal. Teve sorte porque a vi aparecendo na água naquele instante. Estava inconsciente; se não fosse por mim, teria se afogado. — Um músculo atrás da boca de Valentim se moveu. — E eu não perderia tempo com as barreiras de alarme que a Clave colocou ao redor do lago. Eu as derrubei assim que cheguei. Ninguém sabe que está aqui.

Não acredito em você! Clary abriu a boca para disparar as palavras na cara dele. Mas não saiu nenhum som. Foi como um daqueles pesadelos em que se tenta gritar e gritar, mas nada acontece. Apenas uma lufada seca de ar escapou, o arquejo de alguém tentando berrar com a garganta cortada.

Valentim balançou a cabeça.

— Não se incomode em tentar falar. Utilizei um Símbolo de Quietude, um daqueles que os Irmãos do Silêncio usam, na sua nuca. Tem um símbolo de atadura nos pulsos, e outro desabilitando suas pernas. Não tentaria me levantar, as pernas não vão sustentá-la, e você só vai sentir dor.

Clary o encarou, tentando perfurá-lo com os olhos, cortá-lo com o ódio. Mas ele nem percebeu.

— Podia ter sido pior, sabe. Quando a arrastei para a areia, o veneno do lago já tinha começado a atuar. Eu já a curei, por sinal. Não que espere agradecimentos. — Deu um sorriso tênue. — Você e eu, nós nunca tivemos uma conversa, tivemos? Não uma conversa de verdade. Deve imaginar por que nunca aparentei ter um interesse paterno em você. Sinto muito se a magoei por isso.

Agora o olhar de Clary foi de carregado de ódio a incrédulo. Como poderiam ter uma conversa se sequer podia falar? Tentou forçar as palavras, mas nada além de um engasgo curto saiu da garganta.

Valentim voltou-se novamente para o altar e pôs a mão na Espada Mortal. Ela projetava uma luz negra, uma espécie de brilho reverso, como se sugasse a iluminação do ar em volta.

— Não sabia que sua mãe estava grávida de você quando me deixou — disse. Estava falando com ela, pensou Clary, de um jeito como jamais havia falado antes. O tom era calmo, até simpático, mas não era só isso. — Sabia que havia algo errado. Ela achou que estivesse escondendo a infelicidade. Peguei um

pouco de sangue de Ithuriel, sequei até transformar em pó, e misturei com a comida dela, achando que pudesse curar a tristeza. Se soubesse que estava grávida, não teria feito isso. Já tinha resolvido não experimentar mais com uma criança que tivesse meu sangue.

Está mentindo, Clary queria gritar com ele. Mas não tinha certeza se estava mesmo. Ainda soava estranho para ela. Diferente. Talvez porque estivesse falando a verdade.

— Depois que ela fugiu de Idris, passei anos procurando-a — disse. — E não só porque ela estava com o Cálice Mortal. Porque a amava. Pensei que se pudesse falar com ela, poderia fazê-la enxergar a razão. Fiz o que fiz naquela noite em Alicante em um ataque de raiva, querendo destruí-la, destruir tudo que envolvia nossa vida juntos. Mas depois... — balançou a cabeça, virando para olhar para o lago. — Quando finalmente a encontrei, ouvi rumores de que tinha outra criança, uma filha. Presumi que seu pai fosse Lucian. Ele sempre a amou, sempre quis tirá-la de mim. Pensei que ela finalmente tivesse cedido. Que tivesse consentido ter um filho com um sujo do Submundo. — A voz dele endureceu. — Quando a encontrei no apartamento em Nova York, ela mal estava consciente. E disparou que eu tinha transformado seu primeiro filho em um monstro, e que me deixou antes que eu pudesse repetir a dose com a segunda. Depois caiu nos meus braços. Todos aqueles anos procurei por ela, e aquilo foi tudo que tive. Aqueles breves segundos nos quais me encarou com a expressão de uma vida inteira de ódio. Percebi uma coisa ali.

Valentim levantou Maellartach. Clary se lembrou do quão pesada era a Espada, e viu enquanto a lâmina se erguia que os músculos no braço de Valentim sobressaíam, duros e definidos, como cordas se curvando sob a pele.

— Percebi — continuou — que o motivo por ter me deixado foi para protegê-la. Ela odiava Jonathan, mas você... teria feito qualquer coisa para protegê-la. Protegê-la de *mim*. Até viveu entre mundanos, que sei que deve ter doído nela. Deve ter sofrido por nunca ter podido criá-la com nenhuma das nossas tradições. Você é metade do que poderia ter sido. Tem seu talento com símbolos, mas foi desperdiçado pela sua criação mundana.

Abaixou a espada. A ponta dela estava, agora, no ar logo acima do rosto de Clary; podia vê-la com o canto do olho, flutuando na beira da vista como uma mariposa prateada.

— Naquele instante, soube que Jocelyn jamais voltaria para mim, por sua causa. Você é a única coisa no mundo que ela amou mais do que a mim. E por sua causa, ela me odeia. E detesto olhar para você por isso.

Clary virou a cabeça. Se ele fosse matá-la, não queria ver a morte se aproximando.

— Clarissa — disse Valentim. — Olhe para mim.

Não. Queria olhar para o lago. Ao longe, do outro lado da água, podia ver um fraco brilho vermelho, como uma fogueira afundada em cinzas. Sabia que era a luz da batalha. Sua mãe estava lá. E Luke. Talvez fosse o certo estarem juntos, mesmo que não estivesse com eles.

Vou manter os olhos naquela luz, pensou. *Ficarei olhando para ela, não importa o que aconteça. Será a última coisa que verei na vida*.

— Clarissa — repetiu Valentim. — Você é a cara dela, sabia? A cara de Jocelyn.

Sentiu uma dor aguda na bochecha. Era a lâmina da Espada. Ele a estava pressionando contra sua pele, tentando forçá-la a olhar para ele.

— Vou invocar o Anjo agora — disse. — E quero que veja enquanto acontece.

Clary tinha um gosto amargo na boca. *Sei por que está tão obcecado pela minha mãe. Porque ela era a única coisa sobre a qual você acreditava ter total controle que se virou e o mordeu. Achava que era dono dela, e não era. Por isso a quer aqui, agora, para testemunhar sua vitória. Por isso eu vou ter que servir*.

A espada espetou ainda mais a bochecha. Valentim disse:

— *Olhe para mim, Clary*.

Olhou. Não queria, mas a dor era forte demais — a cabeça foi empurrada para o lado, quase contra a vontade, o sangue pingando em gotas grossas pelo rosto, espalhando-se na areia. Uma dor nauseante a dominou ao levantar a cabeça para olhar o pai.

Ele estava olhando para a lâmina de Maellartach. Esta também estava suja de sangue. Quando olhou novamente para ela, tinha uma luz estranha nos olhos.

— Preciso de sangue para completar a cerimônia — disse. — Pretendia utilizar o meu próprio, mas quando a vi no lago, soube que foi a maneira de Raziel me avisar para usar o da minha filha no lugar. Por isso a limpei do veneno do lago. Está purificada agora. Purificada e pronta. Então, obrigado, Clarissa, pelo seu sangue.

De alguma forma, pensou Clary, ele estava sendo sincero, estava honestamente agradecido. Há muito tinha perdido a capacidade de distinção entre coação e cooperação, entre medo e vontade, entre amor e tortura. E com essa percepção veio uma onda de torpor — de que adiantava odiar Valentim por ser um monstro quando ele mesmo não sabia que o era?

— E agora — disse Valentim —, só preciso de um pouco mais. — E Clary pensou, *um pouco mais de quê*? exatamente quando ele levantou a Espada e a luz das estrelas explodiu dela, e pensou, *claro. Não é só sangue que quer, mas morte*. A Espada já tinha se alimentado de sangue o suficiente a essa altura, assim como o próprio Valentim. Os olhos da menina acompanharam a luz negra

de Maellartach que cortava o ar em direção a ela...

E voou pelos ares. Arrancada da mão de Valentim, foi lançada na escuridão. Os olhos de Valentim se arregalaram; o olhar desceu, primeiro para a mão sangrenta que antes empunhava a espada — e em seguida subiu e viu, na mesma hora que Clary, o que havia arrancado a Espada Mortal da sua mão.

Jace, com uma espada de aparência familiar na mão esquerda, estava na ponta de uma elevação de areia, a poucos centímetros de Valentim. Clary podia ver pela expressão do pai que ele não tinha ouvido Jace se aproximando.

O coração de Clary parou ao vê-lo. Com sangue seco no rosto e uma marca vermelha na garganta lívida. Os olhos brilhavam como espelhos, e sob a luz enfeitiçada pareciam negros, negros como os de Sebastian.

— Clary — disse ele, sem tirar os olhos do pai. — Clary, você está bem?

Jace!, lutou para dizer o nome dele, mas nada passava pelo bloqueio da garganta. Sentiu como se estivesse engasgando.

— Não pode responder — disse Valentim. — Não pode falar.

Os olhos de Jace brilharam.

— O que você fez com ela? — Manejou a espada na direção de Valentim, que deu um passo para trás. Sua expressão era cautelosa, porém não assustada. Havia um cálculo naquele olhar de que Clary não gostou. Sabia que devia se sentir triunfante, mas não, aliás; se sentia alguma coisa, era um pânico ainda maior do que antes. Tinha percebido que Valentim a mataria e havia aceitado o fato. Mas agora Jace estava aqui, e seu medo havia se expandido para incluí-lo também. E ele parecia tão... *destruído*. O uniforme estava rasgado em um braço, e a pele embaixo marcada com linhas brancas. A camisa arrebentada na frente, e um *iratze* desbotado sobre o coração que não tinha sido capaz de apagar a cicatriz vermelha embaixo. Estava com as roupas manchadas de sujeira, como se tivesse rolado no chão. Mas o que mais assustava era a expressão. Tão... desolada.

— Um Símbolo de Quietude. Não vai machucá-la. — Os olhos de Valentim estavam fixos em Jace, famintos, pensou Clary, como se estivessem se alimentando só de vê-lo. — Suponho — perguntou Valentim — que não tenha vindo para se juntar a mim? Para ser abençoado pelo Anjo ao meu lado?

A expressão de Jace não mudou. Estava com os olhos grudados no pai adotivo, e não havia nada neles, nenhum resquício de afeto, amor, ou lembrança. Não havia nem ódio. Apenas... desprezo, pensou Clary. Um desprezo frio.

— Sei o que está planejando — disse Jace. — Sei por que quer invocar o Anjo. E não vou permitir. Já mandei Isabelle alertar o exército...

— Alertas não adiantarão de nada. Este não é o tipo de perigo do qual se pode escapar — os olhos de Valentim desviaram para a espada de Jace. — Abaixe isso — começou —, e podemos conversar... — interrompeu-se. — Essa não é a sua

espada. Essa é uma espada Morgenstern.

Jace sorriu. Um sorriso doce e sombrio.

— Era de Jonathan. Ele está morto agora.

Valentim parecia espantado.

— Quer dizer...

— Peguei do chão, onde ficou — disse Jace, sem qualquer emoção — depois que o matei.

Valentim aparentava estar pasmo.

— Você matou Jonathan? Como pôde?

— Ele teria me matado — disse Jace. — Não tive escolha.

— Não foi isso que quis dizer. — Valentim balançou a cabeça; ainda parecia espantado, como um boxeador que tivesse sido golpeado com força demais no momento em que atingia a lona. — Eu criei Jonathan, eu mesmo o treinei. Não havia guerreiro melhor.

— Aparentemente — disse Jace — havia.

— Mas... — E a voz de Valentim falhou; pela primeira vez Clary ouviu uma falha naquela voz suave, controlada e falsa. — Mas ele era seu irmão.

— Não. Não era. — Jace deu um passo para a frente, aproximando a lâmina do coração de Valentim. — O que aconteceu com meu verdadeiro pai? Isabelle disse que morreu em um motim, mas foi mesmo? Você o matou, como fez com minha mãe?

Valentim ainda estava estarrecido. Clary sentiu que ele estava lutando para se controlar — lutando contra a dor da perda? Ou apenas com medo de morrer?

— Não matei sua mãe. Ela se suicidou. Cortei-o do corpo dela. Se não tivesse feito isso, você teria morrido junto.

— Mas por quê? Por que fez isso? Não precisava de um filho, você *tinha* um filho! — Jace parecia mortal ao luar, pensou Clary, mortal e estranho, como alguém que não conhecia. A mão que empunhava a espada na direção da garganta de Valentim era firme. — Diga a verdade — ordenou Jace. — Não quero mais mentiras sobre sermos carne e sangue. Pais mentem para os filhos, mas você... você não é meu pai. E eu quero a verdade.

— Não era de um filho que eu precisava — disse Valentim. — Era de um soldado. Achei que Jonathan pudesse ser esse soldado, mas tinha muito de natureza demoníaca. Também era muito selvagem, impetuoso, não tinha sutileza. Temia, mesmo naquela época, quando mal tinha deixado a primeira infância, que jamais tivesse a paciência ou a compaixão para me seguir, para seguir meus passos no comando da Clave. Então tentei novamente com você. E tive o oposto do problema. Você era gentil demais. Empático demais. Sentia a dor alheia como se fosse sua; não suportava a morte dos animais de estimação. Entenda, meu

filho, eu o amava por essas coisas. Mas o que me fazia amá-lo era justamente o que o tornava inútil para mim.

— Então me achava afável e inútil — disse Jace. — Suponho assim que vá surpreendê-lo quando seu filho afável e inútil lhe cortar a garganta.

— Já passamos por isso. — A voz de Valentim era firme, mas Clary achou que podia ver suor pelas têmporas, na base da garganta. — Você não faria isso. Não quis fazer em Renwick, não quer fazer agora.

— Está enganado. — O tom de Jace era calculado. — Me arrependi de não tê-lo matado em cada dia que se passou desde que o soltei. Meu irmão Max está morto porque não o matei naquele dia. Dezenas, talvez centenas tenham morrido porque não fiz o que tinha que ter feito. Sei qual é o seu plano. Sei que pretende aniquilar quase todos os Caçadores de Sombra de Idris. E pergunto a mim mesmo quantos mais terão que morrer antes que eu faça o que deveria ter feito na Ilha de Blackwell? Não — continuou —, não *quero* matá-lo. *Mas o farei*.

— Não faça isso — disse Valentim. — Por favor. Não quero...

— Morrer? Ninguém quer morrer, pai. — A ponta da espada de Jace desceu, movendo-se até estar sobre o coração de Valentim. O rosto de Jace estava calmo, a expressão de um anjo aplicando justiça divina. — Tem alguma palavra final?

— Jonathan...

Sangue manchou a camisa de Valentim onde a ponta da espada o pressionava, e Clary viu, no olho da mente, Jace em Renwick, com a mão tremendo, sem querer machucar o pai. E Valentim o provocando. Enfie a lâmina. *Sete centímetros, talvez dez*. Agora não era assim. A mão de Jace estava firme. E Valentim parecia apavorado.

— *Últimas palavras* — sibilou Jace. — Quais são?

Valentim levantou a cabeça. Os olhos negros voltados para o menino à sua frente eram solenes.

— Sinto muito — disse. — Sinto muitíssimo. — Esticou a mão, como se quisesse alcançar Jace, tocá-lo, até... Então a mão virou, com a palma para cima, os dedos se esticando; em seguida houve um flash prateado, e algo voou por Clary como uma bala disparada de um revólver. Ela sentiu o deslocamento de ar roçando sua bochecha, e então Valentim pegou o que quer que fosse no ar, uma longa língua de fogo prateado brilhando em sua mão ao trazê-la para baixo.

Era a Espada Mortal. Tinha deixado um traço de luz negra no ar enquanto Valentim enterrava a lâmina no coração de Jace.

Os olhos de Jace se arregalaram. Um olhar de confusão incrédula passou pelo rosto dele; olhou para baixo, para si, onde Mallaertach pendurava-se de forma grotesca em seu peito — parecia mais bizarro do que terrível, como um fragmento de pesadelo que não fazia sentido. Valentim puxou a mão para trás,

arrancando a Espada do peito de Jace da mesma maneira como tiraria uma adaga de uma bainha; como se o estivesse mantendo de pé, Jace se ajoelhou. A espada escorregou de seu punho e atingiu o chão úmido. Olhou com espanto, como se não fizesse ideia de por que a segurava, ou de por que tinha que soltá-la. Abriu a boca como se fosse fazer a pergunta, e sangue se derramou sobre seu queixo, manchando o que sobrava da camisa em farrapos.

Tudo depois disso pareceu acontecer muito lentamente para Clary, como se o tempo se esticasse. Ela viu Valentim afundar no chão e puxar Jace para o próprio colo, como se Jace ainda fosse muito pequeno e pudesse ser segurado com facilidade. Puxou-o para perto, abaixou o rosto e o pressionou contra os ombros de Jace, e, por um instante, Clary pensou que ele até estivesse chorando, mas quando levantou a cabeça, os olhos de Valentim estavam secos.

— Meu filho — sussurrou. — Meu menino.

A terrível desaceleração do tempo se esticou ao redor de Clary como uma corda prestes a estrangulá-la, enquanto Valentim segurava Jace e afastava o cabelo sangrento da testa. Segurou Jace enquanto ele morria e a luz deixava seus olhos. Em seguida Valentim colocou o corpo do filho adotivo gentilmente no chão, cruzando os braços sobre o peito, como se quisesse esconder o machucado aberto e sangrento ali.

— *Ave*... — começou, como se quisesse dizer as palavras sobre Jace, a despedida dos Caçadores de Sombras, mas a voz falhou, e ele se virou abruptamente e voltou para o altar.

Clary não conseguia se mover. Mal conseguia respirar. Podia ouvir as batidas do próprio coração, a respiração arranhando na garganta seca. Com o canto dos olhos via Valentim, perto da beira do lago, com sangue escorrendo da lâmina de Maellartach e pingando no Cálice Mortal. Ele estava entoando palavras que não conseguia entender. Não se importava para querer entender. Tudo acabaria logo, e ela estava quase feliz por isso. Imaginou se teria energia o suficiente para se arrastar para onde Jace estava, se poderia deitar ao lado dele e esperar o fim. Olhou para ele, deitado imóvel sobre a areia sangrenta e chamuscada. Tinha os olhos fechados, o rosto parado; se não fosse o buraco no peito, poderia ter dito a si mesma que ele estava dormindo.

Mas não estava. Era um Caçador de Sombras; morrera na batalha; merecia a bênção final. *Ave atque vale*. Seus lábios formaram as palavras, apesar de estas terem saído da boca em lufadas silenciosas de ar. No meio da despedida parou, perdendo o fôlego. O que deveria dizer? Saudações e adeus, Jace Wayland? O nome não era verdadeiramente dele. Nunca sequer tinha *sido* batizado, pensou agoniada, apenas recebera o nome de uma criança morta porque interessava a Valentim na época. E havia tanto poder em um nome...

Virou a cabeça e olhou para o altar. Os símbolos que o cercavam tinham começado a brilhar. Eram símbolos de invocação, de nomeação e de ligação. Não eram diferentes dos que haviam mantido Ithuriel aprisionado nas celas sob a mansão Wayland. Agora, muito contra a vontade, pensou na maneira como Jace tinha olhado para ela naquele momento, no brilho da fé em seus olhos, em como acreditara nela. Sempre a achou forte. Mostrara isso em tudo que fazia, em cada olhar e cada toque. Simon também tinha fé nela, no entanto, sempre que a segurava, era como se ela fosse alguma coisa frágil, feita de vidro delicado. Mas Jace a segurava com toda a força que tinha, sem sequer parar para imaginar se ela aguentaria — sabia que Clary era tão forte quanto ele.

Valentim estava mergulhando a Espada sangrenta repetidas vezes na água do lago agora, entoando um canto baixo e rápido. A água ondulava, como se uma mão gigante estivesse passando os dedos singelamente na superfície.

Clary fechou os olhos. Lembrando da maneira como Jace tinha olhado para ela na noite em que libertara Ithuriel, não conseguia deixar de imaginar como olharia para ela agora se a visse tentando se deitar para morrer ao lado dele na areia. Não ficaria tocado, não acharia o gesto bonito. Ficaria irritado por ela desistir. Ficaria tão... desapontado.

Clary se abaixou de modo que estivesse deitada no chão, puxando as pernas mortas por trás. Lentamente se arrastou pela areia, com os joelhos e as mãos atadas. A faixa brilhante no pulso queimava e ardia. A camisa se rasgou enquanto se arrastava pelo chão, e a areia arranhava a pele exposta da barriga. Mal sentiu. Era difícil se arrastar desse jeito — suor escorria pelas costas, entre as omoplatas. Quando finalmente chegou ao círculo de símbolos, arfava tão alto que se apavorou com a possibilidade de Valentim ouvi-la.

Mas ele nem se virou. Tinha o Cálice Mortal em uma das mãos e a Espada na outra. Enquanto observava, ele puxou a mão direita para trás, pronunciou diversas palavras que pareciam gregas e largou o Cálice. Brilhou como uma estrela cadente enquanto se aproximava da superfície da água e desaparecia com um mergulho.

O círculo de símbolos produzia um leve calor, como uma fogueira parcialmente apagada. Clary teve que virar e se esforçar muito para fazer a mão alcançar a estela no cinto. A dor nos pulsos apertou quando os dedos se fecharam ao redor e ela a puxou com um arquejo sufocado de alívio.

Não conseguia separar os pulsos, então segurou a estela de forma desajeitada com as duas mãos. Levantou-se sobre os cotovelos, olhando para os símbolos. Podia sentir o calor deles no rosto; tinham começado a brilhar como luz enfeitiçada. Valentim estava com a Espada Mortal posicionada, pronta para ser arremessada; estava entoando as últimas palavras do feitiço de invocação. Com

um último impulso de força, Clary colocou a ponta da estela na areia, não arranhando os símbolos que Valentim havia desenhado, mas traçando os próprios sobre eles, escrevendo um novo símbolo sobre o que representava o nome dele. Era um símbolo tão pequeno, pensou, uma mudança tão sutil — nada como seu imensamente poderoso símbolo de Aliança, nada como a Marca de Caim.

Mas era tudo que podia fazer. Esgotada, Clary rolou de lado enquanto Valentim puxou o braço e deixou a Espada Mortal voar.

Maellartach deslocou-se silenciosamente, um borrão preto e prateado que se juntou ao preto e prateado do lago. Um grande jorro de água se ergueu do lugar onde a Espada mergulhou: um esguicho de água platinada. Ele se ergueu mais alto, um cilindro de prata fundida, como chuva caindo para cima. Fez-se um enorme estrondo de colisão, o ruído de gelo rompendo, de uma geleira se quebrando — então o lago pareceu estourar, água prateada explodindo para o alto, como um dilúvio ao contrário.

E subindo em meio ao dilúvio veio o Anjo. Clary não sabia ao certo o que estava esperando — algo como Ithuriel, mas Ithuriel tinha sido diminuído por tantos anos de cativeiro e tormento. Este era um anjo em toda sua glória. Enquanto ele se erguia da água, os olhos dela começaram a queimar, como se estivesse olhando para o sol.

Valentim havia baixado os braços. Olhava para cima com uma expressão de encanto, um homem vendo seu maior sonho se realizar.

— *Raziel* — arfou.

O Anjo continuou se erguendo; era como se o lago afundasse, revelando uma enorme coluna de mármore no centro. Primeiro a cabeça emergiu da água, cabelos como correntes de prata e ouro. Depois ombros, brancos como pedras, e um tronco nu — Clary viu que o Anjo era cheio de Marcas, assim como os Nephilim, apesar de os símbolos de Raziel serem dourados e vivos, movendo-se pela pele branca como pequenas faíscas voando de uma fogueira. De alguma forma, o Anjo era ao mesmo tempo enorme e não maior que um homem: os olhos de Clary doeram ao tentar absorvê-lo por completo e, mesmo assim, ele era tudo que ela via. Ao se erguer, asas surgiram nas costas dele e se abriram completamente sobre o lago; eram douradas, cobertas de penas, e em cada pena havia um olho dourado aberto.

Era lindo, e ao mesmo tempo aterrorizante. Clary queria desviar o olhar, mas não o fez. Assistiria a tudo. Assistiria por Jace, pois ele não podia.

É exatamente como todas aquelas imagens, pensou. O Anjo subindo do lago, com a Espada em uma das mãos e o Cálice na outra. Ambos pingando água, mas Raziel seco como um osso, assim como as asas. Os pés repousaram, brancos e descalços, na superfície do lago, mexendo as águas em pequenas ondas de

movimento. Seu rosto, lindo e não humano, olhou para Valentim.

Então ele falou.

A voz era como um choro e um grito, e como música, tudo de uma vez. Não continha palavras, mas ainda assim era totalmente compreensível. A força da respiração do Anjo quase derrubou Valentim para trás; ele enterrou os calcanhares da bota na areia, a cabeça inclinada para trás como se estivesse andando contra uma ventania. Clary sentiu o vento do hálito do Anjo passar por ela: era quente como ar escapando de uma fornalha, e cheirava a estranhos temperos.

Já faz mil anos desde que fui invocado para este lugar pela última vez, disse Raziel. *Jonathan Caçador de Sombras foi quem me chamou, e implorou que eu misturasse meu sangue ao de homens mortais em um Cálice e criasse uma raça de guerreiros que livrasse esta terra dos demônios. Fiz tudo que me pediu e disse a ele que não o faria mais. Por que me invoca agora, Nephilim?*

A voz de Valentim era ansiosa:

— Mil anos se passaram, Glorioso, mas os demônios continuam aqui.

E o que é isso para mim? Mil anos para um anjo se passam entre um piscar de olhos e outro.

— Os Nephilim que criou foram uma grande raça de homens. Por muitos anos lutaram bravamente para livrar este plano do veneno dos demônios. Mas falharam devido à fraqueza e corrupção de seus soldados. Pretendo devolvê-los à sua antiga glória...

Glória? O Anjo soava levemente curioso, como se a palavra fosse estranha. *Glória pertence somente a Deus*.

Valentim não hesitou:

— A Clave como criada pelos primeiros Nephilim não existe mais. Aliou-se ao Submundo, aos não-humanos envenenados por demônios que infestam este mundo como pulgas na carcaça de um rato. Minha intenção é limpar este mundo, destruir cada integrante do Submundo, junto com cada demônio...

Demônios não possuem almas. Mas as criaturas às quais se refere, os Filhos da Lua, da Noite, de Lilith e as Fadas, todos têm almas. Parece que suas regras quanto ao que constitui e o que não constitui um ser humano são mais rígidas que as nossas. Clary poderia jurar que a voz do Anjo tinha assumido um tom seco. *Pretende desafiar o céu como aquela outra Estrela da Manhã cujo nome carrega, Caçador de Sombras?*

— Desafiar o céu não, Lorde Raziel. *Aliar-me* ao céu...

Em uma guerra provocada por você? Somos o céu, Caçador de Sombras. Não tomamos parte em suas batalhas mundanas.

Quando Valentim falou novamente, parecia quase ferido.

— Lorde Raziel. Certamente não teria permitido que algo como um ritual pelo qual pudesse ser invocado existisse se não *tivesse intenção* de ser invocado. Nós, os Nephilim, somos seus filhos. Precisamos de sua orientação.

Orientação? Agora o Anjo parecia entretido. *Esse não parece o propósito pelo qual me trouxe aqui. O que busca é o próprio renome*.

— Renome? — ecoou Valentim, rouco. — Dei tudo por essa causa. Minha mulher. Meus filhos. Não hesitei em entregar meus filhos. Dei tudo que tenho por isso, *tudo*.

O Anjo simplesmente permaneceu parado, olhando para Valentim com seus estranhos olhos não humanos. As asas se moviam em oscilações lentas e involuntárias, como nuvens passando pelo céu. Finalmente falou:

Deus pediu a Abraão que sacrificasse o filho em um altar muito parecido com este, para ver quem Abraão amava mais, Isaac ou Deus. Mas ninguém lhe pediu que sacrificasse seu filho, Valentim.

Valentim olhou para o altar a seus pés, cheio do sangue de Jace, depois novamente para o Anjo.

— Se for preciso, eu o obrigarei a fazer isso — disse. — Mas prefiro ter sua cooperação voluntária.

Quando Jonathan Caçador de Sombras me invocou, disse o Anjo*, dei a ele minha assistência porque podia ver que seu sonho de um mundo livre de demônios era verdadeiro. Imaginou um paraíso nesta terra. Mas você sonha apenas com a própria glória e não ama o céu. Meu irmão Ithuriel é testemunha disso*.

Valentim empalideceu.

— Mas...

Achou que eu não soubessse? O Anjo sorriu. O sorriso mais terrível que Clary já tinha visto. *É verdade que o mestre do círculo que desenhou pode me arrancar uma única ação. Mas esse mestre não é você*.

Valentim o encarou.

— Lorde Raziel, não há mais ninguém...

Mas há, disse o Anjo. *Sua filha*.

Valentim girou. Clary, deitada semiconsciente na areia, com os pulsos e braços gritando em agonia, encarou de volta. Por um instante, os olhos se encontraram — e ele olhou para ela, olhou de verdade, e percebeu que era a primeira vez que o pai olhava para ela e a *via*. A primeira e única vez.

— Clarissa — disse. — O que você fez?

Clary esticou a mão, e com o dedo escreveu na areia aos pés dele. Não desenhou símbolos. Desenhou palavras: as palavras que ele havia dito na primeira vez em que vira o que ela podia fazer, quando desenhou o símbolo que

destruiu o navio.

MENE MENE TEKEL UPHARSIN.

Ele arregalou os olhos, exatamente como Jace havia feito antes de morrer. Valentim ficou branco como um osso. Virou lentamente para encarar o Anjo, levantando as mãos em um gesto de súplica.

— Meu lorde Raziel...

O Anjo abriu a boca e cuspiu. Ou pelo menos foi o que pareceu para Clary — que o Anjo tinha cuspido, e que o que saiu da boca dele foi uma faísca atirada de fogo branco, como uma flecha em chamas. A flecha voou diretamente por cima da água e se enterrou no peito de Valentim. Ou talvez "enterrar" não seja o termo — o atravessou, como uma pedra através de papel fino, deixando um buraco de fumaça do tamanho de um punho. Por um instante, Clary, olhando para cima, pôde ver através do peito do pai e enxergar o lago e o brilho flamejante do Anjo além.

O momento passou. Como uma árvore abatida, Valentim caiu no chão e ficou estirado — com a boca aberta em um grito silencioso, os olhos cegos fixados eternamente em um último olhar de incredulidade diante de uma traição.

Esta foi a justiça do céu. Confio que não esteja consternada.

Clary levantou o olhar. O Anjo pairou sobre ela, como uma torre de chama branca, riscando o céu. As mãos estavam vazias; o Cálice Mortal e a Espada encontravam-se na margem do lago.

Pode me pedir uma coisa, Clarissa Morgenstern. O que deseja?

Clary abriu a boca. Nenhum ruído saiu.

Ah, sim, disse o Anjo, e agora a voz era gentil. *O símbolo*. Os muitos olhos nas asas piscaram. Algo passou por ela. Suave, mais suave que seda ou qualquer outro tecido, mais suave que um sussurro ou o toque de uma pena. Era como imaginava que seriam as nuvens se tivessem textura. Um aroma suave veio com o toque — um cheiro agradável, doce e inebriante.

A dor desapareceu dos pulsos. Soltas, as mãos relaxaram para os lados. A ardência na nuca também se foi, e o peso das pernas. Lutou para se ajoelhar. Mais do que qualquer coisa, queria se arrastar pela areia sangrenta, em direção ao local onde o corpo de Jace estava, se arrastar para ele, deitar do lado e envolvê-lo nos braços, mesmo que estivesse morto. Mas a voz do Anjo a compelia; ficou onde estava, olhando para a luz dourada brilhante.

A batalha na planície Brocelind está terminando. O domínio de Morgenstern sobre seus demônios se foi junto com sua morte. Muitos já estão fugindo; o restante logo será destruído. Alguns Nephilim já estão vindo para a costa deste lago neste instante. Se tiver um desejo, Caçadora de Sombras, diga agora. O Anjo fez uma pausa. *E lembre-se de que não sou um gênio, portanto só tem*

direito a um. Escolha o desejo com sabedoria.

Clary hesitou — apenas por um instante, mas o momento se esticou o máximo que um instante poderia se alongar. Podia pedir qualquer coisa, pensou tonta, qualquer coisa: o fim da dor, da fome no mundo, das doenças, ou paz na terra. Mas talvez isso não estivesse em poder dos anjos para concederem. E talvez as pessoas tivessem que encontrar essas coisas por si próprias.

Mas não fazia diferença. Só existia uma coisa que podia pedir, no fim das contas, uma única escolha verdadeira.

Levantou os olhos para os do Anjo.

— Jace — disse.

A expressão do Anjo não mudou. Não fazia ideia se Raziel achava que seu pedido era bom ou ruim, ou se — pensou, com uma onda repentina de pânico — pretendia concedê-lo.

Feche os olhos, Clarissa Morgenstern, disse o Anjo.

Clary fechou. Não se dizia não a um anjo, independentemente do que ele pretendesse. Com o coração acelerado, ficou flutuando na escuridão por trás das pálpebras, tentando não pensar em Jace. Mas o rosto dele aparecia contra a tela branca de seus olhos fechados assim mesmo — não sorrindo para ela, mas olhando de esguelha, e ela podia ver a cicatriz na têmpora, a curva desigual no canto da boca e a linha prateada onde Simon o mordera; todas as marcas, defeitos e imperfeições que faziam dele a pessoa que mais amava no mundo. *Jace*. Uma luz brilhante acendeu sua visão em escarlate, e ela caiu na areia, imaginando se iria desmaiar... ou talvez estivesse morrendo... mas não queria morrer, não agora que podia ver o rosto de Jace com tanta clareza à sua frente. Quase podia ouvir a voz também, dizendo seu nome, do mesmo jeito que havia sussurrado em Renwick, incessantemente. *Clary. Clary. Clary*.

— Clary — disse Jace. — Abra os olhos.

Ela abriu.

Estava deitada na areia, com as roupas rasgadas, molhadas e ensanguentadas. Isso estava igual. De diferente havia o fato de que o Anjo tinha ido embora, e com ele a luz branca que acendera a noite como se fosse dia. Ela olhava para o céu noturno, estrelas brancas como espelhos brilhando na escuridão e se inclinando sobre ela, a luz nos olhos mais luminosa que a de qualquer estrela, estava Jace.

Os olhos de Clary o absorveram, cada parte dele, do cabelo emaranhado ao rosto encardido e sujo de sangue, aos olhos brilhando através das camadas de sujeira; dos ferimentos visíveis através das mangas esfarrapadas ao rasgo ensanguentado na frente da camisa, através do qual sua pele pálida aparecia — e não havia marca nem ferimento que indicasse que a Espada o tinha perfurado.

Podia ver a pulsação na garganta, e quase lançou os braços ao redor dele ao ver isso, pois significava que o coração estava batendo e...

— Você está vivo — sussurrou. — Vivo de verdade.

Com um espanto lento, esticou o braço para tocar o rosto de Clary.

— Estava no escuro — disse suavemente. — Não havia nada além de sombras, e eu era uma sombra, e soube que estava morto, que tinha acabado, tudo. Depois ouvi sua voz. Ouvi você chamar meu nome, e isso me trouxe de volta.

— Eu não. — A garganta de Clary apertou. — O Anjo o trouxe de volta.

— Porque você pediu. — Silenciosamente, traçou os contornos do rosto dela com os dedos, como se estivesse se certificando de que ela era real. — Podia ter pedido qualquer coisa no mundo, e pediu a mim, por mim.

Sorriu para ele. Por mais que estivesse imundo, coberto de sangue e terra, era a coisa mais linda que já tinha visto.

— Mas não quero mais nada no mundo.

Com isso, a luz nos olhos dele, já brilhante, ardeu tão forte que mal conseguia olhá-lo. Pensou no Anjo, em como tinha queimado como mil tochas, e que Jace tinha um pouco daquele sangue incandescente, e em como aquele fogo brilhava através dele agora, pelos olhos, como luz atravessando rachaduras em uma porta.

Eu te amo, Clary queria dizer. *E teria feito tudo outra vez. Sempre pediria você*. Mas não foram essas as palavras que falou.

— Você não é meu irmão — disse a ele, um pouco sem fôlego, como se, tendo percebido que ainda não tinha dito essas palavras, não pudesse dispará-las rápido o bastante. — Sabe disso, não sabe?

Quase imperceptivelmente, através da sujeira e do sangue, Jace sorriu.

— Sei — falou. — Sei disso.

Epílogo

Pelo Céu, com Estrelas

Amei-te, então arrastei estas correntes de homens para minhas mãos e escrevi minha vontade pelo céu com estrelas.

— T. E. Lawrence

A fumaça se ergueu em uma espiral lenta, traçando delicadas linhas em preto através do ar claro. Jace, sozinho na colina com vista para o cemitério, sentava-se com os cotovelos nos joelhos e observava a fumaça subindo em direção ao céu. Não deixou de reparar na ironia: eram os restos do pai, afinal.

Podia enxergar o ataúde de onde estava, obscurecido por fumaça e chamas, e pelo pequeno grupo ao redor. Reconheceu os cabelos brilhantes de Jocelyn dali, e Luke ao lado, com a mão nas costas dela. Jocelyn estava com a cabeça para o lado, sem olhar para a pira funerária em chamas.

Jace poderia ter integrado aquele grupo, se quisesse. Tinha passado os últimos dias na enfermaria, e só tinha sido liberado pela manhã, em parte para poder comparecer ao enterro de Valentim. Mas tinha chegado até a metade do caminho para a pira, uma pilha de lenha descascada, branca como ossos, e percebeu que não conseguia avançar mais. Em vez disso, virou-se de costas e subiu a colina, afastando-se do cortejo dos enlutados. Luke o chamou, mas Jace não se virou.

Ficou sentado olhando enquanto se reuniam ao redor do ataúde, observou Patrick Penhallow com o uniforme branco acender a lenha. Era a segunda vez naquela semana que via um corpo queimar, mas o de Max fora dolorosamente pequeno, e Valentim era um homem grande — mesmo deitado com os braços cruzados sobre o peito, com uma lâmina serafim no punho. Os olhos foram amarrados com seda branca, como de costume. Tinham sido corretos com ele, pensou Jace, apesar de tudo.

Não haviam enterrado Sebastian. Um grupo de Caçadores de Sombras tinha voltado para o vale, mas não encontrara o corpo — levado pelo rio, disseram a Jace, mas ele tinha suas dúvidas.

Procurou Clary na multidão ao redor do ataúde, mas ela não estava lá. Já fazia quase dois dias desde que a vira pela última vez, no lago, e sentia saudade dela quase como se fisicamente houvesse alguma coisa faltando. Não era culpa dela o fato de não terem se visto. Ficou preocupada que ele não estivesse forte o bastante para voltar a Alicante por um Portal, e tinha razão. Quando os primeiros Caçadores de Sombras chegaram, estava ingressando em um estado de inconsciência. Acordou no dia seguinte no hospital da cidade com Magnus Bane olhando para ele com uma expressão estranha — poderia ser extrema preocupação ou mera curiosidade, com Magnus era difícil dizer. Magnus disse a ele que apesar de o Anjo tê-lo curado fisicamente, parecia que o espírito e a mente estavam exauridos a ponto de só poderem ser curados pelo repouso. De qualquer forma, estava bem agora. A tempo de ir ao enterro.

Um vento surgiu e soprou a fumaça para longe. À distância, podia ver as torres de Alicante, sua antiga glória restaurada. Não tinha certeza quanto ao que esperava conquistar sentado ali e assistindo ao corpo do pai queimar, ou o que

falaria se estivesse lá embaixo com os enlutados, dizendo as últimas palavras a Valentim. *Nunca foi meu pai de verdade*, poderia dizer, ou, *foi o único pai que conheci*. Ambas as declarações eram igualmente verdadeiras, independentemente do quão contraditórias.

Quando abriu os olhos no lago — sabendo, de algum jeito, que estivera morto, mas não estava mais —, Jace só conseguia pensar em Clary, deitada a uma curta distância dele na areia ensanguentada, com os olhos fechados. Foi aos tropeços até ela, quase em pânico, temendo que estivesse ferida, ou até morta; e quando ela abriu os olhos, só conseguiu pensar no fato de que não estava. Só quando chegaram outros, ajudando-o a se levantar, exclamando espantados ao verem a cena, que viu o corpo de Valentim encolhido na beira do lago e sentiu a força da visão como um soco no estômago. Sabia que Valentim estava morto — ele mesmo o teria matado —, mas mesmo assim, de algum jeito, era doloroso ver. Clary tinha olhado para Jace com uma expressão triste no rosto, e ele soube que, mesmo que ela odiasse Valentim, e jamais tivesse tido qualquer razão para não fazê-lo, sentia a perda de Jace.

Semicerrou os olhos e uma inundação de imagens dominou o interior de suas pálpebras: Valentim o levantando da grama em um abraço forte, Valentim o segurando firme na proa de um barco em um lago, ensinando-o a se equilibrar. E outras lembranças mais sombrias: a mão de Valentim estalando contra o rosto dele, um falcão morto, o anjo algemado na adega dos Wayland.

— Jace.

Levantou os olhos. Luke estava diante dele, uma silhueta preta contornada pelo sol. Vestia jeans e uma camisa de flanela, como sempre — nada de branco funerário para ele.

— Acabou — disse Luke. — A cerimônia. Foi curta.

— Tenho certeza de que foi. — Jace enterrou os dedos no chão, recebendo bem a rispidez da terra arranhando as pontas dos dedos. — Alguém falou alguma coisa?

— Só as palavras de praxe. — Luke sentou no chão ao lado de Jace, franzindo um pouco o cenho. Jace não havia perguntado a ele como fora a batalha; na verdade não queria saber. Sabia que tinha acabado mais depressa do que todos esperavam: após a morte de Valentim, os demônios que havia convocado fugiram noite afora como névoa afastada pelo sol. Mas isso não significava que não tivessem ocorrido mortes. O corpo de Valentim não foi o único enterrado em Alicante naqueles dias.

— E Clary não... Quero dizer, ela não...

— Veio ao enterro? Não. Não quis. — Jace podia sentir Luke olhando de lado para ele. — Não a viu? Desde...

— Não, não desde o lago — respondeu Jace. — Foi a primeira vez que me deixaram sair do hospital, e tive que vir aqui.

— Não *tinha* que vir — disse Luke. — Podia ter ficado longe.

— Eu quis — admitiu Jace. — Não sei o que isso diz sobre mim.

— Enterros são para os vivos, Jace, não para os mortos. Valentim foi mais seu pai que de Clary, mesmo que não compartilhassem o sangue. Você que tinha que se despedir. É você que vai sentir falta dele.

— Não achei que tivesse permissão para sentir falta dele.

— Nunca nem conheceu Stephen Herondale — disse Luke. — E quando foi entregue a Robert Lightwood, já era crescido. Valentim foi o pai da sua infância. *Deve* sentir falta.

— Não paro de pensar em Hodge — disse Jace. — No Gard, fiquei perguntando para ele por que nunca me contou o que eu era, naquele momento ainda achava que era parte demônio, e ele disse que era porque não sabia. Achei que estivesse mentindo. Mas agora acho que falou a verdade. Ele era uma das poucas pessoas que sabia que *havia* um bebê Herondale que sobrevivera. Quando apareci no Instituto, não fazia ideia de qual dos filhos de Valentim eu era. O verdadeiro ou o adotivo. E eu poderia ser qualquer um. O demônio ou o anjo. E acho que ele nunca soube, não até ver Jonathan no Gard e perceber. Então tentou fazer o melhor que pôde comigo nestes anos todos, independentemente de qualquer coisa, até Valentim reaparecer. Foi uma espécie de ato de fé, não acha?

— Foi — disse Luke. — Acho que sim.

— Hodge disse que achou que talvez a criação pudesse fazer diferença, independentemente do sangue. E fico pensando, se tivesse ficado com Valentim, se ele não tivesse me mandado para os Lightwood, será que teria sido como Jonathan? Será que seria daquele jeito agora?

— Faz alguma diferença? — disse Luke. — Você é do jeito que é por um motivo. E se quer minha opinião, acho que Valentim o mandou para os Lightwood porque sabia que seria sua melhor chance. Talvez tivesse outras razões também. Mas não pode esquecer que ele o mandou para pessoas que sabia que o amariam, e que o criariam com amor. Pode ter sido uma das poucas coisas que ele já fez por outra pessoa. — Afagou o ombro de Jace, um gesto tão paternal que quase o fez sorrir. — Não me esqueceria disso, se fosse você.

Clary, de pé e olhando pela janela de Isabelle, observou a mancha de fumaça sobre o céu de Alicante, que parecia uma mão suja contra uma janela. A cremação de Valentim era hoje, sabia; a cremação do pai, na necrópole além dos portões.

— Está sabendo da celebração de hoje à noite, não está? — Clary virou-se para Isabelle, atrás dela, segurando dois vestidos diante do corpo, um azul e outro cinza como aço. — Qual acha que devo vestir?

Para Isabelle, acreditava Clary, roupas sempre seriam terapêuticas.

— O azul.

Isabelle colocou os vestidos na cama.

— O que você vai vestir? Você vai, não é?

Clary pensou no vestido prateado no fundo do baú de Amatis, no adorável tecido. Mas Amatis provavelmente jamais deixaria que o usasse.

— Não sei — respondeu. — Provavelmente uma calça jeans e meu casaco verde.

— Sem graça — disse Isabelle. Olhou para Aline, que estava sentada em uma cadeira perto da cama, lendo: — Não acha sem graça?

— Acho que deve deixar Clary vestir o que quiser. — Aline não desgrudou os olhos do livro. — Além disso, não é como se ela fosse se arrumar para alguém.

— Vai se arrumar para Jace — disse Isabelle, como se fosse óbvio. — Pelo menos devia.

Aline levantou os olhos, piscando confusa, em seguida sorriu.

— Ah, certo. Toda hora me esqueço. Deve ser estranho, não é mesmo, saber que ele não é seu irmão?

— Não — disse Clary com firmeza. — Pensar que ele era meu irmão era estranho. Isso parece... certo. — Olhou para trás, para a janela. — Não que o tenha visto desde que descobri. Não desde que voltamos a Alicante.

— É estranho — disse Aline.

— Não é estranho — disse Isabelle, com um olhar carregado de significado que Aline não pareceu notar. — Ele estava no hospital. Só saiu hoje.

— E não veio vê-la imediatamente? — perguntou Aline a Clary.

— Não pôde — disse Clary. — Tinha o enterro de Valentim para ir. Não podia perder.

— Talvez — disse Aline alegremente. — Ou talvez não esteja mais interessado em você. Quero dizer, agora que não é mais proibido. Algumas pessoas só querem o que não podem ter.

— Não Jace — disse Isabelle, rapidamente. — Jace não é assim.

Aline se levantou, derrubando o livro na cama.

— É melhor eu me vestir. Nos vemos hoje à noite? — E com isso saiu do

quarto, cantarolando.

Isabelle, observando-a sair, balançou a cabeça.

— Acha que ela não gosta de você? — perguntou. — Ou... será que está com ciúme? Ela parecia interessada em Jace.

— Rá! — Clary pareceu achar divertido. — Não, não está interessada nele. Acho que é uma dessas pessoas que falam o que vem à cabeça. E, vai saber, de repente está certa.

Isabelle tirou o prendedor do cabelo, deixando-o cair sobre os ombros. Atravessou o quarto e se juntou a Clary na janela. O céu estava claro agora, além das torres demoníacas; a fumaça desaparecera.

— *Você* acha que ela está certa?

— Não sei. Tenho que perguntar a Jace. Acho que o verei hoje à noite na festa. Ou na celebração da vitória, ou como quer que se chame — Olhou para Isabelle. — Sabe como vai ser?

— Vai ter um cortejo — disse Isabelle — e fogos, provavelmente. Música, dança, jogos, essas coisas. Como um grande festival de rua em Nova York. — Olhou pela janela, com a expressão saudosa. — Max iria gostar.

Clary esticou o braço e acariciou o cabelo de Isabelle, da maneira que faria com a própria irmã, se tivesse uma.

— Sei que iria.

*

Jace teve que bater duas vezes à porta na velha casa do canal antes de ouvir passos rápidos correndo para responder; seu coração pulou, em seguida se estabilizou quando a porta se abriu e Amatis Herondale estava na entrada, olhando surpresa para ele. Aparentava estar se arrumando para a celebração: trajava um vestido longo, cinza-claro, e brincos metálicos claros que ressaltavam as linhas prateadas do cabelo.

— Pois não?

— Clary — começou, e parou, sem saber ao certo o que dizer. Onde estava sua eloquência? Isso era algo que costumava ter, mesmo quando não havia mais nada, mas agora se sentia como se tivesse sido cortado e todas as palavras

inteligentes e fáceis tivessem escapado dele, deixando-o vazio. — Clary está aqui? Gostaria de falar com ela.

Amatis balançou a cabeça. O vazio de sua expressão desaparecera, e olhava tão intensamente para ele que o deixou nervoso.

— Não está. Acho que está com os Lightwood.

— Ah — Surpreendeu-se com a própria decepção. — Desculpe por tê-la incomodado.

— Não é incômodo nenhum. Estou feliz em vê-lo, para falar a verdade — disse alegremente. — Gostaria de falar com você sobre um assunto. Entre; já volto.

Jace entrou no hall enquanto ela desaparecia pelo corredor. Ficou imaginando que assunto teria para tratar com ele. Talvez Clary tivesse decidido que não queria mais nada com ele e escolhido Amatis para transmitir o recado.

Amatis voltou rapidamente. Não estava segurando nada que se parecesse com um bilhete — para alívio de Jace —, mas trazia uma pequena caixa de metal nas mãos. Era um objeto delicado, com um desenho de pássaros gravado.

— Jace — disse Amatis. — Luke me contou que Stephen... que seu pai é Stephen Herondale. Contou tudo que aconteceu.

Jace assentiu, o que considerou o gesto apropriado. A notícia estava se espalhando lentamente, que era como preferia; com sorte já teria voltado a Nova York antes que todos em Idris soubessem e passassem a encará-lo o tempo todo.

— Sabe que fui casada com Stephen antes de sua mãe — prosseguiu Amatis, com a voz apertada, como se as palavras machucassem. Jace a encarou; isso seria a respeito da mãe? Será que tinha ressentimento contra ele por trazer más lembranças de uma mulher que morreu antes mesmo que ele nascesse? — Dentre todos os que hoje estão vivos, provavelmente sou quem melhor conheceu o seu pai.

— Sim — disse Jace, desejando estar em outro lugar. — Tenho certeza de que isso é verdade.

— Sei que provavelmente tem sentimentos confusos em relação a ele — disse, surpreendendo-o principalmente porque era verdade. — Nunca o conheceu. E não foi esse o homem que o criou, mas você se parece com ele, exceto pelos olhos; estes são da sua mãe. E talvez eu esteja louca por incomodá-lo com isso. Talvez não tenha qualquer interesse em saber nada sobre Stephen. Mas *era* seu pai, e se ele o tivesse conhecido... — Entregou a caixa a ele, quase fazendo-o dar um salto para trás. — Tenho algumas coisas dele que guardei ao longo dos anos. Cartas que escreveu, fotos, uma árvore genealógica. A pedra enfeitiçada dele. Talvez não tenha perguntas agora, mas talvez um dia tenha, e quando tiver... Quando tiver, terá isso. — Ficou parada, esticando a caixa como se estivesse

oferecendo um tesouro precioso. Jace esticou a mão e pegou a caixa sem dizer nada; era pesada, e o metal, frio contra a pele.

— Obrigado — disse ele. Era o melhor que conseguia fazer. Hesitou, em seguida disse: — Tem uma coisa. Uma coisa que venho me perguntando.

— Sim?

— Se Stephen era meu pai, então a Inquisidora, Imogen, era minha avó.

— Era... — Amatis fez uma pausa. — Uma mulher muito difícil. Mas sim, era sua avó.

— Ela salvou minha vida — disse Jace. — Quero dizer, por um bom tempo agiu como se me odiasse. Depois viu isto — puxou o colarinho da camisa de lado, mostrando a Amatis a cicatriz branca em forma de estrela no ombro — e salvou minha vida. Mas o que esta cicatriz pode representar para ela?

Os olhos de Amatis se arregalaram.

— Não se lembra de ter recebido essa cicatriz, não é?

Jace balançou a cabeça.

— Valentim me disse que foi um ferimento de quando eu era jovem demais para me lembrar, mas agora acho que não acredito nele.

— Não é uma cicatriz. É uma marca de nascença. Existe uma velha lenda familiar sobre isso, que diz que um dos primeiros Herondale a se tornar Caçador de Sombras recebeu a visita de um anjo em um sonho. O anjo o tocou em seu ombro, e quando ele acordou, tinha uma marca como essa. E todos os descendentes também a têm. — Deu de ombros. — Não sei se a história é verdadeira, mas todos os Herondale a possuem. Seu pai também tinha uma, aqui. — Tocou a parte superior do braço direito. — Dizem que significa que teve contato com um anjo. Que é abençoado, de alguma forma. Imogen deve ter visto a marca e concluído quem realmente era.

Jace ficou olhando para Amatis, mas não a estava vendo: via a noite no navio; o convés molhado, preto, e a Inquisidora morrendo a seus pés.

— Ela disse uma coisa para mim enquanto morria: “Seu pai teria orgulho de você.” Achei que estivesse sendo cruel. Pensei que estivesse falando de Valentim...

Amatis balançou a cabeça.

— Estava falando de Stephen — disse suavemente. — E tinha razão. Ele teria orgulho.

Clary abriu a porta da frente de Amatis e entrou, pensando no quão rapidamente a casa se tornara familiar. Não tinha mais que se esforçar para se lembrar do caminho até a porta da frente, ou de como a maçaneta emperrava. O brilho do canal era familiar, assim como a vista de Alicante pela janela. Quase podia se imaginar morando aqui, quase conseguia visualizar como seria se Idris fosse sua casa. Ficou imaginando do que sentiria falta primeiro. Comida chinesa? Filmes? Midtown Comics?

Estava prestes a se dirigir para a escada quando ouviu a voz da mãe vindo da sala — aguda e ligeiramente agitada. Mas o que poderia ter chateado Jocelyn tanto assim? Tudo estava bem agora, não estava? Sem pensar, Clary encostou-se à parede perto da sala e ouviu a conversa.

— Como assim, vai ficar? — dizia Jocelyn. — Quer dizer que não vai voltar para Nova York?

— Me pediram para ficar em Alicante e representar os lobisomens no Conselho — disse Luke. — Disse a eles que daria uma resposta hoje à noite.

— Outra pessoa não pode fazer isso? Um dos líderes de bando aqui de Idris?

— Sou o único líder de bando que já foi Caçador de Sombras. Por isso me querem. — Suspirou. — Fui eu que comecei isso tudo, Jocelyn. Devo ficar e ver como se desenvolve.

Fez-se um curto silêncio.

— Se é assim que se sente, então claro que deve ficar — disse Jocelyn afinal, mas a voz não soava segura.

— Vou ter que vender a livraria. Organizar as coisas. — Luke soava rude. — Não é como se já estivesse me mudando.

— Posso cuidar disso. Depois de tudo o que fez... — Jocelyn não parecia ter a energia para manter o tom alegre. A voz se perdeu no silêncio, um silêncio que se estendeu por tanto tempo que Clary pensou em limpar a garganta e entrar na sala para anunciar sua presença.

Logo depois, ficou grata por não tê-lo feito.

— Ouça — disse Luke —, há muito tempo quero dizer isso, mas não disse. Sabia que jamais importaria, mesmo que eu dissesse, por causa do que sou. E nunca quis que isso fizesse parte da vida de Clary. Mas agora ela sabe, então acho que não faz diferença. Então, posso falar. Eu te amo, Jocelyn. Há vinte anos. — Fez uma pausa. Clary se esforçou para ouvir a resposta da mãe, mas Jocelyn ficou em silêncio. Finalmente Luke voltou a falar, com a voz pesada: — Tenho que voltar para o Conselho, e avisar a eles que vou ficar. Nunca mais precisamos conversar sobre isso outra vez. Só me sinto melhor em ter dito depois de tanto tempo.

Clary se encolheu novamente contra a porta enquanto Luke, com a cabeça

abaixada, saiu da sala. Passou por ela sem parecer vê-la e abriu a porta da frente. Ficou ali por um instante, olhando para o brilho do sol refletido na água do canal. Em seguida se foi, fechando a porta.

Clary ficou onde estava, encostada na parede. Sentia-se terrivelmente triste por Luke, e terrivelmente triste pela mãe também. Parecia que Jocelyn realmente não amava Luke, e talvez jamais pudesse. Exatamente como tinha sido com ela e Simon, exceto que não conseguia enxergar nenhuma maneira pela qual Luke e a mãe pudessem consertar as coisas. Não se ele fosse ficar em Idris. Lágrimas arderam em seus olhos. Estava prestes a virar e entrar na sala quando ouviu o barulho da porta da cozinha abrindo e outra voz. Esta parecia cansada, e um pouco resignada. Amatis.

— Desculpe por ter ouvido isso, mas estou feliz por ele ficar — disse a irmã de Luke. — Não só porque estará perto de mim, mas porque dará a ele uma chance de esquecê-la.

Jocelyn soou defensiva.

— Amatis...

— Faz muito tempo, Jocelyn — disse Amatis. — Se não o ama, ele precisa saber.

Jocelyn ficou em silêncio. Clary desejou que pudesse ver a expressão da mãe. Estaria triste? Irritada? Resignada?

Amatis arquejou de leve.

— A não ser que... você o *ama*?

— Amatis, não posso...

— Ama! Você ama! — Fez-se um barulho agudo, como se Amatis tivesse batido as mãos. — Sabia que amava! Sempre soube!

— Não importa. — Jocelyn parecia cansada. — Não seria justo com Luke.

— Não quero ouvir. — Outro ruído, dessa vez de agito, e Jocelyn emitiu um som de protesto. Clary imaginou se Amatis teria agarrado sua mãe. — Se o ama, vá agora e diga a ele. Agora, antes que ele vá para o Conselho.

— Mas querem que ele seja o representante no Conselho! E ele quer...

— Tudo que Lucian quer — disse Amatis com firmeza — é você. Você e Clary. É tudo que ele sempre quis. Agora vá.

Antes que Clary tivesse chance de se mover, Jocelyn entrou no corredor. Foi em direção à porta — e viu Clary, encolhida contra a parede. Parando, abriu a boca em surpresa.

— Clary! — Soava como se estivesse tentando fazer a voz parecer leve e alegre, e fracassando completamente. — Não sabia que estava aqui.

Clary se afastou da parede, agarrou a maçaneta, e abriu a porta. A luz do sol entrou no hall. Jocelyn ficou piscando sob a luminosidade, com os olhos na filha.

— Se você não for atrás de Luke — disse Clary, enunciando com total clareza —, eu, pessoalmente, vou matá-la.

Por um instante, Jocelyn pareceu espantada. Em seguida sorriu.

— Bem — disse —, se você coloca nestes *termos*.

Logo depois estava fora da casa, correndo pela trilha do canal em direção ao Salão dos Acordos. Clary fechou a porta e se apoiou nela. Amatis, surgindo da sala, passou por ela para se apoiar no parapeito, olhando ansiosa pela janela.

— Acha que ela vai alcançá-lo antes que ele chegue ao Salão?

— Minha mãe passou a vida inteira me perseguindo — disse Clary. — Ela é *rápida*.

Amatis olhou para ela e sorriu.

— Ah, isso me lembra — disse. — Jace passou aqui para vê-la. Acho que está esperando encontrá-la na celebração hoje à noite.

— *Está*? — disse Clary, pensativa. *Perguntar não ofende. Quem não arrisca, não petisca.* — Amatis — disse, e a irmã de Luke deixou de olhar pela janela para encará-la, curiosa.

— Sim?

— Aquele seu vestido prateado no baú — disse Clary. — Posso pegar emprestado?

As ruas já estavam começando a se encher com pessoas enquanto Clary voltava pela cidade em direção à casa dos Lightwood. Era crepúsculo, e as luzes estavam começando a se acender, preenchendo a atmosfera com um brilho claro. Buquês de flores brancas familiares penduravam-se em cestas nas paredes, preenchendo o ar com seu aroma pungente. Símbolos dourado-escuros queimavam nas portas das casas enquanto passava; os símbolos falavam em vitória e alegria.

Havia Caçadores de Sombras nas ruas. Nenhum estava uniformizado — trajavam uma variedade de trajes elegantes, de modernos a históricos. Era uma noite estranhamente morna, então poucas pessoas usavam casacos, mas havia diversas mulheres com o que Clary julgava serem vestidos de baile, as saias volumosas varrendo as ruas. Uma figura escura e esguia atravessou a estrada à frente dela enquanto virava para entrar na rua dos Lightwood, e viu que se tratava de Raphael, de mãos dadas com uma mulher alta de cabelos escuros usando um vestido vermelho. Olhou para trás e sorriu para Clary, um sorriso que provocou um calafrio nela, e ela pensou que era verdade, que realmente havia algo estranho nos integrantes do Submundo às vezes, algo estranho e assustador. Talvez a questão fosse que nem tudo que era assustador era também necessariamente ruim.

Mas tinha dúvidas quanto a Raphael.

A porta da frente dos Lightwood estava aberta, e grande parte da família já estava do lado de fora. Maryse e Robert Lightwood estavam lá, conversando com outros dois adultos; quando se viraram, Clary viu com leve surpresa que eram os Penhallow, pais de Aline. Maryse sorriu para ela; estava elegante em uma roupa azul-escura de seda, com o cabelo amarrado para trás em um laço prateado espesso. Era parecida com Isabelle — tanto que Clary queria esticar a mão e tocá-la no ombro. Maryse ainda parecia tão triste, mesmo ao sorrir, e Clary pensou: *está se lembrando de Max, assim como Isabelle, e pensando no quanto ele gostaria disso tudo*.

— Clary! — Isabelle desceu pelos degraus da frente, os cabelos negros esvoaçando atrás. Não estava com nenhuma das duas roupas que tinha mostrado a Clary antes, mas um lindo vestido dourado de cetim que abraçava seu corpo como pétalas fechadas de uma flor. Calçava sandálias altas, e Clary se lembrou do que Isabelle dissera uma vez sobre como gostava de saltos, e riu para si mesma. — Você está *linda*.

— Obrigada. — Clary mexeu um pouco envergonhada no tecido prateado diáfano do vestido. Era provavelmente a coisa mais feminina que já tinha vestido. Deixava seus ombros expostos, e cada vez que sentia a ponta do cabelo fazer cócegas na pele, tinha que combater o impulso de procurar um moletom para se cobrir. — Você também.

Isabelle se inclinou para sussurrar ao ouvido de Clary.

— Jace não está aqui.

Clary recuou.

— Então onde...

— Alec disse que deve estar na praça, onde vão soltar os fogos. Sinto muito, não sei o que há com ele.

Clary deu de ombros, tentando esconder a decepção.

— Tudo bem.

Alec e Aline saíram aos tropeços da casa atrás de Isabelle, Aline com um vestido vermelho brilhante que deixava seu cabelo surpreendentemente preto. Alec tinha se vestido como sempre, um casaco e calças escuras, apesar de, Clary tinha que admitir, o casaco aparentar não ter nenhum buraco. Sorriu para Clary, e ela pensou, surpresa, que ele *realmente* parecia diferente. Mais leve, de algum jeito, como se um peso tivesse sido tirado de seus ombros.

— Nunca fui a uma celebração que contasse com a presença de integrantes do Submundo antes — disse Aline, olhando nervosa pela rua, onde havia uma fada cujos longos cabelos estavam amarrados com flores... não, pensou Clary, o cabelo *era feito* de flores, ligadas por finas cordas verdes. Estava tirando algumas flores brancas de uma cesta, olhando-as com atenção e comendo-as.

— Vai adorar — disse Isabelle. — Sabem curtir uma festa. — Acenou para os pais e foram para a praça, Clary ainda lutando contra o impulso de cobrir a parte de cima do corpo cruzando os braços sobre o peito. O vestido girava sobre os pés como fumaça se curvando ao vento. Pensou na fumaça que havia se levantado sobre Alicante mais cedo naquele dia, e estremeceu.

— Ei! — disse Isabelle, e Clary levantou os olhos para ver Simon e Maia vindo em direção a eles pela rua. Quase não tinha visto Simon durante o dia; ele tinha ido ao Salão observar a reunião preliminar do Conselho porque, declarou, estava curioso para saber quem seria escolhido para representar os vampiros. Clary não conseguia imaginar Maia vestindo nada tão feminino quanto um vestido, e ela de fato estava vestida com calças de cintura baixa e uma camiseta que dizia ESCOLHA SUA ARMA e tinha dados de RPG desenhados sob as palavras. Era uma camiseta de quem costumava jogar esse tipo de coisa, pensou Clary, imaginando se Maia realmente jogava, ou se estava usando a camiseta apenas para impressionar Simon. Se fosse esse o caso, tinha escolhido bem. — Estão indo para a Praça do Anjo?

Maia e Simon confirmaram e foram todos juntos para o Salão em um grupo unido. Simon diminuiu o ritmo para andar ao lado de Clary, e caminharam juntos em silêncio. Era bom simplesmente estar perto de Simon outra vez. Ele foi a primeira pessoa que quis ver quando voltou a Alicante. Abraçara-o com força,

feliz por ele estar vivo, e tocou a Marca na testa dele.

— Salvou você? — perguntara, desesperada para ouvir que não tinha feito aquilo em vão.

— Salvou. — Fora tudo que dissera em resposta.

— Gostaria de poder tirá-la de você — dissera. — Queria saber o que pode acontecer com você por causa dela.

Ele a pegara pelo pulso e arrastara gentilmente sua mão de volta à lateral do corpo.

— Vamos esperar — dissera Simon. — E veremos.

Vinha observando-o de perto, mas tinha que admitir que a Marca não parecia afetá-lo de nenhuma forma visível. Parecia o mesmo de sempre. Simon. Só tinha mudado o penteado para esconder a Marca; se você não soubesse que estava lá, jamais adivinharia.

— Como foi a reunião? — perguntou Clary, olhando-o da cabeça aos pés, para ver se estava vestido para a celebração. Não estava, mas não podia culpá-lo: o jeans e a camiseta eram tudo que tinha para usar. — Quem escolheram?

— *Não* foi o Raphael — disse Simon, soando satisfeito com isso. — Outro vampiro. Tinha um nome pretensioso. Nightshade ou coisa do tipo.

— Sabe, me perguntaram se eu queria desenhar o símbolo do Novo Conselho — disse Clary. — É uma honra. Eu disse que faria. Vai ter o símbolo do Conselho cercado por representações das quatro famílias do Submundo. Uma Lua para os lobisomens, e estava pensando em um trevo de quatro folhas para as fadas. Um livro de feitiços para os feiticeiros. Mas não consigo pensar em nada para os vampiros.

— Que tal uma presa? — sugeriu Simon. — Talvez com sangue pingando. — Exibiu os dentes.

— Obrigada — disse Clary. — Foi de grande ajuda.

— Que bom que pediram a você — disse Simon, mais sério. — Você merece a honra. Merece uma medalha, na verdade, pelo que fez. O símbolo da Aliança e tudo mais.

Clary deu de ombros.

— Não sei. Quero dizer, a batalha mal durou dez minutos, afinal. Não sei quanto ajudei.

— Eu estive *na* batalha, Clary — disse Simon. — Pode ter durado dez minutos, mas foram os piores dez minutos da minha vida. E na verdade não quero falar a respeito. Mas digo que mesmo em dez minutos, se não fosse por você, teriam sido muito mais mortos. Além disso, a batalha foi só uma parte. Se não tivesse feito o que fez, não haveria um Novo Conselho. Seríamos Caçadores de Sombras e integrantes do Submundo, odiando uns aos outros, em vez de

Caçadores de Sombras e integrantes do Submundo, indo juntos a uma festa.

Clary sentiu um nó subindo na garganta e olhou para a frente, controlando-se para não chorar.

— Obrigada, Simon — hesitou, tão brevemente que ninguém além de Simon teria percebido. Mas ele percebeu.

— O que houve? — perguntou.

— Só estou imaginando o que faremos quando voltarmos para casa — disse. — Quero dizer, sei que Magnus cuidou da sua mãe, então ela não está histérica com o seu sumiço, mas... a escola. Perdemos muitas aulas. E nem sei...

— Você não vai voltar — disse Simon, baixinho. — Acha que não sei? É uma Caçadora de Sombras agora. Vai concluir sua educação no Instituto.

— E você? É um vampiro. Vai simplesmente voltar para o colégio?

— Vou — disse Simon, surpreendendo-a. — Vou. Quero uma vida normal, na medida do possível. Quero colégio, faculdade, tudo isso.

Ela apertou a mão dele.

— Então deve ter tudo. — Sorriu para ele. — Claro, todo mundo vai ter um ataque quando você voltar.

— Ter um ataque? Por quê?

— Porque está muito mais gato do que quando saiu. — Deu de ombros. — É verdade. Deve ser uma coisa de vampiro.

Simon pareceu espantado.

— Estou mais gato agora?

— Claro que está. Quero dizer, é só olhar para aquelas duas. Estão totalmente a fim de você. — Apontou para alguns metros adiante, onde Isabelle e Maia caminhavam lado a lado, com as cabeças inclinadas.

Simon olhou para a frente, para as meninas. Clary poderia jurar que ele estava enrubescendo.

— Estão? Às vezes elas se juntam e sussurram e ficam me *olhando*. Não faço ideia do que seja.

— Claro que não faz. — Clary sorriu. — Pobrezinho, duas garotas lindas competindo pelo seu amor. Que vida dura.

— Tudo bem. Então você me diz qual das duas escolher.

— Nem pensar. Isso é por sua conta. — Ela baixou a voz outra vez. — Olha só, você pode sair com quem quiser, e vou dar *todo* o meu apoio. Sou toda apoio. Apoio é meu nome do meio.

— Então é por *isso* que nunca me contou seu nome do meio. Achei que fosse alguma coisa vergonhosa.

Clary ignorou o comentário.

— Só me prometa uma coisa, tudo bem? Sei como são as meninas. Sei como

detestam que o namorado tenha uma melhor amiga mulher. Apenas me prometa que não vai me cortar totalmente da sua vida. Que ainda podemos sair de vez em quando.

— De vez em quando? — Simon balançou a cabeça. — Clary, você é louca.

Seu coração afundou.

— Quer dizer...

— *Quero dizer* que jamais sairia com uma garota que quisesse que eu cortasse você da minha vida. Não tem negociação. Quer um pouco *dessa* maravilha? — Gesticulou para si mesmo. — Bem, minha melhor amiga vem junto. Jamais a cortaria da minha vida, não mais do que cortaria minha mão direita e daria de presente de dia dos namorados para alguém.

— Eca — disse Clary. — Precisava disso?

Ele deu um sorriso torto.

— Precisava.

A Praça do Anjo estava quase irreconhecível. O Salão brilhava em branco na ponta da praça, parcialmente obscurecido por uma floresta elaborada de árvores enormes que cresciam do centro. Claramente eram fruto de magia — apesar de que, pensou Clary, lembrando-se da habilidade de Magnus de movimentar copos de café e móveis por Manhattan em um piscar de olhos, talvez sejam reais, se tiverem sido transplantadas. As árvores se erguiam quase à altura das torres demoníacas, os troncos prateados envolvidos com laços e luzes coloridas entre as redes verdes formadas por galhos. A praça cheirava a flores brancas, fumaça e folhas. Ao redor das extremidades havia mesas e longos bancos, e grupos de Caçadores de Sombras e membros do Submundo preenchendo-os, rindo, bebendo e conversando. Apesar das risadas, havia uma melancolia misturada ao ar de celebração — uma tristeza palpável, lado a lado com a alegria.

As lojas que envolviam a praça tinham as portas abertas, lançando luz sobre o pavimento. Foliões passavam, carregando pratos de comida e taças de hastes longas contendo vinho e líquidos coloridos. Simon observou um kelpie passar, carregando uma taça de líquido azul, e ergueu uma sobrancelha.

— Não é como a festa de Magnus. — Isabelle o tranquilizou. — Acho que tudo aqui pode ser bebido em segurança.

— *Acha*? — Aline parecia preocupada.

Alec olhou para a minifloresta, as luzes coloridas refletindo nas íris azuis de seus olhos. Magnus estava à sombra de uma árvore, conversando com uma menina de vestido branco e uma nuvem de cabelos castanhos-claros. Ela se virou enquanto Magnus olhava para eles, e Clary encontrou o olhar da moça por um instante através da distância que as separava. Havia algo de familiar nela, apesar de Clary não saber exatamente o quê.

Magnus se afastou e veio na direção deles, e a menina com quem estava falando escorregou para as sombras e desapareceu. Ele parecia um cavalheiro vitoriano, com um longo casaco preto sobre um colete roxo de seda. Um lenço quadrado com as iniciais M.B. bordadas saía do bolso.

— Bonito colete — disse Alec com um sorriso.

— Quer um igual? — perguntou Magnus. — Na cor que preferir, é claro.

— Não ligo para roupa — protestou Alec.

— E adoro isso em você — anunciou Magnus —, mas adoraria que tivesse, talvez, um terno de marca. Que tal? Dolce? Zegna? Armani?

Alec engasgou enquanto Isabelle ria, e Magnus aproveitou a oportunidade para se inclinar para perto de Clary e sussurrar ao seu ouvido.

— A escada do Salão dos Acordos. Vá.

Queria perguntar o que queria dizer com isso, mas ele já tinha se voltado novamente para Alec e os outros. Além disso, tinha a sensação de que sabia.

Apertou o pulso de Simon antes de sair, e ele virou para sorrir para ela antes de voltar à conversa com Maia.

Atravessou a beira da floresta enfeitiçada para chegar ao outro lado da praça, entrando e saindo das sombras. As árvores iam até o pé das escadas do Salão, provável razão pela qual os degraus estavam desertos. Mas não totalmente. Olhando para as portas, Clary conseguiu identificar um contorno escuro familiar, sentado à sombra do pilar. Seu coração acelerou.

Jace.

Teve que segurar a saia com as mãos para subir as escadas, com medo de pisar nela e rasgar o tecido delicado. Quase desejou ter vestido as roupas normais ao se aproximar de Jace, que estava sentado com as costas contra um pilar, olhando para a praça. Trajava suas roupas mais mundanas — calça jeans, camisa branca e uma jaqueta escura por cima. E quase pela primeira vez desde que o conhecera, pensou, não parecia estar armado.

De repente, se sentiu bem-vestida demais. Parou a uma pequena distância dele, subitamente incerta quanto ao que dizer.

Como se a sentisse ali, Jace levantou o olhar. Estava segurando alguma coisa equilibrada no colo, Clary reparou, uma caixa prateada. Parecia cansado. Havia sombras sob seus olhos, e os cabelos claros dourados estavam bagunçados. Arregalou os olhos.

— Clary?

— Quem mais poderia ser?

Ele não sorriu.

— Não parece você.

— É o vestido. — Passou as mãos pelo tecido, envergonhada. — Normalmente não visto coisas tão... bonitas.

— Está sempre linda — disse, e ela se lembrou da primeira vez em que a chamou de linda, na estufa no Instituto. Não dissera como um elogio, mas como algo inegável, como o fato de que era ruiva e gostava de desenhar. — Mas parece... distante. Como se não pudesse tocá-la.

Ela aproximou-se e se sentou ao lado dele no degrau largo do alto. A pedra era fria através do vestido. Esticou a mão para ele; tremia levemente, o suficiente para ser visível.

— Toque em mim — disse ela. — Se quiser.

Ele pegou a mão dela e a colocou contra a própria bochecha por um instante. Em seguida, repousou-a no colo dela. Clary estremeceu um pouco, lembrando-se das palavras de Aline no quarto de Isabelle. *Talvez não esteja mais interessado em você, agora que não é mais proibido*. Tinha dito que ela parecia distante, mas a expressão nos olhos dele era tão remota quanto uma galáxia distante.

— O que tem na caixa? — perguntou. Continuava segurando o retângulo prateado com firmeza em uma mão. O objeto parecia caro, delicadamente esculpido com uma estampa de pássaros.

— Fui até a casa de Amatis mais cedo, procurar por você — disse. — Mas não estava lá. Então conversei com Amatis. Ela me deu isso. — Indicou a caixa. — Pertencia ao meu pai.

Por um instante Clary simplesmente olhou para ele sem entender. *Era de Valentim?*, se perguntou. E, em seguida, com um sobressalto: *não, não é o que ele está dizendo*.

— Claro — disse ela. — Amatis foi casada com Stephen Herondale.

— Estive analisando. Lendo as cartas, as páginas do diário. Achei que, fazendo isso, poderia sentir alguma espécie de ligação com ele. Algo que saltasse das páginas e dissesse, *sim, é o seu pai*. Mas não sinto nada. Apenas pedaços de papel. Qualquer pessoa poderia ter escrito estas coisas.

— Jace — disse suavemente.

— Isso é outra coisa — falou. — Não tenho mais um nome, tenho? Não sou Jonathan Christopher, este era outro. Mas é o nome ao qual estou acostumado.

— Quem inventou o apelido Jace? Foi você mesmo?

Jace balançou a cabeça.

— Não. Valentim sempre me chamou de Jonathan. E era assim que me chamavam quando cheguei ao Instituto. Não era para eu ter pensado que meu nome era Jonathan Christopher, sabe, foi um acidente. Descobri o nome no diário do meu pai, mas não era de mim que estava falando. Não era o meu progresso no registro. Era o de Seb... de Jonathan. Então na primeira vez que contei a Maryse que meu nome do meio era Christopher, disse a si mesma que tinha se equivocado na lembrança, e que o nome do meio do filho de Michael era Christopher. Já haviam se passado dez anos, afinal. Mas foi quando começou a me chamar de Jace: era como se quisesse me dar um nome novo, algo que pertencesse a ela, à minha vida em Nova York. E eu gostei. Nunca apreciei muito Jonathan — virou a caixa nas mãos — e fico imaginando se Maryse soube, ou adivinhou, mas não quis saber. Ela me amava... e não queria acreditar.

— Por isso que ficou tão irritada quando descobriu que você *era* filho de Valentim — disse Clary. — Porque achava que deveria ter sabido. Meio que sabia, *sim*. Mas nunca queremos acreditar nesse tipo de coisa sobre quem amamos. Ela tinha razão quanto a quem você era de verdade. E você *tem* um nome. Seu nome é Jace. Valentim não lhe deu esse nome. Maryse deu. A única coisa que faz um nome importante, e seu, é que é dado por alguém que o ama.

— Jace o quê? — disse ele. — Jace Herondale?

— Ora, por favor — disse ela. — Você é Jace *Lightwood*. Sabe disso.

Levantou os olhos para os dela. Os cílios os encobriam quase completamente, escurecendo o dourado. Clary achou que ele parecia um pouco menos remoto, mas pensou que talvez estivesse apenas imaginando.

— Talvez seja uma pessoa diferente do que imaginava — continuou, torcendo desesperadamente para que ele entendesse o que estava dizendo. — Mas ninguém se torna completamente diferente da noite para o dia. Descobrir que Stephen era seu pai biológico por si só não fará com que o ame automaticamente. E não precisa. Valentim não era seu pai de verdade, mas não porque não tem o sangue dele nas veias. Não era seu verdadeiro pai porque não *agia* como um pai. Não tomou conta de você. Foram os Lightwood que sempre fizeram isso. *Eles* são sua família. Assim como a minha mãe e Luke são a minha. — Esticou a mão para tocar o ombro dele, e puxou-a de volta. — Desculpe — disse. — Aqui estou eu passando sermão, e você provavelmente veio para cá ficar sozinho.

— Tem razão — disse ele.

Clary perdeu o fôlego.

— Tudo bem, então. Vou embora. — Ela se levantou, esquecendo de segurar o vestido, e quase pisou na bainha.

— Clary! — Repousando a caixa, Jace se levantou rapidamente. — Clary, espere. Não foi isso que quis dizer. Não quis dizer que pretendia ficar sozinho. Quis dizer que está certa em relação a Valentim, aos Lightwood...

Ela virou e olhou para ele. Jace estava meio à sombra e meio fora dela, a luz brilhante e colorida da festa projetando estampas estranhas na pele dele. Pensou na primeira vez em que o vira. Achou que ele parecia um leão. Belo e mortal. Parecia diferente agora. Aquela capa dura e defensiva que usava como uma armadura não estava mais lá, e ele vestia ferimentos no lugar, visível e orgulhosamente. Não tinha nem mesmo utilizado a estela para tirar os ferimentos do rosto, junto à linha da mandíbula, na garganta onde a pele aparecia acima do colarinho da camisa. Mas continuava lindo, mais do que antes, pois agora parecia humano; humano e real.

— Sabe — disse ela—, Aline disse que talvez não estivesse mais interessado em mim. Agora que *não é* proibido. Agora que pode ficar comigo se quiser. — Tremeu um pouco no vestido, agarrando os cotovelos com as mãos. — É verdade? Você não está... interessado?

— *Interessado*? Como se você fosse um... um livro ou uma notícia? Não, não estou *interessado*. Estou... — interrompeu-se, procurando a palavra como alguém procurava um interruptor no escuro. — Você se lembra do que disse antes? Sobre me sentir como se o fato de você ser minha irmã ser uma espécie de piada cósmica comigo? Com nós dois?

— Lembro.

— Nunca acreditei — disse. — Quero dizer, de alguma maneira acreditei, deixei que me levasse ao desespero, mas nunca *senti*. Nunca senti que fosse minha irmã. Porque nunca senti por você o que se deve sentir por uma irmã. Mas não significava que não sentisse que você era parte de mim. Isso eu sempre senti. — Notando a expressão confusa de Clary, interrompeu-se com um ruído de impaciência: — Não estou me expressando direito. Clary, detestei cada segundo em que pensei que fosse minha irmã. Detestei cada instante em que pensei que o que sentia por você significava que havia alguma coisa errada comigo. Mas...

— Mas *o quê?* — O coração de Clary batia tão acelerado que estava se sentindo mais do que um pouco tonta.

— Pude ver o deleite com que Valentim encarava a maneira como me sentia por você. Como você se sentia por mim. Ele usou como uma arma contra nós dois. E isso me fez odiá-lo. Mais do que tudo que fez comigo, isso me fez detestá-lo, e me jogou contra ele, e talvez fosse do que eu precisava. Pois houve ocasiões em que não soube se queria segui-lo ou não. Foi uma escolha difícil, mais difícil do que gosto de lembrar. — Sua voz estava tensa.

— Perguntei a você se eu tinha escolha uma vez — lembrou Clary — e você respondeu "sempre temos escolha". Você optou por se colocar contra Valentim. No final, foi a escolha que fez, e não importa o quão difícil foi. Importa é que aconteceu.

— Eu sei — disse Jace. — Só estou dizendo que acho que fiz essa escolha em parte por sua causa. Não posso me desligar de você, Clary, desatar meu coração, meu sangue, minha mente ou qualquer outra parte de mim. E não quero.

— Não quer? — sussurrou.

Deu um passo na direção dela. Estava com os olhos fixos no rosto de Clary, como se não pudesse desviá-los.

— Sempre achei que o amor tornasse as pessoas burras. Fracas. Más Caçadoras de Sombras. *Amar é destruir*. E acreditei nisso.

Ela mordeu o lábio, mas também não conseguia tirar os olhos dele.

— Achava que ser um bom Caçador de Sombras significava não se importar — falou. — Com nada, principalmente comigo mesmo. Corri todos os riscos que pude. Me lançava no encalço de demônios. Acho que deixei Alec complexado sobre a espécie de guerreiro que era, só porque ele queria viver — Jace deu um sorriso torto —, então a conheci. Você era uma mundana. Fraca. Não era lutadora. Nunca tinha treinado. E vi o quanto amava sua mãe, Simon, e como iria ao inferno para salvá-los. E entrou naquele hotel de vampiros. Caçadores de Sombras com décadas de experiência não teriam feito aquilo. O amor não a enfraquecia, a deixava mais forte do que qualquer pessoa que já conheci. E

percebi que o fraco era eu.

— *Não*. — Clary estava chocada. — Não é, não.

— Talvez não mais. — Deu mais um passo, e agora estava próximo o suficiente para tocá-la. — Valentim não conseguia acreditar que eu tinha matado Jonathan — falou. — Não conseguia acreditar porque eu era o fraco, e Jonathan era o bem-treinado. Por todas as razões, provavelmente era ele que deveria ter me matado. Quase matou. Mas pensei em *você*, a vi lá, claramente, como se estivesse na minha frente, me observando, e soube que queria viver, mais do que jamais havia desejado qualquer coisa, nem que fosse só para ver seu rosto mais uma vez.

Clary desejou conseguir se mover, poder se esticar e tocá-lo, mas não conseguia. Os braços pareciam congelados nas laterais. O rosto dele estava próximo ao dela, tão perto que podia ver o próprio reflexo nas pupilas dele.

— E agora estou olhando para você — disse —, e você está me perguntando se ainda a quero, como se eu pudesse deixar de amar. Como se eu fosse desistir do que me deixa mais forte que qualquer outra coisa. Nunca ousei dar tanto de mim a ninguém antes; apenas pedaços de mim aos Lightwood, a Isabelle e Alec, mas levei anos para fazer isso... Mas Clary, desde a primeira vez em que a vi, pertenci completamente a você. E continuo pertencendo. Se você me quiser.

Por uma fração de segundo, ela ficou imóvel. Então, de algum jeito, pegou a frente da camisa dele e o puxou para si. Os braços dele a envolveram, quase a levantando da sandália, e logo ele a estava beijando — ou ela o estava beijando, não tinha certeza, e não fazia diferença. A sensação da boca dele na dela era elétrica; Clary agarrou os braços dele, puxando-o para perto, com força. A sensação do coração de Jace batendo através da camisa a deixou tonta de alegria. O coração de ninguém batia como o de Jace, e nem poderia.

Ele a soltou finalmente e ela arfou — tinha se esquecido de respirar. Jace pegou o rosto de Clary com as mãos, traçando a curva das maçãs do rosto dela com os dedos. A luz tinha voltado aos seus olhos, tão brilhantes quanto tinham estado no lago, mas agora havia neles um fulgor travesso.

— Então — disse ele. — Não foi tão ruim assim, foi, mesmo não sendo proibido?

— Já beijei piores — disse ela, com uma risada trêmula.

— Sabe — disse Jace, se curvando para encostar a boca na dela —, se a falta de *proibido* preocupa, ainda pode me proibir de fazer coisas.

— Que tipo de coisas?

Clary o sentiu sorrir em sua boca.

— Coisas assim.

Após um tempo, desceram a escada e foram para a praça, onde uma multidão havia começado a se reunir para esperar os fogos. Isabelle e os outros tinham encontrado uma mesa perto do canto da praça e estavam juntos por lá, em bancos e cadeiras. Enquanto se aproximavam do grupo, Clary se preparou para soltar a mão de Jace — e então se conteve. Podiam dar as mãos se quisessem. Não havia nada de errado nisso. O pensamento quase a deixou sem fôlego.

— Chegaram! — Isabelle foi dançando até eles, exultante, com uma taça de um líquido fúcsia, que entregou a Clary. — Beba um pouco disso!

Clary apertou os olhos.

— Vai me transformar em roedora?

— Cadê a confiança? Acho que é suco de morango — disse Isabelle. — De qualquer forma, é delicioso. Jace? — Ofereceu a ele a taça.

— Sou homem — disse ele —, e homens não consomem bebidas cor-de-rosa. Vá, mulher, e me traga alguma coisa marrom.

— Marrom? — Isabelle fez uma careta.

— Marrom é uma cor masculina — disse Jace, e puxou um chumaço de cabelo de Isabelle com a mão livre. — Aliás, veja, é a cor que Alec está usando.

Alec olhou pesarosamente para o casaco.

— Era preto — disse ele. — Mas desbotou.

— Podia incrementar com uma fita de lantejoulas na cabeça — sugeriu Magnus, oferecendo ao namorado algo azul e brilhante. — Só uma ideia.

— Resista ao impulso, Alec. — Simon estava sentado na beira de um muro baixo com Maia ao lado, apesar de ela parecer estar imersa em um papo com Aline. — Vai ficar parecendo a Olivia Newton-John em *Xanadu*.

— Existe coisa pior — observou Magnus.

Simon saiu da mureta e veio até Clary e Jace. Com as mãos nos bolsos de trás da calça jeans, olhou para eles pensativamente por um longo momento. Afinal, falou:

— Parece feliz — disse a Clary. Desviou o olhar para Jace. — E é bom para você que pareça.

Jace ergueu a sobrancelha.

— Esta é a parte em que me diz que se eu machucá-la, você vai me matar?

— Não — disse Simon. — Se machucar Clary, ela é perfeitamente capaz de matá-lo sozinha. Possivelmente com uma variedade de armas.

Jace pareceu satisfeito com o pensamento.

— Ouça — disse Simon. — Só queria dizer que tudo bem se não gostar de mim. Se fizer Clary feliz, por mim tudo bem. — Esticou a mão, e Jace soltou a de Clary e apertou a de Simon, com um olhar espantado no rosto.

— Não desgosto de você. Aliás, justamente porque gosto de você, vou lhe dar

um conselho.

— Conselho? — Simon parecia desconfiado.

— Vejo que está tendo sucesso com essa coisa de vampiro — disse Jace, indicando Isabelle e Maia com um aceno de cabeça. — E parabéns. Muitas garotas adoram essa coisa de morto-vivo sensível. Mas eu abriria mão do aspecto musical se fosse você. Roqueiros vampiros já estão fora de moda e, além disso, você não deve ser muito talentoso...

Simon suspirou.

— Não suponho que possa reconsiderar a parte em que não gostava de mim?

— Chega, vocês dois — disse Clary. — Não podem ser babacas um com o outro para sempre, sabem.

— Tecnicamente — disse Simon —, eu posso.

Jace emitiu um ruído deselegante; após um instante, Clary percebeu que ele estava tentando ficar sério, mas não estava sendo totalmente bem-sucedido.

Simon sorriu.

— Te peguei.

— Bem — disse Clary. — Este *é* um momento lindo. — Olhou em volta procurando Isabelle, que provavelmente estaria tão satisfeita quanto ela por Jace e Simon estarem se dando bem, do jeito deles.

Em vez disso, viu outra pessoa.

Na beira da floresta enfeitiçada, onde a sombra se misturava à luz, havia uma mulher esguia com um vestido verde da cor das folhas, os longos cabelos vermelhos amarrados numa tiara dourada.

A Rainha Seelie. Olhava diretamente para Clary, e quando a menina encontrou seu olhar, ela levantou a mão e acenou para que viesse. *Venha*.

Se foi por vontade própria ou pela estranha compulsão do Povo das Fadas, Clary não sabia ao certo, mas com uma desculpa sussurrada, encaminhou-se para a beira da floresta, passando por foliões animados. Percebeu, ao se aproximar da Rainha, uma enorme quantidade de fadas por perto, em um círculo ao redor da Dama. Mesmo que quisesse parecer sozinha, a Rainha não estava longe dos cortesãos.

A Rainha levantou uma mão imperiosa.

— Aí — disse. — E nem um passo mais perto.

Clary, a alguns passos da Rainha, parou.

— Milady — disse, lembrando da formalidade com que Jace havia se endereçado à Rainha na Corte. — Por que pede que eu me aproxime?

— Gostaria de um favor seu — disse a Rainha sem preâmbulos. — E claro, prometeria um favor em retribuição.

— Um favor *meu*? — admirou-se Clary. — Mas... você nem gosta de mim.

A Rainha tocou os lábios pensativa, com um único e longo dedo.

— O Povo das Fadas, diferentemente dos humanos, não se preocupa muito com *gostar*. Amor, talvez, e ódio. Ambas são emoções úteis. Mas *gostar*... — Deu de ombros de forma elegante. — O Conselho ainda não escolheu quem de nós quer como representante — falou. — Sei que Lucian Graymark é como um pai para você. Ouviria se pedisse. Gostaria que pedisse a ele que escolhessem meu cavaleiro Meliorn para a missão.

Clary lembrou-se do Salão dos Acordos, e de Meliorn dizendo que não queria lutar a batalha se as Crianças Noturnas não lutassem também.

— Acho que Luke não gosta muito dele.

— E mais uma vez — disse a Rainha —, fala em *gostar*.

— Quando a vi antes, na Corte Seelie — disse Clary —, chamou a mim e a Jace de irmãos. Mas sabia que não éramos irmãos de verdade. Não sabia?

A Rainha sorriu.

— O mesmo sangue corre sob suas veias — disse. — O sangue do Anjo. Todos que carregam o sangue do Anjo são irmãos sob a pele.

Clary estremeceu.

— Mas poderia ter nos contado a verdade. E não o fez.

— Falei a verdade de acordo com a minha percepção. Todos contamos a verdade como a vemos, não? Alguma vez já parou para pensar que inverdades podia haver no conto que sua mãe narrou, mas que serviam a algum propósito? Realmente acha que conhece todos os segredos do seu passado?

Clary hesitou. Sem saber por quê, de repente ouviu a voz da Madame Dorothea na cabeça. *Vai se apaixonar pela pessoa errada*, a semibruxa havia dito a Jace. Clary tinha presumido que Dorothea só estava se referindo a quantos problemas o afeto de Jace por Clary traria aos dois. Mas mesmo assim havia buracos, ela sabia, na memória — mesmo agora, coisas, eventos, que não tinham voltado a ela. Segredos cujas verdades jamais conheceria. Havia desistido deles, considerando-os perdidos e desimportantes, mas talvez...

Não. Sentiu as mãos cerrarem nas laterais. O veneno da Rainha era sutil, mas poderoso. Havia alguém no mundo que pudesse dizer verdadeiramente que conhecia todos os segredos a respeito de si? E não era melhor deixar alguns segredos quietos?

Balançou a cabeça.

— O que fez na Corte — disse. — Talvez não tenha mentido. Mas não foi gentil. — Começou a virar para se afastar. — E já tive crueldade o bastante.

— Realmente recusaria um favor da Rainha da Corte Seelie? — perguntou. — Nem todo mortal tem uma chance dessas.

— Não preciso de nenhum favor seu — disse Clary. — Tenho tudo que quero.

Virou as costas para a Rainha e se afastou.

Quando voltou ao grupo que tinha deixado, descobriu que tinham recebido Robert e Maryse Lightwood, que estavam — viu, com surpresa — apertando as mãos de Magnus Bane, que havia dispensado a fita brilhante de cabeça e se tornado o modelo de decoro. Maryse estava com os braços no ombro de Alec. O restante dos amigos estava sentado em um grupo na mureta; Clary estava prestes a se juntar a eles quando sentiu um toque no ombro.

— Clary! — Era a mãe, sorrindo para ela, com Luke ao lado, de mãos dadas. Jocelyn não estava nem um pouco arrumada; tudo que vestia era uma calça jeans e uma blusa folgada, que ao menos não estava manchada de tinta. Mas pela maneira como Luke a olhava, era possível perceber que não a achava nada

menos que perfeita. — Que bom que finalmente a encontramos.

Clary sorriu para Luke.

— Então suponho que *não* esteja de mudança para Idris?

— Não — disse. Clary nunca o vira tão feliz. — A pizza aqui é péssima.

Jocelyn riu e saiu para conversar com Amatis, que admirava uma bolha de vidro cheia de fumaça que não parava de mudar de cor. Clary voltou a olhar para Luke.

— Você *realmente* ia deixar Nova York, ou só falou aquilo para fazer com que ela finalmente se manifestasse?

— Clary — disse Luke —, estou chocado por sugerir uma coisa dessas. — Sorriu, mas logo ficou sério. — Tudo bem por você, certo? Sei que isso representa uma grande mudança na sua vida, eu ia ver se você e sua mãe gostariam de se mudar para a minha casa, considerando que o apartamento de vocês está inabitável agora...

Clary riu.

— Uma grande mudança? Minha vida *já* mudou completamente. Várias vezes.

Luke olhou para Jace, que os encarava do muro. Jace acenou, com a boca se curvando para cima em um sorriso entretido.

— Acho que sim — disse Luke.

— Mudar é bom — disse Clary.

Luke levantou a mão; o símbolo da Aliança havia desbotado, assim como em todos os outros, mas a pele dele ainda tinha o traço branco que o denunciava, a cicatriz que jamais desapareceria por completo. Olhou pensativo para a Marca.

— É sim.

— Clary! — chamou Isabelle do muro. — Fogos de artifício!

Clary bateu levemente no ombro de Luke e foi se juntar aos amigos. Estavam sentados enfileirados na mureta: Jace, Isabelle, Simon, Maia e Aline. Parou ao lado de Jace.

— Não estou vendo fogos — disse, zombando de Isabelle.

— Paciência, gafanhoto — disse Maia. — Quem espera sempre alcança.

— Sempre achei que fosse “quem espera pega onda” — disse Simon. — Não é à toa que eu tenha passado a vida inteira confuso.

— Confuso é gentileza sua — disse Jace, mas claramente não estava prestando muita atenção; esticou a mão e puxou Clary para perto, quase sem reparar, como se fosse um reflexo. Ela se apoiou no ombro dele, olhando para o alto. Nada iluminava o céu além das torres demoníacas, lançando um brilho branco-prateado contra a escuridão.

— Onde você foi? — perguntou, baixo o suficiente para que somente ela

ouvisse a pergunta.

— A Rainha Seelie queria um favor — disse Clary. — E queria me conceder um favor em retorno. — Sentiu Jace ficar tenso. — Relaxe. Eu disse que não.

— Não são muitas pessoas que recusariam um favor da Rainha Seelie — disse Jace.

— Falei que não precisava de favor — disse Clary. — Que tinha tudo o que queria.

Jace riu disso, suavemente, e pôs a mão no ombro dela; seus dedos brincaram com a corrente no pescoço de Clary, e ela olhou para baixo, para o brilho prateado no vestido. Vinha usando o anel Morgenstern desde que Jace o deixara para ela, e às vezes ficava se perguntando por quê. Realmente queria se lembrar de Valentim? E, ao mesmo tempo, seria certo esquecer?

Não se podia apagar tudo que causava dor à lembrança. Não queria se esquecer de Max ou Madeleine, ou de Hodge, ou da Inquisidora, ou mesmo de Sebastian. Cada lembrança era valiosa; mesmo as ruins. Valentim quisera esquecer: esquecer que o mundo precisava mudar, e que os Caçadores de Sombras tinham que mudar com ele — esquecer que integrantes do Submundo são dotados de almas, e que todas as almas importam ao tecido do mundo. Quisera pensar somente no que tornava os Caçadores de Sombras diferentes dos membros do Submundo. Mas sua ruína veio justamente de onde eram iguais.

— Clary — disse Jace, interrompendo o devaneio. Apertou os braços em volta dela, e ela levantou a cabeça; a multidão vibrava enquanto os primeiros rojões subiam. — Olhe.

Ela olhou enquanto os fogos explodiam em um banho de faíscas — faíscas que pintavam as nuvens no alto conforme caíam, uma por uma, em linhas de fogo dourado, como anjos caindo do céu.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Cidade de vidro

Wikipédia do livro
http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidade_de_Vidro

Skoob do livro
http://www.skoob.com.br/livro/53783-cidade-de-vidro

Resumo do livro
http://www.garotadolivro.com/2013/04/resenha-cidade-de-vidro-cassandraclare.html

Resenha em vídeo do livro
http://www.youtube.com/watch?v=5HHa7hZsSXw

Resenha do livro
http://quaseigual.wordpress.com/2013/08/21/resenha-cidade-de-vidro/

Site da autora
http://www.cassandraclare.com/

Wikipédia da autora
http://pt.wikipedia.org/wiki/Cassandra_Clare

Tumblr da autora
http://cassandraclare.tumblr.com/

Twitter da autora
https://twitter.com/cassieclare

Perfil da autora no Goodreads
http://www.goodreads.com/author/show/150038.Cassandra_Clare

Capa

Série Os instrumentos mortais

Rosto

Créditos

Dedicatória

Agradecimenos

Epígrafe

Parte 1 — Faíscas Voam Para Cima

1. O Portal

2. As Torres Demoníacas de Alicante

3. Amatis

4. Diurno

5. Um Problema de Memória

6. Sangue Ruim

7. Onde os Anjos Temem Pisar

8. Um dos Vivos

9. Este Sangue Culpado

Parte 2 — Estrelas Brilham Sombriamente

10. Fogo e Espada

11. Todas as Hostes do Inferno

12. De Profundis

13. Onde Há Tristeza

14. Na Floresta Escura

15. Tudo Desmorona

Parte 3 — O Caminho para o Paraíso

16. Artigos de Fé

17. O Conto da Caçadora de Sombras

18. Saudações e Adeus

19. Peniel

20. Pesado na Balança

Epílogo — Pelo Céu, com Estrelas

Colofão

Saiba mais